

Bram Stoker

Dracula



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Bram Stoker

Dracula





Um romance de

BRAM
STOKER

com tradução e notas de

FABIO
BONILLO

e ilustrações de

JULIANA
BERNARDINO

Coordenação editorial Bárbara Prince
Assistência editorial Victoria Rebello
Comunicação Mayra Medeiros
Preparação Erika Nogueira
Revisão Isadora Prospero
. Cintia Oliveira
Diagramação Monique Sena
Projeto gráfico e capa Giovanna Cianelli

Textos de
Érico Borgo
Daniel Serravalle de Sá
Anne Quiangala
Alexandre Callari

Este livro foi talhado de acordo com as
superstições dos bárbaros:

Daniel Lameira
Luciana Fracchetta
Rafael Drummond
&
Sergio Drummond



Dracula

Antofágica

Apresentação

por

Érico Borgo

Desafio você, que está prestes a se aventurar pelos Cárpatos e a se deparar com a silhueta de um castelo em ruínas no horizonte, a lembrar qual foi a primeira vez que teve contato com o conde Drácula.

O sedutor vampiro criado por Bram Stoker é dessas figuras tão entranhadas no tecido da cultura pop que parece que sempre estiveram presentes em nossas vidas.

Imagino que o meu primeiro encontro com o desmorto tenha acontecido em alguma história em quadrinhos da Marvel nos anos 1980, quando o Drácula tinha até revista própria e colecionava encontros com Homem-Aranha, Doutor Estranho e Surfista Prateado. Ele era figurinha constante também nas tardes de desenhos animados, com o animê Don Dracula de Osamu Tezuka e o colorido A família Drácula da Hanna-Barbera, com descendentes do vampiro original dedicados a desfazer o mal causado por seus antepassados.

Foi graças à Editora Abril que encantei-me, em 1990, pela graphic novel Drácula: uma sinfonia de pesadelos ao luar, uma reinterpretação aquarelada do livro de Stoker feita por Jon J. Muth, e comecei a entender que esse personagem era muito mais que o vilão cartunesco que eu conhecia da infância. Na mesma época, a série Castlevania definitivamente o posicionou como uma ameaça macabra nos videogames, e em 1992 fui assombrado pela versão de Francis Ford Coppola do conde, no filme Drácula de Bram Stoker. O fascínio nascido ali me levou ao filme de 1931 com Bela Lugosi, Nosferatu (o plágio mais famoso da história¹*), e finalmente a uma cópia do romance, que encontrei em um sebo — em que pude beber pela primeira vez da fonte original desse fascínio que os vampiros seguem exercendo geração após geração.

O autor irlandês publicou sua obra mais famosa aos cinquenta anos, em 26 de maio de 1897, tornando-a uma das mais famosas histórias de terror de todos os tempos. Drácula foi baseado em um

personagem real, o rei Vlad, o Empalador, da Transilvânia, com elementos do folclore do leste europeu que já tinham sido registrados antes em romances e poemas diversos, como no conto gótico de 1872 Carmilla, do conterrâneo de Stoker, Joseph Sheridan Le Fanu. Mas foi mesmo Drácula que popularizou tais mitos por todo o ocidente, despertando o fascínio dos leitores pelos vampiros e criando toda uma nova mitologia.

Mais do que detalhar os hábitos e poderes dos mortos-vivos sedentos por sangue, o escritor capturou em sua obra os medos e anseios da Era Vitoriana. A relação entre sexo, sangue e perigo espelhava o pavor por doenças como a sífilis — daí a popularidade imortal desses seres, dando à obra a relevância que se encontra em toda grande ficção.

O sucesso do romance de Bram Stoker, mais de cento e vinte anos depois, ainda repercute em toda a cultura pop. Ainda que hoje vampiros possam encarnar da imagem do sedutor à do aristocrata organizado, do absolutamente selvagem e visceral à do emo brilhante, todos prestam reverência ao maior deles na literatura, o conde Drácula, cuja primeira aparição você tem em suas mãos nesta hipnótica edição, metamorfoseada em um pesadelo do qual ficou ainda mais difícil escapar graças às atormentadas visões de Juliana Bernardino.

Reúna sua coragem, aperte a estaca na mão direita, acomode as réstias de alho sobre os ombros e avance enquanto o sol ainda está alto no céu. E que Deus preserve sua sanidade.

ÉRICO BORG é conhecido como uma das principais vozes da cultura geek/nerd do país. Fundador da Omelete Company e da CCXP (Comic Con Experience), é empresário, jornalista e designer gráfico, além de especialista em conteúdo, experiências e relações entre fãs, marcas e universos ficcionais.

* Para saber mais sobre essa história, leia o posfácio do Alexandre Callari, no fim desta edição.

A meu caro amigo Hommy-Beg¹

¹ “Pequeno Tommy”, em dialeto da Ilha de Man, em referência a Sir Thomas Henry Hall Caine (1853—1931), amigo de Stoker, autor do romance *The Christian*.

SUMÁRIO

Folha de rosto

Apresentação por Érico Borgo

Dedicatória

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 6

CAPÍTULO 7

CAPÍTULO 8

CAPÍTULO 9

CAPÍTULO 10

CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12

CAPÍTULO 13

CAPÍTULO 14

CAPÍTULO 15

CAPÍTULO 16

CAPÍTULO 17

CAPÍTULO 18

CAPÍTULO 19

CAPÍTULO 20

CAPÍTULO 21

CAPÍTULO 22

CAPÍTULO 23

CAPÍTULO 24

CAPÍTULO 25

CAPÍTULO 26

CAPÍTULO 27

NOTA

Drácula: um palimpsesto vampírico por Daniel Serravalle de Sá

Representação feminina em Drácula por Anne Quiangala

Presas, cruzes e gore: como Drácula tornou-se um mito da cultura pop por Alexandre Callari

Página de direitos autorais

Lista de páginas

1. [1](#)
2. [2](#)
3. [3](#)
4. [4](#)
5. [5](#)
6. [6](#)
7. [7](#)
8. [8](#)
9. [9](#)
10. [10](#)
11. [11](#)
12. [12](#)
13. [13](#)
14. [14](#)
15. [15](#)
16. [16](#)
17. [17](#)
18. [18](#)
19. [19](#)
20. [20](#)
21. [21](#)
22. [22](#)
23. [23](#)
24. [24](#)
25. [25](#)
26. [26](#)
27. [27](#)
28. [28](#)
29. [29](#)
30. [30](#)
31. [31](#)
32. [32](#)
33. [33](#)
34. [34](#)
35. [35](#)
36. [36](#)
37. [37](#)

38. [38](#)
39. [39](#)
40. [40](#)
41. [41](#)
42. [42](#)
43. [43](#)
44. [44](#)
45. [45](#)
46. [46](#)
47. [47](#)
48. [48](#)
49. [49](#)
50. [50](#)
51. [51](#)
52. [52](#)
53. [53](#)
54. [54](#)
55. [55](#)
56. [56](#)
57. [57](#)
58. [58](#)
59. [59](#)
60. [60](#)
61. [61](#)
62. [62](#)
63. [63](#)
64. [64](#)
65. [65](#)
66. [66](#)
67. [67](#)
68. [68](#)
69. [69](#)
70. [70](#)
71. [71](#)
72. [72](#)
73. [73](#)
74. [74](#)
75. [75](#)
76. [76](#)
77. [77](#)
78. [78](#)

79.	79
80.	80
81.	81
82.	82
83.	83
84.	84
85.	85
86.	86
87.	87
88.	88
89.	89
90.	90
91.	91
92.	92
93.	93
94.	94
95.	95
96.	96
97.	97
98.	98
99.	99
100.	100
101.	101
102.	102
103.	103
104.	104
105.	105
106.	106
107.	107
108.	108
109.	109
110.	110
111.	111
112.	112
113.	113
114.	114
115.	115
116.	116
117.	117
118.	118
119.	119

120. [120](#)
121. [121](#)
122. [122](#)
123. [123](#)
124. [124](#)
125. [125](#)
126. [126](#)
127. [127](#)
128. [128](#)
129. [129](#)
130. [130](#)
131. [131](#)
132. [132](#)
133. [133](#)
134. [134](#)
135. [135](#)
136. [136](#)
137. [137](#)
138. [138](#)
139. [139](#)
140. [140](#)
141. [141](#)
142. [142](#)
143. [143](#)
144. [144](#)
145. [145](#)
146. [146](#)
147. [147](#)
148. [148](#)
149. [149](#)
150. [150](#)
151. [151](#)
152. [152](#)
153. [153](#)
154. [154](#)
155. [155](#)
156. [156](#)
157. [157](#)
158. [158](#)
159. [159](#)
160. [160](#)

161. [161](#)
162. [162](#)
163. [163](#)
164. [164](#)
165. [165](#)
166. [166](#)
167. [167](#)
168. [168](#)
169. [169](#)
170. [170](#)
171. [171](#)
172. [172](#)
173. [173](#)
174. [174](#)
175. [175](#)
176. [176](#)
177. [177](#)
178. [178](#)
179. [179](#)
180. [180](#)
181. [181](#)
182. [182](#)
183. [183](#)
184. [184](#)
185. [185](#)
186. [186](#)
187. [187](#)
188. [188](#)
189. [189](#)
190. [190](#)
191. [191](#)
192. [192](#)
193. [193](#)
194. [194](#)
195. [195](#)
196. [196](#)
197. [197](#)
198. [198](#)
199. [199](#)
200. [200](#)
201. [201](#)

202. [202](#)
203. [203](#)
204. [204](#)
205. [205](#)
206. [206](#)
207. [207](#)
208. [208](#)
209. [209](#)
210. [210](#)
211. [211](#)
212. [212](#)
213. [213](#)
214. [214](#)
215. [215](#)
216. [216](#)
217. [217](#)
218. [218](#)
219. [219](#)
220. [220](#)
221. [221](#)
222. [222](#)
223. [223](#)
224. [224](#)
225. [225](#)
226. [226](#)
227. [227](#)
228. [228](#)
229. [229](#)
230. [230](#)
231. [231](#)
232. [232](#)
233. [233](#)
234. [234](#)
235. [235](#)
236. [236](#)
237. [237](#)
238. [238](#)
239. [239](#)
240. [240](#)
241. [241](#)
242. [242](#)

243. [243](#)
244. [244](#)
245. [245](#)
246. [246](#)
247. [247](#)
248. [248](#)
249. [249](#)
250. [250](#)
251. [251](#)
252. [252](#)
253. [253](#)
254. [254](#)
255. [255](#)
256. [256](#)
257. [257](#)
258. [258](#)
259. [259](#)
260. [260](#)
261. [261](#)
262. [262](#)
263. [263](#)
264. [264](#)
265. [265](#)
266. [266](#)
267. [267](#)
268. [268](#)
269. [269](#)
270. [270](#)
271. [271](#)
272. [272](#)
273. [273](#)
274. [274](#)
275. [275](#)
276. [276](#)
277. [277](#)
278. [278](#)
279. [279](#)
280. [280](#)
281. [281](#)
282. [282](#)
283. [283](#)

284. [284](#)
285. [285](#)
286. [286](#)
287. [287](#)
288. [288](#)
289. [289](#)
290. [290](#)
291. [291](#)
292. [292](#)
293. [293](#)
294. [294](#)
295. [295](#)
296. [296](#)
297. [297](#)
298. [298](#)
299. [299](#)
300. [300](#)
301. [301](#)
302. [302](#)
303. [303](#)
304. [304](#)
305. [305](#)
306. [306](#)
307. [307](#)
308. [308](#)
309. [309](#)
310. [310](#)
311. [311](#)
312. [312](#)
313. [313](#)
314. [314](#)
315. [315](#)
316. [316](#)
317. [317](#)
318. [318](#)
319. [319](#)
320. [320](#)
321. [321](#)
322. [322](#)
323. [323](#)
324. [324](#)

325. [325](#)
326. [326](#)
327. [327](#)
328. [328](#)
329. [329](#)
330. [330](#)
331. [331](#)
332. [332](#)
333. [333](#)
334. [334](#)
335. [335](#)
336. [336](#)
337. [337](#)
338. [338](#)
339. [339](#)
340. [340](#)
341. [341](#)
342. [342](#)
343. [343](#)
344. [344](#)
345. [345](#)
346. [346](#)
347. [347](#)
348. [348](#)
349. [349](#)
350. [350](#)
351. [351](#)
352. [352](#)
353. [353](#)
354. [354](#)
355. [355](#)
356. [356](#)
357. [357](#)
358. [358](#)
359. [359](#)
360. [360](#)
361. [361](#)
362. [362](#)
363. [363](#)
364. [364](#)
365. [365](#)

366. [366](#)
367. [367](#)
368. [368](#)
369. [369](#)
370. [370](#)
371. [371](#)
372. [372](#)
373. [373](#)
374. [374](#)
375. [375](#)
376. [376](#)
377. [377](#)
378. [378](#)
379. [379](#)
380. [380](#)
381. [381](#)
382. [382](#)
383. [383](#)
384. [384](#)
385. [385](#)
386. [386](#)
387. [387](#)
388. [388](#)
389. [389](#)
390. [390](#)
391. [391](#)
392. [392](#)
393. [393](#)
394. [394](#)
395. [395](#)
396. [396](#)
397. [397](#)
398. [398](#)
399. [399](#)
400. [400](#)
401. [401](#)
402. [402](#)
403. [403](#)
404. [404](#)
405. [405](#)
406. [406](#)

407. [407](#)
408. [408](#)
409. [409](#)
410. [410](#)
411. [411](#)
412. [412](#)
413. [413](#)
414. [414](#)
415. [415](#)
416. [416](#)
417. [417](#)
418. [418](#)
419. [419](#)
420. [420](#)
421. [421](#)
422. [422](#)
423. [423](#)
424. [424](#)
425. [425](#)
426. [426](#)
427. [427](#)
428. [428](#)
429. [429](#)
430. [430](#)
431. [431](#)
432. [432](#)
433. [433](#)
434. [434](#)
435. [435](#)
436. [436](#)
437. [437](#)
438. [438](#)
439. [439](#)
440. [440](#)
441. [441](#)
442. [442](#)
443. [443](#)
444. [444](#)
445. [445](#)
446. [446](#)
447. [447](#)

448. [448](#)
449. [449](#)
450. [450](#)
451. [451](#)
452. [452](#)
453. [453](#)
454. [454](#)
455. [455](#)
456. [456](#)
457. [457](#)
458. [458](#)
459. [459](#)
460. [460](#)
461. [461](#)
462. [462](#)
463. [463](#)
464. [464](#)
465. [465](#)
466. [466](#)
467. [467](#)
468. [468](#)
469. [469](#)
470. [470](#)
471. [471](#)
472. [472](#)
473. [473](#)
474. [474](#)
475. [475](#)
476. [476](#)
477. [477](#)
478. [478](#)
479. [479](#)
480. [480](#)
481. [481](#)
482. [482](#)
483. [483](#)
484. [484](#)
485. [485](#)
486. [486](#)
487. [487](#)
488. [488](#)

489. [489](#)
490. [490](#)
491. [491](#)
492. [492](#)
493. [493](#)
494. [494](#)
495. [495](#)
496. [496](#)
497. [497](#)
498. [498](#)
499. [499](#)
500. [500](#)
501. [501](#)
502. [502](#)
503. [503](#)
504. [504](#)
505. [505](#)
506. [506](#)
507. [507](#)
508. [508](#)
509. [509](#)
510. [510](#)
511. [511](#)
512. [512](#)
513. [513](#)
514. [514](#)
515. [515](#)
516. [516](#)
517. [517](#)
518. [518](#)
519. [519](#)
520. [520](#)
521. [521](#)
522. [522](#)
523. [523](#)
524. [524](#)
525. [525](#)
526. [526](#)
527. [527](#)
528. [528](#)
529. [529](#)

530. [530](#)
531. [531](#)
532. [532](#)
533. [533](#)
534. [534](#)
535. [535](#)
536. [536](#)
537. [537](#)
538. [538](#)
539. [539](#)
540. [540](#)
541. [541](#)
542. [542](#)
543. [543](#)
544. [544](#)
545. [545](#)
546. [546](#)
547. [547](#)
548. [548](#)
549. [549](#)
550. [550](#)
551. [551](#)
552. [552](#)
553. [553](#)
554. [554](#)
555. [555](#)
556. [556](#)
557. [557](#)
558. [558](#)
559. [559](#)
560. [560](#)
561. [561](#)
562. [562](#)
563. [563](#)
564. [564](#)
565. [565](#)
566. [566](#)
567. [567](#)
568. [568](#)
569. [569](#)
570. [570](#)

571. [571](#)

572. [572](#)

573. [573](#)

574. [574](#)

575. [575](#)



A maneira como estes documentos foram dispostos em sequência ficará clara no correr da leitura. Todos os tópicos desnecessários foram eliminados, de modo que uma história quase em desacordo com as possibilidades das crenças atuais pudesse impor-se como simples fato. Nela não se encontra nenhuma afirmação de acontecimentos passados que a memória possa ter falseado, pois todos os registros aqui incluídos são exatamente contemporâneos, apresentados dos pontos de vista e conforme o alcance do conhecimento daqueles que os forneceram.

CAPÍTULO 1

Diário de Jonathan Harker (Taquiografado)

3 de maio, Bistrita — Deixei Munique às 20h35, em 1º de maio, chegando a Viena de manhã cedo; deveria ter chegado às 6h46, mas o trem atrasou uma hora. Buda-Peste parece um lugar incrível, a julgar pelo vislumbre que tive de dentro do trem e pelo pouco que pude caminhar em suas ruas. Temi me afastar demais da estação, uma vez que chegáramos tarde e partiríamos o mais próximo possível do horário correto. A impressão que tive foi de que estávamos deixando o Ocidente e entrando no Oriente; a mais ocidental das esplêndidas pontes sobre o Danúbio, rio que aqui tem largura e profundidade magnânimas, conduziu-nos ao cerne das tradições do reinado turco.

Saímos em hora muito boa, e chegamos a Klausenburgo após o anoitecer. Aqui parei por uma noite no Hotel Royale. No jantar, ou melhor, na ceia, comi uma galinha preparada de algum modo com pimenta-vermelha, que estava excelente mas ardida. (Obs.: pegar a receita para Mina.) Perguntei ao empregado, e ele disse que se chamava “paprika hendl”, e que, por ser um prato nacional, eu conseguiria encontrá-lo em qualquer ponto dos Cárpatos. Achei meus rudimentos de alemão muito úteis aqui; na verdade, não sei como poderia seguir adiante sem eles.

Por ter disposto de algum tempo em Londres, eu visitara o Museu Britânico, e empreendera uma busca nos livros e mapas da biblioteca a respeito da Transilvânia; ocorrera-me que um pouco de conhecimento prévio da região dificilmente deixaria de ter alguma importância no trato com um aristocrata local. Descobri que o distrito que ele indicara fica no extremo leste da região, bem nas fronteiras de três estados, Transilvânia, Moldávia e Bucóvina, no meio dos montes Cárpatos — uma das mais inóspitas e menos conhecidas porções da Europa. Não me foi possível esclarecer em nenhum mapa ou obra a exata localização do castelo Drácula, uma vez que não há mapas deste país que se possam comparar com os mapas do nosso Serviço de

Agrimensura; mas descobri que Bistrita, a cidade postal indicada pelo conde Drácula, é um lugar bastante conhecido. Registrarei aqui algumas anotações, uma vez que podem refrescar-me a memória quando eu falar com Mina acerca de minhas viagens.

Na população da Transilvânia há quatro nacionalidades distintas: saxões no sul, e misturados a eles os valáquios, que são os descendentes dos dácios; magiares no oeste; e szekelys no leste e no norte. Vou na direção destes últimos, que alegam descender de Átila e dos hunos. Pode muito bem ser verdade, pois quando os magiares conquistaram o país no século xi encontraram hunos lá estabelecidos. Li que toda superstição de que se tem conhecimento no mundo está reunida nos meandros dos Cárpatos, como se fosse o centro de um tipo de redemoinho imaginativo; se esse for o caso, minha estada aqui poderá ser muito interessante. (Obs.: preciso perguntar ao conde tudo a respeito.)

Não dormi bem, embora minha cama fosse confortável o bastante, pois tive toda sorte de sonhos insólitos. Havia um cão uivando a noite toda debaixo da minha janela, o que deve ter exercido alguma influência nisso; ou pode ter sido a paprika, pois tive de beber toda a água de minha jarra, e continuei com sede. Já era quase de manhã quando consegui dormir, e fui acordado pelo contínuo bater em minha porta, então creio que estivesse dormindo profundamente. No desjejum comi mais paprika, e uma espécie de mingau de maisena, que diziam se chamar “mamaliga”, e berinjala recheada com carne processada, um prato excelente, que chamam de “impletata”. (Obs.: pegar a receita disso também.) Tive de apressar meu desjejum, pois o trem partia pouco antes das 8h, ou ao menos deveria, mas após correr até a estação às 7h30 tive de ficar sentado no vagão por mais de uma hora antes que começássemos a andar. Parece-me que, quanto mais ao Oriente se vai, menos pontuais são os trens. Como será que são na China?

Durante o dia inteiro parecemos nos demorar através de um país repleto de todo tipo de beleza. Às vezes víamos cidadezinhas ou castelinhos no topo de íngremes colinas tais como vemos em missais antigos; às vezes passávamos por rios e córregos que, das vastas margens pedregosas, pareciam sujeitos a grandes inundações. É preciso muita água, e a correr veloz, para varrer a margem externa de um rio. Em cada estação havia grupos de pessoas, às vezes multidões, e em todo tipo de vestimenta. Algumas delas eram como os camponeses da minha terra ou como aqueles que vi ao cruzar a França e a Alemanha, com casacos curtos e chapéus redondos e calças de

feitio caseiro; mas outras eram muito pitorescas. As mulheres pareciam bonitas, exceto quando vistas de perto, mas eram muito corpulentas na cintura. Todas usavam mangas brancas compridas de um tipo ou de outro, e a maioria usava grandes cintos com numerosas faixas que flutuavam como nos trajes em um balé, mas é claro que havia anáguas por baixo. As figuras mais estranhas que vimos foram os eslovacos, que eram mais bárbaros que os demais, com seus imensos chapéus de vaqueiro, grandes calças folgadas de um branco encardido, camisas de linho branco e enormes e pesados cintos de couro, de quase trinta centímetros de largura, guarnecidos de tachas de latão. Usavam botas altas, com as calças metidas por dentro, e tinham cabelos compridos e negros e bigodes bastos e negros. São muito pitorescos, mas não parecem aprazíveis. No palco seriam logo tomados por um bando de salteadores orientais do passado. Contudo, conforme me foi dito, eles são de todo inofensivos e bastante desprovidos de autoconfiança natural.

O crepúsculo já ia adiantado quando chegamos a Bistríta, que é um lugarzinho muito interessante. Localizado praticamente na fronteira — pois o Passo de Borgo leva dali a Bucóvina —, teve existência muito tempestuosa, e certamente mostra sinais disso. Cinquenta anos atrás ocorreu uma série de grandes incêndios, o que provocou terríveis estragos em cinco ocasiões diferentes. Bem no começo do século XVII, sofreu um cerco de três semanas e perdeu treze mil pessoas, as baixas de guerra propriamente ditas sendo agravadas pela fome e pela moléstia.

Conde Drácula havia me orientado que fosse ao Hotel Coroa de Ouro, que descobri ser, para meu grande deleite, completamente antiquado, pois é claro que eu queria ver tudo que pudesse dos usos da região. Evidentemente me aguardavam, pois quando me aproximei da porta topei com uma idosa de aspecto alegre no costumeiro vestido camponês — roupa de baixo branca com comprido avental duplo, na frente e nas costas, de um material colorido que se amoldava quase justo demais para ser considerado decente. Quando me aproximei, ela se inclinou e disse:

— O Herr inglês?

— Sim — eu disse —, Jonathan Harker.

Ela sorriu e passou alguma mensagem para um idoso em mangas de camisa branca, que a seguira até a porta. Ele se foi, mas de imediato retornou com uma carta:

Meu amigo,

Bem-vindo aos Cárpatos. Aguardo-o ansiosamente. Durma bem esta noite. Amanhã às 15h a diligência parte para Bucóvina; nela há um lugar reservado para o senhor. No Passo de Borgo minha carruagem irá esperá-lo e trazê-lo até mim. Espero que sua viagem de Londres até aqui tenha sido feliz, e que desfrute sua estada em minha bela terra.

Seu amigo,
Drácula

4 de maio — Descobri que meu estalajadeiro recebera uma carta do conde, orientando-o a garantir o melhor lugar no coche para mim; mas ao lhe perguntar os detalhes ele pareceu um tanto reticente, e fingiu não entender meu alemão. Isso não podia ser verdade, porque até aquele momento entendera-o perfeitamente; ao menos respondera minhas perguntas como se entendesse. Ele e a esposa, a velha senhora que me recebera, olharam um para o outro parecendo apavorados. Ele resmungou que o dinheiro fora enviado por carta, e que isso era tudo que sabia. Quando lhe perguntei se conhecia o conde Drácula, e se poderia me dizer algo sobre o castelo, tanto ele como a esposa fizeram o sinal da cruz, e, dizendo não saber nada em absoluto, simplesmente se recusaram a continuar falando. Estava tão perto da hora de partir que não tive tempo de questionar mais ninguém, pois era tudo muito misterioso e nem um pouco alentador.

Logo antes de eu sair, a velha senhora veio até meu quarto e disse de maneira muito histérica:

— Precisa mesmo ir? Ah, jovem Herr, precisa mesmo ir?

Estava tão agitada que parecia ter perdido a noção do pouco alemão que falava, e misturou-o com outra língua que eu absolutamente não conhecia. Fui capaz apenas de acompanhá-la fazendo muitas perguntas. Quando lhe disse que eu precisava partir de imediato, e que tinha negócios importantes a cumprir, ela tornou a perguntar:

— O senhor sabe que dia é hoje?

Respondi que era 4 de maio. Ela balançou a cabeça enquanto voltava a dizer:

— Ah, sim! Isso eu sei! Isso eu sei, mas o senhor sabe que dia é hoje? — Quando eu disse que não compreendia, ela prosseguiu: — É véspera do Dia de São Jorge. O senhor não sabe que hoje, quando o relógio soar a meia-noite, todas as coisas ruins que existem no mundo terão poder total? Sabe aonde está indo, e ao encontro de quê está indo?

Ela estava em uma aflição tão evidente que tentei consolá-la, mas sem sucesso. Por fim ela se pôs de joelhos e implorou-me que eu não fosse; que pelo menos esperasse um ou dois dias para partir. Era tudo muito ridículo, mas eu fiquei desconfortável. Contudo, havia negócios a tratar, e eu não podia permitir que nada se interpusesse a eles. Portanto, tentei erguê-la, e disse, com a maior gravidade que me foi possível, que lhe agradecia, mas que meu dever era imperioso e que eu devia partir. Ela então se levantou, enxugou as lágrimas e, arrancando um crucifixo do pescoço, ofereceu-o a mim. Eu não soube o que fazer, pois, como cristão anglicano, aprendi a ver tais coisas como um tipo de idolatria, entretanto parecia descortês demais rechaçar uma velhota tão bem-intencionada e em tal estado de espírito. Ela viu, suponho, a dúvida em meu semblante, pois pendurou o rosário em volta do meu pescoço e disse:

— Em nome da sua mãe — e saiu do quarto.

Estou escrevendo este trecho do diário enquanto espero o coche, que está, é claro, atrasado; e o crucifixo ainda está em volta do meu pescoço. Não sei se é por causa do medo da velha senhora, das muitas tradições fantasmagóricas deste lugar ou do crucifixo em si, mas não estou sentindo tanta paz de espírito quanto de hábito. Se este caderno alcançar Mina antes de mim, que leve consigo o meu adeus. Aí vem o coche!

5 de maio, o castelo — A cerração da manhã se dissipou, e o sol vai alto no horizonte distante, que parece irregular, embora eu ignore se devido a árvores ou colinas, pois está tão longe que as coisas grandes se confundem com as pequenas. Não sinto sono, e, como não devo ser chamado até acordar, naturalmente escreverei até o sono chegar. Há muitas coisas esquisitas para anotar, e, para que quem venha a lê-las não suponha que eu comi bem demais antes de deixar Bistrita, tratarei de registrar meu jantar com exatidão. Comi o que chamavam de “bife à bandoleiro” — nacos de toucinho, cebola e carne no espeto, temperados com pimenta-vermelha e assados sobre o fogo, à moda simples do churrasco de gato londrino! O vinho era um Mediasch Dourado, que produz um travo insólito na língua, o qual, contudo, não é desagradável. Tomei apenas duas taças, e nada mais.

Quando entrei no coche o condutor não tomara assento, e vi-o conversando com a estalajadeira. Estavam claramente falando de mim, pois vez por outra olhavam na minha direção, e algumas pessoas que estavam sentadas no banco ao lado da porta — ao qual se referem com uma palavra que significa “o portador de notícias” — foram

escutar, e então olharam para mim, a maioria delas compadecidamente. Pude ouvir um punhado de palavras repetidas com frequência, palavras esquisitas, pois muitas eram as nacionalidades representadas naquela multidão; então tirei silenciosamente o meu dicionário multilíngue da mala e as procurei. Devo dizer que não eram animadoras para mim, pois entre as palavras estavam “ordog” — Satã —, “pokol” — inferno —, “stregoica” — bruxa —, “vrolok” e “vlkoslak” — uma eslovaca e a outra sérvia, ambas denotando a mesma coisa, algo como lobisomem ou vampiro. (Obs.: preciso perguntar ao conde sobre essas superstições.)

Quando partimos, na multidão em torno da porta da estalagem, que a essa altura adquirira tamanho considerável, todos fizeram o sinal da cruz e apontaram dois dedos na minha direção. Com alguma dificuldade consegui que um companheiro de viagem me explicasse o que queriam dizer; de início ele não quis responder, mas, ao tomar conhecimento de que eu era inglês, explicou-me que era uma simpatia ou proteção contra o mau-olhado. Isso não foi lá muito agradável para mim, que partia naquele momento para um lugar desconhecido a fim de encontrar um homem desconhecido; mas todos pareciam tão bondosos, e tão pesarosos, e tão solidários, que não pude deixar de me comover. Nunca hei de esquecer o último vislumbre que tive do pátio da estalagem e de sua multidão de figuras pitorescas, todas fazendo o sinal da cruz enquanto se dispunham ao redor da ampla arcada de entrada, com seu pano de fundo de rica folhagem de oleandros e laranjeiras em tinas aglomeradas no centro do pátio. Então nosso condutor, cujas enormes ceroulas de linho cobriam toda a frente da boleia — chamam-nas de “gotza” —, estalou seu grande chicote sobre os quatro cavalos de pequeno porte, que correram lado a lado, e demos partida em nossa jornada.

Logo perdi, na beleza da paisagem enquanto rodávamos adiante, a visão e a lembrança de medos fantasmagóricos, embora, se eu conhecesse a língua, ou melhor, as línguas que meus companheiros de viagem falavam, poderia não ter sido capaz de descartá-los com tanta facilidade. Diante de nós se estendia uma terra verde e ondulada repleta de florestas e bosques, com colinas íngremes aqui e ali, coroadas por arvoredos ou casas de fazenda com a parede ornamental voltada para a estrada. Havia em toda parte uma desconcertante profusão de frutos em flor — maçãs, ameixas, peras, cerejas; e conforme seguíamos pude ver a relva verde sob as árvores salpicada de pétalas caídas. Adentro e afora dessas colinas verdes do que aqui se chama “Mittel Land” corria a estrada, desaparecendo à medida que

contornava uma curva coberta de relva ou era interrompida pelas orlas irregulares dos bosques de pinheiros, que cá e lá se propagavam encostas abaixo feito labaredas. A estrada era acidentada, porém parecíamos voar sobre ela com uma pressa febril. Não consegui naquele momento entender o motivo da pressa, mas o condutor estava evidentemente determinado a não perder tempo em alcançar Borgo Prund. Fora-me dito que essa estrada é excelente no verão, mas que ainda não havia sido consertada após as nevascas do inverno. Ela difere, nesse aspecto, da condição geral das vias dos Cárpatos, pois se trata de uma velha tradição não mantê-las em muito bom estado. Já havia muito, os hospedars² não as consertavam, a fim de que os turcos não pensassem que eles estavam se preparando para trazer tropas estrangeiras, e assim apressassem a guerra, a qual na verdade estava sempre por um triz.

Mais além das proeminentes colinas verdes da Mittel Land, erguiam-se enormes encostas de florestas na direção das escarpas altivas dos Cárpatos. Assomavam à esquerda e à direita, com o sol da tarde caindo em cheio sobre elas e realçando todas as gloriosas cores dessa bela cadeia, azul-escuro e púrpura nas sombras dos picos, verde e marrom onde relva e pedra se fundiam, e uma ilimitada vista de pedras irregulares e penhascos salientes, a tal ponto que mesmo estes se perdiam à distância, onde os picos nevados se erguiam com imponência. Aqui e ali lembravam imensas fendas nas montanhas, através das quais, à medida que o sol começava a baixar, víamos repetidas vezes o brilho branco de uma queda-d'água. Um dos meus companheiros tocou meu braço enquanto contornávamos o sopé de uma colina e avistávamos o altivo pico de uma montanha coberto de neve, o qual parecia, enquanto seguíamos nosso trajeto serpenteante, estar bem à nossa frente:

— Veja! Isten szek! — “O trono de Deus!” E ele fez o sinal da cruz, em reverência.

Conforme seguíamos nosso infindo trajeto sinuoso, e o sol baixava cada vez mais às nossas costas, as sombras da noite começaram a deslizar à nossa volta. Isso foi enfatizado pelo fato de que o topo nevado da montanha ainda estava banhado pelo crepúsculo, e parecia cintilar com um delicado cor-de-rosa claro. Aqui e ali passamos por tchecos e eslovacos, todos em vestes pitorescas, mas notei que o bócio prevalecia dolorosamente. Na margem da estrada havia muitas cruzeiras, e, à medida que avançávamos, todos os meus companheiros se benziam. Aqui e ali havia um camponês ou uma camponesa ajoelhando-se diante de um santuário, e sequer se voltavam quando

nos aproximávamos; pareciam, abnegados em sua devoção, não terem olhos nem ouvidos para o mundo exterior. Muitas coisas eram novas para mim: por exemplo, montes de feno nas árvores, e aqui e ali belíssimas profusões de bétula-lacrimosa, com seus caules brancos brilhando feito prata por entre o delicado verde das folhas. Vez por outra passávamos por uma leiter-wagon — a carroça camponesa comum — com sua comprida estrutura sinuosa como uma cobra, calculada para adequar-se às irregularidades da estrada. Nela invariavelmente estava sentado um grupo de camponeses a caminho de casa, os tchecos vestindo peles de carneiro brancas e os eslovacos, coloridas, estes últimos carregando como lanças seus bordões compridos, com machados nas pontas. À medida que caía a noite, começou a ficar muito frio, e o crepúsculo crescente pareceu fundir numa única nebulosidade escura o brilho de carvalhos, faias e pinheiros, embora nos vales que se aprofundavam por entre os contrafortes das colinas, conforme subíamos pelo Passo, os abetos escuros se destacassem aqui e ali contra o pano de fundo da neve tardia. Às vezes, quando a estrada cortava os bosques de pinheiros que na escuridão pareciam se fechar na nossa direção, grandes massas cinzentas, que aqui e ali se derramavam sobre as árvores, produziam um efeito peculiarmente bizarro e solene, que prolongava os pensamentos e as fantasias sombrias engendrados mais cedo naquela noite, quando o sol poente punha em estranho relevo as fantasmagóricas nuvens que em meio aos Cárpatos parecem circular incessantemente por entre os vales. Às vezes as colinas eram tão íngremes que, apesar da pressa de nosso condutor, os cavalos só conseguiam seguir devagar. Eu queria descer e caminhar ao lado deles, como fazemos em nossa terra, mas o condutor não quis me ouvir.

— Não, não — disse ele —, não ande aqui, não; os cães são muito ferozes. — E então acrescentou com o que evidentemente pretendia ser um gracejo sombrio, pois ele olhou em volta para obter o sorriso aprovador dos demais: — E até a hora de dormir você já vai estar farto desse tipo de coisa.

A única parada que ele faria, brevemente, seria para acender as lamparinas.

Quando escureceu, pareceu haver alguma agitação entre os passageiros, que falavam sem parar com o condutor, um após o outro, como se insistissem para que ele aumentasse a velocidade. Ele açoitou os cavalos sem dó com seu longo chicote, e com gritos selvagens de incentivo instou-os a fazer mais esforço. Então, através da escuridão,

pude ver uma espécie de faixa de luz cinzenta à nossa frente, como se houvesse uma fissura nas colinas. A agitação dos passageiros se intensificou; o coche tonto sacolejou sobre as grandes molas de couro, e oscilou como um barco num mar tempestuoso. Tive de me segurar. A estrada ganhou altitude e era como se voássemos por ela. Então as montanhas pareceram fechar-se por todos os lados e cerrar-se em cima de nós; estávamos adentrando o Passo de Borgo. Um a um, vários passageiros ofereceram-me presentes, que me empurravam com uma seriedade que não admitiria recusas; eram sem dúvida de tipos esquisitos e variados, mas cada um foi-me dado de pura boa-fé, com uma palavra gentil e uma bênção, e com aquela estranha mistura de gestos de temor que eu vira no lado de fora do hotel em Bistríta — o sinal da cruz e a proteção contra o mau-olhado. Então, enquanto voávamos pela estrada, o condutor inclinou-se para a frente, e os passageiros de ambos os lados, esticando-se sobre a lateral do coche, espreitaram avidamente na escuridão. Estava claro que algo muito empolgante estava acontecendo ou era esperado, mas embora eu perguntasse a cada passageiro, ninguém me dava a menor explicação. Esse estado de agitação continuou ainda algum tempo; e por fim vimos à nossa frente o Passo abrindo-se do lado oriental. Havia nuvens escuras que deslizavam acima de nossas cabeças, e no ar um pesado e opressivo prenúncio de trovão. Era como se a cadeia montanhosa houvesse bifurcado duas atmosferas, e tivéssemos acabado de entrar na trovejante. Eu agora estava à procura do transporte que me levaria ao conde. A todo momento esperava ver o clarão das lamparinas por entre o breu; mas tudo estava escuro. A única luz vinha dos lampejos bruxuleantes de nossas próprias lamparinas, e nela o bafejo de nossos cavalos forçosamente conduzidos subia feito uma nuvem branca. Podíamos agora ver a estrada empoeirada estendendo-se diante de nós, mas não havia nenhum sinal de veículo. Os passageiros recostaram-se com um suspiro de contentamento, que parecia zombar da minha decepção. Eu já estava pensando no que deveria fazer, quando o condutor, conferindo seu relógio, disse aos demais algo que eu mal pude ouvir, de tão cochichado e grave o seu tom; pensei que fosse: “Uma hora antes”. Então, virando-se para mim, ele disse num alemão pior do que o meu:

— Não há nenhuma carruagem aqui. O Herr não era esperado afinal de contas. Seguiremos agora para Bucóvina e retornaremos amanhã ou depois; melhor depois.

Enquanto ele falava, os cavalos começaram a relinchar e resfolegar e escoicear loucamente, de modo que o condutor teve de segurá-los.

Então, em meio a um coro de gritos dos camponeses e uma persignação geral, uma caleche com quatro cavalos aproximou-se por trás de nós, ultrapassou-nos e encostou-se ao lado do coche. Pude ver através do clarão de nossas lamparinas, conforme os lampejos incidiam sobre eles, que os cavalos eram animais esplêndidos, de um preto retinto. Eram conduzidos por um homem alto, com uma barba castanha comprida e um grande chapéu preto, que parecia esconder de nós o seu rosto. Pude ver somente o brilho de um par de olhos muito vivazes, que pareciam vermelhos à luz da lamparina, quando se voltou na nossa direção. Ele disse ao nosso condutor:

— Chegou cedo esta noite, meu amigo.

O homem gaguejou uma resposta:

— O Herr inglês tinha pressa.

Ao que o estranho respondeu:

— É por isso, suponho, que você queria que ele seguisse para Bucóvina. Não pode me enganar, meu amigo; eu sei demais, e meus cavalos são rápidos.

Sorria enquanto falava, e a lamparina incidia sobre uma boca de aparência austera, com lábios muito vermelhos e dentes que pareciam afiados, brancos como marfim. Um dos meus companheiros sussurrou para outro um verso da “Lenore” de Bürger:

— Denn die Todten reiten schnell — “Pois os mortos viajam depressa”.³

O estranho condutor evidentemente ouviu as palavras, pois ergueu o olhar com um sorriso radiante. O passageiro desviou o rosto, ao mesmo tempo erguendo os dois dedos para benzer-se.

— Dê-me a bagagem do Herr — disse o condutor; e com excessiva veemência minhas malas foram-lhe entregues e colocadas na caleche.

Então eu desci pela lateral do coche, uma vez que a caleche estava encostada ao lado, e o condutor me ofereceu uma mão, a qual segurou meu braço com um aperto de aço; sua força devia ser prodigiosa. Sem dizer uma palavra ele sacudiu as rédeas, os cavalos guinaram, e nós ganhamos a escuridão do passo. Ao olhar para trás, vi o bafejo dos cavalos do coche à luz das lamparinas e, projetadas contra essa luz, as figuras de meus ex-companheiros fazendo o sinal da cruz. Então o condutor estalou o chicote e incitou os cavalos, e assim eles se puseram a caminho da Bucóvina. À medida que mergulhavam na escuridão, eu senti um calafrio estranho, e uma solidão se abateu sobre mim; mas jogaram-me uma capa sobre os ombros e uma manta sobre os joelhos, e o condutor disse num alemão excelente:

— A noite está gelada, mein Herr, e meu mestre, o conde, fez-me

um apelo para que tomasse conta do senhor. Há um frasco de slivovitz (a aguardente de ameixa do país) debaixo do assento, se desejar.

Não bebi nada, mas mesmo assim era um consolo saber que o frasco estava ali. Sentia-me um pouco esquisito, e não menos assustado. Penso que, se houvesse alguma alternativa, eu a teria escolhido, em vez de prosseguir com aquela jornada noturna ao desconhecido. A carruagem seguiu direto em boa velocidade, então fizemos uma volta completa e entramos em outra estrada reta. Pareceu-me que percorríamos de novo e de novo o mesmo terreno; de modo que memorizei um ponto saliente, e descobri que esse era o caso. Eu teria perguntado ao condutor o que significava tudo aquilo, mas realmente temia fazê-lo, pois pensei que, na situação em que me encontrava, nenhum protesto surtiria efeito caso houvesse alguma intenção de atrasar-nos. Ao fim e ao cabo, contudo, como eu estava curioso para saber como o tempo estava passando, acendi um fósforo, e à sua chama conferi meu relógio; faltavam apenas alguns minutos para a meia-noite. Isso me fez sentir uma espécie de choque, pois suponho que a superstição geral sobre a meia-noite fora intensificada por minhas experiências recentes. Aguardei com uma nauseante sensação de suspense.

Então um cão começou a uivar em uma casa de fazenda em algum lugar muito adiante na estrada — um longo e agoniado lamento, como se sentisse medo. O som foi imitado por outro cão, e então outro e mais outro, até que, carregado pelo vento que agora suspirava suavemente pelo Passo, ouviu-se um uivo selvagem, parecendo vir de todos os cantos da região, até onde a imaginação concebe, por entre a penumbra da noite. Ao primeiro uivo, os cavalos começaram a se agitar e a empinar, mas o condutor falou com eles com uma voz tranquilizadora, e eles se aquietaram, mas tremiam e suavam como se fugissem em disparada de um pavor súbito. Então, ao longe, das montanhas que nos circundavam, veio um uivo mais alto e mais agudo — próprio dos lobos — que afetou tanto os cavalos como a mim na mesma medida — pois eu estava inclinado a pular da caleche e correr, enquanto eles de novo empinavam e escoiceavam loucamente, de modo que o condutor teve de usar toda a sua grande força para impedi-los de disparar. Em poucos minutos, contudo, meus ouvidos se acostumaram àquele som, e os cavalos se aquietaram de tal maneira que o condutor pôde descer e postar-se na frente deles. Ele os afagou e os acalmou, e sussurrou algo em seu ouvido, como já ouvi domadores de cavalo fazerem, e com extraordinário efeito, pois, recebendo suas carícias, eles se tornaram bastante manobráveis de novo, embora

ainda tremessem. O condutor tomou assento mais uma vez, e, sacudindo as rédeas, arrancou em grande velocidade. Desta vez, após atingir a extremidade do Passo, ele de repente virou em uma estreita estradinha que seguia bruscamente à direita.

Logo estávamos cercados de árvores, que em alguns lugares se curvavam tão em cima da estrada que era como se passássemos por um túnel; e de novo grandes rochedos cerrados protegiam-nos arrojadamente de ambos os lados. Embora estivéssemos abrigados, podíamos ouvir o vento crescente, pois ele gemia e assoviava por entre as rochas, e os ramos das árvores estalavam juntos à medida que passávamos. O frio era cada vez maior, e uma neve fina, como pó, começou a cair, de modo que logo nós e tudo à nossa volta estávamos cobertos com um tapete branco. O vento forte ainda carregava o uivo dos cães, embora este se amainasse à medida que avançávamos. O ladrar dos lobos soava cada vez mais próximo, como se estivessem nos cercando por todos os lados. Fiquei mortalmente assustado, e os cavalos partilharam o meu medo. O condutor, no entanto, não estava nem um pouco perturbado; continuou virando a cabeça para a esquerda e para a direita, mas eu não conseguia ver nada através da escuridão.

Subitamente, mais adiante à nossa esquerda, vi uma fraca chama azul bruxuleante. O condutor viu-a ao mesmo tempo; ele imediatamente controlou os cavalos e, desmontando, desapareceu na escuridão. Eu não soube o que fazer, menos ainda com o uivo dos lobos se aproximando; mas, enquanto eu ponderava, o condutor de repente apareceu de novo, e sem dizer palavra tomou assento, e nós retomamos nossa jornada. Creio que devo ter caído no sono e continuado a sonhar com o incidente, pois ele parecia se repetir infinitamente, e agora, em retrospectiva, é como uma espécie de pesadelo aterrorizador. Em dado momento outra chama apareceu tão perto da estrada que, mesmo na escuridão à nossa volta, eu pude distinguir os movimentos do condutor. Ele foi rapidamente até onde a chama azul se erguia — devia estar muito fraca, pois não parecia iluminar nada ao redor — e, juntando algumas pedras, formou com elas determinado padrão. Em dado momento, eis que surgiu um estranho efeito óptico: quando ele se interpôs entre mim e a chama, não a obstruiu, pois continuei vendo o bruxulear fantasmagórico dela. Isso me sobressaltou, mas sendo o efeito apenas momentâneo, deduzi que meus olhos me enganavam perscrutando a escuridão. Então por um tempo não houve chamas azuis, e nós aceleramos adiante por entre a penumbra, com o uivo dos lobos atrás de nós, como se eles nos

seguissem em círculo.

Por fim chegou um momento em que o condutor se afastou mais além do que já se afastara antes, e durante sua ausência os cavalos começaram a tremer como nunca e a resfolegar e relinchar de medo. Não vi motivo para isso, pois o uivo dos lobos havia cessado de todo; mas então a lua, abrindo passagem pelas nuvens negras, apareceu atrás do cimo irregular de um rochedo saliente e coberto de pinheiros, e à sua luz vi cercar-nos um círculo de lobos, com dentes brancos e balouçantes línguas vermelhas, com membros longos, músculos fortes e pelo desgrenhado. Eram cem vezes mais terríveis no silêncio sombrio que os acolhia do que quando uivavam. De minha parte, senti uma espécie de paralisia do medo. É somente quando um homem se vê cara a cara com tais horrores que pode compreender a verdadeira relevância que têm.

De imediato os lobos começaram a uivar como se o luar exercesse algum efeito peculiar sobre eles. Os cavalos pularam e empinaram, e olharam desesperados à volta, com olhos que giravam de uma maneira dolorosa de ver; mas o vívido círculo de terror os abarcava de todos os lados, e dentro dele foram forçados a permanecer. Chamei o cocheiro, pois me parecia que nossa única chance era tentar romper o círculo e facilitar a aproximação dele. Gritei e bati na lateral da caleche, esperando que o barulho assustasse os lobos parados daquele lado, de modo a dar ao homem uma oportunidade de alcançar o veículo. Não sei como foi que ele chegou até ali, mas ouvi sua voz se erguer em um tom de comando imperioso e, olhando na direção do som, vi-o parado na estrada. Conforme ele abanava os longos braços, como se varresse para o lado algum obstáculo impalpável, os lobos recuavam mais e mais. Foi então que uma nuvem densa passou encobrendo a face da lua, de modo que voltamos a ficar na escuridão.

Quando pude enxergar de novo, o condutor estava subindo na caleche, e os lobos haviam desaparecido. Fora tudo tão estranho e inusitado que um medo pavoroso me abateu, e tive medo de falar ou me mexer. O tempo parecia interminável à medida que avançávamos em nosso caminho, agora na quase completa escuridão, pois as nuvens que deslizavam obscureciam a lua. Continuamos subindo, com ocasionais períodos de rápida descida, mas em geral sempre subindo. De súbito dei-me conta de que o condutor puxava os cavalos no pátio de um vasto castelo em ruínas, de cujas altas janelas negras não vinha nenhum raio de luz, e cujas ameias rachadas exibiam uma linha irregular contra o céu enluzado.

2 Antigos soberanos da Valáquia e da Transilvânia.

3 Verso do poema “Lenore” (1773), de Gottfried August Bürger (1747—1794), autor alemão muito influente no Romantismo europeu.

CAPÍTULO 2

Diário de Jonathan Harker (Continuação)

5 de maio — Devo ter adormecido, pois se estivesse plenamente acordado teria sem dúvida percebido nossa aproximação a um lugar tão notável. Na penumbra, o pátio parecia ser de tamanho considerável, e uma vez que vários caminhos escuros saíam de baixo de grandes arcos curvos, parecia talvez até maior do que de fato é. Ainda não me foi possível vê-lo à luz do dia.

Quando a caleche parou, o condutor saltou e estendeu a mão para me ajudar a descer. Mais uma vez não pude deixar de notar sua prodigiosa força. Sua mão de fato parecia um torno de aço capaz de quebrar a minha, se ele assim desejasse. Então ele apanhou meus pertences e colocou-os ao meu lado no chão enquanto eu me plantava diante de uma grande porta, velha e guarneçada de imensos pregos de ferro, cravada numa soleira protuberante de pedra maciça. Mesmo sob a luz fraca pude ver que a pedra era maciçamente entalhada, mas que o entalhe fora muito desgastado pelo tempo e pelas intempéries. Enquanto eu estava ali, o condutor pulou de volta ao seu assento e sacudiu as rédeas; os cavalos se precipitaram adiante, e o carro e tudo o mais desapareceu por uma das aberturas escuras do pátio.

Permaneci no lugar, em silêncio, pois não sabia o que fazer. De campainha e aldrava não havia sinal; pelos muros cerrados e pelos vãos escuros das janelas não era provável que minha voz conseguisse penetrar. O tempo que aguardei pareceu infinito, e senti as dúvidas e os medos se acumularem dentro de mim. A que espécie de lugar eu tinha vindo, e entre que tipo de gente eu estava? Que espécie de aventura sombria era essa em que eu havia embarcado? Seria esse um incidente corriqueiro na vida de um assistente de procurador enviado para explicar a compra de uma propriedade londrina a um estrangeiro? Assistente de procurador! Mina não iria gostar disso. Procurador, isso sim — pois pouco antes de deixar Londres, eu soube que meu exame fora um sucesso; e agora sou um procurador

constituído! Comecei a esfregar os olhos e a beliscar-me para ver se estava acordado. Tudo me parecia um horrível pesadelo, e eu esperava de repente acordar e achar-me em casa, com a alvorada transpondo as janelas, como vez por outra senti acontecer na manhã seguinte a um dia de muito trabalho. Mas minha pele reagiu ao teste do beliscão, e meus olhos não podiam ser enganados. Eu de fato estava acordado e bem no meio dos Cárpatos. Tudo que podia fazer agora era ter paciência e aguardar o início da manhã.

Justamente quando acabara de chegar a essa conclusão, ouvi passos pesados se aproximarem atrás da grande porta, e vi através das frestas o brilho de uma luz iminente. Então veio um retinir de correntes e o ranger de ferrolhos maciços se abrindo. Uma chave girou com o alto e exasperante ruído do longo desuso, e a grande porta foi aberta.

Lá dentro estava um homem alto e velho, sem barba e com um comprido bigode branco, e vestindo preto da cabeça aos pés, sem um único ponto de cor nas roupas. Segurava uma antiga lamparina de prata, na qual a chama queimava sem nenhum tipo de manga ou redoma, lançando longas sombras trêmulas conforme bruxuleava sob a corrente de ar da porta aberta. O velho acenou para eu entrar com um meneio cortês da mão direita, dizendo em excelente inglês mas com estranha entonação:

— Bem-vindo a minha casa! Entre de livre e espontânea vontade!

Não fez nenhuma menção de adiantar-se para me cumprimentar, mas permaneceu feito uma estátua, como se seu gesto de boas-vindas o houvesse fixado em pedra. Contudo, no instante em que pisei na soleira, ele moveu-se impulsivamente para a frente, e estendeu a mão para agarrar a minha com uma força que me fez crispar, um efeito que não foi nem um pouco abrandado pelo fato de que aquela mão estava fria como gelo — mais como a mão de um morto do que a de um vivo. De novo ele disse:

— Bem-vindo a minha casa. Entre de livre vontade. Vá com segurança; e deixe um pouco da felicidade que carrega!

A força do seu aperto de mão era tão próxima daquela que eu reparara no condutor, cujo rosto eu não vira, que por um momento me perguntei se estava mesmo falando com outra pessoa; de modo que, para certificar-me, interroguei:

— Conde Drácula?

Ele fez uma mesura cortês enquanto respondia:

— Eu sou Drácula; e lhe dou as boas-vindas, sr. Harker, a minha casa. Entre; o ar da noite está frio, e o senhor deve estar precisando

comer e descansar.

Enquanto falava, ele pôs a lamparina num suporte na parede e, adiantando-se, pegou minha bagagem; havia-a levado para dentro antes que eu pudesse impedir. Protestei, mas ele insistiu:

— De maneira alguma, o senhor é meu convidado. É tarde, e meu pessoal não está à disposição. Deixe-me providenciar eu mesmo o seu conforto.

Ele insistiu em levar meus pertences pelo corredor, e então por uma grande escada em caracol, e então por outro grande corredor, em cujo chão de pedra nossos passos ressoavam sonoramente. Ao final desse corredor ele escancarou uma porta pesada, e eu me alegrei ao ver um aposento bem iluminado no qual uma mesa estava posta para a ceia, e em cuja imponente lareira um grande fogo de lenha, recém-alimentado, ardia e chamejava.

O conde parou, pousando minhas malas, fechou a porta e, atravessando o aposento, abriu outra porta, que o conduziu a uma pequena sala octogonal iluminada por uma única lamparina, e aparentemente sem qualquer espécie de janela. Passando por ela, abriu outra porta, e acenou para que eu entrasse. Foi uma visão acolhedora; pois ali estava um grande quarto bem iluminado e aquecido com outra grande lareira — também alimentada, mas bem mais recentemente, pois as lenhas do topo estavam intactas — que produzia um crepitar rouco na ampla chaminé. O próprio conde deixou minha bagagem e retirou-se, dizendo, antes de fechar a porta:

— O senhor deve querer refrescar-se com uma toalete após sua viagem. Acredito que vai encontrar tudo de que precisa. Quando estiver pronto, vá à outra sala, onde encontrará sua ceia preparada.

A luz e o calor e a recepção cortês do conde pareciam ter dissipado todos os meus medos e dúvidas. Tendo então recobrado meu estado normal, descobri que estava quase morto de fome; então, após fazer uma toalete apressada, fui para a outra sala.

Encontrei a ceia já posta. Meu anfitrião, que estava em pé ao lado da grande lareira, apoiado ao consolo de pedra, fez um gracioso aceno na direção da mesa, e disse:

— Por obséquio, sente-se e ceie à vontade. O senhor certamente vai me desculpar por não o acompanhar; mas já jantei, e não costumo cear.

Entreguei-lhe a carta selada que o sr. Hawkins havia me confiado. Ele a abriu e leu-a com gravidade; então, com um sorriso encantador, entregou-me para que eu a lesse. Uma passagem dela, ao menos, causou-me um frêmito de satisfação.

Lamento que um ataque de gota, moléstia da qual sou sofredor constante, impeça-me absolutamente de viajar por ainda algum tempo; mas alegra-me dizer que posso enviar um substituto à altura, em quem tenho toda confiança possível. Trata-se de um rapaz cheio de energia e talento próprio, e de disposição muito fiel. É discreto e silencioso, e atingiu a maturidade enquanto estava a meu serviço. Ele estará pronto para atendê-lo quando desejar durante a sua estada, e seguirá as instruções do senhor em relação a qualquer assunto.

O conde avançou e tirou a tampa de um prato, e eu imediatamente lancei-me sobre um excelente frango assado. Além de queijo e salada e uma garrafa de vinho tokay antigo, do qual tomei duas taças, foi esta a minha ceia. Enquanto eu comia, o conde fez-me muitas perguntas a respeito de minha viagem, e contei-lhe aos poucos tudo o que tinha vivenciado.

A essa altura eu havia terminado minha refeição, e, por desejo do meu anfitrião, aproximara uma cadeira do fogo e começara a fumar um charuto que ele me ofereceu ao mesmo tempo que se desculpava por não fumar. Eu tinha agora uma oportunidade de observá-lo, e julguei que tinha uma fisionomia bastante marcada.

Seu rosto era muito — muitíssimo — aquilino, com um nariz estreito de ponte alta e narinas peculiarmente arqueadas; uma imponente testa abaulada e cabelos que cresciam com parcimônia ao redor das têmporas, mas com profusão em todas as outras partes. Suas sobrancelhas eram muito bastas, quase se encontrando acima do nariz, e seus fios cerrados pareciam se emaranhar. A boca, até onde pude ver por baixo do farto bigode, era rígida e de aparência bastante cruel, com dentes brancos peculiarmente afiados; projetavam-se por cima dos lábios, cujo notável rubor apresentava uma vitalidade espantosa em um homem de sua idade. No mais, suas orelhas eram pálidas e, nas extremidades, demasiado pontudas; o queixo era largo e forte, e as bochechas firmes embora finas. O efeito geral era o de uma palidez extraordinária.

Até então eu já havia reparado no dorso de suas mãos, que descansavam nos joelhos à luz da lareira, e elas pareceram demasiado brancas e esguias; mas vendo-as agora próximas a mim, não pude deixar de reparar que eram bastante grosseiras — largas, com dedos atarracados. Por estranho que pareça, havia pelos no centro das palmas. As unhas eram compridas, delgadas e pontiagudas. Quando o

conde se inclinou sobre mim e suas mãos me tocaram, não pude reprimir um calafrio. Pode ter sido por causa de seu hálito rançoso, mas uma sensação horrível de náusea me invadiu, a qual, não importava o que eu fizesse, não consegui esconder. O conde, evidentemente percebendo, recuou; e com uma espécie de sorriso sombrio, que exibiu os seus dentes protuberantes mais do que fizera até então, sentou-se de novo em seu canto junto à lareira. Ficamos ambos calados por um instante; e ao olhar na direção da janela vi a primeira e fraca risca da alvorada que se aproximava. Parecia haver uma estranha quietude em tudo; mas ao apurar os ouvidos escutei o uivo de muitos lobos, como se viesse do vale lá embaixo. Os olhos do conde brilharam, e ele disse:

— Ouça-os; os filhos da noite. Que música eles fazem! — Vendo, suponho, alguma expressão em meu rosto que lhe era desconhecida, ele acrescentou: — Ah, senhor, vocês habitantes da cidade não conseguem penetrar os sentimentos do caçador. — Então levantou-se e disse: — Mas o senhor deve estar cansado. Seu quarto está mais do que pronto, e amanhã pode dormir até a hora que desejar. Ficarei fora até de tarde; então bom sono e bons sonhos! — Com uma mesura cortês, ele abriu a porta para a sala octogonal, e eu entrei em meu quarto...

Estou engolido por um mar de dúvidas. Eu desconfio; eu receio; eu penso coisas estranhas, que não ousa confessar à minha própria alma. Que Deus me proteja, ainda que apenas em nome daqueles que me são queridos!

7 de maio — É manhã novamente, mas descansei e aproveitei as últimas vinte e quatro horas. Dormi até tarde, e acordei em meu próprio tempo. Quando me vesti, passei para o aposento onde havíamos ceado, e encontrei na mesa um desjejum frio e, em cima da lareira, café aquecido no bule. Havia um cartão sobre a mesa, no qual se lia:

Tenho de me ausentar por um tempo. Não espere por mim. — D.

Tratei de aproveitar uma farta refeição. Quando terminei, procurei uma campainha, para que pudesse avisar os criados que eu havia acabado; mas não encontrei nenhuma. Certamente há deficiências singulares na casa, considerando as extraordinárias evidências de

riqueza à minha volta. O aparelho de jantar é de ouro, e tão belamente gravado que deve ser de imenso valor. As cortinas e o revestimento das cadeiras e dos sofás e dos borlados da minha cama são dos tecidos mais caros e mais bonitos, e devem ter tido um valor fabuloso quando foram feitos, pois datam de séculos, ainda que se conservem em excelente estado. Vi alguns parecidos no palácio de Hampton Court; mas estavam puídos e desfiados e roídos por traças. No entanto, em nenhum dos aposentos havia espelho. Não há nem mesmo um na minha mesa de toalete, e tive de pegar o pequeno espelho da minha mala para conseguir fazer a barba e pentear o cabelo. Ainda não vi criados em parte alguma, nem ouvi nenhum som próximo ao castelo exceto o uivo dos lobos. Algum tempo após terminar minha refeição — não sei se devo chamá-la de desjejum ou jantar, pois eram entre as 17h e as 18h quando a fiz —, procurei algo para ler, pois não queria sair andando pelo castelo antes de pedir a permissão do conde. Não havia absolutamente nada no quarto, livro, jornal, nem mesmo material de escrita; então abri outra porta da sala octogonal e encontrei uma espécie de biblioteca. Tentei a porta de frente à minha, mas estava trancada.

Na biblioteca encontrei, para meu grande deleite, vasto número de livros em inglês, prateleiras inteiras cheias deles, e volumes encadernados de revistas e jornais. Uma mesa no centro estava apinhada de revistas e jornais em inglês, embora nenhum deles fosse muito recente. Os livros eram dos mais variados tipos — de história, geografia, política, economia política, botânica, geologia, direito —, todos relacionados à Inglaterra, à vida, aos costumes e aos modos ingleses. Havia até mesmo certos livros de referência como a Lista de Endereços de Londres, o Livro Vermelho do Tesouro e o Azul do Censo, o Almanaque Whitaker, os Quadros do Exército e da Marinha, e — de certa forma meu coração se contentou ao vê-lo — o Cadastro de Advogados da Ordem.

Enquanto eu olhava os livros, a porta se abriu e o conde entrou. Cumprimentou-me de maneira calorosa, e disse que esperava que minha noite de sono tivesse sido boa. Então prosseguiu:

— Alegro-me que tenha encontrado o caminho até aqui, pois estou certo de que há muita coisa que possa interessá-lo. Esses companheiros — e ele pousou a mão em alguns dos livros — têm sido bons amigos para mim, e faz alguns anos, desde que tive a ideia de ir para Londres, eles me dão muitas, muitas horas de prazer. Foi neles que vim a conhecer a sua grande Inglaterra; e conhecê-la é amá-la. Anseio percorrer as movimentadas ruas da sua grandiosa Londres,

estar no meio do turbilhão e do burburinho da humanidade, partilhar sua vida, suas transformações, sua morte e tudo aquilo que a torna o que é. Mas, aí de mim, até agora somente conheço a sua língua através dos livros. A você, meu amigo, recorro para aprender a falá-la.

— Mas conde — disse eu —, o senhor conhece e fala inglês perfeitamente!

Ele fez uma grave mesura.

— Agradeço-lhe, meu amigo, pelo grande elogio, mas temo ter avançado muito pouco nesse caminho. Sim, conheço a gramática e as palavras, mas ainda não sei falá-las.

— Na verdade — disse eu —, o senhor fala muito bem.

— Nem tanto — respondeu ele. — Sei que, se eu me deslocasse e falasse na sua Londres, não haveria quem não me tomasse por estrangeiro. Isso não me basta. Aqui sou um nobre; um boiardo; a gente comum me conhece, e eu sou o senhor dela. Mas um estranho numa terra estranha não é ninguém; os homens não o conhecem, e não conhecer é não se importar com ele. Ficarei contente se for como os demais, para que nenhum homem pare ao me ver ou interrompa a fala ao ouvir minhas palavras. “Rá, rá! Um estrangeiro!” Sou senhor há tanto tempo que não quero deixar de sê-lo, muito menos me submeter a um. O senhor veio até mim não só como agente de meu amigo Peter Hawkins, de Exeter, para me contar tudo sobre minha nova propriedade em Londres. Espero que permaneça aqui comigo um pouco, de modo que com a sua pronúncia eu possa aprender a entonação do inglês; e eu gostaria que apontasse os meus erros, mesmo o menor deles, ao falar. Sinto muito por ter tido que me ausentar por tanto tempo hoje; mas o senhor, eu sei, há de perdoar alguém que tem tantos assuntos importantes a tratar.



É claro que eu não poupei palavras para mostrar-me à disposição, e perguntei se eu poderia ir àquela sala sempre que quisesse. Ele respondeu “Sim, certamente”, e acrescentou:

— Pode ir aonde quiser no castelo, exceto onde as portas estão trancadas, aonde claramente o senhor não desejará ir. Há uma razão

para que as coisas sejam como são, e se o senhor visse com os meus olhos e soubesse o que sei, talvez compreendesse melhor.

Eu disse que tinha certeza disso, então ele prosseguiu:

— Estamos na Transilvânia; e a Transilvânia não é a Inglaterra. Nossos costumes não são os seus, e muita coisa deve lhe parecer estranha. Mas pelo que já me contou de suas experiências, o senhor tem noção do que pode haver de estranho.

Isso conduziu a uma longa conversa; e como estava evidente que ele queria falar, ainda que fosse pelo prazer da conversação, fiz-lhe muitas perguntas sobre as coisas que me tinham acontecido ou que me chamaram a atenção. Às vezes ele desviava do assunto, ou guinava a conversa fingindo não compreender; mas em geral respondia muito francamente a tudo que eu perguntava. Então, conforme o tempo passava e eu me tornava um pouco mais ousado, perguntei-lhe a respeito de alguns dos acontecimentos estranhos da noite anterior, por exemplo, por que o cocheiro fora aos lugares onde vira as chamas azuis. Ele então me explicou que é crença comum que em certa noite do ano — a noite passada, na realidade, quando todos os espíritos malignos supostamente têm poder incontestável — uma chama azul é vista em todo lugar onde há um tesouro escondido.

— Tal tesouro esteve escondido — prosseguiu ele — na região pela qual você passou ontem à noite, disso não há a menor dúvida; pois trata-se do solo disputado há séculos por valáquios, saxões e turcos. Ora, dificilmente há um palmo de terra em toda essa região que não tenha sido enriquecido pelo sangue de homens, patriotas ou invasores. Nos velhos tempos houve períodos de agitação, quando os austríacos e os húngaros chegavam em hordas, e os patriotas iam encontrá-los (homens e mulheres, os de idade e as crianças também) e esperavam sua chegada nos rochedos acima dos desfiladeiros, para que pudessem infligir-lhes a destruição com avalanches artificiais. Quando o invasor triunfava, pouca coisa encontrava, pois o que quer que sobrasse permanecia enterrado no solo aliado.

— Mas como é possível — disse eu — que o tesouro tenha ficado tanto tempo intocado, quando os homens encontrariam claros indícios da existência dele caso se empenhassem em procurar?

O conde sorriu, e conforme os lábios expunham as gengivas, seus dentes caninos, compridos e afiados, ficaram estranhamente expostos; ele respondeu:

— Porque o camponês é no fundo covarde e tolo! Essas chamas apenas aparecem em uma noite; e nessa noite nenhum homem desta terra, se puder evitar, vai pisar fora de casa. E, estimado senhor,

mesmo se pisasse, ele não saberia o que fazer. Ora, nem mesmo o camponês que você me diz ter assinalado o local da chama saberia onde procurá-lo à luz do dia. Nem mesmo o senhor, ousou dizer, seria capaz de encontrar esses locais de novo.

— Isto lá é verdade — disse eu. — Eu saberia tanto quanto um morto onde procurar por eles.

Então mudamos de assunto.

— Vamos — disse ele por fim —, fale-me de Londres e da casa que encontrou para mim.

Desculpando-me pela minha displicência, fui ao meu quarto pegar os documentos que estavam em minha mala. Enquanto eu os ordenava, ouvi um retinir de louça e prataria na sala ao lado, e ao passar por ela reparei que a mesa fora limpa e a lamparina, acesa, pois àquela altura tudo estava um breu. As lamparinas foram também acesas no escritório ou na biblioteca, e encontrei o conde estendido no sofá, lendo, de tudo que há no mundo, um Guia Bradshaw de inglês. Quando entrei, ele tirou os livros e papéis da mesa; e com ele deliberei sobre plantas e escrituras e todo tipo de cifras. Ele demonstrava interesse em tudo, e fez-me uma miríade de perguntas sobre o local e suas cercanias. Ele claramente havia estudado de antemão tudo que pudera saber a respeito da vizinhança, pois era evidente que sabia muito mais do que eu. Quando fiz essa observação, ele respondeu:

— Bem, meu amigo, mas não é imprescindível que eu saiba? Quando eu chegar lá, ficarei inteiramente só, e meu amigo Harker Jonathan... não, perdão, eu acabo incorrendo no hábito de meu país de pôr o nome de família primeiro... meu amigo Jonathan Harker não estará sempre ao meu lado para me corrigir e auxiliar. Ele estará em Exeter, a quilômetros de distância, provavelmente trabalhando com documentos jurídicos com meu outro amigo, Peter Hawkins. Pois então!

Repassamos em detalhes a compra da propriedade em Purfleet. Depois de inteirá-lo dos fatos e colher sua assinatura nos documentos necessários, e após anexá-los a uma carta que escrevi ao sr. Hawkins, ele começou a me perguntar como eu encontrara um lugar tão apropriado. Li para ele as anotações que fiz à época, e que reproduzo aqui:

Em Purfleet, numa rua transversal, deparei-me com um lugar tal e qual o solicitado, com um aviso deteriorado de que a propriedade estava à venda. Ela é circundada por um muro alto, de estrutura antiga, construída com pedras

graúdas, e não recebe reparos há uns bons anos. Os portões fechados são de carvalho antigo e pesado e de ferro, todo carcomido pela ferrugem.

A propriedade chama-se Carfax, sem dúvida uma corruptela de quatro face, uma vez que a casa tem quatro faces, que coincidem com os pontos cardeais da bússola. O terreno abrange ao todo cerca de oito hectares, em grande parte circundados pelo sólido muro de pedra mencionado. Nela há muitas árvores, o que a torna sombria aqui e ali, e uma lagoa ou laguinho fundo e escuro, evidentemente alimentada por algumas nascentes, uma vez que a água é límpida e desce por um córrego de tamanho considerável. A casa é bastante ampla e, de todos os estilos, eu diria que remonta aos tempos medievais, pois uma parte dela é de pedra extremamente espessa, com apenas algumas janelas muito altas e forte-mente gradeadas de ferro. Parece parte de uma fortaleza, e fica adjacente a uma velha capela ou igreja. Não pude entrar nela, já que não tinha a chave da porta que a ligava à casa, mas bati retratos de vários pontos com a minha Kodak. A casa foi anexada à fortaleza, mas de uma maneira muito desarmônica, e posso apenas supor a extensão de terra que cobre, que deve ser enorme. Há poucas casas por perto, sendo uma delas muito ampla, recém-anexada e transformada em um asilo particular para lunáticos. Não é, contudo, visível da propriedade.

Quando terminei, ele disse:

— Alegra-me que seja antiga e grande. Eu próprio venho de uma família antiga, e viver em uma casa nova seria a morte para mim. Uma casa não se torna habitável no intervalo de um dia; e afinal, quão poucos dias formam um século. Agrada-me também saber que há uma capela de tempos idos. Nós, nobres transilvanos, não gostamos de imaginar que nossos ossos possam jazer entre os da gente comum. Não busco alegria ou contentamento, nem a resplandecente voluptuosidade da luz do sol e das águas borbulhantes que agrada aos jovens e alegres. Eu não sou mais jovem; e meu coração, após penosos anos de pranto pelos mortos, não está afeito ao contentamento. Além do mais, os muros do meu castelo estão rachados; as sombras são muitas, e o vento sopra frio através das ameias e dos caixilhos quebrados. Amo a penumbra e a sombra, e lá poderei ficar a sós com meus pensamentos sempre que desejar.

De alguma forma suas palavras e sua expressão não pareciam corresponder uma à outra, ou então era a sua fisionomia que fazia seu sorriso parecer maligno e saturnino.

Logo desculpando-se, ele me deixou, pedindo que eu juntasse meus papéis. Ele ficou ausente algum tempo, e comecei a olhar alguns livros à minha volta. Um deles era um atlas, que achei aberto naturalmente na Inglaterra, como se o mapa tivesse sido muito usado. Ao observá-lo encontrei círculos marcados em certos lugares, e ao examiná-los reparei que um ficava perto da zona leste de Londres, visivelmente onde se situava a nova propriedade; os outros dois ficavam em Exeter e em Whitby, na costa de Yorkshire.

Quase uma hora se passara quando o conde retornou.

— Aha! — disse ele. — Ainda com os seus livros? Ótimo! Mas não deve trabalhar demais. Venha; fui informado de que sua ceia está pronta.

Ele tomou meu braço e passamos para a sala contígua, onde encontrei uma excelente ceia na mesa. O conde novamente desculpou-se, uma vez que havia jantado fora no tempo que passara longe de casa. Mas ele se sentou como na noite anterior, e conversou enquanto eu comia. Após a ceia eu fumei, como na última noite, e o conde ficou comigo, conversando e fazendo perguntas a respeito de todo assunto imaginável, hora após hora. Senti que estava ficando de fato muito tarde, mas não disse nada, pois sentia a obrigação de satisfazer os desejos de meu anfitrião de toda maneira. Eu não estava sonolento, uma vez que o longo sono da noite anterior havia me fortificado; mas não pude deixar de experimentar aquele frio que faz quando se aproxima a alvorada, semelhante, à sua maneira, à virada da maré. Dizem que as pessoas que se acham perto da morte geralmente expiram ao raiar do dia ou à virada da maré; quem quer que tenha experimentado essa mudança na atmosfera quando cansado e obrigado a permanecer em seu posto pode muito bem acreditar nisso. De repente, ouvimos o canto de um galo chegar até nós com sobrenatural estridência no límpido ar matutino; conde Drácula, pondo-se de pé num salto, disse:



— Ora, se já não é manhã novamente! Que displicência a minha em mantê-lo acordado até tão tarde. Você deve tornar menos interessante sua conversa a respeito do meu estimado novo país, a Inglaterra, senão esqueço que o tempo voa. — E, com uma mesura cortês, rapidamente me deixou.

Fui para o meu quarto e abri as cortinas, mas havia pouco em que

reparar; minha janela dava para o pátio, tudo que eu podia ver era o cinza cálido do céu desencoberto. Então tornei a fechar as cortinas e escrevi sobre este dia.

8 de maio — Comecei a temer que este caderno estivesse ficando muito difuso à medida que escrevia nele; mas agora estou satisfeito por ter me dedicado aos detalhes desde o começo, pois há algo tão estranho a respeito deste lugar e tudo que existe nele que não consigo deixar de me sentir inquieto. Quisera eu estar a salvo longe daqui, ou nunca ter vindo. Pode ser que esta estranha existência noturna esteja me afetando; mas se ainda fosse só isso! Se houvesse alguém com quem conversar eu suportaria, mas não tenho ninguém. Tenho apenas o conde, e ele...! Temo que eu mesmo seja a única vivalma neste lugar. Tratarei de ser prosaico até onde permitem ser os fatos; isso me ajudará a suportar, e a imaginação não pode correr desenfreada em minha cabeça. Se o fizer, estarei perdido. Direi imediatamente como me encontro — ou como pareço me encontrar.

Dormi apenas umas poucas horas depois de ir para a cama, e, sentindo que não conseguiria mais dormir, levantei-me. Eu havia pendurado meu espelho na janela, e estava justamente começando a fazer a barba. De repente senti uma mão no ombro, e ouvi a voz do conde me dizer:

— Bom dia.

Eu me sobressaltei, espantado por não tê-lo visto, já que o reflexo do vidro cobria todo o quarto atrás de mim. Com o sobressalto cortei-me ligeiramente, mas no momento não reparei. Respondendo à saudação do conde, voltei-me para o espelho de novo, para descobrir como foi que me enganara. Desta vez não podia haver engano, pois o homem estava perto de mim, e podia vê-lo por sobre o meu ombro. Mas não havia reflexo dele no espelho! Todo o quarto atrás de mim estava visível; mas nele não havia nenhum sinal de outro homem que não eu mesmo. Isso foi surpreendente, e, sendo apenas a mais recente de tantas outras coisas estranhas, eu sentia redobrar-se aquela vaga inquietude que sempre tenho quando o conde está próximo; mas naquele instante vi que o corte sangrara um pouco, e o sangue gotejava pelo meu queixo. Depositei a lâmina, virando-me ao fazê-lo para procurar um curativo. Quando o conde viu meu rosto, seus olhos fulguraram com uma espécie de fúria demoníaca, e ele subitamente fez menção de agarrar o meu pescoço. Afastei-me, e sua mão tocou o rosário que levava meu crucifixo. Este produziu nele uma mudança instantânea, pois sua fúria se dissipou tão depressa que mal pude

acreditar que existira.



— Tome cuidado — disse ele —, tome cuidado para não se cortar. Nesta região, isso é mais perigoso do que pensa. — Então, apanhando o espelho de barbear, prosseguiu: — E esta é a maldita coisa que provocou esse mal. É uma vil quinquilharia da vaidade humana. Fora com ela!

E, abrindo a pesada janela com um só golpe de sua mão terrível, atirou para longe o espelho, que se partiu em milhares de pedaços nas pedras do pátio lá embaixo. Então ele retirou-se sem dizer palavra. É uma grande chateação, pois não vejo como poderei fazer a barba, a não ser que mire a caixa do relógio ou o fundo do pote de barbear, que felizmente é de metal.

Quando fui para a sala de jantar, o desjejum estava preparado; mas não encontrei o conde em lugar algum. Então comi sozinho. É estranho eu não ter visto o conde comer ou beber até o momento. Deve ser um homem muito peculiar! Após o café, explorei um pouco o castelo. Fui até as escadas e encontrei um aposento que dava para o sul. A vista era magnífica, e de onde eu estava podia apreciá-la por completo. O castelo fica à beira de um terrível precipício. Uma pedra que despencasse da janela despencaria trezentos metros de altura sem bater em nada! Até onde os olhos alcançam há um mar verdejante de copas de árvores, com um ocasional vale profundo que termina em um abismo. Aqui e ali há fios de prata onde os rios correm em gargantas profundas por entre as florestas.

Mas não estou com ânimo para descrever aquilo que é belo, pois, após apreciar a vista, saí explorando mais; portas, portas, portas em toda parte, e todas trancadas e aferrolhadas. Em nenhum lugar, salvo nas janelas, há uma saída disponível.

O castelo é uma verdadeira prisão, e eu sou um prisioneiro!



CAPÍTULO 3

Diário de Jonathan Harker
(Continuação)

Quando me dei conta de que era um prisioneiro, fui tomado por uma espécie de selvageria. Subi e desci as escadas correndo, forçando todas as portas e perscrutando por toda janela que encontrasse; mas após algum tempo a convicção de meu desengano superou todos os demais sentimentos. Ao refletir em retrospecto, passadas já algumas horas, penso que devo ter então enlouquecido por um instante, pois me comportei como um rato em uma ratoeira. Quando, contudo, dei-me conta de que eu estava desenganado, sentei-me com calma — com mais calma do que já dedicara a qualquer coisa em minha vida — e comecei a ponderar o que seria o melhor a fazer. Ainda estou ponderando, e até o momento não cheguei a uma conclusão definitiva. De uma só coisa tenho certeza: de nada adianta comunicar minhas

ideias ao conde. Ele bem sabe que estou aprisionado; e uma vez que ele mesmo me prendeu, e deve sem dúvida ter seus motivos para tanto, apenas me enganaria se eu lhe confiasse todos os fatos. Até onde sou capaz de enxergar, meu único plano será manter o meu conhecimento e os meus medos para mim, e os olhos abertos. Sei que ou estou sendo ludibriado, feito um bebê, por meus próprios medos, ou então estou mesmo em maus lençóis; e se for este o caso, preciso, e precisarei, de todo o meu discernimento para me safar.

Mal chegara a esta conclusão quando ouvi a grande porta lá embaixo se fechar, e soube que o conde havia retornado. Ele não foi de imediato à biblioteca, então segui cautelosamente até o meu quarto e encontrei-o fazendo a cama. Muito esquisito, mas apenas confirmou o que eu vinha pensando até então — não há criados na casa. Quando mais tarde o vi pôr a mesa na sala de jantar, através das frestas nas dobradiças da porta, tive certeza disso; pois se ele mesmo cumpre essas tarefas domésticas, é fato que não há ninguém mais para cumpri-las. Isso encheu-me de espanto, pois, se não há mais ninguém no castelo, deve ter sido o próprio conde o condutor do coche que me trouxe até aqui. Este é um pensamento terrível; pois, se for verdade, significa que ele foi capaz de controlar os lobos, da forma como fez, apenas erguendo a mão em silêncio. Por que foi que todas as pessoas em Bistríta e no coche temiam terrivelmente por mim? O que significou ter ganhado o crucifixo, o alho, a rosa silvestre, o ramo de sorveira? Abençoada seja aquela boa, boa mulher que pendurou o crucifixo em meu pescoço!, pois tocá-lo sempre me consola e me fortalece. É admirável que uma coisa que fui ensinado a considerar com demérito e como uma idolatria seja de alguma ajuda em um momento de solidão e dificuldade. Será porque há algo na própria essência do objeto, ou porque é um veículo, uma ajuda tangível, para transmitir memórias de compaixão e consolo? Em algum momento, se assim for possível, vou examinar esse assunto e tentar formar uma opinião sobre ele. No meio-tempo, devo descobrir tudo que posso a respeito do conde Drácula, pois poderá me ajudar a entendê-lo. Hoje à noite ele talvez fale de si, caso eu conduza a conversa nessa direção. Devo ter muita cautela, contudo, para não despertar suspeitas.

Meia-noite — Tive uma longa conversa com o conde. Fiz-lhe algumas perguntas acerca da história da Transilvânia, e ele animou-se com o assunto. Ao falar sobre acontecimentos e pessoas, e especialmente sobre batalhas, ele falava como se tivesse estado presente em todas. Isso ele depois explicou dizendo que, para um

boyar⁴, o orgulho de sua casa e de seu nome é o mesmo que o seu orgulho, a glória deles é a sua glória, o destino deles é o seu destino. Sempre que falava de sua casa ele dizia “nós”, e usava quase sempre o plural, como fala um rei. Quisera eu ter podido anotar tudo que ele disse exatamente como disse, pois achei muito fascinante. Parecia conter em si toda a história da região. Foi ficando animado conforme falava, e andava pela sala puxando o grande bigode branco e agarrando os objetos em que punha as mãos como se fosse esmagá-los com toda a força. Uma coisa que disse devo aqui anotar o mais fielmente possível; pois conta, à sua maneira, a história de sua raça:

— Nós, os szekelys, temos o direito de ser orgulhosos, pois em nossas veias corre o sangue de muitas raças valentes que lutaram como leões pelo poder. Para cá, nesse turbilhão das raças europeias, a tribo úgrica trouxe da Islândia o espírito guerreiro que Thor e Odin lhes deram, que os berserkers escandinavos demonstraram com intento tão atroz nos litorais da Europa, pois sim, e na Ásia e na África também, a ponto de os povos pensarem que eram os próprios lobisomens que haviam lá chegado. Aqui, também, quando chegaram, encontraram os hunos, cuja fúria bélica havia varrido a terra feito uma chama viva, a ponto de os povos moribundos pensarem que em suas veias corria o sangue daquelas velhas feiticeiras, que, expulsas da Cítia, haviam copulado com os demônios no deserto. Tolos, tolos! Que demônio ou que bruxa foi algum dia tão grande quanto Átila, cujo sangue corre nestas veias? — Ele levantou os braços. — É de admirar que fôssemos uma raça conquistadora; que fôssemos orgulhosos; que, quando os magiares, os lombardos, os avars, os búlgaros ou os turcos despejaram seus milhares em nossas fronteiras, nós os repelimos? É de estranhar que, quando Arpad e suas legiões varreram a pátria húngara, nos tenham encontrado aqui quando alcançavam a fronteira; que a honfoglalás tenha acontecido ali? E que, quando a torrente húngara seguiu para o leste, os szekelys tenham sido vistos como irmãos pelos magiares vitoriosos, e por séculos nos tenha sido confiada a guarda da fronteira dos turcos; pois sim, digo mais, a infinita guarda da fronteira, pois, como dizem os turcos, “as águas dormem, mas o inimigo não”? Quem, ao longo das Quatro Nações, recebeu com mais satisfação a “espada sangrenta” ou seguiu mais rapidamente para unir-se ao estandarte do Rei ao ouvir seu grito de guerra? Quando foi redimida aquela grande vergonha da minha nação, a vergonha de Cassova, quando as bandeiras dos valáquios e dos magiares caíram sob o Crescente? Quem, senão um de minha raça, um voivode, cruzou o Danúbio e derrotou os turcos em seu próprio

território? Esse era de fato um Drácula! Que pesar foi que o próprio irmão indigno, ao cair, tenha vendido seu povo aos turcos e imposto a eles a vergonha da escravidão! Não foi este Drácula, de fato, quem inspirou outro irmão de sua raça que no futuro levou repetidas vezes suas forças a cruzar o grande rio até a Turquia; quem, quando era vencido, tornava a voltar, e de novo, e de novo, embora regressasse sozinho do campo sangrento onde suas tropas estavam sendo trucidadas, já que sabia que apenas ele poderia por fim triunfar! Dizem que só pensava em si. Bah!, de que valem camponeses sem um líder? Que fim pode ter uma guerra sem um cérebro e um coração para conduzi-la? Mais uma vez, após a batalha de Mohács, quando nos livramos do jugo húngaro, nós do sangue dos Drácula estávamos entre os líderes, pois nosso espírito não toleraria que não fôssemos livres. Ah, jovem senhor, os szekelys (e os Drácula como o sangue de seu coração, seu cérebro e suas espadas) podem ostentar um farto registro que mesmo os abundantes Habsburgos e Romanoffs jamais conseguirão alcançar. Os dias de guerra ficaram para trás. O sangue é algo valioso demais nestes dias de paz sem honra; e as glórias das grandes raças são como um conto que se conta.

A essa altura a manhã estava próxima, e fomos nos deitar. (Obs.: este diário lembra terrivelmente o começo de As mil e uma noites — pois tudo precisa ser interrompido quando o galo canta — ou o fantasma do pai de Hamlet.)

12 de maio — Deixe-me começar com os fatos — fatos nus e crus, comprovados por livros e cálculos, e sobre os quais não pode haver dúvida. Não devo confundi-los com experiências que se baseiam em minha própria observação ou na lembrança que deixaram em mim. Na noite passada, quando veio de seu quarto, o conde começou a me fazer perguntas a respeito de questões jurídicas e da execução de certas modalidades de negócio. Eu passara o dia exaustivamente debruçado sobre livros, e, apenas para manter a cabeça ocupada, revisei algumas das matérias que caíram em meu exame da ordem em Lincoln's Inn. Havia certa metodologia nas perguntas do conde, então tentarei registrá-las aqui na sequência; o conhecimento pode de alguma forma ou em algum momento ser-me útil.

Primeiro, ele perguntou se na Inglaterra é possível ter dois procuradores ou mais. Disse-lhe que poderia ter uma dúzia se quisesse, mas que não seria sensato ter mais de um procurador envolvido na mesma transação, já que apenas um deles poderia atuar de cada vez, e que alterná-los com certeza entravaria o próprio interesse do conde.

Ele pareceu entender perfeitamente, e prosseguiu perguntando se haveria alguma dificuldade prática em encarregar um profissional, digamos, das finanças, e ter outro para tomar conta das remessas, caso se necessitasse de ajuda local em um lugar distante do domicílio do procurador financeiro. Pedi-lhe que me explicasse mais detalhadamente, de modo que eu não o instruisse de forma errada, então ele disse:

— Exemplifico. Nosso amigo, o sr. Peter Hawkins, à sombra da bela catedral de Exeter, que fica muito distante de Londres, compra-me, pelo bom intermédio do senhor, uma propriedade em Londres. Ótimo! Agora permita-me ser franco, para que não ache estranho que eu tenha buscado os serviços de alguém tão distante de Londres em vez de um residente da cidade: o meu motivo é que nenhum interesse local seja atendido, mas apenas o meu próprio desejo; e uma vez que alguém residindo em Londres talvez pudesse ter um objetivo próprio ou de um amigo para atender, fui longe para procurar meu agente, cujos trabalhos atenderiam apenas o meu interesse. Agora suponha que eu, que tenho muitos negócios, queira despachar mercadorias, digamos, para Newcastle, ou Durham, ou Harwich, ou Dover. Não seria mais fácil fazê-lo com remessas a um desses portos?

Respondi que certamente seria mais fácil, mas que nós, procuradores, temos um sistema de atuação recíproca, de modo que o trabalho local pode ser feito sob instrução de qualquer procurador; assim o cliente pode simplesmente entregar-se às mãos de um único profissional e ter seus desejos atendidos por ele sem mais problemas.

— Mas — disse ele —, eu próprio teria a liberdade de supervisionar tudo. Correto?

— É claro — respondi —, e isso é feito com frequência por homens de negócios que não desejam que todos os seus assuntos sejam do conhecimento de ninguém.

— Ótimo! — ele disse, e então seguiu perguntando sobre os meios de fazer remessas e as formalidades a cumprir, e sobre todo tipo de dificuldades que poderiam surgir, mas que, com precaução, poderiam ser evitadas.

Expliquei todas essas coisas para ele o melhor que pude, e ele sem dúvida me deixou com a impressão de que seria um incrível procurador, pois não havia nada em que não pensasse ou que não previsse. Para um homem que nunca esteve na Inglaterra, e que evidentemente não havia feito muita coisa no ramo dos negócios, seu conhecimento e sua perspicácia eram incríveis. Assim que ficou satisfeito acerca desses pontos que levantara, e que eu verifiquei o

melhor que podia nos livros disponíveis, ele subitamente se levantou e disse:

— Já escreveu a nosso amigo, o sr. Peter Hawkins, ou a alguém mais desde a primeira carta que enviou?

Foi com certa amargura no coração que respondi que não, que até então eu não tivera oportunidade de enviar cartas a ninguém.

— Então escreva agora, meu jovem amigo — disse ele, pousando a mão pesada em meu ombro —, escreva a nosso amigo e a quem mais quiser; e diga, se bem lhe parece, que você ficará comigo por mais um mês.

— Deseja que eu fique todo esse tempo? — perguntei, pois meu coração se enregelou diante dessa ideia.

— Desejo sobremaneira; não aceitarei recusas de forma alguma. Quando o seu mestre, o seu empregador, o que for, consentiu que alguém viesse no lugar dele, ficou entendido que apenas as minhas necessidades seriam consideradas. Não economizei. Não é verdade?

Que podia eu fazer senão uma mesura de aceitação? Era do interesse do sr. Hawkins, não do meu, e eu devia pensar nele, não em mim; além do mais, enquanto o conde Drácula falava, havia em seus olhos e em seu porte algo que me fez lembrar que eu era um prisioneiro, e que não me restava escolha. O conde viu seu triunfo em minha mesura, e seu poderio no tormento em meu rosto, pois começou de imediato a valer-se deles, mas à sua maneira suave, irresistível:

— Por obséquio, meu bom e jovem amigo, não discorra sobre outras coisas além de negócios em suas cartas. Sem dúvida agradará aos seus amigos saber que você está bem, e que anseia por voltar para casa e para eles. Não é verdade?

Enquanto falava, ele me entregou três folhas de papel de carta e três envelopes. Eram todos do mais fino papel postal estrangeiro, e olhando para eles, e então para o conde, e reparando em seu sorriso tranquilo, com os caninos afiados descansando sobre o rubro lábio inferior, entendi tão bem quanto se ele o houvesse dito que eu devia tomar cuidado com o que escrevesse, pois ele poderia lê-lo. Então resolvi escrever por ora apenas mensagens formais, mas escreveria detalhadamente ao sr. Hawkins em segredo, e também a Mina, pois para ela eu poderia taquigrafar, o que confundiria o conde, caso ele viesse a ler.⁵ Quando terminei de escrever minhas duas cartas, permaneci calado, lendo um livro, enquanto o conde escrevia as dele, consultando alguns livros em sua mesa à medida que as redigia. Então apanhou minhas duas cartas e juntou-as às suas, e pôs de lado seus

materiais de escrita. Depois disso, no instante em que a porta se fechara atrás dele, inclinei-me e olhei as cartas, que estavam voltadas para baixo sobre a mesa. Não me senti constrangido ao fazê-lo, pois nas circunstâncias sentia que devia me proteger de toda maneira que pudesse.

Uma das cartas era endereçada a Samuel F. Billington, The Crescent, nº 7, Whitby; outra, a Herr Leutner, em Varna; a terceira era para Coutts & Co., Londres, e a quarta para Herren Klopstock & Billreuth, banqueiros, Buda-Peste. A segunda e a quarta não traziam lacre. Estava eu prestes a conferi-las quando vi a maçaneta se mexer. Recostei-me na poltrona, tendo conseguido a tempo colocar as cartas de volta como estavam e retomar meu livro antes que o conde, segurando mais uma carta na mão, entrasse na sala. Ele apanhou os envelopes sobre a mesa e lacrou-os cuidadosamente, e então disse, voltando-se para mim:

— Espero que me perdoe, mas tenho muito trabalho particular a fazer esta noite. Acredito que encontrará tudo que deseja.

À porta ele virou-se, e após uma pausa disse:

— Permita-me aconselhá-lo, estimado jovem amigo... mais que isso, permita-me alertá-lo com toda a seriedade que, caso saia destes aposentos, não adormeça, em nenhuma hipótese, em outra parte do castelo. O lugar é antigo, e tem muitas memórias, e há sonhos ruins para aqueles que dormem imprudentemente. Esteja avisado! Caso o sono o domine em algum momento, ou esteja prestes a fazê-lo, corra até seu quarto ou a estes aposentos, pois assim terá um descanso seguro. Mas se não tiver cuidado a esse respeito, então...

Ele terminou seu discurso de uma maneira grotesca, pois fez um gesto com as mãos como se as estivesse lavando. Entendi muito bem; minha única dúvida era se algum sonho poderia ser mais terrível que a trama anormal e horrível de treva e mistério que parecia estar se fechando à minha volta.

Mais tarde — Reafirmo as últimas palavras que escrevi, mas desta vez não há nem sombra de dúvida. Não temerei dormir em qualquer lugar onde ele não se encontre. Pus o crucifixo acima da cabeceira da minha cama, e ali deverá permanecer — imagino que assim meu repouso ficará livre de sonhos.

Assim que ele me deixou, fui para o meu quarto. Algum tempo depois, não ouvindo som algum, saí e subi a escada de pedra até o ponto onde era possível olhar na direção sul. Havia certa sensação de liberdade na vasta paisagem, por mais inacessível que fosse para mim

se comparada com a estreita escuridão do pátio. Olhando para longe, senti que eu de fato me encontrava numa prisão, e tive vontade de respirar um pouco de ar fresco, embora fosse o ar da noite. Estou começando a ver essa existência noturna me afetar. Está arruinando meus nervos. Sobressalto-me com a minha própria sombra, e estou repleto de toda espécie de fantasias horríveis. Deus sabe que há razão para meu medo terrível neste lugar amaldiçoado! Fitei a bela paisagem lá fora, banhada no suave luar amarelado, até que ficasse clara feito o dia. Na luz suave, as colinas distantes se fundiam, e as sombras nos vales e nas gargantas eram de uma negrura aveludada. A mera beleza pareceu alegrar-me; havia paz e consolo cada vez que eu respirava. Ao debruçar-me na janela, minha atenção foi capturada por algo se mexendo no andar de baixo, e um tanto à minha esquerda, para onde imaginei que, de acordo com a ordem dos aposentos, davam as janelas do quarto do conde. A janela onde eu estava era alta e funda, de parapeito de pedra, e embora desgastada pela passagem do tempo, ainda estava inteira; mas evidentemente fazia eras que a moldura se fora. Recuei para trás do entalhe da pedra, e olhei com cuidado para fora.



O que vi foi a cabeça do conde despontando pela janela. Não vi o rosto, mas identifiquei o homem pelo pescoço e pelo movimento das costas e dos braços. De qualquer modo, eu não poderia confundir as mãos que eu tivera tanta oportunidade de estudar. Fiquei a princípio intrigado e um tanto entretido, pois é incrível como uma coisa tão ínfima pode intrigar e entreter um homem quando ele é prisioneiro.

Mas minhas sensações se transformaram em repulsa e terror quando vi o homem emergir lenta e inteiramente da janela e começar a descer rastejando, de cabeça para baixo, o muro do castelo que acabava naquele pavoroso abismo, com a capa esvoaçando ao seu redor feito um par de asas enormes. A princípio não pude crer em meus olhos. Pensei ser algum truque da lua, um efeito estranho de sombra; mas continuei observando, e não podia ser uma ilusão. Vi os dedos das mãos e dos pés agarrarem os cantos das pedras, que não tinham argamassa devido ao desgaste do tempo, e usarem cada saliência e irregularidade para descer com considerável velocidade, tal como um lagarto se move por uma parede.

Que espécie de homem é essa, ou que espécie de criatura é essa com feitio de homem? Sinto o pavor deste lugar horrível se apossar de mim; tenho medo — um medo aterrador — e não há escapatória; estou cercado de terrores que não ousou imaginar...

15 de maio — Mais uma vez vi o conde sair feito um lagarto. Ele se moveu de maneira oblíqua, descendo cerca de trinta metros e um bom tanto para a esquerda. Sumiu em algum buraco ou janela. Quando sua cabeça desapareceu, eu me debrucei para tentar ver mais, porém sem sucesso — a distância era grande demais para permitir um bom ângulo de visão. Sabia agora que ele havia deixado o castelo, e considerei aproveitar a oportunidade para explorar o lugar mais do que ousara até então. Voltei para o quarto e, apanhando uma lamparina, forcei todas as portas. Estavam todas trancadas, como eu esperara, e as fechaduras eram relativamente novas; mas descí as escadarias de pedra até o vestíbulo por onde eu entrara pela primeira vez. Descobri que era possível remover os ferrolhos com facilidade e tirar as grandes correntes; mas a porta estava trancada, e a chave havia sumido! Aquela chave devia estar no quarto do conde; devo verificar se sua porta está destrancada, de modo que eu possa pegá-la e fugir. Procedi a um minucioso exame dos andares e corredores, e a experimentar as portas que se abriam para eles. Uma ou duas saletas perto do vestíbulo estavam abertas, mas nelas não havia nada para ver exceto móveis antigos, empoeirados pela idade e devorados pelas traças. Por fim, contudo, encontrei uma porta no topo da escadaria que, embora parecesse trancada, cedeu mediante pressão. Forcei um pouco mais, e descobri que não estava realmente trancada, mas que a resistência vinha do fato de que as dobradiças haviam de certa forma cedido, e a pesada porta se apoiava no chão. Ali estava uma oportunidade que talvez eu não voltasse a ter, então me dediquei, e

com muito esforço empurrei-a para poder entrar. Estava agora em uma ala do castelo mais à direita que os aposentos que eu conhecia, e um andar abaixo. Das janelas pude ver que o conjunto de quartos estava disposto ao longo da face sul do castelo, com as janelas do último deles abrindo-se tanto para o oeste como para o sul. Desta última face, bem como da primeira, vê-se um grande precipício. O castelo foi construído na beira de um grande rochedo, de modo a ser inconquistável por três lados, e grandes janelas foram colocadas aqui, onde catapultas, arcos e colubrinhas não alcançam, e conseqüentemente a luz e o conforto, impossíveis em uma posição que tivesse de ser protegida, estavam garantidos. A oeste havia um grande vale, e mais além, erguendo-se na distância, grandes fortalezas de montanhas irregulares, os picos assomando uns sobre os outros, a rocha maciça cravejada de sorveiras e abrolhos, cujas raízes se agarravam às fendas, frestas e fissuras da pedra. Esta era evidentemente a porção do castelo ocupada pelas damas em tempos idos, pois a mobília tinha mais ares de conforto do que qualquer outra que eu tenha visto aqui. As janelas não tinham cortinas, e o luar amarelado, que inundava o aposento através das vidraças em formato de diamante, possibilitava ver cores chapadas, ao passo que atenuava o excesso de poeira que jazia sobre tudo e disfarçava, em certa medida, as devastações do tempo e das traças. Minha lamparina parecia ter pouco efeito à brilhante luz da lua, mas eu estava contente de tê-la comigo, pois no lugar havia uma solidão apavorante, que enregelava o coração e sobressaltava os nervos. No entanto, era melhor do que habitar sozinho os aposentos que eu passara a odiar devido à presença do conde, e após tentar apaziguar meus nervos um pouco, descobri que uma calma quietude me invadia. Aqui estou eu, sentado a uma mesinha de carvalho à qual, em tempos antigos, possivelmente uma bela dama se sentou para escrever, com muita reflexão e bastante rubores, sua carta de amor mal redigida, ao passo que eu registro em meu diário tudo que aconteceu desde a última vez que o fechei. A taquigrafia é a quintessência do século XIX. E no entanto, a menos que meus sentidos me enganem, os séculos passados tiveram, e têm, poderes próprios que a mera “modernidade” não pode sufocar.

Mais tarde, manhã de 16 de maio — Que Deus preserve minha sanidade, pois a ela estou reduzido. A segurança e a garantia da segurança são coisas do passado. Enquanto eu viver aqui, há apenas uma coisa a esperar, que é não enlouquecer, se é que de fato já não enlouqueci. Se eu estiver são, então é enlouquecedor pensar que de

todas as coisas vis que assombram este lugar odioso o conde parece-me a menos pavorosa; e que apenas a ele eu possa recorrer em busca de segurança, embora somente enquanto eu tiver serventia para ele. Deus meu! Deus misericordioso! Dai-me tranquilidade, pois fora dessa via de fato reside a loucura. Começo a ter nova luz sobre certas coisas que têm me intrigado. Até o presente, eu nunca soubera muito bem o que Shakespeare quis dizer quando fez Hamlet afirmar:

Meu livro! Depressa, meu livro!

É mister isto anotar etc.,





pois agora, ao sentir meu cérebro como que fora dos eixos, ou como se o choque que se abateu terminasse por causar-lhe a destruição, volto-me para o meu diário em busca de repouso. O hábito de anotar com precisão deve me ajudar a manter a calma.

O misterioso alerta do conde assustou-me na ocasião; assusta-me mais agora quando penso nisso, pois no futuro será temível o domínio que esse homem terá sobre mim. Melhor não duvidar do que mais ele venha a dizer!

Quando terminei de escrever em meu diário e felizmente devolvera caderno e pena ao bolso, senti-me sonolento. O aviso do conde veio-me à mente, mas me concedi o luxo de desobedecê-lo. O sono estava se fazendo sentir, e com ele a obstinação que traz a reboque. A suave luz do luar acalmava, e a vasta paisagem lá fora dava uma sensação de liberdade que me revigorava. Resolvi não voltar naquela noite aos aposentos tenebrosos, mas sim dormir aqui, onde, outrora, as damas se sentavam e cantavam e viviam vidas meigas enquanto seus corações delicados se penalizavam pelos homens que estavam longe lutando em guerras inclementes. Arrastei um grande divã de seu lugar colado ao canto, para que, deitado, pudesse apreciar a adorável vista a leste e a sul, e, ignorando e esquecendo o pó, acomodei-me para dormir. Suponho que devo ter adormecido; assim espero, mas temo, pois tudo que se seguiu foi surpreendentemente real — tão real que,

sentado neste momento à clara e plena luz do sol da manhã, mal consigo acreditar que tenha sido tudo um sonho.

Eu não estava sozinho. O quarto era o mesmo, de nenhum modo alterado desde que eu entrara; pude ver ao longo do chão, à brilhante luz do luar, a marca dos meus passos onde eu havia perturbado o longo acúmulo de pó. À minha frente sob a luz da lua havia três jovens damas, a julgar por como se vestiam e se portavam. Na hora que as vi pensei que devia estar sonhando, pois, embora o luar estivesse atrás delas, não lançavam sombras no chão. Elas se aproximaram de mim, e me observaram por algum tempo, e então sussurraram entre si. Duas eram morenas, e tinham nariz alto e aquilino, como o conde, e grandes olhos escuros, penetrantes, que pareciam quase vermelhos quando contrastados com a lua amarelópálida. A outra era loura, loura a não mais poder, com grandes ondas de cabelos dourados e olhos que eram como pálidas safiras. Eu parecia de algum modo conhecer aquele rosto, e conhecê-lo em associação com algum medo onírico, mas na hora não consegui recordar como ou de onde. Todas as três tinham dentes brancos brilhantes que cintilavam feito pérolas contra o rubi de seus lábios voluptuosos. Havia qualquer coisa nelas que me deixava inquieto, um anseio e ao mesmo tempo um medo mortal. Senti em meu coração um desejo perverso, ardente, de que me beijassem com aqueles lábios vermelhos. Não é conveniente anotar isto, pois pode algum dia chegar aos olhos de Mina e causar-lhe mágoa; mas é a verdade. Elas sussurraram entre si, e então as três riram — uma risada tão nítida e musical, porém tão dura como se seu som nunca pudesse ter saído da maciez de lábios humanos. Era como a doçura intolerável e formigante do soar de taças de vidro quando tocadas por mãos astuciosas. A garota loura balançou a cabeça toda atirada, e as outras duas a incitaram. Uma disse:

— Vá em frente! Você é a primeira, e nós vamos depois; tem o direito de começar.

A outra acrescentou:

— Ele é jovem e forte; há beijos para todas nós.

Eu estava deitado calado, observando por baixo de minhas pestanas em uma agonia de prazerosa expectativa. A loura avançou e debruçou-se sobre mim até que eu pudesse sentir a sua respiração. Esta era doce, melosa, e provocava em meus nervos o mesmo formigamento que a sua voz, mas era uma doçura de fundo amargo, um rompante amargo, como o cheiro do sangue.

Tive medo de abrir os olhos, mas forcei a vista e enxerguei perfeitamente por entre as pestanas. A garota pôs-se de joelhos, e

inclinou-se sobre mim, simplesmente regozijando. Havia uma volúpia deliberada, ao mesmo tempo vibrante e repulsiva, e quando curvou o pescoço chegou mesmo a lambêr os lábios, como um animal, a ponto de eu conseguir ver, à luz do luar, a umidade brilhando nos lábios escarlates e na língua vermelha conforme roçava os alvos dentes afiados. Cada vez mais baixava a cabeça enquanto os lábios desciam para além do alcance da minha boca e do meu queixo e pareciam prestes a pressionar meu pescoço. Então ela se deteve, e ouvi o som salivante de sua língua à medida que lambia os dentes e os lábios, e senti seu hálito quente em minha nuca. Então a pele do meu pescoço começou a pinicar como acontece quando a mão de alguém se aproxima, mais e mais, para fazer-nos cócegas. Pude sentir o toque macio, arrepiante daqueles lábios na pele tão sensível do meu pescoço, e os entalhes pontiagudos de dois dentes afiados, que se limitaram a tocar e se deter ali. Fechei os olhos num langoroso êxtase e esperei — esperei com o coração disparado.

Mas naquele instante outra sensação me percorreu com a rapidez de um raio. Eu dei-me conta da presença do conde, e de que ele se achava envolto em uma tempestade de fúria. Quando meus olhos se abriram involuntariamente, vi sua mão forte agarrar o pescoço esguio da mulher loura e puxá-la para trás com o poder de um gigante, os olhos azuis dela transtornados de fúria, os dentes brancos rangendo de raiva, e as bochechas brancas ruborizadas de arrebatamento. Mas o conde! Jamais eu imaginara tamanha ira e fúria, nem mesmo nos demônios das profundezas. Seus olhos estavam definitivamente faiscando. A luz vermelha que havia neles era vívida, como se as labaredas do fogo do inferno fulgurassem atrás deles. Seu rosto estava mortalmente pálido, e suas feições estavam rijas como se feitas de aço; as sobrancelhas bastas que se uniam acima do nariz agora pareciam uma barra suspensa de metal incandescente. Com um feroz movimento de braço ele arremessou a mulher para trás, e então gesticulou para as outras, como se as estivesse afastando; era o mesmo gesto imperioso que eu vira ser usado com os lobos. Numa voz que, ainda que baixa e quase sussurrante, parecia cortar o ar e então ressoar em torno da sala, ele disse:

— Como ousam tocá-lo? Como ousam pôr os olhos em cima dele quando as proibi de fazê-lo? Afastem-se, é uma ordem! Este homem pertence a mim! Tratem de não se intrometer, ou terão que se ver comigo.

A garota loura, com uma risada de sedutora perdição, virou-se para responder:

— Você nunca amou; você nunca ama!

A isto as outras mulheres se juntaram, e pelo aposento ressoou uma risada tão infeliz, dura e desalmada que quase me fez desfalecer; parecia um endemoniado grito de prazer. Então o conde se virou, após fitar meu rosto com atenção, e disse num sussurro suave:

— Pois sim, também eu sou capaz de amar; vocês mesmas podem confirmar, a julgar pelo passado. Não é verdade? Ora, prometo-lhes agora que quando tiver acabado com ele vocês poderão beijá-lo à vontade. Agora saiam! Saiam! Preciso acordá-lo, pois há trabalho a fazer.

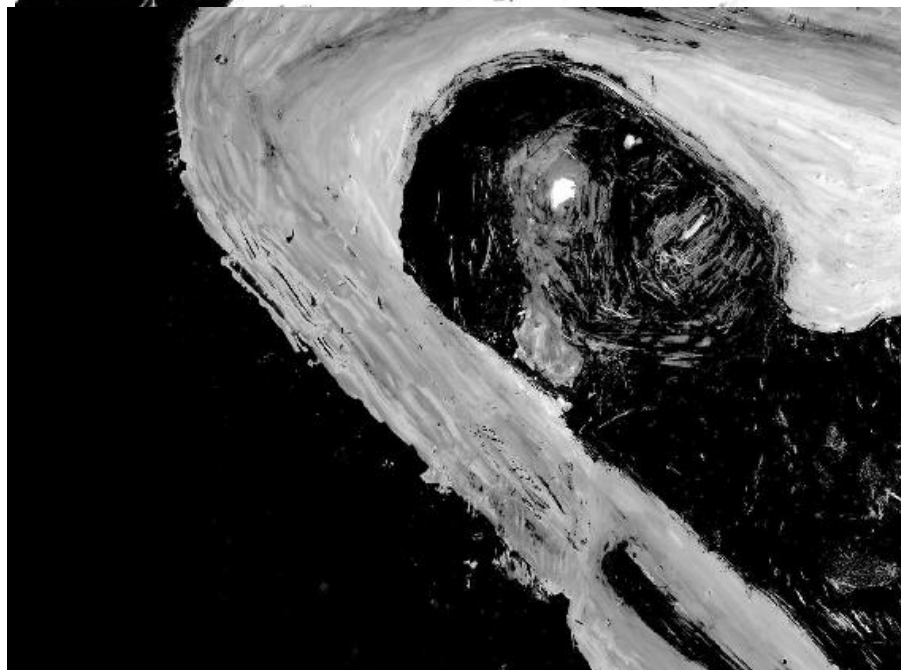
— Não ganharemos nada esta noite? — disse uma delas, com um riso baixo, enquanto apontava para a mala que ele havia atirado ao chão, e que se mexia como se contivesse um ser vivo.

Ele assentiu com a cabeça em resposta. Uma das mulheres deu um salto adiante e a abriu. Se meus sentidos não me enganaram, ouvi um engasgo e um gemido baixo, como o de uma criança quase asfixiada. As mulheres a rodearam, ao passo que eu fiquei pasmo de horror; mas enquanto eu observava, elas desapareceram, e com elas a pavorosa mala. Não havia porta perto delas, e não poderiam ter passado por mim sem que eu percebesse. Elas simplesmente pareceram ter sumido nos raios do luar e atravessado a janela, pois pude ver lá fora suas formas indistintas e ensombrecidas ainda por um momento antes que se esvaíssem de todo.

Então o horror se apossou de mim, e caí inconsciente.

4 Senhor feudal de grande influência nos países eslavos, como a Rússia, e nas províncias da região do rio Danúbio, na Europa Central.

5 Taquigrafia é o nome dado a diversos métodos de abreviação das palavras por meio de símbolos, a fim de tornar a escrita mais rápida. Era especialmente útil na cobertura jornalística de tribunais e transcrição de discursos.



Diário de Jonathan Harker
(Continuação)

Acordei em minha cama. Se de fato não sonhei, o conde deve ter me carregado até aqui. Tentei esclarecer de uma vez o assunto, mas não fui capaz de chegar a uma conclusão indiscutível. Sem dúvida havia pequenas evidências, por exemplo as minhas roupas estarem dobradas e ajeitadas de uma maneira que não costumo fazer. Meu relógio ainda estava sem corda, e tenho o hábito de rigorosamente lhe dar corda logo antes de ir para a cama, e muitos outros detalhes assim. Mas essas coisas não são provas, pois elas podem ter sido evidências de que minha mente não se encontrava em seu normal, e, por um ou outro motivo, eu certamente estava muito transtornado. Preciso procurar provas. Só uma coisa me alegra: se foi o conde quem me carregou até aqui e me despiu, deve ter agido com muita pressa, pois meus bolsos estão intactos. Estou certo de que este diário teria sido para ele um mistério impossível de tolerar. Ele o teria tomado ou o destruído. Embora este quarto tenha me enchido de tanto medo até o momento, parece-me agora, ao olhar para ele, uma espécie de refúgio, pois nada pode ser mais pavoroso do que aquelas mulheres aterrorizadas, que estavam — que estão — esperando para sugar meu sangue.

18 de maio — Desci novamente para ver aquele quarto à luz do dia, pois preciso saber a verdade. Ao alcançar a porta no alto das escadas, encontrei-a fechada. Fora forçada com tanto ímpeto contra o batente que parte da madeira estava lascada. Pude ver que o ferrolho da tranca não estava preso, mas que a porta está fechada por dentro. Temo não ter sido um sonho, e preciso agir com base nessa premissa.

19 de maio — Certamente estou em apuros. Ontem à noite o conde pediu-me, no seu tom mais afável, que escrevesse três cartas, uma dizendo que meu trabalho aqui estava quase terminado, e que eu deveria tomar o rumo de casa dentro de alguns dias, outra, que eu estava partindo na manhã seguinte à data da carta, e a terceira, que eu deixara o castelo e chegara a Bistrita. Outrora eu teria me rebelado, mas senti que no atual estado das coisas seria loucura discutir abertamente com o conde enquanto me encontro tão submetido ao seu

poder; e recusar-me seria provocar desconfiança e despertar sua cólera. Ele sabe que eu sei demais, e que não devo viver, pois represento um perigo para ele; minha única chance é prolongar minhas oportunidades. Pode acontecer alguma coisa que me ofereça uma chance de fugir. Vi em seus olhos algo daquela ira concentrada que ele manifestou ao arremessar a mulher loura para longe. Ele me explicou que as diligências dos correios eram pouco numerosas e assíduas, e que eu garantiria a paz de espírito dos meus amigos se lhes escrevesse agora; e me assegurou com tanta veemência que faria revogar as últimas cartas, retendo-as em Bistrita até o momento apropriado, caso minha estada viesse a se prolongar, que opor-se a ele seria criar novas suspeitas. Fingi portanto acatar suas considerações, e perguntei-lhe quais datas deveria colocar nas cartas. Ele fez alguns cálculos, e então disse:

— A primeira deve ser de 12 de junho, a segunda de 19 de junho e a terceira, 29 de junho.

Agora eu sei quanto tempo de vida me resta. Que Deus me ajude!

28 de maio — Há uma chance de fuga, ou ao menos a possibilidade de enviar notícias para casa. Um bando de szgany veio ao castelo, e estão acampados no pátio. Esses szgany são ciganos; anotei a respeito deles em meu caderno. São típicos desta parte do mundo, embora tenham ligação com os ciganos comuns do mundo inteiro. Há milhares deles em toda a Hungria e a Transilvânia, vivendo praticamente sem sujeitar-se a qualquer lei. Eles se juntam, segundo o costume, a um grande nobre ou boiardo, e adotam o sobrenome dele. São destemidos e não têm religião, exceto superstições, e falam somente as próprias variantes da língua romena.

Vou escrever algumas cartas para casa, e tentarei fazer que eles as despachem. Já falei com eles pela minha janela para travar relações. Eles tiraram os chapéus e fizeram medidas e muitos sinais, que, contudo, não pude entender mais do que entendo a língua que falam...

Escrevi as cartas. A de Mina, taquigrafei, e ao sr. Hawkins peço somente que entre em contato com ela. Expliquei a ela minha situação, mas sem os horrores que posso apenas supor. Iria chocá-la e assustá-la mortalmente se o fizesse com o coração aberto. Assim, caso minhas cartas não cheguem, o conde não chegará a conhecer o meu segredo ou a extensão de meu conhecimento...

Entreguei as cartas; joguei-as por entre as barras da minha janela junto com uma moeda de ouro, e gesticulei o quanto pude para fazê-los entender que as deviam postar. O homem que as apanhou as encostou no peito e fez uma medida, e então as meteu no chapéu. Nada mais pude fazer. Esgueirei-me de volta para o escritório, e pus-me a ler. Como o conde não vinha, escrevi aqui...

O conde veio. Sentou-se ao meu lado, e disse com sua voz mais suave enquanto abria duas das cartas:

— O szgany me deu isto aqui, e embora eu não saiba de onde vieram, delas irei, é claro, me encarregar. Veja só! — Ele deve tê-la lido. — Uma é sua, e endereçada ao meu amigo Peter Hawkins; a outra — aqui ele passou os olhos pelos estranhos símbolos taquigráficos ao abrir o envelope, e aquele olhar sombrio surgiu em seu rosto, e seus olhos fulguraram perversamente —, a outra é uma coisa asquerosa, uma ofensa à amizade e à hospitalidade! Não está assinada. Bem! Então não nos interessa.

E ele tranquilamente segurou a carta e o envelope à chama da lamparina até que se consumissem. Depois prosseguiu:

— A carta para Hawkins... esta, é claro, eu postarei, já que é sua. Sua correspondência é sagrada para mim. Perdoe-me, meu amigo, por inadvertidamente ter rompido o lacre. Não gostaria de lacrá-la de novo?

Ele estendeu-me a carta, e com uma medida cortês me entregou um novo envelope. Pude apenas reendereçá-la e entregá-la ao conde em silêncio. Quando ele saiu do quarto, pude ouvir a chave virar suavemente. Um minuto depois fui tentar abri-la, e a porta estava trancada.

Quando, uma ou duas horas depois, o conde veio silenciosamente até o aposento, sua chegada me acordou, pois eu havia adormecido no sofá. Ele estava muito cortês e com disposição muito alegre, e ao ver que eu estivera dormindo, disse:

— Pois então, meu amigo, está cansado? Vá para a cama. É o melhor descanso. Não teremos o prazer de conversar esta noite, já que muitos deveres me esperam; mas o senhor, por obséquio, durma.

Passei para o meu quarto e fui para a cama, e, por estranho que pareça, dormi um sono sem sonhos. O desespero tem suas próprias calmarias.

abastecer de papel e envelopes da minha mala e guardá-los no bolso, de modo que eu possa escrever caso encontre oportunidade, mas novamente uma surpresa, novamente um choque!

Cada pedaço de papel havia sumido, e com eles todas as minhas anotações, meus memorandos relativos a estradas de ferro e viagens, minha carta de crédito, na verdade tudo que me poderia ser útil uma vez fora do castelo. Sentei-me e ponderei um pouco, e então ocorreu-me um pensamento, e empreendi uma busca em minha valise e no guarda-roupa onde eu colocara minhas roupas.

O terno com que viajara tinha desaparecido, e também o casaco e a manta; deles não encontrei vestígio em lugar nenhum. Isso me pareceu algum esquema novo de vilania...

17 de junho — Esta manhã, enquanto eu estava sentado na beira da cama quebrando a cabeça, ouvi lá fora um estalar de chicotes e o calcar e raspar de cascos de cavalos no caminho rochoso logo além do pátio. Alegrementemente corri até a janela, e vi entrarem no pátio duas grandes carroças leiter-wagons, cada uma delas arrastada por cavalos robustos, e à frente de cada parelha um eslovaco, com seu chapéu largo, seu grande cinto cravejado de tachas, pele de carneiro encardida e botas altas. Também traziam na mão seus longos bordões. Corri até a porta, com a intenção de descer e tentar me juntar a eles atravessando o vestíbulo de entrada, já que imaginava que aquele caminho estivesse aberto para eles. Novamente um choque: a porta do meu quarto estava trancada por fora.

Então corri até à janela e os chamei. Eles olharam para cima estupidamente e apontaram para mim, mas justo então o “hetman” dos szgany apareceu, e, ao vê-los apontar para a minha janela, disse alguma coisa, que os fez rir. Daquele momento em diante, nenhum esforço de minha parte, nenhum grito por misericórdia ou súplica agonizante os fez ao menos olhar na minha direção. Eles decididamente desdenharam de mim. As leiter-wagons continham grandes caixas quadradas, com alças de corda grossa; estavam evidentemente vazias a julgar pela facilidade com que os eslovacos as manejavam, e pela maneira como ressoavam quando eram rudemente transportadas. Quando estas estavam todas descarregadas e amontoadas em uma grande pilha no canto do pátio, os eslovacos receberam algum dinheiro do szgany e, cuspiendo nele para dar sorte, dirigiram-se indolentemente para a sua montaria. Logo depois ouvi o estalo dos chicotes se esvaindo ao longe.

24 de junho, antes da alvorada — Ontem à noite o conde deixou-me cedo, e trancou-se no seu quarto. Assim que reuni coragem, subi a escada espiral e olhei pela janela que dava para o sul. Pensei em ficar vigiando o conde, pois há algo acontecendo. Os szgany estão instalados em algum lugar do castelo e trabalhando em alguma coisa. Sei disso pois, vez por outra, ouço um som abafado, como de picaretas e pás, e, seja o que for, deve ser o fruto de alguma inclemente vilania.

Estava à janela havia pouco menos de meia hora, quando vi algo saindo da janela do conde. Eu recuei e observei com cuidado, e vi o homem emergir por inteiro. Foi um novo choque descobrir que ele vestia o conjunto de roupas que eu usara na minha viagem, e atirada por sobre o ombro a terrível mala que eu vira as mulheres levarem embora. Não podia haver dúvida quanto ao seu propósito, e ainda por cima usando as minhas roupas! É este, então, seu novo esquema de vilania: permitir que outros me vejam, ou assim sejam levados a acreditar, para que ele possa deixar evidências de que fui visto nas aldeias ou vilas postando minhas próprias cartas e fazer com que qualquer perversidade que ele venha a cometer seja atribuída a mim pela população local.

Enfurece-me pensar que isso pode ser levado a cabo, e enquanto estou trancafiado aqui, como um verdadeiro prisioneiro, mas sem aquela proteção da lei que é o direito e o consolo até do criminoso.

Pensei que ficaria vigiando o retorno do conde, e por um longo tempo permaneci obstinadamente sentado à janela. Então comecei a reparar que havia curiosas partículas flutuando ao luar. Eram como minúsculos grãosinhos de poeira, e formavam um turbilhão e se aglomeravam de maneira nebulosa. Observei-as com uma sensação de apaziguamento, e uma espécie de calma me dominou. Recostei-me no vão em um posição mais confortável, de modo que pudesse apreciar melhor aquelas estripulias aéreas.

Alguna coisa me causou um sobressalto, um baixo e lastimoso uivo de cães em alguma parte lá longe no vale, que não estava à vista. Parecia soar mais alto em meus ouvidos, e as partículas de pó flutuantes assumiam novas formas de acordo com o som enquanto dançavam ao luar. Vi-me lutando a fim de despertar para o chamado de meus instintos; não, minha própria alma estava lutando, e meus sentidos semidespertos batalhavam para responder ao chamado. Eu estava sendo hipnotizado! A poeira dançava mais e mais rápido; os raios do luar pareciam estremecer quando passavam por mim rumo à imensidão de sombra da noite. Aglomeraram-se cada vez mais até que pareceram assumir indistintos contornos espectrais. E então eu me

sobressaltei, totalmente desperto e em plena posse de meus sentidos, e saí correndo aos gritos. Os contornos espectrais, que estavam gradualmente tomando forma a partir dos feixes do luar, eram os das três mulheres fantasmagóricas que eram a minha sina. Fugi, e senti-me um pouco mais seguro em meu quarto, onde não havia luz do luar e a lamparina ardia em um clarão.

Quando algumas horas haviam se passado ouvi alguma coisa se agitar no quarto do conde, algo como um lamento agudo rapidamente suprimido; e então fez-se silêncio, um silêncio profundo, horrível, que me deu calafrios. Com o coração em disparada, tentei abrir a porta; mas eu estava trancafiado em minha prisão, e nada podia fazer. Sentei-me e simplesmente chorei.

Enquanto estava ali sentado, ouvi um som no pátio lá fora — um choro agonizante de mulher. Corri até a janela, e, escancarando-a, perscrutei por entre as barras. Lá, de fato, estava uma mulher de cabelos desgrenhados, mantendo as mãos sobre o peito, como se exausta de tanto correr. Ela estava apoiada contra um canto do portão de entrada. Quando viu meu rosto na janela, lançou-se adiante e gritou numa voz carregada de ameaça:

— Monstro, devolva meu filho!

Ela se pôs de joelhos e, erguendo as mãos, gritou as mesmas palavras em um tom que me apertou o coração. Então ela puxou os cabelos e bateu no peito, e entregou-se a todas as violências de uma emotividade exacerbada. Por fim, atirou-se para a frente e, embora eu não pudesse vê-la, pude ouvir as batidas de suas mãos nuas à porta.

Em algum lugar muito acima, provavelmente na torre, ouvi a voz do conde chamar com aquele seu sussurro áspero e metálico. Seu chamado pareceu ser respondido de longe e de todo canto pelo uivo dos lobos. Antes que alguns minutos se passassem, um bando deles jorrou, feito um dique represado quando se rompe, pela ampla entrada do pátio.

A mulher dessa vez não gritou, e o uivo dos lobos foi apenas breve. Pouco depois eles se dispersaram um a um, lambendo os beiços.

Não consegui me condoer dela, pois agora sabia o que acontecera a seu filho, e seria melhor que estivesse morta.

Que hei de fazer? Que posso eu fazer? Como fugir desta pavorosa realidade feita de noite e trevas e medo?

25 de junho, manhã — Não há como um homem saber quão doces e caras as manhãs podem ser ao seu coração e a seus olhos até que tenha sido uma vítima das noites. Quando o sol subiu tão alto esta

manhã a ponto de atingir o topo do grande portão de entrada de frente à minha janela, o trecho iluminado fez-me pensar que fora a própria pomba da Arca de Noé que pousara ali. O medo se desprendeu de mim como uma vestimenta vaporosa que se dissolve ao calor. Devo partir para a ação enquanto ainda me resta um pouco da coragem matutina. Ontem à noite foi postada uma das minhas cartas datadas, a primeira daquela série fatal que deverá apagar todo vestígio de minha existência sobre a terra.

Não posso me permitir pensar nisso. À ação!

Foi sempre no período da noite que me senti importunado ou ameaçado, ou de alguma forma em perigo ou com medo. Eu ainda não vi o conde à luz do dia. Será que ele vai dormir quando os outros se levantam, e fica acordado enquanto eles dormem? Se eu ao menos pudesse entrar em seu quarto! Mas não há nenhuma maneira. A porta está sempre fechada, inacessível para mim.

Sim, há uma maneira, para quem ousar tentá-la. Por que outro corpo não haveria de passar por onde o corpo dele passou? Vi-o rastejar pela janela. Por que eu não deveria imitá-lo e entrar pela sua janela? As chances são ínfimas, mas minha necessidade é desesperadora. Hei de arriscar. Na pior das hipóteses, encontrarei a morte; e a morte de um homem não é a de um bezerro, e o temível Além talvez ainda esteja aberto para mim. Que Deus me ajude nesta minha empreitada! Adeus, Mina, se eu fracassar; adeus, meu fiel amigo e segundo pai; adeus a todos, e sobretudo, a Mina!

Mesmo dia, mais tarde — Empreendi uma tentativa, e com a ajuda de Deus voltei em segurança para este quarto. Preciso registrar cada detalhe em ordem. Enquanto ainda me restava coragem, fui direto à janela que dá para o sul, e de imediato saí para a estreita sobressalência de pedra que corre ao longo desta face da edificação. As pedras são grandes e mal talhadas, e a argamassa entre elas foi removida pela ação do tempo. Descalcei as botas e aventurei-me no desesperado caminho. Olhei para baixo uma vez, de modo a assegurar que um súbito vislumbre daquela profundidade aterradora não me dominasse, mas depois disso mantive os olhos longe dela. Eu conhecia muito bem a direção e a distância até a janela do conde, e para ela me dirigi da melhor forma que pude, dadas as oportunidades disponíveis. Não senti vertigem — suponho que estivesse agitado demais —, e pareceu ridículamente breve o tempo que levei até me ver em pé no peitoril e tentar erguer a guilhotina. Fui tomado de grande agitação, contudo, quando me inclinei e pus os pés para dentro da janela. Então

olhei ao redor procurando pelo conde, mas, com surpresa e contentamento, fiz uma descoberta. O quarto estava vazio! Mal estava guarnecido de objetos díspares, que pareciam nunca ter sido usados; a mobília era do mesmo estilo dos quartos da ala sul, e estava coberta de pó. Procurei pela chave, mas não estava na fechadura, e não consegui achá-la em parte alguma. A única coisa que encontrei foi uma grande pilha de ouro em um canto — ouro de todo tipo, dinheiro romeno, e britânico, e austríaco, e húngaro, e grego, e turco, coberto de uma camada de pó, como se estivesse ali no chão havia muito tempo. Nada do que observei tinha menos de trezentos anos. Havia também correntes e ornamentos, algumas joias, mas todos eles velhos e manchados.

Em um dos cantos do quarto havia uma porta pesada. Tentei abri-la, pois, já que não conseguia achar a porta do quarto ou a chave da porta externa, que era o principal objeto de minha busca, precisei estender minha investigação, ou todos os meus esforços teriam sido em vão. Estava aberta, e conduzia a uma passagem pedregosa até uma escadaria circular, muito íngreme. Desci por ela, prestando muita atenção onde pisava, pois a escada era escura, iluminada apenas por frestas na sólida alvenaria. Ao final havia um corredor escuro, feito um túnel, que exalava um odor letal, nauseabundo, de terra antiga recém-revolvida. Conforme eu prosseguia por ali, o cheiro ficava mais próximo e mais intenso. Enfim empurrei uma porta pesada que estava semiaberta, e vi-me dentro de uma capela antiga, em ruínas, que evidentemente fora usada como cemitério. O teto estava destruído, e em dois lugares havia degraus que levavam a criptas, mas o solo fora cavado recentemente, e a terra, colocada em grandes caixas de madeira, claramente as mesmas que tinham sido trazidas pelos eslovacos. Não havia ninguém ao redor, e busquei outras saídas, mas não encontrei nenhuma. Então conferi cada palmo do chão, para que nada escapasse. Examinei até mesmo as criptas, onde a fraca luz vacilava, embora minha alma estivesse apavorada. Desci a duas delas, mas nada vi exceto pedaços de caixões velhos e montes de poeira; na terceira, contudo, fiz uma descoberta.

Lá, em uma das grandes caixas, das quais havia cinquenta ao todo, em um montículo de terra recém-cavada, jazia o conde! Estava morto ou adormecido, não fui capaz de dizer — pois os olhos estavam abertos e petrificados, mas sem o translúcido da morte — e as faces tinham a calidez da vida apesar de toda a sua palidez; os lábios estavam mais vermelhos que nunca. Mas não havia sinal de movimento, de pulso, de respiração, do bater do coração. Inclinei-me

sobre ele, e tentei encontrar algum sinal de vida, mas em vão. Ele não devia estar ali havia muito tempo, pois o cheiro terroso teria passado depois de algumas horas. Ao lado da caixa estava o tampo, com buracos aqui e ali. Pensei que as chaves poderiam estar com ele, mas quando tentei procurá-las, vi aqueles seus olhos mortos, e neles, por mais mortos que estivessem, um olhar de tamanho ódio, embora inconsciente de minha presença, que fui embora dali correndo, e, deixando o quarto do conde pela janela, voltei a escalar o muro do castelo. Quando cheguei ao meu quarto, lancei-me arfando sobre a cama e tentei raciocinar...

29 de junho — Hoje é a data de minha última carta, e o conde tomou medidas para comprovar que parecesse genuína, pois mais uma vez o vi deixar o castelo pela mesma janela, e trajando as minhas roupas. Conforme ele descia pelo muro, feito um lagarto, desejei ter uma pistola ou uma arma letal, a fim de destruí-lo; mas temo que nenhuma arma forjada pela mera mão humana possa ter qualquer efeito sobre ele. Não ousei esperar seu retorno, pois temi ver aquelas irmãs bizarras. Voltei à biblioteca, e li até adormecer.

Fui acordado pelo conde, que olhava para mim da maneira mais sombria de que um homem é capaz, ao dizer:

— Amanhã, meu amigo, devemos nos separar. O senhor retornará para sua bela Inglaterra, eu para uma tarefa que pode ter tal fim que não nos veremos talvez jamais. Sua carta para casa foi despachada; amanhã não estarei aqui, mas tudo estará pronto para a sua jornada. Pela manhã virão os szgany, que têm alguns trabalhos a fazer por aqui, e também os eslovacos. Assim que tiverem partido, minha carruagem virá buscá-lo, e irá transportá-lo até o Passo de Borgo, onde encontrará a diligência que vem da Bucóvina para Bistrita. Mas espero vê-lo de novo no castelo Drácula.

Desconfiei do que ele dizia e resolvi provar sua sinceridade. Sinceridade! Parece uma profanação associar essa palavra a tamanho monstro, portanto perguntei-lhe à queima-roupa:

— Por que não posso partir esta noite?

— Porque, estimado senhor, meu cocheiro e meus cavalos estão fora, numa missão.

— Mas eu iria caminhando, com prazer. Desejo ir embora imediatamente.

Ele sorriu um sorriso tão suave, tão afável, tão diabólico que eu soube que havia alguma artimanha por trás daquela afabilidade. Disse:

— E sua bagagem?

— Não me importa. Posso mandar buscá-la outra hora.

O conde se ergueu e disse, com uma polidez que me fez esfregar os olhos, de tão real que me pareceu:

— Vocês, ingleses, têm um dito ao qual sou muito afeiçoado, pois seu espírito é aquele que governa nossos boiardos: “Acolhe os que estão de chegada; apressa os que estão de partida”. Venha comigo, meu caro e jovem amigo. Nem sequer uma hora o senhor há de esperar em minha casa contra a sua vontade, embora triste eu fique com sua partida, e que ela seja tão repentina. Venha!

Com uma gravidade imponente, ele seguiu à minha frente iluminando as escadas e o vestíbulo com a lamparina. De súbito, ele se deteve.

— Ouça!

Ouvi, muito próximo, o uivo de muitos lobos. Foi como se o som tivesse surgido quando ele ergueu a mão, assim como a música de uma grande orquestra parece brotar sob a batuta do regente. Após um instante de pausa, ele seguiu, com toda a sua imponência, até a porta, puxou os custosos ferrolhos, removeu as pesadas correntes e começou a abri-la.

Para meu enorme espanto, vi que estava destrancada. Olhei ao meu redor desconfiado, mas não encontrei nenhum tipo de chave.

Conforme a porta ia se abrindo, o uivo dos lobos do outro lado tornou-se mais alto e furioso; enquanto saltavam, suas mandíbulas vermelhas com dentes rilhantes e suas garras com pontas cegas se insinuavam pela fresta da porta. Eu soube então que lutar naquele momento contra o conde seria inútil. Com aliados como aqueles às suas ordens, eu nada podia fazer. A porta, no entanto, continuou a se abrir lentamente, e apenas o corpo do conde se achava diante da abertura. De repente me ocorreu que talvez aquela fosse a hora e a forma de minha danação; eu seria entregue aos lobos, e por minha própria incitação. Havia naquela ideia uma perversidade diabólica que combinava com o conde, e como último recurso exclamei:

— Feche a porta; esperarei até a manhã! — E cobri o rosto com as mãos para esconder as lágrimas de amarga decepção.

Com um movimento de seu poderoso braço, o conde bateu a porta, e o ressoar dos enormes ferrolhos ecoou pelo vestíbulo quando voltaram a se fechar.

Em silêncio retornamos para a biblioteca, e um ou dois minutos depois fui para o meu quarto. A última imagem que tive do conde Drácula foi dele beijando a própria mão em sinal para mim; com um fulgor vermelho de triunfo nos olhos, e com um sorriso de que Judas

se orgulharia no inferno.

Quando eu estava em meu quarto e prestes a deitar-me, pensei ter ouvido um sussurro perto da porta. Fui até ela pé ante pé e pus-me à escuta. A não ser que meus ouvidos tenham me enganado, ouvi a voz do conde dizer:

— Voltem, voltem para o seu lugar! A sua hora ainda não chegou. Esperem! Tenham paciência! Esta noite é minha. Amanhã, a noite é de vocês!

Uma onda de risadas baixas ecoou, e num ímpeto escancarei a porta, e vi atrás dela as três terríveis mulheres lambendo os lábios. Quando apareci, todas elas se uniram em uma horrível gargalhada, e saíram correndo.

Voltei ao meu quarto e desabei de joelhos. Estarei mesmo tão perto do fim? Amanhã! Amanhã! Senhor, ajude-me, e àqueles a quem sou caro!

30 de junho, manhã — Estas talvez sejam as últimas palavras que escrevo neste diário. Dormi até pouco antes da alvorada e, quando acordei, desabei de joelhos, pois decidi que, caso a Morte chegasse, me encontraria pronto.

Por fim senti aquela súbita mudança de ar, e soube que a manhã havia chegado. Então se ouviu o bem-vindo canto do galo, e senti que estava a salvo. Com o coração apaziguado, abri a porta e corri até o vestíbulo. Eu vira que a porta estava destrancada, e agora a fuga se apresentava à minha frente. Com as mãos trêmulas de impaciência, removi as correntes e puxei os ferrolhos.

Mas nada de a porta se mexer. O desespero me arrebatou. Empurrei, empurrei, e bati, por mais maciça que fosse, até ela balançar na esquadria. Consegui ver a retranca. Fora trancada depois que eu deixara o conde.

Então um desejo selvagem de obter aquela chave a qualquer custo me dominou, e resolvi naquele exato momento escalar o muro de novo e chegar ao quarto do conde. Ele podia me matar, mas a morte agora parecia o menor dos males. Sem demora, corri até a janela da face leste, e desci pelo muro, como antes, até o quarto do conde. Estava vazio, mas era o que eu esperava. Não avistei chave em lugar nenhum, mas a pilha de ouro permanecia lá. Atravessei a porta do canto e desci a escada espiral e segui pela passagem escura até a velha capela. Agora eu sabia perfeitamente onde encontrar o monstro que procurava.

A grande caixa estava no mesmo lugar, encostada na parede, mas o

tampo estava apoiado em cima dela, não preso, mas com os pregos já dispostos à espera do martelo. Eu sabia que precisava tatear o corpo em busca da chave, então ergui o tampo, e o apoiei contra a parede; e então vi algo que encheu minha alma de horror. Ali jazia o conde, mas era como se sua juventude houvesse em parte se renovado, pois os cabelos e o bigode brancos haviam se transformado em um ferruginoso cinza-escuro; as faces estavam mais cheias, e a pele alva parecia ser vermelho-rubi por baixo; a boca estava mais vermelha que nunca, pois nos lábios havia gotas de sangue fresco, que pingavam dos cantos e escorriam por sobre o queixo e o pescoço. Mesmo os olhos fundos e ardentes pareciam cravados na pele estufada, pois as pálpebras e bolsas logo abaixo estavam inchadas. Era como se a horrível criatura estivesse toda empanturrada de sangue. Jazia feito uma sanguessuga asquerosa, exausta de saciedade. Senti um calafrio ao inclinar-me sobre ele para tocá-lo, e todos os meus sentidos se repugnaram com o contato; mas eu tinha de procurar, ou estaria perdido. Na noite seguinte poderia do mesmo modo encontrar meu próprio corpo servido como banquete àquelas três mulheres sinistras. Apalpei o corpo todo, mas não encontrei nem sinal da chave. Então parei e olhei para o conde. No rosto inchado havia um sorriso zombeteiro que parecia me enlouquecer. Este era o ser que eu estava ajudando a mudar-se para Londres, onde, talvez por séculos a fio, poderia, entre seus muitos milhões de habitantes, saciar seu apetite de sangue, e criar um círculo novo e sempre crescente de semidemônios para despojar os indefesos. O mero pensamento fez-me enlouquecer. Fui tomado de um terrível desejo de livrar o mundo de tamanho monstro. Não havia arma letal à mão, mas apanhei uma pá que os operários vinham usando para encher as caixas, e levantando-a alto, golpeei, com a ponta virada para baixo, aquele seu rosto odioso. Mas ao fazê-lo a cabeça virou, e os olhos pousaram em cheio em cima de mim, com todo o seu horroroso fulgor de basilisco. A visão pareceu paralisar-me, e a pá virou em minha mão e passou de raspão por seu rosto, provocando somente um profundo talho acima da testa. A pá caiu da minha mão em cima da caixa, e enquanto eu a tirava dali, a borda da pá acertou a beira do tampo, que caiu de novo e escondeu a coisa sinistra da minha vista. O último vislumbre que tive foi do rosto inchado, manchado de sangue e perpassado por um esgar de malícia que parecia saído do mais profundo ventre do inferno.

Pensei e repensei qual deveria ser o próximo passo, mas meu cérebro parecia estar em chamas, e esperei, com uma sensação desesperadora crescendo dentro de mim. Enquanto esperava, ouvi se

aproximar na distância uma canção cigana entoada por vozes alegres, e por entre a canção o rolar de rodas pesadas e o estalar de chicotes; estavam chegando os szgany e os eslovacos que o conde mencionara. Com um último relance ao redor e para a caixa que continha o corpo atroz, escapei dali e ganhei o quarto do conde, decidido a correr no momento em que a porta do castelo fosse aberta. Com os sentidos alertas, permaneci à escuta, e ouvi a chave ranger na grande fechadura e a pesada porta lá embaixo se abrir. Devia haver outros meios de entrada, ou alguém tinha a chave de uma das portas fechadas. Então houve um som de muitos passos pesados que sumiam por algum corredor produzindo um eco metálico. Virei-me para correr de novo na direção da cripta, onde eu talvez encontrasse a nova entrada; mas nesse instante pareceu se abater um violento golpe de vento, e a porta para a escada espiral bateu com um estrondo que fez voar o pó acumulado nos lintéis. Quando corri para abri-la, descobri para minha desesperança que estava fechada. Eu era de novo um prisioneiro, e a trama de ruína se fechava cada vez mais ao meu redor.

Enquanto escrevo isto, ouço no corredor lá embaixo o som de muitos passos fortes e o baque de objetos pesados sendo depositados com vigor — sem dúvida as caixas, carregadas de terra. Ouço um som de martelo; é a caixa sendo pregada. Agora consigo ouvir os passos pesados passando pelo vestíbulo, com muitos outros passos indolentes seguindo atrás deles.

A porta foi trancada, e as correntes estão chacoalhando; ouço a chave ranger numa fechadura; consigo ouvir a chave sendo retirada; então outra porta se abre e fecha; ouço um ranger de fechadura e ferrolho.

Atenção! No pátio e no caminho rochoso, um rolar de rodas pesadas, um estalar de chicotes, e o coro dos szgany conforme se distanciam.

Estou sozinho no castelo com aquelas mulheres aterradoras. Arre! Mina é mulher, e nada há em comum. Elas são demônios das profundezas do inferno!

Não ficarei sozinho com elas; vou tentar escalar a muralha do castelo e ir mais longe do que já fui. Levarei algum ouro comigo, posso precisar depois. Encontrarei uma saída deste lugar pavoroso.

E então, para casa! Rumo ao trem mais rápido e mais próximo! Para longe deste lugar amaldiçoado, desta terra amaldiçoada, onde o Diabo e seus filhos ainda caminham com pés humanos!

Ao menos a misericórdia de Deus é maior do que a desses monstros, e o precipício é íngreme e alto. A seu sopé um homem pode

dormir — como homem. Adeus a todos! Mina!

CAPÍTULO 5

Carta da srta. Mina Murray à srta. Lucy Westenra

9 de maio

Lucy querida,

Perdoe a minha demora em lhe escrever, mas estive simplesmente assoberbada pelo trabalho. A vida de uma professora-assistente é às vezes árdua. Minha vontade é de estar com você, e à beira-mar, onde podemos conversar livremente e construir nossos castelos no ar. Estive trabalhando com muito afinco ultimamente, porque quero acompanhar os estudos de Jonathan, e venho praticando taquigrafia com assiduidade. Quando estivermos casados, serei útil a Jonathan, e se eu conseguir taquigrafar bem o bastante, posso anotar o que ele quiser dizer com esse método e bater para ele à máquina, na qual também estou praticando com afinco. Às vezes ele e eu escrevemos cartas taquigrafadas, e ele está mantendo um diário taquigrafado de suas viagens ao exterior. Quando estivermos juntas, vou manter um diário da mesma maneira. Não digo um daqueles diários com duas páginas para a semana toda e os domingos espremidos num canto, mas uma espécie de diário em que eu possa escrever sempre que me sentir inclinada a isso. Não suponho que haverá muito interesse das pessoas; mas não será feito para elas. Poderei mostrá-lo a Jonathan algum dia se houver algo que valha a pena compartilhar, mas será na verdade um livro de exercícios. Tentarei fazer o que vejo as mulheres jornalistas fazendo: entrevistas e descrições e tentativas de recordar conversas. Foi-me dito que, com alguma prática, é possível lembrar-se de tudo que acontece ou tudo que se ouviu ao longo do dia. Contudo, veremos. Quando nos encontrarmos lhe contarei meus pequenos planos. Acabo de receber umas poucas linhas apressadas de Jonathan da Transilvânia. Ele está bem, e irá retornar em

cerca de uma semana. Estou ansiosa para ouvir todas as novidades. Deve ser tão bom conhecer países estrangeiros. Imagino se nós — digo, Jonathan e eu — os conheceremos juntos algum dia. Eis o sino das dez. Adeus.

Afetuosamente sua,
Mina

Conte-me todas as novidades quando me escrever. Você já não me conta nada faz um bom tempo. Ouço rumores, especialmente sobre um homem alto, bonito, de cabelos encaracolados...

Carta de Lucy Westenra a Mina Murray

Rua Chatham, 17,
quarta-feira,
Mina querida,

Devo dizer que você me culpa muito injustamente de ser má correspondente. Escrevi-lhe duas vezes desde que nos separamos, e a sua última carta foi apenas a sua segunda. Além do mais, nada tenho a lhe contar. Não há realmente nada que possa lhe interessar. A cidade está muito agradável agora, e temos um bom tanto de galerias para visitar e caminhadas e passeios para fazer no parque. Quanto ao homem alto e de cabelos encaracolados, suponho que seja o que estava comigo no último concerto popular. Alguém evidentemente vem espalhando boatos. Deve ser o sr. Holmwood. Ele vem nos ver com frequência, e se dá muito bem com mamãe; os dois têm muitas coisas em comum a debater. Conhecemos algum tempo atrás um homem que seria perfeito para você, se já não estivesse noiva de Jonathan. É um excelente partido, pois é bonito, abastado e bem-nascido. Ele é médico e realmente inteligente. Imagine só! Tem apenas vinte e nove anos e um asilo de lunáticos imenso sob sua direção. O sr. Holmwood apresentou-o a mim, e ele nos fez uma visita, e agora sempre o faz. Acredito que ele é um dos homens mais resolutos que já vi, e no entanto o mais tranquilo. Parece absolutamente imperturbável. Posso imaginar que incrível poder ele deve ter sobre os pacientes. Ele tem um hábito curioso de olhar

bem no rosto do interlocutor, como se tentasse ler seus pensamentos. Até que ele tenta comigo, mas eu me gabo de ser dura na queda. Sei disso por causa do meu espelho. Você alguma vez já tentou ler o próprio rosto? Eu tento, e posso lhe dizer que não é um estudo de todo ruim, e dá mais trabalho do que seria de imaginar se você nunca tentou. Ele diz que eu lhe ofereço um interessante estudo psicológico, e humildemente creio que sim. Eu, como você sabe, não me interesso o bastante por roupas a ponto de conseguir descrever a última moda. A moda é uma maçada. De novo estou usando uma gíria, mas deixe para lá; Arthur diz isso todo dia. Pronto, isso é tudo. Mina, nós contamos todos os nossos segredos uma para a outra desde que éramos crianças; nós dormimos juntas e comemos juntas, e rimos e choramos juntas; e agora, embora eu já tenha falado, gostaria de dizer um pouco mais. Ah, Mina, não consegue adivinhar? Eu o amo. Fico corada ao escrever, pois embora eu ache que ele me ama, ele não me disse isso com palavras. Mas ah, Mina, eu o amo; eu o amo; eu o amo! Pronto, isso me fez bem. Queria estar com você, querida, sentada à lareira, com roupas informais, como costumávamos fazer; e eu procuraria lhe explicar o que sinto. Não entendo como é que estou escrevendo isto, mesmo para você. Estou com medo de parar e rasgar a carta, e não quero parar, pois eu quero lhe contar tudo. Desejo saber de você imediatamente, e diga-me tudo que pensa sobre o assunto. Mina, preciso parar. Boa noite. Inclua-me em suas preces; e, Mina, ore pela minha felicidade.

Lucy

P.S.: Nem preciso dizer que isso é segredo. Boa noite de novo.

L.

Carta de Lucy Westenra a Mina Murray

24 de maio

Mina querida,

Obrigada, obrigada, obrigada mais uma vez por sua linda carta. Foi tão bom poder lhe confiar tudo e contar com a sua compreensão.

Minha querida, acaso pouco é bobagem — como são verdadeiros os antigos provérbios! Aqui estou eu, que vou fazer vinte anos em setembro e até hoje não recebi uma proposta, não uma de verdade, e hoje mesmo recebi três. Imagine só! TRÊS pedidos de casamento em um dia! Não é terrível? Sinto muito, sinto realmente muitíssimo por dois dos pobres sujeitos. Ah, Mina, estou tão feliz que não sei o que fazer comigo mesma. E três pedidos! Mas, pelo amor de Deus, não conte nada às meninas, ou terão todo tipo de ideias extravagantes e se sentirão insultadas e desprezadas se em seu primeiríssimo dia em casa elas não receberem ao menos seis. Algumas garotas são tão vaidosas! Você e eu, Mina querida, que estamos noivas e em breve nos tornaremos prudentes senhoras casadas, podemos desprezar a vaidade. Bem, preciso lhe contar sobre as três propostas, mas você deve guardar segredo, querida, de todos, exceto, é claro, de Jonathan. Você vai lhe contar, porque eu, se estivesse em seu lugar, certamente contaria a Arthur. Uma mulher deve contar tudo ao marido — não acha, querida? — e eu preciso ser justa. Os homens gostam que as mulheres, principalmente suas esposas, sejam tão justas quanto eles; e as mulheres, receio, não são sempre tão justas quanto deveriam. Bem, querida, a de número um veio logo antes do almoço. Falei-lhe dele, dr. John Seward, o homem do asilo de lunáticos, com o maxilar forte e a testa bonita. Aparentava muita calma, mas mesmo assim estava nervoso. Tinha evidentemente se preparado para toda uma linha de conduta, e lembrava-se dela; mas quase acabou sentando em cima do chapéu de seda, algo que os homens geralmente não fazem quando estão calmos, e então, quando quis parecer à vontade, ficou brincando com uma lanceta de um jeito que quase me fez berrar. Mina, ele se dirigiu a mim com muita franqueza. Disse-me o quanto me estimava, embora me conhecesse tão pouco, e como seria sua vida comigo para o ajudar e o alegrar. Ele estava para dizer quão infeliz seria se eu não o quisesse, mas, quando me viu chorando, disse que era um bruto e não iria contribuir para a minha presente aflição. Então ele fez uma pausa e perguntou se, com o tempo, eu não passaria a amá-lo; e quando eu balancei a cabeça suas mãos tremeram, e então com alguma hesitação ele me perguntou se eu queria um outro alguém. Ele o disse

com muita delicadeza, afirmando que não pretendia arrancar uma confissão de mim, mas apenas ficar a par, porque se o coração de uma mulher está livre, um homem pode ter esperanças. E então, Mina, senti que era uma espécie de dever contar a ele que eu tinha sim um outro alguém. Disse-lhe somente isso, e ele então se levantou, e parecia muito determinado e muito grave quando tomou as minhas mãos nas dele e disse que torcia para que eu fosse feliz, e que se algum dia eu precisasse de um amigo, deveria contar com ele entre os melhores. Ah, Mina querida, não consigo deixar de chorar; e você deve perdoar esta carta inteira borrada. Receber um pedido de casamento é muito bom e tudo o mais, mas não é nada agradável ver um pobre sujeito, que você sabe que ama honestamente, ir embora com o coração partido, e saber que, não importa o que ele possa dizer no momento, você está mesmo é saindo da vida dele. Minha cara, preciso parar por aqui por ora, sinto-me tão miserável, embora seja tão feliz.

À noite

Arthur acabou de sair, e sinto-me em melhor ânimo do que quando larguei a carta, então posso prosseguir lhe contando sobre o dia. Bem, querida, o número dois veio depois do almoço. É um sujeito muito agradável, um americano do Texas, e parece tão jovem e tão viçoso que fica quase impossível acreditar que tenha estado em tantos lugares e vivido tantas aventuras. Posso entender a pobre Desdêmona quando lhe despejaram uma perigosa ladainha nos ouvidos, embora tenha sido um mouro a fazê-lo.⁶ Suponho que nós, mulheres, sejamos covardes a ponto de achar que um homem vai nos salvar de nossos medos, e nos casamos com ele. Hoje sei o que faria caso eu fosse homem e quisesse fazer com que uma garota me amasse. Não, na verdade não sei, pois ali estava o sr. Morris contando-nos suas histórias, e Arthur nunca contou nenhuma, e contudo... Querida, estou me precipitando um pouco. O sr. Quincey P. Morris encontrou-me sozinha. Parece que um homem sempre encontra uma garota sozinha. Não, não é verdade, pois Arthur tentou duas vezes criar essa chance, e com toda a minha ajuda; não me envergonha dizê-lo agora. Devo lhe dizer primeiro que o sr. Morris nem sempre usa gírias —

quer dizer, ele nunca usa com desconhecidos ou na frente deles, pois é realmente muito educado e tem modos requintados —, mas descobriu que eu me divertia ouvindo-o falar as gírias americanas, e sempre que eu estava presente e não havia ninguém que pudesse se chocar, ele dizia coisas muito engraçadas. Receio, minha cara, que ele invente tudo, pois elas cabem perfeitamente em qualquer coisa que ele tenha a dizer. Mas é assim que a gíria funciona. Não sei se algum dia usarei gírias; não sei se Arthur gosta, já que nunca o ouvi usar nenhuma até agora. Bem, o sr. Morris sentou-se a meu lado e pareceu tão feliz e jovial quanto pôde, mas vi que mesmo assim estava muito nervoso. Ele tomou minha mão e disse o mais ternamente possível:

— Srta. Lucy, bem sei que não sou digno de desatar a correia dos seus sapatinhos, mas acredito que se a senhorita esperar por um homem que seja, acabará por se juntar às sete donzelas com as lâmpadas quando enfim desistir. Por que é que então não salta aqui para o meu lado e permite que cavalguemos por essa longa estrada, lado a lado?⁷

Bem, ele parecia tão bem-humorado e tão jovial que não me pareceu tão difícil recusá-lo como fora com o pobre dr. Seward; então eu disse, da maneira mais gentil que pude, que eu não sabia nada de cavalos, e que eu não estava desemparelhada para precisar de arreios ainda. Então ele disse que havia falado de um jeito leviano, e esperava que eu o perdoasse caso houvesse cometido um erro em ocasião tão grave e tão relevante para ele. Ele realmente pareceu sério ao dizer isso, e não pude deixar de me sentir um pouco séria também — eu sei, Mina, você vai pensar que sou uma horrorosa namoradeira —, embora tenha sentido também uma espécie de exultação por ele ter sido o número dois em um único dia. E então, querida, antes que eu pudesse dizer qualquer palavra, ele começou a despejar uma perfeita torrente de cortejos amorosos, depositando seu coração e sua alma aos meus pés. Ele parecia tão sincero que eu nunca mais hei de pensar que um homem deve sempre ser brincalhão o tempo inteiro, só porque ele é divertido às vezes. Suponho que ele viu algo em meu rosto que o fez parar, pois subitamente se deteve, e disse com uma espécie de fervor masculino que me teria feito amá-lo caso eu estivesse livre:

— Srta. Lucy, sei que é uma moça honesta. Eu não estaria aqui lhe dirigindo a palavra como estou agora caso não acreditasse na firmeza de seu caráter, que está em todos os cantos de sua alma. Diga-me, como uma conversa entre dois bons amigos: há um outro alguém a quem a senhorita queira bem? Porque, se houver, nunca mais voltarei a incomodá-la com o que quer que seja, mas serei, se assim me permitir, um amigo muito fiel.

Minha querida Mina, por que os homens são tão nobres quando nós, mulheres, somos tão pouco merecedoras deles? Lá estava eu quase fazendo troça daquele verdadeiro cavalheiro de bom coração. Eu irrompi em lágrimas — receio, querida, que ache esta carta muito descuidada, em mais de um sentido — e realmente senti muitíssimo. Por que não é permitido a uma garota se casar com três homens, ou com quantos a quiserem, e poupar todo esse aborrecimento? Mas isso é uma heresia, e não devo sequer pô-la no papel. Alegro-me contar que, embora eu estivesse chorando, fui capaz de olhar nos olhos valentes do sr. Morris e lhe dizer de pronto:

— Sim, há alguém que amo, embora ele ainda não tenha dito que me ama.

Eu estava certa em dirigir-me a ele tão francamente, pois uma luz cruzou o seu rosto, e ele estendeu ambas as mãos e tomou as minhas — acho que eu as pousei nas dele — e disse de maneira calorosa:

— Essa é minha corajosa garota. Vale mais chegar atrasado em uma oportunidade para conquistá-la do que chegar a tempo para conquistar qualquer outra garota que há no mundo. Não chore, minha cara. Se as lágrimas são por mim, sou duro na queda; e eu encaro de cabeça erguida. Se esse outro sujeito não sabe a felicidade que tem, bem, é melhor que procure por ela logo, ou terá que se ver comigo. Mocinha, sua honestidade e arrojo fizeram de mim um amigo, e um amigo é mais raro que um amante; de qualquer maneira, é menos egoísta. Minha cara, a minha caminhada entre este e o Reino dos Céus será bastante solitária. Não quer me conceder um beijo? Algo para afastar a escuridão agora e sempre. A senhorita pode, sabe, se quiser, pois esse outro bom sujeito (deve ser um bom sujeito, minha cara, e um grande sujeito, ou então não teria o seu amor) ainda não

se manifestou.

Isso me ganhou, Mina, pois foi corajoso e terno da parte dele, e também nobre para com um rival — não é verdade? — e ele estava tão triste; então inclinei-me sobre ele e o beijei. Ele se levantou com as minhas mãos nas dele, e olhando para meu rosto — receio ter corado um monte — disse:

— Mocinha, estou segurando sua mão, e você me beijou; se isso não faz de nós amigos, nada poderá fazer. Obrigado pela doce honestidade que teve comigo, e adeus.

Ele apertou minha mão e, pegando o chapéu, saiu imediatamente da sala sem olhar para trás, sem nem uma lágrima ou hesitação ou pausa; e eu estou chorando feito um bebê. Ah, por que é preciso que um homem como esse seja infeliz quando há montes de garotas por aí que reverenciariam o próprio chão que ele pisa? Sei que eu o faria caso estivesse livre — mas acontece que não quero ser livre. Querida, isso me chateou muitíssimo, e sinto que não consigo falar sobre felicidade logo agora, após ter lhe contado isso; e não quero lhe falar sobre o número três até que tudo esteja feliz.

Afetuosamente sua, sempre,
Lucy

P.S.: Ah, sobre o número três... não preciso lhe contar sobre o número três, preciso? Além do mais, foi tudo tão confuso; pareceu passar apenas um instante desde sua chegada na sala até que os seus braços estivessem ao meu redor, e eis que ele estava me beijando. Estou muito, muito feliz, e não sei o que fiz para merecer isso. Devo apenas tentar mostrar no futuro que não sou ingrata com Deus por toda a Sua bondade em me mandar um amante, um marido e um amigo como ele.

Adeus.

Diário do dr. Seward
(Fonografado)⁸

25 de maio — Diminuição do apetite hoje. Não consigo comer, não consigo descansar, então vamos ao diário. Desde a recusa que recebi

ontem, sinto uma espécie de vazio; nada no mundo parece ter importância o suficiente para valer a pena... Como eu sabia que a única cura para esse tipo de coisa era o trabalho, tratei de visitar os meus pacientes. Escolhi um que tem me proporcionado um estudo muito interessante. Ele é tão excêntrico que estou determinado a entendê-lo o melhor possível. Hoje me pareceu que consegui chegar mais perto que nunca do âmago de seu mistério.

Interroguei-o mais detalhadamente do que já fizera, com o objetivo de conhecer plenamente as circunstâncias de suas alucinações. Em minha maneira de agir havia, agora vejo, um pouco de crueldade. Eu parecia querer mantê-lo à beira da loucura — algo que evito fazer com os pacientes tal como eu evitaria a goela do inferno.

(Nota: em que circunstâncias eu não evitaria o poço do inferno?)
Omnia Romae venalia sunt. O Inferno tem seu preço! Verb. sap.⁹ Se houver algo por trás desse instinto, será válido depois retomá-lo com rigor, então é melhor que eu comece a fazê-lo, portanto:

R. M. Renfield, aetat¹⁰ 59. Temperamento sanguíneo; grande força física; morbidamente estimulável; períodos de melancolia, resultando em alguma ideia fixa que não consigo identificar. Presumo que o temperamento sanguíneo em si e a influência perturbadora resultem em um acabamento mental perfeito; um homem possivelmente perigoso, provavelmente perigoso se desprovido de egoísmo. Em homens egoístas a cautela é uma armadura tão segura para os inimigos como para si mesmos. O que penso a esta altura é que, quando a individualidade é o ponto fixo, a força centrípeta é contrabalançada com a centrífuga; quando um dever, uma causa etc. é o ponto fixo, esta última força é primordial, e apenas um acidente ou uma série de acidentes é capaz de equilibrá-la.

Carta de Quincey P. Morris ao honorável
sr. Arthur Holmwood

25 de maio

Meu caro Art,

Contamos causos ao pé da fogueira nas pradarias; e tratamos das feridas um do outro após tentarmos um desembarque nas Marquesas; e bebemos e brindamos às margens do Titicaca. Há mais causos por contar, e outras feridas por sarar, e outro brinde por fazer. Não gostaria de fazê-lo amanhã à noite ao pé da fogueira em meu

acampamento? Não hesito em lhe pedir isto, uma vez que sei que uma certa senhorita está comprometida com um certo banquete, e que você está livre. Seremos apenas nós dois, e nosso velho camarada da Coreia, Jack Seward. Ele também está vindo, e nós queremos unir nossos lamentos sobre o copo de vinho, e brindar de todo coração ao homem mais feliz na face da terra, que conquistou o coração mais nobre que Deus criou e a mais merecida conquista. Prometemos-lhe uma calorosa acolhida, e uma amável celebração, e um brinde tão verdadeiro quanto a sua mão direita. Juraremos deixá-lo em casa se você abusar dos brindes a um certo par de olhos. Venha!

Seu agora e sempre,
Quincey P. Morris

TELEGRAMA DE ARTHUR HOLMWOOD A QUINCEY
P. MORRIS

26 DE MAIO

CONTE SEMPRE COMIGO.

TRAGO RECADOS QUE FARÃO FORMIGAR SUAS DUAS
ORELHAS.

ART.

6 Referência a Otelo, o mouro de Veneza (c. 1603), de William Shakespeare (1564—1616). Na tragédia, a personagem Desdêmona se apaixona por Otelo após ouvi-lo contar sobre suas aventuras.

7 A fala de Quincey Morris faz referência livre a dois textos bíblicos: Lucas 3:16 e Mateus, 25.

8 O fonógrafo é um aparelho mecânico que grava e reproduz sons em cilindros, inventado em 1877 por Thomas Edison (1847—1931).

9 Omnia Romae venalia sunt: “Tudo em Roma está à venda”; Verbum sapienti sat est: “Para bom entendedor, meia palavra basta”.

10 Aetat: “idade”.

CAPÍTULO 6

Diário de Mina Murray

24 de julho, Whitby — Lucy me encontrou na estação, mais doce e adorável que nunca, e seguimos até a casa em Crescent na qual alugam quartos. É um lugar adorável. O pequeno rio, o Esk, corre por um vale profundo, que se alarga à medida que se aproxima do porto. É atravessado por um grande viaduto, com altos píeres, por entre os quais a vista parece de certo modo mais distante do que realmente é. O vale é lindamente verdejante, e tão íngreme que, quando uma pessoa se encontra no planalto de cada um dos lados, enxerga por cima dele, a não ser que esteja próxima o bastante para olhar por baixo. As casas da cidade velha — a face afastada de nós — são todas de telhado vermelho, e parecem amontoar-se uma em cima da outra desordenadamente, como nas imagens que vemos de Nurembergue. Bem acima da cidade ficam as ruínas da abadia de Whitby, que foi pilhada pelos dinamarqueses, e que serve de cenário de parte de Marmion,¹¹ onde a garota foi emparedada. São ruínas magnânimas, imensas e cheias de detalhes belos e românticos; uma lenda reza que uma dama branca é vista em uma das janelas. Entre as ruínas e a cidade há outra igreja, a paroquial, ao redor da qual há um grande cemitério, todo cheio de lápides. Este é na minha opinião o lugar mais agradável de Whitby, pois fica bem acima da cidade, e oferece uma vista completa do porto e de toda a baía até onde o promontório chamado Kettleness se estende mar adentro. Ele desce tão íngreme sobre o porto que parte da encosta cedeu, e alguns dos túmulos foram destruídos. Em determinado trecho, parte da alvenaria dos túmulos se estende por sobre o caminho arenoso lá embaixo. Há calçadas, margeadas de bancos, cortando o pátio da igreja; e as pessoas ficam sentadas ali o dia todo apreciando a bela vista e desfrutando a brisa. Virei sentar-me aqui com muita frequência para trabalhar. De fato, escrevo daqui neste momento, com o meu caderno no colo, e ouço a conversa de três velhos sentados ao meu lado. Parecem não fazer nada o dia inteiro além de ficar sentados a conversar.

O porto fica logo abaixo, tendo, na extremidade mais distante, um grande muro de granito que se estende mar adentro, com uma curva na ponta, no meio da qual há um farol. Um paredão pesado corre ao longo dele. No lado de cá, o paredão forma um cotovelo dobrado invertido, e em sua ponta também há um farol. Entre os dois píeres há uma estreita abertura para o porto, que então subitamente se amplia.

É agradável na maré alta; mas quando a maré está baixa, a água fica rasa na distância até sumir, e vê-se somente o curso do rio Esk, correndo entre os bancos de areia, com rochas aqui e ali. Do lado externo do porto, na face de cá, eleva-se por cerca de meio quilômetro um grande recife, cuja borda afiada se prolonga logo atrás do farol sul. Ao fim dele há uma boia com um sino, que balança com o mau tempo, e produz um som fúnebre carregado pelo vento. Aqui existe uma lenda de que, quando um barco se perde, sinos são ouvidos em alto-mar. Preciso perguntar sobre isso ao velho, ele está vindo na minha direção...

É um velho gozado. Deve ser terrivelmente velho, pois seu rosto é todo nodoso e retorcido feito a casca de uma árvore. Ele me diz que está perto dos cem anos, que foi marinheiro na frota pesqueira da Groenlândia quando Waterloo foi disputada. Ele é, receio, uma pessoa muito cética, pois quando lhe perguntei a respeito dos sinos no mar e da Dama Branca na abadia, ele disse muito bruscamente:

— Eu é que não me apoquentaria com isso, senhorita. São tudo histórias sem cabimento. Ora, não digo que nunca aconteceu, mas digo que no meu tempo já não acontecia. Caem bem a forasteiros e andarilhos, e a gente dessa laia, mas não a uma bela dama feito a senhorita. O tipo de coisa em que acreditam esses peregrinos de York e de Leeds que vivem comendo arenque defumado e bebendo chá e procurando joias baratas para vender. Eu me pergunto quem é que se dá ao trabalho de contar mentiras para eles; talvez os jornais, que são cheios de conversa fiada.



Pensei que ele seria uma boa pessoa com quem aprender coisas interessantes, então lhe perguntei se ele se importaria de me contar algo a respeito da pesca baleeira dos velhos tempos. Ele estava justamente se preparando para começar a falar quando o relógio bateu as 18h, então ele se levantou com esforço e disse:

— Preciso ir andando, senhorita. Minha neta não gosta de ficar

esperando quando o chá está pronto, porque eu demoro para descer todos esses degraus, é muita coisa; além disso, senhorita, a minha barriga começa a roncar de fome ao soar do sino.

Ele partiu mancando, e pude vê-lo descer os degraus com toda a pressa que lhe era possível. Os degraus são uma grande atração do lugar. Levam da cidade até a igreja, são centenas deles — não sei ao certo quantos —, e sobem fazendo uma curva delicada; a inclinação é tão sutil que um cavalo poderia facilmente subir e descer trotando por eles. Creio que originalmente devem ter tido algo a ver com a abadia. Também eu vou para casa. Lucy saiu para fazer visitas com a mãe, e como eram apenas de cortesia, eu não fui. Estarão em casa a esta altura.

1º de agosto — Voltei para cá com Lucy faz uma hora, e tivemos uma conversa das mais interessantes com meu amigo de idade e os outros dois que sempre vêm se juntar a ele. Ele é evidentemente o Senhor Oráculo deles, e penso que, em seu tempo, deve ter sido uma pessoa bastante autoritária. Ele nada tolera, e prevalece sobre os outros. Quando não consegue contra-argumentar, intimida-os, então toma o silêncio deles como consentimento a suas opiniões. Lucy estava um doce em seu vestido de linho branco; ela ganhou uma cor bonita desde que veio para cá. Reparei que os velhos não perderam tempo em se aproximar e sentar perto dela quando nos acomodamos. Ela é tão simpática com os mais velhos; acho que todos eles se apaixonam por ela na hora. Até o meu velho sucumbiu e não a contradisse, mas em vez disso redobrou a carga contra mim. Questionei-o acerca do tema das lendas, e ele logo iniciou uma espécie de sermão. Preciso tentar lembrá-lo e anotá-lo:

— É tudo conversa fiada, de cabo a rabo; é só isso, nada mais. Esse negócio de visão e maldição e aparição e assombração e bicho-papão e tudo o mais só serve para fazer a criançada e a mulherada tonta chorar. Não passam de palavras ocas. Isso e todos os presságios e sinais e avisos são tudo invenção de padres e espertalhões mal-intencionados e ambulantes de ferrovias para assustar e afugentar os apatetados, e levar o povo a fazer algo que não fariam. Eu fico inconformado ao pensar nessa gente. Ora, e são eles que, não satisfeitos em imprimir mentiras no papel e pregá-las de cima dos púlpitos, querem também talhá-las nas lápides. Pode olhar na direção que quiser; todas essas pedras, de cabeça erguida de tanta vaidade, estão desabando, simplesmente caindo sob o peso das mentiras escritas nelas: “Aqui jaz” ou “Consagrado à memória de” em todas

elas, quando nem metade tem algum corpo enterrado; e não ligam a mínima para a memória deles, que dirá consagrá-las. Mentiras somente, nada além de mentiras, de um tipo ou de outro! Meu Deus, que confusão danada vai ser quando no Dia do Juízo Final eles saírem tropeçando em suas mortalhas, todos embolados e tentando arrastar as lápides consigo para provar como foram bons em vida; alguns tiritando e cambaleando, com as mãos tão enrugadas e escorregadias de ficar no mar que não vão conseguir segurar as pedras.

Pude ver pelo ar satisfeito do velho camarada, e pela maneira como olhava ao redor em busca da aprovação dos cupinchas, que ele estava “se mostrando”, então acrescentei algumas palavras para fazê-lo prosseguir:

— Ah, sr. Swales, não pode estar falando sério. Certamente estas lápides não estão todas erradas.

— Deveras! Pode ser que bem poucas não estejam erradas, só aquelas que não pintam uma imagem muito favorável do morto; porque quando se trata da própria sardinha, tem gente que puxa a brasa para si. É tudo mentira. Agora veja; a senhorita é uma forasteira, e topa com esse critério. — Assenti com a cabeça, pois achei melhor fazê-lo, embora não entendesse bem seu dialeto. Eu sabia que tinha algo a ver com a igreja. Ele prosseguiu: — E a senhorita imagina que todas essas lápides falem sobre gente enterrada aqui, tudo nos conformes? — Assenti de novo. — Pois é aí que começa a mentirada. Ora, há um bocado dessas covas vazias, mais vazias que uma caixa de tabaco Dun numa noite de sexta-feira. — Ele acotovelou um dos companheiros, e todos riram. — E Deus meu! Como podia ser diferente? Veja aquela ali, a mais para lá do pátio; leia!

Fui lá e li:

“Edward Spencelagh, mestre marinheiro, morto por piratas na costa de Andres, abril de 1854, aetat 30.”

Quando voltei, o sr. Swales prosseguiu:

— Quem o trouxe para enterrá-lo em casa, eu me pergunto? Morto na costa de Andres! E a senhorita imagina que o corpo dele está a sete palmos! Ora, eu poderia citar uma dúzia de ossadas que jazem lá em cima nos mares da Groenlândia — ele apontou para o norte — ou aonde as correntes devem tê-las levado. Mas eis as lápides ao seu redor. Com os seus olhos jovens a senhorita consegue ler daqui as mentiras em letra miúda. Este tal Braithwaite Lowrey, conheci o pai dele, morto no Lively, ao largo da Groenlândia, em 1820; ou Andrew Woodhouse, afogado nas mesmas águas em 1777; ou John Paxton, afogado ao largo do cabo Farewell um ano depois; ou o velho John

Rawlings, cujo avô navegou comigo, afogado no golfo da Finlândia em 1850. Acha mesmo que todos esses homens voltam às pressas para Whitby quando soa a trombeta? Tenho lá as minhas dúvidas! Eu lhe digo que quando chegam aqui devem se engalfinhar e se empurrar como nas brigas no gelo de antigamente, quando avançávamos uns nos outros do raiar do dia até o anoitecer, e tentávamos tratar nossas feridas à luz da aurora boreal.

Isso era evidentemente uma pilhéria local, pois o homem gargalhou, e seus cupinchas o acompanharam satisfeitos.

— Mas — eu disse —, o senhor não está de todo correto, pois parte do princípio de que toda a pobre gente, ou seus espíritos, terão que levar as lápides consigo no Dia do Juízo Final. Realmente acha que isso será necessário?

— Ora, para que mais servem as lápides? Responda-me essa, senhorita!

— Para consolar os parentes, suponho.

— Para consolar os parentes, supõe! — disse isso com ostensivo escárnio. — Como pode ser de algum consolo saber que estão cheias de mentiras, e que todo mundo sabe que não passam de mentiras? — Ele apontou para uma pedra aos nossos pés que havia sido disposta como uma laje, sobre a qual o banco repousava, perto da encosta do penhasco. — Leia as mentiras naquela lápide ali — disse ele.

As letras estavam invertidas para mim, mas Lucy estava de frente para elas, então se inclinou e leu:

— “Consagrada à memória de George Canon, que morreu, na esperança de uma ressurreição gloriosa, em 29 de julho de 1873, ao cair dos rochedos em Kettleness. Este túmulo foi erguido por sua pesarosa mãe para o filho querido. Era filho único, e a mãe era viúva.” Francamente, sr. Swales, não vejo nada de engraçado nisso! — Ela fez esse comentário com muita gravidade e certa severidade.

— A senhorita não vê nada de engraçado! Rá, rá! É porque não entende que a pesarosa mãe era uma praga que o odiava por ser aleijado, nascera todo troncho, e ele a odiava tanto que cometeu suicídio para que ela não pudesse resgatar um seguro que ela fez para ele. Ele arrebentou bem rente o tampo da cabeça com um mosquete velho que eles usavam para afugentar os corvos. Não adiantou nada, porque acabou atraindo moscas e urubus. Foi assim que despencou dos rochedos. E, quanto à esperança de uma ressurreição gloriosa, quantas vezes não o ouvi dizer que esperava ir para o inferno, pois a mãe era tão devota que ela certamente iria para o céu, e ele não queria pisar onde ela estivesse? Então, o que essa pedra é — ele a

marretou com a bengala enquanto falava — senão um monte de mentiras? E como o anjo Gabriel vai rir quando Geordie surgir ofegante nas escadarias com a lápide equilibrada na corcunda, e pedir que seja usada como prova!

Eu não soube o que dizer, mas Lucy desviou a conversa ao falar, enquanto se levantava:

— Ah, por que nos falou sobre isso? É o meu banco favorito, e não desejo abandoná-lo; e agora descubro que terei de continuar sentada na cova de um suicida.

— Isso não vai lhe fazer mal, minha boniteza; e talvez possa alegrar o pobre Geordie ter uma rapariga tão esbelta sentada em seu colo. Isso não vai machucá-la. Ora, eu sento aqui noite e dia por já quase vinte anos, e não me fez mal nenhum. Não se apoquente com quem jaz ou não jaz embaixo de seus pés! Chegará a hora de a senhorita se assustar quando vir as lápides todas sendo levadas, e o lugar tão vazio como um campo depois da colheita. Eis o relógio, preciso ir. Às suas ordens, senhoritas! — E lá se foi ele claudicando.

Lucy e eu permanecemos sentadas um pouco, e tudo era tão belo diante de nós que nos demos as mãos; e ela voltou a me contar a respeito de Arthur e do casamento iminente. Isso me fez sentir uma pontada de saudade, pois eu não tenho notícias de Jonathan faz um mês.

Mesmo dia — Voltei para cá sozinha, pois estou muito triste. Não havia cartas para mim. Espero que não tenha acontecido nada com Jonathan. O relógio acaba de soar as 21h. Vejo as luzes espalhadas por sobre toda a cidade, às vezes em fileiras onde estão as ruas, e às vezes sozinhas; elas correm até o Esk e somem na curva do vale. À minha esquerda, a visão é cortada pela linha negra do telhado da casa antiga que fica colada à abadia. As ovelhas e os carneiros estão balindo ao longe nos campos atrás de mim, e ouve-se o bater dos cascos de um burro na estrada pavimentada lá embaixo. A banda está no píer tocando uma valsa estrepitosa e bem cadenciada, e logo adiante do cais está havendo uma reunião do Exército de Salvação numa rua transversal. Nenhuma das duas bandas ouve a outra, mas daqui de cima ouço e vejo ambas. Eu me pergunto onde Jonathan está e se está pensando em mim! Queria que ele estivesse aqui.

5 de junho — O caso de Renfield torna-se cada vez mais interessante à medida que começo a entender o homem. Ele tem algumas qualidades muito bem desenvolvidas; egoísmo, reserva e resolução. Quem me dera conseguir alcançar o objeto desta última. Ele parece ter um plano pessoal estabelecido, mas ainda não sei dizer do que se trata. Sua qualidade redentora é o amor pelos animais, embora, na realidade, ela apresente reviravoltas tão curiosas que às vezes imagino que ele é apenas anormalmente cruel. Seus animais de estimação são esquisitos. Seu passatempo atual é apanhar moscas. Tem no momento uma tal quantidade que eu próprio tive de censurá-lo. Para meu espanto, ele não irrompeu em um acesso de fúria, como eu esperava, mas reagiu à questão com a maior seriedade. Refletiu por um instante e então disse:

— Poderia me dar três dias? Vou me livrar delas.

É claro, eu disse que daria. Devo observá-lo.

18 de junho — Ele agora voltou sua atenção para as aranhas, e guarda vários espécimes das grandes numa caixa. Anda alimentando-as com as suas moscas, e o número destas tem diminuído sensivelmente, embora ele tenha usado metade da própria comida para atrair mais moscas para o seu quarto.

1º de julho — Suas aranhas agora estão se tornando um aborrecimento tão grande quanto as suas moscas, e hoje eu lhe disse que ele precisava livrar-se delas. Ele pareceu muito triste, então eu lhe disse que ele deveria se livrar de pelo menos algumas. A isto ele aquiesceu alegremente, e lhe concedi o mesmo tempo de antes para exterminá-las. Muito me desagradou ficar com ele, pois quando uma horrenda mosca-varejeira, empanturrada de carniça, entrou zunindo no quarto, ele a apanhou, segurou-a exultante por um momento entre o indicador e o polegar, e, antes que eu pudesse entender o que ele estava fazendo, colocou-a na boca e comeu-a. Repreendi-o por isso, mas ele argumentou calmamente que se tratava de um alimento muito bom e saudável; que era vida, vigorosa vida, e dava-lhe vida. Isso me deu uma ideia, ou rudimentos de uma. Devo observar como ele se livra das aranhas. Ele evidentemente anda às voltas com um grave problema, pois mantém um pequeno caderno no qual está sempre rabiscando alguma coisa. Páginas inteiras estão preenchidas com montes de cifras, em geral grupos de algarismos somados, e depois somados a outros, como se ele estivesse “auditando” um cálculo, como

dizem os contadores.

8 de julho — Há um método em sua loucura, e a ideia rudimentar começa a tomar forma em minha mente. Em breve será uma ideia completa, e então, ah, raciocínio inconsciente — você terá que ceder sua vez ao irmão consciente! Mantive distância do meu amigo por uns dias, de modo que pudesse notar alguma mudança. As coisas permanecem como antes, exceto que ele deu fim a alguns animais e tem agora um novo. Consegui apanhar um pardal, e já o amansou parcialmente. Seus meios de amansamento são simples, pois as aranhas já diminuíram de número. Aquelas que permaneceram, no entanto, são bem alimentadas, pois ele ainda atrai as moscas seduzindo-as com a própria comida.

19 de julho — Estamos progredindo. Meu amigo agora tem uma colônia inteira de pardais, e suas moscas e aranhas estão quase liquidadas. Quando entrei, ele correu até mim e disse que queria me pedir um grande favor — um grandessíssimo favor; e conforme falava, me adulava como a um cão. Perguntei-lhe o que era, e ele disse, com uma espécie de arrebatamento na voz e nos modos:

— Um gatinho, um belo, pequeno e macio filhotinho brincalhão, com que eu possa brincar, e ensinar, e alimentar... e alimentar... e alimentar!

Eu não estava despreparado para esse pedido, pois havia notado como seus animais aumentavam em tamanho e vivacidade, mas não me importava que sua bela família de pardais domesticados fosse aniquilada da mesma maneira que as moscas e as aranhas; então eu disse que pensaria a respeito, e perguntei-lhe se não preferiria antes ter um gato adulto a um filhote. Sua avidez traiu-o ao responder:

— Ah, sim, eu gostaria de um gato! Pedi um filhote para o caso de você me recusar um adulto. Ninguém me recusaria um filhotinho, recusaria?

Eu balancei a cabeça, e disse que no momento temia que não fosse possível, mas que eu pensaria a respeito. Seu semblante desabou, e pude ver um presságio de perigo, pois nele havia um súbito e feroz olhar de esguelha cuja intenção era matar. O homem é um maníaco homicida em potencial. Hei de pôr à prova a sua avidez atual e ver como ele irá se sair; então saberei mais.

22h — Visitei-o novamente e achei-o sentado a um canto

remoendo-se. Quando entrei, ele atirou-se de joelhos à minha frente e implorou que o deixasse ter um gato; que sua salvação dependeria disso. Fui firme, no entanto, e lhe disse que ele não poderia tê-lo, então ele ficou mudo, e permaneceu sentado, roendo as unhas, no canto onde eu o havia achado. Voltarei para vê-lo amanhã cedo.

20 de julho — Visitei Renfield bem cedo, antes da ronda do assistente. Encontrei-o acordado e cantarolando. Espalhava a sua porção de açúcar, que ele havia poupado, na janela, e estava manifestamente retomando a sua perseguição às moscas; e fazendo-o com alegria e bom humor. Procurei por seus pássaros, e ao não vê-los perguntei-lhe onde é que estavam. Ele respondeu, sem se virar, que haviam todos ido embora voando. Havia algumas penas pelo quarto e, em seu travesseiro, uma gota de sangue. Eu não falei nada, mas fui dizer ao zelador que me reportasse se acontecesse algo esquisito com Renfield durante o dia.

11h — O enfermeiro acaba de vir me dizer que Renfield esteve passando muito mal e que regurgitou um punhado de penas.

— Sou da opinião, doutor — disse ele —, de que ele comeu os pássaros, que simplesmente os pegou e comeu crus!

23h — Dei a Renfield um forte opiáceo hoje, o bastante para fazê-lo dormir, e peguei sua caderneta para repassá-la. O pensamento que vem ressoando em minha cabeça ultimamente está completo, e a teoria, comprovada. Meu maníaco homicida é de um tipo peculiar. Precisarei de uma nova classificação para ele, vou chamar-lhe de um maníaco zoófago (devorador de vidas); seu desejo é absorver quantas vidas puder, e ele se propõe a consegui-lo de maneira cumulativa. Ele dá muitas moscas para uma aranha e muitas aranhas para um pássaro, e por isso queria um gato para comer os muitos pássaros. Quais teriam sido seus próximos passos? Quase valeria a pena completar o experimento. Poderia ser feito caso houvesse ao menos uma causa suficiente. A humanidade zombou da vivissecação, e contudo veja os seus resultados hoje! Por que não fazer progredir a ciência em sua faceta mais espinhosa e vital — o conhecimento do cérebro? Tivesse eu o segredo de uma mente como esta — segurasse eu a chave para a fantasia de um só lunático —, poderia levar ao ápice o meu próprio ramo científico, diante do qual a fisiologia de Burdon-Sanderson e o conhecimento neurológico de Ferrier nada seriam. Se ao menos

houvesse uma causa suficiente! Não devo pensar demais nisto, ou ficarei tentado; uma causa suficiente pode vir a me favorecer, pois não será talvez possível que eu tenha, geneticamente, um cérebro excepcional?

Como raciocinava bem o homem; como o fazem sempre os lunáticos dentro de suas limitações. Pergunto-me quantas vidas vale a vida de um homem, ou se uma só basta. Ele encerrou o cálculo de forma muito acurada, e hoje começou um novo registro. Quantos de nós começam um novo registro a cada dia de nossas vidas?



A mim me parece que ontem mesmo toda a minha vida se encerrou com minha nova esperança, e que eu de fato comecei um novo registro. Assim será até que o Grande Contador faça a minha soma e encerre a minha conta no livro contábil com um balanço de lucro ou prejuízo. Ah, Lucy, Lucy, não consigo ter raiva de você, nem consigo ficar bravo com meu amigo cuja felicidade representa a sua; mas devo apenas continuar sem esperanças e trabalhar. Trabalhar! Trabalhar!

Se ao menos eu tivesse uma causa tão forte quanto a do meu pobre

amigo louco — uma causa boa, altruísta, que me fizesse trabalhar — isso seria de fato a felicidade.

Diário de Mina Murray

26 de julho — Estou aflita, e expressar-me aqui me acalma; é como sussurrar para si e ouvir-se ao mesmo tempo. E também há qualquer coisa nos símbolos da taquigrafia que a torna diferente da escrita. Estou infeliz em relação a Lucy e a Jonathan. Eu não tinha notícias de Jonathan havia já algum tempo, e estava muito preocupada; mas ontem o caro sr. Hawkins, que é sempre tão gentil, encaminhou-me uma carta dele. Eu lhe escrevera perguntando se ele tivera notícias de Jonathan, e ele disse que a carta anexa havia acabado de chegar. É apenas uma linha enviada do castelo Drácula, e diz que ele está partindo para casa. Isso não é do feitio de Jonathan; não entendo, e me deixa inquieta. Além disso, Lucy, embora esteja tão bem, ultimamente retomou seu velho hábito de caminhar durante o sono. A mãe dela falou comigo sobre isso, e decidimos que irei trancar a porta de nosso quarto toda noite. A sra. Westenra acredita que os sonâmbulos sempre sobem nos telhados das casas e andam à beira de penhascos e então acordam subitamente e despencam com um grito desesperador que ecoa por toda parte. Pobrezinha, está naturalmente aflita por causa de Lucy, e me diz que o marido dela, o pai de Lucy, tinha o mesmo hábito; que ele se levantava de noite e se vestia e saía, caso não o impedissem. Lucy vai se casar no outono, e já está planejando os vestidos e a organização da casa. Compadeço-me dela, pois faço o mesmo, só que Jonathan e eu começaremos a vida de uma maneira muito simples e teremos ambos de tentar nos arranjar. O sr. Holmwood — melhor, o honorável Arthur Holmwood, filho único de lorde Godalming — virá para cá muito em breve — assim que conseguir deixar a cidade, pois o pai não está muito bem, e aposto que a querida Lucy está contando as horas para ele chegar. Ela quer levá-lo ao banco à beira do penhasco no pátio da igreja e mostrar-lhe as maravilhas de Whitby. Ouso dizer que aquilo que a atormenta é a espera; ela ficará bem quando ele chegar.

27 de julho — Sem notícias de Jonathan. Estou ficando muito inquieta por causa dele, embora eu não saiba o porquê; mas desejaria que me escrevesse, ainda que fosse uma única linha. Lucy caminha durante o sono mais do que nunca, e toda noite acordo com ela

andando pelo quarto. Felizmente o tempo está tão quente que ela não tem como se resfriar; mesmo assim, a aflição e o perpétuo despertar estão começando a me afetar, e eu mesma estou ficando nervosa e insone. Graças a Deus a saúde de Lucy não se alterou. O sr. Holmwood foi subitamente chamado a Ring para ver o pai, que ficou gravemente enfermo. Lucy está zangada com o adiamento do encontro, mas isso não afeta sua aparência; está um tantinho mais robusta, e suas faces, de um adorável cor-de-rosa. Perdeu aquele olhar anêmico que tinha. Oro para que tudo perdure.



3 de agosto — Outra semana se passou, e nenhuma notícia de Jonathan, nem mesmo aos cuidados do sr. Hawkins, que me escreveu. Ah, espero que ele não esteja doente. Ele certamente teria escrito. Olho para aquela última carta dele, mas de alguma forma ela não me convence. Não soa como ele, e no entanto é a sua letra. Disso não há dúvida. Lucy não caminhou muito no sono na última semana, mas está tomada de uma estranha concentração que não sou capaz de entender; mesmo no sono parece estar me observando. Ela tenta abrir a porta e, encontrando-a fechada, zanza pelo quarto à procura da chave.

6 de agosto — Mais três dias, e nenhuma notícia. Esse suspense

está ficando apavorante. Se eu ao menos soubesse para onde escrever ou para onde ir, eu me sentiria melhor; mas ninguém recebeu uma palavra de Jonathan desde aquela última carta. Devo apenas orar a Deus por paciência. Lucy está mais excitável que nunca, mas de resto está bem. A noite de ontem foi muito alarmante, e os pescadores dizem que uma tempestade vem vindo. Preciso tentar observar e aprender os sinais do tempo. Hoje faz um dia cinza, e o sol, enquanto escrevo, está escondido atrás de nuvens espessas, bem acima de Kettleness. Tudo está cinza — exceto a relva verde, que parece esmeralda por contraste; rochedos de um cinzento terroso; nuvens cinzentas, coloridas pelos raios de sol no outro extremo, pendem acima do mar cinzento, sobre o qual as faixas de areia se esticam feito dedos cinzentos. O mar tomba nos baixios e nos abrolhos com um rugido, abafado pelas brumas marítimas que avançam para o continente. O horizonte perde-se numa névoa cinzenta. Tudo é amplidão; as nuvens estão amontoadas feito rochas gigantes, e acima do mar se ouve um estrondo que parece um presságio apocalíptico. Figuras escuras aparecem na praia aqui e ali, às vezes semiencobertas pela névoa, e lembram “homens feito árvores, andando”¹². Os barcos pesqueiros rumam para casa, e empinam e mergulham na elevação das águas à medida que seguem para dentro do atracadouro, dobrados pelos embornais. Aí vem o velho sr. Swales. Está vindo direto na minha direção, e posso ver, pela maneira como levanta o chapéu, que quer conversar...

Fiquei muito comovida com a mudança no pobre do homem. Quando ele se sentou ao meu lado, falou de uma maneira muito gentil:

— Quero lhe dizer uma coisa, senhorita.

Eu vi que ele não estava à vontade, então tomei sua pobre mão enrugada na minha e pedi-lhe que falasse tudo; então ele disse, deixando a mão na minha:

— Receio, minha cara, que devo ter chocado a senhorita com todas aquelas coisas horríveis que fiquei falando sobre os mortos, e tais e quais, semanas atrás; mas não falei para valer, e quero que se lembre disso quando eu não estiver mais aqui. Nós, velhos que estamos desenganados e com um pé na cova, não gostamos nem um pouco de pensar nisso, e não queremos sentir medo nenhum disso; e foi aí que eu dei para fazer piada disso, para poder animar um pouco o meu coração. Mas senhorita, e que o Senhor a guarde, eu não tenho medo de morrer, nem um pouco; só não quero morrer, se eu puder evitar. Minha hora deve estar bem perto agora, pois eu sou velho, e cem anos

é tempo demais para qualquer homem; e estou tão perto dela que o Velho Ceifador já deve estar afiando a foice. Veja você, não consigo largar de vez o hábito de fazer troça disso; as línguas continuam dando nos dentes como sempre. Algum dia desses o Anjo da Morte vai soar a trombeta para mim. Mas para quê tristeza, minha cara! — Pois ele viu que eu estava chorando. — Se ele viesse esta noite mesmo eu não recusaria o seu chamado. Pois a vida, afinal de contas, talvez seja apenas esperar por algo diferente daquilo que estamos fazendo; e a morte é tudo com que dá para a gente contar. Mas estou contente, pois ela está chegando para mim, minha cara, e rápido. Pode estar chegando enquanto estamos observando e pensando. Talvez seja aquele vento ali sobre o mar que esteja trazendo perda e destruição, e dor e anseio, e tristeza aos corações. Olhe! Olhe! — ele exclamou subitamente. — Tem algo naquele vento e no céu logo além que tem som e aparência e gosto e cheiro de morte. Está no ar; sinto ela chegando. Senhor, me faça responder com alegria quando ouvir meu chamado!

Ele ergueu os braços devotamente, e levantou o chapéu. Sua boca se mexia como se estivesse rezando. Após alguns minutos de silêncio, ele se levantou, apertou minha mão e me abençoou, e disse adeus, e saiu claudicando. Tudo aquilo me comoveu e me perturbou sobremaneira.

Alegrei-me quando o guarda costeiro se aproximou, com sua luneta debaixo do braço. Ele parou para falar comigo, como sempre faz, mas o tempo todo permaneceu olhando para um estranho navio.

— Não consigo identificar — disse ele. — É russo, a julgar pela aparência, mas está gingando do jeito mais esquisito. Não sabe o que está fazendo; parece ver a tempestade se armando, mas não consegue decidir se vai para o norte em mar aberto ou se atraca aqui. Olhe só para aquilo! Virou de uma maneira muito estranha, não deve estar obedecendo a mão que está no leme; é jogado a cada sopro de vento. Amanhã já teremos ouvido falar dele antes desta mesma hora.

11 Longo romance em versos publicado em 1808, de autoria do escocês Sir Walter Scott (1771—1832).

12 Referência bíblica a Marcos, 8:24.

CAPÍTULO 7

Recorte do jornal The Dailygraph, 8 de agosto
(Colado no diário de Mina Murray)

De um correspondente,
Whitby

Uma das maiores e mais súbitas tempestades já registradas acaba de ocorrer aqui, com resultados tão estranhos quanto singulares. O tempo tem estado um tanto abafado, o que está longe de ser incomum para o mês de agosto. A noite de sábado foi agradável como nunca, e um grande número de transeuntes fez passeios em Mulgrave Woods, Robin Hood's Bay, Rig Mill, Runswick, Staithes, e várias excursões nas cercanias de Whitby. Os vapores Emma e Scarborough iam e voltavam pela costa, e houve uma quantidade surpreendente de “deslocamento” tanto partindo de Whitby como em direção à cidade. O dia foi surpreendentemente agradável até o cair da tarde, quando algum dos fofoqueiros que frequentam o adro da igreja de East Cliff, e que daquela elevada altura observam a ampla faixa de mar visível a norte e a leste, chamaram a atenção para uma repentina aparição das nuvens conhecidas como “rabos de égua” muito alto na porção noroeste do céu. O vento então soprava do sudoeste com a amenidade que, na linguagem barométrica, é classificada como “Nº 2: brisa leve”. O guarda costeiro de plantão imediatamente relatou-a, e um velho pescador, que por mais de meio século vem observando sinais do tempo dali de East Cliff, prenunciou de maneira enfática a aproximação de uma tempestade súbita. O despontar do crepúsculo foi tão bonito, tão grandioso com suas massas de nuvens esplendidamente coloridas, que acabou por gerar, na calçada ao longo do penhasco do velho adro da igreja, um

agrupamento considerável para apreciar a vista. Antes que o sol mergulhasse atrás do escuro maciço de Kettleness, que se ergue arrojado de través na porção ocidental do céu, sua descida foi marcada por miríades de nuvens de todas as cores do poente — rubro, púrpura, rosa, verde, violeta e todos os matizes do ouro; salpicado aqui e ali de massas não tão grandes, mas de negrura aparentemente absoluta, de todos os tipos de formatos e dotadas de silhuetas colossais. A experiência não passou batida pelos pintores, e sem dúvida alguns desenhos intitulados Prelúdio à Grande Tempestade irão prestigiar as paredes da Academia Real e do Instituto Real em maio próximo. Mais de um capitão resolveu ali mesmo que suas “chatas” ou “mulas”, conforme classificam as suas diferentes embarcações, permaneceriam no porto até que a tempestade passasse. O vento soprou com força a noite toda, e à meia-noite fez-se uma tranquilidade mortal, um calor abafado e aquela intensidade predominante que, à aproximação de um trovão, afeta os seres de natureza sensível. Havia pouquíssimas luzes à vista no mar, pois mesmo os vapores costeiros, que costumam “abraçar” o litoral tão de perto, mantiveram-se bem ao largo, e pouquíssimos barcos de pesca estavam à vista. A única vela visível era uma escuna estrangeira com todas as velas içadas, que aparentemente ia na direção oeste. A imprudência ou ignorância dos oficiais foi tema de abundantes comentários durante o tempo que a embarcação permaneceu à vista, e foram feitos esforços para sinalizar que ela reduzisse a velocidade em face ao perigo. Antes de cair a noite, ela foi vista com as velas batendo indolentemente enquanto oscilava nas ondas encrespadas do mar, “tão indolente como um navio pintado numa pintura de oceano”.¹³

Pouco antes das 22h, a imobilidade do ar tornou-se bastante opressiva, e o silêncio era tão acentuado que o balir de uma ovelha lá no continente ou o ladrar de um cão lá na cidade era ouvido nitidamente, e a banda no píer, com seu vívido ar francês, era quase uma dissonância na grande harmonia da quietude da natureza. Pouco depois da meia-noite ouviu-se um estranho som vindo do mar, e lá nas alturas produziu-se um ribombo estranho, vago, cavernoso.

Então, sem aviso, a tempestade desabou. Com uma rapidez que, no momento, pareceu incrível, e mesmo mais tarde é

impossível de compreender, toda a feição da natureza logo se convulsionou. As ondas se ergueram com fúria crescente, cada uma se sobrepondo à sua companheira, até que em pouquíssimos minutos o mar outrora vítreo era como um monstro vociferante e devorador. Ondas de cristas brancas batiam loucamente nos areais e subiam pelas escarpas; outras quebravam sobre os píeres, e com sua espuma lambiam as lanternas dos faróis que se erguiam na extremidade de cada píer do porto de Whitby. O vento rugia feito um trovão, e soprava com tamanha força que foi com dificuldade que mesmo homens fortes se mantiveram em pé, ou se agarraram com desespero às pilastras. Fez-se necessário evacuar um grande número de espectadores dos píeres, caso contrário as fatalidades da noite teriam sido volumosas. Somando-se às dificuldades e aos perigos climáticos, véus de bruma marítima invadiram o continente — nuvens brancas e molhadas, que vagavam de um jeito fantasmagórico, tão úmidas e pegajosas e frias que foram precisos pouquíssimos esforços de imaginação para concluir que os espíritos daqueles que se perderam no mar estavam agora tocando seus irmãos viventes com as mãos viscosas da morte, e muitos estremeceram conforme os condensados de bruma marítima passavam. Por vezes a névoa sumia, e o mar, por alguma extensão, podia ser visto ao clarão dos raios, que agora caíam enormes e rápidos, seguidos de tamanhos estrondos relampejantes que todo o céu parecia tremer sob o assalto do tumulto da tempestade.

Algumas das cenas que então se desenrolaram foram de imensa grandeza e cativante interesse: o mar, ganhando altura de montanhas, atirava para o céu possantes massas de espuma branca, que a tempestade parecia agarrar e turbilhonar até fazer sumir no espaço; aqui e ali um barco de pesca, com um trapo fazendo as vezes da vela, corria loucamente em busca de abrigo antes do estrondo; vez por outra viam-se as asas brancas de uma ave marinha arrastada pela tempestade. No topo de East Cliff o novo holofote estava pronto para ser inaugurado, mas não tinha ainda sido usado. Os oficiais encarregados puseram-no em funcionamento e, nas tréguas da névoa entrante, varreram a superfície do mar com ele. Por uma ou duas vezes seu serviço foi muito eficaz, como quando um barco pesqueiro, com a amurada debaixo d'água, conseguiu correr até o porto, orientado por aquela luz protetora, evitando o

perigo de se chocar contra os píeres. A cada barco que alcançava a segurança do porto ouvia-se um grito de júbilo da multidão de pessoas no litoral, um grito que por um momento parecia sobressair no vendaval e então era arrebatado pela fúria deste.

Dentro em pouco, o holofote descobriu, a alguma distância, uma escuna com todas as velas içadas, aparentemente a mesma embarcação que fora notada mais cedo naquela noite. O vento, àquela altura, havia recuado para o leste, e os observadores no penhasco estremeceram ao perceber o terrível perigo em que a embarcação agora se encontrava. Entre ela e o porto havia um grande recife plano no qual tantos bons navios de tempos em tempos pereciam, e, com o vento soprando de sua direção atual, seria quase impossível que ela alcançasse a entrada do porto. Era quase hora da maré alta, mas as ondas estavam tão grandes que, nas vazantes, os abrolhos da costa eram quase visíveis, e a escuna, com todas as velas içadas, corria com tal velocidade que, nas palavras de um velho marujo, “em algum lugar ela deve atracar, ainda que seja no inferno”. Então se seguiu uma precipitação de bruma marítima mais densa do que qualquer outra até o momento — uma massa de neblina úmida, que parecia envolver todas as coisas como uma mortalha cinzenta, e deixar à disposição dos homens apenas o sentido da audição, pois o rugido do trovão e o ribombo das ondas possantes perfuravam aquela úmida letargia com mais intensidade do que antes. Os raios do holofote foram fixados na entrada do porto sobre o Píer Leste, onde o choque era esperado, e os homens aguardaram prendendo a respiração. O vento subitamente mudou para nordeste, e o resquício da bruma marítima dissipou com o estrondo; e então, *mirabile dictu*¹⁴, entre os píeres, galgando as ondas enquanto corria veloz, surgiu a estranha escuna antes do estrondo, com todas as velas içadas, e ganhou a segurança do porto. O holofote seguiu-a, e um calafrio percorreu todos que a avistaram, pois amarrado ao leme havia um cadáver, com a cabeça pendente, que balançava terrivelmente para lá e para cá a cada movimento do barco. Não foi possível ver nenhum outro vulto no convés. Um grande pavor tomou conta de todos quando perceberam que o navio, como que por milagre, encontrara o porto, sendo salvo do desgoverno pelas mãos de um morto! No entanto, tudo aconteceu mais rapidamente do que o tempo que

estas palavras levaram para ser escritas. A escuna não parou, mas, acelerando porto adentro, lançou-se naquela montanha de areia e seixos arrastada pelas abundantes marés e tempestades na porção sudeste do píer logo embaixo de East Cliff, conhecido localmente como píer Tate Hill.

Houve, é claro, considerável abalo quando o barco se chocou contra o monte de areia. Todas as vergas, cordas e cabos se esticaram, e parte da “superestrutura” veio abaixo. Entretanto o mais estranho de tudo é que, no mesmo momento em que o litoral foi atingido, um cão imenso brotou em cima do convés, como se arremessado pelo abalo, e, saindo em disparada, saltou da proa para a areia. Indo direto para a encosta do penhasco, onde o adro da igreja se estende de maneira tão íngreme sobre o caminho para o Píer Leste que algumas das lápides — “tumbas” ou “catacumbas”, conforme são chamadas no vernáculo de Whitby — de fato ficam dependuradas nos locais em que a encosta desabou, o cão desapareceu na escuridão, que parecia ter se adensado ali onde o holofote não alcança.

Acontece que não havia ninguém no píer de Tate Hill naquele momento, uma vez que aqueles que possuem casas nas redondezas estavam ou na cama ou lá no alto. Assim, o guarda costeiro de plantão no lado leste do porto, que de pronto correu até o pequeno píer, foi o primeiro a subir a bordo. Os homens que operavam o holofote, após vasculharem a entrada do porto sem avistar ninguém, lançaram então a luz sobre o navio abandonado e ali a mantiveram. O guarda costeiro correu à popa e, quando chegou perto do leme, inclinou-se para examiná-lo, e crispou-se de imediato como se devido a uma súbita emoção. Isso pareceu despertar a curiosidade geral, e um bom número de pessoas começou a correr. É uma boa distância de West Cliff pela Drawbridge até o píer de Tate Hill, mas este seu correspondente é um corredor razoável, e chegou bem na dianteira da multidão. Ao chegar, contudo, descobri já reunida no píer uma aglomeração, à qual o guarda costeiro e a polícia negaram a subida a bordo. Por cortesia do barqueiro-chefe, eu, na qualidade de seu correspondente, fui autorizado a subir ao convés, e fui um dos seletos que viram o marinheiro morto ainda amarrado ao leme.

Não admira que o guarda costeiro tenha ficado surpreso, espantado até, pois não é com frequência que se vê um tal

espetáculo. O morto estava simplesmente com as mãos atadas, uma em cima da outra, a uma das hastes do leme. Entre a mão que se achava mais próxima do leme e a madeira havia um crucifixo; o rosário no qual este estava pendurado envolvia tanto os pulsos como o leme, e tudo estava amarrado por cordas. O pobre sujeito bem que devia estar sentado, mas o estalar e bater das velas deve ter acabado por movimentar o timão do leme e o arrastado de lá para cá, de modo que as cordas às quais estava atado o haviam retalhado até o osso. Tomou-se nota exata do estado da cena, e um médico — J. M. Caffyn, cirurgião, situado ao número 33 de East Elliot Place —, que chegou imediatamente depois de mim, declarou, após exame, que o homem devia estar morto já havia dois dias. No bolso dele havia uma garrafa, cuidadosamente arrolhada, vazia exceto por um rolinho de papel, que provou ser um adendo ao diário de bordo. O guarda costeiro afirmou que o homem devia ter amarrado as próprias mãos, apertando os nós com os dentes. O fato de um guarda costeiro ter sido o primeiro a subir a bordo pode evitar certas complicações, mais tarde, na Corte do Almirantado; pois guardas costeiros não podem reivindicar os direitos de selvagem, que pertencem ao primeiro civil a entrar num navio abandonado. No entanto, já começam a correr as línguas especializadas, e um jovem estudante de direito alardeia que os direitos do proprietário estão já de todo sacrificados, pois configuram uma contravenção aos estatutos de bens de mão-morta, uma vez que a cana do leme, como um emblema, senão como uma prova, de posse delegada, encontra-se de fato em uma mão morta. Desnecessário dizer que o timoneiro morto foi reverentemente removido do lugar onde manteve sua honrável vigia até a morte — uma perseverança tão nobre quanto a do jovem Casabianca¹⁵ — e levado ao necrotério, onde aguarda investigação.

A súbita tempestade já está passando, e sua ferocidade, amainando; as multidões se dispersam rumo às suas casas, e o céu começa a avermelhar-se sobre os descampados de Yorkshire. Submeterei a tempo para a próxima edição mais detalhes sobre o navio abandonado que aportou de maneira tão milagrosa no meio da tempestade.

Whitby

9 de agosto

O desdobramento da estranha chegada do navio abandonado no meio da tempestade da noite de ontem é quase mais surpreendente do que o ocorrido em si. Acontece que a escuna é russa, de Varna, e se chama Demeter. Seu lastro é quase todo de areia branca, com uma carga muito pequena — algumas grandes caixas de madeira cheias de terra. Este carregamento foi consignado a um procurador de Whitby, o sr. S. F. Billington, situado ao número 7, em Crescent, que esta manhã subiu a bordo e formalmente tomou posse dos bens a ele consignados. O cônsul russo, também, atuando em nome do contrato de fretamento, tomou posse formal do navio, e pagou todas as taxas portuárias etc. Por aqui hoje nada se comentou exceto sobre a estranha coincidência; os oficiais da Câmara do Comércio foram deveras rigorosos em garantir que cada procedimento estivesse de acordo com as normas vigentes. Como o caso parece ser somente “fogo de palha”, estão evidentemente determinados a não deixar margem para reclamações futuras. Tem circulado um grande interesse pelo cão que desembarcou com o encalhe do navio, e mais de um membro da Sociedade de Prevenção à Crueldade com os Animais, que tem forte atuação em Whitby, tentou amparar o bicho. Para decepção geral, no entanto, não houve como encontrá-lo; ele parece ter desaparecido completamente da cidade. Pode ser que tenha se assustado e se dirigido para as charnecas, onde ainda se esconde aterrorizado. Há quem encare com pavor tal possibilidade, receando que ele próprio venha a se tornar um perigo, pois evidentemente se trata de um bicho feroz. Hoje de manhã um cão grande, um mastim mestiço de propriedade de um vendedor de carvão nas proximidades do píer de Tate Hill, foi encontrado morto na estrada de frente ao pátio do dono. Envolveu-se em uma briga, e claramente com um oponente selvagem, pois sua garganta estava cortada, e seu ventre fora rasgado como que por garras selvagens.

Mais tarde

Graças ao inspetor da Câmara do Comércio, foi-me

permitido conferir o diário de bordo do Demeter, que estava atualizado até três dias atrás, mas não continha nada de especial com exceção de informações sobre homens desaparecidos. O grande interesse, no entanto, diz respeito ao conteúdo do papel encontrado na garrafa, que foi hoje revelado no inquérito; e dele se depreende uma narrativa mais estranha do que a que consta no diário de bordo e em seu adendo, e mais estranha do que qualquer coisa que já me passou pelos olhos. Uma vez que não há motivo para acobertamento, fui autorizado a reproduzi-la, e enviar aos leitores uma transcrição fidedigna, omitindo apenas detalhes técnicos de marinha e fretamento. É quase como se o capitão tivesse sido arrebatado por uma espécie de obsessão antes de alcançar o alto-mar, a qual se desenvolveu com persistência ao longo da viagem. É claro que minha afirmação deve ser tomada cum grano¹⁶, já que estou escrevendo a partir do que me foi ditado por um funcionário do cônsul russo, que gentilmente traduziu para mim o documento, a toque de caixa.



Diário de bordo do Demeter
(De Varna para Whitby)

Escrito em 18 de julho, coisas muito estranhas acontecendo,
que vou anotar com exatidão até desembarcarmos.

Em 6 de julho terminamos de carregar o navio com areia

branca e caixas de terra. Ao meio-dia içamos velas. Vento leste, fresco. Tripulação, cinco marujos... dois imediatos, cozinheiro e eu (capitão).

Em 11 de julho no raiar do dia entramos no Bósforo. Embarcaram oficiais da Alfândega turca. Suborno. Tudo certo. Partimos às 16h.

Em 12 de julho cruzamos os Dardanelos. Mais oficiais alfandegários e uma capitânia da guarda costeira. Mais suborno. Inspeção minuciosa, mas rápida. Querem ver-nos partir logo. De noite chegamos ao Arquipelago.

Em 13 de julho chegamos ao cabo Matapan. Tripulação descontente com algo. Parece assustada, mas não quer falar.

Em 14 de julho algo afligindo a tripulação. Todos são sujeitos firmes, que já navegaram antes comigo. Imediato não sabia dizer o que havia de errado; apenas diziam a ele que havia alguma coisa, e faziam o sinal da cruz. Imediato perdeu a cabeça com um deles e o estapeou. Esperava-se uma briga das boas, mas todos calaram.

Em 16 de julho imediato reportou de manhã que um tripulante, Petrofsky, havia desaparecido. Não soube explicar. Assumiu a vigia a bombordo ao badalar das 20h; foi rendido por Abramoff, mas não seguiu para o beliche. Homens mais abatidos que nunca. Disseram que esperavam algo assim, mas apenas falavam que havia alguma coisa a bordo. Imediato perdendo a paciência com eles; temo problemas adiante.

Em 17 de julho, ontem, um dos homens, Olgaren, veio à minha cabine, e foi com perplexidade que me confidenciou que pensava haver um homem estranho a bordo do navio. Disse que durante a vigia ficara abrigado atrás da cabine do convés, já que caía um temporal, quando viu um homem alto, magro, diferente de todos da tripulação, subir pela escada do tombadilho, seguir adiante no convés e desaparecer. Ele o seguiu com cautela, mas quando chegou à proa não achou ninguém, e as escotilhas estavam todas fechadas. Está tomado de pânico e medo supersticioso, e eu, do medo de que o pânico se espalhe. Para acalmá-lo, vou hoje mesmo vasculhar cuidadosamente todo o navio da popa à proa.

Mais tarde no mesmo dia reuni toda a tripulação e lhes disse que, como evidentemente eles achavam que havia alguém no navio, nós iríamos procurar da popa à proa. Primeiro imediato se enfureceu; disse que era loucura, e que consentir

com ideias tão tolas desanimaria o pessoal; disse que se comprometeria a afastar o perigo com uma barra de cabrestante. Permitti que ele assumisse o leme, enquanto os demais empreendiam minuciosa busca, a um braço de distância uns dos outros, com lanternas; não deixamos um só canto intacto. Como só havia as grandes caixas de madeira, não havia nenhum canto onde um homem pudesse se esconder. Homens muito aliviados ao fim da busca, voltaram alegres ao trabalho. Primeiro imediato abriu uma carranca, mas não disse nada.

22 de julho — Tempo cerrado nos últimos três dias, e todos os marujos ocupados com as velas — sem tempo para medo. Os homens parecem ter esquecido seus temores. Imediato animado de novo, e todos em bons termos. Parabenizei os homens pelo trabalho no meio de mau tempo. Chegamos a Gibraltar e saímos nos Estreitos. Tudo vai bem.

24 de julho — Parece haver uma maldição sobre o navio. Já com um marujo a menos, e entrando na baía de Biscaia com tempo ruim adiante, e contudo ontem à noite outro homem perdido — desaparecido. Como o primeiro, terminou a vigia e não voltou a ser visto. Todos os homens com medo, em pânico; fizeram um abaixo-assinado exigindo vigia dupla, porque temem ficar sozinhos. Imediato furioso. Teme que haverá problemas, que ele ou os homens vão partir para a violência.

28 de julho — Quatro dias de inferno, sendo arrastados por uma espécie de turbilhão, e no meio de um vendaval. Ninguém consegue dormir. Homens exauridos. Nem sei se teremos uma vigia, já que ninguém está apto para seguir em frente. Segundo imediato se voluntariou para guiar e vigiar, e deixou os homens recuperarem umas horas de sono. Vento amainando; mares ainda terríveis, mas os sentimos menos, com navio mais firme.

29 de julho — Mais uma tragédia. Vigia única hoje à noite, já que a tripulação está cansada demais para dobrá-la. Quando o vigia da manhã chegou ao convés não encontrou ninguém exceto o timoneiro. Alarido alto, e todos foram para o convés. Busca minuciosa, mas não se achou ninguém. Estamos agora sem segundo imediato, e a tripulação em pânico. Imediato e eu concordamos em andar armados de agora em diante e aguardar qualquer sinal diferente.

30 de julho — Ontem à noite. Radiantes por estarmos perto da Inglaterra. Tempo bom, todas as velas içadas. Recolhi-me

exausto; dormi profundamente; fui acordado pelo imediato me dizendo que o vigia e o timoneiro tinham desaparecido. Apenas eu, imediato e dois marujos sobramos para operar o navio.

1º de agosto — Dois dias de neblina, e nenhuma embarcação à vista. A esperança era alcançar o canal da Mancha e acenar por ajuda ou atracar em algum lugar. Sem braços para manejar as velas, restou-nos usar o vento. Não ousou baixar as velas, podemos não conseguir içá-las de novo. Parece que estamos vagando rumo a um destino terrível. Imediato agora mais desanimado que os outros. Sua natureza forte parece ter se voltado contra ele mesmo. Os homens estão desenganados, trabalhando estúpida e pacientemente, crendo no pior. Eles são russos; o imediato, romeno.

2 de agosto, meia-noite — Fui despertado de um sono breve ao ouvir um grito, aparentemente vindo do exterior da minha cabine. Nada pude ver na neblina. Corri para o convés, e ao encontro do imediato. Diz ter ouvido um grito e corrido, mas nem sinal de homem na vigia. Mais um se foi. Senhor, ajudai! Imediato diz que devemos ter chegado aos estreitos de Dover, pois num instante de dissipação da neblina avistou North Foreland, assim que ouviu o homem berrar. Se assim for, estamos agora no mar do Norte, e só Deus pode nos guiar na neblina, que parece nos acompanhar; mas Ele parece ter nos abandonado.

3 de agosto — À meia-noite fui render o timoneiro, e ao chegar lá não encontrei ninguém. O vento soprava regularmente, e como o acompanhávamos não houve desvio. Não ousei sair de lá, então gritei pelo imediato. Após uns segundos ele correu ao convés, em suas roupas de baixo. Parecia amedrontado e abatido, e receio muito que tenha perdido o juízo. Ele se aproximou de mim e emitiu um sussurro cavernoso, a boca colada ao meu ouvido, como se temesse que o próprio ar pudesse ouvi-lo:

— Aquilo está aqui; agora eu sei. Na vigia de ontem eu o vi, parece um homem, alto e magro, de uma palidez hedionda. Estava na proa, olhando para o horizonte. Eu me esgueirei atrás d'Aquilo, e enfiei a faca; mas a faca trespassou-o, como se feito de ar. — E conforme falava pegou a faca e golpeou loucamente o ar. Então prosseguiu: — Mas Aquilo está aqui, e eu vou achá-lo. Está à espreita, talvez em uma daquelas caixas. Vou abrir uma por uma e conferir. Você assume o leme.

E, com o olhar alerta e um dedo sobre a boca, ele desceu. Lá de baixo veio um vento cortante, e eu não podia deixar o leme. Vi-o surgir de novo no convés com uma caixa de ferramentas e uma lanterna, e descer pela escotilha da proa. Ele está louco, completa e simplesmente louco, e não adianta eu tentar detê-lo. Ele não pode com aquelas caixas enormes: estão faturadas como “argila”, e abri-las é o maior mal que ele vai conseguir fazer a elas. Então aqui estou eu, a cuidar do leme, e escrevo estas notas. Resta-me apenas confiar em Deus e esperar a neblina se dissipar. Então, se eu não conseguir guiar o navio a um porto com um vento desses, rizarei as velas e deitarei, e acenarei por ajuda...

Está quase tudo acabado agora. Justo quando eu estava começando a esperar que o imediato voltasse mais calmo — pois eu o ouvi golpeando alguma coisa no porão, e trabalhar lhe faz bem —, eis que pela escotilha sobe um grito súbito, sobressaltado, que fez meu sangue gelar, e no convés ele surge como se disparado por um canhão — um louco varrido, virando os olhos e com o rosto convulso de medo.

— Me salve! Me salve! — gritou ele, e então olhou à sua volta por entre o tapete de névoa. Seu horror tornou-se desespero, e com voz firme ele disse: — É melhor você vir também, capitão, antes que seja tarde demais. Ele está lá. Agora sei o segredo. O mar irá me salvar Dele, e é tudo que resta!

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ou me adiantar para agarrá-lo, ele saltou da amurada e deliberadamente se jogou no mar. Agora, suponho que também eu sei o segredo. Foi esse homem enlouquecido que deu cabo dos homens um por um, e agora ele próprio os seguiu. Que Deus me ajude! Como vou relatar todos esses horrores quando chegar ao porto? Quando eu chegar ao porto! Será que isso chegará a acontecer?





4 de agosto — Ainda a neblina, que a aurora não consegue perfurar. Sei que é aurora porque sou marinheiro, pois de outra forma não saberia. Não ousei descer, não ousei abandonar o leme; então aqui fiquei a noite toda, e na obscuridade da noite eu vi Aquilo — Ele! Que Deus me perdoe, mas o imediato teve razão em pular do navio. Foi melhor morrer feito homem; morrer como um marinheiro em alto-mar é algo que nenhum homem pode recusar. Mas eu sou o capitão, e não posso abandonar meu navio. Mas vou confundir esse demônio ou

monstro, pois amarrarei minhas mãos ao leme quando minha força começar a ceder, e junto com elas amarrarei o que Ele — Aquilo! — não ousará tocar; e então, faça chuva ou faça sol, hei de salvar minha alma e minha honra de capitão. Estou me sentindo fraco, e a noite vem chegando. Se Ele conseguir me olhar de novo no rosto, talvez eu não tenha tempo de agir... Se encalharmos, queira o acaso que esta garrafa seja encontrada, e que aqueles que a encontrarem venham a compreender; caso não... bem, então todos os homens hão de saber que fui leal ao meu posto. Que Deus e a Virgem Santa e os santos ajudem uma pobre alma ignorante que tenta cumprir seu dever...

É claro que o veredicto ficou em aberto. Não há evidências para apresentar; e se o homem cometeu ou não os assassinatos, não há mais quem possa confirmar. A gente da cidade sustenta quase que unanimemente que o capitão é nada mais, nada menos que um herói, e que deve ganhar um velório público. Já se acertou que o seu corpo será levado por um cortejo de barcos pelo rio Esk e então trazido de volta para o píer de Tate Hill e às escadas da abadia; pois deverá ser enterrado no adro da igreja sobre o penhasco. Os proprietários de mais de uma centena de barcos já informaram seus nomes para a disposição de o seguirem ao túmulo.

Jamais foi encontrado vestígio do enorme cachorro; o que muito se lamentou, dado que, com a opinião pública em tal estado, ele seria, acredito, adotado pela cidade. Amanhã se realizará o velório, e assim terá se encerrado mais este “mistério do mar”.

Diário de Mina Murray

8 de agosto — Lucy passou a noite toda muito irrequieta, e eu também não consegui dormir. A tempestade foi temerosa, e, quando seus trovões desciam estrondosamente pelas chaminés, faziam-me estremecer. Quando se ouvia um estampido agudo, parecia um disparo distante. Curiosamente, Lucy não acordou; mas levantou-se duas vezes e vestiu-se. Felizmente, nas duas ocasiões acordei a tempo e consegui despi-la sem acordá-la, e levá-la de volta para a cama. É uma coisa muito estranha o tal do sonambulismo, pois tão logo a vontade dela é

frustrada fisicamente, a sua intenção, se é que há alguma, desaparece, e ela volta quase que exatamente à rotina.

Levantamos as duas de manhã bem cedo e descemos ao porto para ver se algo havia acontecido de noite. Havia muito poucas pessoas passeando e, embora o sol estivesse brilhando, e o ar, limpo e fresco, ondas enormes e sombrias, que pareciam elas mesmas escurecidas pela espuma que as encimava como neve, forçavam caminho pela estreita entrada do porto — feito um homem arrojado se acotovelando em meio a uma multidão. De certo modo fiquei contente por Jonathan não estar no mar ontem à noite, mas em terra. Mas, ah, será que ele está na terra ou no mar? Onde estará ele, e como? Estou ficando pavorosamente aflita por ele. Se apenas soubesse o que fazer... e eu poderia fazer o que fosse!

10 de agosto — O velório do pobre capitão hoje foi bem comovente. Todos os barcos do porto pareciam estar lá, e o caixão foi carregado pelos capitães por todo o caminho do píer de Tate Hill até o adro da igreja lá em cima. Lucy me acompanhou, e fomos mais cedo para o nosso velho banco, enquanto o cortejo de barcos subia o rio até o viaduto e descia de novo. Dele tínhamos uma bela vista, e acompanhamos quase todo o cortejo. O pobre sujeito foi posto para descansar muito perto de onde estávamos, de modo que subimos em nosso banco quando chegou a hora e vimos tudo. A pobre Lucy parecia muito transtornada. Ficou irrequieta e incomodada o tempo todo, e não posso deixar de pensar que seus sonhos à noite começam a afetá-la. Ela age muito estranho em relação a uma coisa: não admite para mim que há alguma causa para essa inquietação; ou, se há alguma, ela própria não a entende. Há um motivo adicional: o velho sr. Swales foi encontrado morto esta manhã em nosso banco, com o pescoço quebrado. Conforme disse o médico, ele tinha evidentemente caído de costas sobre o banco numa espécie de susto, pois em seu rosto havia um quê de medo e horror que, segundo os homens disseram, os fez estremecer. Pobre velhinho querido! Talvez tenha encarado a Morte com seus olhos moribundos! Lucy é tão doce e sensível que sente influências com mais agudez que as outras pessoas. Agora mesmo ela estava muito transtornada por uma coisinha a que não prestei muita atenção, embora eu mesma tenha muito apreço pelos animais. Um dos homens que vem aqui com frequência para olhar os barcos estava acompanhado de seu cão. O cão está sempre com ele. Ambos são indivíduos quietos, e eu nunca vi o homem com raiva, nem ouvi o cão latir. Durante a cerimônia, o cão não voltava

para junto do dono, que estava no banco conosco, mas mantinha-se alguns metros distante, latindo e uivando. Seu dono falou com ele gentilmente, e então asperamente, e então furiosamente; mas ele nem voltava nem silenciava. Estava numa espécie de fúria, com os olhos selvagens, e todos os pelos eriçados como os da cauda de um gato quando o bichano se encontra pronto para a briga. Por fim o homem também ficou furioso, e desceu do banco e chutou o cão, e então pegou-o pelo cangote e meio arrastou-o, meio atirou-o na lápide sobre a qual o banco está assentado. No momento em que tocou a pedra, o pobrezinho se calou e foi acometido por tremores. Não tentou escapar, mas agachou-se, trêmulo e encolhido, e estava em tamanho estado de terror que tentei, embora sem efeito, apaziguá-lo. Lucy também ficou cheia de pena, mas não tentou tocar o cão, e sim olhou para ele de uma maneira um tanto agoniada. Temo enormemente que a natureza dela seja sensível demais para suportar o mundo sem dificuldades. Ela irá sonhar com isso hoje à noite, tenho certeza. Todo o acúmulo de coisas — o navio conduzido por um homem morto; a atitude dele de amarrar-se ao leme com um crucifixo e um rosário; o comovente velório; o cão, ora furioso e ora aterrorizado — vai fornecer material para os sonhos de Lucy.

Penso que será melhor ela ir para a cama com o corpo cansado, então vou levá-la para uma longa caminhada à beira dos penhascos de Robin Hood's Bay e voltar. Assim ela não terá muita inclinação para o sonambulismo.

13 “As idle as a painted ship upon a painted ocean”. Trecho do poema narrativo “The Rime of the Ancient Mariner” [“A balada do velho marinheiro”], escrito por Samuel Taylor Coleridge (1772—1834). [N de T.]

14 Coisa espantosa, admirável.

15 Referência ao poema “Casabianca” (1826), de Felicia Hemans (1793-1835), sobre um marinheiro que permaneceu no posto até a morte durante um incêndio.

16 Com certa ressalva.

CAPÍTULO 8

Diário de Mina Murray

Mesmo dia, 23h — Ah, como estou cansada! Se eu não tivesse feito do meu diário um dever, não o abriria esta noite. Fizemos uma agradável caminhada. Lucy, depois de algum tempo, ficou bem animada, devido, imagino, a algumas lindas vacas que começaram a nos perseguir num campo perto do farol, e nos assustaram bastante. Acredito que isso nos fez esquecer de tudo, exceto, é claro, dos medos pessoais, e pareceu passar uma borracha no passado e nos proporcionar um novo começo. Tomamos um “chá vigoroso” em Robin Hood's Bay numa pousadinha simpática e antiquada, com um janelão que dava para as rochas da praia cobertas de algas. Creio que teríamos chocado a “Nova Mulher” com nosso apetite. Os benditos dos homens são mais tolerantes! Então caminhamos para casa fazendo algumas, ou melhor, muitas paradas para descansar, e com o coração sempre repleto de um pavor dos touros selvagens. Lucy estava realmente cansada, e pretendíamos nos arrastar até a cama assim que possível. O jovem pároco fez uma visita, no entanto, e a sra. Westenra o convidou para cear. Lucy e eu tivemos de lutar contra a prostração para nos manter acordadas; sei que, de minha parte, foi uma batalha árdua, e sinto que foi bastante heroico. Sou da opinião de que algum dia os bispos precisam se reunir e providenciar a criação de uma nova classe de párocos, que não ceiam, não importa o quanto sejam pressionados para tal, e que saberão quando as damas estão cansadas. Lucy adormeceu e respira suavemente. Está com as bochechas mais coradas do que de costume, e, oh!, como parece doce. Se o sr. Holmwood se apaixonou por ela tendo-a visto somente na sala de estar, imagino o que diria se a visse agora. Algumas das “Novas Mulheres” escritoras algum dia divulgarão a ideia de que homens e mulheres devem ser autorizados a ver um ao outro dormindo antes de propor casamento ou aceitá-lo. Mas suponho que a Nova Mulher no futuro não se dignará a aceitar; ela mesma fará a proposta. E quão bem vai se sair na tarefa! Pensar nisso traz algum consolo. Estou tão

feliz hoje, porque a querida Lucy parece melhor. Realmente acredito que ela se safou, e que seus problemas de sonambulismo chegaram ao fim. Eu ficaria muitíssimo feliz se ao menos soubesse se Jonathan... Que Deus o abençoe e o guarde.

11 de agosto, 3h — Volto ao diário. Agora estou sem sono, então posso escrever. Estou agitada demais para dormir. Acabamos de viver uma tremenda aventura, uma experiência agonizante. Peguei no sono assim que fechei meu diário... De repente eu estava totalmente desperta, e me sentei, dominada por um horrível pressentimento, e com uma sensação de vazio ao meu redor. O quarto estava escuro, de modo que eu não conseguia enxergar a cama de Lucy; esgueirei-me até ela e tateei à sua procura. A cama estava vazia. Acendi um fósforo e descobri que ela não estava no quarto. A porta estava encostada, mas não fechada, como eu a havia deixado. Temi acordar a mãe dela, que ultimamente tem estado pior do que de costume, então vesti algumas roupas e me apruntei para procurar por ela. Quando eu estava deixando o quarto, ocorreu-me que as roupas que ela usava poderiam me dar alguma pista de seus propósitos sonâmbulos. Um penhoar significaria que estaria dentro da casa; um vestido, que sairia dela. Penhoar e vestido estavam ambos em seus lugares. “Graças a Deus”, eu disse comigo mesma, “ela não pode estar longe, já que está apenas de camisola.” Desci as escadas correndo e procurei-a na sala de estar. Nada! Então procurei em todos os outros cômodos destrancados da casa, com um medo crescente que enregelava meu coração. Finalmente dei com a porta do vestíbulo e achei-a aberta. Não estava escancarada, mas a lingueta da fechadura não fora trancada. As pessoas da casa tomam o cuidado de fechar a porta toda noite, então receei que Lucy tivesse saído como estava. Não havia tempo para pensar no que poderia ter acontecido; um medo vago e avassalador obscureceu todos os detalhes. Peguei um xale enorme e pesado e saí correndo. O relógio soou uma hora quando cheguei a Crescent, mas não havia vivalma por perto. Corri por North Terrace, mas não pude ver nenhum sinal do vulto branco que eu esperava encontrar. Na beira de West Cliff, acima do píer, olhei para o porto e então para East Cliff, na esperança — ou no medo, não sei qual deles — de ver Lucy em nosso banco favorito. Era noite de lua cheia e clara, com nuvens negras carregadas que deslizavam, lançando toda a cena em um fugaz diorama de luz e sombra conforme se moviam. Por um ou dois instantes eu nada pude ver, uma vez que a sombra de uma nuvem obscurecia a igreja de Santa Maria e tudo que havia ao redor. Então,

quando a nuvem passou, pude ver as ruínas da abadia entrando no meu campo de visão; e quando a ponta de um facho de luz estreito e tão afiado quanto o gume de uma espada avançou, a igreja e o adro pouco a pouco ficaram visíveis. Qualquer que fosse minha expectativa, ela não foi frustrada, pois lá, em nosso banco favorito, a luz prateada da lua atingiu uma figura semirrecostada, branca como a neve. A chegada da nuvem foi rápida demais para que eu pudesse ver além, pois a sombra cobriu a luz quase de imediato; mas a mim pareceu que algo escuro estava atrás do banco onde o vulto branco brilhava, e inclinou-se sobre ele. Se aquilo era um homem ou uma fera, eu não saberia dizer; não esperei para ter outro vislumbre, e desci voando pelos degraus íngremes do píer e pelo mercado de peixes até a ponte, que era a única maneira de alcançar East Cliff. A cidade parecia estar morta, pois não vi viva alma; para mim foi um júbilo, pois não queria que testemunhassem a condição da pobre Lucy. O tempo e a distância pareciam infinitos, e meus joelhos tremiam e minha respiração penava enquanto eu subia os intermináveis degraus até a abadia. Eu devia estar avançando rápido, e mesmo assim parecia que meus pés eram feitos de chumbo, e que cada articulação de meu corpo estava enferrujada. Quase alcançando o topo das escadas, pude ver o banco e o vulto branco, pois eu estava agora perto o bastante para distingui-lo por entre as nêgas de sombra. Sem dúvida havia alguma coisa comprida e negra inclinando-se sobre o vulto branco semirrecostado. Assustada, chamei: “Lucy! Lucy!”, e alguma coisa ergueu a cabeça, e de onde eu estava pude ver uma cara branca e olhos vermelhos, cintilantes. Lucy não respondeu, e eu corri até a entrada do adro da igreja. Quando entrei, a igreja ficou entre mim e o banco, e por um ou dois minutos perdi Lucy de vista. Quando voltei a vê-la, a nuvem havia passado, e a luz do luar caía tão brilhante que pude vislumbrar Lucy semirrecostada com a cabeça repousada no encosto do banco. Estava de todo sozinha, e não havia nem sinal de vida ao seu redor.

Quando me inclinei sobre ela, pude ver que ainda dormia. Os lábios estavam abertos, e ela estava respirando — não suavemente, como lhe é de hábito, mas com arquejos longos, pesados, como se tentasse encher os pulmões cada vez que inspirava. Quando cheguei mais perto, ela levantou a mão ainda adormecida e apertou a gola da camisola ao redor do pescoço. Ao fazê-lo, um leve tremor a percorreu, como se sentisse frio. Joguei o meu xale quente por cima dela, e enterrei as pontas em volta de seu pescoço, pois receava que ela pudesse contrair um resfriado mortal com o ar da noite, despida como estava. Temi despertá-la de imediato, de modo que, para liberar

minhas mãos e poder ajudá-la, preendi o xale em seu pescoço com um alfinete grande; mas em minha afobação devo ter me atrapalhado e a arranhei ou furei, pois no fim das contas, quando sua respiração se acalmou, ela tornou a pôr as mãos no pescoço e gemeu. Quando terminei de envolvê-la cuidadosamente, calcei os meus sapatos nos pés dela e comecei a acordá-la muito delicadamente. A princípio ela não reagia; mas pouco a pouco tornou-se cada vez mais irrequieta em seu sono, gemendo e suspirando de vez em quando. Por fim, como o tempo passava depressa e, por muitas outras razões, eu desejava levá-la de uma vez para casa, eu a sacudi com mais força, até que finalmente ela abriu os olhos e despertou. Não pareceu surpresa em me ver, já que, é claro, nem de longe sabia onde estava. Lucy sempre acorda lindamente, e mesmo naquele momento, quando o seu corpo devia estar resfriado, e sua mente, um pouco aturdida por acordar seminua num adro de igreja à noite, ela não perdeu o charme. Tremia um pouco, e agarrou-se a mim; quando lhe disse que viesse imediatamente para casa comigo, ela levantou-se sem dizer palavra, com a obediência de uma criança. Conforme andávamos, o cascalho machucava meus pés, e Lucy notou que eu vacilava. Ela se deteve e insistiu em devolver meus sapatos; mas eu recusei. No entanto, quando alcançamos o caminho do lado externo do adro, onde havia uma poça d'água remanescente da tempestade, eu lambuzei meus pés de lama, passando um em cima do outro, de modo que, quando chegássemos em casa, caso topássemos com alguém, ninguém percebesse que eu estava descalça.





A sorte nos contemplou, e chegamos em casa sem topar com vivalma. Em dado momento vimos um homem, que não parecia exatamente sóbrio, caminhar por uma rua à nossa frente; mas nos escondemos num vão de porta até ele desaparecer por uma dessas aberturas que há por aqui, ruelas apertadas, ou “wynds”, como são chamadas na Escócia. Meu coração bateu tão alto o tempo todo que por vezes pensei que iria desmaiar. Eu estava cheia de aflição por causa de Lucy, não apenas devido a sua saúde, receando que sofresse com aquela exposição, mas também devido a sua reputação, caso a história circulasse. Depois que entramos e lavamos os pés e fizemos juntas uma prece de graças, enfiei-a na cama. Antes de cair no sono ela me pediu — me implorou até — que não dissesse palavra a ninguém, nem mesmo à mãe, sobre a aventura sonâmbula. A princípio hesitei em me comprometer; mas, ao pensar no estado de saúde da mãe, e em como o conhecimento de algo assim a indisporia, e ao pensar, também, em como uma história daquela poderia — não, certamente seria — deturpada caso vazasse, achei melhor prometer a ela. Espero ter feito a coisa certa. Eu tranquei a porta, e a chave está

pendurada em meu pulso, para que eu não seja mais uma vez perturbada. Lucy dorme audivelmente; o reflexo da aurora vai alto e muito acima do mar...

No mesmo dia, 12h — Tudo vai bem. Lucy dormiu até eu acordá-la e parecia não ter nem mesmo se virado na cama. A aventura noturna não parece tê-la incomodado; ao contrário, foi-lhe proveitosa, pois ela parece melhor esta manhã do que tem estado há semanas. Fiquei desolada ao perceber que minha falta de jeito com o alfinete acabou machucando-a. Na verdade, talvez tenha sido sério, pois a pele do pescoço foi perfurada. Creio ter beliscado um pouco da pele e tê-la furado, pois há dois pontinhos vermelhos como picadas de agulha, e na faixa da camisola havia uma gota de sangue. Quando lhe pedi desculpas e mostrei minha preocupação, ela riu e me afagou, e disse que nem mesmo sentiu. Felizmente não deixarão cicatriz, de tão minúsculos que são.

No mesmo dia, de noite — Passamos um dia feliz. O ar estava límpido, e o sol, claro, e soprava uma brisa fresca. Levamos nosso almoço para o bosque de Mulgrave; a sra. Westenra foi de carruagem pela estrada e Lucy e eu caminhamos pela trilha do penhasco e a encontramos no portão. Eu mesma estava um pouco triste, pois não pude deixar de sentir como seria absoluta a minha felicidade se Jonathan estivesse comigo. Mas calma! Devo ter paciência. De tarde passeamos por Casino Terrace, e ouvimos a boa música de Spohr e Mackenzie, e fomos cedo para a cama. Lucy parece mais sossegada do que tem estado há muito tempo, e logo adormeceu. Vou trancar a porta e guardar a chave como antes, embora não espere problemas hoje à noite.

12 de agosto — Minhas esperanças estavam erradas, pois duas vezes durante a noite fui acordada por Lucy tentando sair. Ela pareceu, mesmo em seu sono, um pouco impaciente quando deu com a porta trancada, e voltou para a cama com uma espécie de queixa. Acordei com a aurora, e ouvi os pássaros cantarem do lado de fora da janela. Lucy acordou também, e fiquei feliz de ver que ela estava ainda melhor do que na manhã de ontem. Toda a sua antiga alegria de ser tinha aparentemente voltado, e ela veio até mim e se ajeitou ao meu lado e me contou tudo a respeito de Arthur. Eu lhe contei como estava aflita por causa de Jonathan, e então ela tentou me consolar.

Bem, ela teve algum sucesso, pois, embora a compaixão não possa alterar os fatos, pode ajudar a torná-los mais suportáveis.

13 de agosto — Outro dia tranquilo, fui para a cama com a chave no pulso, como antes. De novo acordei de noite e encontrei Lucy sentada na cama, ainda dormindo, apontando para a janela. Levantei-me em silêncio e, afastando as venezianas, olhei para fora. A lua brilhava, e o efeito calmante da luz sobre o mar e o céu — fundidos num único mistério, grandioso e silente — era indescritivelmente belo. Entre mim e a luz da lua um grande morcego batia as asas, indo e vindo em grandes círculos concêntricos. Uma ou duas vezes chegou bem perto, mas ficou, suponho, assustado ao me ver, e saiu voando na direção do porto e da abadia. Quando me afastei da janela, Lucy estava de novo deitada, e dormindo pacatamente. Não tornou a se mexer durante toda a noite.

14 de agosto — Passei o dia todo em East Cliff, lendo e escrevendo. Lucy parece ter se apaixonado tanto pelo lugar quanto eu, e é difícil levá-la embora quando é hora de ir para casa almoçar, tomar chá ou jantar. Esta tarde ela fez um comentário curioso. Estávamos indo para casa jantar, e havíamos chegado ao topo dos degraus que conduzem ao Píer Leste e paramos para apreciar a vista, como geralmente fazemos. O sol poente, muito baixo no céu, acabava de descer atrás de Kettleness; a luz vermelha incidia sobre East Cliff e a velha abadia, e parecia banhar tudo em um belo brilho rosado. Ficamos em silêncio por um tempo, e subitamente Lucy murmurou como para si mesma:

— De novo esses olhos vermelhos dele! São iguaizinhos.

Foi uma expressão tão esquisita, vinda do nada, que muito me sobressaltou. Eu me virei um pouco, a fim de dar uma boa olhada em Lucy sem parecer que a estava encarando, e vi que ela estava num estado semidesperto, com uma expressão esquisita no rosto que não consegui identificar muito bem; de modo que eu não disse nada, mas acompanhei o seu olhar. Ela parecia encarar o nosso banco, no qual um vulto negro estava sentado. Eu mesma me sobressaltei um pouco, pois por um instante cheguei a acreditar que o desconhecido tinha um par de olhos grandes feito chamas acesas; mas num segundo olhar a ilusão se dissipou. O sol vermelho iluminava as janelas da igreja de Santa Maria atrás de nosso banco e, conforme o sol mergulhava ali, o jogo de refração e reflexão foi suficiente para dar a impressão de que a luz se mexia. Chamei a atenção de Lucy para a peculiaridade do efeito, e ela caiu em si com um sobressalto, mas mesmo assim parecia

triste; era muito provável que estivesse pensando na noite terrível que tinha passado naquele lugar. Nós jamais voltamos a mencioná-la; de modo que eu não disse nada, e fomos jantar. Lucy estava com dor de cabeça e foi cedo para a cama. Vi que ela dormia e saí para um pequeno passeio; caminhei ao longo dos penhascos rumo ao oeste, e estava cheia de uma terna tristeza, pois pensava em Jonathan. Ao voltar para casa — o luar estava claro então, tão claro que, embora a frente de nossa quadra em Crescent estivesse ensombrecida, via-se tudo com clareza —, olhei de relance para a janela, e vi a cabeça de Lucy debruçada para fora. Pensei que talvez ela estivesse procurando por mim, então abri meu lenço e acenei. Ela não notou nem fez movimento algum. Foi então que o luar veio se arrastar por um dos ângulos da edificação, e a luz incidiu sobre a janela. Ali estava Lucy distintamente com a cabeça apoiada contra o batente do caixilho e com os olhos fechados. Estava profundamente adormecida, e ao lado dela, apoiada no caixilho, havia uma coisa que lembrava uma ave de tamanho considerável. Tive medo de ela apanhar um resfriado, então corri escadas acima, mas, ao entrar no quarto, ela tomava o caminho da cama, profundamente adormecida, e arfando; mantinha a mão em volta do pescoço, como se para protegê-lo do frio.



Eu não a acordei, mas a cobri bem; cuidei para que a porta estivesse trancada e a janela firmemente fechada.

Ela fica tão adorável dormindo; mas está mais pálida do que o normal, e tem embaixo dos olhos um quê abatido, exausto, que não me agrada. Temo que esteja sofrendo por algum motivo. Queria descobrir o que é.

15 de agosto — Levantei mais tarde que de hábito. Lucy estava lânguida e cansada, e dormiu ainda depois que nos chamaram. Tivemos uma feliz surpresa no café da manhã. O pai de Arthur está melhor, e quer ver o casamento sair logo. Lucy está repleta de uma alegria silenciosa, e a mãe dela está a um só tempo contente e pesarosa. Quando o dia já ia mais avançado, ela me disse o porquê. Está triste porque não terá mais Lucy junto de si, mas está radiante porque a filha em breve terá alguém para protegê-la. Coitada da doce senhora! Ela me confidenciou que recebeu sua sentença de morte. Não contou a Lucy e me fez prometer sigilo; o médico lhe disse que dentro de alguns meses, na melhor das hipóteses, ela virá a falecer, pois o coração está se enfraquecendo. A qualquer hora, até mesmo nesse instante, um choque súbito pode matá-la. Ah, fizemos bem em esconder dela o caso da pavorosa noite de sonambulismo de Lucy.

17 de agosto — Estou há dois dias sem voltar ao diário. Não encontrei ânimo para escrever. É como se uma espécie de mortalha de sombras se estendesse sobre a nossa felicidade. Ainda sem notícias de Jonathan, e Lucy parece estar ficando mais fraca, enquanto as horas de vida da mãe dela estão chegando ao fim. Não consigo entender por que Lucy está tão debilitada. Ela come bem e dorme bem, e toma ar fresco; mas, ao mesmo tempo, o tom rosado de suas bochechas está desaparecendo, e ela fica mais fraca e mais abatida a cada dia que passa; de noite eu a ouço engasgar, como se lhe faltasse o ar. Toda noite, mantenho a chave da nossa porta presa ao meu pulso, mas Lucy se levanta e anda pelo quarto e senta-se à janela aberta. Ontem à noite encontrei-a debruçada quando acordei, e tentei despertá-la, mas não consegui; ela estava desfalecida. Quando consegui recobrá-la, ela parecia estar por um fio, e chorava silenciosamente entre longas e doloridas tentativas de retomar o fôlego. Quando lhe perguntei como foi que ela chegou à janela, balançou a cabeça e desviou o olhar. Espero que o mal-estar não se deva ao infeliz arranhão do alfinete. Verifiquei o seu pescoço agora que ela se deitou para dormir, e as minúsculas feridas não parecem ter sarado. Ainda estão abertas, e até maiores do que antes, com as bordas levemente embranquecidas. São como bolotinhas brancas com o centro vermelho. A não ser que saírem dentro de um ou dois dias, hei de insistir que um médico as examine.

17 de agosto

Prezados senhores,

Queiram receber em anexo a fatura das mercadorias enviadas pela Grande Ferrovia do Norte. Estas deverão ser entregues a Carfax, perto de Purfleet, imediatamente após desembarque na estação de King's Cross. A casa se encontra vazia no momento, mas as chaves são enviadas com a presente, todas etiquetadas.

Queiram depositar as caixas, cinquenta ao todo, que constituem a encomenda, no edifício parcialmente arruinado anexo à casa e que está marcado como "A" no esboço da planta anexo. Seu agente reconhecerá a localidade facilmente, uma vez que se trata da antiga capela da mansão. As mercadorias partem de trem às 21h30 de hoje, e se prevê sua chegada em King's Cross amanhã às 16h30. Como nosso cliente deseja que a entrega seja feita o mais breve possível, seremos gratos aos senhores se tiverem uma equipe pronta em King's Cross na hora aprazada e se em seguida transportarem as mercadorias a seu destino. A fim de remediar quaisquer atrasos devidos a exigências rotineiras de pagamento em seus departamentos, segue anexo um cheque de £10 (dez libras), do qual pedimos confirmar o recebimento. Caso a cobrança seja menor do que esta quantia, poderão devolver o saldo; caso seja maior, mandaremos de imediato um cheque cobrindo a diferença assim que nos avisarem. As chaves devem ser deixadas no vestíbulo principal da casa, onde o proprietário poderá recolhê-las ao entrar usando sua cópia das chaves.

Esperamos que não creiam que estejamos ultrapassando os limites da cortesia profissional ao instá-los a usar de todos os expedientes para se fazer cumprir o serviço.

À sua disposição,

Cordialmente,

Samuel F. Billington & Filho

Carta dos srs. Carter, Paterson & Cia., de Londres, aos srs.
Billington & Filho, de Whitby

21 de agosto

Prezados senhores,

Acusamos recebimento das £10 e retornamos cheque de £1 17s 9d (uma libra, dezessete xelins e nove pence), referente ao montante excedente, como consta na fatura anexa. Mercadoria entregue com exata observância das instruções, e chaves deixadas em um pacote no vestíbulo principal, conforme instruído.

À sua disposição,
Respeitosamente,
Pro Carter, Paterson & Cia.

Diário de Mina Murray

18 de agosto — Hoje sinto-me feliz, e escrevo sentada no banco do adro da igreja. Lucy está cada vez melhor. Ontem ela dormiu bem a noite toda, e não me perturbou sequer uma vez. O rosado parece lhe voltar às bochechas, embora ela esteja ainda tristemente pálida e com aparência debilitada. Se estivesse com algum grau de anemia, eu entenderia, mas não é o caso. Está com um humor divertido e cheia de vida e alegria. Toda aquela reticência mórbida parece ter saído dela, e ela acaba de me lembrar, como se fosse preciso, daquela noite, e que foi aqui, neste mesmo banco, que eu a encontrei dormindo. Enquanto me contava, ela batia o salto da bota jocosamente na laje de pedra e disse:

— Meus pobres pezinhos não fizeram muito barulho na ocasião! Ouso dizer que o pobre sr. Swales teria dito que fiz isso porque eu não queria acordar Geordie.

Como ela estava com um humor tão comunicativo, perguntei-lhe se ela havia sonhado naquela noite. Antes que respondesse, cruzou-lhe a fronte aquela expressão adorável de zanga, a qual Arthur — chamo-o de Arthur seguindo o costume dela — diz amar; e, de fato, não me admira que ele ame. Então ela continuou de uma maneira quase que semidesperta, como se tentasse recuperar a própria memória:

— Não foi bem um sonho, mas tudo parecia real. Eu só queria estar aqui neste lugar... não sei por quê, pois eu estava com medo de alguma coisa... não sei do quê. Lembro-me, embora eu suponha que estivesse adormecida, de ter andado pelas ruas e pela ponte. Um peixe saltou enquanto eu passava, e me inclinei para olhar para ele, e ouvi um monte de cães uivando, a cidade toda parecia estar cheia de cães uivando ao mesmo tempo, enquanto eu subia os degraus. Então me veio a vaga lembrança de alguma coisa comprida e escura com olhos

vermelhos, tal como a que vimos ao pôr do sol, e de alguma coisa ao mesmo tempo muito doce e amarga a me envolver; e então foi como se eu estivesse mergulhando em águas verdes e profundas, e ouvi uma cantoria em meus ouvidos, tal como ouvi dizer que ocorre a homens prestes a se afogar; e então tudo pareceu se afastar de mim; minha alma pareceu sair do corpo e flutuar no espaço. Creio me lembrar de que, em dado momento, o Farol Oeste estava bem abaixo de mim, e então me veio uma sensação de agonia, como se eu estivesse em meio a um terremoto, e eu voltei e encontrei você sacudindo meu corpo. Eu a vi fazê-lo antes de exatamente senti-la.



Então ela começou a rir. Pareceu-me um tanto insólito, e eu a ouvi ofegando. Não gostei nem um pouco daquilo, e achei melhor não insistir no assunto, então desviamos para outros, e Lucy era de novo o seu velho eu. Quando chegamos em casa, a brisa fresca a havia fortalecido, e suas bochechas pálidas estavam realmente mais rosadas. A mãe alegrou-se ao vê-la, e todas passamos uma noite muito

agradável juntas.

19 de agosto — Alegria, alegria, alegria! Ainda que não alegria completa. Por fim tive notícias de Jonathan. O pobre rapaz esteve doente, por isso não escreveu. Não tenho mais medo de pensar ou falar no assunto, agora que sei a verdade. O sr. Hawkins encaminhou-me a carta dele, e escreveu-me também, ah, com tamanha gentileza. Sairei de manhã e irei ao encontro de Jonathan, para ajudar a cuidar dele se necessário, e para trazê-lo para casa. Diz o sr. Hawkins que não seria mau se nos casássemos no exterior. Chorei em cima da carta da boa freira até senti-la molhada contra o meu peito, que é onde ela está. É de Jonathan, e deve ficar perto do meu coração, pois ele está no meu coração. Minha viagem está toda planejada, e minha bagagem, pronta. Estou levando apenas uma muda de roupa; Lucy levará meu baú para Londres e ficará com ele até que eu mande buscá-lo, pois pode ser que... Não devo escrever mais nada; devo me segurar para contar a Jonathan, meu marido. A carta que ele viu e tocou deve consolar-me até nosso encontro.

Carta da irmã Agatha, Hospital de São José e Santa Maria,
Buda-Peste, à srta. Wilhelmina Murray

12 de agosto

Prezada madame,

Escrevo a pedido do sr. Jonathan Harker, que não tem força o bastante para escrever, embora esteja progredindo bem, graças a Deus e São José e Santa Maria. Ele está sob nossos cuidados há quase seis semanas, sofrendo de uma violenta febre cerebral. Ele deseja que eu lhe transmita seu amor, e que diga que junto a esta carta envia outra ao sr. Peter Hawkins, em Exeter, para dizer, com seus prestimosos respeitos, que ele lamenta o atraso, e que toda a tarefa está terminada. Serão necessárias mais algumas semanas de repouso em nosso sanatório nas montanhas para que ele se recupere, e depois irá retornar. Ele deseja que eu lhe diga que não tem dinheiro bastante consigo, e que gostaria de pagar pela estada aqui, de modo que outros necessitados não fiquem desassistidos.

Creia-me sua fiel servidora,
Misericordiosamente,

P.S.: Como o meu paciente está dormindo, acrescento algumas linhas para lhe fornecer mais informações. Ele me contou tudo a seu respeito, e que em breve será a esposa dele. Benditos sejam os dois! Ele sofreu um tremendo choque — assim diz o nosso médico — e enquanto delirava teve desvarios pavorosos; envolviam lobos e veneno e sangue; e fantasmas e demônios; e temo dizer mais. Cuide sempre para que não haja nada do tipo a perturbá-lo, ainda durante um bom tempo; os vestígios de uma enfermidade como a dele não desaparecem facilmente. Devíamos ter escrito há muito tempo, mas nada sabíamos sobre os amigos dele, e com ele não havia nada que alguém pudesse entender. Ele veio no trem de Klausenburgo, e o guarda ouviu do chefe de estação que ele entrou correndo ali pedindo aos gritos uma passagem para casa. Ao verem sua violenta conduta, concluíram que era inglês e lhe deram uma passagem para a estação mais distante que o trem alcançava naquela linha.

Esteja certa de que ele está sendo bem cuidado. Ele conquistou a todos com sua ternura e gentileza. Está mesmo melhorando, e não tenho dúvida de que em poucas semanas estará recuperado. Mas tenha cuidado, em nome da saúde dele. Rezo a Deus e a São José e a Santa Maria que sejam muitos e muitos os anos felizes na vida dos dois.

Diário do dr. Seward

19 de agosto — Estranha e repentina mudança em Renfield na noite passada. Por volta das 20h ele começou a ficar empolgado e farejar à volta como um cão de caça. O assistente ficou estarrecido com seus modos, mas, sabendo de meu interesse nele, incentivou-o a falar. Ele geralmente é respeitoso com o assistente e às vezes servil; mas hoje à noite, segundo me contou o homem, foi bastante arrogante. Não queria de maneira nenhuma concordar em conversar com ele. Limitou-se a dizer:

— Não quero falar com você; agora vocês não me interessam; o Mestre está por perto.

O assistente crê que alguma forma repentina de obsessão religiosa o arrebatou. Se for verdade, devemos antecipar suas manifestações, pois um homem forte com obsessão homicida e religiosa ao mesmo tempo pode ser perigoso. Trata-se de uma combinação pavorosa. Às 21h fiz-lhe uma visita. Sua atitude comigo foi a mesma que com o assistente; em seu sublime recolhimento, não parecia haver nenhuma diferença entre mim e o assistente. Parece ser uma obsessão religiosa, e ele em breve vai pensar que é Deus. Essas distinções infinitesimais que há entre os homens são de todo insignificantes para um Ser Onipotente. Como se denunciam esses homens loucos! O Deus verdadeiro repara até na queda de um pardal; mas o Deus criado pela vaidade humana não enxerga a diferença entre uma águia e um pardal. Ah, se os homens ao menos soubessem!

Durante meia hora ou mais, Renfield continuou a ficar cada vez mais inquieto. Fingi que não estava observando-o, mas mantive uma estrita vigilância mesmo assim. De repente surgiu-lhe no olhar aquela expressão evasiva que sempre vemos quando um homem louco forma uma ideia, e com ela aquele meneio evasivo de cabeça e de espaldas que os assistentes dos manicômios conhecem tão bem. Ele parou muito quieto, e foi sentar-se resignadamente na beira da cama, e fitou o vazio com olhos embaciados. Pensei que eu iria descobrir se sua apatia era real ou mero fingimento, e tentei instá-lo a falar de seus animais, tema esse que nunca falhou em despertar-lhe a atenção. A princípio ele não respondeu, mas por fim falou, vacilante:

— Que me importam todos eles? Não ligo a mínima.

— Quê? — disse eu. — Está querendo dizer que não liga para as aranhas?



(As aranhas são seu passatempo atual e seu caderno está se enchendo de colunas de cifras pequenas.) A isto ele respondeu enigmático:

— As damas de honra inebriam os olhos daquele que aguarda a chegada da noiva; mas quando a noiva chega, as damas não fazem brilhar aqueles olhos já cheios.

Ele não se explicou, mas permaneceu obstinadamente sentado na cama durante todo o tempo que estive com ele.

Hoje estou cansado e desanimado. Não faço senão pensar em Lucy, em como as coisas poderiam ter sido diferentes. Se eu não conseguir dormir imediatamente, partirei para o cloral, o Morfeu moderno — $\text{C}_2\text{HCl}_3\text{O}$. H_2O ! Devo tomar cuidado para não deixar que se torne um hábito. Não, não vou tomar nada esta noite! Eu pensei em Lucy, e não hei de desonrá-la misturando as coisas. Se for preciso, passarei a noite insone...

Mais tarde — Alegra-me ter tomado essa decisão; alegra-me ainda mais tê-la mantido. Fiquei zanzando, e ouvi o relógio bater duas vezes apenas, quando o guarda noturno veio até mim, enviado pelo vigia, para dizer que Renfield havia escapado. Vesti minhas roupas e desci de imediato; meu paciente é uma pessoa perigosa demais para perambular por aí. As suas ideias podem ter consequências perigosas para desconhecidos. O assistente estava à minha espera. Disse que não fazia dez minutos que olhara pela abertura na porta e vira Renfield, aparentemente dormindo na cama. Chamou-lhe a atenção um som de janela sendo arrombada. Voltou correndo para lá e viu os pés dele desaparecerem pela janela, e de pronto mandou me chamar. O fugitivo estava vestido apenas com o traje de noite, e não podia estar muito longe. O assistente julgou mais útil observar para onde ele ia do que segui-lo, uma vez que poderia perdê-lo de vista se tentasse sair do edifício pela porta. O assistente é um homem robusto, e não conseguiria sair pela janela. Eu sou magro, de modo que, com sua ajuda, eu saí, mas primeiro os pés, e, como estávamos a apenas alguns metros do chão, pousei ileso. O assistente me disse que o paciente tinha ido para a esquerda, e seguido em linha reta, então corri o mais rápido que pude. Ao chegar ao arvoredor, vi um vulto branco escalar o muro alto que separa nossas dependências da casa abandonada.

Corri de volta imediatamente e disse ao guarda noturno que fosse depressa buscar três ou quatro homens para me seguir até as dependências de Carfax, para a eventualidade de nosso amigo tornar-se perigoso. Eu mesmo apanhei uma escada e, transpondo o muro, pulei para o outro lado. Pude ver o vulto de Renfield no momento em que desaparecia atrás da casa, então corri em sua direção. Na outra extremidade da casa, descobri-o encostado rente à antiga porta de carvalho moldada em ferro da capela. Ele falava, aparentemente com alguém, mas tive medo de me aproximar o bastante para ouvir o que dizia, receando assustá-lo e fazê-lo escapar. Perseguir um enxame

errante de abelhas não é nada comparado a seguir um lunático despido quando o que o move é a vontade de escapar! Após alguns minutos, contudo, pude ver que ele não se dava conta de nada à sua volta, e portanto arrisquei chegar mais perto — ainda mais agora que meus homens haviam transposto o muro e estavam cercando-o. Ouvi-o dizer:

— Estou aqui para cumprir o Seu desejo, Mestre. Eu sou o Seu escravo, e o Senhor irá me recompensar, pois serei fiel. Venero-O há muito e a distância. Agora que o Senhor está próximo, aguardo as Suas ordens, e o Senhor não irá me excluir, irá, caro Mestre, ao distribuir Suas dádivas?

Ele é um velho pedinte egoísta, afinal de contas. Pensa na multiplicação de seus pães e peixes mesmo quando acredita estar diante da Presença Divina. Suas obsessões formam uma combinação alarmante. Quando o cercamos, ele lutou feito um tigre. É de uma força imensa, antes uma fera bravia do que um homem. Eu nunca vira um lunático em tal paroxismo de fúria; e espero não tornar a ver. É um milagre termos descoberto sua força e seu perigo a tempo. Com força e determinação como essas, ele poderia ter feito selvagerias antes de ser capturado. Ao menos agora está a salvo. Nem o próprio Jack Sheppard¹⁷ conseguiria libertar-se da camisa de força que mantém Renfield preso, e ele está acorrentado à parede na cela acolchoada. Seus berros são às vezes aterradores, mas os silêncios que se seguem são ainda mais mortais, pois em cada gesto e movimento seu mora um impulso assassino.

Agora há pouco ele falou palavras coerentes pela primeira vez:

— Serei paciente, Mestre. A hora está chegando... chegando... chegando!

Então aproveitei a sugestão e me recolhi. Eu estava agitado demais para adormecer, mas este diário me acalmou, e sinto que vou conseguir dormir esta noite.

¹⁷ Jack Sheppard (1702—1724) foi um ladrão inglês que se tornou famoso por fugir quatro vezes de prisões londrinas.



CAPÍTULO 9

Carta de Mina Harker a Lucy Westenra

Buda-Peste, 24 de agosto

Lucy querida,

Sei que está ansiosa para ouvir tudo que aconteceu desde que nos despedimos na estação ferroviária de Whitby. Bem, querida, cheguei a Hull sem problemas, e tomei o barco para Hamburgo, e então o trem para cá. Sinto que mal consigo recordar qualquer coisa da viagem, exceto que eu sabia estar indo ao encontro de Jonathan e que, já que teria que lhe dispensar cuidados, seria melhor dormir o máximo que conseguisse... Achei o meu amado tão, mas tão magro e

pálido e fraco! Toda a resolução que havia em seus lindos olhos desapareceu, e aquela calada dignidade no rosto, sobre a qual comentei com você, sumiu. Ele é uma ruína de si mesmo, e não se lembra de nada do que lhe aconteceu por um longo período. Ao menos ele assim quer me fazer crer, e eu jamais irei perguntar. Ele sofreu algum choque terrível, e temo que possa fundir seu pobre cérebro caso tente recordá-lo. A irmã Agatha, que é uma criatura boa e uma enfermeira nata, conta-me que ele delirou com coisas pavorosas enquanto estava fora de si. Pedi-lhe que me contasse que coisas eram essas; mas ela apenas fazia o sinal da cruz e dizia que nunca abriria a boca; que os acessos de fúria dos doentes eram segredos de Deus, e que se uma enfermeira, por causa de sua vocação, viesse a ouvi-las, ela respeitaria o sigilo. Ela é uma alma terna, boa, e no dia seguinte, quando viu que eu estava atormentada, voltou a tocar no assunto, e após dizer que jamais poderia falar sobre o que o meu pobre amado devaneou, acrescentou:

— Eis o pouco que posso lhe contar, minha cara: não foi a respeito de nada que ele mesmo fez de errado; e você, na qualidade de futura esposa, não tem motivo para preocupação. Ele não a esqueceu, nem aquilo que lhe deve. Tinha medo era de coisas grandiosas e terríveis, que nenhum mortal pode encarar.

Creio que aquela pobre alma pensou que eu poderia estar com ciúmes, suspeitando que meu pobre amado houvesse se apaixonado por outra garota qualquer. Imagine, eu com ciúmes de Jonathan! E no entanto, querida, convenhamos, senti um tremor de alegria me percorrer quando eu soube que nenhuma outra mulher era a causa do problema. Estou neste momento sentada à cama dele, onde posso ver o seu rosto enquanto dorme. Está acordando!...

Quando acordou, ele me pediu o seu casaco, pois queria pegar algo do bolso; chamei a irmã Agatha, e ela trouxe todos os pertences dele. Vi que entre eles estava seu caderno, e ia pedir que me deixasse dar uma olhada — pois eu sabia que poderia então encontrar alguma pista do seu tormento —, mas suponho que ele deve ter pressentido a minha intenção bem nos meus olhos, pois me despachou para a janela, dizendo que desejava ficar totalmente só por

um momento. Então me chamou de volta, e quando cheguei ele tinha uma mão sobre o caderno, e me disse muito solenemente:

— Wilhelmina — eu soube então que ele estava mortalmente sério, pois nunca me chamou por esse nome desde que me pediu em casamento —, você conhece, querida, minhas ideias a respeito da confiança entre marido e mulher: não deve haver segredo ou sigilo. Eu sofri um grande choque, e quando tento lembrar o que foi, sinto minha cabeça girar, e não sei se tudo aconteceu de verdade ou se foi o sonho de um louco. Você sabe que tive febre cerebral, e isso é loucura. O segredo está aqui, e não quero conhecê-lo. Quero retomar minha vida a partir de agora, com nosso casamento. — Pois, querida, havíamos decidido nos casar assim que as formalidades fossem concluídas. — Está disposta, Wilhelmina, a partilhar de minha ignorância? Aqui está o caderno. Pegue-o e guarde-o, leia-o se quiser, mas nunca me faça saber seu conteúdo; a não ser, é claro, que surja algum dever solene que me faça voltar às horas amargas, que vivi adormecido ou acordado, são ou louco, registradas aqui.

Ele recostou-se exausto, e pus o caderno debaixo de seu travesseiro, e o beijei. Pedi à irmã Agatha que suplicasse à madre superiora permissão para que o nosso casamento se realizasse ainda esta tarde, e estou aguardando a resposta...

Ela veio me dizer que o capelão da missão da Igreja Anglicana foi chamado. Devemos nos casar em uma hora, ou assim que Jonathan acordar...

Lucy, aconteceu e foi tudo tão rápido. Sinto-me muito solene, mas muito, muito feliz. Jonathan acordou um pouco depois da hora, e tudo estava pronto, e ele se recostou na cama, apoiado em travesseiros. Disse o seu “aceito” com firmeza e vigor. Eu mal conseguia falar; meu coração estava tão transbordante que mesmo essa palavra pareceu me sufocar. As caras freiras foram tão gentis. Por Deus, eu jamais, jamais hei de esquecê-las, assim como não esquecerei as graves e doces responsabilidades que assumi. Preciso lhe contar sobre o meu presente de casamento.

Quando o capelão e as freiras me deixaram sozinha com o meu marido — ah, Lucy, é a primeira vez que escrevo as palavras “meu marido” —, quando me deixaram sozinha com meu marido, eu tirei o caderno de debaixo do travesseiro dele, e o embrulhei em papel branco, e o amarrei com um pedacinho da fita azul-pálido que estava no meu pescoço, e lacrei o nó com cera, e como selo usei minha aliança. Então eu o beijei e o mostrei ao meu marido, e lhe disse que eu o guardaria assim, de modo que representasse um símbolo externo e visível da confiança que tínhamos um pelo outro por toda a nossa vida; e disse que eu jamais o abriria, a não ser que fosse para o bem dele ou pelo bem de algum sério dever. Então ele tomou minha mão nas dele, e ah, Lucy, foi a primeira vez que ele tomou a mão de sua esposa, e disse que era a coisa mais valiosa que havia no mundo, e que ele voltaria no tempo e viveria todo o passado de novo para merecê-lo, se preciso fosse. O pobre do meu amado quis dizer apenas “uma parte” do passado, mas ainda está incapacitado para situar-se no tempo, e não será de admirar se a princípio confundir não somente os meses, mas os anos.

Ora, querida, que podia eu dizer? Pude apenas afirmar que eu era a mulher mais feliz em todo o mundo, e que nada tinha a lhe oferecer a não ser eu mesma, minha vida e minha confiança, e, junto, também o meu amor e o dever por todos os dias da minha vida. E, querida, quando ele me beijou, e puxou-me para perto com aquelas mãozinhas fracas, foi como um juramento de grande solenidade que fizemos...

Lucy querida, sabe por que lhe conto tudo isso? Não é apenas porque tudo me é tão caro, mas porque você sempre foi, e é, muito querida para mim. Foi um privilégio ser sua amiga e orientá-la quando saiu da escola a fim de preparar-se para a escola da vida. Quero que agora você veja, e com os olhos de uma felicíssima esposa, aonde o dever me levou; de modo que também em sua vida de casada possa ser tão feliz como eu. Minha querida, que Deus Todo-Poderoso permita que a sua vida seja tudo que promete: um longo dia de sol, sem vento cortante, sem deveres negligenciados, sem desconfiança. Não devo desejar que não sofra, pois isso é impossível; mas torço para que seja sempre tão feliz quanto

eu estou agora. Adeus, minha querida. Vou postar esta carta de imediato, e, talvez, escrever-lhe de novo muito em breve. Preciso parar, pois Jonathan está acordando — devo servir o meu marido!

Eternamente sua
Mina Harker

Carta de Lucy Westenra a Mina Harker

Whitby, 30 de agosto

Mina querida,

Oceanos de amor e milhões de beijos, e que você possa em breve estar em casa com o seu marido. Queria que vocês voltassem para casa a tempo de ficar aqui conosco. O ar forte logo revigoraria Jonathan; a mim revigorou bastante. Tenho uma fome de leão, estou cheia de vida e durmo bem. Você ficará feliz em saber que eu praticamente deixei de caminhar durante o sono. Acho que faz já uma semana que não saio da cama, quer dizer, não saio depois de me recolher à noite. Arthur diz que estou ficando gorda. A propósito, esqueci de lhe dizer que Arthur está aqui. Nós fazemos caminhadas e atividades, e corridas, e praticamos remo, e tênis, e pescamos juntos; e eu o amo mais que nunca. Ele diz que me ama mais, mas eu duvido, pois no começo me disse que não era possível me amar mais do que ele amava então. Mas isso é um disparate. Ali está ele, chamando por mim. Então sem mais por enquanto de sua

Lucy

P.S.: Mamãe manda os parabéns. Ela parece melhor, a pobrezinha.

P.P.S.: Vamos nos casar dia 28 de setembro.

Diário do dr. Seward

20 de agosto — O caso de Renfield fica cada vez mais interessante. Ele se aquietou de tal maneira que há intervalos de suspensão de sua ânsia. Durante a primeira semana após seu ataque, foi incessantemente violento. Então, certa noite, assim que a lua surgiu, ele foi se aquietando, e ficou murmurando consigo mesmo:

— Agora posso esperar; agora posso esperar.

O assistente veio me contar, então desci correndo de pronto para dar uma olhada nele. Ainda estava na camisa de força e na cela acolchoada, mas a expressão alterada havia desaparecido de seu rosto, e seus olhos tinham um quê da sua docilidade antiga e suplicante — eu quase diria “aduladora”. Contentei-me com sua presente condição e ordenei que o soltassem. Os assistentes hesitaram, mas por fim cumpriram meu desejo sem objeção. Uma coisa estranha foi o paciente ter tido presença de espírito suficiente para notar a desconfiança deles, pois, aproximando-se de mim, disse sussurrando, ao mesmo tempo que olhava furtivamente para eles:

— Pensam que eu poderia machucá-lo! Imagine, eu machucar o senhor! Que tolos!

Foi tranquilizador para os sentidos, de certa forma, descobrir que estou dissociado dos outros mesmo na mente desse pobre louco; mas ainda assim não entendo seu raciocínio. Devo deduzir que tenho alguma coisa em comum com ele, de modo que nós dois deveríamos, por assim dizer, nos unir? Ou que ele tem a tirar de mim um proveito tão estupendo que o meu bem-estar lhe é necessário? Preciso descobrir mais adiante. Esta noite ele não quer falar. Mesmo a oferta de um filhote ou de um gato adulto não conseguiu seduzi-lo. Ele só diz:

— Eu não dou a mínima para gatos. Tenho mais em que pensar agora, e posso esperar; posso esperar.

Após algum tempo eu o deixei. O assistente me diz que ele ficou tranquilo até pouco antes da alvorada, e que então começou a ficar inquieto, e depois violento, até que por fim ele foi tomado de uma crise que o esgotou tanto que ele desfaleceu numa espécie de coma.

... Por três noites a mesma coisa aconteceu: violento o dia todo e então quieto da luz do luar até a luz do dia. Quisera eu encontrar alguma pista do motivo. Parece até que há alguma influência que vem e vai. Um pensamento feliz! Hoje à noite vamos brincar de mente sã contra mente louca. Ele escapou daquela vez sem a nossa ajuda; hoje à noite, escapará com ela. Vamos lhe dar uma chance, e deixaremos homens de prontidão para segui-lo caso venham a ser necessários...

23 de agosto — “O inesperado sempre acontece.” Como Disraeli¹⁸ conhecia bem a vida! O nosso pássaro não quis voar quando encontrou a gaiola aberta, portanto todas as nossas sutis providências foram em vão. Ao menos provamos uma coisa: que os intervalos de

quietude duram um tempo razoável. No futuro seremos capazes de afrouxar suas amarras por algumas horas todo dia. Dei ordens para que o assistente da noite limite-se a trancá-lo na cela acolchoada, assim que se aquietar, até uma hora antes da aurora. O corpo dessa pobre alma gozará do alívio mesmo que sua mente não consiga apreciá-lo. Atenção! De novo o inesperado! Estão me chamando; o paciente fugiu mais uma vez.

Mais tarde — Outra aventura noturna. Renfield astuciosamente aguardou o assistente entrar na cela para a inspeção. Então disparou na frente dele e seguiu voando pelo corredor. Mandeí recado para que os assistentes o seguissem. Ele foi de novo às dependências da casa abandonada, e o encontramos no mesmo lugar, encostado contra a porta da antiga capela. Quando me viu ficou furioso, e se os assistentes não o tivessem agarrado a tempo, ele teria tentado me matar. Enquanto o segurávamos, uma coisa estranha aconteceu. Ele de súbito redobrou seus esforços, e depois, igualmente de súbito, ficou calmo. Olhei à volta instintivamente, mas nada consegui enxergar. Então fixei meus olhos nos do paciente e os segui, mas nada consegui avistar no céu enluarado para o qual eles se voltavam, nada além de um grande morcego, que batia as asas silenciosa e fantasmagoricamente a caminho do oeste. Os morcegos geralmente voam e disparam em círculos, mas este parecia seguir em linha reta, como se soubesse para onde se dirigia ou fosse dotado de intenção própria. O paciente ficou cada vez mais calmo, e logo disse:

— Não precisam me amarrar; irei de bom grado!

Voltamos para a casa sem ocorrências. Sinto que há qualquer coisa de nefasto na calma dele, e não hei de esquecer esta noite...

Diário de Lucy Westenra

Hillingham, 24 de agosto — Preciso imitar Mina, e ficar anotando as coisas. Assim poderemos ter longas conversas quando nos reencontrarmos. Pergunto-me quando será. Queria que ela estivesse comigo de novo, pois me sinto tão infeliz. Ontem à noite foi como se eu estivesse sonhando outra vez, tal como em Whitby. Talvez seja a mudança de ares, ou a volta para casa. Para mim tudo é escuro e horrendo, pois não consigo me lembrar de nada; mas estou cheia de um medo vago, e me sinto muito fraca e esgotada. Quando Arthur veio para o almoço, pareceu bastante pesaroso ao me ver, e não tive a

presença de espírito de tentar mostrar-me animada. Imagino se eu não poderia dormir no quarto de mamãe hoje à noite. Vou arranjar um pretexto e tentar.

25 de agosto — Outra noite ruim. Mamãe não pareceu entender minha proposta. Ela mesma não parece muito bem, e sem dúvida teme causar-me preocupação. Tentei me manter acordada, e por algum tempo tive sucesso; mas quando o relógio bateu a meia-noite, acordei de um cochilo, de modo que devo ter pegado no sono. Ouvi uma espécie de arranhar ou bater de asas na janela, mas não prestei atenção, e como não me lembro de mais nada, suponho que devo ter adormecido. Mais sonhos ruins. Gostaria de poder lembrá-los. Estou terrivelmente fraca esta manhã. Meu rosto está com uma palidez medonha, e minha garganta dói. Deve ter algo errado com meus pulmões, pois pareço nunca conseguir tomar ar suficiente. Vou tentar me animar quando Arthur chegar, pois sei que ele ficará infeliz em ver-me assim.



Carta de Arthur Holmwood ao dr. Seward

Hotel Albemarle, 31 de agosto

Meu caro Jack,

Quero que me faça um favor. Lucy está doente; quer dizer, não tem nenhuma enfermidade específica, mas está com uma aparência horrível, e piorando a cada dia. Perguntei-lhe se havia alguma causa para isso; não ousei perguntar à mãe dela, pois atormentar a cabeça da pobre senhora acerca da filha, no estado de saúde em que se encontra, seria fatal. A sra. Westenra confidenciou-me que seu destino está traçado — doença coronária —, embora a pobre Lucy ainda não saiba. Estou certo de que há algo atormentando a mente de minha garota querida. Fico quase

desatinado quando penso nela; olhar para ela causa-me uma pontada de dor. Disse-lhe que pediria uma visita sua, e embora ela tenha recusado a princípio — sei por quê, velho amigo —, acabou por consentir. Será uma tarefa dolorosa para você, eu sei, meu bom amigo, mas é pelo bem dela, e não devo hesitar em pedir, nem você em agir. Você deve vir para o almoço em Hillingham amanhã, às duas horas, a fim de não despertar a suspeita da sra. Westenra, e depois do almoço Lucy irá criar uma oportunidade de ficar a sós com você. Devo chegar para o chá, e poderemos ir embora juntos; estou repleto de ansiedade, e quero consultar-me com você a sós assim que possível depois de você examiná-la. Sem falta!

Arthur

TELEGRAMA DE ARTHUR HOLMWOOD A SEWARD

1° DE SETEMBRO

CONVOCADO PARA VER MEU PAI, QUE PIOROU.

ESCREVO-LHE. CONTE TUDO E PONHA NO CORREIO

NOTURNO PARA RING.

TELEGRAMA SE NECESSÁRIO.

Carta do dr. Seward a Arthur Holmwood

2 de setembro

Meu velho amigo,

Com relação à saúde da srta. Westenra, apresso-me em lhe comunicar de imediato que em minha opinião não há nenhum distúrbio funcional ou nenhuma enfermidade de meu conhecimento. Ao mesmo tempo, não estou nem um pouco satisfeito com a aparência dela; está espantosamente diferente de quando a vi pela última vez. É claro que você deve ter em conta que não tive oportunidade de examiná-la plenamente como gostaria; a amizade que temos cria uma pequena dificuldade que nem mesmo a ciência médica ou o costume podem superar. Melhor seria contar-lhe exatamente

o que aconteceu, deixando que você tire, na medida do possível, as próprias conclusões. Então direi o que fiz e recomendo fazer.

Encontrei a srta. Westenra de ânimo aparentemente alegre. A mãe dela estava presente, e em poucos segundos convenci-me de que ela estava fazendo tudo que podia para distrair a mãe e impedi-la de ficar ansiosa. Não tenho dúvida de que a filha adivinha, se é que de fato não sabe, que há necessidade de cautela. Almoçamos juntos, e uma vez que todos nos esforçamos para mostrar animação, obtivemos, como uma espécie de recompensa pelo empenho, alguma alegria verdadeira entre nós. Então a sra. Westenra foi deitar-se, e Lucy foi deixada em minha companhia. Passamos ao boudoir dela, e até chegarmos no cômodo sua faceirice perdurou, pois os criados iam e vinham pelo caminho. Assim que a porta se fechou, contudo, a máscara caiu de seu rosto, e ela afundou numa cadeira exalando um grande suspiro, e escondeu os olhos com a mão. Quando vi que seu bom ânimo havia sucumbido, logo tomei vantagem daquela reação para fazer um diagnóstico. Ela me disse muito ternamente:

— Nem consigo lhe dizer como detesto falar sobre mim mesma.

Lembrei-lhe que o sigilo de um médico era sagrado, mas que você estava pesarosamente aflito em relação a ela. Ela entendeu o que eu quis dizer de imediato, e encerrou o assunto com poucas palavras.

— Diga a Arthur tudo que quiser. Não me importo comigo, mas apenas com ele!

Portanto tenho bastante liberdade.

Pude ver facilmente que parece lhe faltar sangue, mas não encontrei os sinais anêmicos de hábito, e por um acaso foi-me de fato possível testar a qualidade do sangue dela, pois ao abrir uma janela que estava empenada, uma corda cedeu, e a srta. Westenra cortou a mão ligeiramente com o vidro partido. Foi uma coisinha de nada, mas deu-me uma oportunidade clara, e eu coletei algumas gotas do sangue para analisá-las. A análise qualitativa mostra uma condição bastante normal, e, assim devo inferir, um estado de saúde também vigoroso. Em relação a outras questões fisiológicas, fiquei muito satisfeito por não haver necessidade de

apreensão; mas como deve haver uma causa em algum lugar, cheguei à conclusão de que deve ser de ordem mental. Ela se queixa de dificuldade de respirar satisfatoriamente às vezes, e de um sono pesado, letárgico, repleto de sonhos que lhe metem medo, mas a respeito dos quais nada consegue lembrar. Ela diz que, quando era criança, costumava caminhar durante o sono, e que quando estava em Whitby o hábito voltou, e que uma vez ela saiu andando de noite e foi a East Cliff, onde a srta. Murray a encontrou; mas ela me garante que ultimamente o hábito não retornou. Estou na dúvida, e portanto fiz o que de melhor sei fazer: escrevi a meu velho amigo e mestre, o prof. Van Helsing, de Amsterdã, que sabe mais sobre doenças obscuras do que qualquer um no mundo. Pedi-lhe que viesse para cá, e como você me disse que arcaria com todos os custos, contei a ele quem você é e suas relações para com a srta. Westenra. Fiz isso, meu caro amigo, de acordo com seus desejos, pois fico demasiado orgulhoso e feliz em fazer tudo que puder por ela. Eu sei que Van Helsing, por razões pessoais, faria qualquer coisa por mim, portanto, não importa com que justificativa ele venha, devemos acatar os desejos dele. Ele é um homem aparentemente arbitrário, mas isso se deve a ele saber do que fala, mais do que qualquer um. É um filósofo e um metafísico, e um dos cientistas mais avançados da atualidade; e tem, acredito eu, uma mente absolutamente aberta. Isso, somado a nervos de aço, um temperamento de gelo, uma determinação indomável, a um autocontrole e uma tolerância que nele são dons mais do que virtudes, e somado ao coração mais gentil e honesto que há — tudo isso o equipa para o nobre trabalho que ele está fazendo pela humanidade; trabalho na teoria bem como na prática, pois seus pontos de vista são tão amplos quanto sua compaixão irrestrita. Conto-lhe esses fatos para que você possa saber por que tenho tanta confiança nele. Pedi a ele que viesse de imediato. Verei a sra. Westenra de novo amanhã. Ela vai encontrar-me nas Stores, para que eu não alarme sua mãe repetindo a visita.

Afetuosamente,
John Seward

2 de setembro

Meu bom amigo,

Quando recebi sua carta já me pus a caminho seu. Por sorte posso partir agora, sem prejuízo aos que confiaram em mim. Se fosse o destino diferente, azar dos que confiaram, pois vou a caminho do meu amigo quando ele me chama para ajudar quem ele estima. Diga ao seu amigo que quando você sugou rápido da minha ferida o veneno da gangrena da faca que nosso outro amigo, tão nervoso, deixou escorregar, você fez mais por ele agora que solicita minhas ajudas e manda me buscar do que toda a grande fortuna dele poderia fazer. Mas é um prazer a mais fazer isso por ele, o seu amigo; é para você que eu vou. Providencie então para mim aposentos no Hotel Great Eastern, para que eu possa ficar por perto, e por favor combine de vermos a jovem senhorita não muito tarde amanhã, pois eu talvez tenha que voltar para cá de noite. Mas se preciso for irei de novo em três dias, e fico mais se necessário for. Então até mais ver, meu amigo John.

Van Helsing

Carta do dr. Seward ao honorável Arthur Holmwood

3 de setembro

Meu caro Art,

Van Helsing chegou e já partiu. Veio comigo para Hillingham, e descobrimos que, graças à discrição de Lucy, sua mãe tinha ido almoçar fora, para que ficássemos a sós com ela. Van Helsing procedeu a um exame muito cuidadoso da paciente. Ele deverá reportar-se a mim, e eu irei aconselhar você, pois claramente eu não estava presente na ocasião. Ele está, receio, muito preocupado, mas diz que precisa refletir. Quando contei a ele sobre nossa amizade e sobre como confiou o assunto a mim, ele disse:

— Você deve dizer a ele tudo o que pensa. Diga a ele tudo o que eu penso, se conseguir adivinhar o que é, se quiser. De jeito nenhum, não estou brincando. Isto não é

uma brincadeira, mas é a vida e a morte, talvez mais.

Perguntei o que quis dizer com aquilo, pois ele estava muito sério. Isso aconteceu quando voltáramos à cidade, e ele estava tomando uma xícara de chá antes de seguir de novo para Amsterdã. Não me deu nenhuma pista a mais. Não fique bravo comigo, Art, porque a reticência do homem significa que todas as sinapses dele estão trabalhando para o bem de Lucy. Ele falará com franqueza suficiente quando chegar a hora, pode estar certo disso. Então eu disse a ele que eu simplesmente escreveria um relato de nossa visita, tal como se eu estivesse compondo um artigo descritivo especial para o Daily Telegraph. Ele pareceu não ouvir, mas comentou que a fuligem em Londres não estava lá tão ruim quanto costumava ser quando ele era estudante na cidade. Vou receber o relato dele amanhã caso ele o consiga fazer. Em todo caso, terei uma carta para você.

Bem, quanto à visita. Lucy estava mais alegre do que no dia em que a vi pela primeira vez, e certamente parecia melhor. Havia perdido algo da aparência medonha que tanto perturbou você, e sua respiração estava normal. Ela foi muito gentil com o professor (como sempre é), e tentou deixá-lo à vontade; embora eu pudesse ver que a pobrezinha estava lutando muito para isso. Creio que Van Helsing também percebeu, pois vi o rápido olhar embaixo das bastas sobranceiras que já conheço há tempos. Então ele começou a conversar sobre todas as coisas exceto sobre nós mesmos e enfermidades, e com tão imensurável afabilidade que pude ver a fingida animação da pobre Lucy tornar-se realidade. Então, sem nenhuma mudança aparente, ele gentilmente conduziu a conversa de volta para a sua visita, e disse, com brandura:

— Minha cara e jovem senhorita, eu tenho o tão grande prazer de saber que a senhorita é tão amada. Isso é muito, minha cara, sem contar aquilo que ainda não pude ver. Disseram-me que a senhorita estava baixa de ânimo, e que estava com uma palidez medonha. A eles eu digo: “Puf!”. — E ele estalou os dedos para mim e prosseguiu: — Mas a senhorita e eu mostraremos quão errados estão. Como pode ele — e apontou para mim com a mesma expressão e o mesmo gesto que certa vez dirigiu a mim em sua aula, durante, ou melhor, após uma ocasião específica da qual ele

nunca falha em me lembrar — saber qualquer coisa sobre jovens senhoritas? Ele tem as madames dele para brincar, e para trazer de volta a felicidade delas, e a daqueles que têm amor a elas. É muita coisa para fazer, e, ah, mas existem recompensas, disso podemos tirar muita alegria. Mas senhoritas? Ele não tem nem esposa nem filha, e as jovens não falam delas com os jovens, mas com os velhos, feito eu, que vivi tantos pesares e as causas deles. Então, minha cara, vamos mandá-lo fumar seu cigarro lá longe no jardim, enquanto nós dois batemos umas palavrinhas a sós.

Peguei a deixa, e tratei de ir passear, e logo o professor foi até a janela e me convidou a entrar. Ele parecia grave, mas disse:

— Fiz exame cuidadoso, mas não há causa funcional. Com você eu concordo que houve muita perda de sangue; já perdeu, mas não agora. Mas as condições dela não são nem de longe anêmicas. Pedi a ela que chamasse a criada, para eu fazer uma ou duas perguntas, e assim eu não deixar nada para trás. Sei bem o que ela irá dizer. Mas existe causa; sempre existe causa para tudo. Preciso voltar para casa e refletir. Você deve me enviar o telegrama todos os dias; e se existir causa virei aqui novamente. A doença, pois não estar inteira bem é uma doença, me interessa, e a gentil juvenzinha, ela me interessa também. Ela me encanta, e por ela, se não por você ou pela doença, eu venho.

Como eu disse a você, ele não falou mais nenhuma palavra, mesmo quando ficamos a sós. De modo que agora, Arthur, você está a par de tudo. Manterei vigilância estrita. Imagino que seu pobre pai esteja se restabelecendo. Deve ser horrível para você, meu velho amigo, estar em tal posição de escolher entre duas pessoas que lhe são tão caras. Conheço o seu senso de dever para com o seu pai, e tem razão em ficar com ele; mas, se preciso for, mandarei buscá-lo de imediato para ver Lucy; portanto não se aflija em demasia a não ser que receba notícias minhas.

Diário do dr. Seward

4 de setembro — O paciente zoófago continua a nos interessar. Ele teve apenas um surto e foi ontem a uma hora incomum. Pouco antes

do badalar do meio-dia ele começou a ficar agitado. O assistente conhecia os sintomas, e de imediato chamou ajuda. Felizmente os homens chegaram correndo, e bem a tempo, pois ao badalar do meio-dia ele se tornou tão violento que foi preciso toda a força deles para controlá-lo. Dentro de cinco minutos, no entanto, ele começou a ficar mais e mais calmo, e por fim recaiu numa espécie de melancolia, estado no qual permanece até agora. O assistente me diz que os gritos que o paciente deu durante seu paroxismo foram realmente estarrecedores; eu me vi com as mãos ocupadas quando cheguei, atendendo alguns dos outros pacientes que se assustaram por causa dele. Na verdade, posso bem compreender o efeito, pois os sons também me perturbaram, embora eu estivesse a alguma distância. Agora passa do horário do jantar no asilo, e até o momento o meu paciente está sentado a um canto resmungando, com uma expressão atônita, taciturna, acabrunhada, que mais parece insinuar do que mostrar alguma coisa diretamente. Não consigo entendê-la direito.

Mais tarde — Outra mudança em meu paciente. Às 17h fiz-lhe uma visita, e achei-o aparentemente tão feliz e contente quanto costumava ser. Estava apanhando moscas e comendo-as, e fazendo a contagem de suas presas com marcas à unha na beirada da porta entre as bordas do acolchoado. Ao ver-me, ele se aproximou e pediu desculpas pela péssima conduta, e pediu-me de maneira muito humilde e consternada que fosse reconduzido ao próprio quarto e recebesse o caderno de volta. Achei por bem mimá-lo; de modo que ele voltou ao seu quarto com janela. Espalhou o açúcar para o chá em cima do caixilho da janela, e está juntando uma bela de uma colheita de moscas. Ele agora não as come, mas as põe numa caixa, como outrora, e já está examinando os cantos do quarto em busca de uma aranha. Tentei fazê-lo falar sobre os últimos dias, pois qualquer pista acerca de seus pensamentos seria de imensa ajuda; mas nada de ele consentir. Por um ou dois momentos ele pareceu muito triste, e disse com uma espécie de voz distante, como se falasse antes para si do que para mim:

— Tudo acabado! Tudo acabado! Ele me abandonou. Sem esperanças para mim agora a não ser que eu mesmo o faça! — De repente, virando-se para mim de maneira resoluta, disse: — Doutor, não me faria a bondade de me permitir mais um pouco de açúcar? Acho que me fará bem.

— E as moscas? — eu perguntei.

— Sim! As moscas também gostam, e eu gosto das moscas; logo, eu

gosto.

E ainda há pessoas tão ignorantes a ponto de pensar que os loucos não argumentam. Autorizei uma porção redobrada, e fiz dele um homem mais feliz, suponho, do que qualquer outro que haja no mundo. Gostaria de conseguir sondar a sua mente.

Meia-noite — Outra mudança nele. Eu tinha ido ver a srta. Westenra, a quem encontrei muito melhor, e acabava de voltar, e me achava postado em nosso portão contemplando o pôr do sol quando mais uma vez ouvi-o gritar. Como o quarto dele fica do lado de cá do edifício, foi possível ouvi-lo melhor do que de manhã. Foi um choque ter de voltar da incrível beleza fuliginosa de um crepúsculo londrino, com suas luzes lívidas e suas sombras retintas e todos os incríveis matizes trazidos tanto pelas nuvens poluídas como pelas águas poluídas, para dar-me conta de toda a austeridade do meu frio edifício de pedra, com toda a sua infelicidade pulsante, e de meu próprio coração desolado suportando tudo isso. Alcancei a cela dele enquanto o sol estava se pondo, e da janela dele vi afundar o disco vermelho. Conforme afundava, o paciente foi ficando menos e menos frenético; e assim que mergulhou de vez, o homem escorregou das mãos que o seguravam, feito uma massa inerte, para o chão. É incrível, no entanto, o poder de restauro intelectual que os lunáticos têm, pois dentro de alguns minutos ele se levantou muito tranquilamente e olhou ao redor. Gesticulei para que os atendentes não o segurassem, pois eu estava ansioso para ver o que ele iria fazer. Ele foi direto até a janela e varreu os restos de açúcar; então pegou sua caixa de moscas e esvaziou-a lá fora, e atirou a caixa; então fechou a janela e, cruzando o quarto, sentou-se na cama. Tudo isso me surpreendeu, portanto lhe perguntei:

— Não vai mais guardar moscas?

— Não — ele disse —; estou farto de toda essa porcariada!

Ele sem dúvida é um objeto de estudo incrivelmente interessante. Quisera eu ter algum vislumbre de sua mente ou da causa de sua ânsia súbita. Espere; talvez haja uma pista, afinal de contas, se conseguirmos descobrir por que hoje as suas crises se deram em pleno meio-dia e ao pôr do sol. Será possível que haja uma influência maligna do sol que afete certas naturezas nesses períodos — assim como a lua afeta outras às vezes? Veremos.

HELSING, EM AMSTERDÃ

4 DE SETEMBRO

PACIENTE AINDA MELHOR HOJE.

TELEGRAMA DE SEWARD, DE LONDRES, A VAN
HELSING, EM AMSTERDÃ

5 DE SETEMBRO

PACIENTE ALTAMENTE RECOBRADA. ESTÁ COM
APETITE; DORME NATURALMENTE; BOM ÂNIMO; RUBOR
VOLTANDO.

TELEGRAMA DE SEWARD, DE LONDRES, A VAN
HELSING, EM AMSTERDÃ

6 DE SETEMBRO

TERRÍVEL MUDANÇA PARA PIOR. VENHA
IMEDIATAMENTE; NÃO PERCA NEM UM SEGUNDO. NÃO
ENVIAREI TELEGRAMA PARA HOLMWOOD ATÉ VER
VOCÊ.

¹⁸ Benjamin Disraeli (1804—1881), político e escritor britânico, duas vezes primeiro-ministro. [N. T.]

CAPÍTULO 10

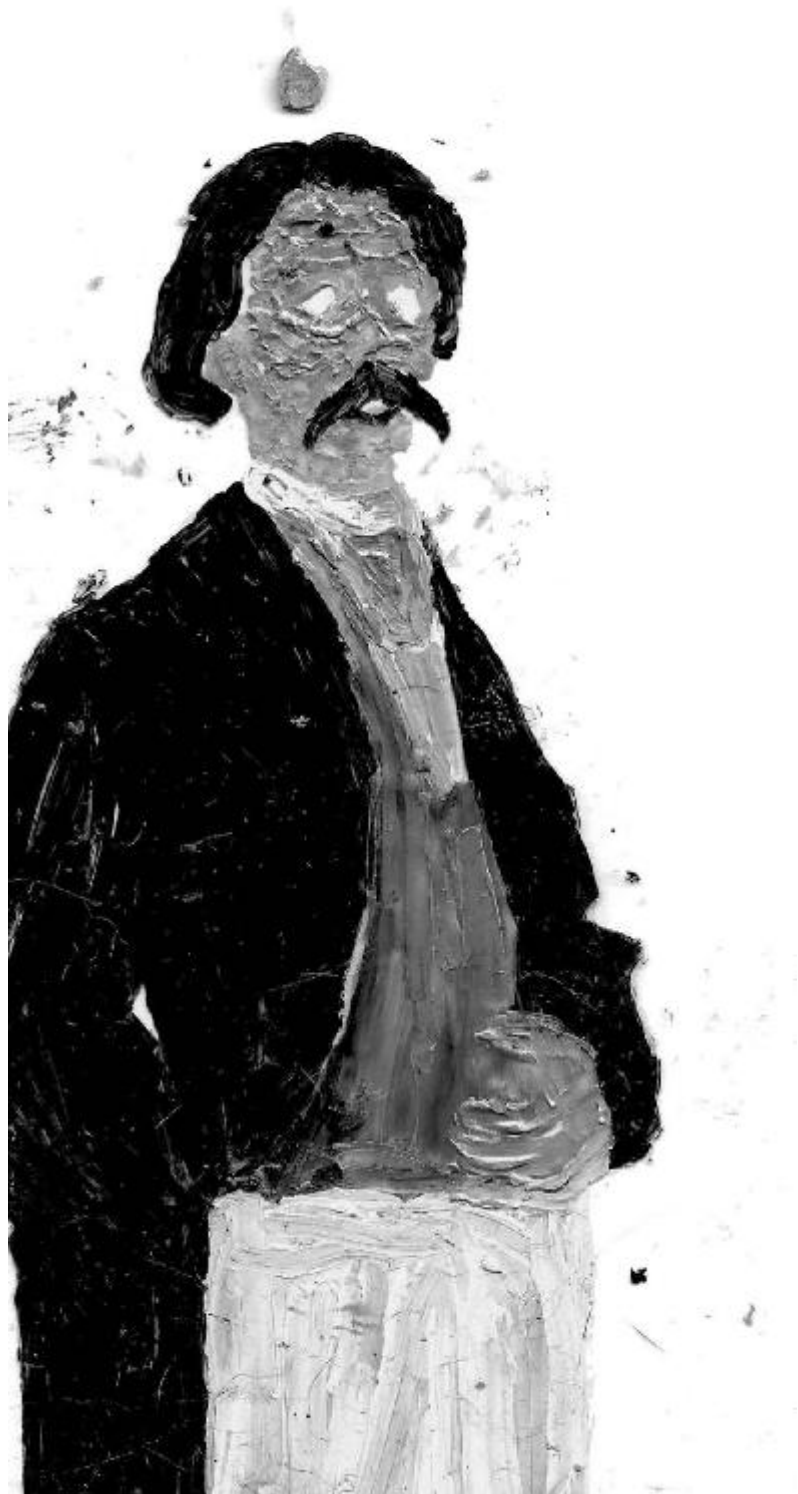
Carta do dr. Seward ao honorável Arthur Holmwood

6 de setembro

Meu caro Art,

A notícia de hoje não é tão boa. Esta manhã Lucy retrocedeu um bocado. Há, no entanto, uma coisa boa a tirar disso: a sra. Westenra estava naturalmente aflita a respeito de Lucy, e fez comigo uma consulta profissional. Tirei proveito da oportunidade e disse-lhe que meu antigo mestre, o grande especialista Van Helsing, estava vindo me ver, e que eu a colocaria aos cuidados dele em conjunto com os meus; de modo que agora podemos ir e vir sem alarmá-la indevidamente, pois um choque representaria para ela a morte súbita, e isso, na condição de fraqueza de Lucy, seria desastroso para ela. Estamos cheios de dificuldades, todos nós, meu pobre e velho amigo; mas, se Deus quiser, iremos com certeza superá-las. Se for necessário lhe escrevo, de modo que, caso não receba notícias minhas, dê por entendido que estou apenas aguardando notícias. Às pressas,

Sempre seu,
John Seward



7 de setembro — A primeira coisa que Van Helsing me disse quando nos encontramos na rua Liverpool foi:

— Você contou alguma coisa ao nosso jovem amigo, o enamorado dela?

— Não — falei. — Aguardei até ver você, como disse em meu telegrama. Escrevi a ele uma carta simplesmente contando que você estava vindo, uma vez que a srta. Westenra não estava bem, e dizendo que eu o informaria caso fosse necessário.

— Certo, meu amigo — disse ele —, certíssimo! Melhor ele ainda não saber por ora; talvez nunca deva vir a saber. Assim espero; mas se necessário for, então ele deverá saber tudo. E, meu bom amigo John, deixe-me adverti-lo. Você lida com os loucos. Todos os homens são loucos de uma maneira ou de outra; e, na medida em que lida discretamente com os seus loucos, lida com os loucos de Deus também: o resto do mundo. Você não diz para os seus loucos o que faz nem por que o faz; você não diz a eles o que pensa. Portanto você deve manter o conhecimento no lugar dele, onde ele pode repousar, onde pode se reunir com os seus e se reproduzir. Você e eu guardaremos por ora o que sabemos aqui e aqui. — Ele me tocou no coração e na testa, e então tocou a si da mesma forma. — Guardo minhas ideias aqui para mim no momento. Mais tarde vou compartilhar com você.

— Por que não agora? — perguntei. — Pode ser de algum proveito; talvez cheguemos a alguma decisão.

Ele parou e olhou para mim, e disse:

— Meu amigo John, quando o milho já cresceu, antes mesmo de amadurecer, enquanto o leite de sua mãe-terra se encontra dentro dele, e a luz do sol ainda não começou a pintá-lo com seu dourado, o lavrador arranca dele a espiga e a esfrega em suas mãos grosseiras, e sopra a palha verde, e diz a você: “Veja! Esse é o milho bom; vai render colheita boa quando chegar a hora”.

Eu não entendi o exemplo, e disse-lhe isso. Em resposta ele estendeu a mão e pegou minha orelha e puxou-a jocosamente, como costumava fazer muito tempo atrás nas aulas, e disse:

— O bom lavrador assim diz a você somente quando ele sabe, nunca antes disso. Mas você não encontra o bom lavrador desenterrando o milho plantado para ver se cresceu; isso é para crianças que brincam de plantar, e não para aqueles que o têm por sustento de vida. Entende agora, amigo John? Eu semeei o meu milho,

e a natureza tem lá o seu trabalho de fazê-lo brotar; se brotar de verdade, esperança há; e eu aguardo até que a espiga comece a crescer.

Ele se deteve, pois evidentemente viu que eu entendera. Então prosseguiu, e com muita gravidade:

— Você sempre foi um estudante cuidadoso, e seu caderno estava sempre mais cheio que o dos demais. Você então era apenas um estudante; agora é mestre, e eu acredito que aquele bom hábito não falhou. Lembre, meu amigo, que o conhecimento é mais forte que a memória, e que não devemos confiar no mais fraco. Mesmo que você não tenha mantido a boa prática, me deixe dizer que o caso de nossa cara senhorita pode vir a ser (note, eu digo pode ser) de tamanho interesse para nós e para os outros que tudo o mais não conseguirá “fazer pouco” dele, como vocês costumam dizer. Então tome boa nota disto. Nada deve ser desprezado. Eis o meu conselho, anote até mesmo suas dúvidas e conjeturas. Mais tarde pode ser interessante ver a precisão de suas suposições. Aprendemos com o erro, não com o sucesso!

Quando descrevi os sintomas de Lucy — os mesmos de antes, mas infinitamente mais acentuados —, ele pareceu muito grave, mas nada disse. Levou consigo uma bolsa na qual havia muitos instrumentos e remédios, “a medonha parafernália de nosso benéfico ofício”, como uma vez ele chamou, em uma de suas aulas, o equipamento de um professor da arte da cura. Quando fomos recebidos, a sra. Westenra veio nos ver. Estava alarmada, mas nem de longe tanto quanto eu esperava encontrá-la. A natureza, em um de seus momentos de bom humor, ordenou que até mesmo a morte tivesse algum antídoto para os próprios terrores. Aqui, num caso em que qualquer choque poderia se mostrar fatal, as coisas estão ordenadas de tal maneira que, por um ou outro motivo, aquelas que não se devem a questões pessoais — mesmo a terrível mudança na filha a quem ela é tão apegada — não parecem atingi-la. É algo que lembra a maneira como a Mãe Natureza envolve um corpo estranho com algum tecido insensível capaz de proteger do mal que, caso contrário, se daria pelo contato. Se se trata de um egoísmo ordenado, então devemos pensar antes de condenar quem quer que seja pelo vício do egoísmo, pois talvez haja raízes mais profundas para suas causas do que aquelas que conhecemos.



Usei meu conhecimento desta fase de patologia espiritual, e estabeleci a regra de que ela não deveria ficar na presença de Lucy ou pensar na enfermidade dela mais do que o absolutamente necessário. Ela de pronto assentiu, tão de pronto que vi de novo a mão da natureza brigando pela vida. Van Helsing e eu fomos levados ao quarto de Lucy. Se eu ficara chocado ao vê-la ontem, fiquei horrorizado ao vê-la hoje. Ela estava medonhamente, anemicamente pálida; o rubor parecia ter desaparecido de seus lábios e das gengivas, e os ossos das faces sobressaíam proeminentes; sua respiração era dolorosa de ver e ouvir. O rosto de Van Helsing se enrijeceu feito mármore, e suas sobrancelhas convergiram até quase se tocar acima do nariz. Lucy jazia imóvel, e não parecia ter forças para falar, de modo que por um tempo ficamos todos em silêncio. Então Van Helsing acenou para mim, e saímos delicadamente do quarto. No instante em que fechamos a porta ele atravessou o corredor rapidamente até a porta seguinte, que estava aberta. Então ele puxou-me rapidamente consigo e fechou a porta.

— Meu Deus! — ele disse —, isto é pavoroso. Não há tempo a perder. Ela vai morrer de pura falta de sangue para manter o coração funcionando como deveria. É preciso uma transfusão agora. Você ou eu?

— Sou mais jovem e forte, professor. Serei eu.

— Então se apronte imediatamente. Trarei minha bolsa. Vim preparado.

Desci as escadas com ele, e conforme descíamos ouviu-se uma batida na porta de entrada. Quando alcançamos o vestíbulo, a criada acabara de abrir a porta, e Arthur estava entrando rapidamente. Ele correu até mim, dizendo num ávido sussurro:

— Jack, eu estava tão aflito. Li nas entrelinhas de sua carta, e desde então vivi em agonia. Papai estava melhor, então corri para cá a fim de ver com meus próprios olhos. Não é este o cavalheiro dr. Van Helsing? Sou muito grato ao senhor por ter vindo.

Quando o olhar do professor recaiu pela primeira vez sobre Arthur, ele estava enfurecido com a interrupção em um momento como aquele; mas então, conforme assimilava suas proporções rijas e reconhecia a jovem e forte virilidade que pareciam emanar dele, seus olhos brilharam. Sem nenhuma demora ele lhe disse com gravidade ao estender a mão:

— O senhor chegou a tempo. É o enamorado de nossa cara senhorita. Ela está mal, muito, muito mal. Não, meu filho, não fique assim. — Pois o outro subitamente ficara pálido e se sentara quase desfalecido numa cadeira. — O senhor veio ajudá-la. Pode fazer mais do que qualquer um, e a sua coragem é a sua melhor ajuda.

— O que posso fazer? — perguntou Arthur roucamente. — Diga-me, e irei fazê-lo. A minha vida é dela, e eu daria até a última gota de sangue do meu corpo por ela.

O professor tem um lado fortemente cômico, e com base em meus antigos conhecimentos pude detectar um vestígio disso na resposta que deu:

— Meu jovem senhor, eu não peço tanto assim... não a última!

— O que devo fazer?

Havia fogo em seus olhos, e suas narinas tremiam de ímpeto. Van Helsing deu-lhe um tapinha no ombro.

— Venha! — disse. — O senhor é homem, e é de um homem que precisamos. Será melhor do que eu, melhor do que o meu amigo John.

Arthur pareceu desorientado, e o professor prosseguiu explicando de maneira gentil:

— A jovem senhorita está mal, muito mal. Precisa de sangue, e sangue ela deve ter se quiser viver. Meu amigo John e eu deliberamos; e estamos prestes a fazer o que chamamos de transfusão: transferir sangue das veias cheias de alguém para as veias vazias que precisam dele. John ia dar o próprio sangue, já que é o mais jovem e forte do que eu — aqui Arthur pegou minha mão e repuxou-a com força e em silêncio —, mas agora o senhor está aqui, será bem melhor do que nós, velhos ou jovens, que trabalham demais no mundo do

pensamento. Nossos nervos não são tão calmos e nosso sangue não é tão brilhante quanto o seu!

Arthur virou-se para ele e disse:

— Se o senhor soubesse como eu morreria feliz por ela, entenderia...

Ele parou, com uma espécie de sufoco na voz.

— Bom rapaz! — disse Van Helsing. — No futuro não tão distante o senhor ficará feliz de ver que fez tudo por ela que ama. Agora venha e fique em silêncio. O senhor irá beijá-la uma vez antes de terminar, mas em seguida deve partir; e deve sair a meu sinal. Não diga nada à madame; o senhor sabe como é com a mãe dela! Não deve haver nenhum choque; qualquer conhecimento de nossa operação seria um. Venha!

Subimos todos ao quarto de Lucy. Arthur, como ordenado, permaneceu do lado de fora. Lucy virou a cabeça e olhou para nós, mas nada disse. Não dormia, mas estava simplesmente fraca demais para tentar. Os olhos falavam por ela; isso era tudo. Van Helsing tirou algumas coisas da bolsa e as dispôs numa mesinha fora de vista. Então preparou um narcótico, e aproximando-se da cama, disse alegremente:

— Agora, mocinha, aqui está o seu remédio. Beba tudo como uma boa menina. Veja, eu a levanto para que engula bem. Isso.

Ela empenhou-se com sucesso.

Aturdiu-me como a droga demorou para agir. Isso, na verdade, acentuou a extensão da fraqueza dela. O tempo pareceu infinito até que o sono começasse a tremular em suas pálpebras. Por fim, no entanto, o narcótico começou a dar mostras de sua potência; e ela caiu num sono profundo. Quando o professor se deu por satisfeito, chamou Arthur para o quarto, e fez com que tirasse o casaco. Então acrescentou:

— Pode dar um beijinho enquanto eu trago a mesa. Amigo John, ajude aqui!

De modo que nenhum de nós dois olhamos enquanto ele se inclinava sobre ela.

Van Helsing, voltando-se para mim, disse:

— Ele é tão jovem e forte e com sangue tão puro que nem precisamos desfibriná-lo.

Então, com velocidade mas perfeita técnica, Van Helsing procedeu à operação. Conforme a transfusão ocorria, algo semelhante à vida pareceu voltar às bochechas da pobre Lucy, e por baixo da crescente palidez de Arthur a alegria em seu rosto pareceu definitivamente brilhar. Após um instante, comecei a ficar aflito, pois a perda de

sangue estava afetando Arthur, por mais forte que o homem fosse. Aquilo me deu alguma noção da terrível privação que o metabolismo de Lucy deve ter sofrido para que fosse recuperado por algo que apenas enfraqueceu Arthur parcialmente. Mas o rosto do professor estava impassível, e ele se manteve em pé com o relógio na mão e os olhos fitos ora na paciente, ora em Arthur. Pude ouvir meu coração batendo. Dentro em pouco ele disse com uma voz suave:

— Não se mexa um instante. É o bastante. Você cuida dele; eu irei tratar dela.

Quando tudo acabou, pude ver como Arthur havia enfraquecido. Tratei da ferida e peguei em seu braço para levá-lo embora, quando Van Helsing falou sem se virar — o homem parece ter olhos atrás da cabeça:

— O valente enamorado, penso eu, merece outro beijo, que deve acontecer neste momento.

E como agora havia terminado sua operação, ele arrumou o travesseiro debaixo da cabeça da paciente. Ao fazê-lo, a estreita faixa preta de veludo que ela parecia sempre usar ao redor do pescoço, presa com uma velha fivela de diamante com que o seu amante a havia presenteado, foi erguida um pouco, e exibiu uma marca vermelha em seu pescoço. Arthur não reparou, mas eu pude ouvir o alto ciciar de inspiração que é uma das maneiras como Van Helsing trai as próprias emoções. Ele não disse nada no momento, mas virou-se para mim, dizendo:

— Agora desça com o nosso valente jovem enamorado, dê um pouco do vinho do porto a ele, e deixe-o deitado por algum tempo. Ele deve então ir para casa descansar, muito dormir e muito comer, para que possa se recuperar do tanto que deu à sua enamorada. Ele não deve permanecer aqui. Espere! Um momento. Deduzo, senhor, que está ansioso pelo resultado. Então leve com o senhor a certeza de que a operação foi um sucesso sob todos os aspectos. Desta vez o senhor salvou a vida dela, e pode ir para casa descansar com cabeça leve sabendo que tudo que havia para ser feito o foi. Contarei tudo a ela quando estiver melhor; ela não irá amá-lo menos pelo que o senhor fez. Adeus.



Quando Arthur foi embora, eu voltei para o quarto. Lucy dormia suavemente, mas sua respiração estava mais forte; pude ver a colcha se mover conforme o peito arfava. Ao lado da cama estava sentado Van Helsing, olhando para ela com atenção. A faixa de veludo tornara a cobrir a marca vermelha. Perguntei ao professor com um sussurro:

— Que acha dessa marca no pescoço dela?

— O que você acha?

— Não a examinei ainda — respondi, e naquele mesmo instante tratei de afrouxar a faixa. Logo em cima da veia jugular externa havia duas perfurações, não grandes, mas com aparência não muito

saudável. Não havia sinal de infecção, mas as bordas estavam brancas e tinham aparência desgastada, como se tivessem sido trituradas. Ocorreu-me de imediato que essa ferida, ou seja lá o que fosse, poderia ter sido o meio para aquela evidente perda de sangue; mas abandonei a ideia assim que se formou, pois tal coisa não era possível. A cama estaria inteira ensopada com o escarlata do sangue que a garota teria de perder para retornar à mesma palidez que apresentava antes da transfusão.

— E então? — disse Van Helsing.

— Bem — falei —, não consigo concluir nada.

O professor levantou-se.

— Preciso voltar para Amsterdã hoje à noite — ele disse. — Lá há livros e coisas que quero. Você deve ficar aqui a noite toda, e não deve perdê-la de vista.

— Devo chamar uma enfermeira? — perguntei.

— Nós somos os melhores enfermeiros, você e eu. Você mantém vigília a noite toda; garanta que ela esteja bem alimentada e que nada a perturbe. Você não deve dormir a noite toda. Depois poderemos dormir, você e eu. Voltarei o mais rápido possível. E então poderemos começar.

— Poderemos começar? O que diabos quer dizer?

— Veremos! — ele respondeu, indo embora apressado.

Voltou um momento depois e pôs a cabeça para dentro da porta e disse com um dedo de alerta em riste:

— Lembre-se, ela está aos seus cuidados. Se você deixá-la, e o mal acontecer, não conseguirá dormir depois em paz!

Diário do dr. Seward (Continuação)

8 de setembro — Permaneci a noite toda ao lado de Lucy. O opiáceo funcionou até o amanhecer, e ela acordou naturalmente; parecia um ser diferente daquele que fora antes da operação. Até seu ânimo estava bom, e ela estava repleta de uma feliz vivacidade, mas pude ver evidências da absoluta prostração pela qual passara. Quando contei à sra. Westenra que o dr. Van Helsing havia ordenado que eu passasse a noite acordado ao lado dela, praticamente desdenhou da ideia, salientando a força renovada e o excelente ânimo da filha. Fui firme, no entanto, e fiz os preparativos para minha longa vigília. Quando a criada já a havia preparado para a noite, eu entrei, tendo

nesse meio-tempo ceado, e assumi meu lugar ao lado da cama. Ela não fez objeção alguma, mas olhava para mim com gratidão sempre que o meu olhar cruzava com o dela. Após um longo período ela pareceu pegar no sono, mas com certo esforço pareceu recompor-se e espantá-lo. Isso se repetiu diversas vezes, com esforço ainda maior e pausas menores conforme o tempo transcorria. Era evidente que ela não queria dormir, então toquei no assunto logo de uma vez:

— Não quer dormir?

— Não; estou com medo.

— Medo de ir dormir! Por quê? É a bonança pela qual todos ansiamos.

— Ah, não quando se é como eu, para quem o sono é um presságio de horror!

— Um presságio de horror! O que diabos quer dizer com isso?

— Não sei; ah, eu não sei. E isso é o que há de mais terrível. Toda essa fraqueza me vem enquanto durmo; até o ponto em que temo o próprio pensamento.

— Mas, minha cara, hoje a senhorita pode dormir. Estarei aqui velando pela senhorita, e posso prometer que nada vai acontecer.

— Ah, no senhor posso confiar!

Agarrei a oportunidade e disse:

— Eu lhe prometo que, se notar qualquer evidência de sonhos ruins, irei acordá-la de imediato.

— Mesmo? Ah, mesmo? É muita bondade a sua. Então vou dormir!

E quase que na hora ela soltou um profundo suspiro de alívio, e afundou na cama, adormecendo.

Por toda a noite eu velei por ela. Ela não se agitou, apenas dormiu mais e mais num sono profundo, tranquilo, restaurador, revigorante. Seus lábios estavam ligeiramente abertos, e o peito subia e descia com a regularidade de um pêndulo. Havia um sorriso em seu rosto, e era evidente que nenhum sonho ruim viera perturbar sua paz de espírito.

De manhã cedo veio a criada, e deixei-a aos seus cuidados e tratei de ir para casa, pois eu estava ansioso a respeito de muitas coisas. Enviei um telegrama curto a Van Helsing e a Arthur, contando-lhes o excelente resultado da operação. Meu próprio trabalho, com suas diferentes obrigações, custou-me um dia inteiro de despachos; já estava escuro quando me foi possível perguntar a respeito do meu paciente zoófago. O relatório foi bom; ele ficara bastante calmo todo o dia anterior e a noite passada. Chegou um telegrama de Van Helsing em Amsterdã enquanto eu jantava, sugerindo que eu fosse a Hillingham esta noite, uma vez que poderia ser bom que eu estivesse à

disposição, e dizendo que ele estava partindo com o correio noturno e se juntaria a mim cedo pela manhã.

9 de setembro — Eu estava deveras cansado e esgotado quando cheguei a Hillingham. Por duas noites mal havia pregado os olhos, e meu cérebro estava começando a sentir aquela insensibilidade que indica a exaustão cerebral. Lucy estava de pé e de ânimo alegre. Quando apertou a minha mão, mirou-me fixamente no rosto e disse:

— Nada de ficar de vigília esta noite. O senhor está esgotado. Eu estou muito bem novamente; estou sim, de fato; e se houver necessidade de vigília, serei eu a ficar sentada ao seu lado.

Eu não iria discutir a questão, mas subi e ceei. Lucy foi comigo, e, reavivado pela encantadora presença dela, fiz uma excelente refeição, e tomei dois copos de um vinho do porto mais do que excelente. Então Lucy me levou para cima, e me mostrou um quarto vizinho ao dela, onde ardia uma aconchegante lareira.

— Agora — ela disse —, o senhor deve ficar aqui. Deixarei esta porta aberta e a minha também. Pode ficar deitado no sofá, pois sei que nada levaria nenhum de vocês, doutores, para a cama enquanto há algum paciente em seu horizonte. Se eu precisar de alguma coisa, hei de chamá-lo, e o senhor pode vir até mim imediatamente.

Não pude senão aceitar, pois eu estava “cansado pra cachorro”, e não teria conseguido ficar de vigília nem que tentasse. Então, após ter ela renovado a promessa de me chamar caso precisasse de algo, deitei-me no sofá e me esqueci de tudo.

Diário de Lucy Westenra

9 de setembro — Sinto-me tão feliz esta noite. Tenho estado tão miseravelmente fraca que ser capaz de pensar e andar por aí é como sentir a luz do sol após um longo período de vento leste em um céu de chumbo. De alguma forma Arthur parece muito, muito próximo a mim. Pareço sentir sua presença quente à minha volta. Suponho que seja porque a doença e a fraqueza são coisas egoístas que fazem voltar nossos olhos internos e nossa empatia para nós mesmos, enquanto a saúde e a força dão rédeas ao Amor, e no pensamento e no sentimento ele pode perambular por onde quer. Sei onde estão meus pensamentos. Se ao menos Arthur soubesse! Meu amado, meu amado, suas orelhas devem coçar quando dorme, assim como as minhas ao acordar. Ah, o abençoado repouso de ontem! Como dormi, com aquele bom e querido dr. Seward velando por mim. E hoje à noite não

temerei dormir, já que ele está por perto, e à distância de um chamado. Agradeço a todos por serem tão bons comigo! Agradeço a Deus! Boa noite, Arthur.

Diário do dr. Seward

10 de setembro — Dei-me conta da mão do professor sobre a minha cabeça, e em um segundo despertei de meu sono. Esta é uma das coisas que aprendemos num asilo, ao menos.

— E como está nossa paciente?

— Estava bem, quando a deixei, ou melhor, quando ela me deixou — respondi.

— Venha, vamos ver — disse ele.

E juntos entramos no quarto.

A veneziana estava baixada, e fui até ela para subi-la delicadamente, enquanto Van Helsing se dirigia, com seu passo leve, felino, até a cama.

Quando ergui a veneziana e o sol da manhã inundou o quarto, ouvi aquele seu cicio baixo de inspiração e, sabendo como era raro, um medo mortal transpassou o meu coração. Quando me virei, ele deu um passo para trás, e sua exclamação de horror, “Gott in Himmel!”, não precisou ser reiterada pela expressão facial agonizada. Ele ergueu a mão e apontou para a cama, e seu rosto de ferro ficou abatido e de um branco desbotado. Senti meus joelhos começarem a tremer.

Ali na cama, como que desmaiada, jazia a pobre Lucy, com uma brancura ainda mais horrível e fenecida do que nunca. Até mesmo os lábios estavam brancos, e as gengivas pareciam ter recuado para trás dos dentes, como às vezes vemos num cadáver após prolongada doença. Van Helsing ergueu o pé para batê-lo de raiva, mas o instinto de toda uma vida e de todos os longos anos de hábito levaram a melhor, e ele o baixou de novo com delicadeza.







— Rápido! — ele disse. — Traga o brandy.

Voei até a sala de estar e voltei com a garrafa. Molhamos com ele os lábios da pobrezinha, e juntos esfregamos palmas, pulsos e coração. Ele sentiu seu coração, e após alguns momentos de suspense e agonia disse:

— Não é tarde demais. Ele bate, embora apenas debilmente. Todo o nosso trabalho se desfez; é preciso começar a fazer de novo. Não há nenhum jovem Arthur aqui agora; preciso contar com você desta vez, amigo John.

Conforme falava, ele mergulhava em sua bolsa e pegava os instrumentos da transfusão; eu tinha tirado meu casaco e arregaçado as mangas. Não havia possibilidade de um opiáceo naquele momento, e nenhuma necessidade dele; portanto, sem mais demoras, começamos a operação. Após algum tempo — não pareceu um curto período, de qualquer forma, pois a drenagem do sangue, não importa quão voluntariamente seja doado, é uma sensação terrível —, Van Helsing ergueu um dedo de alerta.

— Não se mexa — ele disse —, mas temo que com a força

voltando ela possa acordar; e isso causaria perigo, ah, sim, que enorme perigo. Mas precaução, devo tomar. Devo aplicar uma injeção hipodérmica de morfina.

Ele então procedeu, rápida e habilmente, para levar a cabo o que pretendia. O efeito sobre Lucy não foi danoso, pois o desfalecimento pareceu fundir-se subitamente no sono narcótico. Foi com um sentimento de orgulho pessoal que pude ver um leve matiz colorido voltar às bochechas e aos lábios pálidos. Nenhum homem sabe, até experimentá-lo, o que é sentir o próprio sangue que o mantém vivo ser bombeado para as veias da mulher que ele ama.

O professor observava-me com olho crítico.

— Isso deve bastar — disse ele.

— Já? — resmunguei. — Você tirou um bom tanto a mais de Art.

Ao que ele sorriu um sorriso algo triste enquanto respondia:

— Ele é o enamorado dela, o noivo dela. Você tem trabalho, muito trabalho a fazer por ela e por outros; e isto será o bastante.

Quando paramos a operação, ele foi tratar de Lucy, enquanto eu aplicava pressão digital na minha incisão. Deitei-me, enquanto aguardava um tempo livre para que ele me atendesse, pois me sentia fraco e um pouco enjoado. No fim das contas ele atou meu machucado, e me mandou para o andar de baixo a fim de me servir de um copo de vinho. Quando eu estava deixando o quarto, ele veio por trás de mim, e praticamente sussurrou:

— Lembre, nada deve ser dito sobre isso. Se nosso jovem enamorado calhar de aparecer inesperadamente, como antes, palavra nenhuma a ele. Irá apenas assustá-lo e enciumá-lo, também. Nem uma coisa nem outra. Pois então!

Quando me volvei ele me olhou cuidadosamente, e então disse:

— Você mesmo não está tão pior. Vá para o quarto e deite-se em seu sofá, descanse um pouco; então tome um longo jejum e venha aqui me ver.

Acatei as suas ordens, pois sabia como eram corretas e sábias. Eu fizera minha parte, e agora meu próximo dever era preservar forças. Sentia-me muito fraco, e na fraqueza perdi algo do meu deslumbramento com o ocorrido. Adormeci no sofá, contudo, enquanto me perguntava mais e mais uma vez como era possível que Lucy tivesse retrocedido tanto, e como é que poderia ter perdido tanto sangue sem que houvesse nem sinal em seu corpo. Acho que devo ter continuado minha investigação nos sonhos, pois, quer esteja dormindo ou acordado, meus pensamentos sempre voltam às pequenas perfurações no pescoço dela e na aparência irregular e desgastada de

suas bordas — por minúsculas que sejam.

Lucy dormiu até tarde, e quando acordou estava razoavelmente bem e forte, embora nem tanto quanto no dia anterior. Quando Van Helsing terminou de vê-la, saiu para uma caminhada, deixando-a aos meus cuidados, com ordens categóricas de que eu não a deixasse sozinha nem por um instante. Pude ouvir a voz dele no vestíbulo perguntando o caminho para o posto telegráfico mais próximo.

Lucy conversou comigo livremente, e parecia não ter nenhuma consciência de que algo ocorrera. Tentei mantê-la entretida e interessada. Quando a mãe subiu para vê-la, não pareceu notar nenhuma mudança, mas disse-me com gratidão:

— Devemos tanto ao senhor, dr. Seward, por tudo que tem feito, mas agora precisa realmente tomar cuidado para não ficar sobrecarregado. Agora é o senhor quem está com uma aparência pálida. Precisa é de uma esposa que cuide e tome conta do senhor um pouco; deveras!

Conforme falava, Lucy foi ficando carmesim, embora apenas momentaneamente, pois suas veiazinhas desgastadas não eram capazes de suportar por muito tempo um fluxo sanguíneo tão súbito como aquele. A reação veio na forma de uma palidez excessiva quando ela voltou os olhos suplicantes na minha direção. Eu sorri e assenti, e levei um dedo aos meus lábios; com um suspiro, ela afundou mais uma vez entre os travesseiros.

Van Helsing voltou depois de duas horas, e logo me disse:

— Agora vá para casa e coma muito e beba o bastante. Fique forte. Esta noite eu fico aqui, e eu mesmo irei velar pela mocinha. Você e eu precisamos observar o caso, e não devemos ter mais ninguém sabendo sobre ele. Tenho razões sérias. Não, não pergunte quais; pense o que quiser. Não receie pensar até mesmo nas mais não prováveis. Boa noite.

No vestíbulo, duas criadas vieram até mim e perguntaram se elas ou outras colegas não poderiam velar pela srta. Lucy. Imploraram que eu permitisse; e quando eu disse que era o desejo do dr. Van Helsing que ou ele ou eu velasse por ela, pediram-me muito misericordiosamente que intercedesse junto ao “cavalheiro estrangeiro”. Fiquei muito comovido com a gentileza delas. Talvez seja porque estou fraco no momento, talvez seja porque se trata do bem de Lucy, que a devoção delas se manifestou; pois mais de uma vez vi exemplos similares da bondade das mulheres. Voltei para cá a tempo de um jantar tardio; fiz minhas rondas — tudo certo; e anotei isto enquanto esperava o sono. Está vindo.

11 de setembro — Fui esta tarde para Hillingham. Encontrei Van Helsing com ânimo excelente, e Lucy muito melhor. Pouco após eu chegar, um grande pacote enviado do estrangeiro chegou para o professor. Ele o abriu com muito deslumbramento — fingido, é claro — e mostrou um grande maço de flores brancas.

— São para você, srta. Lucy — ele disse.

— Para mim? Ah, dr. Van Helsing!

— Sim, minha cara, mas não são de brincar. São remédios. — Aqui Lucy fez uma cara irônica. — Negativo, elas não devem ser tomadas numa decocção ou de alguma forma vomitiva, então a senhorita não precisa virar esse tão encantador nariz, ou precisarei ressaltar ao meu amigo Arthur quais aflições ele talvez precise suportar ao ver desfigurada toda essa beleza que ele tanto ama. Rá, minha bela senhorita, aí está o belo narizinho de volta ao normal. Isto é medicinal, mas a senhorita não sabe como. Vou pô-las na sua janela, farei uma bela grinalda, e pendurarei no seu pescoço, para que durma bem. Ah é!, assim como a flor-de-lótus, estas aqui fazem esquecer seus problemas. Seu perfume é como as águas do rio Lete, e daquela fonte da juventude que os Conquistadores procuravam nas Flóridas, achando-a tarde demais.

Enquanto ele falava, Lucy estivera examinando as flores e cheirando-as. Então as atirou ao chão, dizendo, entre o riso e o nojo:

— Ah, professor, creio que esteja apenas me pregando uma peça. Ora, essas flores não passam de alho comum.

Para minha surpresa, Van Helsing levantou-se e disse com toda a sua severidade, enrijecendo a mandíbula de ferro e unindo as bastas sobranceiras:

— Deboche comigo, não! Eu nunca brinco! Há propósito rigoroso em tudo que faço; e devo avisá-la que não tente contrariar. Cuide-se, pelo bem dos outros, se não pelo seu próprio. — Então, vendo a pobre Lucy assustada, como de fato deveria estar, ele prosseguiu mais manso: — Ah, mocinha, minha cara, não me tenha medo. Faça-o pelo seu bem apenas; mas há muita virtude para a senhorita nessas flores tão comuns. Veja, pus eu mesmo as flores no seu quarto. Fiz eu mesmo a coroa que a senhorita deve usar. Mas silêncio! Nada de dizer aos outros, que fazem perguntas tão inquisitivas. Devemos obedecer, e silêncio é parte da obediência; e obediência serve para deixá-la forte e bem nos braços apaixonados que a esperam. Agora sente-se quieta um pouco. Venha comigo, amigo John, e me ajude a revestir o quarto com o meu alho, que veio lá de Haarlem, onde meu amigo Vanderpool cria plantas em suas estufas o ano todo. Tive que telegrafar ontem, ou não

estariam aqui.

Passamos para o quarto, levando as flores conosco. As ações do professor sem dúvida eram esquisitas e sem precedentes em qualquer farmacopeia de que eu já tivesse ouvido falar. Primeiro ele fechou as janelas e trancou-as com força; em seguida, pegando um punhado de flores, esfregou-as por todos os caixilhos, como que para garantir que cada sopro de vento que pudesse entrar estivesse carregado do cheiro de alho. Então com as hastes esfregou por completo o umbral da porta, em cima, embaixo e dos lados, e ao redor da lareira da mesma forma. Tudo me pareceu grotesco, e logo eu disse:

— Bem, professor, eu sei que sempre há uma razão para aquilo que o senhor faz, mas isto certamente me intriga. Ainda bem que não temos um cético aqui, senão ele diria que o senhor está lançando um feitiço para afastar um espírito maligno.

— Talvez eu esteja! — ele respondeu tranquilamente enquanto começava a fazer a grinalda que Lucy deveria usar no pescoço.

Nós então aguardamos Lucy fazer a toailete noturna, e, quando já se achava na cama, ele mesmo foi prender a coroa de alho ao redor do pescoço dela. As últimas palavras que disse a ela foram:

— Tome cuidado para não desfazê-la; e mesmo se o quarto parecer abafado, não abra a janela ou a porta esta noite.

— Eu prometo — disse Lucy —, e obrigada a ambos um milhão de vezes por toda a sua bondade comigo! Ah, o que fiz para ser abençoada com amigos assim?

Ao deixarmos a casa em meu cabriolé, que estava à nossa espera, Van Helsing disse:

— Esta noite posso dormir em paz, e dormir é o que eu quero... duas noites de viagem, muita leitura durante primeiro dia, e muita aflição durante segundo dia, e uma noite acordado, sem piscar. Amanhã cedo você manda me chamarem, e iremos juntos ver nossa bela senhorita, muito mais forte por causa do “feitiço” que coloquei. Ho! Ho!

Ele parecia tão confiante que eu, lembrando-me da minha própria confiança duas noites atrás e do seu resultado nocivo, senti espanto e um terror vago. Deve ter sido minha fraqueza que me fez hesitar em externá-lo ao meu amigo, mas senti-o com ainda mais intensidade, como lágrimas não derramadas.

CAPÍTULO 11

Diário de Lucy Westenra

12 de setembro — Como todos eles são bons comigo! Adoro o querido dr. Van Helsing. Eu me pergunto por que o assunto dessas flores o deixou tão ansioso. Ele definitivamente me assustou, foi tão acalorado. E no entanto ele devia mesmo estar certo, porque já me sinto confortável com elas. De alguma forma, não temo ficar sozinha esta noite, e posso ir dormir sem medo. Não hei de ligar para nenhum ruído de asas na minha janela. Ah, a luta terrível que travei contra o sono com tanta frequência ultimamente; a dor da insônia, ou a dor do medo de dormir, com tantos horrores desconhecidos que o sono reserva para mim! Como são afortunadas algumas pessoas cujas vidas não conhecem medos, nem pavores, a quem o sono é uma bênção que chega com a noite, e não traz nada além de sonhos bons. Bem, aqui estou eu, esperando o sono, e deitada tal como Ofélia na peça¹⁹, com “grinaldas de virgem e flores fúnebres de donzela”. Eu jamais gostei de alho, mas esta noite ele está sendo delicioso! Há paz em seu cheiro; já sinto o sono chegando. Boa noite a todos.

Diário do dr. Seward

13 de setembro — Fui chamado ao Berkeley e encontrei Van Helsing, como de hábito, de prontidão. A carruagem solicitada do hotel aguardava. O professor apanhou sua bolsa, que agora sempre traz consigo.

Tratarei de registrar tudo com exatidão. Van Helsing e eu chegamos a Hillingham às 8h. A manhã estava adorável; o sol claro e toda a sensação de frescor do começo do outono pareciam a conclusão do trabalho anual da natureza. As folhas estavam ganhando todo tipo de cores bonitas, mas não haviam ainda começado a cair das árvores. Quando entramos, encontramos a sra. Westenra saindo da sala matinal. Ela sempre foi uma pessoa madrugadora. Cumprimentou-nos

calorosamente e disse:

— Ficarão felizes em saber que Lucy está melhor. A doce criança ainda está dormindo. Espiei em seu quarto e a vi, mas não entrei, para não incomodar.

O professor sorriu, e pareceu muito radiante. Esfregou as mãos e disse:

— Arrá! Eu sabia que havia diagnosticado o caso dela. Meu tratamento está funcionando.

Ao que ela respondeu:

— O senhor não deve tomar todo o crédito para si, doutor. O estado de Lucy nesta manhã em parte se deve a mim.

— O que quer dizer, madame? — perguntou o professor.

— Ora, eu fiquei aflita pela pobre criança durante a noite, e entrei no quarto. Ela estava dormindo profundamente, tão profundamente que nem mesmo a minha presença a despertou. Mas o quarto estava terrivelmente abafado. Havia um punhado daquelas flores horríveis e malcheirosas por toda parte, e ela mesma tinha um monte delas ao redor do pescoço. Temi que o cheiro forte seria demais para a pobre criança em seu estado de fraqueza, então tirei todas elas e abri uma frestinha da janela para permitir a entrada de um pouco de ar fresco. O senhor ficará satisfeito ao vê-la, tenho certeza.

Ela passou para o seu boudoir, onde costumava tomar o desjejum cedo. Enquanto ela falava, observei o rosto do professor, e vi-o empalidecer. Ele fora capaz de se controlar enquanto a pobre senhora estava presente, pois conhecia o estado dela e quão danoso um choque poderia ser; chegou mesmo a sorrir para ela enquanto abria a porta para que ela passasse para o quarto. Mas no instante em que ela desapareceu, ele me puxou, súbita e bruscamente, para a sala de jantar e fechou a porta.

Então, pela primeira vez na vida, vi Van Helsing desmoronar. Ele ergueu as mãos acima da cabeça numa espécie de desespero mudo, e então bateu as palmas de uma maneira desamparada; por fim se sentou numa cadeira e, pondo as mãos no rosto, começou a soluçar, soluços altos e secos que pareciam mesmo vir de seu coração dilacerado. Então ele levantou os braços de novo, como se apelasse ao universo inteiro.

— Deus! Deus! Deus! — ele disse. — Que foi que fizemos, que foi que fez esta pobre criatura, para ter tanto tormento? Será que ainda existe sobre nós alguma maldição, lançada do mundo pagão dos antigos, para que semelhantes coisas aconteçam, e de semelhante maneira? Essa pobre mãe, ignorante de tudo, e sem querer senão o

melhor, acaba de pôr a perder o corpo e a alma da filha; e não devemos contar a ela, não devemos nem mesmo alertá-la, ou ela morrerá, e então ambas morrerão. Ah, como é grande nosso tormento! Como todos os poderes dos demônios se acham contra nós! — Subitamente ele ficou de pé num pulo. — Venha — ele disse —, venha, precisamos ver e agir. Demônios ou não, ou todos os demônios de uma só vez, não importa; lutaremos mesmo assim.

Ele foi até a porta de entrada buscar sua bolsa; e juntos subimos ao quarto de Lucy.

Mais uma vez eu abri a cortina, enquanto Van Helsing se dirigia à cama. Desta vez ele não se sobressaltou ao olhar para aquele pobre rosto com a mesma palidez atroz e cerosa de antes. Ele estampou um olhar de grave tristeza e infinita piedade.

— Como eu esperava — murmurou, com aquela inspiração murmurante que tantas coisas significava.

Sem dizer palavra ele foi trancar a porta, e então começou a colocar na mesinha os instrumentos para mais uma operação de transfusão de sangue. Havia muito tempo eu reconhecera a necessidade, e comecei a tirar meu casaco, mas ele me deteve com um movimento de mão.



— Não! — falou. — Hoje é você quem opera. Eu doo. Você já está enfraquecido.

Conforme falava, ele tirou o casaco e arregaçou a manga.

Outra vez a operação; outra vez o narcótico; outra vez a recuperação do colorido nas bochechas pálidas, e a respiração regular de sono saudável. Desta vez observei enquanto Van Helsing

convalescia e repousava.

Logo ele aproveitou uma oportunidade para dizer à sra. Westenra que ela não deveria retirar nada do quarto de Lucy sem consultá-lo; que as flores tinham valor medicinal, e que inalar seu perfume era parte do sistema de cura. Então ele mesmo assumiu o caso, dizendo que manteria vigília aquela noite e na próxima e me enviaria um recado quando eu pudesse vir.

Mais de uma hora depois Lucy despertou de seu sono, fresca e radiante e aparentando não estar tão mal após sua terrível provação.

Que significa tudo isso? Começo a me perguntar se meu longo hábito de viver entre os insanos está começando a afetar meu próprio cérebro.

Diário de Lucy Westenra

17 de setembro — Quatro dias e noites de paz. Estou ficando tão forte de novo que mal me reconheço. É como se eu tivesse vivido um longo pesadelo, e tivesse acabado de acordar para ver o belo sol e sentir o ar fresco da manhã ao meu redor. Tenho uma vaga recordação de longos e aflitos tempos de espera e medo; de uma escuridão na qual não havia nem mesmo a dor da esperança para tornar mais pungente a presente aflição; e então de longos intervalos de esquecimento, e de voltar à vida como um mergulhador emergindo de um grande volume de água. Contudo, desde que o dr. Van Helsing passou a ficar comigo, todo esse sonho ruim parece ter ido embora; os barulhos que costumavam me matar de medo — as asas contra as janelas, as vozes distantes que pareciam tão próximas de mim, os ruídos ásperos que vinham não sei de onde e me ordenavam a fazer não sei o quê — todos cessaram. Agora vou para a cama sem nenhum medo de dormir. Nem mesmo tento ficar acordada. Passei a gostar demais do alho, e uma batelada dele chega todos os dias de Haarlem para mim. Esta noite o dr. Van Helsing ficará fora, uma vez que precisa passar um dia em Amsterdã. Mas não preciso que velem por mim; estou bem o bastante para ficar sozinha. Sou grata a Deus por ter minha mãe, e o querido Arthur, e todos os amigos que têm sido tão amáveis! Não hei de sentir nem mesmo a mudança, pois ontem à noite o dr. Van Helsing dormiu na cadeira boa parte do tempo. Flagrei-o cochilando duas vezes quando eu despertei; mas não temi voltar a dormir, embora os galhos ou morcegos ou seja lá o quê batessem quase furiosamente contra as vidraças da janela.

O LOBO FUGIDO

A perigosa aventura de nosso repórter

ENTREVISTA COM O ZELADOR DO JARDIM ZOOLÓGICO

Após muitos pedidos e quase a mesma porção de recusas, e sempre usando as palavras Pall Mall Gazette como uma espécie de talismã, consegui encontrar o zelador da seção do Jardim Zoológico que engloba o departamento de lobos. Thomas Bilder vive em uma das cabanas no anexo atrás do espaço do elefante, e estava prestes a sentar para tomar seu chá quando eu o encontrei. Thomas e a esposa são gente hospitaleira, de idade avançada e sem filhos, e se o exemplo de hospitalidade que deles pude provar for-lhes de hábito, sua vida deve ser bastante confortável. O zelador não quis entrar naquilo que chamava de “negócios” antes que a refeição terminasse e estivéssemos todos satisfeitos. Então, tirada a mesa e aceso o cachimbo, ele disse:

— Agora, senho', pode i' em frente e me pergunta' o que quise'. O senho' me perdoe a minha recusa em fala' de trabalho antes da refeição. Eu sirvo o chá p'ros lobos e p'ros chacais e p'ras hienas da minha seção antes de começa' a faze' pergunta p'reles.

— Como assim, fazer perguntas a eles? — perguntei, desejoso de deixá-lo à vontade para falar.

— Bate' na cabeça deles com um pau é um jeito; coça' a orelha deles é outro, como quando senhores cheios da grana querem se exhibi' um pouco p'ras suas garotas. Eu não sou muito de faze' isso, bate' com um pau antes de servi' o janta'; mas eu espero eles toma' o xerez e o café, por assim dize', antes de eu tenta' coça' a orelha deles. Percebe — acrescentou ele filosoficamente —, a gente tem um pouco dessa natureza também, a mesma que tem nesses bichos queridos. O senho' vem me faze' pergunta sobre meus negócios, e eu com um mau humo' que, se não fosse pela meia libra que me deu, teria era expulsado o senho' antes mesmo d'eu responde'. Não fiz isso nem quando o senho' me pergunto' com sarcasmo se eu queria que o senho' pedisse autorização ao superintendente p'ra me faze' pergunta. Sem quere' ofende', eu disse p'ro senho' i' p'ro

inferno?

— Disse sim.

— E quando o senho' disse que ia me denuncia' por linguagem obscena, foi como se tivesse batido na minha cabeça; mas a meia libra encerrou a questão. Eu é que não ia briga', então esperei a comida, e isso uivan'o, que nem os lobo, os leão e os tigre. Mas, que Deus a abençoe, agora que a minha velha me encheu de bolinho' e lavou meu bucho com uma boa chaleira quente, e eu dei uma bela d'uma revigorada, o senho' pode coça' minha orelha como bem entende', que nem vou uiva'. Vamos adiante com essas pergunta'. Eu sei po' que o senho' veio, foi po' causa do lobo fugido.

— Exatamente. Quero que me dê sua visão do que aconteceu. Apenas me conte como o caso se deu; e quando eu tiver conhecimento dos fatos, farei você dizer o que acredita ter sido a causa, e como acha que toda a história irá acabar.

— Tudo bem, douto'. Foi assim que sucedeu. Tem esse lobo que a gente chama de Escandinavo, que é um dos três lobos cinzentos que vieram da Noruega pr'o Jamrach, que compramos dele tem quatro anos. Era um lobo comportado, que nunca dava nenhum motivo de reclamação. O que mais surpreendeu foi ele quere' fugi' e não um outro animal daqui. Mas, percebe, não dá pr'a confia' em lobo assim como não dá pr'a confia' em mulhe'.

— Não liga pr'ele, senho'! — interrompeu a sra. Tom, com uma risada alegre. — Ele vive co's animal faz tanto tempo que é capaz de ele mesmo parece' um lobo velho! Mas ele não faz mal pr'a ninguém.

— Bem, senho', tinha passado umas duas horas da janta ontem quando ouvi uma bagunça. Eu 'tava arrumando uma maca na gaiola dos macaco' par'um puma novo que adoeceu; mas quando ouvi os ganido's e os uivo's eu saí correndo. Lá 'tava o Escandinavo berrando feito um doido nas grade' como se quisesse sai'. Não tinha muita gente naquele dia, e ali perto só vi um homem, um sujeito alto, magro, com um nariz aquilino e barba pontuda, c'um pouco de cabelo branco escorrendo dela. Tinha uma cara dura, fria, e olho vermelho, e eu logo desgostei dele, pois pareceu que era com ele que eles 'tavam irritado'. Tinha umas luvas de pelo de cabra branca, e apontou pr'os animais e p'ra mim e disse: “Zelador, esses lobos parecem incomodados com alguma coisa”. “Com o senho', vai

ve””, eu disse, pois não gostei dos ares que ele se dava. Ele não ficou bravo, como eu achei que ia fica’, mas deu um risinho insolente, com uma boca cheia de dentes brancos afiados. “Ah, eles não iriam gostar de mim”, ele disse. “Ah, iriam sim”, eu disse, imitando ele. “Eles sempre gostam de um palito ou dois p’ra limpa’ os dentes na hora do chá, e o senho’ é puro osso.” Bem, foi um troço estranho, mas quando os bicho’ viram a gente papeando, foram deita’, e quando eu cheguei perto do Escandinavo ele me deixou coça’ as orelha dele como sempre. Então aquele homem chegou mais perto, e qual não foi minha surpresa quando estendeu a mão e coçou a orelha do lobo tam’ém! “Cuidado”, eu disse. “O Escandinavo é ligeiro.” “Não se preocupe”, ele disse. “Estou acostumado com eles!” “Você é do ramo?”, eu perguntei, tirando o chapéu, pois um homem que negocia com lobo etc. é um bom amigo dos zelador’. “Não”, ele respondeu, “não exatamente do ramo, mas já tive vários como animais de estimação.” E com isso ele levanta o chapéu com tanta educação quanto um lorde, e sai andan’o. O velho Escandinavo ficou seguindo ele com os olhos até ele sumi’ de vista, e então foi se deita’ num canto e não quis sabe’ de sai’ a noite inteira. Bem, ontem de noite, assim que a lua apareceu, tudo quanto é lobo daqui começou a uiva’. Não tinham nada que fica’ uivando. Não tinha ninguém perto, só alguém que dava bem p’ra ve’ estava chamando um cachorro em algum luga’ ali perto atrás dos jardins na estrada do parque. Umas duas vezes eu saí p’ra ve’ se ‘tava tudo bem, e ‘tava, e então o uivo parava. Pouco antes da meia-noite eu dei uma olhada em volta antes de i’ embora e, maldição, quando chego em frente à jaula do velho Escandinavo eu vejo as grades arrebitadas e torcidas e a jaula vazia. Isso é tudo que eu sei de certo.

— Ninguém viu nada?

— Um dos jardineiros ‘tava voltando p’ra casa nessa hora de um concerto, quando vê um cachorrão cinza saindo das cerca do jardim. Pelo menos é o que ele diz, mas eu não dou lá muito crédito, porque se fo’ verdade ele não disse uma palavra disso p’ra mulhe’ dele quando chegou em casa, e foi só depois que todo mundo ficou sabendo da fuga do lobo, e a gente tinha ficado acordado a noite toda procurando o Escandinavo no parque, que ele lembrou que tinha visto alguma coisa. Eu acho que o concerto subiu à cabeça dele.

— Agora, sr. Bilder, o senhor consegue fornecer alguma explicação sobre a fuga do lobo?

— Ora, senho' — disse ele, com uma modéstia algo suspeita —, acho que consigo; só não sei se o senho' vai fica' satisfeito co'a minha teoria.

— É certo que vou. Se um homem como o senhor, que conhece os animais por experiência, não puder arriscar um palpite, quem poderá?

— Bem, senho', então eu explico desse jeito; me parece que esse lobo aqui fugiu... só porque ele queria sai'.

Pela maneira calorosa como Thomas e a esposa riram do gracejo, pude ver que já fora usado antes, e que todo o relato não passava de um elaborado logro. Eu não seria cúmplice da traquinagem do valoroso Thomas, mas achei que conhecia um caminho mais seguro para o seu coração, então eu disse:

— Agora, sr. Bilder, consideremos que aquela meia libra já se pagou e que este irmão dela está esperando para ser reivindicado quando o senhor me contar tudo o que pensa sobre o futuro.

— Muito bem, senho' — ele disse rapidamente. — Vai me desculpa', eu sei, por enerva' o senho', mas a velha senhora aqui piscou p'ra mim, que é o mesmo que dize' p'reu continua'.

— Eu, nunca! — disse a velha senhora.

— Minha opinião é a seguinte: aquele lobo 'tá escondido n'algum luga'. O jardineiro esquecido disse que ele 'tava galopando pr'o norte mais rápido que um cavalo; mas eu não creio nele, pois, ora veja, senho', lobo não galopa mais do que cachorro, não foi feito p'ra isso. Os lobo' ficam bem em livros de faz de conta, e admito que quando eles se juntam em bandos p'ra bota' medo em bichos mais temidos que eles, fazem um barulho dos diabos e retalham o que que' que seja. Mas, que Deus abençoe, na vida real um lobo não passa de uma criatura inferior, nem de perto tão inteligente ou esperta como um cachorro dos bons; e nem de longe tão bom de briga. Esse daqui não 'tá acostumado a briga' ou a se sustenta', e o mais provável é que esteja em algum luga' em volta do parque se escondendo assustado, e, se é que é capaz de raciocina', pensando onde é que vai arranja' o de come'; ou talvez tenha descido em algum luga' e esteja num porão. Valha-me, vai te' cozinheiro tendo um troço quando ve' os olho' verde' dele brilhando no escuro! Se o lobo não consegui' comida, 'tá

condenado a i' procura', e pode calha' de encontra' um açougue a tempo. Se não calha' e uma babá sair pra passear c'um soldado, deixando o nenê no carrinho... bem, então eu não ia ficar surpreso se fosse um nenê a menos na estatística. É só isso.

Eu estava para lhe entregar a meia libra quando algo surgiu pulando contra a janela, e o rosto do sr. Bilder duplicou de tamanho com a surpresa.

— Abençoado seja! — ele disse. — Se não é o velho Escandinavo voltando por conta própria!

Ele foi até a porta e a abriu; um procedimento dos mais desnecessários, assim me pareceu. Sempre fui da opinião de que um animal bravo parece mais agradável quando algum obstáculo de pronunciada durabilidade se encontra entre nós; uma experiência pessoal fizera mais intensificar do que abrandar esse conceito.

Afinal de contas, no entanto, não há nada como a força do hábito, pois nem Bilder nem a mulher tratavam o lobo de maneira diversa da qual tratariam um cachorro. O animal, por sua vez, era tão pacífico e bem-comportado como aquele que é o pai de todos os lobos de mentirinha — o amigo postiço de Chapeuzinho Vermelho, que conquistou a confiança dela por meio de uma farsa.

Toda a cena era uma mistura indizível de comédia e tragédia. O lobo malvado que por meio dia havia paralisado Londres e feito todas as crianças da cidade tremerem nas bases estava ali numa espécie de humor penitente, sendo recebido e acarinhado como um filho pródigo lupino. O velho Bilder examinou-o por inteiro com o mais terno zelo, e quando terminou com o seu penitente, disse:

— Veja, eu sabia que esse velho camarada acabaria entrando n'alguma enrascada; não falei? Olhe essa cabeça toda cortada e cheia de vidro moído. Ele topou com algum muro ou algo assim. É uma vergonha as pessoas pode' cimentar o alto dos muros com cacos de garrafa. É isso que dá. Vem cá, Escandinavo.

Ele levou o lobo e o trancou numa jaula, com um naco de carne que satisfazia, ao menos em quantidade, as necessidades elementares do bezerro cevado, e partiu para relatar o ocorrido.

Parti também para relatar esta única informação exclusiva

produzida hoje no tocante à estranha fuga do zoológico.

Diário do dr. Seward

17 de setembro — Após o jantar permaneci em meu gabinete pondo ordem em meus livros, que, por urgência de outras tarefas e das muitas visitas a Lucy, haviam sido tristemente relegados. De repente a porta se abriu, e por ela entrou correndo meu paciente, com o rosto distorcido pela obsessão. Fiquei aterrorizado, pois um paciente adentrar por vontade própria no gabinete do superintendente é algo que quase se desconhece. Sem nem um minuto de demora ele veio na minha direção. Tinha uma faca de cozinha na mão, e, ao ver que ele representava perigo, tentei manter a mesa entre nós. Ele foi rápido demais e forte demais para mim, no entanto; pois, antes que eu conseguisse me firmar, ele me golpeou e cortou meu pulso esquerdo muito seriamente. Antes que pudesse me golpear de novo, no entanto, dei-lhe uma de direita e eis que ele estava estendido de costas no chão. Meu pulso sangrava copiosamente, e um bela poça se formara no carpete. Vi que o meu amigo não fazia menção de mais um ataque, e ocupei-me atando o pulso, o tempo todo mantendo um olho atento na figura prostrada. Quando os assistentes chegaram correndo e voltamos nossa atenção para ele, seu ato definitivamente me enojou. Ele estava deitado de barriga no chão, lambendo, feito um cachorro, o sangue que caíra do meu pulso cortado. Seguraram-no sem nenhuma resistência, e, para minha surpresa, ele deixou-se levar pelos assistentes com muita placidez, limitando-se a repetir mais e mais uma vez:

— O sangue é a vida! O sangue é a vida!

Não posso me dar ao luxo de perder sangue neste momento; já perdi muito dele recentemente, e a prolongada provação que é a enfermidade de Lucy e suas fases horríveis estão começando a me afetar. Estou sobre-exaltado e fatigado, e preciso repousar, repousar, repousar. Felizmente Van Helsing não me convocou, portanto não preciso renunciar ao sono; esta noite não conseguiria passar sem ele.

TELEGRAMA DE VAN HELSING, ANTUÉRPRIA, A
SEWARD, CARFAX

(ENVIADO A CARFAX, SUSSEX, POIS SEM ENDEREÇO
DO CONDADO; ENTREGUE COM VINTE E DUAS HORAS
DE ATRASO)

17 DE SETEMBRO

NÃO FALHE EM ESTAR EM HILLINGHAM HOJE À
NOITE. SE NÃO FICAR DE VIGIA O TEMPO TODO, VISITE
E VEJA SE AS FLORES ESTÃO NO LUGAR; MUITO
IMPORTANTE; NÃO FALHE. ESTAREI COM VOCÊ TÃO
LOGO POSSÍVEL APÓS CHEGADA.

Diário do dr. Seward

18 de setembro — Saindo agora para tomar o trem até Londres. A chegada do telegrama de Van Helsing encheu-me de consternação. Um noite inteira perdida, e sei por amarga experiência o que pode acontecer no período de uma noite. É claro que é possível que tudo esteja bem, mas o que pode ter acontecido? Certamente há uma terrível sina pairando sobre nós e determinando que todo acidente imaginável venha a frustrar tudo que tentamos fazer. Vou levar este cilindro comigo, e então poderei completar minha entrada no fonógrafo de Lucy.

Memorando deixado por Lucy Westenra

Noite de 17 de setembro — Escrevo este memorando e o deixo aqui para que seja visto, de modo que ninguém porventura tenha problemas por minha causa. Trata-se de um registro exato do que sucedeu hoje à noite. Sinto que estou morrendo de fraqueza, e mal tenho forças para escrever, mas devo fazê-lo para o caso de eu morrer no processo.

Fui para a cama como de hábito, cuidando para que as flores estivessem colocadas tal como o dr. Van Helsing ordenou, e logo adormeci.

Fui acordada pelo bater de asas na janela, que tivera início após aquela ocasião em que caminhei sonâmbula no penhasco de Whitby e Mina me salvou, e que agora conheço tão bem. Eu não tive medo, mas desejei que o dr. Seward estivesse no quarto ao lado — como o dr.

Van Helsing disse que estaria — a fim de que eu pudesse chamá-lo. Tentei voltar a dormir, mas não consegui. Então retornou o velho medo de dormir, e decidi manter-me acordada. Perversamente, o sono fazia menção de vir quando eu não o desejava; portanto, como temia ficar sozinha, abri a porta e chamei:

— Há alguém aí?

Não houve resposta. Tive medo de acordar mamãe, e portanto voltei a fechar a porta. Então, lá fora, nos arbustos, ouvi uma espécie de uivo, como o de um cão, embora mais feroz e profundo. Fui à janela e olhei, mas nada pude ver, exceto um grande morcego, que evidentemente estava roçando as asas contra a janela. Então voltei para a cama, mas determinada a não dormir. Logo a porta se abriu, e mamãe espiou aqui dentro; vendo por meus movimentos que eu não estava dormindo, entrou e sentou-se ao meu lado. Disse-me de maneira ainda mais terna e suave do que a costumeira:

— Eu estava apreensiva por você, querida, e vim garantir que está bem.

Temí que ela pudesse apanhar um resfriado sentada ali, e pedi que viesse dormir comigo, portanto ela subiu na cama e se deitou ao meu lado; não tirou o lençol, pois disse que ficaria só um pouquinho e então voltaria para a própria cama. Enquanto ela esteve deitada em meus braços, e eu nos dela, o bater de asas e o roçar mais uma vez voltaram à janela. Ela ficou sobressaltada e um pouco assustada, e exclamou:

— O que é aquilo?

Tentei apaziguá-la, e por fim tive êxito, e ela deitou-se quieta; mas pude ouvir o pobre coração dela continuar a bater terrivelmente. Após um instante ouviu-se de novo o uivo baixo lá nos arbustos, e pouco depois a janela foi quebrada, e um punhado de vidro partido foi lançado no chão. A veneziana da janela foi repuxada para fora pelo vento que entrava, e na abertura das vidraças quebradas estava a cabeça de um enorme, descarnado lobo cinzento. Mamãe gritou de susto, e sentou-se com dificuldade, e agarrou-se loucamente a qualquer coisa que pudesse ajudá-la. Entre outros objetos, agarrou a grinalda de flores que o dr. Van Helsing insistiu que eu usasse em volta do pescoço, e lançou-a para longe de mim. Por um ou dois segundos ela permaneceu sentada, apontando para o lobo, e houve um estranho e horrível gorgolejar na garganta dela; então ela desabou — como se atingida por um raio, e a sua cabeça bateu na minha testa e me deixou tonta por um momento ou mais. O quarto e todo o meu entorno pareciam girar. Mantive os olhos fixos na janela, mas o lobo

recuou a cabeça, e toda uma miríade de pequenas manchas pareceu entrar soprando pela janela quebrada, e rodopiar e circular como a coluna de pó que os viajantes descrevem quando sopra uma ventania no deserto. Tentei me mexer, mas havia algum feitiço sobre mim, e o corpo de minha pobre mãe, que parecia já esfriar — pois seu querido coração cessara de bater —, pesava sobre mim; e por um tempo não pude me recordar de mais nada.

O tempo não pareceu longo, mas muito, muito aterrador, até que eu recuperasse a consciência de novo. Em algum lugar por perto, um dobre de finados ressoava; os cães de toda a vizinhança uivavam; e em nossos arbustos, aparentemente logo ali fora, um rouxinol cantava. Eu estava entontecida e estupefata de dor e terror e fraqueza, mas o som do rouxinol pareceu a voz de minha mãe morta voltando para me consolar. Os sons pareciam ter acordado as criadas também, pois pude ouvir o ruído de seus pés descalços do lado de lá da porta. Chamei por elas, e elas entraram, e, quando viram o que acontecera, e o que era que jazia a meu lado na cama, soltaram um grito. O vento soprava pela janela quebrada, e a porta bateu com ele. Elas levantaram o corpo da minha querida mãe, e a deitaram, coberta por um lençol, na cama depois que me levantei. Estavam todas tão assustadas e nervosas que eu ordenei que fossem para a sala de estar e tomassem um copo de vinho. A porta se abriu de um golpe por um instante e se fechou de novo. As criadas estremeceram, e então seguiram juntas para a sala de estar; e depusitei as flores que ainda tinha comigo no peito de minha pobre mãe. Vendo-as ali em cima, lembrei-me do que o dr. Van Helsing havia me dito, mas eu não quis tirá-las, e, além disso, eu teria agora algumas das criadas para velar por mim. Surpreendeu-me que as criadas não voltassem. Chamei por elas, mas não obtive resposta, então fui para a sala de jantar procurá-las.

Meu coração sucumbiu quando vi o que acontecera. Todas as quatro jaziam largadas no chão, respirando com dificuldade. A garrafa de xerez estava pela metade sobre a mesa, mas havia no ambiente um cheiro esquisito, acre. Fiquei desconfiada e examinei a garrafa. Cheirava a láudano, e, olhando o aparador, descobri que o frasco que o médico de mãe usa para ela — ah! usava — estava vazio. Que hei de fazer? Que hei de fazer? Voltei ao quarto com mãe. Não posso deixá-la, e estou sozinha, salvo pelas criadas adormecidas, que alguém drogou. Sozinha com os mortos! Não ousou ir lá fora, pois consigo ouvir o uivo baixo do lobo através da janela quebrada.

O ar parece repleto de flocos, flutuando e girando na corrente que entra pela janela, e as luzes ardem azuis e fracas. Que hei de fazer?

Que Deus me proteja do mal esta noite! Hei de esconder este papel junto ao peito, onde o encontrarão quando vierem me recolher. Minha querida mãe se foi! É minha hora de ir também. Adeus, querido Arthur, caso eu não sobreviva a esta noite. Que Deus o guarde, querido, e que Deus me ajude!



19 Referência a Hamlet, tragédia de William Shakespeare.

CAPÍTULO 12

Diário do dr. Seward

18 de setembro — Rumei imediatamente para Hillingham e cheguei cedo. Fazendo meu cabriolé esperar no portão, subi a alameda sozinho. Bati à porta com delicadeza e toquei a campainha com a maior tranquilidade possível, pois temia perturbar Lucy ou a mãe, e esperava atrair apenas um criado ao meu encontro. Após algum tempo, não havendo resposta, bati e toquei de novo; ainda nada de resposta. Amaldiçoei o desleixo dos criados por estarem na cama até uma hora dessas — pois agora já eram 10h — e então toquei e bati de novo, mas com impaciência, e no entanto sem resposta. Até então eu culpara somente os criados, mas agora um medo terrível começou a me afligir. Seria essa desolação somente mais um elo na corrente de danação que parecia se fechar cada vez mais ao nosso redor? Teria eu de fato ido bater a uma casa de morte, chegando tarde demais? Eu sabia que minutos, mesmo segundos de atraso poderiam representar horas de perigo para Lucy, se ela tivesse sofrido de novo uma daquelas temíveis reincidências; e dei a volta na casa para tentar quem sabe descobrir uma entrada em algum lugar.

Não fui capaz de achar meios de acesso. Todas as janelas e portas estavam fechadas e trancadas, e voltei desconcertado para o alpendre. Ao fazê-lo, ouvi o pocotó ligeiro das patas de um cavalo conduzido a galope. Elas estacaram no portão, e uns poucos segundos depois dei com Van Helsing correndo pela alameda. Quando ele me viu, disse esbaforido:

— Então era você, e recém-chegado. Como ela está? É tarde demais? Você não recebeu meu telegrama?

Com a maior rapidez e coerência que pude, respondi-lhe que eu só recebera seu telegrama de manhã cedo, e não perdera um minuto em ir para lá, e que eu não conseguia fazer ninguém na casa me ouvir. Ele se deteve e levantou o chapéu enquanto dizia com solenidade:

— Então temo que chegamos tarde demais. Seja feita a vontade de Deus! — Com sua habitual energia autorrestauradora, ele prosseguiu:

— Venha. Se não há abertura por onde entrar, criar uma é preciso. Afinal, o tempo é tudo para nós agora.

Demos a volta até os fundos da casa, onde havia uma janela de cozinha. O professor tirou uma pequena serra cirúrgica de sua bolsa, e, ao passá-la para mim, apontou para as barras de ferro que protegiam a janela. Ataqueei-as de imediato e logo havia cortado três delas. Então, com uma faca comprida e fina, soltamos o trinco dos caixilhos e abrimos a janela. Ajudei o professor a subir, e fui em seguida. Não havia ninguém na cozinha ou nos alojamentos dos criados, que ficavam ali por perto. Tentamos todos os quartos à medida que avançávamos, e na sala de jantar, mal iluminada por raios de luz que entravam pelas venezianas, encontramos quatro criadas deitadas no chão. Não havia nenhuma razão para crê-las mortas, pois sua respiração estrepitosa e o cheiro acre de láudano no aposento não deixavam dúvida quanto à condição em que se achavam. Van Helsing e eu olhamos um para o outro, e conforme seguíamos ele disse:

— Podemos cuidar delas depois.

Então subimos ao quarto de Lucy. Por alguns momentos ficamos diante da porta à escuta, mas não havia som a ser ouvido. Com os rostos brancos e as mãos trêmulas, abrimos a porta devagar, e entramos no quarto.

Como eu poderia descrever o que vimos? Na cama jaziam duas mulheres, Lucy e a mãe. Esta última estava deitada mais distante, e coberta com um lençol branco, cuja ponta havia sido soprada pela corrente que entrava pela janela quebrada, mostrando-lhe o rosto branco e abatido, estampado com uma expressão de terror. A seu lado jazia Lucy, com o rosto branco e ainda mais abatido. As flores que ficavam em volta de seu pescoço encontramos no peito da mãe, e seu pescoço estava nu, mostrando os dois pequenos ferimentos que havíamos notado antes, mas parecendo horivelmente brancos e mutilados. Sem dizer uma palavra, o professor inclinou-se sobre a cama, a cabeça quase tocando o peito da pobre Lucy; então fez um rápido meneio de cabeça, como de alguém que está à escuta, e pondo-se de pé com um salto exclamou para mim:



— Ainda não é tarde demais! Rápido! Rápido! Traga o brandy!

Voei escadas abaixo e voltei com a bebida, tomando o cuidado de sentir o cheiro e o gosto, com receio de que ela, também, estivesse drogada como a garrafa de xerez que encontrei em cima da mesa. As criadas ainda respiravam, mas de modo mais irrequieto, e imaginei que o narcótico estivesse se dissipando. Não fiquei para ter certeza,

mas retornei a Van Helsing. Ele esfregou o brandy, como em ocasião anterior, nos lábios e nas gengivas e nos pulsos e nas palmas das mãos de Lucy. Ele me disse:

— Isso é possível fazer, é tudo no momento. Vá acordar aquelas criadas. Bata no rosto delas com uma toalha molhada, e bata forte. Providencie calor e fogo e um banho quente para elas. Esta pobre alma está quase tão fria quanto aquela a seu lado. Precisarás ser aquecida antes que possamos fazer algo mais.

Fui de imediato, e encontrei pouca dificuldade para acordar três das mulheres. A quarta era apenas uma mocinha, e a droga evidentemente a havia afetado com mais intensidade, então a levantei até o sofá e deixei-a dormindo. As outras a princípio ficaram entontecidas, mas, à medida que sua consciência voltava, começavam a chorar e soluçar de maneira histérica. Fui severo com elas, no entanto, e não as deixei falar. Disse-lhes que uma vida perdida já era péssimo o bastante, e que se elas se demorassem acabariam por sacrificar a srta. Lucy. Então, soluçando e chorando, elas se puseram em movimento, semivestidas como estavam, e prepararam fogo e água. Felizmente o fogo da cozinha e da caldeira ainda estavam acesos, e não faltava água quente. Preparamos um banho e transportamos Lucy da maneira como estava para dentro dele. Enquanto estávamos ocupados friccionando seus membros, ouviu-se uma batida na porta da entrada. Uma das criadas saiu correndo, jogou mais algumas peças de roupa por cima de si e abriu-a. Então ela voltou e informou-nos aos sussurros que era um cavalheiro trazendo uma mensagem do sr. Holmwood. Ordenei que ela simplesmente dissesse a ele que seria necessário aguardar, pois no momento não podíamos ver ninguém. Ela foi com a mensagem, e, absorto em nossa ocupação, esqueci-me dele por completo.

Em toda a minha experiência eu nunca vi o professor trabalhar com uma seriedade tão mortal. Eu sabia — assim como ele — que se tratava de uma luta de frente contra a morte, e durante uma pausa disse isso a ele. Ele respondeu-me de uma maneira que não entendi, mas com o olhar mais severo de que o seu rosto era capaz:

— Se fosse apenas isso, eu pararia aqui onde estamos agora, e a deixaria desaparecer em paz, pois não vejo luz de vida no horizonte dela.

Ele prosseguiu seu trabalho com, se é que era possível, vigor renovado e ainda mais frenético.

Logo passamos a nos dar conta de que o calor começava a surtir algum efeito. O coração de Lucy batia um pouco mais alto ao

estetoscópio, e seus pulmões faziam um movimento perceptível. O rosto de Van Helsing quase se irradiou, e, conforme a erguíamos da banheira e a embrulhávamos num lençol quente para secá-la, ele me disse:

— A primeira vitória é nossa! Xeque!

Levamos Lucy para outro quarto, que a essa altura já estava preparado, e a deitamos na cama e lhe forçamos umas gotas de brandy goela abaixo. Notei que Van Helsing prendeu um lenço de seda macia ao redor do pescoço dela. Ela ainda estava inconsciente, e tão mal quanto já a víamos, se não pior.

Van Helsing chamou uma das mulheres, e lhe pediu que ficasse com ela e não tirasse os olhos de cima dela até que retornássemos, e então gesticulou para que eu saísse do quarto com ele.

— Precisamos deliberar o que fazer — ele disse enquanto descíamos as escadas.

No vestíbulo ele abriu a porta da sala de jantar; passamos para dentro, e ele fechou a porta cuidadosamente atrás de si. As venezianas haviam sido abertas, mas as cortinas estavam já baixadas, com aquela obediência à etiqueta fúnebre que as mulheres britânicas das classes baixas sempre observam rigidamente. O cômodo estava, portanto, levemente escuro. Havia, no entanto, luz suficiente para nossos propósitos. A severidade de Van Helsing foi em certa medida aliviada por um olhar de perplexidade. Ele estava evidentemente se martirizando por causa de algo, então esperei um instante, e ele falou:

— Que iremos fazer agora? A que iremos recorrer por ajuda? Precisamos de outra transfusão de sangue, e logo, senão a vida dessa pobre garota não durará uma hora. Você já está exaurido; também eu estou exausto. Tenho medo de contar com aquelas mulheres, mesmo se tivessem coragem de se submeter. Que faremos para encontrar alguém que abra as veias por ela?

— E qual é o problema comigo, afinal?

A voz veio do sofá do outro lado da sala, e seu tom trouxe alívio e alegria ao meu coração, pois se tratava da voz de Quincey Morris. Van Helsing sobressaltou-se furiosamente ao primeiro som, mas seu rosto se suavizou e um olhar satisfeito surgiu em seus olhos quando eu exclamei:

— Quincey Morris! — e corri ao encontro dele com os braços estendidos. — O que o traz aqui? — exclamei quando nossas mãos se encontraram.

— Suponho que vim por causa de Art.

Ele entregou-me um telegrama:

TRÊS DIAS SEM NOTÍCIAS DE SEWARD, E ESTOU
TERRIVELMENTE AFLITO.

NÃO POSSO SAIR. PAI AINDA NA MESMA CONDIÇÃO.
MANDE NOTÍCIAS DE COMO LUCY ESTÁ PASSANDO.
SEM DEMORA. — HOLMWOOD

— Creio ter chegado bem na hora. Você sabe que apenas precisa me dizer o que tenho de fazer.

Van Helsing deu um passo adiante e tomou sua mão, encarando-o direto nos olhos, enquanto dizia:

— O sangue de um homem valente é o que há de melhor nesta terra quando uma mulher está em perigo. Você é um homem, não há dúvida. Ora, o Diabo pode trabalhar contra nós com tudo o que tem, mas Deus nos manda homens quando estamos faltos deles.

Mais uma vez procedemos àquela operação medonha. Não tenho estômago para entrar em detalhes. Lucy sofreu um choque terrível que a afetou mais do que anteriormente, pois, embora uma abundância de sangue entrasse em suas veias, seu corpo não respondeu tão bem ao tratamento como nas outras ocasiões. Sua batalha para voltar à vida foi algo assustador de ver e ouvir. Contudo, o funcionamento tanto do coração como dos pulmões apresentou melhora, e Van Helsing aplicou-lhe uma injeção subcutânea de morfina, como antes, e com bom efeito. Seu desmaio tornou-se um dormir profundo. O professor ficou observando enquanto eu descia as escadas com Quincey Morris e mandava uma das criadas pagar um dos cocheiros que estavam esperando. Fiz Quincey se deitar após tomar um copo de vinho, e pedi à cozinheira que preparasse um bom desjejum. Então um pensamento me ocorreu, e voltei ao quarto onde Lucy agora estava. Quando cheguei com toda a delicadeza, encontrei Van Helsing com uma ou duas folhas de papel na mão. Ele evidentemente as havia lido, e sobre elas refletia sentado com a mão na testa. Havia em seu rosto uma expressão de sombria satisfação, como a de alguém que sanou uma dúvida. Ele entregou-me o papel dizendo apenas:

— Caiu do peito de Lucy quando a carregamos para o banho.

Quando terminei de ler, fiquei olhando para o professor, e após uma pausa perguntei:

— Em nome de Deus, o que significa tudo isso? Ela estava, ou está, louca; ou que tipo de horrível perigo ela corre?

Fiquei tão desnorteado que não sabia o que mais dizer. Van

Helsing estendeu a mão e pegou o papel, dizendo:

— Não se preocupe com isso agora. Esqueça por ora. Você vai ver e entender tudo quando for o tempo; mas será mais tarde. E então, o que foi que veio me dizer?

Isto me trouxe de volta à realidade, e dei acordo de mim.

— Vim falar sobre a certidão de óbito. Se não agirmos com acerto e sabedoria, poderá haver um inquérito, e esse papel teria de ser apresentado. Fico na esperança de que não ocorra nada do tipo, pois isso certamente mataria de vez a pobre Lucy. Eu sei, e você sabe, e o outro médico que a atendeu sabe, que a sra. Westenra sofria de uma doença coronária, e podemos certificar que essa foi a causa da sua morte. Tratemos de redigir a certidão imediatamente, e a levarei eu mesmo ao tabelião e em seguida ao agente funerário.

— Ótimo, meu amigo John! Bem pensado! Realmente, se a srta. Lucy se entristece com as adversidades que a atormentam, ao menos se alegra com os amigos que a amam. Um, dois, três, todos abriram as veias para ela, além de um homem velho. Ah, sim, eu sei, amigo John; eu não sou cego! Amo-o mais ainda por causa disso! Agora vá.

No vestíbulo encontrei Quincey Morris, com um telegrama para Arthur dizendo-lhe que a sra. Westenra estava morta; que Lucy também ficara doente, mas agora estava melhorando; e que Van Helsing e eu estávamos com ela. Conte-lhe aonde eu estava indo, e ele me apressou, mas quando eu estava a caminho ele me disse:

— Quando voltar, Jack, posso ter uma palavra com você em particular?

Assenti em resposta e saí. Não encontrei dificuldade com o registro, e acertei com o agente funerário local que fosse de noite tirar as medidas do caixão e fazer os preparativos.

Quando voltei, Quincey estava me esperando. Eu lhe disse que conversaria com ele assim que me inteirasse sobre Lucy, e subi ao quarto dela. Ela ainda estava dormindo, e o professor aparentemente não havia se mexido na cadeira ao seu lado. Do dedo que ele levou aos lábios deduzi que esperava que ela acordasse em breve e que ele temia apressar a natureza. Então desci e levei Quincey à sala do desjejum, onde as venezianas não estavam baixadas e era um pouco mais alegre, ou pelo menos menos triste, do que os outros cômodos. Quando estávamos a sós, ele me disse:

— Jack Seward, eu não quero me meter em nenhum lugar em que não tenho o direito de estar; mas não se trata de um caso corriqueiro. Você sabe que eu amava essa garota e queria desposá-la; mas, embora tudo isso tenha ficado no passado, não posso evitar afligir-me por ela.

O que é que há de errado com ela? O holandês, e que grande sujeito ele é, isso eu percebo; ele disse, naquela ocasião em que vocês dois entraram no quarto, que precisavam de outra transfusão de sangue, e que você e ele estavam exauridos. Ora, eu bem sei que vocês, homens da medicina, conversam in camera, e que um leigo não deve esperar entender o que deliberam em caráter privado. Mas não se trata de uma questão ordinária, e, seja ela qual for, eu fiz minha parte. Não é verdade?

— É verdade — eu disse, e ele prosseguiu:

— Suponho que você e Van Helsing já tenham feito o que eu fiz hoje. Não é verdade?

— É verdade.

— E imagino que Art também teve sua participação. Quando o vi quatro dias atrás na casa dele, parecia diferente. Nunca vi algo definhar tão rapidamente desde a vez que eu estava nos pampas e uma égua à qual era afeiçoado deu o último suspiro no período de uma noite. Um daqueles morcegos enormes que eles chamam de vampiros a pegara de noite, e levando em conta a sua sede e a veia que rebentou, não deixou sangue suficiente para ela se aguentar de pé, e eu tive de pôr-lhe uma bala enquanto jazia. Jack, se puder me contar sem trair nenhuma confiança, Arthur foi o primeiro, não é verdade?

Enquanto falava, o pobre sujeito parecia terrivelmente aflito. Estava sendo torturado pelo suspense envolvendo a mulher que amava, e a dor parecia ser intensificada por sua completa ignorância do terrível mistério que parecia cercar Lucy. O coração dele estava mesmo sangrando, e fez-se necessária toda a virilidade que havia nele — e ela existia em proporções régias — para impedi-lo de desmoronar. Eu me detive antes de responder, pois senti que não devia trair nada que o professor desejava manter em segredo; mas ele já sabia tanto, e supunha tanto, que não havia razão para não responder, portanto respondi com a mesma frase:

— É verdade.

— E há quanto tempo isso vem ocorrendo?

— Cerca de dez dias.

— Dez dias! Então suponho, Jack Seward, que aquela pobre e bela criatura que todos amamos recebeu nas veias durante esse período o sangue de quatro homens fortes. Homem do céu, o corpo dela não aguenta! — Então, aproximando-se de mim, falou num feroz meio sussurro: — O que foi que o sugou?

Eu balancei a cabeça.

— Esse — eu disse — é o xis da questão. Van Helsing está

simplesmente perdendo o juízo por causa disso, e eu estou num beco sem saída. Não consigo nem mesmo arriscar um palpite. Testemunhamos uma série de pequenas circunstâncias que puseram a perder todas as nossas medidas para manter Lucy devidamente vigiada. Mas elas não vão voltar a ocorrer. Aqui permaneceremos até que tudo fique bem... ou mal.

Quincey estendeu a mão.

— Conte comigo — disse. — Você e o holandês vão me dizer o que fazer, e eu o farei.

Quando Lucy acordou de tarde, seu primeiro impulso foi apalpar o peito, e, para minha surpresa, retirou de junto dele o papel que Van Helsing me dera para ler. O cuidadoso professor o havia devolvido ao seu lugar de origem, para que ao acordar ela não se alarmasse. O olhar dela então recaiu sobre Van Helsing e também sobre mim, e contentou-se. Então ela olhou ao redor do quarto, e, vendo onde estava, estremeceu; soltou um grito alto, e pôs as mãozinhas magras diante do rosto pálido. Nós dois entendemos o que aquilo significava — que ela assimilara por completo a morte da mãe; então fizemos o que podíamos para consolá-la. A compaixão incondicional aliviou-a um pouco, mas ela estava muito abatida em pensamento e em espírito, e chorou silenciosa e debilmente por um longo tempo. Dissemos-lhe que um de nós ou os dois ficaríamos agora com ela o tempo todo, e isso pareceu consolá-la. Perto do crepúsculo, ela caiu no sono. Aqui, uma coisa muito estranha ocorreu. Enquanto ainda dormia, tirou o papel do peito e rasgou-o ao meio. Van Helsing avançou e recolheu os pedaços. Mesmo assim, contudo, ela prosseguiu com o ato de rasgar, como se o material ainda estivesse em suas mãos; por fim ela as ergueu e as abriu, como se procurasse os pedaços. Van Helsing pareceu surpreso, e suas sobrancelhas se uniram como se ele refletisse, mas não disse nada.

19 de setembro — Ela dormiu espasmodicamente a noite toda, o tempo inteiro com medo de adormecer, e um tanto mais fraca quando despertou do sono. O professor e eu nos revezamos para vigiá-la, e em nenhum momento a deixamos desatendida. Quincey Morris não disse nada sobre suas intenções, mas eu sabia que a noite inteira ele permanecera fazendo rondas e mais rondas na casa.

Quando o dia nasceu, sua luz tateante mostrou as devastações ocorridas nas forças da pobre Lucy. Ela mal podia virar a cabeça, e o pouco que conseguia comer não parecia lhe fazer bem algum. Às vezes pegava no sono, e Van Helsing e eu notamos a diferença que havia

nela quando dormia e quando despertava. Enquanto dormia ela parecia mais forte, embora mais abatida, e respirava com mais suavidade; a boca aberta mostrava gengivas pálidas recuadas dos dentes, que desse modo aparentavam ser sem dúvida mais compridos e afiados que o comum; quando ela acordava, a brandura de seus olhos evidentemente mudava sua expressão, pois parecia ela mesma, embora moribunda. De tarde ela perguntou por Arthur, e nós telegrafamos a ele. Quincey foi encontrá-lo na estação.



Quando ele chegou eram quase 18h, e o sol estava se pondo pleno e cálido, e a luz vermelha se filtrava pela janela e trazia mais cor às suas bochechas pálidas. Quando a viu, Arthur ficou simplesmente sufocado de emoção, e nenhum de nós foi capaz de se pronunciar. Nas horas que se seguiram, os ataques de sono, ou a condição de comatose que se fazia passar por sono, haviam se tornado mais frequentes, de modo que as pausas quando a conversação era possível se encurtavam. A presença de Arthur, no entanto, pareceu atuar como estimulante; ela se restabeleceu um pouco e falou com ele de maneira mais clara do que havia feito desde que nós chegamos. Ele também se recompôs, e falou com a alegria que lhe era possível, de modo que tudo se deu da melhor maneira.

Agora é quase 1h, e ele e Van Helsing estão sentados com ela. Devo rendê-los em quinze minutos, e estou gravando isto no fonógrafo de Lucy. Eles vão tentar descansar até as 6h. Temo que amanhã terá

fim nossa vigília, pois o choque foi grande demais; a pobre criança não consegue restabelecer-se. Que Deus nos ajude a todos.



Carta de Mina Harker a Lucy Westenra
(Não foi aberta pela destinatária)

17 de setembro

Lucy querida,

Parece uma eternidade desde que recebi notícias suas, ou de fato desde que escrevi. Você há de me perdoar, eu sei, por todas as minhas faltas, quando tiver lido todo o meu calhamaço de novidades. Bem, consegui mesmo o meu marido de volta; quando chegamos a Exeter havia uma carruagem esperando por nós, e nela, embora estivesse sofrendo de um ataque de gota, o sr. Hawkins. Ele levou-nos à sua casa, onde havia cômodos agradáveis e confortáveis para nós, e comemos juntos. Após o jantar, o sr. Hawkins disse:

— Meus caros, quero fazer um brinde à sua saúde e prosperidade; e que todas as bênçãos recaiam sobre os dois. Conheço-os desde crianças, e foi com amor e orgulho que os vi crescer. Agora quero que formem seu lar aqui comigo. Não me restam mais rebentos; todos se foram, e em meu testamento deixei tudo para vocês.

Eu chorei, Lucy querida, quando Jonathan e o velho se deram as mãos. Foi uma noite muito, muito feliz.

Então aqui estamos, instalados nesta bela casa antiga, e, tanto do meu quarto de dormir como da sala de estar, consigo ver de perto os grandes olmos da catedral, com seus grandes troncos negros sobressaindo contra a alvenaria antiga e amarelecida da catedral, e consigo ouvir as gralhas crocitando lá em cima e conversando e mexericando o dia todo, como é do hábito das gralhas — e dos humanos. Estou ocupada, não é preciso lhe dizer, arrumando as coisas e cuidando da casa. Jonathan e o sr. Hawkins passam o dia todo ocupados; pois agora que Jonathan é sócio, o sr. Hawkins quer lhe contar tudo a respeito dos clientes.

Como está passando sua querida mãe? Gostaria de dar um pulo na cidade por um ou dois dias para ver você, querida, mas não ousa sair ainda, com tanta coisa sobre os meus ombros; e Jonathan ainda precisa de cuidados. Ele está começando a ganhar alguma carne nos ossos de novo, mas ficou terrivelmente enfraquecido pela longa doença; mesmo agora ele às vezes acorda sobressaltado de uma maneira súbita e fica todo trêmulo até que eu consiga persuadi-lo a voltar para sua placidez habitual. No entanto, graças a Deus, essas ocasiões se tornam menos frequentes com o passar dos dias, e irão sumir completamente com o tempo, assim espero. E agora que lhe contei minhas novidades, deixe-me perguntar quais são as suas. Quando é que irá se casar, e onde, e quem irá realizar a cerimônia, e o que você vai vestir, e será um casamento público ou privado? Conte-me tudo, querida; conte-me tudo sobre tudo, pois não há nada de seu interesse que não seja caro a mim. Jonathan pede-me que mande suas “respeitosas estimas”, mas não acho que isso seja bom o bastante vindo do sócio mais novo da importante firma Hawkins & Harker; e portanto, já que você me ama, e ele me ama, e eu amo vocês com todos os casos e tempos do verbo, envio-lhe simplesmente o “amor” dele.

Adeus, minha querida Lucy, e tudo de bom para você.

Afetuosamente,

Mina Harker

Relatório de Patrick Hennessey, M.D., M.R.C.S., L.K.Q.C.P.I. etc. etc.,
a John Seward, M.D.

20 de setembro

Meu caro senhor,

Em conformidade com os seus desejos, envio anexo o relatório das condições de tudo que foi deixado aos meus cuidados... No que diz respeito ao paciente, Renfield, há mais a dizer. Ele teve outro surto, que poderia ter tido um desfecho pavoroso, mas que, felizmente, ficou isento de quaisquer resultados infelizes. Esta tarde uma carroça de transporte com dois homens fez uma visita à casa vazia cujas dependências são vizinhas das nossas — a casa para a qual, o senhor irá se lembrar, o paciente duas vezes fugiu. Os homens estacionaram em nosso portão para perguntar o caminho ao porteiro, uma vez que eram forasteiros. Eu mesmo estava olhando pela janela do gabinete, fumando após o jantar, e vi um deles subir até o asilo. Quando ele passou pela janela do quarto de Renfield, o paciente começou a ralar com ele lá de dentro, e xingou-o com as palavras mais baixas que sua língua foi capaz de encontrar. O homem, que parecia um sujeito bastante decente, contentou-se em mandá-lo calar sua “boca suja de mendigo”, ao que o nosso paciente acusou-o de o ter roubado e querer matá-lo e dizer que iria impedi-lo caso ele tentasse fazê-lo. Abri a janela e gesticulei para que o homem não ligasse, então ele se contentou após fazer o reconhecimento do local e concluir de que tipo de estabelecimento se tratava, dizendo:

— Deus abençoe, senhor, eu num me importaria com o que me dizem num diabo de um manicômio. Tenho é dó do senhor e do doutor por terem que viver numa casa cum besta-fera dessas.

Então ele perguntou pelo caminho com civilidade o bastante, e eu lhe disse onde ficava o portão da casa vazia; ele foi embora, acompanhado por ameaças e pragas e

impropérios lançados pelo nosso homem. Desci para ver se conseguia identificar uma causa para sua raiva, uma vez que ele geralmente é um homem bem-comportado, e exceto por seus acessos violentos nunca ocorrera nada do tipo. Encontrei-o, para meu aturdimento, muitíssimo refeito e bastante cordial em suas maneiras. Tentei fazê-lo falar sobre o incidente, mas ele me perguntou brandamente o que eu queria dizer, e me levou a crer que ele estava de todo alheio ao caso. Lamento dizer, no entanto, que se tratava apenas de mais uma instância de sua astúcia, pois dentro de meia hora tive notícias dele de novo. Desta vez ele havia escapado pela janela do quarto e estava correndo avenida abaixo. Chamei os assistentes para me seguir, e corri atrás dele, pois temia que ele intencionasse alguma malfetoria. Meu receio se justificou quando vi a mesma carroça que passara antes vindo da estrada, transportando grandes caixas de madeira. Os homens estavam enxugando a testa, e com o rosto injetado, como depois de um esforço violento. Antes que me fosse possível alcançá-lo, o paciente correu até eles e, puxando um dos homens de cima da carroça, começou a bater sua cabeça contra o chão. Se eu não o tivesse agarrado bem a tempo, creio que ele teria matado o homem ali mesmo. O outro camarada apeou e acertou sua cabeça com a base de seu pesado chicote. Foi um golpe terrível; mas ele não pareceu senti-lo, e agarrou-o também, e brigou com nós três, empurrando-nos para lá e para cá como se fôssemos filhotes de gato. O senhor sabe que eu não sou nenhum peso leve, e os outros dois eram homens corpulentos. A princípio ele ficou calado enquanto lutava; mas, assim que começamos a dominá-lo e os atendentes estavam vestindo uma camisa de força nele, começou a gritar:

— Vou impedi-los! Eles não irão me roubar! Eles não irão me assassinar aos poucos! Vou lutar pelo meu Senhor e Mestre! — E toda sorte de tais desvarios incoerentes.

Foi com dificuldade considerável que eles o levaram de volta para o asilo e o puseram na cela acolchoada. Um dos assistentes, Hardy, saiu com um dedo quebrado. Contudo, eu o acertei; e ele passa bem.



Os dois transportadores a princípio fizeram ruidosas ameaças de processo por danos, e prometeram fazer chover sobre nós todas as punições da lei. Suas ameaças, no entanto, vinham misturadas a uma espécie de pedido de desculpas indireto pela derrota dos dois por um louco franzino. Disseram que, não fosse a maneira como a sua força fora gasta transportando e levantando aquelas caixas pesadas até a carroça, eles teriam dado cabo dele rapidamente. Como outra razão da derrota, alegaram o extraordinário estado de seca a que foram levados pela natureza poeirenta de sua ocupação e pela repreensível distância do seu local de trabalho até alguma casa de entretenimento público. Entendi muito bem aonde queriam chegar, e após um belo copo de aguardente, ou melhor, mais de um, e um soberano na mão de cada um, eles fizeram pouco caso do ataque, e juraram que encontrariam um louco pior qualquer dia desses pelo simples prazer de conhecer um “rapaz tão bom” quanto o seu correspondente. Tomei nota de seus nomes e endereços, para caso precisemos deles. São

os seguintes: Jack Smollet, de Dudding's Rents, King George's Road, Great Walworth, e Thomas Snelling, de Peter Farley's Row, Guide Court, Bethnal Green. São ambos contratados da Harris & Filhos, Companhia de Transporte e Remessas, Orange Master's Yard, Soho.

Volto a comunicar qualquer coisa de interesse que ocorra por aqui, e lhe telegrafarei imediatamente caso haja algo importante.

Creia-me, caro senhor,
Seu leal servidor,
Patrick Hennessey

Carta de Mina Harker a Lucy Westenra
(Não foi aberta pela destinatária)

18 de setembro

Lucy querida,

Um tristíssimo golpe se abateu sobre nós. O sr. Hawkins morreu muito repentinamente. Alguns podem pensar que para nós não é uma tristeza tão grande, mas ambos passamos a amá-lo tanto que de fato é como se tivéssemos perdido um pai. Eu nunca soube o que é ter um pai ou uma mãe, de modo que a morte do velho senhor é-me um verdadeiro golpe. Jonathan está imensamente aflito. Não está sentindo apenas pesar, um pesar profundo pelo querido e bom homem que foi um amigo por toda a vida e que no fim o tratou como a um filho e lhe legou uma fortuna que para pessoas de criação modesta como a nossa representa uma riqueza que ultrapassa qualquer sonho de cobiça, mas Jonathan sentiu o golpe por outro motivo. Ele diz que o acúmulo de responsabilidade que isso lhe trouxe deixa-o nervoso. Ele está começando a duvidar de si. Eu tento animá-lo, e a confiança que deposito nele o ajuda a crer em si mesmo. Mas é neste aspecto que o grave choque que experimentou o afeta mais. Ah, é muito cruel que uma natureza doce, simples, nobre, forte como a dele — uma natureza que lhe permitiu, com o auxílio de nosso querido e bom amigo, ir de assistente a mestre em poucos anos — seja tão machucada que a própria essência de sua força se dissipe. Perdoe-me, querida, se intrometo os meus

problemas no meio de sua felicidade; mas Lucy querida, preciso contar a alguém, pois o esforço de manter uma aparência valente e alegre na frente de Jonathan está me pondo à prova, e não tenho ninguém aqui a quem possa me confidenciar. Apavora-me a ida a Londres, como devemos fazer depois de amanhã; pois o pobre sr. Hawkins determinou em seu testamento que ele deve ser enterrado na sepultura com o pai. Como não resta um parente sequer, Jonathan terá de ser o responsável pelo luto. Tentarei dar um pulo para vê-la, querida, mesmo que por apenas alguns minutos. Perdoe-me por atormentá-la. Com todas as bênçãos,

Sua afetuosa amiga
Mina Harker

Diário do dr. Seward

20 de setembro — Apenas a determinação e o hábito me permitem fazer uma gravação esta noite. Estou infeliz demais, desanimado demais, enjoado demais do mundo e de tudo que há nele, incluindo a vida em si, tanto que não me importaria caso ouvisse neste momento o bater das asas do Anjo da Morte. E ultimamente ele tem batido essas asas macabras por algum motivo — a mãe de Lucy e o pai de Arthur, e agora... Deixe-me dar prosseguimento ao meu trabalho.

Rendi Van Helsing devidamente na vigília de Lucy. Queríamos deixar Arthur ir descansar também, mas a princípio ele se recusou. Foi só quando eu lhe disse que iríamos precisar da ajuda dele durante o dia, e que não podíamos todos desabar por falta de repouso, sob o risco de Lucy sofrer, que ele concordou em ir. Van Helsing foi muito gentil com ele.

— Venha, meu filho — ele disse —, venha comigo. Você está doente e fraco, e teve muito pesar e muita dor mental, bem como aquele golpe na força que já sabemos. Você não deve ficar sozinho; pois ficar sozinho é ficar cheio de medos e sobressaltos. Vamos à sala de estar, onde há uma lareira grande e dois sofás. Você deitará em um e eu em outro, e nossa compaixão servirá de consolo um para o outro, mesmo que não falemos, e mesmo que durmamos.

Arthur foi com ele, lançando por sobre os ombros um olhar nostálgico ao rosto de Lucy, que jazia no travesseiro, quase mais branca que a roupa de cama. Ela estava deitada muito quieta, e olhei

em torno do quarto para verificar se tudo estava como devia estar. Pude ver que o professor havia cumprido neste quarto, bem como no outro, o seu intento de usar o alho; os caixilhos das janelas recendiam a alho, e em volta do pescoço de Lucy, por cima do lenço de seda que Van Helsing a tinha feito usar, havia um rosário tosco feito com as mesmas flores odoríferas. Lucy respirava com muito estrépito, e seu rosto estava em seu pior estado, pois a boca aberta exibia as gengivas pálidas. Seus dentes, à luz fraca e imprecisa, pareciam mais compridos e mais afiados do que haviam estado de manhã. Os dentes caninos em particular, por algum artifício de iluminação, pareciam mais compridos e mais afiados do que o resto. Sentei-me ao lado dela, e logo ela se mexeu incomodada. No mesmo instante foi possível ouvir uma espécie de bater de asas ou golpes surdos na janela. Fui até ela silenciosamente, e espiei pelo canto da veneziana. Era lua cheia, e pude ver que o barulho era feito por um grande morcego, que voava em círculos — sem dúvida atraído pela luz, embora fosse tão fraca — e que atingia cada vez mais a janela com as asas. Quando voltei à minha cadeira, descobri que Lucy havia se mexido ligeiramente e desfeito as flores de alho do pescoço. Restituí-as o melhor que pude e permaneci sentado observando-a.

Logo ela acordou, e eu lhe dei comida, tal como Van Helsing prescrevera. Ela comeu pouco, e o fez languidamente. Não parecia haver nela agora a luta inconsciente pela vida e pelo vigor que havia até então marcado sua enfermidade tão intensamente. Achei curioso que, no instante em que ela ficou consciente, puxou para mais perto as flores de alho. Era sem dúvida esquisito que sempre que se achava naquele estado letárgico, com a respiração estrepitosa, ela afastasse as flores de si; mas que, quando acordava, agarrasse-as para perto. Era impossível equivocar-se a esse respeito, pois nas longas horas que se seguiram ela teve muitos acessos de sono e despertar e repetiu ambas as ações muitas vezes.

Às 6h Van Helsing veio render-me. Arthur havia caído num cochilo, e ele misericordiosamente deixou-o dormir mais. Ao ver o rosto de Lucy, pude ouvir o seu aspirar murmurante, e ele me disse num sussurro agudo:

— Levante a veneziana; quero luz!

Então inclinou-se e, com o rosto quase tocando o de Lucy, examinou-a cuidadosamente. Retirou as flores e ergueu o lenço de seda de seu pescoço. Ao fazê-lo, ele deu um passo para trás, e pude ouvir seu brado “Mein Gott!” sufocar-se na garganta. Eu me inclinei e verifiquei também, e ao notar aquilo, um calafrio me percorreu.

As feridas no pescoço haviam desaparecido por completo.

Por cinco minutos inteiros Van Helsing ficou olhando para ela, com a sua expressão facial mais severa. Então ele se virou para mim e disse calmamente:

— Ela está morrendo. Agora não tardará muito. Vai ter muita diferença, acredite em mim, se ela morrer consciente ou no sono. Acorde aquele pobre rapaz, e faça-o entrar e ver o fim: ele confia em nós, e nós prometemos a ele.

Fui à sala de estar e o acordei. Por um momento ele ficou entontecido, mas quando viu o sol se filtrando por entre as beiradas das venezianas pensou estar atrasado, e expressou seu medo. Garanti-lhe que Lucy ainda estava dormindo, mas contei-lhe o mais delicadamente possível que Van Helsing e eu tínhamos que o fim estava próximo. Ele cobriu o rosto com as mãos e escorregou de joelhos perto do sofá, onde permaneceu, talvez por um minuto, com a cabeça nele enterrada, rezando, enquanto seus ombros tremiam de pesar. Peguei-o pela mão e o levantei.

— Venha — falei —, meu caro amigo, reúna toda a sua fibra; será melhor e mais fácil para ela.

Quando chegamos ao quarto de Lucy, pude ver que Van Helsing, com sua habitual providência, estivera ajeitando as coisas e fazendo tudo parecer o mais agradável possível. Ele havia até mesmo penteado os cabelos de Lucy, de modo que se estendiam no travesseiro em suas habituais e iluminadas ondulações. Quando entramos no quarto, ela abriu os olhos e, ao vê-lo, sussurrou suavemente:

— Arthur! Ah, meu amor, fico tão feliz que você tenha vindo!

Ele estava se debruçando para beijá-la quando Van Helsing gesticulou para que se contivesse.

— Não — sussurrou —, não ainda! Segure a mão dela; vai confortá-la mais.

Então Arthur tomou a mão dela e ajoelhou-se ao seu lado, e ela parecia estar em seu melhor estado, com todas as suas tênues feições combinando com a beleza angélica de seus olhos. Em seguida os olhos aos poucos se fecharam, e ela esmoreceu no sono. Por um instante seu peito arqueou suavemente, e sua respiração ia e voltava como a de uma criança exausta.

E então imperceptivelmente deu-se a estranha mudança que eu notara de noite. A respiração dela se tornou estrepitosa, a boca se abriu, e as pálidas gengivas, recuadas, fizeram os dentes parecerem mais compridos e afiados do que nunca. De uma maneira algo sonâmbula, vaga, inconsciente, ela abriu os olhos, que estavam agora

embotados e aguçados ao mesmo tempo, e disse numa voz suave, voluptuosa, tal como nunca ouvi sair de seus lábios:

— Arthur! Ah, meu amor, fico tão feliz que você tenha vindo! Beije-me!

Arthur inclinou-se avidamente para beijá-la; mas nesse instante Van Helsing, que, como eu, ficara sobressaltado com a voz dela, correu para cima dele e, pegando-o pela nuca com ambas as mãos, afastou-o para trás com uma força que eu nunca imaginei que ele pudesse ter, e praticamente atirou-o para o outro lado do quarto.

— Por sua vida, não! — ele disse. — Por sua alma e pela alma dela, não!

E permaneceu entre os dois feito um leão encurralado.

Arthur ficou tão espantado que por um momento não soube o que fazer ou dizer; e antes que qualquer ímpeto de violência pudesse arrebatá-lo, deu-se conta do lugar e da ocasião em que se achava, e permaneceu quieto, esperando.

Mantive os olhos fitos em Lucy, assim como Van Helsing, e vimos um espasmo, como que de raiva, trepidar como uma sombra sobre o seu rosto; os dentes afiados rilharam. Então seus olhos se fecharam, e sua respiração ficou pesada.

Muito em breve ela abriu os olhos em toda a sua suavidade, e, estendendo a mãozinha pálida e magra, tomou a grande mão morena de Van Helsing; puxando-a para si, deu-lhe um beijo.

— Meu verdadeiro amigo — ela disse, numa voz fraca, mas com gravidade indizível —, meu verdadeiro amigo, e dele! Ah, proteja-o, e dê-me paz!

— Eu prometo! — ele disse solenemente, ajoelhando-se ao lado dela e erguendo a mão, como quem faz um juramento. Então ele se virou para Arthur e lhe disse: — Venha, meu filho, tome a mão dela na sua, e beije a sua testa, e uma vez apenas.

Os olhos deles se encontraram, em vez dos lábios; e assim eles se separaram.

Os olhos de Lucy se fecharam; e Van Helsing, que estivera observando atentamente, tomou o braço de Arthur, e levou-o embora.

E então a respiração de Lucy tornou-se estrepitosa de novo, e de uma só vez cessou.

— Está tudo acabado — disse Van Helsing. — Ela está morta!

Peguei Arthur pelo braço e conduzi-o à sala de estar, onde ele se sentou e cobriu o rosto com as mãos, soluçando de uma maneira que quase me fez colapsar.

Voltei para o quarto e encontrei Van Helsing olhando para a pobre

Lucy, seu rosto mais sério do que nunca. Alguma mudança havia se passado com o corpo dela. A morte havia lhe devolvido parte de sua beleza, pois sua fronte e suas faces tinham recuperado algo de suas harmoniosas feições; até mesmo os lábios haviam perdido sua palidez mortal. Era como se o sangue, não mais necessário para o funcionamento do coração, tivesse subido para tornar a implacabilidade da morte o menos cruel possível.

“Pensamo-la moribunda quando dormia,
E adormecida quando morreu.”²⁰

Permaneci ao lado de Van Helsing, e disse:

— Ah, bem, pobre menina, enfim há paz para ela. É o fim!

Ele virou-se para mim e disse com grande solenidade:

— Ainda não; ai de mim!, não ainda. É apenas o começo!

Quando lhe perguntei o que quis dizer, ele apenas balançou a cabeça e respondeu:

— Não podemos fazer nada por ora. Espere e verá.

²⁰ Versos do poema “The Deathbed” (“O leito de morte”, 1831), do poeta inglês Thomas Hood (1799—1845).



CAPÍTULO 13

Diário do dr. Seward
(Continuação)

O velório foi marcado para o dia seguinte, de modo que Lucy e a mãe pudessem ser enterradas juntas. Cumpri todas aquelas medonhas

formalidades, e o polido agente funerário provou que sua equipe era afligida — ou agraciada — pela mesma obsequiosa afabilidade. Até mesmo a mulher que realizou as cerimônias fúnebres comentou comigo, em caráter confidencial e profissional, ao sair da câmara mortuária:

— Ela resultou em um belíssimo cadáver, senhor. É um privilégio e tanto poder cuidar dela. Não será exagero dizer que ela trará prestígio a nosso estabelecimento!

Notei que Van Helsing nunca se afastava demais. Isto era possível por causa do estado de desordem em que a casa estava. Não havia parentes por perto; e como Arthur teve de voltar no dia seguinte para comparecer ao velório do pai, ficamos impossibilitados de notificar quem quer que devesse ser avisado. Nessas circunstâncias, Van Helsing e eu assumimos o exame dos papéis etc. Ele insistiu em conferir pessoalmente os papéis de Lucy. Perguntei-lhe por quê, pois temia que ele, sendo estrangeiro, não estivesse tão a par das exigências legais inglesas, e por desconhecimento acabasse causando algum transtorno desnecessário. Ele respondeu:

— Eu sei; eu sei. Você esquece que sou advogado além de médico. Mas isso não é por causa da lei. Você sabia disso, quando contornou o legista. Tenho mais que ele para contornar. Pode haver papéis outros... como este aqui.

Conforme falava, tirou de sua carteira o memorando que estivera junto ao peito de Lucy, e que ela havia rasgado durante o sono.

— Quando você encontrar algo do procurador da falecida sra. Westenra, lacre todos os papéis dela, e escreva-lhe hoje à noite. Quanto a mim, vigio este e o velho quarto da srta. Lucy a noite toda, e eu mesmo procuro qualquer pista. Não fica bem que os pensamentos dela vão para as mãos de desconhecidos.

Prossegui fazendo a minha parte do trabalho, e dentro de meia hora descobri o nome e o endereço do procurador da sra. Westenra e escrevi para ele. Todos os papéis da pobre senhora estavam em ordem; instruções explícitas relativas ao local de sepultamento foram dadas. Eu mal havia lacrado a carta quando, para minha surpresa, Van Helsing adentrou na sala, dizendo:

— Posso ajudá-lo, amigo John? Estou livre e, se me deixar, meus préstimos são seus.

— Encontrou o que procurava? — perguntei, ao que ele respondeu:

— Não procurava por uma coisa específica. Só esperava encontrar, e encontrei, tudo que lá havia: apenas algumas cartas e uns poucos

memorandos, e um diário recém-começado. Mas tenho-os cá comigo, e por ora nada diremos sobre eles. Irei ver aquele pobre rapaz amanhã à noite, e, com a autorização dele, fazer uso de alguns.

Quando havíamos terminado o trabalho em questão, ele me disse:

— E agora, amigo John, acho que podemos ir deitar. Precisamos de sono, você e eu, e de repouso para recuperação. Amanhã teremos muito o que fazer, mas por esta noite não há necessidade de nós. Ai de mim!

Antes de deitar, fomos conferir a pobre Lucy. O agente funerário certamente havia feito um bom trabalho, pois o quarto fora transformado numa pequena chapelle ardente. Havia uma abundância de belas flores brancas, e a morte ficou o menos repulsiva quanto podia. A ponta da mortalha estava disposta sobre o rosto; quando o professor se inclinou e puxou-a delicadamente, sobressaltamo-nos com a beleza à nossa frente, as altas velas de cera fornecendo luz suficiente para percebê-la bem. Toda a graciosidade voltara a Lucy na morte, e as horas que tinham se passado até aquele momento, em vez de deixar vestígios dos “dedos aniquiladores do ocaso”²¹, haviam restaurado a beleza da vida, de modo que definitivamente não pude acreditar que os meus olhos estavam diante de um cadáver.

O professor parecia severamente grave. Não a havia amado como eu, e não tinha motivo para lágrimas. Ele me disse:

— Fique aqui até eu voltar — e deixou o quarto.

Ele voltou com um punhado de alho silvestre da caixa que aguardava no vestibulo, mas que não havia sido aberta, e colocou as flores entre as outras em cima e em volta da cama. Então tirou do pescoço, de dentro do colarinho, um pequeno crucifixo de ouro, e o pôs em cima da boca. Ele devolveu a mortalha ao seu lugar, e fomos embora.

Eu estava me despiendo em meu próprio quarto quando, com uma batida premonitória na porta, ele adentrou, e de imediato começou a falar:

— Amanhã quero que você me traga, antes de cair a noite, um conjunto de bisturis para o exame post-mortem.

— É preciso fazer uma autópsia? — perguntei.

— Sim e não. Quero operar, mas não como você pensa. Deixe-me dizer-lhe agora, mas nenhuma palavra com ninguém. Quero cortar a cabeça dela fora e remover seu coração. Ah, você, um cirurgião, e tão chocado! Você, que eu nunca vi com tremor nas mãos ou no coração, realiza operações de vida e morte que fazem estremecer os demais. Ah, mas não posso esquecer, meu caro amigo John, que você a amava;

e eu não esqueci, pois acontece que serei eu a operar, e você irá apenas me auxiliar. Gostaria de fazê-lo esta noite, mas, por Arthur, não devo; ele estará livre após o velório do pai amanhã, e vai querer vê-la; ver isto. Então, quando ela estiver encaixotada para ser enterrada no dia seguinte, você e eu viremos enquanto todos dormem. Vamos desatarraxar o tampo do caixão, e fazer nossa operação; e então tudo devolver, para ninguém saber, exceto nós.

— Mas para que tudo isso? A garota está morta. Por que mutilar seu pobre corpo sem motivo? E se não há necessidade de post-mortem e nada a ganhar com isso... nenhum bem para ela, para nós, para a ciência, para o conhecimento humano... por que fazê-lo? Sem isso, é monstruoso.

Como resposta ele pôs a mão no meu ombro e disse, com infinita ternura:

— Amigo John, eu me compadeço do seu pobre coração que sangra; e amo você mais ainda porque ele sangra. Se eu pudesse, tomaria eu mesmo o fardo que você carrega. Mas há coisas que você não sabe, mas que você irá saber, e agradecer-me por sabê-las, embora não sejam coisas agradáveis. John, meu filho, você tem sido meu amigo agora por muitos anos, e por acaso alguma vez já me viu fazer algo sem um bom motivo? Eu posso errar, pois sou humano; mas acredito em tudo que faço. Não foi por esse motivo que mandou me chamar quando o grande problema veio? Sim! Não ficou maravilhado, ou melhor, horrorizado quando não deixei Arthur beijar sua enamorada, embora ela estivesse morrendo, e o joguei para longe com toda a força minha? Sim! E no entanto você viu como ela me agradeceu, com aqueles olhos lindos tão moribundos, com aquela voz, também, tão fraca, e ela beijou minha mão velha e áspera e me abençoou? Sim! E não me ouviu fazer uma promessa a ela, e ela fechar os olhos agradecida? Sim! Ora, eu tenho bom motivo agora para tudo que quero fazer. Você por muitos anos em mim confiou; você em mim acreditou nas semanas passadas, quando havia coisas tão estranhas que você podia muito bem ter duvidado. Acredite em mim um pouco ainda, amigo John. Se não confiar em mim, então deverei dizer o que penso; e isso talvez não seja bom. E se eu trabalhar (como vou trabalhar, com ou sem confiança) sem a confiança do meu amigo em mim, trabalharei com o coração pesado e me sentirei tão, mas tão solitário quando na verdade preciso de toda a ajuda e a coragem que existem! — Ele se deteve um momento e prosseguiu com solenidade: — Amigo John, há dias estranhos e terríveis à nossa frente. Que não sejamos dois, mas um, para podermos

trabalhar com bom resultado. Você não terá fé em mim?

Tomei a mão dele, e prometi-lhe que sim. Segurei a porta aberta enquanto ele ia embora, e observei-o entrar em seu quarto e fechar a porta. Parado ali sem me mexer, vi uma das criadas passar silenciosamente pelo corredor — ela tinha as costas voltadas para mim, portanto não me viu — e adentrar no quarto onde Lucy jazia. Aquela visão me comoveu. Devoção é algo tão raro, e somos tão gratos àqueles que a demonstram aos nossos amados. Ali estava uma pobre garota deixando de lado os terrores que naturalmente sentia em relação à morte para ir velar sozinha ao lado do caixão da senhora a quem adorava, de modo que o pobre corpo não ficasse solitário até que conquistasse o repouso eterno...

Devo ter dormido longa e profundamente, pois o sol já ia alto quando Van Helsing me acordou entrando no meu quarto. Ele veio até a beira da cama e disse:

— Não se preocupe com os bisturis; não vamos fazê-lo.

— Por que não? — perguntei. Pois sua solenidade na noite anterior havia me impressionado sobremaneira.

— Porque — ele disse severamente — é tarde demais... ou cedo demais. Veja! — Aqui ele ergueu o pequeno crucifixo dourado. — Isto foi roubado de noite.

— Como roubado — perguntei com assombro —, se você está com ele agora?

— Porque peguei de volta da imprestável desgraça que roubou, da mulher que roubou os mortos e os vivos. O castigo dela certamente virá, mas não por mim; ela não sabia absolutamente o que estava fazendo e portanto, sem saber, apenas roubou. Agora devemos aguardar.

Ele foi embora após dizer isso, deixando-me com um novo mistério para solucionar, um novo quebra-cabeça para montar.

A manhã passou aborrecida, mas ao meio-dia chegou o procurador: sr. Marquand, da Wholeman, Filhos, Marquand & Lidderdale. Ele foi muito cordial e muito nos elogiou pelo que havíamos feito, e tirou de nossos ombros todas as providências no tocante aos detalhes. Durante o almoço ele nos contou que a sra. Westenra havia algum tempo já esperava morrer subitamente do coração, e deixara seus negócios em absoluta ordem; ele nos informou que, com exceção de certa propriedade vinculada aos herdeiros do pai de Lucy, que agora, na falta de descendência direta, retornaria a um ramo distante da família, todo o espólio, imóveis e móveis, fora deixado integralmente a Arthur Holmwood. Após nos contar isto, ele

prosseguiu:

— Para ser franco, fizemos o melhor que pudemos para evitar tal disposição testamentária, e apontamos certas contingências que poderiam deixar a filha dela sem um vintém ou sem a liberdade que deveria ter para agir a respeito de uma aliança matrimonial. Na verdade, pressionamos a questão de tal forma que quase chegamos a um conflito, pois ela nos perguntou se estávamos ou não preparados para levar a cabo seus desejos. É claro, nós não tivemos então alternativa senão aceitar. Nossos princípios estavam corretos, e em noventa e nove por cento das vezes teríamos provado, pela lógica dos eventos, a precisão de nosso juízo. Para ser franco, no entanto, devo admitir que, neste caso, qualquer outra forma de disposição teria impossibilitado o cumprimento dos desejos dela. Pois viesse ela a falecer antes da filha, esta entraria em posse da propriedade, e, mesmo que tivesse sobrevivido à mãe apenas por cinco minutos, sua propriedade, caso não tivesse havido um testamento (e um testamento era uma impossibilidade prática num caso como esse), teria sido tratada como intestada após o falecimento. Neste caso, lorde Godalming, embora um amigo tão querido, não teria nenhuma reivindicação a fazer; e os herdeiros, sendo distantes, dificilmente abdicariam de seus direitos por razões sentimentais em nome de um completo desconhecido. Eu lhes garanto, meus caros senhores, estou exultante com o resultado, perfeitamente exultante.

Ele era um bom sujeito, mas sua exultação na pequena parte — na qual ele estava oficialmente interessado — de uma tragédia tão grande era uma lição prática das limitações da faculdade da empatia.

Ele não permaneceu por muito tempo, mas disse que passaria mais tarde para fazer uma visita a lorde Godalming. Sua vinda, contudo, fora de algum consolo para nós, uma vez que nos garantiu que não precisaríamos temer críticas hostis a quaisquer de nossos atos. Arthur era esperado às 17h, de modo que pouco antes do horário nós visitamos a câmara mortuária. Tratava-se verdadeiramente de uma, pois agora mãe e filha jaziam ambas ali. O agente funerário, fiel à sua profissão, dera o melhor de si na arrumação, e havia no lugar um ar fúnebre que logo abateu nosso ânimo. Van Helsing ordenou que se voltasse ao arranjo anterior, explicando que, já que lorde Godalming estava prestes a chegar, seria menos devastador aos seus sentidos ver somente o que restara de sua noiva. O agente funerário pareceu chocado com a própria estupidez e empenhou-se para restaurar as coisas à condição em que as deixamos na noite anterior, de modo que, quando Arthur chegasse, pudéssemos poupá-lo o máximo possível de

tais choques aos sentidos.

Pobre sujeito! Ele parecia desesperadamente triste e abatido; até mesmo sua sólida virilidade parecia ter de certo modo definhado sob o tensionamento de suas emoções tão postas à prova. Ele fora, eu sabia, genuína e devotamente ligado ao pai; e perdê-lo, e num momento como aquele, era para ele um amargo golpe. Comigo ele foi caloroso como sempre, e com Van Helsing foi de uma terna cortesia; mas não pude deixar de notar que havia certa constrição nele. O professor também notou, e gesticulou para que eu o levasse para o andar de cima. Assim o fiz, e deixei-o na porta do quarto, sentindo que ele gostaria de ficar a sós com ela, mas ele tomou meu braço e fez-me entrar, dizendo roucamente:

— Você também a amava, velho amigo; ela me contou tudo a respeito, e não havia amigo mais próximo do coração dela que você. Não tenho como lhe agradecer tudo que fez por ela. Ainda não consigo pensar...

Aqui ele subitamente desmoronou, e atirou os braços em volta dos meus ombros e pousou a cabeça no meu peito, exclamando:

— Ah, Jack! Jack! Que hei de fazer? A razão de viver parece ter me abandonado de uma só vez, e não há nada neste vasto mundo que me faça continuar.

Consolei-o o melhor que pude. Em casos assim, os homens não necessitam de muita demonstração. Um aperto de mão, um braço abarcando o ombro, um soluço em unísono são expressões de empatia que o coração dos homens estima. Fiquei parado e em silêncio até que seus soluços rareassem, e então lhe disse delicadamente:

— Venha vê-la.

Juntos nos aproximamos da cama, e ergui a mortalha do rosto dela. Deus! Como estava bela. Cada hora que passava parecia aumentar sua graciosidade. Isso assustou-me e maravilhou-me sobremaneira; quanto a Arthur, ele começou a tremer, e finalmente foi fulminado pela dúvida, como por uma febre. Por fim, após uma longa pausa, ele me disse num débil sussurro:

— Jack, ela está mesmo morta?

Garanti-lhe pesarosamente que sim, e prossegui sugerindo — pois senti que uma dúvida tão horrível não podia sobreviver por mais tempo do que eu pudesse evitar — que era frequente que os rostos após a morte se suavizassem e até mesmo recuperassem a beleza da juventude; que isto se dava especialmente quando a morte era precedida de sofrimento agudo ou prolongado. Minhas palavras pareceram dirimir qualquer dúvida, e, após ajoelhar-se ao lado do

divã por um tempo e olhar para ela amorosa e longamente, Arthur afastou-se. Eu lhe disse que aquele deveria ser o adeus, já que o caixão tinha de ser preparado; então ele recuou e pegou a mão morta na dele e beijou-a, e inclinou-se sobre ela e beijou sua testa. Ele se afastou, olhando saudosamente para ela por sobre o ombro à medida que o fazia.

Deixei-o na sala de estar, e disse a Van Helsing que ele havia se despedido; então este foi à cozinha dizer aos homens do agente funerário que procedessem com os preparativos e fechassem o caixão. Quando saiu do aposento de novo, contei a ele sobre a pergunta de Arthur, e ele respondeu:

— Não estou surpreso. Eu mesmo duvidei por um momento agora há pouco!

Fizemos a refeição juntos, e pude ver que o pobre Art estava tentando dar o melhor de si. Van Helsing ficara em silêncio durante o jantar; mas, quando todos havíamos acendido nossos charutos, ele disse:

— Lorde... — Mas Arthur interrompeu-o:

— Não, não, “lorde” não, pelo amor de Deus! Ao menos por ora. Perdoe-me, senhor: não quis ofendê-lo; é que minha perda é ainda muito recente.

O professor respondeu com muita ternura:

— Apenas usei esse nome porque estava em dúvida. Não devo chamá-lo de “senhor”, e passei a amá-lo (sim, meu caro menino, a amá-lo) como Arthur.

Arthur estendeu a mão e tomou calorosamente a do homem mais velho.

— Chame-me da maneira que desejar — disse ele. — Espero sempre deter o título de amigo. E permita-me dizer que me faltam palavras para lhe agradecer pela bondade que teve com minha pobre amada. — Ele se deteve por um momento, e prosseguiu: — Eu sei que ela entendeu a sua bondade até melhor do que eu; e se fui rude ou de alguma maneira falho naquele instante em que o senhor agiu tão... deve se lembrar... — O professor assentiu. — Espero que o senhor me perdoe.

Ele respondeu com uma gentileza grave:

— Sei que para você foi difícil confiar tanto em mim naquele momento, pois para confiar em tamanha violência é preciso entender; e tomo que você não confia em mim agora, que você não consegue, pois não entende ainda. E pode haver mais vezes em que desejarei que confie quando não consegue, e não pode, e não deve ainda entender.

Mas chegará a hora em que sua confiança em mim será total e completa, e em que você vai entender como se o próprio sol aclarasse suas ideias. Então vai me abençoar por todas as coisas que fiz, da primeira à última, para o seu próprio bem, e para o bem dos outros e para o bem dela a quem jurei proteger.

— E de fato, de fato, senhor — disse Arthur calorosamente —, irei confiar no senhor de todas as maneiras. Eu sei e acredito que tem um coração muito nobre, e é amigo de Jack, e era amigo dela. Deve fazer o que desejar.

O professor limpou a garganta algumas vezes, como se estivesse prestes a falar, e por fim disse:

— Posso lhe perguntar agora?

— Certamente.

— O senhor sabe que a sra. Westenra lhe deixou todos os bens?

— Não, pobrezinha; eu jamais teria imaginado.

— E já que é tudo seu, você tem o direito de dispor como desejar. Gostaria da permissão sua para ler todos os papéis e cartas da srta. Lucy. Acredite em mim, não é curiosidade inútil. Tenho um motivo o qual, esteja certo, ela aprovaria. Tenho-os todos aqui comigo. Peguei-os antes de sabermos que eram seus, para que nenhuma mão desconhecida os tocasse, nenhum olho desconhecido lesse as palavras que iam na alma dela. Irei mantê-los, se puder; mesmo que você não possa lê-los ainda, hei de guardá-los seguros. Nenhuma palavra será perdida; e na hora certa irei devolvê-los a você. É uma coisa difícil que peço, mas você vai me permitir, não vai, pelo bem de Lucy?

Arthur falou de todo o coração, como seu velho eu:

— Dr. Van Helsing, o senhor pode fazer como desejar. Sinto que dizendo isto apenas estou fazendo o que minha amada teria aprovado. Não irei perturbá-lo com perguntas até que seja chegada a hora.

O velho professor levantou-se enquanto dizia solenemente:

— E você está certo. Vai haver dor para todos nós; mas não será tudo dor, nem esta dor será a última. Nós e você também, você acima de tudo, meu caro menino, teremos de passar por águas amargas antes de alcançarmos as doces. Mas precisamos ser valentes de coração e não egoístas, e cumprir nosso dever, e ficaremos todos bem!

Dormi num divã no quarto de Arthur aquela noite. Van Helsing nem sequer foi para a cama. Andava para lá e para cá, como se patrulhasse a casa, e nunca saía de vista do quarto onde Lucy jazia em seu caixão, ornado de flores de alho silvestre, que exalavam, por entre o odor de lírios e rosas, um cheiro carregado, sobrepujante, noite adentro.

22 de setembro — No trem para Exeter. Jonathan dorme.

Parece que foi ontem a última entrada no diário, e no entanto quanta coisa aconteceu desde então, primeiro em Whitby e com todo o mundo diante de mim, Jonathan no estrangeiro e eu sem receber notícias dele; e agora, casada com Jonathan, Jonathan procurador, sócio, rico, dono do próprio negócio, o sr. Hawkins morto e enterrado, e Jonathan com outro ataque que pode machucá-lo. Algum dia ele talvez me pergunte a respeito disso. Aqui vai. Estou enferrujada em minha taquigrafia — veja o que a prosperidade inesperada faz conosco —, então talvez seja bom refrescar um pouco com um exercício...

O velório foi muito simples e muito solene. Lá estávamos apenas nós e os criados, um ou dois velhos amigos dele de Exeter, seu agente de Londres e um cavalheiro representando Sir John Paxton, presidente da Incorporated Law Society. Jonathan e eu ficamos de mãos dadas, e sentimos que nosso melhor e mais estimado amigo partia...

Voltamos para a cidade em silêncio, tomando um ônibus para Hyde Park Corner. Jonathan achou que seria do meu interesse ficar um pouco no passeio público do parque, então nos sentamos; mas havia muito poucas pessoas, e foi triste e desolador ver tantos bancos vazios. Fez-nos pensar na cadeira vazia que tínhamos em casa; então nos levantamos e caminhamos por Piccadilly. Jonathan me levava pelo braço, da maneira como fazia nos velhos tempos antes de eu ir para o colégio. Eu sentia ser muito impróprio, pois não é possível passar alguns anos ensinando etiqueta e decoro a outras garotas sem que o pedantismo a acabe atingindo um pouco; mas estamos falando de Jonathan, e ele é meu marido, e não conhecíamos ninguém dos que nos viram — e não nos importávamos que vissem —, portanto continuamos a caminhar. Eu deitara os olhos sobre uma menina muito bonita, num chapéu largo, sentada numa vitória que estava estacionada do lado de fora do Guiliano's, quando senti Jonathan apertar meu braço com tanta força que me machucou, e ele disse entredentes:

— Meu Deus!

Fico sempre apreensiva com relação a Jonathan, pois temo que algum ataque nervoso possa perturbá-lo novamente; de modo que me virei para ele rapidamente, e perguntei o que foi que o incomodara.

Ele estava muito pálido, e seus olhos pareceram se arregalar conforme fitava, entre aterrorizado e assombrado, um homem alto e magro com nariz aquilino, bigode preto e barba pontuda, que também

estava observando a linda menina. O homem olhava para ela com tanta intensidade que não percebeu nenhum de nós, e portanto o vi bem. Seu rosto não era um rosto bom; era duro, e cruel, e sensual, e seus grandes dentes brancos, que pareciam ainda mais brancos por causa dos lábios tão rubros, eram afiados como os de um animal. Jonathan ficou encarando-o, a ponto de eu ficar com medo de que ele notasse. Temi que interpretasse mal; parecia tão feroz e perverso. Perguntei a Jonathan por que ele estava incomodado, e ele respondeu, evidentemente pensando que eu sabia tanto quanto ele:

— Está vendo quem é?

— Não, querido — eu disse —, não o conheço; quem é?

A resposta dele foi como um choque e um arrepio, pois foi dita como se ele não soubesse que era a mim, Mina, que se dirigia:

— É o nosso homem!

O pobrezinho estava evidentemente aterrorizado com algo — imensamente aterrorizado; creio que, se não tivesse a mim para protegê-lo e apoiá-lo, teria sucumbido. Ele continuou encarando; um homem saiu da loja com um pacotinho e entregou-o à menina, que então partiu. O homem sombrio manteve os olhos fitos nela, e, quando a carruagem avançou em Piccadilly, tomou a mesma direção e parou um cabriolé. Jonathan continuou procurando por ele, e disse, como se para si mesmo:

— Acredito que é o conde, mas ele está mais jovem. Meu Deus, se for mesmo ele! Ah, meu Deus! Meu Deus! Se eu ao menos soubesse! Se eu ao menos soubesse!

Ele estava ficando tão aflito que temi mantê-lo preso ao assunto se fizesse alguma pergunta, então permaneci em silêncio. Puxei-o para longe com calma, e ele, segurando meu braço, me seguiu sem oposição. Caminhamos um tanto mais, e então adentramos no Green Park e lá nos sentamos um pouco. Era um dia quente de outono, e havia um banco confortável num lugar à sombra. Após alguns minutos fitando o nada, os olhos de Jonathan se fecharam, e ele caiu tranquilamente no sono, com a cabeça no meu ombro. Julguei ser o melhor para ele, de modo que não o incomodei. Em cerca de vinte minutos ele acordou e disse-me bastante alegre:



— Por que adormeci, Mina? Ah, perdoe-me tamanha rudeza. Venha, vamos tomar uma xícara de chá em algum lugar.

Ele evidentemente havia esquecido tudo a respeito do estranho sombrio, assim como em sua enfermidade esquecera tudo que esse episódio o fizera lembrar. Não me agrada esse lapso no esquecimento; pode provocar ou prolongar algum dano ao cérebro. Não devo lhe fazer perguntas, pois temo causar mais mal do que bem; mas devo de alguma maneira me inteirar dos acontecimentos de sua viagem ao estrangeiro. É chegada a hora, receio, de abrir aquele pacote e saber o que está escrito. Ah, Jonathan, eu sei que você vai me perdoar se eu

agir mal, mas é pelo seu próprio bem.

Mais tarde — Uma triste volta para casa em todos os aspectos — a casa esvaziada da querida alma que foi tão boa para nós; Jonathan ainda pálido e tonto com a ligeira reincidência de sua enfermidade; e agora um telegrama de Van Helsing, seja ele quem for:

É COM PESAR QUE RECEBERÃO A NOTÍCIA DE QUE A
SRA. WESTENRA FALECEU CINCO DIAS ATRÁS, E QUE
LUCY FALECEU ANTEONTEM. AS DUAS FORAM
ENTERRADAS HOJE.

Ah, quanto sofrimento em tão poucas palavras! Pobre sra. Westenra! Pobre Lucy! Partiram, partiram, para nunca mais voltar para nós! E pobre, pobre Arthur, que perdeu tamanha doçura em sua vida! Que Deus nos ajude a todos a suportar nossas tribulações.

Diário do dr. Seward

22 de setembro — Está tudo acabado. Arthur voltou para o Ring e levou Quincey Morris consigo. Que belo sujeito é o Quincey! Creio do fundo do coração que ele sofreu com a morte de Lucy tanto quanto nós; mas ele se portou feito um viking moral. Se a América prosseguir gerando homens feito ele, será de fato uma potência no mundo. Van Helsing está deitado, tirando um descanso preparatório para sua viagem. Retorna para Amsterdã esta noite, mas diz que volta para cá amanhã à noite; que apenas quer tomar algumas providências que só podem ser feitas pessoalmente. Virá então me visitar, se puder; diz que tem um trabalho a fazer em Londres que pode levar algum tempo. Pobre sujeito! Temo que a tensão da semana que passou tenha abalado até mesmo sua força de ferro. Durante todo o enterro pude ver que ele se impôs um terrível comedimento. Quando tudo acabou, estávamos ao lado de Arthur, que, pobre sujeito, falava de sua participação na operação na qual seu sangue fora transfundido para as veias de Lucy; pude ver o rosto de Van Helsing ficar branco e roxo alternadamente. Arthur estava dizendo que sentiu a partir de então como se os dois realmente estivessem casados e que ela era sua esposa aos olhos de Deus. Nenhum de nós disse palavra alguma a respeito das outras operações, nem nunca dirá. Arthur e Quincey partiram juntos para a

estação, e Van Helsing e eu viemos para cá. Assim que ficamos a sós na carruagem, ele deu vazão a um verdadeiro ataque de histeria. Desde então ele vem me negando que se tratava de histeria, e insisti que foi apenas seu senso de humor afirmando-se sob condições tão terríveis. Ele riu até chorar, e tive de fechar as persianas para que ninguém nos visse e nos interpretasse mal; e então ele chorou, até tornar a rir; e riu e chorou ao mesmo tempo, tal como o fazem as mulheres. Tentei ser duro com ele, como se faz com as mulheres nessas circunstâncias; mas não surtiu efeito. Homens e mulheres são tão diferentes em demonstrações de força ou fraqueza nervosa! Então, quando o rosto dele ficou grave e severo de novo, perguntei-lhe por que a alegria, e por que num momento como aquele. Sua resposta foi típica dele de certa forma, pois era lógica, imperiosa, misteriosa. Ele disse:

— Ah, você não compreende, amigo John. Não pense que eu não esteja triste, embora eu ria. Veja, eu chorei mesmo quando o riso me sufocava. Mas também não pense que eu esteja tão pesaroso quando choro, pois o riso vem mesmo assim. Tenha sempre para si que o riso que bate à porta e diz “Posso entrar?” não é o riso verdadeiro. Não! Ele é um rei, e vem na hora e no jeito que quer. Ele não pede permissão; não chega com adequação. Ele diz: “Aqui estou”. Veja, na prática eu sofro com o coração por aquela garota tão doce; dei meu sangue para ela, embora esteja velho e acabado; dei-lhe meu tempo, minha habilidade, meu sono; deixei os meus outros sofredores na necessidade para que ela pudesse ter tudo. E no entanto posso rir sobre o seu túmulo, rir quando a terra da pá do sacristão cai em cima de seu caixão e diz “Bate! Bate!” ao meu coração, até mandar o sangue de volta às minhas bochechas. Meu coração sangra por aquele pobre menino, aquele menino querido, que tem a mesma idade que o meu próprio filho teria se eu tivesse sido abençoado com o alongamento de sua vida, e cabelos e olhos iguais. Pronto, agora você sabe por que eu o amo tanto. E no entanto, quando ele diz coisas que calam bem fundo no meu coração de marido, e fazem meu coração de pai ansiar por ele mais do que por qualquer outro, até mesmo por você, amigo John, pois somos mais iguais em experiência do que como pai e filho, e contudo mesmo num momento como esse o Riso Rei chega até mim e grita e brada em meu ouvido: “Aqui estou! Aqui estou!”, até fazer o sangue dançar de volta e trazer algo da luz solar que ele leva consigo para as minhas bochechas. Ah, amigo John, é um mundo estranho, um mundo triste, um mundo cheio de infelicidades, e assombros, e tribulações; e no entanto, quando o Riso Rei vem, ele faz tudo dançar

conforme a melodia que ele toca. Corações sangrando, e ossos secos no cemitério, e lágrimas que queimam ao cair, tudo dança junto conforme a música que ele faz com aquela sua boca sem sorriso. E acredite, amigo John, que ele é bom, e gentil. Ah, nós homens e mulheres somos como cordas esticadas demais que nos levam a diferentes direções. Então vêm as lágrimas; e, feito a chuva nas cordas, elas nos fortalecem, até que a tensão se torne talvez muito grande, e nós estouramos. Mas o Riso Rei vem como o sol, e alivia a tensão de novo; e nós suportamos continuar com nossas labutas, sejam elas quais forem.

Eu não queria magoá-lo fingindo ter entendido seu raciocínio; mas, como ainda não entendia o motivo do riso, perguntei-lhe. Quando ele respondeu, seu rosto se tornou severo, e ele disse num tom bem diferente:

— Ah, foi a macabra ironia disso tudo... essa senhorita tão adorável ornada de flores, que parecia bela como a vida, até que cada um de nós duvidou, todos nós, de que ela estava morta de verdade; ela deitada naquela bela casa de mármore em um cemitério solitário, onde repousam tantos de sua família, deitada ao lado da mãe por quem era amada e a quem amava; e aquele sino sagrado dizendo “Dobre! Dobre! Dobre”, tão triste e lento; e aqueles homens sagrados, com as vestes brancas dos anjos, fingindo ler livros, e no entanto o tempo todo com os olhos fora das páginas; e todos nós com a cabeça baixada. E com que propósito? Ela está morta; pois sim! Ela não está?

— Bem, em todo caso, professor — eu disse —, não consigo ver motivo de riso em tudo isso. Ora, sua explicação complica ainda mais o quebra-cabeça. Mesmo que a cerimônia fúnebre tenha sido engraçada, e quanto ao pobre Art e seu tormento? Ora, o coração dele estava simplesmente em pedaços.

— Precisamente. Não foi ele que disse que a transfusão de seu sangue para as veias dela tornou-a verdadeiramente sua noiva?

— Sim, e foi um pensamento doce e consolador para ele.

— Exatamente. Mas há aí uma dificuldade, amigo John. Se verdade for, então e quanto aos outros? Rá, rá! Então esta moça tão doce é poliândrica, e eu, que tenho uma pobre esposa morta aos meus olhos mas viva de acordo com a lei da Igreja, embora fora de juízo... mesmo eu, um fiel marido a esta outrora esposa, sou bígamo.

— Também não vejo onde está a graça nisso! — eu disse; e não me sentia particularmente satisfeito com ele por dizer tais coisas.

Ele pousou a mão no meu braço e disse:

— Amigo John, me perdoe se o machuco. Não mostrei meus

sentimentos a outros quando imaginava que machucariam, mas apenas a você, meu velho amigo, em quem posso confiar. Se você pudesse olhar dentro do meu coração quando eu quis rir; se você pudesse fazer isso quando o riso veio a mim; se pudesse fazer isso agora, quando o Riso Rei pegou sua coroa e tudo que lhe pertence (pois ele vai para longe, muito longe de mim, e por um longo, longo tempo), talvez você tivesse piedade de mim primeiro de tudo.

Fiquei comovido com a ternura de seu tom, e perguntei o motivo.

— Porque eu sei!

E agora estamos todos separados; e por muitos longos dias a solidão irá pousar em nossos telhados com asas meditativas. Lucy jaz no túmulo da família, um jazigo senhorial num cemitério solitário, longe da fervilhante Londres; onde o ar é fresco e o sol se levanta acima de Hampstead Hill, e onde flores silvestres crescem por conta própria.

De modo que posso encerrar este diário; e só Deus sabe se começarei outro. Se o fizer, ou mesmo se voltar a este, será para tratar de pessoas e temas diferentes; pois aqui ao fim, onde o romance de minha vida foi contado, antes que eu volte para retomar o fio do trabalho de toda uma vida, digo triste e sem esperanças:

FINIS.

The Westminster Gazette, 25 de setembro

UM MISTÉRIO EM HAMPSTEAD

A vizinhança de Hampstead vê-se no momento preocupada com uma série de eventos que parecem correr em linhas paralelas às daqueles que ficaram conhecidos pelos autores de manchetes tais como “O horror de Kensington”, “A esfaqueadora” ou “A mulher de preto”. Nos últimos dois ou três dias, ocorreram vários casos de crianças pequenas fugindo dos lares ou se recusando a voltar para casa depois de brincar no Heath. Em todos esses casos, as crianças eram jovens demais para fornecer elas mesmas um relato inteligível, mas o consenso de suas justificativas é de que elas estiveram na presença de uma “moça buíta”. Era sempre tarde da noite quando se deu pela falta delas, e em duas ocasiões as crianças

não foram encontradas senão de manhã cedo. Supõe-se em geral na vizinhança que, uma vez tendo a primeira criança desaparecida alegado como razão de seu sumiço uma “moça buíta” que a convidara para dar um passeio, as outras se valeram da expressão e a usaram conforme ditava a ocasião. Isso é ainda mais natural uma vez que a brincadeira favorita da criançada no momento é atrair as outras para longe. Um correspondente nos escreve dizendo que ver alguns dos pequerruchos fingindo ser a “moça buíta” é extremamente engraçado. Alguns de nossos caricaturistas poderiam, segundo ele, aprender uma lição sobre a ironia do grotesco ao comparar a realidade e o retrato. Foi apenas em conformidade com os princípios gerais da natureza humana que a “moça buíta” se tornou um papel popular nessas apresentações al fresco. Nosso correspondente diz com ingenuidade que até mesmo Ellen Terry não conseguiria ser tão triunfalmente atraente quanto algumas dessas criancinhas encardidas fingem — e até mesmo imaginam — ser.

Há, contudo, possivelmente um lado grave nessa questão, pois algumas das crianças, na verdade todas as que desapareceram à noite, foram ligeiramente arranhadas ou feridas no pescoço. Os machucados parecem aqueles feitos por um rato ou cachorro pequeno, e, embora individualmente não sejam de muita importância, tenderiam a mostrar que seja qual for o animal que os infligiu possui um sistema ou método próprio. A polícia da seção foi instruída a manter uma aguçada vigilância de crianças perdidas, especialmente as muito novas, em Hampstead Heath e arredores, e de qualquer cachorro vadio que esteja nas proximidades.



The Westminster Gazette, 25 de setembro

EXTRA

O HORROR EM HAMPSTEAD

Mais uma criança ferida

A “moça buíta”

Acabamos de receber a informação de que mais uma criança, desaparecida ontem à noite, foi encontrada só ao fim desta manhã debaixo de um arbusto de tojo na porção de

Hampstead Heath próxima a Shooter's Hill, que talvez seja menos frequentada que as outras partes. A criança apresenta a mesma ferida minúscula no pescoço que foi notada nos outros casos. Estava terrivelmente fraca, e parecia muito mirrada. Quando se recuperou parcialmente, também produziu o mesmo relato de ter sido atraída pela “moça buíta”.

[21](#) Referência ao poema “A Picture of Death” (“Um retrato da morte”), de Lord Byron (1788--1824).

CAPÍTULO 14

Diário de Mina Harker

23 de setembro — Jonathan está melhor após uma noite ruim. Estou muito contente que ele tenha muito trabalho a fazer, pois isso mantém a mente dele afastada daquelas coisas terríveis; e ah, como estou radiante por ele não estar mais se sentindo sobrecarregado com a responsabilidade de sua nova posição. Eu sabia que ele seria fiel a si mesmo, e agora como me orgulha ver meu Jonathan fazendo jus ao seu progresso e acompanhando o ritmo em todos os aspectos com os deveres que competem a ele. Hoje ele ficará fora até tarde, pois disse que não conseguiria almoçar em casa. Meus afazeres domésticos foram feitos, portanto vou pegar o diário dele do estrangeiro, e trancar-me no meu quarto para lê-lo...

24 de setembro — Não tive estômago para escrever ontem à noite; aquele terrível registro de Jonathan me perturbou a esse ponto. Pobre amado! Como deve ter sofrido, quer seja verdade ou imaginação. Eu me pergunto se há alguma verdade naquilo tudo. Teria ele contraído a sua febre cerebral, e então escrito todas aquelas coisas terríveis, ou será que ele tinha alguma causa para aquilo tudo? Suponho que nunca saberei, pois não ousa tocar no assunto com ele... E no entanto, aquele homem que vimos ontem! Jonathan parecia estar seguro de tê-lo reconhecido... Pobre rapaz! Imagino que o velório o tenha perturbado e feito sua mente retomar alguma linha de raciocínio... Ele mesmo acredita em tudo. Lembro-me de como no dia do nosso casamento ele disse: “a não ser que surja algum dever solene que me faça voltar às horas amargas, que vivi adormecido ou acordado, são ou louco”. Parece haver nisso tudo algum fio de continuidade... Aquele temível conde estava a caminho de Londres... Se é verdade, e ele chegou a Londres, com seus milhões de habitantes... Pode haver uma obrigação solene; e se vier, não devemos nos deixar intimidar por ela... Estarei preparada. Vou pegar minha máquina de escrever agora mesmo e começar a transcrever. Então estaremos de prontidão para

que outros olhos leiam se for preciso. E se for exigido; então, talvez, se eu estiver preparada, o pobre Jonathan talvez não fique perturbado, pois poderei me pronunciar em nome dele e nunca deixar que ele fique atormentado ou preocupado com qualquer coisa que seja. Se algum dia Jonathan superar seu nervosismo, talvez queira me contar tudo a respeito disso, e poderei lhe fazer perguntas e esclarecer as coisas, e ver como poderei consolá-lo.

Carta de Van Helsing à sra. Harker

24 de setembro

(Confidencial)

Cara madame,

Rogo que me perdoe por lhe escrever, sendo eu o amigo distante que lhe enviou a triste notícia da morte da srta. Lucy Westenra. Graças à bondade de lorde Godalming, fui autorizado a ler as cartas e os papéis dela, pois estou profundamente preocupado com certos assuntos de vital importância. Entre eles achei algumas cartas mandadas da senhora, que mostram como eram boas amigas e como a senhora a amava. Ah, madame Mina, por esse amor, eu lhe imploro, ajude-me. É pelo bem de outros que eu peço — para acertar um grande mal, e para aliviar terríveis tormentos — que podem ser maiores que o seu conhecimento. Seria possível encontrá-la? Pode confiar em mim. Sou amigo do dr. John Seward e de lorde Godalming (este era o Arthur da srta. Lucy). Devo manter tudo privado no momento. Partirei para Exeter a fim de vê-la imediatamente caso a senhora me diga que tenho o privilégio de ir, e aonde e quando. Imploro o perdão seu, madame. Li suas cartas para a pobre Lucy, e sei como a senhora é boa e como o seu marido sofre; de modo que lhe rogo que, se possível for, nada informe a ele, para não causar nenhum mal. Peço novamente o seu perdão, e desculpe.

Van Helsing

TELEGRAMA DA SRA. HARKER A VAN HELSING

25 DE SETEMBRO

VENHA HOJE NO TREM DAS 10H15 SE CONSEGUIR
EMBARCAR. POSSO ENCONTRÁ-LO A HORA QUE
QUISER.

WILHELMINA HARKER

Diário de Mina Harker

25 de setembro — Não posso deixar de me sentir terrivelmente agitada conforme se aproxima a hora da visita do dr. Van Helsing, pois de certa forma eu espero que isso lance alguma luz sobre a triste experiência de Jonathan; e, uma vez que atendeu a pobre e querida Lucy em sua enfermidade recente, ele poderá me contar tudo sobre ela. Essa é a razão de sua vinda; diz respeito a Lucy e seu sonambulismo, e não a Jonathan. Então eu jamais saberei a verdade! Como sou tola. Aquele diário atroz toma conta de minha imaginação e a tudo tinge com um pouco de sua própria cor. É claro que se trata de Lucy. Aquele hábito voltou à pobre querida, e aquela noite aterradora sobre o penhasco deve tê-la feito adoecer. Às voltas com os meus assuntos eu quase esqueci quão mal ela ficou depois daquilo. Ela deve ter contado a ele sobre a aventura sonâmbula no penhasco, e que eu sabia a respeito disso; e agora ele deseja que eu lhe conte o que ela sabe, para que ele possa entender. Espero que eu tenha agido de modo correto ao não dizer nada sobre aquilo à sra. Westenra; eu jamais me perdoaria se qualquer ato ou omissão de minha parte acarretasse algum mal à pobre Lucy. Espero, também, que o dr. Van Helsing não me culpe; tenho tido tantos tormentos e aflições ultimamente que sinto não conseguir suportar mais no momento.

Acredito que chorar às vezes nos faz muito bem — limpa o ar como a chuva faz. Talvez tenha sido a leitura do diário ontem que me perturbou, e depois o fato de Jonathan sair esta manhã para ficar longe de mim todo o dia e a noite, a primeira vez que nos separamos desde nosso casamento. Torço para que o pobre rapaz se cuide, e que não aconteça nada que o perturbe. São 14h, e o médico chegará a qualquer momento. Nada irei lhe dizer a respeito do diário de Jonathan, a não ser que ele me peça. Alegro-me eu ter batido o meu próprio diário à máquina, de modo que, caso ele pergunte sobre Lucy, posso mostrá-lo; isso irá poupar muitas perguntas.

Mais tarde — Ele veio e se foi. Ah, que estranho encontro, e como tudo isso faz minha cabeça girar! Sinto-me como que num sonho. Será tudo possível, ou mesmo uma parte? Se eu não tivesse lido o diário de Jonathan primeiro, jamais teria aceitado possibilidade alguma. Pobre, pobre Jonathan querido! Como deve ter sofrido. Que o bom Deus queira que isso não volte a perturbá-lo. Hei de tentar salvá-lo disso; mas pode ser mesmo um consolo e uma ajuda para ele — por mais terrível que seja o conhecimento e atroz as suas consequências — ter a certeza de que seus olhos e seus ouvidos e sua mente não o enganaram, e de que é tudo verdade. Pode ser que a dúvida é que o esteja assombrando, que quando a dúvida for eliminada, não importa qual — acordado ou sonhando — possa se comprovar a verdade, ele ficará mais satisfeito e mais bem capacitado para suportar o choque. O dr. Van Helsing deve ser um homem bom, além de inteligente, se é amigo de Arthur e do dr. Seward, e se o trouxeram da Holanda para cuidar de Lucy. Sinto, após tê-lo visto, que ele é bom e gentil e de natureza nobre. Quando vier amanhã, hei de perguntar-lhe a respeito de Jonathan; e então, Deus queira, todo esse sofrimento e aflição talvez levem a um bom desfecho. Eu costumava pensar que gostaria de praticar entrevistas; o amigo de Jonathan no Exeter News disse-lhe que a memória era tudo em tal trabalho — que o entrevistador deve ser capaz de anotar com exatidão quase toda palavra dita, mesmo que tenha que refinar algo do discurso mais tarde. Ali eu tinha uma entrevista rara; tentarei registrá-la verbatim:

Eram 14h30 quando se ouviu a batida na porta da frente. Segurei a coragem com minhas *deux mains*²² e esperei. Em poucos minutos, Mary abriu minha porta, e anunciou o “dr. Van Helsing”.

Levantei-me e me curvei, e ele veio em minha direção; um homem de peso médio, complexão robusta, com os ombros assentados sobre um peito largo e fundo e um pescoço bem equilibrado sobre o tronco tal como a cabeça sobre o pescoço. O porte da cabeça logo nos impressiona como um indício de discernimento e poder; a cabeça é nobre, bem-proporcionada, larga e ampla atrás das orelhas. O rosto, barbeado, ostenta um queixo duro, quadrado, uma boca larga, determinada, maleável, um nariz de bom tamanho, bastante aprumado, mas com narinas ágeis, sensíveis, que parecem se dilatar quando as grandes e bastas sobranceiras se curvam e a boca se estreita. A fronte é ampla e bela, erguendo-se praticamente reta a princípio e depois curvando-se para trás sobre duas protuberâncias ou elevações bem afastadas; de tal modo que os cabelos avermelhados não conseguem desabar por cima dela, mas caem naturalmente para

trás e para os lados. Os grandes olhos azuis-escuros são bastante afastados, e são ágeis ou ternos ou severos conforme o humor do dono. Ele me disse:

— Sra. Harker, não é verdade?

Eu assenti com uma mesura.

— Que era srta. Mina Murray?

Assenti novamente.

— Vim ver a Mina Murray que era amiga daquela pobre criança, Lucy Westenra. Madame Mina, é no interesse da falecida que eu venho.

— Senhor — eu disse —, não haveria interesse melhor aos meus olhos do que saber que foi amigo e defensor de Lucy Westenra.

Estendi a mão. Ele a tomou e disse com ternura:

— Ah, madame Mina, eu sabia que a amiga daquela pobre e imaculada menina devia ser boa pessoa, mas eu tinha ainda que confirmar...

Ele encerrou sua fala com uma mesura cortês. Perguntei-lhe qual era o assunto de sua visita, de modo que ele imediatamente começou:

— Li as cartas suas para a srta. Lucy. Perdoe-me, mas eu tinha que começar a investigar por algum lugar, e não havia a quem perguntar. Sei que a senhora esteve com ela em Whitby. Ela às vezes escrevia em um diário... não precisa parecer surpresa, madame Mina; ela começou depois que a senhora partiu, e como uma imitação sua... e nesse diário ela associa por inferência certas coisas a um sonambulismo do qual ela escreve que a senhora a salvou. Em grande perplexidade portanto venho até a senhora, e lhe peço que da sua gentileza tamanha me conte tudo de que consegue se lembrar.

— Consigo lhe contar, dr. Van Helsing, creio eu, tudo a esse respeito.

— Ah, então a senhora tem boa memória para fatos, para detalhes? Não é sempre assim com vocês senhoritas.

— Não, doutor, mas eu anotei tudo na época. Posso mostrar ao senhor, se quiser.

— Ah, madame Mina, serei grato; a senhora irá me fazer muito favor.

Não pude resistir à tentação de intrigá-lo um pouco — suponho se tratar de um vestígio do gosto da maçã original que ainda permanece em nossa boca —, então entreguei a ele o diário taquigrafado. Ele o pegou com uma mesura de gratidão, e disse:

— Posso ler?

— Se quiser — respondi o mais recatadamente possível.

Ele o abriu, e por um instante sua expressão desabou. Então ele se empertigou e fez uma mesura.

— Ah, que mulher inteligente, a senhora! — disse ele. — Faz muito tempo que eu sabia que o sr. Jonathan era um homem que deve ser grato; mas veja só, a esposa dele tem todos os predicados. E a senhora não me fará a honra de ajudar lendo-me isto para? Ai de mim! Não conheço a taquigrafia.

A esta altura, minha brincadeirinha já terminara, e eu estava quase envergonhada; portanto peguei a cópia datilografada de meu cesto de costura e a entreguei a ele.

— Perdoe-me — eu disse —; não pude evitar; mas eu estive pensando que era sobre a querida Lucy que o senhor desejava perguntar, e para que não precisasse ficar esperando (não por minha causa, mas porque sei que o seu tempo deve ser precioso) bati tudo à máquina para o senhor.

Ele pegou a cópia e seus olhos cintilaram.

— A senhora é tão boa — disse ele. — E posso ler agora? Talvez eu queira lhe perguntar algumas coisas quando tiver lido.

— É claro que sim — respondi —, leia-a enquanto eu ordeno o almoço; e então o senhor poderá me fazer perguntas enquanto comemos.

Ele se curvou e se acomodou numa cadeira de costas para a luz, e ficou absorto nos papéis, enquanto eu fui supervisionar o preparo do almoço principalmente a fim de que ele não fosse perturbado. Quando voltei, encontrei-o andando apressadamente para lá e para cá na sala, o rosto inteiro ardendo de empolgação. Ele correu até mim e tomou-me ambas as mãos.

— Ah, madame Mina — disse ele —, como posso lhe dizer o que lhe devo? Este papel é um raio de luz. Ele abre o portal para mim. Estou atordoado, estou deslumbrado com tanta luz, e contudo há nuvens deslizando por trás da luz toda hora. Mas isso a senhora não pode, não tem como compreender. Ah, mas como sou grato à senhora, mulher tão inteligente. Madame — ele disse isto com muita solenidade —, se Abraham van Helsing puder algum dia fazer qualquer coisa pela senhora ou pela sua família, conto com que me faça saber. Será um prazer e um deleite poder servi-la como a um amigo; como a um amigo, mas tudo que já aprendi, tudo que posso vir a fazer, será pela senhora e por aqueles que ama. Na vida há trevas e há luzes; a senhora é uma das luzes. Terá uma vida feliz e uma vida boa, e o seu marido será abençoado por ter a senhora.

— Mas, doutor, o senhor me elogia demasiadamente, e... e o

senhor não me conhece.

— Não a conheço? Eu, que sou velho, e que a vida toda estudei homens e mulheres; eu, que me especializei no cérebro e em tudo que diz respeito a ele e em tudo que segue a partir dele? E eu li o diário que a senhora tão gentilmente datilografou para mim, e que exala verdade a cada linha. Eu, que li a sua carta tão doce para a pobre Lucy a respeito do casamento seu e da confiança sua, não irei conhecê-la? Ah, madame Mina, as mulheres boas contam toda a sua vida, a cada dia e a cada hora e a cada minuto, coisas essas que os anjos podem ler; e nós homens que desejamos saber temos algo da visão dos anjos. O seu marido é de natureza nobre, e a senhora é nobre também, pois a senhora confia, e a confiança não pode existir onde há uma natureza maléfica. E o seu marido... fale-me sobre ele. Ele está melhor? Toda aquela febre sumiu, e ele está forte e saudável?

Aqui vi uma brecha para perguntar-lhe sobre Jonathan, então disse:

— Ele estava quase recuperado, mas ficou imensamente perturbado com a morte do sr. Hawkins.

Ele me interrompeu:

— Ah, sim, eu sei, eu sei. Eu li as duas últimas cartas da senhora.

Eu prossegui:

— Suponho que isso o tenha perturbado, pois quando estivemos na cidade terça-feira passada, ele sofreu uma espécie de choque.

— Um choque, e tão pouco tempo depois de uma febre cerebral! Isso não foi bom. Que tipo de choque foi?

— Ele pensou ter visto alguém que o fazia recordar algo terrível, algo que provocou sua febre cerebral.

E aqui a história toda pareceu me arrasar de supetão. A pena que sentia de Jonathan, o horror que ele vivenciou, o mistério assustador de seu diário, e o medo que venho ruminando dentro de mim desde então, tudo veio num tumulto. Suponho que estivesse histérica, pois me atirei de joelhos e levantei as mãos para ele, e implorei que deixasse meu marido bem outra vez. Ele tomou minhas mãos e me levantou, e fez-me sentar no sofá, e sentou-se ao meu lado; segurou minha mão na dele, e disse-me, com infinita ternura:

— A minha é uma vida seca e solitária, e tão cheia de trabalho que não tive muito tempo para amizades; mas desde que fui chamado para vir aqui por meu amigo John Seward conheci tantas pessoas boas e vi tanta nobreza que sinto mais do que nunca, e ela cresceu com o passar dos meus anos, a solidão da minha vida. Acredite, portanto, que aqui eu venho cheio de respeito pela senhora, e a senhora me deu

esperança, esperança não no que eu venho buscando, mas em que ainda há mulheres boas para fazer a vida feliz, mulheres boas, cujas vidas e verdades podem ser uma boa lição para as crianças que vão vir. Estou feliz, feliz, que eu possa aqui ser de alguma serventia para a senhora; pois se o seu marido sofre, sofre dentro do alcance dos estudos meus e da experiência minha. Prometo-lhe que irei com alegria fazer por ele tudo que puder, tudo para tornar a vida dele forte e viril, e a sua uma vida feliz. Agora, a senhora precisa se alimentar. Está extenuada e talvez sobreafлита. O marido Jonathan não gostaria de vê-la tão pálida; e não gostar de algo em quem ele ama não é bom para ele. Portanto, para o bem dele, a senhora deve comer e sorrir. Contou-me tudo sobre Lucy, e agora não iremos falar sobre isso, para não afligi-la. Ficarei esta noite em Exeter, pois quero pensar muito sobre o que me contou, e quando eu tiver pensado lhe farei perguntas, se me permitir. E então, também, a senhora irá me contar sobre o problema do marido Jonathan até onde possível for, mas não ainda. Agora deve comer; depois irá me contar tudo.

Após o almoço, quando retornamos à sala de estar, ele me disse:

— E agora conte-me tudo sobre ele.

Quando se tratava de falar com aquele homem de grande erudição, comecei a temer que ele me achasse uma débil tola, e Jonathan, um louco — tudo naquele diário é tão estranho —, e eu hesitei em continuar. Mas ele foi tão doce e gentil, e prometera ajudar-me, e eu confiei nele, de modo que disse:

— Dr. Van Helsing, o que tenho a lhe contar é tão insólito que o senhor não deve rir de mim ou de meu marido. Desde ontem me encontro numa espécie de dúvida febril; o senhor deve ser gentil comigo, e não me achar tola por ter acreditado ainda que parcialmente em coisas muito estranhas.

Ele tranquilizou-me com seus modos e também com suas palavras quando disse:

— Ah, minha cara, se soubesse quão estranho é o assunto que me traz aqui, a senhora é quem estaria rindo. Aprendi a não fazer pouco caso de crença nenhuma, não importa quão estranha possa ser. Tento manter minha cabeça aberta; e não são as coisas ordinárias da vida que poderiam fechá-la, mas sim as coisas estranhas, as coisas extraordinárias, as coisas que nos fazem perguntar se estamos loucos ou sãos.

— Obrigada, mil vezes obrigada! O senhor tirou um peso de minha mente. Se me permitir, lhe darei um documento para ler. É longo, mas eu o datilografei. Irá lhe narrar o meu tormento e o de Jonathan.

Trata-se da cópia do diário dele no estrangeiro, e de tudo o que aconteceu. Não ousou dizer nada sobre ele; o senhor irá lê-lo e julgar. E então, quando eu reencontrá-lo, talvez o senhor possa fazer a gentileza de me dizer o que pensa.

— Eu prometo — disse ele quando lhe entreguei os papéis —; de manhã, o mais cedo que puder, virei ver a senhora e o seu marido, se me permitir.

— Jonathan estará aqui às 11h30, e o senhor deve vir almoçar conosco e então vê-lo; pode tomar o trem rápido das 15h34, que o deixará em Paddington antes das 20h.

Ele ficou surpreso com o meu conhecimento seguro dos horários dos trens, mas não sabe que eu memorizei todos os trens que chegam a Exeter e partem daqui, para poder ajudar Jonathan caso ele esteja com pressa.

Então ele pegou os papéis e se foi, e aqui estou eu sentada pensando... pensando não sei o quê.

Carta (manuscrita) de Van Helsing à sra. Harker

25 de setembro, 18h

Cara madame Mina,

Li o tão assombroso diário de seu marido. Pode ir dormir sem nenhuma dúvida. Por estranho e terrível que seja, é verdade! Aposto minha vida nisso. Pode ser pior para outros; mas para ele e para a senhora não há perigo. Ele é um sujeito nobre; e permita-me dizer que, em minha experiência com os homens, aquele que atuou como ele ao descer por aquele muro e entrar naquele quarto — pois sim, e fazê-lo mais de uma vez — não é alguém que possa ser permanentemente ferido por um choque. Seu cérebro e seu coração estão bem; posso jurar por isso, mesmo antes de tê-lo visto; portanto fique descansada. Terei muito o que perguntar a ele sobre outras coisas. Estou abençoado por tê-la visitado hoje, pois aprendi tanta coisa de uma vez só que estou atordoado — atordoado mais que nunca, e preciso pensar.

Sinceramente,
Abraham van Helsing

25 de setembro, 18h30

Meu caro dr. Van Helsing,

Mil vezes obrigada por sua atenciosa carta, que tirou um grande peso de minha mente. E no entanto, se for verdade, que coisas terríveis há no mundo, e que coisa atroz seria se aquele homem, aquele monstro, realmente estiver em Londres! Temo sequer pensar. Neste exato momento, enquanto eu escrevia, recebi um telegrama de Jonathan, dizendo que parte no trem das 18h25 para Launceston e chegará aqui às 22h18, para que eu não tenha medo esta noite. Portanto, em vez de almoçar conosco, o senhor não poderia vir para o desjejum às 8h, caso não seja muito cedo? Poderá ir embora, se estiver com pressa, no trem das 10h30, que irá deixá-lo em Paddington às 14h35. Não é necessário responder esta carta, uma vez que irei deduzir que, se não tiver notícias suas, o senhor virá para o desjejum.

Creia-me

Sincera e agradecidamente,

Mina Harker

Diário de Jonathan Harker

26 de setembro — Pensei que nunca mais escreveria de novo neste diário, mas é chegada a hora. Ao voltar para casa ontem à noite, Mina estava com a ceia pronta, e depois de comermos ela me falou sobre a visita de Van Helsing, e sobre ter dado a ele as duas cópias datilografadas, e sobre como ela estivera apreensiva em relação a mim. Ela mostrou-me a carta do médico em que ele dizia que tudo que eu escrevera era verdade. Isso parece ter me transformado em um novo homem. Era a dúvida quanto à realidade da coisa toda que me perturbava. Sentia-me impotente, e no escuro, e desconfiado. Mas agora que sei a verdade, não tenho medo, nem mesmo do conde. Afinal de contas ele teve êxito em seu propósito de vir a Londres, e foi ele quem vi. Ele ficou mais moço, e como? Van Helsing é o homem certo para desmascará-lo e afugentá-lo, caso ele seja mesmo como Mina diz. Ficamos acordados até tarde, e conversamos sobre tudo. Mina está se vestindo, e vou ligar para o hotel em alguns minutos para chamá-lo até aqui...

Ele ficou, creio eu, surpreso ao me ver. Quando cheguei à sala em que ele estava, e me apresentei, ele pegou-me pelo ombro, e virou meu rosto na direção da luz, e disse, após me escrutinar detidamente:

— Mas madame Mina disse-me que o senhor estava doente, que tinha sofrido um choque.

Foi tão engraçado ouvir minha esposa ser chamada de “madame Mina” por este velho senhor de rosto forte e gentil. Eu sorri, e disse:

— Eu estava doente, eu sofri um choque; mas o senhor já me curou.

— E como?

— Por meio de sua carta para Mina ontem à noite. Eu vivia em dúvida, e então tudo assumia um matiz de irrerealidade, e eu não sabia em que confiar, nem mesmo nas evidências dos meus próprios sentidos. Não sabendo em que confiar, eu não sabia o que fazer; e portanto me restava apenas continuar trabalhando naquilo que tinha até então sido a rotina da minha vida. A rotina deixou de me ser útil, e comecei a suspeitar de mim. Doutor, o senhor não sabe o que é duvidar de todas as coisas, até mesmo de si. Não, não sabe; o senhor não saberia, com sobranceiras como as suas.

Ele pareceu satisfeito, e riu conforme disse:

— Pois então! O senhor é um fisionomista. Aqui aprendo mais coisas com vocês a cada hora que passa. É com muito prazer que vou fazer o desjejum com o senhor; e, ah, senhor, se perdoar o elogio de um velho, o senhor foi abençoado com a sua esposa.

Eu poderia seguir ouvindo-o elogiar Mina o dia inteiro, portanto simplesmente assenti e permaneci calado.

— Ela é uma das mulheres de Deus, criada pela mão Dele para mostrar a nós, homens, e às outras mulheres que há um céu onde podemos entrar, e que sua luz pode estar aqui na Terra. Tão sincera, tão doce, tão nobre, tão pouco egoísta, e isso, deixe-me dizer, é muito nesta época tão cética e egoísta. E o senhor, eu li todas as cartas para a pobre srta. Lucy, e algumas delas falam do senhor, portanto o conheço já desde alguns dias do conhecimento de outros; mas vi o seu verdadeiro eu desde ontem à noite. O senhor me dará sua mão, não dará? E que sejamos amigos por toda a nossa vida.

Apertamos as mãos, e ele era tão honesto e tão gentil que me fez marejar os olhos.

— E agora — disse ele —, posso pedir-lhe mais ajuda? Tenho um grande trabalho a fazer, e a princípio se trata de saber a verdade. Nisto o senhor pode me ajudar. Pode me dizer o que houve antes de ir para a Transilvânia? Mais tarde eu talvez peça mais ajuda sua, e de

outro tipo; mas para começar isso já será o suficiente.

— Veja bem, senhor — eu disse —, o que tem a fazer diz respeito ao conde?

— Diz — falou ele solenemente.

— Então estou com o senhor de corpo e alma. Como partirá no trem das 10h30, não terá tempo de ler tudo; mas vou pegar a papelada. Poderá levá-la consigo e ler no trem.

Após o desjejum acompanhei-o até a estação. Ao nos despedirmos, ele disse:

— Talvez o senhor possa ir à cidade se eu mandar chamá-lo, e levar madame Mina junto.

— Iremos os dois assim que o senhor quiser — eu disse.

Eu lhe providenciara os jornais matutinos e os jornais londrinos da noite da véspera, e enquanto conversávamos através da janela do vagão, esperando o trem dar a partida, ele folheou-os. Seus olhos subitamente pareceram avistar alguma coisa em um deles, a *Westminster Gazette* — reconheci-a por causa da cor — e ele empalideceu bastante. Leu algo com atenção, gemendo para si mesmo:

— *Mein Gott! Mein Gott! Tão cedo! Tão cedo!*

Não acredito que estivesse ciente da minha presença no momento. Foi então que se ouviu o apito, e o trem se moveu. Isso o fez voltar a si, e ele debruçou-se na janela e acenou, exclamando:

— Lembranças à madame Mina; escreverei tão logo quanto conseguir.

Diário do dr. Seward

26 de setembro — Na verdade não existe algo como um fim. Não faz nem uma semana desde que falei “Finis”, e no entanto aqui estou eu começando tudo de novo, ou melhor, dando continuidade ao mesmo registro no diário. Até esta tarde eu não tinha motivo para pensar no que estava acabado. Renfield se tornara, para todos os efeitos, tão são quanto jamais fora. Já estava bem adiantado com o negócio das moscas; e acabara de estrear no ramo das aranhas; de modo que não me criara nenhuma perturbação. Recebi uma carta de Arthur, escrita no domingo, e dela deduzi que ele está passando muitíssimo bem. Quincey Morris está com ele, e isso é uma ajuda e tanto, pois ele é um poço borbulhante de bom humor. Quincey escreveu-me algumas palavras também, e por ele fico sabendo que Arthur está começando a recuperar algo de sua antiga impetuosidade;

em relação a eles, portanto, minha mente está descansada. Quanto a mim, eu estava me lançando ao trabalho com o entusiasmo que costumava ter, de modo que eu bem que poderia dizer que a ferida que a pobre Lucy deixou em mim estava prestes a cicatrizar. Tudo, no entanto, está agora reaberto; e só Deus sabe que fim isso terá. Imagino que Van Helsing também pense saber, mas ele deixa escapar apenas o suficiente por vez para atizar minha curiosidade. Ele foi para Exeter ontem, e lá passou toda a noite. Voltou hoje, e entrou em meu gabinete quase aos saltos por volta das 17h30, e cravou em minha mão a Westminster Gazette de ontem à noite.

— O que pensa disso? — ele perguntou conforme recuava e cruzava os braços.

Passei os olhos sobre o jornal, pois de fato não sabia o que ele queria dizer; mas ele o tomou de mim e apontou um parágrafo a respeito de crianças sendo atraídas para longe em Hampstead. Aquilo não me dizia muita coisa, até que cheguei a uma passagem que descrevia pequenas feridas de perfuração no pescoço delas. Uma ideia me sobreveio, e eu ergui o olhar.

— E então? — ele disse.

— São como as da pobre Lucy.

— E o que conclui disso?

— Apenas que há uma causa comum. O que quer que a tenha machucado machucou as crianças também.

Não entendi muito bem sua resposta:

— Indiretamente isso é verdade, mas não diretamente.

— O que quer dizer, professor? — perguntei.

Eu estava um pouco inclinado a considerar levemente a sua seriedade — pois, afinal de contas, quatro dias de descanso e afastamento de uma ardente e arrasadora ansiedade ajudam mesmo a restaurar nosso ânimo —, mas quando vi o seu rosto, reganhei a sobriedade. Nunca, nem mesmo durante a nossa desesperança com relação a Lucy, ele aparentara tamanha severidade.

— Diga-me — falei. — Não arrisco nenhuma opinião. Não sei o que pensar, e não tenho quaisquer dados em que basear uma conjectura.

— Pretende me dizer, amigo John, que não tem nenhuma suspeita com relação à causa da morte da pobre Lucy; nem depois de todas as pistas dadas, não apenas pelos fatos, mas também por mim?

— Eu suspeito de prostração nervosa precedida de grande perda ou escoamento de sangue.

— E como o sangue foi perdido ou escoado?

Balancei a cabeça. Ele avançou um passo e sentou-se ao meu lado, e prosseguiu:

— Você é um homem inteligente, amigo John; raciocina bem, e seu discernimento é arrojado; mas é por demais preconceituoso. Não deixa que seus olhos vejam, nem que seus ouvidos ouçam, e aquilo que está fora de sua vida cotidiana não julga importante. Não acha que há coisas que você não é capaz de entender, e que no entanto existem; não acha que algumas pessoas veem coisas que outras não conseguem? Mas há coisas antigas e novas que não devem ser contempladas pelos olhos dos homens, porque eles sabem, ou pensam saber, certas coisas que outros homens lhes disseram. Ah, a falha de nossa ciência é querer tudo explicar; e se não consegue explicar, então afirma que não há nada a explicar. No entanto, vemos à nossa volta todos os dias o crescimento de novas crenças, que se pensam novas; e que no entanto não passam de velhas, se passando por novas, como as belas senhoras na ópera. Ora, suponho que não acredite em transferência corporal. Não? Nem em materialização. Não? Nem em corpos astrais. Não? Nem em leitura do pensamento. Não? Nem em hipnotismo...

— Nisso sim — eu disse. — Charcot provou-o muito bem.

Ele sorriu enquanto prosseguia:

— Então fica satisfeito com isso. Sim? Então é claro que compreende como isso funciona, e é capaz de seguir a mente do grande Charcot (que infelizmente não está mais aqui!) até a verdadeira alma do paciente que ele influencia. Não? Então, amigo John, devo deduzir que você simplesmente aceita os fatos, e se dá por satisfeito em deixar ficar vazio o espaço da premissa até a conclusão? Não? Então me diga, pois sou um estudioso do cérebro, como é que aceita o hipnotismo e rejeita a leitura de pensamentos. Deixe-me lhe contar, meu amigo, que hoje há coisas sendo feitas na ciência da eletricidade que teriam sido consideradas profanas pelos próprios homens que descobriram a eletricidade, que eles mesmos, pouco tempo atrás, teriam sido queimados como feiticeiros. Na vida sempre há mistérios. Como foi que Matusalém viveu novecentos anos, e o “Old Parr” cento e sessenta e nove, e porém aquela pobre Lucy, com o sangue de quatro homens nas pobres veias suas, não foi capaz de viver nem um único dia? Pois tivesse ela vivido um dia a mais, poderíamos tê-la salvado. Você sabe todos os mistérios da vida e da morte? Sabe a totalidade da anatomia comparada e pode então dizer por que as qualidades das feras são achadas em alguns homens e em outros não? Pode me dizer por que, quando outras aranhas morrem definhadas e

rápido, aquela grande aranha viveu por séculos na torre da velha igreja espanhola e cresceu mais e mais, a ponto de, ao descer, conseguir tomar todo óleo de todas lamparinas da igreja? Pode me dizer por que nos pampas, pois sim, e em outros lugares, há morcegos que aparecem de noite e abrem as veias do gado e dos cavalos e sugam até o fim; como em algumas ilhas dos mares ocidentais há morcegos que passam o dia todo pendurados em árvores, e aqueles que os viram os descrevem como nozes ou casulos gigantescos, e que quando os marinheiros dormem no convés, por causa do calor, voam até eles, e então... e então pela manhã são encontrados mortos, mais brancos do que estava a srta. Lucy?

— Santo Deus, professor! — eu disse, sobressaltado. — Está querendo me dizer que Lucy foi mordida por um morcego desses; e que tal coisa existe aqui em Londres no século XIX?

Ele acenou com a mão pedindo silêncio, e prosseguiu:

— Pode me dizer por que as tartarugas vivem mais do que gerações de homens; por que o elefante vive e vive a ponto de testemunhar dinastias; e por que o papagaio nunca morre apenas de mordida de gato ou cachorro ou outro mal? Pode me dizer por que os homens de todas as horas e lugares acreditam haver uns poucos que continuam vivendo para sempre se assim lhes for permitido; homens e mulheres que não conseguem morrer? Todos sabemos, porque a ciência afiançou tal fato, que existiram sapos presos em rochas durante milhares de anos, presos em tão pequenos buracos que continham somente eles desde a infância do mundo. Pode me dizer como o faquir indiano é capaz de morrer e ser enterrado, e ter a cova lacrada e plantarem milho em cima dela, e o milho ser colhido e cortado e plantado e colhido e cortado de novo, e então os homens virem romper o lacre inquebrado e eis que lá está o faquir indiano, não morto, mas levantando-se e caminhando entre eles como antes?



Aqui eu o interrompi. Estava ficando desnorteado; ele povoara tanto a minha mente com seu rol de excentricidades e possíveis impossibilidades da natureza que minha imaginação estava abarrotada. Eu tinha uma vaga ideia de que ele estava me dando alguma lição, como muito tempo atrás costumava fazer em seu gabinete em Amsterdã; mas então ele costumava me dizer o que era, a

fim de que eu tivesse o objeto de estudo em mente o tempo todo. Agora eu não contava com essa ajuda, porém queria entendê-lo, de modo que falei:

— Professor, deixe-me ser seu aluno favorito de novo. Diga-me qual é a hipótese, para que eu possa aplicar o seu conhecimento conforme o senhor prossegue. No momento, estou indo mentalmente de um lugar para outro tal como um louco, não um homem são, segue uma ideia. Sinto-me como um aprendiz atolado num pântano debaixo de neblina, pulando de uma moita para outra no esforço cego de seguir em frente sem saber para onde estou indo.

— É uma bela imagem — disse ele. — Bem, vou lhe dizer. Minha hipótese é a seguinte: quero que você acredite.

— Acredite em quê?

— Acredite em coisas em que não consegue. Permita-me ilustrar. Uma vez ouvi de um americano esta definição de fé: “Aquela faculdade que nos capacita a acreditar em coisas que sabemos serem inverídicas”. De minha parte, eu sigo esse homem. Ele quis dizer que devemos ter uma mente aberta, e não deixar que uma verdadezinha restrinja o progresso de uma verdade grande, como uma pedrinha restringe um trem de ferro. Recebemos a verdadezinha primeiro. Ótimo! Nós a guardamos, e a valorizamos; mas ao mesmo tempo não devemos fazê-la crer-se toda a verdade do universo.

— Então o senhor quer que eu não permita que alguma convicção prévia fira a receptividade de minha mente a respeito de um assunto estranho. Estou interpretando direito a sua lição?

— Ah, você é o meu pupilo preferido ainda. Vale a pena ensiná-lo. Agora que está disposto a entender, tomou o primeiro passo em direção ao entendimento. Acha então que aqueles buraquinhos tão pequenos no pescoço das crianças foram feitos pela mesma coisa que fez os furos na srta. Lucy?

— Suponho que sim.

Ele levantou-se e disse solenemente:

— Então você está errado. Ah, quem dera fosse assim! Mas ai de mim, não. É pior, muito pior que isso.

— Em nome de Deus, prof. Van Helsing, o que está querendo dizer? — exclamei.

Ele atirou-se em uma cadeira com um gesto de desespero, e apoiou os cotovelos na mesa, cobrindo o rosto com as mãos conforme falava:

— Que foram feitos pela srta. Lucy!



CAPÍTULO 15

Diário do dr. Seward
(Continuação)

Por algum tempo a raiva pura dominou-me; foi como se ainda em vida ele tivesse estapeado Lucy no rosto. Eu esmurrei a mesa com força e me levantei enquanto dizia a ele:

— Dr. Van Helsing, o senhor enlouqueceu?

Ele ergueu a cabeça e olhou para mim, e de certa forma a ternura do seu rosto acalmou-me de imediato.

— Quem me dera tivesse! — disse ele. — Seria mais fácil suportar a loucura que uma verdade como esta. Ah, meu amigo, por que, você deve estar pensando, dei eu tantas voltas, por que demorei tanto para lhe dizer coisa tão simples? Será que foi porque eu o detesto e o detestei por toda a minha vida? Será porque queria causar-lhe dor? Será que queria, tão tarde assim, vingar-me daquela vez que salvou a minha vida de uma morte temível? Ah, não!

— Perdoe-me — eu disse.

Ele prosseguiu:

— Meu amigo, foi porque eu queria ser devagar com você em

minha revelação, pois eu sei que amou aquela tão adorável menina. Mas nem mesmo agora eu espero que acredite. É tão difícil aceitar na hora qualquer verdade abstrata, que chegamos a crer possível quando sempre acreditamos que não o fosse; é mais difícil ainda aceitar uma verdade concreta triste assim como essa, e ainda mais a respeito de alguém como a srta. Lucy. Esta noite irei prová-la. Ousaria vir comigo?

Aquilo me desestabilizou. Ninguém gosta de ter que provar semelhante verdade; desta categoria Byron fez exceção para o ciúme:

“E provar justo a verdade que ele mais abomina.”²³

Ele percebeu minha hesitação, e falou:

— A lógica é simples, e desta vez não é lógica de louco, que salta de moita em moita num pântano debaixo de neblina. Se não for verdade, então prová-lo será um alívio; na pior das hipóteses não fará nenhum mal. Mas se verdade for! Ah, aí está o pavor; contudo o próprio pavor deve ajudar em minha causa, pois pressupõe a necessidade de acreditar. Venha, vou lhe dizer o que proponho; primeiro, que vamos agora ver aquela criança no hospital. O dr. Vincent, do North Hospital, onde os jornais dizem estar a criança, é amigo meu, e creio que seu também uma vez que esteve na classe em Amsterdã. Ele permitirá que dois cientistas olhem o seu caso, se não dois amigos. Não iremos lhe dizer nada, apenas que desejamos aprender. E então...

— E então?

Ele tirou uma chave do bolso e segurou-a à sua frente.

— E então passaremos a noite, você e eu, no cemitério onde Lucy jaz. Esta é a chave que fecha a tumba. Peguei-a com o homem dos caixões para entregá-la a Arthur.

Meu coração afundou dentro de mim, pois senti que havia alguma assustadora provação diante de nós. Nada fui capaz de fazer, no entanto, de modo que reuni toda a coragem que pude e disse-lhe que era melhor nos apressarmos, já que a tarde ia avançada...

Encontramos a criança acordada. Tinha dormido e comido alguma coisa, e de modo geral passava bem. O dr. Vincent tirou a atadura de seu pescoço, e mostrou-nos as perfurações. Não havia como equivocar-se quanto à sua similaridade com aquelas que havia no pescoço de Lucy. Eram menores, e as bordas pareciam mais recentes; isso era

tudo. Perguntamos a Vincent a que ele atribuía as feridas, e ele respondeu que deviam ter sido a mordida de algum animal, talvez um rato; mas, a seu ver, estava inclinado a pensar que se tratava da mordida de um daqueles morcegos tão numerosos nas planícies do norte de Londres.

— Dentre muitas espécies inofensivas — ele disse —, pode haver algum indivíduo selvagem de uma espécie mais danosa originária do Sul. Algum marinheiro pode tê-lo trazido para casa, e conseguiu fugir; ou até mesmo do Jardim Zoológico um espécime jovem pode ter escapado, ou ter se procriado lá com um vampiro. Esse tipo de coisa acontece, os senhores sabem. Faz apenas dez dias que um lobo escapou, e foi, creio eu, seguido até esta direção. Durante a semana seguinte, as crianças se acabaram de brincar de Chapeuzinho Vermelho no Heath e em todas as ruas da região até que o medo da tal “moça buíta” se espalhou, e desde então ela se tornou uma presença de gala entre elas. Até mesmo este toco de gente, hoje ao acordar, perguntou à enfermeira se não podia ir embora. Quando ela lhe perguntou por que ele queria partir, disse que queria brincar com a “moça buíta”.

— Espero — disse Van Helsing — que quando mandarem a criança de volta para casa avisem aos pais que mantenham uma vigilância cerrada sobre ela. Esses rompantes de se desgarrar são muito perigosos; e se a criança ficasse fora de casa mais uma noite, provavelmente seria fatal. Em todo caso, suponho que não vão dispensá-la antes de alguns dias?

— É certo que não, pelo menos por uma semana; mais até, caso a ferida não sare.

Nossa visita ao hospital levou mais tempo do que havíamos calculado, e o sol já havia baixado antes que saíssemos. Quando Van Helsing viu como estava escuro, disse:

— Não há pressa. É mais tarde do que eu pensei. Venha, vamos procurar um lugar onde comer, e então tomamos nosso caminho.

Jantamos no Jack Straw's Castle em meio a uma pequena multidão de ciclistas e outros convivas alegremente ruidosos. Por volta das 22h saímos da estalagem. Estava então muito escuro, e as lamparinas espalhadas adensavam a escuridão assim que ficávamos fora do seu raio de alcance. O professor tinha evidentemente memorizado o caminho que deveríamos seguir, pois rumou sem hesitar; mas, quanto a mim, estava em uma grande confusão espacial. À medida que avançávamos, encontrávamos cada vez menos pessoas, até que por fim ficamos algo surpresos por nos deparar até mesmo com a patrulha da

polícia fazendo a sua costumeira ronda nos subúrbios. Finalmente chegamos ao muro do cemitério, o qual escalamos. Com alguma dificuldade — pois estava muito escuro, e todo o lugar nos parecia tão desconhecido — encontramos o túmulo dos Westenra. O professor pegou a chave, abriu a porta rangente e, recuando educada mas muito inconscientemente, gesticulou para que eu entrasse primeiro. Havia uma deliciosa ironia na oferta, na cortesia de dar preferência em uma ocasião tão horrenda. Meu companheiro seguiu-me rapidamente, e encostou a porta com cautela, após tomar o cuidado de se certificar de que a fechadura era de encaixe, não de mola, caso este em que teríamos ficado em maus lençóis. Então ele remexeu em sua bolsa e, tirando uma caixa de fósforos e um pedaço de vela, tratou de acender uma luz. O túmulo durante o dia, e quando coroado de flores frescas, já parecia sombrio e soturno o bastante; mas agora, alguns dias depois, quando as flores pendiam murchas e mortas, o branco de suas pétalas enferrujara e o verde passara a marrom; quando as aranhas e os besouros haviam reconquistado seu domínio de costume; quando a pedra descorada pelo tempo, e a argamassa incrustada de pó, e o ferro oxidado e úmido, e o bronze sem brilho, e a folhagem de prata manchada refletiam de volta o débil bruxulear de uma vela, o efeito era mais miserável e sórdido do que se poderia imaginar. Transmitia de modo irresistível a ideia de que a vida — a vida animal — não era a única coisa que podia se extinguir.

Van Helsing lançou-se ao trabalho sistematicamente. Segurando a sua vela de modo que pudesse ler as placas dos caixões, e segurando-a de tal modo que a cera pingava formando rastros brancos que se solidificavam assim que tocavam o metal, ele se certificou de qual era o caixão de Lucy. Mais uma busca em sua bolsa, e ele tirou uma chave de fenda.

— O que o senhor vai fazer? — perguntei.

— Abrir o caixão. Você logo vai se convencer.

Sem mais delongas, ele começou a soltar os parafusos, e por fim levantou o tampo, mostrando a estrutura de chumbo por baixo. A visão quase foi demais para mim. Parecia ser uma afronta tão grande à morta quanto seria tê-la despido de suas vestes durante o sono ainda em vida; efetivamente segurei a mão dele para impedi-lo. Ele limitou-se a dizer:

— Você verá.

E novamente remexeu em sua bolsa, e tirou dela uma minúscula serra de joalheiro. Atravessando a chave de fenda no chumbo com um rápido golpe para baixo, que me fez estremecer, ele abriu um pequeno

buraco, que era, no entanto, grande o suficiente para encaixar a extremidade da serra. Eu havia esperado uma emanção gasosa do cadáver, que já tinha uma semana. Nós, médicos, que precisamos estudar os perigos que corremos, temos de nos acostumar a esse tipo de coisa, e me afastei na direção da porta. Mas o professor não parou por um minuto sequer; serrou cerca de sessenta centímetros ao longo de um dos lados do caixão de chumbo, e então na transversal, e ao longo da outra lateral. Pegou a ponta da aba solta, puxou-a na direção do pé do caixão, e, segurando a vela em cima da abertura, fez sinal para que eu olhasse.

Aproximei-me e olhei. O caixão estava vazio.

Para mim era certamente uma surpresa, e causou-me um choque considerável, mas Van Helsing permaneceu impassível. Ele agora estava mais seguro de sua convicção do que nunca, e encorajado a prosseguir com sua tarefa.

— Está satisfeito agora, amigo John? — perguntou.

Senti toda a obstinação argumentativa de minha natureza despertar dentro de mim quando lhe respondi:

— Estou satisfeito com o fato de que o corpo de Lucy não se encontra neste caixão; mas isso somente prova uma coisa.

— E o que é, amigo John?

— Que ele não se encontra aí.

— Essa é uma boa lógica — ele disse —, quando muito. Mas como é que explica, como poderia explicar, o fato de não se encontrar aí?

— Talvez tenha sido um ladrão de cadáveres — sugeri. — Algum homem a serviço do agente funerário pode tê-lo roubado.

Senti que estava dizendo disparates, e no entanto era a única causa real que eu conseguiria imaginar. O professor soltou um suspiro.

— Pois bem! — ele disse —, precisamos de mais provas. Venha comigo.

Ele devolveu o tampo do caixão, recolheu todas as suas ferramentas e guardou-as na bolsa, apagou a chama e colocou a vela também na bolsa. Abrimos a porta e saímos. Ele fechou e trancou a porta atrás de nós. Entregou-me a chave, dizendo:

— Quer ficar com ela? Melhor garantir.

Eu ri — não foi uma risada muito alegre, sou obrigado a dizer — ao fazer sinal para que ele a mantivesse consigo.

— Uma chave não é nada — eu disse —; pode haver duplicatas; e, de todo modo, não é difícil arrombar uma fechadura desse tipo.

Ele nada disse, mas colocou a chave no bolso. Então me pediu que vigiasse de um lado do cemitério enquanto ele vigiava do outro.

Assumi meu posto atrás de um teixo, e vi seu vulto escuro seguir até que as sucessivas lápides e árvores o ocultassem da minha vista.

Foi uma vigília solitária. Logo depois de assumir meu posto, ouvi um relógio distante soar a meia-noite, e logo 1h e 2h. Eu estava com muito frio e nervoso, e irritado com o professor por levar-me a tal missão e comigo mesmo por ter aceitado. Eu sentia frio demais e sono demais para observar com atenção, mas não sono o bastante para trair minha obrigação; de modo que passei horas aborrecidas e miseráveis.

Subitamente, enquanto eu me virava, pensei ter visto algo como uma listra branca, movendo-se entre dois teixos negros no lado do cemitério mais afastado do túmulo; ao mesmo tempo, uma massa negra moveu-se do lado das dependências onde o professor estava, e correu com pressa na direção dele. Então eu também me movi; mas tive de contornar lápides e túmulos cercados, e tropecei nas covas. O céu estava carregado, e em algum lugar ao longe um galo madrugador cantou. Um pouco mais adiante, atrás de uma fileira de juníperos esparsos, que marcava o caminho até a igreja, um vulto branco e indistinto se apressou na direção do túmulo. O túmulo em si ficava oculto por árvores, e não pude ver por onde o vulto desaparecera. Ouvi o farfalhar de movimentos vindo do lugar onde eu vira o vulto branco pela primeira vez e, ao me aproximar, encontrei o professor segurando nos braços uma criança pequena. Quando me viu, ele a segurou para eu ver, e disse:

— Está satisfeito agora?

— Não — eu disse, de uma maneira que percebi ser agressiva.

— Não vê a criança?

— Sim, é uma criança, mas quem a trouxe até aqui? E está ferida?
— perguntei.

— Veremos — disse o professor, e de um ímpeto saímos do cemitério, com ele carregando a criança adormecida.

Quando tínhamos ganhado já alguma distância, fomos até uma mata, acendemos um fósforo e conferimos o pescoço da criança. Não tinha nenhum tipo de arranhão ou cicatriz.

— Eu tinha razão? — perguntei triunfante.

— Chegamos bem a tempo — disse o professor agradecido.

Precisávamos agora decidir o que fazer com a criança, e portanto deliberamos a respeito. Se a levássemos a uma delegacia de polícia precisaríamos fornecer alguma explicação de nossos deslocamentos durante a noite; ao menos precisaríamos prestar alguma declaração sobre a forma como a acabamos encontrando. De modo que por fim decidimos que a levaríamos ao Heath, e quando ouvíssemos um

policial se aproximar, a deixaríamos onde ele não tivesse como não vê-la; iríamos então tomar o rumo de casa o mais rápido possível. Tudo correu bem. Nos confins de Hampstead Heath ouvimos o pesado tropel de um policial, e, deixando a criança no caminho, ficamos observando até que ele a visse ao piscar a lanterna para lá e para cá. Ouvimos sua exclamação de aturdimento, e então fomos embora silenciosamente. Por um feliz acaso conseguimos um cabriolé perto de Spaniards, e seguimos para a cidade.

Não consigo dormir, portanto faço esta entrada. Mas devo tentar dormir algumas horas, uma vez que Van Helsing deve chamar por mim ao meio-dia. Ele insiste que eu vá com ele em mais uma expedição.

27 de setembro — Eram já 14h quando encontramos oportunidade adequada para nosso empreendimento. O velório realizado ao meio-dia já terminara, e os retardatários do cortejo haviam ido embora lentamente, quando, olhando com cuidado de trás de um arvoredor de amieiros, vimos o sacristão fechar o portão depois de sair. Soubemos então que estaríamos seguros até de manhã caso assim desejássemos; mas o professor me disse que não precisaríamos de mais de uma hora. De novo senti aquela medonha sensação de realidade das coisas, na qual qualquer esforço de imaginação parecia fora de lugar; e dei-me conta nitidamente dos perigos da lei a que nos expúnhamos em nosso trabalho profano. Além do mais, sentia que era de todo inútil. Por mais ultrajante que fosse abrir um caixão de chumbo para confirmar que uma mulher morta há cerca de uma semana estivesse realmente morta, agora parecia o cúmulo do desvario tornar a abrir o túmulo, quando sabíamos, pelos indícios de nossa própria visão, que o caixão estava vazio. Dei de ombros, no entanto, e permaneci calado, pois Van Helsing tinha lá a sua maneira de seguir seu palpite, não importava quem estivesse protestando. Ele pegou a chave, abriu a cripta, e de novo fez um sinal cortês para que eu passasse na frente. O lugar não estava tão soturno quanto ontem à noite, mas ah, que aparência indizivelmente repugnante quando a luz do sol o iluminava! Van Helsing foi até o caixão de Lucy, e eu o segui. Ele inclinou-se e mais uma vez forçou para trás a aba de chumbo; e então um choque de surpresa e consternação me atravessou.

Lá jazia Lucy, aparentemente da mesma forma como a víamos na noite anterior ao seu velório. Ela tinha, se é que é possível, uma beleza mais radiante do que nunca; e eu não podia acreditar que estivesse morta. Os lábios estavam vermelhos, não, mais vermelhos do que

antes; e nas faces havia um delicado viço.

— Isto é um truque? — perguntei a ele.

— Está convencido agora? — respondeu o professor, e ao falar enfiou a mão lá dentro e, de uma maneira que me fez estremecer, afastou os lábios mortos e exibiu os dentes brancos.

— Veja — ele continuou —, veja, estão ainda mais afiados do que antes. Com isto e isto — e ele tocou um dente canino e o que ficava embaixo dele —, as crianças pequenas podem ser mordidas. Agora você acredita, amigo John?

Mais uma vez a hostilidade argumentativa despertou dentro de mim. Eu não podia aceitar uma ideia tão arrasadora como a que ele sugeria; portanto, numa tentativa de argumentar da qual me envergonhei naquele mesmo momento, disse:

— Ela pode ter sido colocada aqui ontem à noite.

— Será? Se for verdade, quem teria feito?

— Não sei. Deve ter sido posta por alguém.

— E no entanto ela está morta faz uma semana. A maioria das pessoas não teria essa aparência.

Eu não tinha resposta para isso, portanto permaneci calado. Van Helsing não pareceu notar meu silêncio; de qualquer modo, não mostrou nem desprezo nem triunfo. Estava olhando com atenção para o rosto da mulher morta, levantando-lhe as pálpebras e conferindo os olhos, e mais uma vez abrindo-lhe os lábios e examinando os dentes. Então ele se virou para mim e disse:

— Aqui temos uma coisa diferente de tudo que foi registrado; aqui temos uma espécie de vida dupla que não é como a comum. Ela foi mordida pelo vampiro quando se achava em um transe, sonâmbula... ah, você se sobressalta; não conhece ainda, amigo John, mas conhecerá tudo mais tarde... e em transe ele pôde vir tirar sangue com ainda mais facilidade. Em transe ela morreu, e em transe ela é uma Não Morta, também. Daí ela difere de todos os outros. De modo geral, quando os Não Mortos dormem em casa — ao falar, fez um gesto abrangente com o braço para designar o que para um vampiro significava “casa”, seu rosto mostra o que eles são, mas esta que era tão doce antes de ser Não Morta volta aos traços dos mortos comuns. Não tem nada maligno aqui, veja, o que torna tão difícil que eu a mate no sono.

Isto fez gelar-me o sangue, e percebi que começava a aceitar as teorias de Van Helsing; mas se ela estivesse realmente morta, o que havia de terrível na ideia de matá-la? Ele ergueu o olhar para mim, e evidentemente percebera a mudança em meu rosto, pois disse quase

que com júbilo:

— Ah, agora você acredita?

— Não me pressione demais de uma vez. Estou disposto a aceitar. Como irá realizar este trabalho maldito? — respondi.

— Cortarei a cabeça dela e encherei sua boca com alho, e atravessarei uma estaca em seu corpo.

Estremeci ao pensar em mutilar de tal maneira o corpo da mulher que eu amara. E contudo a sensação não foi tão forte quanto eu esperara. Eu estava, na verdade, começando a estremecer diante da presença daquele ser, daquela Não Morta, conforme o denominara Van Helsing, e a abominá-lo. Será possível que o amor seja inteiramente subjetivo, ou de todo objetivo?

Esperei um tempo considerável até que Van Helsing começasse, mas ele ficou como se envolto em pensamentos. Então ele fechou a bolsa com um estalo, e disse:

— Estive pensando, e me decidi quanto ao que é o melhor. Se eu simplesmente seguisse minha inclinação eu faria, neste momento, o que tem que se fazer; mas há outras coisas para seguir, e coisas que são mil vezes mais difíceis uma vez que elas nós não conhecemos. Isto é simples. Ela ainda não tomou vida nenhuma, embora seja questão de tempo; e agir agora seria tirar o perigo dela para sempre. Mas nesse caso talvez precisemos de Arthur, e como iremos falar a ele sobre isto? Se você, que viu as feridas no pescoço de Lucy, e viu feridas tão semelhantes no da criança no hospital; se você, que viu o caixão vazio ontem à noite e ocupado hoje com uma mulher que não mudou nada e só ficou mais cor-de-rosa e mais bonita depois de morta toda uma semana... se você sabe disso e sabe do vulto branco que ontem à noite levou a criança ao cemitério, e não acredita mesmo apesar dos próprios sentidos, como, então, posso esperar que Arthur, que não sabe de nenhuma dessas coisas, acredite? Ele duvidou de mim quando o impedi de beijá-la quando ela estava morrendo. Eu sei que ele me perdoou por ter segundo uma ideia equivocada feito coisas que o impediram de dizer adeus como queria; e ele talvez pense segundo uma ideia ainda mais equivocada que esta mulher foi enterrada viva; e que da forma mais equívoca de todas nós a matamos. Ele irá então contra-argumentar que fomos nós, os equivocados, que a matamos por causa de nossas ideias; e assim ele sempre será muito infeliz. No entanto, jamais poderá ter certeza; e isso é o pior de tudo. E irá às vezes pensar que ela que amou foi enterrada viva, e isso irá pintar seus sonhos com os horrores do que ela deve ter sofrido; e então irá pensar que talvez estejamos certos, e que sua adorada era, afinal de

contas, uma Não Morta. Não! Eu disse a ele uma vez, e desde então aprendi muita coisa. Agora, desde que soube que é tudo verdade, tenho centenas de milhares de vezes mais certeza de que ele precisa passar por águas amargas para alcançar as doces. Ele, pobre rapaz, viverá um momento que fará as feições do céu parecerem negras aos seus olhos; então poderemos agir pelo bem de todos e devolver-lhe a paz. Tomei minha decisão. Vamos. Você volta esta noite para o asilo, e garante que tudo esteja certo. Quanto a mim, passarei a noite aqui neste cemitério à minha maneira. Amanhã à noite você virá me encontrar no Hotel Berkeley às 10h. Mandarei chamar Arthur também, e também aquele excelente rapaz americano que deu seu sangue. Mais tarde todos teremos trabalho a fazer. Vou acompanhá-lo só até Piccadilly e lá jantar, pois preciso estar de volta antes que o sol se ponha.

Então trancamos o túmulo e fomos embora, e pulamos o muro do cemitério, que não era tarefa tão difícil, e voltamos para Piccadilly.

Nota deixada por Van Helsing em sua mala, no Hotel Berkeley,
endereçada a John Seward, M.D.
(Não foi entregue)

27 de setembro

Amigo John,

Escrevo isto no caso de acontecer alguma coisa. Vou sozinho olhar aquele cemitério. Agrada-me que a Não Morta, a srta. Lucy, não saia hoje à noite, de modo que amanhã possa estar mais sedenta. Portanto irei colocar algumas coisas de que ela não gosta — alho e um crucifixo — e assim lacrar a porta da tumba. Ela é uma Não Morta nova, e irá obedecer. Além do mais, esses servem apenas para impedir que ela saia; talvez não evitem que ela entre; pois nesse caso o Não Morto se desespera, e precisa encontrar o caminho de menor resistência, seja ele qual for. Estarei por perto a noite toda do pôr ao nascer do sol, e se houver qualquer coisa que possa ser descoberta, hei de descobri-la. Não temo a srta. Lucy, nem por ela temo; mas aquele por causa de quem ela é uma Não Morta, ele agora tem poder de buscar sua tumba e encontrar abrigo. Ele é astuto, pelo que fiquei sabendo por meio do sr. Jonathan e pela maneira como o tempo todo ele esteve nos enganando

quando jogou conosco pela vida de Lucy, e perdemos; e de muitas maneiras os Não Mortos são fortes. Ele tem sempre em mãos a força de vinte homens; até mesmo nós quatro que demos nossa força para a srta. Lucy acabamos dando toda ela para ele. Além do mais, ele pode invocar seu lobo e sabe-se lá mais o quê. Portanto, se acontecer de ele vir aqui esta noite, irá me encontrar; mas ninguém mais há de — até que seja tarde demais. Mas pode ser que ele não se arrisque a vir aqui. Não há razão para; seu chão de caça é mais repleto de presas que o cemitério onde a Não Morta dorme, e um velho espreita.

Portanto escrevo isto no caso de... Pegue os papéis que estão junto, os diários de Harker e o resto, e leia, e então encontre este grande Não Morto, e corte-lhe a cabeça e queime-lhe o coração ou atravesse-o com uma estaca, a fim de que o mundo possa livrar-se dele.

Se assim for, adeus.

Van Helsing

Diário do dr. Seward

28 de setembro — É incrível o que uma boa noite de sono faz por nós. Ontem eu estava quase disposto a aceitar as ideias monstruosas de Van Helsing; mas agora elas se afiguram diante de meus olhos como ultrajes ao senso comum. Não tenho dúvidas de que ele acredita em tudo aquilo. Pergunto-me se sua mente de algum modo se tornou desregulada. Certamente deve haver alguma explicação racional para todas essas coisas misteriosas. Será possível que o professor tenha feito tudo ele mesmo? Ele é de uma inteligência tão anormal que, se perdesse o juízo, levaria a cabo seu intento com relação a alguma ideia fixa de maneira incrível. Reluto em pensar nisso, e na verdade seria um prodígio tão grande quanto o outro descobrir que Van Helsing está louco; mas de qualquer modo vou observá-lo cuidadosamente. Talvez consiga lançar alguma luz sobre o mistério.

29 de setembro, manhã — Ontem à noite, pouco antes das 22h, Arthur e Quincey foram ao quarto de Van Helsing; ele nos disse tudo o que desejava que fizéssemos, mas dirigindo-se especialmente a Arthur, como se todos os nossos propósitos estivessem concentrados nos dele. Começou dizendo que esperava que todos nós o acompanhássemos.

— Pois — disse ele — temos lá um grave dever a cumprir. O senhor decerto ficou surpreso com a carta minha?

Esta pergunta foi diretamente endereçada a lorde Godalming.

— Fiquei. Deixou-me bastante perturbado por um momento. Tenho tido tantos problemas em casa ultimamente que eu bem que poderia passar sem mais um. Fiquei curioso, também, quanto ao que o senhor quis dizer. Quincey e eu discutimos a respeito; mas quanto mais discutíamos, mais intrigados ficávamos, a ponto de no momento poder afirmar que, de minha parte, não entendo patavinas do que está acontecendo.

— Nem eu — disse Quincey Morris laconicamente.

— Ah — disse o professor —, então estão, ambos, mais perto do início do que o nosso amigo John aqui, que precisa refazer muito chão ainda antes de poder dizer que está principiando.

Era evidente que ele reconhecera o meu retorno à minha velha mentalidade questionadora sem eu dizer uma só palavra. Então, voltando-se para os outros dois, disse com intensa gravidade:

— Quero a sua permissão para fazer o que penso ser correto esta noite de hoje. É pedir muito, eu sei; e quando souberem o que é que proponho fazer e só então saberão o quanto. Portanto gostaria de lhes pedir uma promessa no escuro, para que mais tarde, embora talvez fiquem bravos comigo por um tempo (não devo ignorar a possibilidade de que isso aconteça), os senhores não venham a se culpar de nada.

— De todo modo, é muita franqueza a sua — interrompeu Quincey. — Eu respaldo o professor. Não entendo bem o que o move, mas juro que ele é honesto; e isso me basta.

— Eu lhe agradeço, senhor — disse Van Helsing orgulhosamente. — Tive eu o privilégio de poder contá-lo como um dos amigos confiáveis, e seu apoio me é caro. — Ele estendeu a mão, a qual Quincey apertou.

Então Arthur falou:

— Dr. Van Helsing, não me agrada muito ser levado a “comprar gato por lebre”, como dizem na Escócia, e se for algo que diga respeito a minha honra de cavalheiro ou minha fé cristã, não posso fazer-lhe tal promessa. Se puder me garantir que o que pretende não viola nenhuma delas, então lhe dou meu consentimento imediatamente; embora não consiga ainda de modo algum entender aonde o senhor quer chegar.

— Aceito sua limitação — disse Van Helsing —, e tudo que lhe peço é que, caso sinta a necessidade de condenar qualquer um ato

meu, primeiro o considere bem e confirme que não viola suas ressalvas.

— De acordo! — disse Arthur. — É muito justo. Cumpridas todas as pourparlers²⁴, posso lhe perguntar o que é que iremos fazer agora?

— Quero que venham comigo, e que venham em segredo, até o cemitério em Kingstead.

A expressão de Arthur desabou enquanto dizia de uma maneira atônita:

— Lá onde a pobre Lucy está enterrada?

O professor assentiu. Arthur prosseguiu:

— E quando lá estivermos?

— Na tumba entraremos!

Arthur levantou-se.

— Professor, fala a sério ou se trata de alguma piada monstruosa? Perdoe-me, vejo que fala a sério.

Ele tornou a se sentar, mas pude ver que o fez firme e orgulhosamente, como alguém que mantém a dignidade. Houve um silêncio até que ele perguntou novamente:

— E quando entrarmos na tumba?

— O caixão abriremos.

— Isso já é demais! — disse ele, levantando-se furiosamente de novo. — Estou disposto a ser paciente em tudo aquilo que é sensato; mas nisto, nessa profanação do túmulo, de alguém que...

Ele praticamente sufocava de indignação. O professor olhou piedosamente para ele.

— Se eu pudesse lhe poupar uma agonia, meu pobre amigo — disse ele —, Deus sabe que eu o faria. Mas esta noite de hoje nossos pés devem trilhar caminhos espinhosos; caso contrário, mais tarde e para todo o sempre os pés que o senhor ama irão andar sobre caminhos de fogo!



Arthur ergueu o olhar com um rosto branco imóvel e disse:

— Tome cuidado, senhor, tome cuidado!

— Não seria melhor ouvir o que tenho a dizer? — disse Van Helsing. — Assim o senhor ao menos saberá o limite da minha proposta. Prossigo?

— É bastante justo — interrompeu Morris.

Após uma pausa, Van Helsing prosseguiu, evidentemente se esforçando:

— A srta. Lucy está morta; não é verdade? Sim! Então não há como fazer-lhe mal. Mas se morta ela não estiver...

Arthur pôs-se de pé num salto.

— Deus meu! — exclamou. — Que quer dizer? Houve algum erro... ela foi enterrada viva?

Ele produziu um gemido de angústia que nem a esperança podia abrandar.

— Eu não disse que ela estava viva, meu filho; não pensei isso. Direi apenas que ela pode ser uma Não Morta.

— Não Morta! Não viva! Que quer dizer? Será tudo isso um pesadelo, ou o quê?

— Há mistérios sobre os quais os homens podem apenas teorizar, que em todas as eras eles conseguem solucionar apenas em parte. Acredite em mim, estamos agora diante de um. Mas eu não acabei. Posso cortar fora a cabeça da falecida srta. Lucy?

— Céus, não! — gritou Arthur com furor tempestuoso. — Por nada neste mundo eu consentiria com qualquer mutilação de seu cadáver. Dr. Van Helsing, o senhor está me tirando do sério. Que foi que fez ao senhor para que queira me torturar tanto? Que foi que fez aquela pobre e adorável menina para que o senhor queira lançar tamanha desonra sobre o seu túmulo? Estará louco por dizer tais coisas, ou o louco sou eu por dar ouvidos a elas? Não se atreva a continuar considerando uma profanação como essa; não darei meu consentimento a nada que faça. É meu dever proteger a cova dela de injúrias; e, por Deus, é isso que farei!

Van Helsing levantou-se de onde estivera o tempo todo sentado, e disse, grave e severo:

— Meu lorde Godalming, eu, também, tenho um dever a cumprir, um dever para com os outros, um dever para com o senhor, um dever para com a morta; e, por Deus, é isso que farei! Tudo que lhe peço agora é que venha comigo, que olhe e escute; e se mais tarde, quando lhe fizer o mesmo pedido, o senhor não estiver mais ansioso para cumpri-lo do que eu, então... então eu terei cumprido meu dever, seja lá o que ele possa parecer para mim. E então, para atender vossos desejos, estarei ao seu dispor para prestar-lhe contas, quando e onde preferir. — Sua voz se embargou um pouco, e ele prosseguiu com um tom repleto de piedade: — Mas eu lhe rogo que não fique se sentindo raivoso de mim. Em uma longa vida de atos que com frequência não foram agradáveis de fazer, e que às vezes me torceram o coração, eu

nunca tive uma tarefa tão pesada quanto agora. Acredite que, caso lhe chegue a hora de mudar de ideia a respeito meu, um único olhar seu irá apagar todas essas tão tristes horas, pois eu faria tudo aquilo que um homem pode para salvá-lo do sofrimento. Apenas imagine. Pois por que eu me daria todo esse trabalho e todo esse sofrimento? Vim de minha terra para cá a fim de fazer o bem que puder; primeiro de tudo para satisfazer meu amigo John, e depois para ajudar uma doce senhorita, a quem também eu vim a amar. Por ela (e envergonha-me dizê-lo, mas digo em consideração) eu dei o que o senhor deu: o sangue das veias minhas; eu o dei, eu, que não era, como o senhor, seu enamorado, mas apenas seu médico e amigo. Por ela eu dei noites e dias, antes de sua morte, depois de morta; e se a morte minha puder fazer-lhe algum bem mesmo agora, quando ela se acha morta Não Morta, ela irá recebê-la incondicionalmente. — Isso ele disse com um orgulho muito grave e puro, e Arthur ficou muito comovido.

Ele tomou a mão do velho senhor e disse com voz embargada:

— Ah, é duro pensar nisso, e não consigo entender; mas pelo menos irei com o senhor e esperarei.

23 “To prove himself the thing he most abhorr’d”, na estrofe CXXXIX do primeiro canto do poema “Don Juan”, de Lord Byron (1788-1824).

24 “Formalidades”, “preâmbulos”, em francês.



CAPÍTULO 16

Diário do dr. Seward
(Continuação)

Faltavam apenas quinze minutos para a meia-noite quando chegamos ao cemitério pulando o muro baixo. A noite estava escura com ocasionais clarões de luar por entre as nesgas de nuvens carregadas que passavam correndo pelo céu. Mantivemo-nos próximos uns dos outros, com Van Helsing ligeiramente na dianteira liderando-nos pelo caminho. Quando chegamos perto do túmulo, olhei bem para Arthur, pois temia que a proximidade de um lugar saturado de memórias tão dolorosas o perturbaria; mas ele se portou bem. Deduzi que o próprio mistério de nosso empreendimento de alguma forma agia para neutralizar a sua dor. O professor destrancou a porta e, vendo uma hesitação natural entre nós por inúmeras razões, solucionou a dificuldade entrando primeiro. O resto de nós seguiu-o, e ele fechou a porta. Ele então acendeu uma lanterna furta-fogo e apontou para o caixão. Arthur deu um passo à frente hesitante; Van Helsing me disse:

— Você esteve comigo aqui ontem. O corpo da srta. Lucy estava naquele caixão?

— Estava.

O professor se voltou para os demais dizendo:

— Os senhores ouvem; e no entanto não há ninguém que acredite

em mim.

Ele pegou sua chave de fenda e de novo tirou o tampo do caixão. Arthur observava muito pálido mas em silêncio; quando o tampo foi removido, ele deu um passo adiante. Evidentemente não sabia que ali havia um caixão de chumbo, ou pelo menos não havia pensado nisso. Quando viu a nesga no chumbo, o sangue lhe subiu ao rosto por um instante, mas desceu com a mesma rapidez, de modo que ele permaneceu com uma brancura medonha; estava ainda em silêncio. Van Helsing forçou para trás a aba de chumbo, e todos nós olhamos lá dentro e recuamos.

O caixão estava vazio!

Por vários minutos ninguém disse uma única palavra. O silêncio foi rompido por Quincey Morris:

— Professor, eu o respaldei. Sua palavra é tudo que quero. Eu não faria uma pergunta como esta normalmente; não gostaria de desonrá-lo sugerindo que duvido do senhor; mas trata-se de um mistério que ultrapassa qualquer questão de honra ou desonra. Isto foi obra sua?

— Juro ao senhor por tudo o que me é mais sagrado que não a removi nem a encostei. O que aconteceu foi o seguinte: duas noites atrás meu amigo Seward e eu viemos aqui, com um bom motivo, acredite. Abri este caixão, que então estava lacrado, e o descobrimos, como agora, vazio. Então esperamos, e vimos uma coisa branca por entre as árvores. No dia seguinte viemos aqui à luz do dia, e aí deitava ela. Não é, amigo John?

— Sim.

— Naquela noite chegamos bem a tempo. Mais uma tão pequena criancinha desaparecera, e nós a encontramos, graças a Deus, sem ferimentos entre as covas. Ontem vim aqui antes do nascer do sol, pois no pôr do sol os Não Mortos conseguem se mover. Esperei aqui a noite toda até o sol nascer, mas nada vi. Foi muito provável que tenha sido porque por cima dos batentes daquelas portas coloquei alho, que os Não Mortos não toleram, e outras coisas que os repugnam. Ontem à noite não houve êxodo, portanto hoje antes do pôr do sol removi meu alho e outras coisas. E foi então que descobrimos este caixão vazio. Mas continuem comigo. Até o momento há muita coisa que está estranha. Esperem vocês comigo lá fora, sem sermos vistos ou ouvidos, e coisas muito mais estranhas ainda acontecerão. Então — aqui ele correu a abertura de sua lanterna —, para fora agora.

Abriu a porta, e nós marchamos para fora, ele por último trancando a porta atrás de si.

Ah! Como o ar da noite parecia fresco e puro após o terror daquela

cripta. Quão agradável foi ver as nuvens correndo no alto, e os clarões passageiros do luar por entre as nuvens que iam e vinham — assim como as alegrias e as tristezas da vida de um homem; quão agradável foi respirar o ar fresco, que não tinha nenhum vestígio de morte e decomposição; quão dignificante foi ver o céu iluminar-se de vermelho atrás da colina, e ouvir ao longe o retumbar abafado que assinala a vida da cidade grande. Cada um de nós se sentia solene e subjugado à sua maneira. Arthur estava calado e, conforme pude ver, lutava para captar o propósito e o significado daquele mistério. Eu próprio estava toleravelmente paciente, e de novo algo inclinado a pôr a dúvida de lado e aceitar as conclusões de Van Helsing. Quincey Morris estava com a fleuma do homem que aceita todas as coisas, e as aceita com um espírito de despojada bravura, arriscando tudo que tem a perder. Impedido de fumar, ele cortou um belo pedaço de tabaco e começou a mascar. Quanto a Van Helsing, empregava o tempo de maneira definida. Primeiro tirou da bolsa uma quantidade do que pareciam ser finíssimos biscoitos secos, cuidadosamente embrulhados num guardanapo branco; em seguida tirou dois punhados de uma substância branca, feito massa de pão ou de vidraceiro. Ele esmigalhou os biscoitos e misturou-os na massa usando as mãos. Esta ele então pegou e, rolando-a em tiras finas, começou a encher com elas os vãos entre a porta e a moldura do túmulo. Isso me deixou algo intrigado, e aproximando-me perguntei-lhe o que é que estava fazendo. Arthur e Quincey também se achegaram, já que também estavam curiosos. O homem respondeu:

— Estou fechando a tumba, para que a Não Morta não possa entrar.

— E essa coisa que o senhor pôs aí vai dar conta? — perguntou Quincey. — Que diacho! Isso é uma brincadeira?

— É.

— O que foi o que o senhor usou? — Desta vez foi Arthur quem perguntou.

Van Helsing ergueu o chapéu reverentemente ao responder:

— A hóstia. Trouxe-a de Amsterdã. Tenho uma indulgência.

Foi uma resposta que estarreceu o mais cético entre nós, e individualmente sentimos que, perante um propósito tão honesto como o do professor, propósito esse para o qual usaria aquilo que lhe era mais sagrado, desconfiar era impossível. Com um silêncio respeitoso assumimos os lugares que nos haviam sido atribuídos ao redor do túmulo, mas fora da vista de quem quer que se aproximasse. Tive pena dos outros, especialmente de Arthur. Eu mesmo já tinha

sido iniciado nessa horrorosa vigília em minhas visitas anteriores; porém eu, que até uma hora atrás repudiava as provas, senti meu coração afundar dentro de mim. Jamais os túmulos me pareceram tão medonhamente brancos; jamais os ciprestes, ou os teixos, ou os juníperos pareceram tanto a personificação do pesar fúnebre; jamais as árvores ou a relva ondularam ou farfalharam tão agourentamente; jamais um ramo se partiu tão misteriosamente; e jamais o uivo longínquo dos cães lançou presságio tão desgraçado dentro da noite.

Houve um longo período de silêncio, um vazio enorme e doloroso, e então o professor produziu um “S-s-s-s!” agudo. Ele apontou com a mão: e lá longe na aleia de teixos vimos um vulto branco avançar — um indistinto vulto branco, que trazia algo escuro junto ao peito. O vulto parou, e na hora um raio de luar incidiu entre as massas de nuvens movediças, e mostrou com surpreendente destaque uma mulher de cabelos escuros, vestida com o sudário dos mortos. Não conseguimos ver seu rosto, pois estava curvado sobre o que distinguíamos ser uma criança de cabelos claros. Houve uma pausa e ouvimos um gritinho agudo, tal como o que as crianças soltam durante o sono, ou o que os cachorros soltam diante do fogo e em sonhos. Estávamos já fazendo menção de avançar, mas a mão acauteladora do professor, que ele gesticulou para nós detrás do teixo onde se achava, fez-nos parar; e então, enquanto observávamos, o vulto branco avançou de novo. Estava agora perto o bastante para que o víssemos nitidamente, e a luz da lua ainda recaía sobre ele. Meu coração enregelou-se, e pude ouvir Arthur prender a respiração, quando reconhecemos as feições de Lucy Westenra. Lucy Westenra, porém tão mudada. Sua graciosidade se transformara em uma crueldade adamantina, inclemente, e sua pureza, em voluptuosa devassidão. Van Helsing afastou-se dali e, obedecendo ao seu gesto, todos nós também avançamos; nós quatro nos enfileiramos diante da porta do túmulo. Van Helsing ergueu a lanterna e girou o cilindro; à luz concentrada que incidiu sobre o rosto de Lucy foi-nos possível ver que seus lábios estavam rubros de sangue fresco, e que um filete havia gotejado por seu queixo e manchado a pureza de sua mortalha de linho.

Estremecemos de horror. Pude ver à luz trêmula que até mesmo os nervos de aço de Van Helsing haviam titubeado. Arthur estava perto de mim e, se eu não tivesse agarrado seu braço e o escorado, ele teria caído.

Quando Lucy — chamo de Lucy a coisa que estava diante de nós porque tinha a sua forma — nos viu, recuou com um rosnado raivoso,

tal como o de um gato quando pego de surpresa; então seus olhos nos investigaram. Eram os olhos de Lucy na forma e na cor; mas eram obscenos e cheios do fogo do inferno, em vez dos globos puros e delicados que conhecíamos. Naquele momento o que me restava de amor transformou-se em ódio e desprezo; se ela tivesse de morrer no mesmo instante, eu o teria feito com um deleite selvagem. Conforme ela encarava, seus olhos fulguravam com uma luz profana, e seu rosto se retorceu com um sorriso voluptuoso. Ah, Deus, como estremeci ao ver aquilo! Com um movimento descuidado, empedernida como um demônio, ela atirou ao chão a criança que até então levava agarrada junto ao peito, rosnando sobre ela como um cão rosna sobre um osso. A criança emitiu um grito agudo, e lá ficou gemendo. Havia no ato um sangue-frio que arrancou um urro de Arthur; quando ela avançou até ele com os braços estendidos e um sorriso devasso, ele recuou e escondeu o rosto nas mãos.

Ela continuou avançando, no entanto, e com uma graça langorosa e voluptuosa disse:

— Venha a mim, Arthur. Deixe esses outros e venha a mim. Meus braços famintos querem você. Venha, e repousaremos juntos. Venha, meu marido, venha!

Havia algo diabolicamente doce em seu tom — um quê do retinir do vidro quando golpeado — que ressoou até mesmo no cérebro daqueles de nós a quem as palavras não eram dirigidas. Quanto a Arthur, ele parecia estar enfeitiçado; afastando as mãos do rosto, escancarou os braços. Ela estava saltando para dentro deles, quando Van Helsing correu adiante e segurou entre os dois seu pequeno crucifixo de ouro. Ela recuou à visão do objeto e, com um rosto subitamente distorcido, repleto de raiva, passou correndo pelo professor, como se fosse entrar no túmulo.

Quando estava a menos de um ou dois passos da porta, no entanto, ela parou, como se detida por alguma força irresistível. Ela então se voltou, e seu rosto se mostrou sob a clara irrupção do luar e sob a lanterna, que agora os nervos de aço de Van Helsing não deixavam mais tremer. Eu jamais vira em um rosto tão frustrada malícia; e jamais, assim espero, olhos mortais hão de voltar a vê-lo. Sua bela coloração tornara-se lívida, os olhos pareciam lançar centelhas do fogo do inferno, as sobrancelhas estavam enrugadas como se as dobras da pele fossem os anéis das serpentes da Medusa, e a linda boca manchada de sangue escancarou-se num quadrado vazado, como nas coléricas máscaras gregas e japonesas. Se algum rosto jamais significou a morte — se as aparências pudessem matar —, nós o vimos

naquele momento.

E assim, durante meio minuto, que pareceu uma eternidade, ela permaneceu entre o crucifixo erguido e o lacre sagrado de seu acesso de entrada. Van Helsing rompeu o silêncio ao perguntar a Arthur:

— Responda-me, meu amigo! Devo continuar meu trabalho?

Arthur caiu de joelhos, e escondeu o rosto nas mãos, enquanto respondia:

— Faça como quiser, amigo; faça como quiser. Nunca mais deve existir um horror como esse! — E sua alma gemeu.

Quincey e eu simultaneamente fomos até ele e o pegamos pelos braços. Pudemos ouvir o clique da lanterna fechando quando Van Helsing a pousou no chão; aproximando-se do túmulo, ele começou a remover das frestas um pouco do emblema sagrado que havia colocado ali. Ficamos todos observando com horrorizado espanto quando ele se afastou e a mulher, que naquele momento tinha um corpo terreno tão real quanto o nosso, entrou no túmulo atravessando uma brecha onde nem a lâmina de uma faca entraria. Todos sentimos um grande alívio quando vimos o professor tranquilamente reaplicando as fitas de massa nas bordas da porta.

Quando terminou, ele levantou a criança e disse:

— Agora venham, meus amigos; nada mais temos a fazer até amanhã. Haverá um funeral ao meio-dia, então para cá viremos todos nós não muito depois disso. Os amigos do morto terão ido embora por volta das 14h, e, quando o sacristão fechar o portão, devemos permanecer. Então haverá mais o que fazer; mas não como isso desta noite. Quanto a este pequeno, não está muito machucado, e amanhã de noite já estará bem. Vamos deixá-lo onde a polícia poderá encontrá-lo, como na outra noite; e então, casa.

Aproximando-se de Arthur, ele disse:

— Meu amigo Arthur, você teve um teste doloroso; porém depois, quando olhar para trás, verá como ele foi necessário. Você está agora em águas amargas, meu filho. A esta hora amanhã, queira Deus que você já as tenha ultrapassado, e tenha bebido a água doce; portanto, não exagere no pranto. Até lá não pedirei que me perdoe.

Arthur e Quincey vieram para casa comigo, e tentamos nos animar no caminho. Havíamos deixado a criança em segurança, e estávamos cansados; de modo que todos dormimos mais ou menos um sono de verdade.

29 de setembro, noite — Um pouco antes do meio-dia, nós três — Arthur, Quincey Morris e eu — chamamos o professor. Foi esquisito

notar que por algum consentimento tácito havíamos todos vestido roupas pretas. Arthur, é claro, trajou preto, pois estava de luto profundo, mas o resto de nós também o trajou, por instinto. Chegamos ao cemitério às 13h30, e ali ficamos zanzando, mantendo-nos fora da vista dos funcionários, de modo que, quando os coveiros terminaram sua tarefa e o sacristão, na crença de que todos haviam ido embora, trancou o portão, ficamos com o lugar todo só para nós. Em vez da pequena bolsa preta, Van Helsing trouxera consigo uma comprida maleta de couro, algo como uma bolsa de críquete; tinha um peso evidentemente razoável.

Quando estávamos a sós e ouvimos os últimos passos morrerem na estrada, silenciosamente e como se por acordo prévio seguimos o professor até o túmulo. Ele destrancou a porta e nós entramos, fechando-a atrás de nós. Então da sua bolsa ele tirou a lanterna, a qual acendeu, e também duas velas de cera, as quais, uma vez acesas, ele grudou, derretendo suas bases, em outros caixões, a fim de que fornecessem luz suficiente para o trabalho. Quando ele mais uma vez levantou o tampo do caixão de Lucy, todos nós observamos — Arthur tremendo feito vara verde — e vimos que o corpo jazia ali em toda a sua mortal beleza. Mas não havia nenhum amor em meu coração — nada além de repulsa pela Coisa vil que havia assumido a forma de Lucy sem a sua alma. Pude ver até mesmo o rosto de Arthur se enrijecendo conforme a olhava. Logo ele disse a Van Helsing:

— É realmente o corpo de Lucy, ou apenas um demônio com a forma dela?

— É o corpo dela, e ao mesmo tempo não é. Mas espere um pouco, e haverá de vê-la como era, e é.

Deitada ali parecia haver uma versão pesadelar de Lucy; os dentes pontudos, a voluptuosa boca manchada de sangue — cuja visão nos fazia estremecer —, toda a aparência carnal e mundana parecia uma diabólica zombaria da adorável pureza de Lucy. Van Helsing, com sua minúcia de costume, começou a tirar os vários objetos de sua bolsa e aprontá-los para o uso. Primeiro ele pegou um ferro de soldar e um pouco de solda, e depois um pequeno candeeiro a óleo, que soltou, quando aceso, em um canto do túmulo, um gás que produzia uma chama azul de calor intenso; em seguida seus bisturis, que deixou à mão; e por fim uma estaca arredondada de madeira, de cerca de sete centímetros de espessura e quase um metro de comprimento. Uma das pontas fora carbonizada no fogo até endurecer, e então afiada até obter uma ponta fina. Junto da estaca veio um martelo pesado, parecido com o que se usa nas casas para quebrar as pedras de carvão.

Para mim, os preparativos de um médico para qualquer tipo de trabalho são estimulantes e encorajadores, mas o efeito que esses objetos tiveram em Arthur e Quincey foi uma espécie de consternação. Ambos, contudo, mantiveram a coragem, e permaneceram calados e imóveis.

Quando tudo estava pronto, Van Helsing disse:

— Antes que façamos qualquer coisa, deixem lhes contar o seguinte: a base minha é o conhecimento acumulado e as experiências dos antigos e de todos aqueles que estudaram os poderes dos Não Mortos. Quando se transformam nisto, com a mudança lá vem a maldição da imortalidade; eles não morrem, porém devem continuar era depois de era fazendo novas vítimas e multiplicando os males no mundo; pois todos aqueles que morrem presas dos Não Mortos tornam-se eles mesmos Não Mortos, e caçam os da sua espécie. E assim o círculo continua sempre a se alargar, como as ondas de uma pedra atirada à água. Amigo Arthur, se tivesse encostado aquele beijo antes de a pobre Lucy morrer; ou mesmo ontem à noite, quando abriu os braços para ela, teria se tornado, algum tempo depois de morto, um nosferatu, como chamam no Leste Europeu, e o tempo todo criaria mais desses Não Mortos que tanto nos encheram de horror. A carreira desta tão infeliz senhorita apenas começou. Aquelas crianças cujo sangue ela sugou ainda não estão tão mal assim; mas se a ela, a Não Morta, for dado viver, elas perderão cada vez mais sangue e por invocação dela irão ao encontro seu; e assim ela irá tirar-lhes sangue com tão perversa boca. Mas se ela morrer de verdade, então tudo acaba; as pequenas feridas no pescoço irão desaparecer, e elas voltarão a brincar sem saber de tudo o que aconteceu. Mas a maior bênção de todas será quando esta que agora é uma Não Morta passar a repousar como uma morta de verdade, pois a alma da pobre senhorita que tanto amamos será de novo livre. Em vez de fazer maldades de noite e se degradar cada vez mais quando assimilar o que fez de dia, ela ocupará o seu lugar ao lado dos outros anjos. Para isso, meu amigo, abençoada será a mão que dará o golpe que a libertará. Estou disposto a isso; mas não haverá entre nós alguém que tenha mais direito? Não será uma alegria pensar depois no silêncio da noite quando o sono não vem: “Foi minha mão que a encaminhou para as estrelas; foi a mão daquele que mais a amou; a mão que, entre todas as outras, ela mesma teria escolhido, caso tivesse tido escolha”? Digam-me: há alguém assim entre nós?

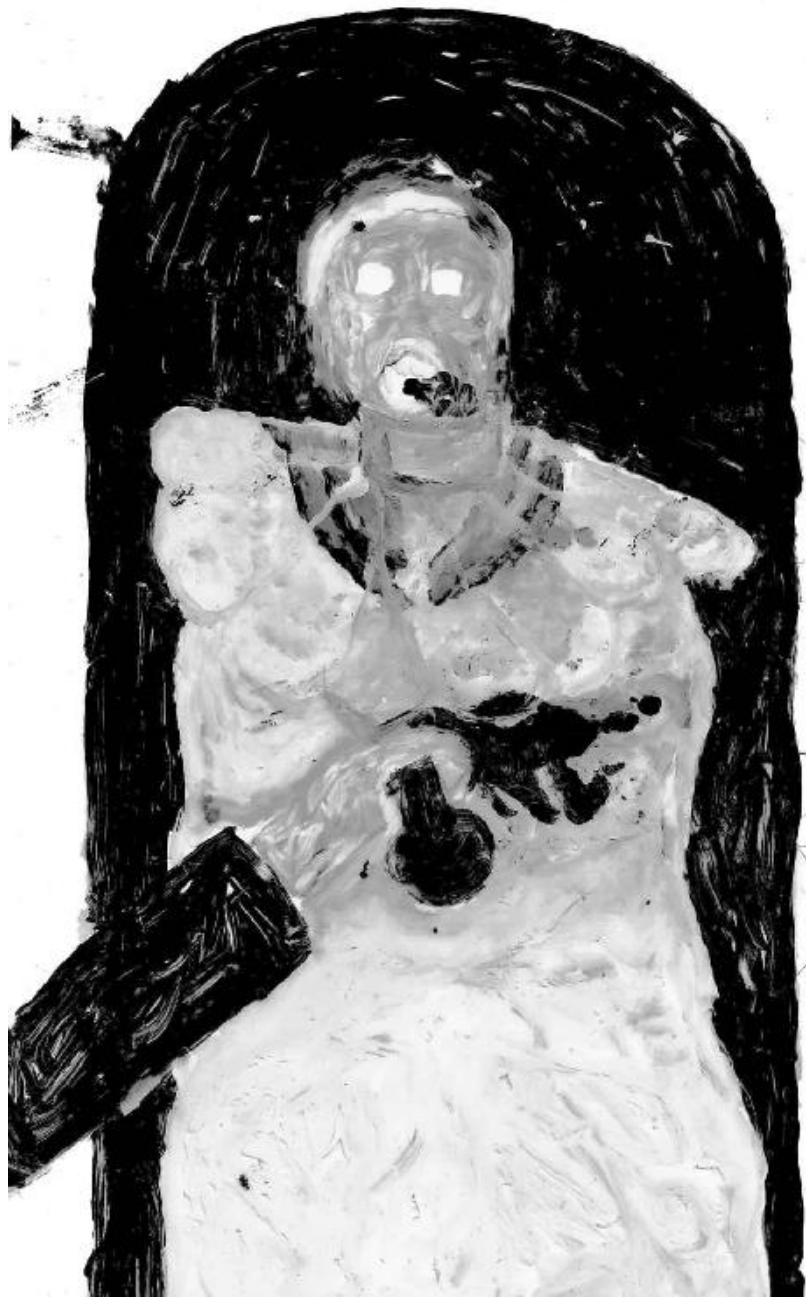
Todos olhamos para Arthur. Ele também percebeu, como nós, a gentileza infinita que sugeria que fosse dele a mão que restauraria a

nossa memória de Lucy como sagrada, não como profana; ele deu um passo adiante e disse valentemente, embora sua mão tremesse, e seu rosto estivesse pálido como a neve:

— Meu verdadeiro amigo, do fundo do meu coração partido eu lhe agradeço. Diga-me o que tenho de fazer, e não irei vacilar!

Van Helsing pousou uma mão em seu ombro e disse:

— Rapaz valente! Basta um momento com coragem, e pronto. Esta estaca deve ser atravessada no corpo dela. Será uma provação assustadora, não se iluda a respeito disso, mas levará só um pouco de tempo, e então o senhor irá se alegrar mais do que sofreu; desta tumba sombria o senhor sairá como se andasse nas nuvens. Mas não deve vacilar depois de ter começado. Pense apenas que nós, seus verdadeiros amigos, estamos ao seu redor, e que rezamos pelo senhor o tempo todo.





— Vamos — disse Arthur roucamente. — Diga-me o que tenho de fazer.

— Pegue esta estaca com a mão esquerda, pronto para colocar a ponta em cima do coração, e o martelo com a direita. Então, quando começarmos a nossa prece pela morta (eu vou ler, tenho comigo o livro, e os demais acompanham), bata, em nome de Deus, de modo

que todos possamos ficar em paz com a morta que amamos e que a Não Morta vá embora.

Arthur pegou a estaca e o martelo, e uma vez que sua mente se concentrou na ação, suas mãos não vacilaram, nem mesmo tremeram. Van Helsing abriu o missal e começou a ler, e Quincey e eu acompanhamos o melhor que podíamos. Arthur colocou a ponta da estaca em cima do coração, e enquanto observava pude ver a pressão que ela fazia na pele branca. Então ele a martelou com toda a força.

A Coisa no caixão se contorceu; e um grito hediondo, de gelar o coração, saiu de seus lábios vermelhos escancarados. O corpo balançou e tremeu e entortou em loucas torções; os dentes brancos afiados rilharam até cortar os lábios, e a boca estava besuntada com uma espuma rubra. Mas Arthur em nenhum momento vacilou. Parecia uma imagem de Thor à medida que seu braço inabalável subia e descia, enterrando cada vez mais fundo a estaca da misericórdia, enquanto o sangue do coração perfurado jorrava e gorgolejava ao redor do objeto. O rosto dele estava rígido, e a seriedade do dever parecia iluminá-lo; essa visão nos deu coragem, de modo que nossas vozes pareceram ecoar por toda a pequena cripta.

E então as contorções e os tremores do corpo rarearam, e os dentes pareceram rilhar, e o rosto, estremecer. Finalmente, ficou imóvel. A terrível tarefa estava terminada.

O martelo tombou da mão de Arthur. Ele cambaleou e teria caído se não o tivéssemos segurado. Gordas gotas de suor brotavam-lhe da testa, e ele respirava em arquejos entrecortados. Tinha de fato sido um esforço terrível; e se ele não tivesse sido forçado a fazê-lo por mais que considerações humanas, jamais teria conseguido levá-lo a cabo. Por alguns minutos ficamos tão ocupados com ele que não olhamos na direção do caixão. Ao fazê-lo, no entanto, um murmúrio de sobressalto correu entre todos nós. Fitávamos tão avidamente que Arthur se levantou, pois estivera sentado no chão, e se aproximou para também olhar: e então uma luz alegre e estranha surgiu em seu rosto e dispersou por completo a sombra de horror que ele estampava.

Lá, no caixão, não estava mais a vil Coisa que tanto havíamos temido e passado a odiar a ponto de sua destruição ser considerada um privilégio por aquele que mais tinha direito de levá-la a cabo, mas Lucy, tal como a tínhamos visto em vida, com seu rosto de inigualável graciosidade e pureza. É verdade que nele havia, tal como já tínhamos visto em vida, os vestígios da preocupação e da dor e da devastação; mas estes nos eram caros, pois comprovavam a autenticidade daquela que conhecíamos. Um a um, todos nós sentimos que a sacra

tranquilidade pousada feito a luz do sol naquele rosto e naquela forma devastados era somente um indício e um símbolo terrenos da tranquilidade que deveria reinar para sempre.

Van Helsing aproximou-se e pôs a mão no ombro de Arthur, e disse-lhe:

— E agora, meu amigo Arthur, caro rapaz, não estou perdoado?

A reação àquela tensão terrível veio quando Arthur tomou a mão do velho senhor na sua e, levando-a aos lábios, beijou-a, dizendo:

— Perdoado? Que Deus o abençoe por ter devolvido a alma à minha amada, e a mim a paz.

Ele pousou as mãos no ombro do professor e, estreitando a cabeça ao coração dele, chorou por algum tempo silenciosamente, enquanto permanecíamos imóveis. Quando ele levantou a cabeça, Van Helsing disse-lhe:

— E agora, meu filho, pode beijar. Beije os lábios mortos dela se quiser, tal como ela teria pedido, tivesse escolha. Pois agora ela não é um demônio zombeteiro, não é mais uma Coisa vil por toda a eternidade. Não é mais a Não Morta do Diabo. Ela é a verdadeira morta de Deus, cuja alma está com Ele!

Arthur inclinou-se e beijou-a, e então nós despachamos ele e Quincey do túmulo; o professor e eu serramos a estaca, deixando a ponta dela no corpo. Então deceparamos a cabeça e enchemos a boca com alho. Soldamos o caixão de chumbo, parafusamos o tampo e, após recolher nossos pertences, fomos embora. Quando o professor trancou a porta, entregou a chave a Arthur.

Lá fora o ar era doce, o sol brilhava e os pássaros cantavam, e era como se toda a natureza estivesse afinada num tom diferente. Havia alegria e júbilo e paz por toda parte, pois podíamos ficar descansados a respeito daquilo, e estávamos felizes, embora fosse uma felicidade austera.

Antes de irmos embora, Van Helsing disse:

— Agora, meus amigos, um passo de nosso trabalho está feito, um dos mais arrasadores para nós. Mas resta uma tarefa maior: descobrir o autor de todo este nosso sofrimento, e liquidá-lo. Tenho pistas que podemos seguir; mas é uma tarefa demorada, e difícil, e contém perigo, e dor. Não gostariam todos de me ajudar? Aprendemos a acreditar, todos nós, não é verdade? Sendo assim, não vemos o dever à nossa frente? Sim! E não prometemos seguir até o amargo fim?

Cada um tomou a mão dele, e a promessa estava feita. Então o professor disse enquanto íamos embora:

— Daqui a duas noites os senhores devem me encontrar para

jantar às 19h com o amigo John. Vou contatar mais dois homens, dois que ainda não conhecem; e estarei pronto para mostrar o trabalho e revelar os planos. Amigo John, você vem comigo para casa, pois temos muito o que deliberar, e você pode me ajudar. Esta noite parto para Amsterdã, mas devo estar de volta amanhã à noite. E então terá início a grande missão nossa. Mas antes terei muita coisa a dizer, de modo que os senhores saibam o que há a fazer e temer. Então a promessa que fizemos um ao outro será renovada; pois temos uma terrível tarefa diante de nós e, uma vez que os pés estiverem em movimento, não poderão voltar atrás.

CAPÍTULO 17

Diário do dr. Seward
(Continuação)

Ao chegarmos ao Hotel Berkeley, Van Helsing encontrou um telegrama à sua espera:

CHEGAREI DE TREM. JONATHAN EM WHITBY.
NOTÍCIAS IMPORTANTES. — MINA HARKER.

O professor ficou encantado.

— Ah, aquela maravilhosa madame Mina — disse ele —, uma pérola entre as mulheres! Ela chegará, mas eu não poderei ficar. Ela deve ir para a sua casa, amigo John. Encontre-a na estação. Telegrafe a ela en route, a fim de que ela possa se preparar.

Quando o telegrama foi despachado, ele tomou uma xícara de café; enquanto a bebia, falou-me a respeito de um diário que Jonathan Harker mantinha no estrangeiro, e deu-me uma cópia, bem como uma do diário da sra. Harker quando estava em Whitby.

— Pegue-os — disse ele —, e estude-os bem. Quando eu tiver retornado, você terá dominado todos os fatos, e então poderemos melhor empreender a nossa própria inquisição. Mantenha-os seguros, pois há neles muito tesouro. Você precisará de toda a sua fé, até mesmo você que passou por uma experiência como a de hoje. O que aqui está escrito — ele pousou a mão com força e seriedade no maço de papéis ao falar — poderá ser o começo do fim para você e para mim e muitos outros; ou poderá ser o dobre de finados dos Não Mortos que andam sobre a terra. Leia tudo, eu rogo, com a cabeça aberta; e se puder de alguma maneira adicionar para a história aqui contada, faça-o, pois é de muita importância. Você manteve um diário de todas essas tão estranhas coisas; não é verdade? Sim! Então repassaremos todas essas páginas quando nos reencontrarmos.

Ele então se aprontou para partir, e logo se dirigiu à rua Liverpool. Eu segui para Paddington, aonde cheguei cerca de quinze minutos antes do trem.

A multidão se dissipou, depois do alvoroço comum às plataformas de desembarque; e eu começava a me sentir inquieto, receando não avistar minha convidada, quando uma garota de rosto agradável e aparência delicada se aproximou de mim e, após um rápida olhadela, disse:

— Dr. Seward, correto?

— Sra. Harker! — respondi de imediato; após o que ela estendeu a mão.

— Reconheci-o pela descrição da pobre Lucy, mas... — Ela subitamente se deteve, e um vivo rubor tomou o seu rosto.

O rubor que subiu às minhas próprias faces de certa forma deixou-nos à vontade, pois fez as vezes de uma resposta tácita. Peguei sua bagagem, que incluía uma máquina de escrever, e tomamos o metrô para a rua Fenchurch, depois de eu enviar um telegrama para a minha governanta pedindo que preparasse imediatamente uma sala de estar e um quarto para a sra. Harker.

Chegamos na hora certa. Ela sabia, é claro, que o lugar era um asilo de lunáticos, mas pude ver que foi incapaz de reprimir um arrepio quando entramos.

Disse-me que, se possível, iria logo ao meu gabinete, uma vez que tinha muito a dizer. Então cá estou terminando minha entrada no diário fonografado enquanto espero por ela. Até agora não tive a chance de olhar os papéis que Van Helsing deixou comigo, embora eles estejam abertos à minha frente. Preciso mantê-la interessada em alguma outra coisa, a fim de que eu possa ter a oportunidade de lê-los. Ela não sabe quão valioso é o tempo, nem qual tarefa temos nas mãos. Preciso tomar cuidado para não assustá-la. Aqui está ela!

Diário de Mina Harker

29 de setembro — Depois de ter me arrumado, desci ao gabinete do dr. Seward. Parei à porta por um momento, pois pensei tê-lo ouvido falar com alguém. Como, no entanto, ele me instara a me apressar, bati à porta, e, ao seu chamado, entrei.

Para minha enorme surpresa, não havia ninguém com ele. Estava deveras sozinho, e sobre a mesa diante dele havia o que de pronto reconheci ser um fonógrafo, a julgar pelas descrições. Nunca tinha

visto um, e fiquei muito interessada.

— Espero não tê-lo feito esperar — eu disse —, mas parei à porta quando o ouvi falando, e pensei que havia alguém com o senhor.

— Ah — ele respondeu com um sorriso —, eu estava apenas fazendo um registro em meu diário.

— Seu diário? — perguntei-lhe surpresa.

— Sim — respondeu ele. — Gravo-o aqui.

Conforme falava, ele pousou a mão sobre o fonógrafo. Fiquei muito animada com aquilo, e deixei escapar:

— Nossa, isso vence até mesmo a taquigrafia! Posso ouvi-lo dizendo alguma coisa?

— Certamente — respondeu ele com alacridade, e levantou-se para colocá-lo em funcionamento.

Então ele se deteve, e uma expressão perturbada inundou o seu rosto.

— O fato — ele começou embaraçadamente — é que apenas gravo nele o meu diário; e uma vez que trata inteiramente... quase que inteiramente... de meus casos, pode ser embaraçoso... ou seja, quer dizer...

Ele se deteve, e eu tentei tirá-lo daquele constrangimento:

— O senhor ajudou a cuidar da querida Lucy no fim. Deixe-me ouvir como ela morreu; por tudo que sei sobre ela, ficarei muito agradecida. Ela me era muito, muito querida.

Para minha surpresa, ele respondeu, com uma expressão horrorizada no rosto:

— Falar-lhe da morte dela? Por nada nesse mundo!

— Por que não? — perguntei, pois uma sensação grave e terrível começava a me dominar.

De novo ele se deteve, e pude ver que estava tentando inventar uma desculpa. Por fim, ele gaguejou:

— Veja, não sei como faço para escolher uma parte específica do diário. — Enquanto falava, uma ideia lhe ocorreu, e ele disse com inconsciente simplicidade, numa voz diferente, e com a ingenuidade de uma criança: — É verdade, sim, juro pela minha honra. Palavra! — Não pude conter um sorriso, ao que ele fez uma careta. — Acho que me entreguei! — disse ele. — Mas sabe que, embora eu tenha mantido o diário já faz meses, nunca me ocorreu como eu faria para chegar a uma parte específica caso eu quisesse conferi-la?

Àquela altura, eu estava convencida de que o diário de um médico que cuidou de Lucy poderia ter algo a acrescentar a nosso conhecimento acumulado sobre aquele Ser terrível, e disse-lhe

audaciosamente:

— Então, dr. Seward, melhor seria me deixar copiá-lo para o senhor à máquina.

Ele assumiu uma palidez definitivamente mortal ao dizer:

— Não! Não! Não! Por nada nesse mundo deixaria a senhora conhecer essa história terrível!

Então era terrível; minha intuição estava certa! Por um momento permaneci refletindo, e conforme meus olhos vasculhavam o cômodo, inconscientemente procurando por algo ou alguma oportunidade que pudesse me ajudar, eles pousaram sobre um grande maço de páginas datilografadas sobre a mesa. Os olhos dele capturaram a expressão dos meus, e, irrefletidamente, acompanharam seu movimento. Ao verem o pacote, ele percebeu o que eu pretendia.

— O senhor não me conhece — falei. — Quando tiver lido esses papéis, que são o meu diário e também o de meu marido, do qual fiz uma cópia, me conhecerá melhor. Não hesitei em revelar cada pensamento que me ia no coração por esta causa; mas, é claro, o senhor não me conhece... ainda; e por ora não devo esperar que confie em mim.

Ele sem dúvida é um homem de natureza nobre; a pobre e querida Lucy tinha razão. Ele levantou-se e abriu uma gaveta grande, na qual estavam dispostos em ordem inúmeros cilindros ociosos de metal cobertos com uma cera escura, e disse:

— A senhora tem toda a razão. Não confiei na senhora porque não a conhecia. Mas agora a conheço; e permita-me dizer que eu devia tê-la conhecido muito tempo atrás. Sei que Lucy lhe falou a meu respeito; ela falou-me a seu respeito também. Permite-me fazer a única retratação que está em meu poder? Pegue estes cilindros e ouça-os; a primeira meia dúzia é pessoal, e não irão horrorizá-la; assim poderá me conhecer melhor. Quando terminar, o jantar estará pronto. Nesse meio-tempo, lerei algum destes documentos, e terei mais capacidade de entender certas coisas.

Ele mesmo carregou o fonógrafo para a minha sala de estar e o ajustou para mim. Agora descobrirei algo agradável, tenho certeza; pois isto aqui há de me contar o outro lado de um caso de amor verdadeiro, do qual já conheço um lado...

Diário do dr. Seward

29 de setembro — Fiquei tão absorto no maravilhoso diário de

Jonathan Harker e no de sua esposa que o tempo correu sem que eu percebesse. A sra. Harker não estava no térreo quando a criada veio anunciar o jantar, de modo que eu disse:

— Possivelmente está cansada; atrasemos o jantar em uma hora.
— E prossegui com meu trabalho.

Acabara de terminar o diário da sra. Harker quando ela entrou. Estava muitíssimo bonita, mas parecia muito triste, e com os olhos injetados de chorar. De alguma maneira isso me comoveu sobremaneira. Ultimamente tenho tido motivo para lágrimas — Deus sabe! —, mas o alívio que trazem me foi negado; e então a visão daqueles belos olhos, iluminados por lágrimas recentes, tocou-me fundo. De modo que eu disse, da maneira mais gentil:

— Receio tê-la perturbado imensamente.

— Ah, não, não me perturbou — respondeu ela —, mas o seu pesar me deixou mais comovida do que sou capaz de dizer. Esta máquina é maravilhosa, mas é de uma veracidade cruel. Ela me transmitiu, em seus próprios tons, a angústia de seu coração. Era como uma alma gritando para Deus Todo-Poderoso. Ninguém jamais deve ouvi-lo novamente! Veja, eu tentei ser útil. Copiei as palavras à máquina, e agora ninguém mais precisará ouvir o seu coração bater, como eu ouvi.

— Ninguém jamais precisa saber, jamais saberá — falei em voz baixa.

Ela pôs a mão sobre a minha e disse muito gravemente:

— Ah, mas as pessoas precisam saber!

— Precisam? Mas por quê? — perguntei.

— Porque é uma parte dessa história terrível, uma parte da morte da pobre e querida Lucy e de tudo que a causou; porque na luta que temos diante de nós para livrar a terra desse monstro terrível devemos deter todo o conhecimento e toda a ajuda que conseguirmos. Acredito que os cilindros que o senhor me deu contenham mais do que o senhor gostaria que eu soubesse; mas posso ver que em seu registro há muitas luzes sobre este mistério sombrio. O senhor me deixará ajudar, não? Sei de tudo até certo ponto; e já consigo ver, embora seu diário só tenha me levado até 7 de setembro, como a pobre Lucy foi atormentada, e como foi sendo tramada a sua terrível danação. Jonathan e eu temos trabalhado dia e noite desde que o prof. Van Helsing se encontrou conosco. Ele partiu para Whitby para coletar mais informações, e estará aqui amanhã para nos ajudar. Não devem existir segredos entre nós; trabalhando juntos e com confiança absoluta, sem dúvida seremos mais fortes do que se algum de nós

estivesse no escuro.

Ela olhou para mim tão súplice, e ao mesmo tempo manifestou uma coragem e uma resolução tão grandes, que de pronto cedi aos seus desejos.

— Faça — disse eu — como quiser a esse respeito. Que Deus me perdoe se eu agi errado! Há coisas terríveis ainda por conhecer; mas se a senhora já chegou até aqui no caminho que leva à morte da pobre Lucy, sei que não se contentará em permanecer no escuro. De algum modo, o fim, o verdadeiro fim, pode lhe dar um vislumbre de paz. Venha, o jantar está pronto. Precisamos fortalecer um ao outro para o que há diante de nós; temos uma tarefa cruel e pavorosa. Depois de comer a senhora conhecerá o resto, e responderei a quaisquer dúvidas que tiver, caso haja algo que não entendeu, embora fosse evidente para nós que estivemos presentes.

Diário de Mina Harker

29 de setembro — Após o jantar fui com o dr. Seward ao seu gabinete. Ele trouxe de volta o fonógrafo de meu quarto, e eu apanhei minha máquina de escrever. Ele me acomodou numa cadeira confortável, e dispôs o fonógrafo de maneira que eu pudesse tocá-lo sem ter que me levantar, e mostrou-me como interrompê-lo caso precisasse de uma pausa. Então ele muito atenciosamente sentou-se em uma cadeira com as costas voltadas para mim, a fim de que eu pudesse ter a maior liberdade possível, e começou a ler. Pus a forquilha de metal em meus ouvidos e comecei a escutar.

Quando a terrível história da morte de Lucy, e... e de tudo que se seguiu... chegou ao fim, recostei-me na cadeira, sem forças. Felizmente não sou dada a desmaios. Quando o dr. Seward me viu, pulou da cadeira soltando uma exclamação horrorizada, e apressadamente pegou uma garrafa num armário e me deu um gole de brandy, que em uns poucos minutos revigorou-me um pouco. Meu cérebro girava, e, se em meio àquela profusão de horrores não tivesse surgido um sagrado raio de luz, garantindo que minha queridíssima Lucy por fim encontrara paz, creio que não teria suportado aquilo sem fazer uma cena. É tudo tão insano, e misterioso, e estranho que, se eu não conhecesse a experiência de Jonathan na Transilvânia, não teria acreditado. Naquele momento, porém, eu não sabia em que acreditar, e portanto venci minha dificuldade indo cuidar de outra coisa. Tirei a capa de minha máquina de escrever e disse ao dr. Seward:

— Tratarei de escrever tudo isso já. Devemos deixar tudo pronto para quando Van Helsing chegar. Enviei um telegrama a Jonathan para que venha para cá assim que desembarcar em Londres vindo de Whitby. Neste nosso caso, as datas são tudo, e acredito que, se conseguirmos aprontar nosso material e dispor cada item em ordem cronológica, já teremos feito muita coisa. O senhor me diz que lorde Godalming e o sr. Morris também estão a caminho. Tratemos de ficar prontos para informar a ele quando tiverem chegado.

Sendo assim, ele diminuiu a velocidade do fonógrafo, e comecei a datilografar o sétimo cilindro desde o começo. Usei papel-carbono, e então tirei três cópias do diário, tal como havia feito com todo o resto. Era tarde da noite quando cheguei ao fim, mas o dr. Seward fora fazer a ronda dos pacientes; quando terminou, ele voltou e sentou-se perto de mim, lendo, para que eu não me sentisse muito solitária enquanto trabalhava. Como ele é bom e atencioso; o mundo parece estar cheio de homens bons — mesmo que nele existam monstros! Antes de me recolher, lembrei-me do que Jonathan escrevera em seu diário a respeito da perturbação que o professor mostrara ao ler alguma coisa no jornal vespertino na estação de Exeter; então, vendo que o dr. Seward guardava seus jornais, peguei emprestados os arquivos da Westminster Gazette e da Pall Mall Gazette, e levei-os ao meu quarto. Lembrei-me de como o Dailygraph e a Whitby Gazette, dos quais extraí recortes, nos ajudaram a entender os terríveis eventos ocorridos em Whitby na ocasião do desembarque do conde Drácula, então vou folhear os vespertinos publicados desde essa data, e talvez encontre nova luz. Não estou com sono, e o trabalho me ajudará a ficar mais calma.

Diário do dr. Seward

30 de setembro — O sr. Harker chegou às 9h. Ele recebera o telegrama da esposa logo antes de partir. Tem uma inteligência invulgar, a julgar por seu rosto, e muita energia. Se for verdade o que diz seu diário — e levando em conta as experiências incríveis que viveu, deve ser —, é também um homem de grande coragem. Ter descido à cripta uma segunda vez foi uma notável proeza de audácia. Após ler seu relato a respeito, eu estava preparado para conhecer um belo espécime de virilidade, mas não o cavalheiro calado e profissional que veio hoje aqui.

Mais tarde — Depois do almoço, Harker e a esposa voltaram para o quarto deles, e ao passar por ele agora há pouco ouvi o clique da máquina de escrever. Estão trabalhando com afinco. A sra. Harker diz que eles estão costurando em ordem cronológica todo fiapo de evidência que têm. Harker obteve as cartas trocadas entre o consignatário das caixas em Whitby e as transportadoras em Londres que se encarregaram delas. Ele está agora lendo a cópia de meu diário, que sua esposa datilografou. Pergunto-me o que dirão sobre tudo aquilo. Aqui está...



É estranho nunca ter me ocorrido que a casa imediatamente vizinha fosse o esconderijo do conde! Deus sabe que tivemos pistas suficientes na conduta do paciente Renfield! O maço de cartas relativas à compra da casa estava com a cópia datilografada. Ah, se ao menos as tivéssemos mais cedo, teríamos salvado a pobre Lucy! Basta; nesse caminho reside a loucura! Harker voltou, e está de novo organizando seu material. Ele diz que pelo jantar já terão como apresentar uma narrativa totalmente coesa. É da opinião que, nesse meio-tempo, eu deveria ver Renfield, uma vez que ele tem sido até agora uma espécie de índice das idas e vindas do conde. Ainda não vejo como isso é possível, mas quando eu tiver as datas suponho que entenderei. Que boa ideia a sra. Harker ter passado os meus cilindros

para o papel! Caso contrário jamais teríamos encontrado as datas...

Encontrei Renfield sentado placidamente em seu quarto com as mãos entrelaçadas, sorrindo benignamente. Naquele momento ele parecia tão são como qualquer pessoa que eu já vira. Sentei-me e conversei com ele a respeito de um monte de assuntos, todos os quais foram recebidos naturalmente. Então, de vontade própria, ele falou sobre voltar para casa, assunto que jamais mencionara durante sua estada aqui, até onde sei. Na verdade, falou com bastante confiança sobre ser dispensado imediatamente. Acredito que, caso não tivesse conversado com Harker e lido as cartas e as datas de seus surtos, eu teria me prontificado a assinar sua dispensa após um breve período de observação. Agora, no entanto, estou muito desconfiado. Todos aqueles rompantes estavam de algum modo relacionados com a proximidade do conde. Que significa então este absoluto contentamento? Será talvez que seu instinto esteja satisfeito com o triunfo final do vampiro? Vejamos: ele próprio é zoófago, e em seus loucos delírios à porta da capela da casa abandonada sempre falou em um “mestre”. Isso tudo só parece confirmar nossa ideia. Após algum tempo, no entanto, fui embora; meu amigo se encontra são até demais no momento para que eu possa sondá-lo com muitas perguntas sem levantar suspeitas. Ele pode começar a pensar, e então...! Por isso vim embora. Fico cismado com esses seus períodos de calma; então dei ao atendente um aviso para que o vigiasse de perto, e deixasse uma camisa de força de prontidão caso necessária.

Diário de Jonathan Harker

29 de setembro, no trem para Londres — Quando recebi a amável mensagem do sr. Billington dizendo que me forneceria qualquer informação que estivesse em seu poder, achei melhor ir a Whitby e fazer, no próprio local, as perguntas que eu quisesse. Agora meu objetivo era rastrear aquela horrenda carga do conde até o seu paradeiro em Londres. Talvez mais tarde sejamos capazes de lidar com ela. Billington Jr., um bom rapaz, encontrou-me na estação, e levou-me à casa do pai, onde decidiram que eu deveria pernoitar. São de uma hospitalidade típica de Yorkshire: ao hóspede, tudo, e que fique livre para fazer como desejar. Todos eles sabiam que eu estava ocupado e que minha estada seria curta, e o sr. Billington já tinha prontos em seu escritório todos os papéis referentes à consignação das

caixas. Voltar a ver uma das cartas que eu vira sobre a mesa do conde antes de saber de seus planos diabólicos quase causou-me asco. Tudo fora cuidadosamente calculado, e levado a cabo de forma sistemática e com exatidão. Ele parece ter se preparado para cada obstáculo que pudesse se interpor por acidente no caminho que levava à realização de seus intentos. Para usar um americanismo, ele não “assumira nenhum risco”, e a precisão absoluta com que suas instruções foram cumpridas era simplesmente o resultado lógico de seu cuidado. Vi a fatura, e tomei nota: “Cinquenta caixas de terra comum, a ser usada com fins experimentais”. Também a cópia da carta para Carter Paterson, e a resposta da firma; de ambas tirei cópias. Essa foi toda a informação que o sr. Billington pôde me fornecer, portanto desci até o porto e fui ver os guardas costeiros, os oficiais aduaneiros e o capitão do porto. Todos eles tinham algo a dizer a respeito da estranha chegada do navio, que já está assumindo lugar cativo na tradição local; mas ninguém pôde acrescentar nada à simples descrição de “cinquenta caixas de terra comum”. Fui ver então o chefe de estação, que gentilmente me pôs em contato com os homens que haviam de fato recebido as caixas. Seu registro batia com a lista, e nada tinham a acrescentar, exceto que as caixas eram “um peso morto”, e que carregá-las fora um trabalho árduo. Um deles acrescentou que fora azar não haver nenhum “fidalgo como o senhor” para mostrar algum tipo de reconhecimento por seus esforços na forma de uma bebida; outro fez o adendo de que a sede ocasionada pelo serviço fora tamanha que nem mesmo o tempo que transcorrera conseguira aplacá-la por completo. É desnecessário mencionar que, antes de partir, cuidei para remover, para sempre e de maneira adequada, aquela fonte de censuras.

30 de setembro — O chefe de estação teve a bondade de trocar uma palavra sobre mim com seu velho colega, o chefe da estação de King’s Cross, de modo que quando lá cheguei de manhã, pude perguntar-lhe a respeito da chegada das caixas. Ele, também, pôs-me imediatamente em contato com os oficiais responsáveis, e vi que seu registro correspondia à fatura original. As oportunidades de ficar com uma sede anormal aqui eram reduzidas; no entanto, fizera-se delas um nobre uso, e de novo fui compelido a lidar com o resultado de uma maneira *ex post facto*²⁵.

De lá segui para o escritório central da Carter Paterson, onde fui recebido com a maior cortesia. Eles conferiram a transação em seu diário e em seu copiador, e de imediato telefonaram para o escritório

de King's Cross para mais detalhes. Por sorte, os homens que realizaram o serviço estavam à espera de trabalho, e o oficial imediatamente os mandou até mim, enviando por um deles o manifesto de carga e todos os documentos relativos à entrega das caixas em Carfax. Mais uma vez me vi confirmando a exatidão do registro; os homens da transportadora foram capazes de complementar a escassez de palavras escritas com uns poucos detalhes. Estes, logo descobri, estavam conectados quase que exclusivamente com a natureza poeirenta do serviço, e com a subsequente sede que ocasionara nos trabalhadores. Quando forneci uma oportunidade, usando como meio a moeda corrente do reino, de mais tarde aplacar esse mal benéfico, um dos homens comentou:

— Aquela foi a casa mais bizarra em que já estive, doutor. Deus meu! Ninguém entra nela faz uns cem anos. Tinha uma camada de pó que dava pra dormir em cima sem machucar os ossos; e estava tão abandonada que dava pra sentir o cheiro da antiga Jerusalém. Mas a antiga capela, essa levava o prêmio, se levava! Eu e meu colega pensamos que nunca que íamos conseguir sair dali. Por Deus, pra ficar ali depois de escuro eu não cobraria menos que uma libra por hora.

Tendo estado na casa, pude muito bem acreditar nele; mas se ele soubesse o que eu sei, iria, penso eu, aumentar seu preço.

De uma coisa agora tenho certeza: todas as caixas que chegaram a Whitby vindas de Varna no Demeter foram depositadas em segurança na antiga capela de Carfax. Lá deve haver cinquenta delas, a não ser que alguma tenha sido removida — tal como temo, pela leitura do diário do dr. Seward.

Tentarei encontrar os carreteiros que levaram as caixas de Carfax quando Renfield os atacou. Seguindo essa pista talvez possamos descobrir muita coisa.

Mais tarde — Mina e eu trabalhamos o dia todo, e pusemos toda a papelada em ordem.

Diário de Mina Harker

30 de setembro — Estou tão feliz que mal sei como me conter. É a reação, suponho eu, ao assombroso medo que senti: de que esse caso terrível e a reabertura da velha ferida de Jonathan pudessem afetá-lo negativamente. Vi-o partir para Whitby fazendo a melhor cara que pude, mas estava doente de apreensão. O esforço, no entanto, fez-lhe

bem. Ele nunca esteve tão resoluto, tão forte, tão repleto de uma energia vulcânica, como neste momento. É exatamente como o bom e querido prof. Van Helsing disse: Jonathan é a obstinação em pessoa, e persevera sob uma pressão que faria definhar uma natureza mais fraca. Ele voltou cheio de vida e esperança e determinação; estamos com tudo em ordem para hoje à noite. Sinto-me bastante dominada pela empolgação. Suponho que se deveria ter pena de alguma coisa tão perseguida como é o conde. Aí é que está: essa Coisa não é humana — nem mesmo animal. Ler o relato do dr. Seward sobre a morte da pobre Lucy, e o que se seguiu, basta para fazer secar a nascente de piedade no coração da pessoa.

Mais tarde — Lorde Godalming e o sr. Morris chegaram mais cedo do que o esperado. O dr. Seward estava fora a trabalho, e levava Jonathan consigo, portanto tive de recebê-los. Foi-me um encontro doloroso, pois trouxe de volta todas as esperanças que a pobre e querida Lucy alimentava apenas alguns meses atrás. É claro que eles tinham ouvido Lucy falar sobre mim, e pareceu que também o dr. Van Helsing andara “rasgando a minha seda”, como expressou o sr. Morris. Pobres sujeitos, nenhum deles está ciente de que eu sei tudo sobre as propostas que fizeram a Lucy. Não sabiam muito bem o que dizer ou fazer, uma vez que ignoravam a extensão de meus conhecimentos; de modo que tiveram que se ater a assuntos neutros. No entanto, refleti sobre a questão, e cheguei à conclusão de que o melhor que eu podia fazer era inteirá-los dos últimos acontecimentos. Pelo diário do dr. Seward eu sabia que eles tinham presenciado a morte de Lucy — sua morte verdadeira — e que eu não precisava temer trair nenhum segredo antes da hora. Portanto lhes disse, da melhor maneira que pude, que eu tinha lido todos os papéis e diários, e que meu marido e eu, tendo-os datilografado, havíamos acabado de pô-los em ordem. Dei a cada um deles uma cópia para ler na biblioteca. Quando lorde Godalming pegou a dele e a virou — de fato formou uma bela pilha —, ele disse:

— A senhora escreveu tudo isto, sra. Harker?

Assenti com a cabeça, e ele prosseguiu:

— Não entendo bem o que a motiva; mas vocês todos são tão bons e gentis, e têm trabalhado com tanto afinho e tanta energia, que tudo que posso fazer é aceitar suas ideias de olhos fechados e tentar ajudá-los. Já aprendi uma lição sobre aceitar fatos que fariam um homem ser humilde até o último minuto de sua vida. Além do mais, sei que a senhora amava minha pobre Lucy...

Aqui ele desviou o rosto e cobriu-o com as mãos. Pude ouvir as lágrimas em sua voz. O sr. Morris, com instintiva delicadeza, apenas pousou uma mão no ombro dele por um momento, e em seguida saiu da sala em silêncio. Suponho que haja algo na natureza feminina que faça os homens se permitirem desmoronar na frente das mulheres e externar seus sentimentos de maneira mais terna ou emotiva sem sentir que isso deprecia sua virilidade; pois, quando lord Godalming se viu sozinho na minha companhia, sentou-se no sofá e cedeu completa e abertamente. Sentei-me ao lado dele e tomei sua mão. Espero que ele não me tenha achado atrevida naquele instante, e que caso venha a pensar nisso mais tarde não tenha tal pensamento. Aqui não lhe faço justiça; eu sei que ele nunca pensará isso — ele é em tudo um cavalheiro de verdade. Disse-lhe, pois pude ver que seu coração estava em pedaços:

— Eu amava a querida Lucy, e sei o que ela representa para o senhor, e o que representava para ela. Éramos como irmãs; agora que ela partiu, não gostaria de permitir que eu seja uma irmã para o senhor em sua tribulação? Sei que penas teve, embora não possa mensurar sua profundidade. Se a compaixão e a misericórdia podem ajudar sua aflição, não me permitiria ser de alguma ajuda... em nome de Lucy?

Em um instante o pobre rapaz foi dominado pelo pesar. Pareceu-me que tudo que ele viera sofrendo em silêncio ultimamente extravasara de uma só vez. Ele ficou bastante histérico e, erguendo as mãos abertas, bateu as palmas numa perfeita agonia sofredora. Ele levantou-se e então se sentou mais uma vez, e as lágrimas se derramavam pelas suas faces. Senti uma pena infinita, e abri meus braços irrefletidamente. Com um soluço, ele encostou a cabeça em meu ombro e chorou feito uma criança exausta, enquanto sacudia de emoção.

Nós, mulheres, temos um quê maternal que nos faz relegar assuntos menores quando o espírito materno é invocado; senti a cabeça daquele grande homem sofredor repousada em mim, como se fosse a do bebê que algum dia descansaria em meu colo, e afaguei seus cabelos como se fosse o meu próprio filho. Na hora, não pensei como tudo aquilo era estranho.

Após um momento, seus soluços cessaram, e ele se ergueu pedindo desculpas, embora não procurasse disfarçar sua emoção. Disse-me que por dias e noites — dias exaustivos e noites insones — ele não fora capaz de falar com ninguém, tal como deve fazer um homem na hora do sofrimento. Não havia nenhuma mulher cuja compaixão pudesse

ser estendida a ele, ou com quem, devido à terrível circunstância com a qual seu sofrimento fora cercado, ele pudesse falar livremente.

— Agora sei quanto sofri — disse ele, enquanto enxugava as lágrimas —, mas ainda não sei, e ninguém mais poderá vir a saber, quanto a sua terna compaixão representou para mim hoje. Saberei melhor com o tempo; e acredite em mim quando digo que, embora agora eu não seja ingrato, minha gratidão só fará crescer assim que souber. A senhora permitirá que eu seja como um irmão, por toda a nossa vida... pelo bem da querida Lucy, não irá?

— Em nome da querida Lucy — falei enquanto apertávamos as mãos.

— Positivamente, e também em seu nome — ele acrescentou —, pois se a estima e a gratidão de um homem lhe são de alguma valia, a senhora hoje ganhou as minhas. Se por acaso o futuro lhe reservar uma ocasião em que precise da ajuda de um homem, acredite, seu chamado não será em vão. Que Deus conceda que tal ocasião jamais aconteça para ocultar o sol da sua vida; mas, se algum dia acontecer, prometa-me que me fará saber.

Ele foi tão sincero, e seu sofrimento era tão puro, que senti que isso serviria para consolá-lo, portanto disse:

— Prometo.

Enquanto eu voltava pelo corredor, vi o sr. Morris olhando por uma janela. Ele se virou ao ouvir meus passos.

— Como está Art? — disse ele. Então, percebendo os meus olhos vermelhos, prosseguiu: — Ah, vejo que a senhora o esteve consolando. Pobre rapaz!, ele bem que precisa. Somente uma mulher pode ajudar um homem quando está com o coração perturbado; e ele não tinha ninguém para consolá-lo.

Ele suportou o seu próprio tormento tão corajosamente que meu coração sangrou por ele. Vi o manuscrito em sua mão, e soube que assim que terminasse de ler ele perceberia o quanto eu sabia; portanto lhe disse:

— Gostaria de consolar todos que sofrem do coração. O senhor permitirá que eu seja sua amiga, e virá a mim em busca de consolo caso necessite? Mais tarde o senhor saberá por que digo isso.

Ele viu que eu estava sendo sincera, e, curvando-se, pegou minha mão, e levando-a aos lábios, beijou-a. Parecia um consolo demasiado pequeno para uma alma tão valente e altruísta, e impulsivamente eu me inclinei e o beijei. As lágrimas brotaram-lhe nos olhos, e ouviu-se um sufoco momentâneo em sua garganta; ele disse muito tranquilamente:

— Mocinha, jamais se arrependerá dessa gentileza sincera, enquanto viver!

Então ele entrou no gabinete atrás de seu amigo.

“Mocinha” era a mesma palavra que ele usava com Lucy, e ah, como ele se provou um verdadeiro amigo!

²⁵ “De maneira retroativa”, em latim.

CAPÍTULO 18

Diário do dr. Seward

30 de setembro — Cheguei em casa às 17h, e descobri que Godalming e Morris não apenas haviam chegado, mas já tinham estudado a transcrição dos vários diários e cartas que Harker e sua incrível esposa haviam feito e ordenado. Harker ainda não havia retornado de sua visita aos homens da transportadora, sobre os quais o dr. Hennessey me escrevera. A sra. Harker nos serviu uma xícara de chá, e posso dizer honestamente que, pela primeira vez desde que passei a morar aqui, esta velha casa pareceu um lar. Quando terminamos, a sra. Harker disse:

— Dr. Seward, posso lhe pedir um favor? Gostaria de ver o seu paciente, o sr. Renfield. Deixe-me vê-lo. O que o senhor disse a respeito dele em seu diário me interessa sobremaneira!

Ela parecia tão suplicante e tão bela que não pude recusar, e não havia razão plausível para fazê-lo; de modo que a levei comigo. Ao entrar no quarto dele, eu disse-lhe que uma senhora gostaria de vê-lo; ao que ele simplesmente respondeu:

— Por quê?

— Ela está percorrendo a casa, e quer ver todos aqui — respondi.

— Ah, muito bem — disse ele —, deixe-a entrar, é claro; mas espere apenas um minuto para eu arrumar o lugar.

Seu método de arrumação foi peculiar: ele simplesmente engoliu todas as moscas e aranhas que havia nas caixas, antes que eu pudesse impedi-lo. Estava muito evidente que ele, muito zeloso, temia uma interferência. Quando terminou de cumprir seu nojento afazer, disse prazenteiramente:

— Deixe a senhora entrar.

E sentou-se na beira da cama com a cabeça baixa, mas com as pálpebras levantadas a fim de que pudesse vê-la ao entrar. Por um momento pensei que ele tivesse alguma intenção homicida; lembrei-me de quão quieto ele estivera logo antes de me atacar em meu próprio gabinete, e tomei o cuidado para me postar onde eu poderia

agarrá-lo de imediato caso ele fizesse menção de partir para cima dela. Ela entrou no quarto com uma graciosidade espontânea capaz de impor respeito imediato a qualquer lunático — pois a espontaneidade é uma das qualidades que os loucos mais respeitam. Ela caminhou até ele, sorrindo alegremente, e estendeu a mão.

— Boa noite, sr. Renfield — disse ela. — Veja, eu já o conheço, pois o dr. Seward me falou sobre o senhor.

Ele não respondeu de imediato, mas fitou-a atentamente com uma expressão carrancuda. Esta deu lugar a uma expressão maravilhada, que fundiu-se em suspeita; então, para meu grande aturdimento, ele disse:

— A senhora não é a garota com quem o doutor queria se casar, é? Não pode ser, percebe, pois ela está morta.

A sra. Harker sorriu um sorriso terno ao responder:

— Ah, não! Eu tenho um marido, com quem me casei antes mesmo de conhecer o dr. Seward, ou ele a mim. Sou a sra. Harker.

— Então o que está fazendo aqui?

— Meu marido e eu estamos fazendo uma visita ao dr. Seward.

— Então não permaneça.

— E por que não?

Achei que aquele estilo de conversação pudesse não ser agradável à sra. Harker, não mais do que era a mim, de modo que intervim:

— Como sabia que eu queria me casar com alguém?

Sua resposta foi simplesmente desdenhosa, após uma pausa em que ele desviou seu olhar da sra. Harker para mim, instantaneamente voltando-o de novo:

— Que pergunta mais burra!

— Não concordo em absoluto, sr. Renfield — disse a sra. Harker, imediatamente me defendendo.

Ele respondeu-lhe com tanta cortesia e respeito quanto havia me mostrado desdém:

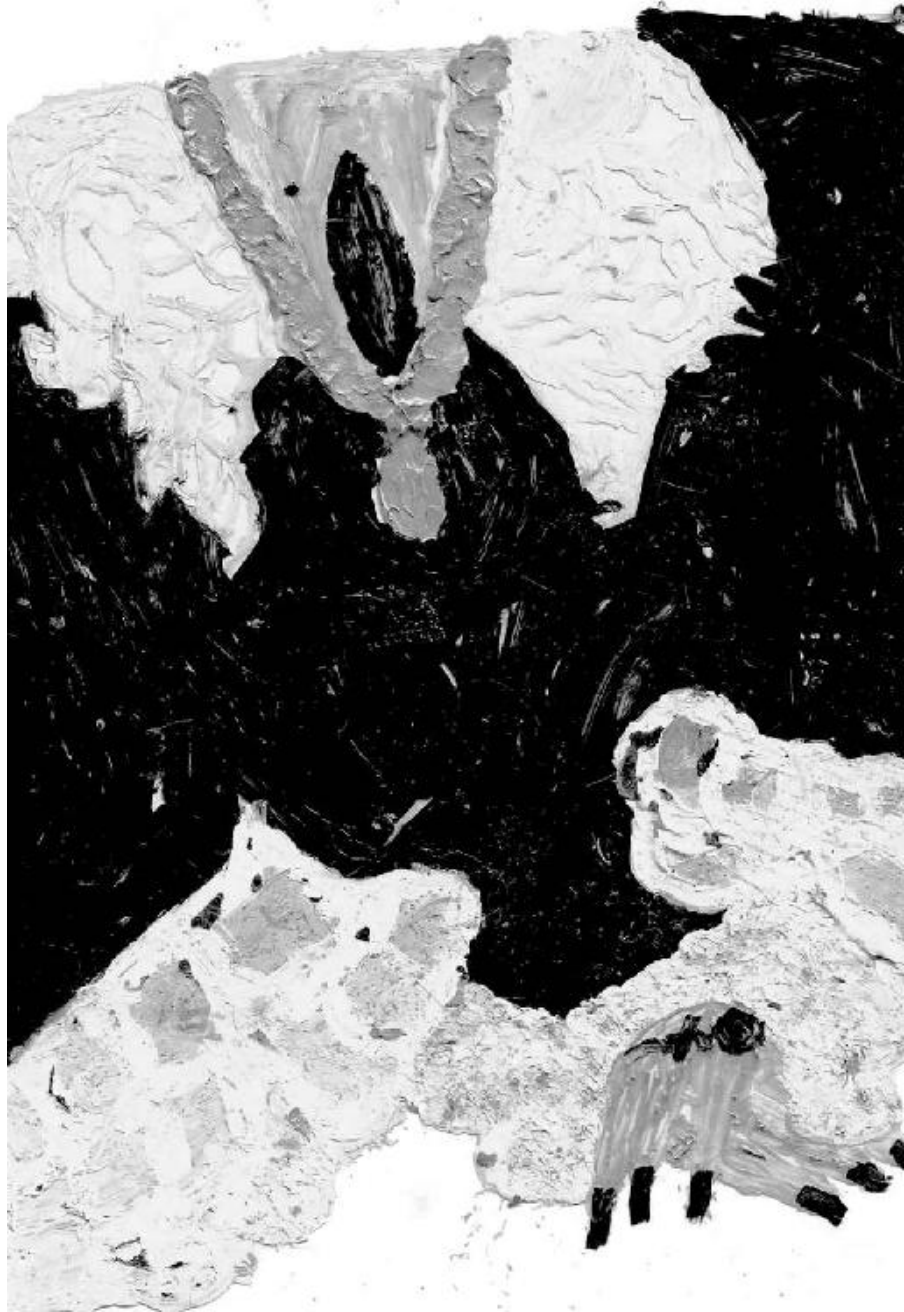
— É claro que compreende, sra. Harker, que quando um homem é tão amado e respeitado como o nosso anfitrião, tudo que lhe diz respeito gera grande interesse em nossa pequena comunidade. O dr. Seward é amado não apenas por seus familiares e amigos, mas até mesmo por seus pacientes, dentre os quais alguns, desprovidos de equilíbrio mental, são capazes de distorcer causas e efeitos. Uma vez que eu mesmo tenho sido interno de um asilo de lunáticos, não posso deixar de notar que as tendências sofistas de alguns de seus internos acabam por tender a erros de non causa e ignoratio elenchi.

Arregalei os olhos diante desse novo desdobramento. Ali estava

meu lunático de estimação — o mais pronunciado de seu tipo que eu já encontrara — falando de filosofia elementar e com os modos de um cavalheiro educado. Pergunto-me se a presença da sra. Harker fez soar algum acorde em sua memória. Se esta nova fase foi espontânea, ou de alguma maneira devida à sua influência inconsciente, essa mulher deve ter algum dom ou poder raro.

Continuamos a conversar por algum tempo; e, vendo que ele parecia estar agindo muito razoavelmente, ela se aventurou, me lançando um olhar interrogativo enquanto começava, a entrar no assunto favorito dele. De novo fiquei aturdido, pois ele discorreu sobre a questão com a imparcialidade vista no mais são dos homens normais; até mesmo se usou como exemplo quando mencionou certas coisas.

— Ora, eu mesmo sou um exemplo de homem que tinha uma estranha crença. De fato, não admira que os meus amigos tenham se alarmado, e insistido em me pôr sob controle. Eu costumava imaginar que a vida era uma entidade positiva e perpétua, e que ao consumir uma variedade de seres vivos, não importasse quão inferiores na escala da criação, era possível prolongar a vida indefinidamente. Às vezes minha crença era tão fervorosa que eu de fato tentei tirar a vida de humanos. O doutor poderá confirmar que em certa ocasião tentei matá-lo com o fim de fortalecer minhas forças vitais, fazendo a assimilação corporal de sua vida por meio de seu sangue, tendo como base, é claro, uma frase das Escrituras: “Pois o sangue é a vida”. Mas é claro que o vendedor de determinada panaceia vulgarizou o truísmo a ponto de torná-lo desprezível. Não é verdade, doutor?



Eu assenti com a cabeça, pois estava tão desorientado que mal sabia o que pensar ou dizer: era difícil imaginar que eu o tinha visto engolir suas aranhas e moscas não fazia cinco minutos. Conferindo meu relógio, vi que tinha de ir à estação encontrar Van Helsing, de modo que disse à sra. Harker que era hora de ir. Ela saiu do quarto de imediato, após dizer prazenteiramente ao sr. Renfield:

— Adeus, e espero vê-lo mais vezes, em circunstâncias mais auspiciosas para o senhor.

Ao que, para meu aturdimento, ele respondeu:

— Adeus, minha cara. Rezo a Deus para que nunca mais volte a ver o seu lindo rosto novamente. Que Ele a abençoe e guarde!

Quando fui à estação encontrar Van Helsing, deixei os rapazes em casa. O pobre Art parecia mais alegre do que esteve desde que Lucy adoeceu, e Quincey está mais próximo de sua personalidade radiante do que em muito tempo.

Van Helsing desceu da carruagem com a ávida agilidade de um garoto. Ele me avistou de imediato, e correu até mim, dizendo:

— Ah, amigo John, como vai tudo? Bem? Mesmo? Estive ocupado, pois agora venho para ficar se preciso for. Todos os assuntos foram por mim resolvidos, e muito tenho a contar. Madame Mina está com você? Certo. E aquele marido tão bom dela? E Arthur e meu amigo Quincey, estão com você, também? Bom!

Enquanto seguia para casa, contei-lhe o que havia se passado, e como meu diário fora de alguma ajuda por meio da sra. Harker; ao que o professor me interrompeu:

— Ah, aquela maravilhosa madame Mina! Ela tem cérebro de homem, o cérebro que o homem devia ter se fosse bem-dotado, e coração de mulher. O bom Deus criou-a para algum propósito, acredite-me, quando Ele fez tão boa combinação. Amigo John, até agora a sorte fez essa mulher de ajuda para nós; depois desta noite ela não deve ter mais a ver com este caso tão terrível. Não é bom que ela corra tão grande risco. Nós homens estamos determinados (melhor, não estaríamos jurados?) a destruir esse monstro; mas não é papel para uma mulher. Mesmo que ela não seja ferida, seu coração pode traí-la em tamanhos e tantos horrores; e depois ela pode sofrer, tanto acordada, dos nervos, como dormindo, dos sonhos. E, além do mais, ela é uma mulher jovem e não faz muito que se casou; talvez haja outras coisas em que pensar em algum momento, se não agora. Você me diz que ela escreveu tudo, então precisa deliberar conosco; mas amanhã diz adeus a esse empreendimento, e nós seguimos sem ela.

Concordei plenamente com ele, e então lhe contei o que havíamos descoberto durante sua ausência: que a casa que Drácula comprara era bem aquela vizinha à minha. Ele ficou maravilhado, e uma grande preocupação pareceu dominá-lo.



— Ah, se tivéssemos sabido antes! — disse ele. — Pois então poderíamos tê-lo alcançado a tempo para salvar a pobre Lucy. No entanto, “não adianta chorar sobre leite derramado”, como dizem vocês. Não devemos pensar nisso, mas seguir nosso caminho até o fim.

Então ele recaiu num silêncio que durou até entrarmos por meu portão. Antes de irmos nos aprontar para o jantar, ele disse à sra. Harker:

— Ouvi, madame Mina, de meu amigo John que a senhora e o seu marido puseram na ordem exata tudo o que aconteceu, até este momento.

— Não até este momento, professor — disse ela impulsivamente —, mas até esta manhã.

— Mas por que não até agora? Temos visto como até os pequenos detalhes nos deram uma boa luz. Dividimos os nossos segredos, e contudo ninguém que contou está pior por tê-los dividido.

A sra. Harker começou a enrubescer e, tirando um papel do bolso, disse:

— Dr. Van Helsing, tenha a bondade de ler isso, e me diga se devo incluí-lo. É meu registro do dia de hoje. Também vi a necessidade de anotar tudo até o momento, por mais trivial que fosse; mas aqui há muito pouco, tirando o que é pessoal. É preciso incluí-lo?

O professor leu com expressão grave, e lhe devolveu, dizendo:

— Não precisa ser incluído se a senhora não desejar; mas rogo para que seja. Só fará seu marido amá-la mais, e todos nós, seus amigos, respeitá-la mais... bem como estimá-la e adorá-la.

Ela o pegou de volta com mais um rubor e um sorriso radiante.

De modo que agora, até esta hora exata, todos os registros que temos estão completos e ordenados. O professor levou uma cópia para estudar depois do jantar e antes de nosso encontro, que está marcado para as 21h. O resto de nós já lemos tudo; portanto, quando nos encontrarmos no gabinete, estaremos todos informados dos fatos, e poderemos providenciar nosso plano de batalha contra esse inimigo terrível e misterioso.

Diário de Mina Harker

30 de setembro — Quando nos encontramos no gabinete do dr. Seward duas horas depois do jantar, que tomamos às 18h, inconscientemente formamos uma espécie de conselho ou comitê. O prof. Van Helsing assumiu a cabeceira da mesa, à qual o dr. Seward o indicou ao entrar na sala. Ele fez-me sentar à sua direita, e pediu-me que atuasse como secretária; Jonathan sentou-se a meu lado. Defronte estavam lorde Godalming, o dr. Seward e o sr. Morris — estando lorde Godalming do lado do professor, e o dr. Seward no centro. O professor disse:

— Posso, suponho, deduzir que estamos todos familiarizados com os fatos que constam nestes papéis.

Todos expressamos nosso assentimento, e ele prosseguiu:

— Assim sendo, acho bom dizer algo a respeito do tipo de inimigo com que teremos de lidar. Vou tornar conhecido a vocês algo da história desse homem, que a mim me foi confirmada. Poderemos então discutir como agir, e tomar as providências devidas. Há seres chamados vampiros; alguns de nós temos indícios de que eles existem. Mesmo que não tivéssemos prova a partir de nossa própria e infeliz experiência, os ensinamentos e os registros do passado são prova suficiente para pessoas sensatas. Admito que a princípio fui cético. Não fosse pelos longos anos em que me treinei para manter a cabeça

aberta, não teria acreditado até que chegasse a hora em que esse fato trovejasse em meus ouvidos: “Veja! Veja! Sou prova; sou prova”. Ai de mim! Tivesse eu sabido logo no começo o que agora sei, ou melhor, tivesse eu suspeitado daquilo, uma vida tão preciosa teria sido poupada a muitos de nós que a amavam. Mas isso é passado; e então precisamos trabalhar para que outras pobres almas não pereçam, enquanto pudermos salvá-las. O nosferatu não é como a abelha que morre após uma única ferroadada. Ele só fica mais forte; e sendo mais forte, tem ainda mais poder para fazer o mal. Este vampiro que está entre nós é tão forte como vinte homens; é de astúcia mais do que mortal, pois sua astúcia é obra de eras; ele ainda dispõe dos auxílios da necromancia, que é, como sugere a etimologia, a adivinhação a partir dos mortos, e todos os mortos de que ele puder se aproximar obedecem ao comando seu; ele é brutal, e mais do que brutal; é de uma insensibilidade diabólica, e o coração dele inexistente; consegue, dentro de certos limites, surgir quando quer, e onde quer, e em qualquer uma das formas que pode; consegue, dentro do seu alcance, influenciar os elementos da natureza: a tempestade, a névoa, o trovão; consegue dar ordens a todos os seres inferiores: o rato, e a coruja, e o morcego, e a mariposa, e a raposa, e o lobo; consegue crescer e decrescer; e consegue às vezes sumir e continuar invisível. Por onde então iremos começar nosso ataque para destruí-lo? Como iremos encontrar seu paradeiro; e uma vez tendo-o encontrado, como poderemos destruí-lo? Meus amigos, é bastante coisa; é uma tarefa terrível que empreenderemos, e pode haver consequências que farão tremer os valentes. Pois se fracassarmos em nossa luta, ele seguramente vencerá; e então, qual será nosso fim? A vida é nada; para ela não ligo. Mas fracassar, neste caso, não representa apenas viver ou morrer. E sim que nós nos tornamos como ele; nós por consequência viramos vis criaturas da noite feito ele, sem coração ou consciência, perseguindo os corpos e as almas daqueles que mais amamos. Por toda a eternidade as portas do céu estarão fechadas para nós; pois quem tornará a abri-las para nós? Seguiremos para todo o sempre abominados por todos; uma mancha na face da luz de Deus; uma flecha no flanco Daquele que morreu pelos homens. Mas estamos cara a cara com o dever; e num caso como esse, devemos nos acovardar? Eu, por mim, digo não; mas sou velho, e a vida, com sua luz, seus belos lugares, seu canto dos pássaros, sua música e seus amores, estão muito no passado. Vocês outros são jovens. Alguns já conheceram sofrimentos; mas ainda há dias bons pela frente. Que me dizem vocês?

Enquanto ele falava, Jonathan segurou minha mão. Ah, como temi que a natureza assustadora de nossa adversidade estivesse dominando-o quando vi sua mão esticada; mas foi revitalizante sentir seu toque — tão forte, tão autoconfiante, tão resoluto. A mão de um homem valente fala por si; não precisa nem mesmo do amor de uma mulher para ouvir soar sua música.

Quando o professor terminou de falar, meu marido olhou-me nos olhos, e eu nos dele; entre nós não eram necessárias palavras.

— Respondo por Mina e por mim — disse ele.

— Conte comigo, professor — disse o sr. Quincey Morris, sucinto como sempre.

— Estou com o senhor — disse lorde Godalming —, em nome de Lucy, e por nenhuma outra razão.

O dr. Seward limitou-se a assentir com a cabeça. O professor levantou-se e, após colocar seu crucifixo de ouro sobre a mesa, estendeu a mão de ambos os lados. Tomei sua mão direita, e lorde Godalming a esquerda; Jonathan segurou a minha mão direita com a sua esquerda e estendeu-a ao sr. Morris. De modo que quando todos nos demos as mãos nosso pacto solene foi firmado. Eu sentia meu coração gelado, mas em nenhum momento me ocorreu recuar. Retomamos nossos lugares, e o dr. Van Helsing prosseguiu com uma espécie de animação que mostrava que o trabalho sério havia começado. Devia ser levado tão a sério, e de maneira tão profissional, quanto qualquer outra transação da vida:

— Bem, vocês sabem contra o que estamos; mas nós, também, temos as forças nossas. Temos do lado nosso o poder de nos combinar, algo negado aos da espécie dos vampiros; temos as fontes da ciência; somos livres para pensar e agir; e as horas do dia e da noite são igualmente nossas. Na verdade, até onde vão nossos poderes, eles são irrestritos, e somos livres para usá-los. Temos devoção à causa, e um fim a atingir que não é egoísta. É bastante coisa. Agora vejamos até onde os poderes em geral voltados contra nós são restritos, e como os individuais não são. In fine, consideremos as limitações dos vampiros em geral, e deste em especial. Tudo em que temos para nos apoiar são tradições e superstições. Estas a princípio não parecem bastar, quando a questão é de vida e morte; ou melhor, mais que de vida e morte. Mas precisamos nos contentar com isso; em primeiro lugar porque é preciso (nenhum outro meio está sob nosso controle) e em segundo porque, afinal de contas, essas coisas, a tradição e a superstição, são tudo. Por acaso a crença nos vampiros não tem base, aos olhos dos outros (embora não para os nossos, infelizmente), nelas? Um ano

atrás, quem de como nós teria acolhido essa possibilidade, em meio ao nosso científico, cético e prosaico século XIX? Chegamos mesmo a rir de uma crença que vimos se justificar bem diante dos olhos nossos. Assumamos, então, que o vampiro, e a crença em suas limitações e em sua cura, têm base no momento no mesmo fundamento. Pois, deixe-lhes dizer uma coisa, ele é conhecido onde quer que o homem já tenha pisado. Na Grécia Antiga, na Roma Antiga; ele floresceu em toda a Alemanha, na França, na Índia, até mesmo no Quersoneso; e na China, tão distante de nós de todas as maneiras, mesmo lá ele existe, e os povos o temem até os dias de agora. Ele seguiu os passos do berserker islandês, do tihoso huno, eslavo, saxão, magiar. Até aqui, então, temos tudo em que podemos nos apoiar; e deixe-lhes dizer que grande parte das crenças é justificada por aquilo que vimos em nossa tão infeliz experiência. O vampiro é capaz de seguir vivendo, e não pode morrer com a mera passagem do tempo; ele é capaz de florescer quando consegue se engordar com o sangue dos vivos. Mais ainda, vimos entre nós que ele é capaz até mesmo de rejuvenescer; que suas faculdades vitais ganham vigor, e é como se elas se renovassem quando seu manjar especial é abundante. Mas ele não pode florescer sem a dieta sua; a alimentação sua não é como a dos outros. Até mesmo o amigo Jonathan, que viveu com ele durante semanas, jamais o viu comendo, jamais! Ele não produz sombra; não faz no espelho nenhum reflexo, como de novo observa Jonathan. Tem nas mãos a força de muitos, testemunha novamente Jonathan quando ele fecha a porta contra os lobos, e também quando ele o ajuda a descer da diligência. Ele é capaz de transformar-se em lobo, como podemos deduzir a partir da chegada do navio a Whitby, quando ele rasga o ventre do cão; ele pode ser qual morcego, como madame Mina o viu na janela em Whitby, e como o amigo John o viu sair voando da casa tão próxima, e como meu amigo Quincey o viu na janela da srta. Lucy. Ele pode surgir em meio à nevoa que ele mesmo cria; aquele nobre capitão de navio pôde prová-lo; mas, pelo que sabemos, a distância que essa névoa cobre é limitada, e somente o circunda. Ele surge nos raios do luar como poeira elemental, como de novo Jonathan viu aquelas irmãs no castelo de Drácula. Ele se torna tão pequeno, nós mesmos vimos a srta. Lucy, antes de ela encontrar a paz, deslizar por um espaço ínfimo na porta da tumba. Ele consegue, assim que encontra maneira, sair de ou entrar em qualquer objeto, não importa quanto esteja preso ou até mesmo fundido com fogo... “soldado”, como vocês dizem. Ele consegue ver no escuro, poder nem um pouco pequeno, num mundo que é metade vedado à luz. Ah, mas ouçam-me

ainda. Ele consegue fazer todas essas coisas, mas não é livre. De modo algum; é ainda mais prisioneiro do que um escravo nas galés, que um louco na cela sua. Ele não pode ir aonde lhe apetece; ele, que não vem da natureza, tem contudo que obedecer a algumas de suas leis; o motivo, não sabemos. Ele não consegue entrar em qualquer lugar logo de pronto, a não ser que haja alguém na casa que o convide a entrar; embora depois ele entre como desejar. Seu poder cessa, assim como o de todas as coisas malignas, com a chegada do dia. Somente em certos momentos ele é capaz de liberdade limitada. Se ele não estiver no lugar ao qual está ligado, pode apenas se transformar ao meio-dia ou exatamente no nascer ou no pôr do sol. Isso é o que nos contam, e neste nosso registro temos provas por inferência. Portanto, embora possa agir como quiser dentro de seus limites quando se acha em seu lar terroso, em seu lar sepulcral, em seu lar infernal, aquele lugar profano, como vimos quando ele foi para a cova do suicida em Whitby, em outros momentos pode apenas transformar-se quando chega a hora exata. Dizem, também, que apenas pode atravessar as águas na maré baixa ou na maré alta. Há ainda coisas que o atormentam tanto que diante delas não tem poder, como o alho, que já conhecemos; e para as coisas sagradas, como este símbolo, meu crucifixo, que está entre nós agora que deliberamos, ele nada representa, e na presença deles põe-se à distância e se cala em respeito. Há outras, também, sobre as quais vou contar, para caso venhamos a precisar delas na missão nossa. Um ramo de rosa selvagem em seu caixão o impede que dele saia; um disparo de bala consagrada contra o seu caixão mata-o bem matado; a estaca cravada em seu corpo, já sabemos a paz que concede; e a cabeça cortada, o repouso que traz. Vimos com os olhos nossos. Então, quando encontrarmos a morada deste não mais homem, poderemos confiná-lo ao seu caixão e destruí-lo, se obedecermos àquilo que sabemos. Mas ele é inteligente. Pedi ao meu amigo Arminius, da Universidade de Buda-Peste, que fizesse um levantamento; e, a partir de todos os meios que há, ele me contou tudo que houve. Ele deve, de fato, ter sido aquele voivode²⁶ Drácula que ganhou renome na luta contra os turcos, cruzando o grande rio na fronteira da Turquia. Se for verdade, então não se trata de um homem comum; pois naquele tempo, e nos séculos seguintes, ele foi considerado um dos mais inteligentes e astuciosos, bem como um dos mais valentes dos filhos da “terra que transpõe a selva”. Aquele cérebro possante e aquela resolução férrea foram com ele para a cova, e estão agora mesmo voltados contra nós. Os Drácula eram, diz Arminius, uma raça grandiosa e nobre, embora

mais de uma vez tenha havido descendentes acusados de ter parte com o Maligno por seus contemporâneos. Eles aprendiam seus segredos na Scholomance²⁷, em meio às montanhas sobre o rio Hermanstadt, onde o Maligno cobra de dízimo o sacrifício de um estudante. Nos registros há palavras tais como “stregoica” (bruxa); “Ordog” e “pokol” (Satã e inferno); e em um manuscrito esse mesmo Drácula é referido como “wampyr”, palavra essa que nós entendemos muito bem. Do ventre da linhagem sua têm saído grandes homens e boas mulheres, e as covas suas consagram a terra onde somente a vileza tem vez. Pois não é o menor de seus terrores que essa coisa maligna esteja profundamente arraigada em tudo que é bom; num solo árido de memórias sagradas, não pode descansar.

Enquanto conversavam, o sr. Morris permanecera olhando sem parar para a janela, e agora se levantara calmamente e saíra da sala. Houve uma pequena pausa, e então o professor prosseguiu:

— E agora devemos decidir o que fazer. Temos aqui muitos dados, e devemos delinear nossa campanha. Sabemos pela investigação de Jonathan que do castelo para Whitby foram trazidas cinquenta caixas de terra, todas entregues em Carfax; sabemos também que pelo menos algumas dessas caixas foram removidas de lugar. A mim me parece que nosso primeiro passo deveria ser confirmar se todas as demais permanecem na casa atrás daquele muro para o qual olhamos hoje; ou ver se mais alguma foi removida. Neste último caso, precisamos rastrear...

Aqui fomos interrompidos de uma maneira muito surpreendente. De fora da casa veio o estampido de um tiro de pistola; a vidraça da janela se partiu com uma bala, que, ricocheteando no topo da esquadria, atingiu a outra extremidade da sala. Temo que no fundo eu seja uma covarde, pois deixei escapar um grito. Os homens puseram-se de pé num salto; lorde Godalming voou para a janela e escancarou a folha. Ao fazê-lo, ouvimos a voz do sr. Morris lá fora:

— Perdão! Receio ter alarmado vocês. Vou entrar para lhes explicar.

Um minuto depois ele estava de volta e disse:

— Foi uma coisa idiota de minha parte, e peço seu perdão, sra. Harker, com toda a sinceridade; receio tê-la assustado terrivelmente. Mas o fato é que, enquanto o professor falava, apareceu um enorme morcego e pousou no caixilho da janela. Desenvolvi um pavor tão grande desses malditos por causa dos últimos acontecimentos que não consigo suportá-los, e saí para dar-lhe um tiro, como tenho feito tarde da noite, sempre que avisto um. Você costumava rir de mim por isso,

Art.

— Acertou? — perguntou o dr. Van Helsing.

— Não sei; imagino que não, pois saiu voando para o bosque.

Sem dizer mais ele tomou seu lugar, e o professor começou a retomar sua declaração:

— Devemos rastrear cada uma dessas caixas; e quando estivermos prontos, devemos ou capturar ou matar esse monstro em seu covil; ou devemos, por assim dizer, esterilizar a terra, para que ele não mais procure abrigo nela. Portanto, no fim, talvez possamos encontrá-lo em sua forma humana no período entre o meio-dia e o pôr do sol, e assim lutar com ele quando estiver em sua maior desvantagem. E quanto à senhora, madame Mina, esta noite marca o fim de sua participação, até que tudo fique bem. A senhora é preciosa demais para nós para correr tanto risco. Quando partirmos esta noite, não mais deve nos questionar. Diremos tudo à senhora na boa hora. Somos homens, e temos capacidade de aguentar; mas a senhora precisa ser nossa estrela-guia e nossa esperança, e agiremos com mais liberdade sabendo que não corre perigo, ao contrário de nós.

Todos os homens, até mesmo Jonathan, pareceram aliviados; mas não me pareceu certo que eles fossem enfrentar o perigo e, talvez, diminuir sua segurança — sendo a força a melhor segurança — só porque zelavam por mim; mas eles já estavam com a decisão tomada, e, embora me fosse uma pílula difícil de engolir, não pude dizer nada, exceto aceitar seu cavalheiresco cuidado.

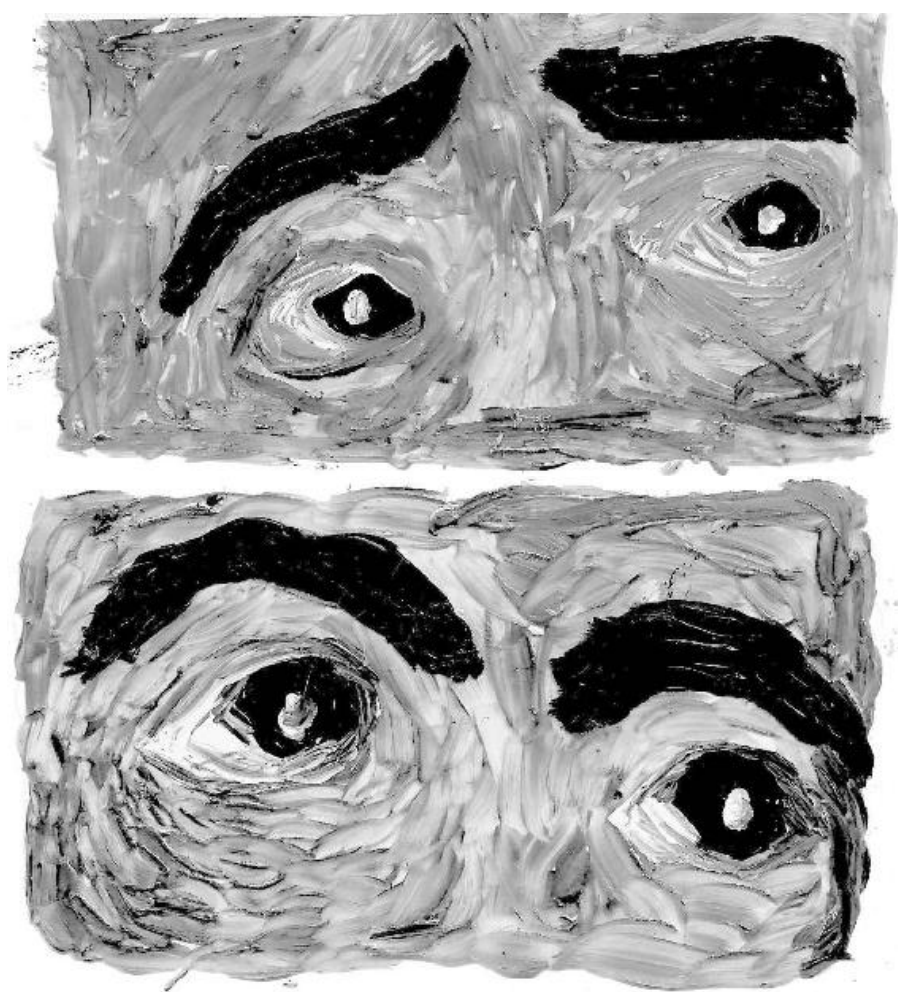
O sr. Morris retomou a discussão:

— Como não há tempo a perder, voto para darmos uma olhada nessa casa dele imediatamente. Contra ele, o tempo é tudo; e uma ação rápida de nossa parte pode salvar mais uma vítima.

Confesso que meu coração começou a me trair quando a hora da ação estava tão próxima, mas eu não disse nada, pois meu medo maior era de que, caso eu aparentasse ser um estorvo ou um impedimento ao trabalho, eles acabassem me deixando de fora até mesmo do conselho. Eles então partiram para Carfax, com o objetivo de entrar na casa.

À maneira dos homens, eles me disseram para ir para a cama; como se uma mulher fosse capaz de dormir quando aqueles que ama correm perigo! Deitarei e fingirei dormir, para que Jonathan não se aflija ainda mais por minha causa quando voltar.





Diário do dr. Seward

1º de outubro, 4h — Justo quando estávamos prestes a deixar a casa, chegou-me uma mensagem urgente de Renfield pedindo que fosse vê-lo de imediato, uma vez que ele tinha algo da maior importância a me dizer. Eu disse ao mensageiro que eu atenderia os desejos de Renfield pela manhã; no momento eu estava ocupado. O assistente acrescentou:

— Ele parece muito insistente, senhor. Nunca o vi tão impaciente. Não sei não, mas, se o senhor não for visitá-lo logo, ele terá um de seus acessos violentos.

Eu sabia que o homem não teria dito isso sem motivo, portanto eu falei:

— Está bem; irei agora.

E pedi aos outros que me aguardassem por alguns minutos, pois eu tinha de ver meu “paciente”.

— Leve-me com você, amigo John — disse o professor. — O caso dele no seu diário me interessa muito, e várias vezes foi de importância, também, para o caso nosso. Eu gostaria muito de vê-lo, e especialmente quando sua mente está perturbada.

— Posso ir também? — perguntou lorde Godalming.

— E eu? — disse Quincey Morris.

— Eu também? — disse Harker.

Assenti, e fomos todos juntos pelo corredor.

Encontramos o homem num estado de considerável excitação, mas muito mais racional em sua fala e seus modos do que eu jamais o vira. Havia nele um incomum entendimento de si, diferente de qualquer coisa que já vira num lunático; e tomava por certo que suas razões prevaleceriam sobre outros inteiramente sãos. Todos os cinco entramos em seu quarto, mas nenhum a princípio disse qualquer coisa. Sua solicitação era a de que eu o dispensasse de imediato do asilo e o mandasse para casa. Como justificativa ele fornecia argumentos relativos à sua completa recuperação, e alegava a própria sanidade.

— Faço um apelo aos seus amigos — disse ele —, eles talvez não se importem de participar do julgamento do meu caso. A propósito, o senhor não me apresentou.

Fiquei tão aturdido que a estranheza de apresentar um louco num asilo não me ocorreu no momento; e, além do mais, havia certa dignidade nos modos do homem, tamanha igualdade de tratamento, que de pronto fiz a apresentação:

— Lorde Godalming; prof. Van Helsing; sr. Quincey Morris, do Texas; sr. Renfield.

Ele apertou as mãos de cada um deles, dizendo por sua vez:

— Lorde Godalming, tive a honra de indicar seu pai ao clube Windham; sinto muito em saber que ele não está mais entre nós, a julgar pelo seu título. Era um homem amado e respeitado por todos que o conheciam; e em sua juventude, conforme ouvi, foi o inventor de um ponche de rum flambado, muito prestigiado nas noites de Derby. Sr. Morris, deveria ter orgulho de seu grande estado. Sua aceitação na União abriu um precedente que pode ter efeitos duradouros mais tarde, quando o Polo e os Trópicos vierem a se aliar com as Estrelas e as Listras. A força do Tratado ainda pode se mostrar um vasto motor de ampliação, quando a Doutrina Monroe assumir seu verdadeiro lugar como uma fábula política. O que um homem poderia

dizer sobre o prazer de conhecer Van Helsing? Senhor, não lhe peço desculpas por abandonar toda forma de prefixo de tratamento convencional. Quando um indivíduo revoluciona a terapêutica ao descobrir a contínua evolução da massa cerebral, as formas convencionais se tornam inadequadas, uma vez que pareceriam limitá-lo a um de sua classe. Aos senhores cavalheiros, que por nacionalidade, hereditariedade ou pela posse de dons naturais estão aptos a manter seus respectivos lugares no mundo em transformação, peço que testemunhem que sou tão são como a maioria dos homens que gozam de plena posse de suas liberdades. E estou certo de que o senhor, dr. Seward, um humanista e médico-jurista bem como um cientista, há de considerar um dever moral tratar-me como alguém que vive sob circunstâncias excepcionais.

Este último apelo ele fez com um ar cortês de convicção que não era de todo desprovido de charme.

Creio que todos ficamos estupefatos. De minha parte, fiquei convencido de que, apesar de meu conhecimento do caráter e do histórico do homem, sua razão fora restaurada; e senti um forte impulso de dizer a ele que eu estava satisfeito quanto a sua sanidade, e cumpriria as formalidades necessárias para sua dispensa na manhã seguinte. Achei melhor esperar, no entanto, antes de fazer uma declaração tão grave, pois há muito eu conhecia as súbitas mudanças a que esse paciente específico estava sujeito. De modo que me contentei em fazer uma declaração genérica de que ele parecia estar melhorando muito rapidamente, de que eu teria uma conversa mais longa com ele de manhã, e então veria o que poderia fazer no sentido de atender aos seus desejos. Isso não o satisfiz em absoluto, pois depressa ele disse:

— Mas temo, dr. Seward, que o senhor não tenha compreendido a minha vontade. Desejo partir de imediato. Aqui. Agora. Neste minuto. Neste mesmo instante, se puder. O tempo urge, e, em nosso acordo implícito com a velha Ceifadora, é a essência do contrato. Estou certo de que basta pôr diante de um médico tão admirável um desejo tão simples, embora tão importante, para garantir que seja atendido.

Ele olhou para mim sofregamente, e ao ver a recusa em meu rosto, voltou-se para os outros, e escrutinou-os detidamente. Não recebendo resposta suficiente, ele prosseguiu:

— Será possível que eu tenha me equivocado em minha suposição?

— O senhor se equivocou, sim — falei com franqueza, mas ao mesmo tempo, pude perceber, com brutalidade.

Fez-se uma pausa considerável, e ele disse lentamente:

— Então suponho que deva apenas mudar o fundamento de minha solicitação. Deixe-me solicitar esta concessão... favor, privilégio, como quiser. Disponho-me nesse caso a implorar, não com base em motivos pessoais, mas pelo bem de outros. Não tenho a liberdade de lhe revelar a totalidade de minhas razões; mas o senhor pode estar certo de que são boas, sólidas e altruístas, e brotam do mais alto senso de dever. Se o senhor pudesse enxergar dentro de meu coração, aprovaria totalmente os sentimentos que me movem. Mais do que isso, o senhor me contaria entre os melhores e mais autênticos de seus amigos.

De novo ele olhou para nós sofregamente. Eu tinha a convicção crescente de que esta súbita mudança de toda a sua moldura intelectual não passava de mais uma forma ou fase de sua loucura, e portanto resolvi deixá-lo prosseguir mais um pouco, sabendo pela experiência que ele acabaria se entregando no fim, como todo lunático. Van Helsing permanecia fitando-o com enorme intensidade, as bastas sobranceiras quase se unindo com a pétrea concentração de seu olhar. Ele disse a Renfield num tom que no momento não me surpreendeu, mas somente depois quando pensei naquilo — pois era o tom de alguém que se dirige a um igual:

— Não pode dizer com franqueza a verdadeira razão de seu desejo de ser libertado esta noite? Posso assegurar que, se o senhor satisfizer até mesmo a mim, um estrangeiro, sem preconceitos e habituado a ter uma cabeça aberta, o dr. Seward irá lhe conceder, a seu próprio risco e a sua própria responsabilidade, o privilégio que o senhor deseja.

Ele balançou a cabeça tristemente, e com uma expressão de pungente arrependimento no rosto. O professor prosseguiu:

— Vamos, senhor, pense. O senhor reivindica estar com o privilégio da razão no mais alto grau, já que procura nos impressionar com a sua completa racionalidade. O senhor faz isso, o senhor, de cuja sanidade temos motivos para duvidar, já que não está ainda liberado do tratamento médico dessa mesma deficiência. Se não nos ajudar em nosso esforço para escolher o caminho mais sábio, como podemos cumprir o dever que o senhor mesmo impôs sobre nós? Seja sábio, e ajude; e se pudermos o ajudaremos a realizar o desejo seu.

Ele ainda balançava a cabeça ao dizer:

— Dr. Van Helsing, nada tenho a dizer. Seu argumento é perfeito e, se eu fosse livre para falar, não hesitaria nem por um instante; mas não sou meu próprio mestre nesse assunto. Só posso lhes pedir que confiem em mim. Se essa confiança me for negada, a responsabilidade não será minha.

Achei que aquela era hora de encerrar essa cena, que estava se

tornando comicamente grave, de modo que fui na direção da porta, dizendo apenas:

— Venham, amigos, temos trabalho a fazer. Boa noite.

Conforme eu me aproximava da porta, no entanto, uma nova mudança se operou no paciente. Ele seguiu em minha direção com tanta rapidez que, no momento, temi que estivesse prestes a mais um ataque homicida. Meus receios, no entanto, eram infundados, pois ele ergueu as duas mãos em súplica, e fez seu pedido de uma maneira comovente. Quando viu que o excesso de emoção depunha contra ele, uma vez que recuperava algo de nossas antigas relações, ele se tornou ainda mais expansivo. Olhei de relance para Van Helsing, e vi minha convicção refletida em seus olhos; de modo que fiquei um pouco mais rígido, se não mais severo, e sinalizei para o paciente que seus esforços eram inúteis. Anteriormente eu tinha visto algo da mesma excitação em constante crescimento quando ele tivera de fazer algum pedido sobre o qual na época ele havia pensado muito, como, por exemplo, quando ele queria um gato; eu estava preparado para vê-lo colapsar no mesmo assentimento taciturno nesta ocasião. Minha expectativa não se cumpriu, pois, quando ele descobriu que seu apelo não teria sucesso, entrou em um estado bastante frenético. Atirou-se de joelhos, e ergueu as mãos, apertando-as num lamurioso apelo, e fez despejar uma torrente de súplicas, com as lágrimas rolando e todo o seu rosto expressando a mais profunda emoção:

— Permita-me rogar-lhe, dr. Seward, ah, permita-me implorar-lhe que me deixe sair desta casa imediatamente. Mande-me embora da forma como desejar e para onde desejar; mande guardas com chicotes e correntes junto comigo; deixe que me levem na camisa de força, com as mãos e os pés atados, nem que seja para uma prisão; mas deixe-me sair daqui. O senhor não sabe o que está fazendo ao me manter aqui. Falo das profundezas do meu coração, do meu próprio âmago. O senhor não sabe quem está prejudicando, ou como; e não posso lhe dizer. Ai de mim! Não posso dizer. Por tudo que lhe é sagrado, por tudo que lhe é caro, pelo seu amor que se perdeu, pela sua esperança que vive, em nome do Todo-Poderoso, tire-me daqui e salve a minha alma da culpa! Não está me ouvindo, homem? Não me compreende? Nunca irá aprender? Não sabe que agora sou são e sincero; que não sou um lunático num acesso de loucura, mas um homem são lutando por sua alma? Ah, escute-me! Escute-me! Deixe-me ir! Deixe-me ir! Deixe-me ir!

Pensei que quanto mais isso durasse, mais enlouquecido ele ficaria, e portanto irromperia num surto; de modo que o segurei pela mão e o

pus de pé.

— Vamos — disse severamente —, chega disso; já tivemos o bastante. Vá para a cama e tente se comportar com mais discrição.

Ele parou de súbito e olhou para mim atentamente por alguns segundos. Então, sem dizer palavra, se levantou e, após caminhar, sentou-se na beira da cama. Era o colapso chegando, como em ocasiões anteriores, tal como eu esperava.

Quando eu estava saindo do quarto, o último da fila, ele me disse numa voz calma e bem-educada:

— Espero que o senhor me faça a justiça de manter na lembrança, mais tarde, que eu fiz o que pude para convencê-lo esta noite, dr. Seward.

²⁶ Título eslavo usado para soberanos locais na Idade Média.

²⁷ Folclórica escola de necromancia, supostamente dirigida pelo próprio Diabo.



CAPÍTULO 19

Diário de Jonathan Harker

1º de outubro, 5h — Saí com o grupo em nossa busca com a mente leve, pois acho que nunca vi Mina tão definitivamente forte e bem. Estou muito feliz por ela ter consentido em ficar e deixar que nós homens façamos o trabalho. De certa forma, apavorava-me pensar que ela sequer estivesse em meio a esse temeroso empreendimento; mas agora que a tarefa dela acabou, e que é graças à energia, à inteligência e à providência dela que a história toda foi ordenada de tal maneira que cada detalhe importa, ela pode muito bem sentir que sua participação terminou, e que de agora em diante pode deixar o resto

por nossa conta. Ficamos todos, penso eu, um pouco perturbados com a cena do sr. Renfield. Ao sair de seu quarto, permanecemos em silêncio até voltar ao gabinete. Então o sr. Morris disse ao dr. Seward:

— Ouça, Jack, se aquele homem não estava blefando, deve ser o lunático mais são que já vi. Não tenho certeza, mas acredito que ele tinha algum propósito sério e, se for verdade, foi-lhe um duro golpe perder sua chance.

Lorde Godalming e eu ficamos calados, mas o dr. Van Helsing acrescentou:

— Amigo John, você conhece mais dos lunáticos do que eu, e sou grato por isso, pois receio que, fosse minha a decisão, eu o teria liberado antes daquele ataque de histeria final. Mas nós vivemos e aprendemos, e em nossa atual tarefa não devemos nos arriscar, como diria o amigo Quincey. Tudo aconteceu da melhor forma.

O dr. Seward pareceu responder a ambos de uma maneira algo sonhadora:

— Só sei que concordo com os senhores. Se aquele homem fosse um lunático comum, eu teria me arriscado a confiar nele; mas ele parece tão ligado ao conde e de uma maneira tão indicativa que tenho medo de fazer algum mal ajudando suas afetações. Não posso me esquecer de como ele implorou por um gato com quase igual fervor, e em seguida tentou rasgar minha garganta com os dentes. Além do mais, ele denominou o conde de “senhor e mestre”, e talvez queira sair para ajudá-lo de alguma maneira diabólica. Aquela coisa terrível tem os lobos e os ratos e os de sua própria laia para ajudá-lo, então suponho que não esteja muito longe de tentar usar um lunático respeitável. Renfield sem dúvida pareceu sincero, contudo. Somente espero que tenhamos feito o melhor. Essas coisas, em conjunto com a tarefa desvairada que temos em mãos, são de tirar qualquer um do sério.

O professor deu um passo à frente e, pousando a mão no ombro dele, disse a seu modo grave e gentil:

— Amigo John, não tenha medo. Estamos tentando cumprir nosso dever em um caso muito triste e terrível; podemos apenas agir segundo o que acreditamos ser o melhor. Que mais podemos esperar senão a misericórdia do bom Deus?

Lorde Godalming tinha escapulado por alguns minutos, mas agora retornara. Mostrou-nos um pequeno apito de prata, enquanto observava:

— Aquele lugar pode estar cheio de ratos e, se estiver, tenho um antídoto à mão.

Tendo transposto o muro, seguimos para a casa, tomando o cuidado de nos manter às sombras das árvores na grama quando o luar brilhou. Quando chegamos ao alpendre, o professor abriu sua mala e tirou um monte de coisas, que pôs no degrau, separando-as em quatro pequenos grupos, evidentemente um para cada um de nós. Então ele falou:

— Meus amigos, estamos indo para um terrível perigo, e precisamos de todo tipo de arma. Nosso inimigo não é apenas espiritual. Lembrem-se de que ele tem a força de vinte homens, e que, embora nosso pescoço e nossa traqueia sejam de tipo comum, e portanto quebrável ou rasgável, os dele não se sujeitam à mera força. Um homem mais forte, ou um grupo de homens em tudo mais fortes que ele, pode às vezes segurá-lo; mas não pode machucá-lo tal como nós podemos ser feridos por ele. Devemos, então, nos proteger de seu toque. Mantenham isto próximo ao coração. — Enquanto falava, levantou um pequeno crucifixo de prata e estendeu-o a mim, que estava mais perto dele. — Ponham estas flores ao redor do pescoço. — Aqui ele me entregou uma grinalda de flores de alho murchas. — Para outros inimigos mais mundanos, este revólver e esta faca; e para a ajuda em geral, estas pequeníssimas lanternas elétricas, que podem prender no peito; e por fim, para qualquer circunstância e acima de tudo, isto, que não devemos profanar sem necessidade. — Tratava-se de um pedaço da Hóstia Sagrada, que ele pôs num envelope e me entregou. Cada um dos outros estava igualmente equipado. — Agora — disse ele —, amigo John, onde estão as chaves mestras? Se a porta for possível abrir, não precisaremos invadir a casa pela janela, como fizemos antes na da srta. Lucy.

O dr. Seward experimentou uma ou duas chaves mestras, com sua destreza mecânica de cirurgião sendo-lhe de boa ajuda. Logo ele fez uma funcionar; após cutucar e puxar um pouco, o ferrolho cedeu, e, com um soar enferrujado, se abriu. Empurramos a porta, as dobradiças enferrujadas rangeram, e ela devagar se abriu. Foi surpreendentemente parecido com a imagem que o diário do dr. Seward pintava da abertura do túmulo da srta. Westenra; imagino que a mesma ideia deva ter ocorrido aos outros, pois de comum acordo eles recuaram. O professor foi o primeiro a avançar, e passou pela porta aberta.

— In manus tuas, Domine! — disse ele, benzendo-se ao cruzar a soleira.

Fechamos a porta atrás de nós, para que caso precisássemos acender nossas lanternas não chamássemos atenção da rua. O

professor cautelosamente destrancou a fechadura, para que conseguíssemos abri-la por dentro se tivéssemos que sair correndo às pressas. Então acendemos todas as nossas lanternas e procedemos à nossa busca.

A luz das pequenas lanternas incidia em toda espécie de formatos estranhos, uma vez que os fachos se cruzavam ou a opacidade de nossos corpos projetava grandes sombras. Eu não conseguia de jeito nenhum afastar a sensação de que havia mais alguém entre nós. Suponho que era por causa da recordação, tão poderosamente desencadeada pelo sombrio entorno, daquela terrível experiência na Transilvânia. Creio que a sensação era comum a todos nós, pois notei que os outros ficavam olhando por sobre os ombros a cada novo som e a cada nova sombra que surgia, assim como eu mesmo sentia estar fazendo.

O lugar estava coberto de pó por toda parte. O chão aparentava ter centímetros de profundidade, exceto onde havia pegadas recentes, nas quais, aproximando a minha lamparina, pude ver marcas de travas de botas onde o pó fora pisado. As paredes estavam macias e carregadas de pó, e nos cantos havia massas de teias de aranha, às quais o pó havia se juntado a ponto de parecerem velhos trapos puídos, uma vez que o peso as havia rasgado em partes. Sobre uma mesa no vestíbulo havia um grande molho de chaves, cada uma com uma etiqueta amarelecida pelo tempo. Tinham sido usadas várias vezes, pois na mesa havia diversas marcas similares na camada de pó, parecidas com aquelas que foram expostas quando o professor as ergueu. Ele virou-se para mim e disse:

— Você conhece este lugar, Jonathan. Copiou plantas dele, e ao menos o conhece melhor do que nós. Qual caminho leva à capela?

Eu tinha uma ideia da direção, embora em minha visita anterior não tivesse conseguido entrar nela, de modo que liderei a busca, e após algumas guinadas erradas vi-me em frente a uma porta de carvalho baixa, em arco, com faixas de ferro.

— É aqui — disse o professor conforme iluminava uma pequena planta da casa, copiada do arquivo de minha correspondência original relativa à aquisição.

Com alguma dificuldade encontramos a chave no molho e abrimos a porta. Estávamos preparados para algum desgosto, pois enquanto abríamos a porta um ar dissipado e malcheiroso parecia vazar por entre as frestas, mas nenhum de nós jamais teria esperado um odor tal como o que encontramos. Nenhum dos outros havia estado em proximidade imediata do conde, e nas ocasiões em que o vi, ele estava

ou no período de jejum de sua existência, em seus aposentos, ou, quando se achava empanturrado de sangue fresco, numa construção em ruínas aberta à passagem de ar; mas aquele lugar era pequeno e fechado, e o longo desuso tornara o ar estagnado e fétido. Havia um cheiro terroso, como se de algum miasma seco, que era carregado junto com o ar mais viciado. Quanto ao odor em si, como descrevê-lo? Não só era composto de todas as moléstias da mortalidade e do cheiro pungente e acre do sangue, mas parecia que a decomposição fora ela mesma decomposta. Arre! Enoja-me simplesmente pensar nisso. Cada exalação daquele monstro parecia ter se impregnado no lugar e intensificado sua repugnância.

Em circunstâncias normais, tal fedor teria significado o fim de nossa empreitada; mas não se tratava de um caso qualquer, e o altivo e terrível propósito que nos movia nos dava uma força que sobressaía em meio a meras considerações de natureza física. Após o estremecimento involuntário causado pela primeira lufada nauseabunda, todos nós nos pusemos ao trabalho como se aquele lugar repugnante fosse um jardim de rosas.

Fizemos um exame cuidadoso do local, com o professor dizendo ao começarmos:

— Primeiro vemos quantas caixas restam; devemos então examinar cada buraco, canto e fresta para ver se não conseguimos alguma pista do que foi feito das demais.

Um olhar de relance foi suficiente para mostrar quantas restavam, pois os grandes caixotes de terra eram volumosos, e não havia como confundi-los.

Havia somente vinte e nove das cinquenta! Em dado momento levei um susto, pois, vendo lorde Godalming subitamente se virar e olhar da porta em arco para o corredor escuro atrás dela, eu olhei também, e por um instante meu coração parou. Em algum lugar, espreitando das sombras, pensei ter visto as particularidades do rosto maligno do conde, a protuberância do nariz, os olhos vermelhos, os lábios vermelhos, a palidez atroz. Durou apenas um momento, pois quando lorde Godalming disse:

— Pensei ter visto um rosto, mas foram somente as sombras.

E retomou sua investigação, eu virei minha lanterna naquela direção, e entrei no corredor. Não havia sinal de quem quer que fosse; e uma vez que não havia cantos, portas, nenhum tipo de abertura, mas apenas as paredes sólidas do corredor, não poderia haver esconderijo nenhum, nem mesmo para ele. Deduzi que o medo havia ajudado a imaginação, e nada falei.

Alguns minutos depois vi Morris afastar-se repentinamente de um canto que ele estava examinando. Todos seguimos os seus movimentos com os olhos, pois sem dúvida algum nervosismo crescia entre nós, e vimos uma grande massa de fosforescências, que cintilavam como estrelas. Instintivamente recuamos. Todo o lugar avivou-se com a presença de ratos.

Por alguns momentos permanecemos desconcertados, todos exceto lorde Godalming, que aparentemente estava preparado para uma emergência como essa. Correndo até a grande porta de carvalho e ferro, a qual o dr. Seward descrevera do lado de fora e que eu mesmo vira, ele girou a chave na fechadura, destrancou os imensos ferrolhos e escancarou a porta. Então, tirando seu pequeno apito de prata do bolso, soprou baixo, com estridência. O chamado foi respondido pelos cães que ganiam atrás da casa do dr. Seward, e cerca de um minuto depois três terriers apareceram, contornando a casa em disparada. Inconscientemente, todos havíamos nos encaminhado para a porta, e ao fazê-lo notei que o pó ali estava muito bagunçado: as caixas removidas foram levadas por aquele caminho. Mas mesmo no minuto que tinha transcorrido, o número de ratos aumentara drasticamente. Eles pareciam ter afluído todos de uma vez ao lugar, a ponto de a luz das lanternas, iluminando seus corpos escuros em movimento e seus olhos cintilantes e perniciosos, fazer o lugar parecer um banco de terra cheio de vaga-lumes. Os cães continuaram correndo, mas na soleira de súbito pararam e rosnaram, e então, erguendo o focinho ao mesmo tempo, começaram a uivar de modo muito lúgubre. Os ratos se multiplicavam aos milhares, e nós saímos de lá.

Lorde Godalming levantou um dos cães e, pondo-o para dentro, deixou-o no chão. No instante em que suas patas tocaram o solo, o animal pareceu recuperar sua coragem, e correu atrás de seus inimigos naturais. Estes fugiram com tamanha velocidade que, antes que ele pudesse tirar a vida de muitos, os outros cães, que a essa altura haviam sido trazidos para dentro da mesma maneira, tiveram de se contentar com poucas presas até que a massa de ratos desaparecesse.

Com o sumiço dessa massa, parecia que alguma presença maligna havia partido, pois os cães brincavam e latiam alegremente ao fazer súbitas investidas contra seus inimigos prostrados, e os viravam e reviravam e os atiravam para o ar com violentas sacudidas. Todos nós vimos nosso ânimo melhorar. Se foi a purificação da atmosfera letal pela abertura da porta da capela, se foi o alívio que experimentamos quando ficamos ao ar fresco, eu não sei; mas com toda a certeza a sombra do pânico pareceu escorregar de nós feito um roupão, e a

ocasião de nossa vinda perdeu algo de sua grave importância, embora não tivéssemos relaxado nem um pouco a nossa resolução. Fechamos a porta de fora e a barricamos e trancamos, e, levando os cães conosco, demos início à nossa busca na casa. Não encontramos nada além de pó em proporções extraordinárias, e todo ele intocado exceto por minhas próprias pegadas de quando fiz minha primeira visita. Nem uma só vez os cães exibiram qualquer sintoma de inquietação, e mesmo ao regressarmos à capela eles ficaram brincando como se estivessem à caça de coelhos num bosque veranil.

A manhã estava surgindo no leste quando saíamos pela porta da frente. O dr. Van Helsing havia retirado do molho a chave da porta do vestíbulo e trancado a porta à maneira ortodoxa, pondo a chave no bolso depois de fazê-lo.

— Até agora — disse ele —, a noite tem sido um grande sucesso. Nenhum mal nos aconteceu tal como eu temia que ocorresse, e mesmo assim verificamos quantas caixas estão faltando. Acima de tudo, fico extasiado ao saber que este nosso primeiro (e talvez o mais difícil e perigoso) passo foi realizado sem a presença de nossa tão querida madame Mina ou sem perturbar seus pensamentos despertados ou acordados com visões e sons e cheiros horrorosos que ela talvez jamais esquecesse. Uma lição, também, aprendemos, se é que é permitido argumentar a particulari: que as bestas-feras sob o comando do conde ainda não estão sujeitas a seu poder espiritual; pois vejam só, esses ratos, que obedeceriam ao seu chamado, assim como do alto de seu castelo ele chamou os lobos para ir ao encontro seu e para o lamento daquela pobre mãe, embora venham até ele, correm esbaforidos de cães tão pequenos como os do amigo Arthur. Temos outros problemas à frente de nós, outros perigos, outros medos; e aquele monstro, ele não usou o poder que tem sobre o mundo das bestas pela primeira nem pela última vez esta noite. Se ele foi para outro lugar, que seja. Ótimo! Deu a nós a oportunidade de exclamar “xeque!” de certa forma nesta partida de xadrez, que jogamos pelo bem de almas humanas. E agora, casa. O amanhecer se aproxima, e temos razão para ficar contentes com nossa primeira noite de trabalho. Pode ser que estejamos fadados a muitas noites e dias pela frente cheios de perigo; mas devemos seguir em frente, e diante de nenhum perigo iremos nos encolher.

A casa estava em silêncio quando voltamos, salvo por alguma pobre criatura que gritava em uma das alas distantes, e por um som baixo, lamentoso, que vinha do quarto de Renfield. O pobre desgraçado sem dúvida estava se torturando, da maneira como os

insanos fazem, com pensamentos dolorosos e desnecessários.

Voltei na ponta dos pés para o nosso quarto, e encontrei Mina dormindo, respirando tão suavemente que tive de aproximar meu ouvido para senti-lo. Ela parece mais pálida do que de costume. Espero que a reunião desta noite não a tenha chateado. Estou verdadeiramente grato por ela não participar de nossos trabalhos futuros, e mesmo de nossas deliberações. É uma tensão grande demais para uma mulher suportar. Eu não pensava que fosse, a princípio, mas agora mudei de ideia. Portanto sou grato por essa resolução. Poderia haver coisas que a assustariam; e no entanto, ocultá-las dela pode ser pior do que lhe contar caso ela suspeite de algum acobertamento. De agora em diante nosso trabalho deve ser para ela um livro fechado, até que enfim chegue a hora de lhe contar tudo, e a terra esteja livre de um monstro do mundo inferior. Ouso dizer que será difícil começar a guardar segredo após uma confiança mútua como a nossa; mas devo ser firme, e amanhã mantereí em segredo os feitos desta noite, e me recusarei a falar sobre qualquer coisa que tenha acontecido. Descansarei no sofá, a fim de não incomodá-la.

1º de outubro, mais tarde — Suponho que tenha sido natural todos nós termos dormido até tarde, pois foi um dia movimentado, e de noite não houve nenhum descanso. Até mesmo Mina deve ter sentido essa exaustão, pois embora eu tenha dormido até o sol ir bem alto no céu, despertei antes dela, e tive de chamar duas ou três vezes até ela acordar. De fato, ela estava tão pregada no sono que, por alguns segundos, não pareceu nem mesmo me reconhecer, mas olhou para mim com uma espécie de terror vago, como o de alguém que foi acordado de um sonho ruim. Reclamou um pouco de cansaço, e deixei-a descansar até mais tarde. Agora sabemos que vinte e uma caixas foram removidas e, se for verdade que várias delas foram levadas em uma dessas retiradas, poderemos ser capazes de rastrear todas. Isso, é claro, irá simplificar imensamente o nosso trabalho e, quanto mais cedo a questão for resolvida, melhor. Vou procurar Thomas Snelling hoje mesmo.

Diário do dr. Seward

1º de outubro — Foi por volta do meio-dia que fui acordado pelo professor entrando em meu quarto. Ele estava mais jovial e alegre do que de costume, e é bastante evidente que o trabalho da noite passada

o ajudou a tirar da mente um pouco do peso fatigante. Após repassar a aventura noturna, ele subitamente disse:

— O seu paciente me interessa muito. Poderia eu visitá-lo com você esta manhã? Ou, se estiver muito ocupado, posso ir sozinho se preciso for. É uma nova experiência para mim encontrar-me com um lunático que fala de filosofia e que raciocina de modo tão lúcido.

Eu tinha trabalho urgente a fazer, de modo que lhe disse que se ele pudesse ir sozinho eu ficaria feliz, porque assim não precisaria fazê-lo esperar por mim; então chamei o assistente e lhe dei as instruções necessárias. Antes de o professor deixar o quarto, preveni-o contra qualquer impressão falsa que meu paciente pudesse causar.

— Mas — respondeu ele —, quero que ele fale dele e da alucinação que o faz consumir seres vivos. Ele disse a madame Mina, como li no registro que você fez ontem no diário, que ele uma vez foi dessa crença. Por que ri, amigo John?

— Perdoe-me — falei —, mas a resposta está aqui. — Pousei a mão sobre o material datilografado. — Quando nosso lunático são e erudito declarou como costumava consumir vidas, sua boca estava na verdade repleta de moscas e aranhas que ele acabara de engolir antes de a sra. Harker entrar no quarto.

Van Helsing sorriu em resposta.

— Bom! — disse ele. — Sua memória é fiel, amigo John. Eu devia ter me lembrado. E contudo é esta mesma obliquidade de pensamento e memória que torna as doenças mentais um objeto tão fascinante de estudo. Talvez eu possa ganhar mais conhecimento do desvario desse louco do que conseguiria ensinando as mentes mais cultas. Quem sabe?

Prossegui com meu trabalho, e pouco depois já terminara as tarefas mais urgentes. Parecia de fato que o tempo fora muito breve, pois lá estava Van Helsing de volta ao meu gabinete.

— Atrapalho? — perguntou polidamente enquanto permanecia na porta.

— De forma alguma — respondi. — Entre. Meu trabalho está terminado, e estou livre. Posso ir com o senhor, se quiser.

— Será desnecessário; já o vi!

— E então?

— Receio que ele não goste muito de mim. Nossa entrevista foi curta. Quando entrei no quarto dele, estava sentado numa banqueta no centro, com os cotovelos enterrados nos joelhos, e seu rosto era a imagem do descontentamento grave. Falei a ele da maneira mais alegre que consegui, com a maior mostra de respeito que pude

assumir. Ele no entanto não produziu nenhuma resposta. “Não me conhece?”, perguntei. Sua resposta não foi tranquilizadora: “Conheço-o bem o bastante; você é o velho e tolo Van Helsing. Gostaria que fosse com as suas teorias idiotas sobre o cérebro para outro lugar. Malditos sejam todos os holandeses cabeça-dura!”. Não falou mais nenhuma palavra, mas permaneceu sentado com sua implacável carranca, tão indiferente a mim como se eu nem estivesse no quarto. Adeus, por ora, à minha chance de aprender muito com um lunático tão inteligente; de modo que irei, se puder, alegrar-me trocando algumas palavras felizes com aquela doce alma que é a madame Mina. Amigo John, alegra-me indizivelmente que ela não seja mais afligida, que não mais se preocupe com nossos assuntos terríveis. Apesar de sentirmos muito a falta de ajuda sua, é melhor assim.

— Concordo inteiramente com o senhor — respondi com sinceridade, pois não queria que ele amolecesse quanto a isso. — A sra. Harker estará melhor fora disso. As coisas já estão bastante ruins para nós, homens do mundo, que passamos por tantos apertos na vida; mas esse não é lugar para uma mulher, e caso ela tivesse permanecido em contato com o assunto, teria infalivelmente saído arrasada.

Então Van Helsing foi conversar com a sra. e o sr. Harker; Quincey e Art saíram para seguir as pistas das caixas de terra. Vou terminar meu turno de trabalho e nos encontraremos de noite.

Diário de Mina Harker

1º de outubro — É estranho ficar sem informações tal como estou hoje e, após gozar da plena confiança de Jonathan por tantos anos, vê-lo manifestamente evitar certos assuntos, entre eles os mais vitais que há. Esta manhã dormi até tarde após a fadiga de ontem, e embora Jonathan também tenha se atrasado, acordou mais cedo que eu. Falou comigo antes de sair, da mesma maneira doce e terna de sempre, mas em nenhum momento disse uma palavra sobre o que aconteceu na visita à casa do conde. E no entanto ele deve saber quão terrivelmente aflita fiquei. Pobre e querido rapaz! Suponho que deve ter se angustiado ainda mais do que eu. Todos eles concordaram que era melhor eu não ser arrastada ainda mais fundo a este trabalho atroz, e eu concordei. Mas pensar que ele está escondendo qualquer coisa de mim! E agora estou chorando que nem uma tonta, quando sei que isso se deve ao grande amor de meu marido e das excelentes intenções daqueles outros homens fortes.

Chorar me fez bem. Ora, algum dia Jonathan vai me contar tudo; e caso ele chegue a cogitar por um momento que eu escondo algo dele, ainda mantenho meu diário como sempre. Então, se ele vier a questionar minha confiança, mostrarei o diário a ele, com cada pensamento íntimo registrado à disposição de seus olhos. Hoje me senti estranhamente triste e desanimada. Suponho que seja a reação ao terrível entusiasmo.

Ontem à noite fui para a cama assim que os homens saíram, simplesmente porque me disseram para fazê-lo. Não sentia sono, mas sim uma ansiedade devastadora. Fiquei repensando sobre tudo que aconteceu desde que Jonathan veio se encontrar comigo em Londres, e tudo parece uma tragédia terrível, com o destino pressionando incessantemente na direção de um fim predeterminado. Qualquer coisa que alguém faça, não importa quão correta ela seja, parece resultar exatamente naquilo que mais se deplora. Se eu não tivesse ido a Whitby, talvez a pobre e querida Lucy estivesse conosco agora. Ela deu para visitar o cemitério somente após a minha chegada, e se não tivesse ido lá comigo à luz do dia, não teria caminhado lá durante o sono; e se não tivesse ido lá de noite e sonâmbula, aquele monstro não a teria destruído como fez. Ah, por que fui a Whitby, em primeiro lugar? Pronto, estou chorando de novo! Pergunto-me o que foi que me deu hoje. Preciso esconder isso de Jonathan, pois se ele souber que andei chorando duas vezes no mesmo dia — eu, que nunca choro por iniciativa própria, e em quem ele nunca provocou o derramamento de uma só lágrima —, o querido rapaz se mortificaria. Vou fazer cara boa, e se me sentir chorosa, ele nunca há de perceber. Suponho que seja uma das lições que as pobres das mulheres têm de aprender...

Não consigo lembrar muito bem como adormeci ontem à noite. Lembro-me de ter ouvido o súbito latido dos cães e um monte de sons esquisitos, como o de uma reza feita em escala muito tumultuosa, vindo do quarto do sr. Renfield, que fica em algum lugar abaixo deste. E então fez-se silêncio em toda parte, um silêncio tão profundo que me sobressaltou, e levantei e fui olhar pela janela. Tudo era escuro e silencioso; as sombras negras projetadas pelo luar pareciam repletas de um silencioso mistério próprio. Nada parecia se mexer, mas tudo era sombrio e rígido como a morte ou o destino; de modo que uma fina faixa de névoa branca, que se insinuou com lentidão quase imperceptível pelo gramado na frente da casa, parecia ter uma sciência e uma vitalidade próprias. Acredito que a minha digressão deve ter me feito bem, pois quando voltei para a cama uma letargia me acometera. Deitei-me um pouco, mas não consegui de fato dormir,

então levantei e fui novamente olhar pela janela. A névoa se espalhara, e estava agora perto da casa, de modo que eu podia vê-la acumulando-se contra o muro, como se estivesse escalando até as janelas. O pobre homem se fazia ouvir mais alto do que nunca, e embora eu não conseguisse distinguir uma palavra do que dizia, podia, de certa forma, reconhecer em seu tom alguma súplica fervorosa. Então ouviu-se o som de uma briga, e eu soube que os assistentes estavam tentando contê-lo. Fiquei tão assustada que me arrastei até a cama, e puxei as cobertas sobre a cabeça, pondo os dedos no ouvido. Eu não estava então nem um pouco sonolenta, ao menos assim pensava; mas devo ter adormecido, pois, com exceção dos sonhos, não me lembro de nada até a manhã, quando Jonathan me acordou. Acho que precisei de um esforço e de algum tempo para perceber onde estava, e que era Jonathan quem estava debruçado sobre mim. Meu sonho foi muito peculiar, e quase típico da maneira como os sonhos que se tem acordado se fundem, ou continuam, com os sonhos noturnos.

Eu pensava estar adormecida, e esperando Jonathan voltar. Estava muito apreensiva em relação a ele, e impotente para agir; meus pés, minhas mãos, meu cérebro estavam pesados, de modo que nada transcorria com a velocidade habitual. E assim dormi inquieta e meditativa. Então comecei a me dar conta de que o ar estava pesado, úmido, gélido. Tirei as cobertas de cima do rosto, e descobri, para minha surpresa, que tudo ao redor estava indistinto. A luz a gás que eu havia deixado acesa para Jonathan, mas baixa, produzia apenas uma manchinha vermelha por entre a neblina, que havia evidentemente se tornado mais espessa e se espalhava pelo quarto. Então me ocorreu que eu tinha fechado a janela antes de ir para a cama. Eu teria me levantado para ter certeza, mas uma espécie de letargia de chumbo parecia acorrentar os meus membros e até mesmo minha vontade. Permaneci deitada e resisti; isso foi tudo. Fechei os olhos, mas ainda pude ver por trás das pálpebras cerradas. (Como são incríveis as peças que nossos sonhos pregam, e como nossa imaginação funciona de modo conveniente.) A bruma adensava mais e mais e eu podia ver então como foi que ela entrara, pois podia vê-la como fumaça — ou com a energia branca da água efervescente — se espalhando, não entrando pela janela, mas pelas frestas da porta. Ela se tornou cada vez mais densa, a ponto de parecer que tinha se concentrado numa espécie de pilar de nuvem dentro do quarto, através de cujo topo eu podia ver a luz do gás brilhando feito um olho vermelho. As coisas começaram a girar em meu cérebro da mesma

forma como a coluna nublada agora girava no quarto, e em meio a tudo aquilo me vieram as palavras das Escrituras: “De dia numa coluna de nuvem, e de noite numa coluna de fogo”. Seria de fato alguma orientação espiritual que estava vindo a mim durante o sono? Mas o pilar era composto tanto da orientação diurna como da noturna, pois o fogo estava no olho vermelho, que, ante o pensamento, exerceu nova fascinação em mim; até que, enquanto eu olhava, o fogo se dividiu, e pareceu me iluminar por entre a neblina feito dois olhos vermelhos, como aqueles sobre os quais Lucy me falara em sua momentânea divagação mental enquanto, sobre o penhasco, a moribunda luz do sol batia nas janelas da igreja de Santa Maria. Subitamente fui tomada pelo horror de que fora assim que Jonathan vira aquelas mulheres atrozes ganhando realidade através da bruma que girava à luz da lua, e em meu sonho devo ter desmaiado, pois tudo se tornou uma completa escuridão. O último esforço consciente da imaginação foi me mostrar um rosto branco e lívido debruçando-se sobre mim por entre a bruma. Devo tomar cuidado com esses sonhos, pois são capazes de destronar a lucidez de qualquer um se ocorrerem em excesso. Eu pediria ao dr. Van Helsing ou ao dr. Seward que prescrevessem algo para me fazer dormir, porém temo alarmá-los. Um sonho como esse, no atual momento, se juntaria aos receios que eles têm em relação a mim. Esta noite batalharei para dormir naturalmente. Caso não consiga, amanhã pedirei que me deem uma dose de cloral; uma só vez não irá me fazer mal, e me renderia uma boa noite de sono. A noite passada me cansou mais do que se eu não tivesse dormido nada.

2 de outubro, 22h — Ontem à noite consegui dormir, mas não sonhei. Devo ter dormido profundamente, pois não acordei com Jonathan vindo para a cama; mas o sono não me revigorou, pois hoje estou me sentindo terrivelmente fraca e sem ânimo. Ontem passei o dia todo tentando ler, ou deitada tentando cochilar. De tarde, o sr. Renfield pediu que eu fosse vê-lo. Pobre homem, foi muito gentil, e quando fui embora ele beijou minha mão e rogou que Deus me abençoasse. De algum jeito, isso me afetou demais; estou chorando ao pensar nele. Trata-se de uma nova fraqueza, com a qual devo tomar cuidado. Jonathan ficaria arrasado se soubesse que estive chorando. Ele e os outros ficaram fora até a hora do jantar, e voltaram todos cansados. Fiz o que pude para animá-los, e suponho que o esforço me fez bem, pois esqueci quão cansada eu estava. Após o jantar eles me mandaram para a cama, e foram todos juntos fumar, conforme me

disseram, mas eu sabia que eles queriam contar um ao outro o que havia ocorrido a cada um durante o dia; pude ver nos modos de Jonathan que ele tinha algo importante a comunicar. Eu não estava tão sonolenta quanto deveria; de modo que antes de partirem pedi ao dr. Seward algum tipo de opiáceo, uma vez que eu não havia dormido bem na noite anterior. Ele muito gentilmente preparou uma bebida sonífera, que me entregou dizendo que não me faria mal algum, já que era muito branda... Tomei-a, e estou aguardando o sono, que ainda parece longínquo. Espero não ter agido mal, pois conforme o sono começa a flertar comigo surge um novo medo: de que eu possa ter sido tola em privar-me do poder de despertar. Posso vir a querê-lo. Aí vem o sono. Boa noite.



CAPÍTULO 20

Diário de Jonathan Harker

1º de outubro, noite — Encontrei Thomas Snelling em sua casa em Bethnal Green, mas infelizmente ele não estava em condição de recordar o que quer que fosse. A perspectiva de uma cerveja, que a minha chegada iminente lhe prometia, fora demais para o homem, e ele se lançara antes da hora em sua pândega. Tomei conhecimento, no entanto, por sua esposa, que parecia uma pobre alma decente, de que ele era apenas o assistente de Smollet, que dos dois camaradas era o responsável pelos negócios. Portanto parti para Walworth, e encontrei o sr. Joseph Smollet em casa e de mangas de camisa, bebendo um chá tardio num pires. Ele é um sujeito decente e inteligente, o tipo de trabalhador bom e confiável, e dotado de opinião própria. Lembrava-se de tudo a respeito do incidente das caixas, e a partir de um caderno de anotações todo dobrado, que ele tirou de algum misterioso receptáculo nos fundilhos das calças, e que estava escrito em caracteres hieroglíficos com um lápis grosso, semiapagado, ele me informou os destinos das caixas. Havia, ele disse, seis delas no carregamento que ele levou de Carfax e deixou no número 197 da rua Chicksand, Mile End New Town, e outras seis que depositou na travessa Jamaica, em Bermondsey. Se então o conde pretendia espalhar aqueles seus medonhos refúgios por Londres, esses locais foram os primeiros a ser escolhidos para a entrega, de modo que mais tarde ele as distribuisse de maneira mais uniforme. O modo sistemático como isso foi feito levou-me a pensar que ele não pretendia se restringir a duas porções de Londres. Ele estava agora estabelecido na extremidade leste da costa norte, no leste da costa sul e no sul. Norte e oeste seguramente não seriam deixados de fora de seu diabólico estratagema — muito menos o próprio centro financeiro e o real coração da Londres elegante no sudoeste e no oeste. Voltei a falar com Smollet, e perguntei-lhe se ele podia nos dizer se alguma das outras caixas fora levada de Carfax.

Ele respondeu:

— Bem, doutor, o senhor me tratou muito bem — eu lhe dera meia libra — e vou contar tudo o que sei. Faz quatro noites ouvi um homem chamado Bloxam contar no Hare and Hounds, em Pincher's Alley, como ele e o colega fizeram um serviço de dar sede numa velha casa em Purfleet. Não tem muito desses serviços por aqui, e estou achando que talvez Sam Bloxam possa lhe dizer alguma coisa.

Perguntei se ele poderia me dizer onde encontrá-lo. Disse-lhe que se conseguisse o endereço para mim ganharia mais meia libra. Então ele virou o resto do chá e levantou-se, dizendo que procuraria naquele mesmo instante. À porta ele parou, e disse:

— Olha aqui, doutor, não tem por que fazer o senhor esperar aqui. Talvez eu encontre Sam logo, talvez não; de todo jeito, ele não vai estar em condição de dizer muito esta noite. Sam fica passado quando começa a beber. Se o senhor me der um envelope com selo, e escrever seu endereço nele, vou descobrir Sam onde está e postar a carta esta noite. Mas é bom o senhor ir falar com ele logo de manhã, senão não vai encontrá-lo; pois o Sam sai muito cedo, não importa quanto bebeu de noite.

Eram providências práticas, portanto uma das crianças saiu com um penny para comprar um envelope e uma folha de papel, e deixei-a ficar com o troco. Quando ela voltou, enderecei o envelope para mim mesmo e o selei, e quando Smollet voltou a prometer fielmente que me enviaria o endereço assim que o encontrasse, tomei o caminho de casa. De qualquer forma, estamos na trilha certa. Esta noite estou cansado, e quero dormir. Mina dorme pesado, e parece um pouco pálida demais; tem os olhos de quem andou chorando. Pobrezinha, não tenho dúvida de que ficar alheia a tudo a aflige, e pode fazer redobrar sua apreensão em relação a mim e aos outros. Mas é melhor assim. É melhor ficar desapontada e preocupada desse modo agora do que acabar desatinando. Os doutores foram muito corretos em insistir que ela ficasse de fora deste pavoroso empreendimento. Preciso ser firme, pois deve recair sobre mim este fardo de silêncio em particular. Jamais devo tocar no assunto com ela sob quaisquer circunstâncias. Na verdade, talvez não seja uma tarefa difícil, afinal de contas, pois ela mesma se tornou reticente com relação ao assunto, e não falou sobre o conde ou seus feitos desde que a informamos de nossa decisão.

2 de outubro, noite — Um dia longo, penoso, empolgante. A primeira remessa dos correios me trouxe o meu envelope contendo um pedaço sujo de papel, no qual estava escrito com lápis de carpinteiro e em uma caligrafia esparramada:

Sam Bloxam, Korkrans, 4, Poters Cort, rua Bartel, Walworth. Pergunte pelo telheiro.

Estava na cama quando recebi a carta, e levantei sem acordar Mina. Ela parecia pesada, sonolenta e pálida, e nem um pouco bem. Decidi não acordá-la, mas, quando eu voltasse daquela nova busca, providenciaria que ela regressasse a Exeter. Creio que ela ficaria mais feliz em nossa própria casa, ocupada com seus afazeres diários, do que aqui entre nós, mantida na ignorância. Vi o dr. Seward apenas por um momento, e informei-lhe para onde estava me dirigindo, prometendo voltar e contar o resto assim que tivesse descoberto algo. Segui até Walworth e encontrei, com alguma dificuldade, Potter's Court. A grafia do sr. Smollet confundiu-me, e pedi informação sobre Potter's, e não Potter's Court. No entanto, ao encontrar a quadra, não tive dificuldade em descobrir a estalagem de Corcoran. Quando perguntei pelo telheiro ao homem que veio até a porta, ele balançou a cabeça e disse:

— Desconheço. Não tem nenhum telheiro por aqui; eu é que jamais em minha vida soube de um. Desacredito que tenha algum nas redondezas.

Peguei a carta de Smollet e, ao lê-la, pareceu-me que a aula de grafia do nome da quadra poderia me guiar.

— Quem é o senhor? — perguntei.

— Sou o hoteleiro — respondeu.

Logo vi que estava na trilha certa; a escrita dialetal novamente havia me confundido. Uma gorjeta de meia coroa pôs o conhecimento do hoteleiro à minha disposição, e fiquei sabendo que o sr. Bloxam, que havia curado a embriaguez da cerveja na noite anterior no Corcoran, saía para o trabalho em Poplar às 5h. Ele não foi capaz de me dizer onde ficava o seu local de trabalho, mas tinha uma vaga ideia de que era algum tipo de “armazém recém-inaugurado”; e foi com essa pista ínfima que tive de partir para Poplar. Já era meio-dia e eu não havia obtido nenhuma dica satisfatória a respeito da referida edificação, quando consegui uma num café, onde alguns trabalhadores faziam sua refeição. Um deles lembrou que na rua Cross Angel estavam construindo uma nova “câmara frigorífica”; e como isso se encaixava na condição de um “armazém recém-inaugurado”, fui de imediato para lá. Uma entrevista com um porteiro ranzinza e um capataz mais ranzinza ainda, ambos os quais foram aplacados com uma moeda corrente do reino, pôs-me na trilha de Bloxam; mandaram chamá-lo após eu sugerir que estava disposto a pagar seus

vencimentos diários ao capataz pelo privilégio de fazer-lhe algumas perguntas de caráter privado. Ele era um sujeito bastante esperto, embora grosseiro no falar e no trato. Quando prometi pagar pela informação e lhe adiantei um sinal, ele me disse que fizeram duas viagens entre Carfax e uma casa em Piccadilly, e levava daquela para esta nove grandes caixas — “pesadíssimas” — com um cavalo e uma carroça que alugara para este propósito. Perguntei-lhe se poderia me dizer o número da casa em Piccadilly, ao que ele respondeu:

— Bem, doutor, eu esqueci o número, mas ficava só a umas portas de uma igreja branca ou algo assim, construída não faz muito tempo. Era uma casa velha e empoeirada, também, mas nem chegava perto daquela de onde a gente tirou as malditas caixas.

— Como foi que entraram nas casas se ambas estavam vazias?

— O velho que me contratou ficou esperando na casa em Purfleet. Ele me ajudou a carregar as caixas e pôr na carroça. Maldição, ele era o sujeito mais forte que já vi, ainda mais sendo um velhinho, de bigode branco, e tão magro que nem parecia fazer sombra.

Como aquela frase me arrepiou!

— Pois sim, ele ergueu as caixas como se fossem um quilo de chá, e eu lá ofegando e bufando antes de conseguir erguer um pouquinho, e olha que não sou nenhum frangote.

— Como foi que entrou na casa em Piccadilly? — perguntei.

— Ele também estava lá. Deve ter disparado e chegado lá antes de mim, porque quando toquei a campainha ele mesmo veio abrir a porta e me ajudou a levar as caixas pra dentro do vestibulo.

— Todas as nove? — perguntei.

— Sim, senhor; eram cinco na primeira leva e quatro na segunda. Foi uma trabalhadeira de dar sede, e não lembro muito bem como é que voltei pra casa.

Eu o interrompi:

— As caixas foram deixadas no vestibulo?

— Sim, senhor; era dos grandes, e não tinha mais nada lá.

Fiz mais uma tentativa de sondagem do assunto:

— O senhor não tinha nenhuma chave?

— Não usei chave nenhuma nem nada do tipo. O velho mesmo abriu a porta e fechou quando eu saí. Não me lembro como foi da última vez... mas foi por causa da cerveja.

— E não consegue se lembrar do número da casa?

— Não, senhor. Mas não é muito difícil saber. É uma muito alta com fachada de pedra e uma saliência na frente, e uns degraus altos que levam até a porta. Conheço aqueles degraus, já que carreguei as

caixas lá pra cima acompanhado de três vadios que apareceram pra ganhar um trocado. O velho deu alguns xelins pra eles, e quando viram quanto que tinham ganhado, quiseram mais; mas ele agarrou um deles pelo ombro e estava a isso aqui de jogar ele escada abaixo quando o bando todo foi embora xingando.

Pensei que a partir daquela descrição poderia encontrar a casa, de modo que, pagando ao meu amigo pela informação, segui para Piccadilly. Eu havia aprendido uma nova e dolorosa informação: o conde era capaz, evidentemente, de carregar as caixas de terra sozinho. Assim sendo, o tempo era precioso; pois agora que ele conseguira distribuir algumas delas, podia em seu próprio tempo levar a cabo sua tarefa, sem ser observado. Em Piccadilly Circus dispensei o cabriolé, e caminhei na direção oeste; depois da Junior Constitutional topei com a casa descrita, e fiquei satisfeito em saber que aquele era o próximo covil escolhido por Drácula. A casa parecia estar desabitada havia muito tempo. As janelas estavam incrustadas de pó, e as venezianas, abertas. Todo o madeiramento escurecera devido à passagem do tempo, e boa parte da pintura do ferro havia descascado. Era óbvio que até pouco tempo houvera uma grande placa de venda na frente da sacada; no entanto, fora rudemente arrancada, deixando ainda ali as escoras que a sustentavam. Atrás das grades da sacada vi que havia algumas tábuas soltas, cujas arestas desniveladas pareciam brancas. Quanto eu não daria para ver a placa intacta, uma vez que provavelmente forneceria alguma pista quanto ao proprietário da casa! Lembrei-me de minha experiência na investigação e aquisição de Carfax, e não pude deixar de sentir que, caso eu conseguisse encontrar o antigo dono, talvez descobrisse algum meio de ganhar acesso à casa.

No momento não havia nada para conhecer na porção da casa situada em Piccadilly, e nada a ser feito; de modo que dei a volta até os fundos para ver se era possível concluir alguma coisa a respeito dela no outro quarteirão. As cavaliças estavam movimentadas, com a maioria das casas em Piccadilly estando ocupada. Perguntei a um ou outro cavaliço ou ajudante que vi por ali se poderiam me dizer alguma coisa a respeito da casa vazia. Um disse ter ouvido que fora comprada recentemente, mas não saberia dizer por quem. Disse-me, no entanto, que até muito recentemente havia nela uma placa de “Vende-se”, e que talvez Mitchell, Filhos & Candy, os agentes imobiliários, fossem capazes de me dizer alguma coisa, já que eram os nomes que ele pensava ter visto no anúncio. Eu não quis parecer muito afobado ou deixar que meu informante soubesse ou adivinhasse demais, de modo que, agradecendo-lhe da maneira habitual, fui

embora sem alarde. O crepúsculo ia já adiantado, e a noite de outono se aproximava, então não perdi tempo. Tendo descoberto o endereço de Mitchell, Filhos & Candy numa lista telefônica em Berkeley, logo eu estava no escritório da firma na rua Sackville.

O cavalheiro que me recebeu era particularmente delicado em seus modos, mas retraído na mesma proporção. Após ter me contado que a casa em Piccadilly — que durante toda a nossa entrevista ele chamou de “mansão” — tinha sido vendida, ele deu meu atendimento por encerrado. Quando perguntei quem a havia comprado, ele arregalou um pouco os olhos, e fez uma pausa de alguns segundos antes de responder:

— Ela foi vendida, senhor.

— Perdoe-me — disse eu, com igual polidez —, mas tenho razões especiais para querer saber quem a comprou.

De novo mais uma pausa longa, e ele ergueu ainda mais as sobrancelhas.

— Ela foi vendida, senhor — foi de novo sua sucinta resposta.

— Certamente — disse eu —, o senhor não se importaria em me repassar tal informação.

— Mas eu me importo — respondeu ele. — Os negócios dos clientes estão absolutamente seguros nas mãos de Mitchell, Filhos & Candy.

Tratava-se manifestamente de um pedante do mais alto grau, e não adiantava discutir com ele. Achei que era melhor lutar de igual para igual, portanto disse:

— Os seus clientes, senhor, têm a felicidade de ter um tão resoluto guardião de sua confiança. Eu também sou um profissional. — Aqui eu lhe entreguei meu cartão de visitas. — Neste caso, não sou movido pela curiosidade; atuo em nome de lorde Godalming, que deseja saber a respeito da propriedade que, segundo ele ouviu falar, até recentemente estava à venda.

Essas palavras deram uma nova cara à conversa. Ele disse:

— Gostaria de atendê-lo se possível, sr. Harker, e gostaria especialmente de atender a sua senhoria. Certa vez nos encarregamos do aluguel de alguns quartos para ele quando ainda era o honorável Arthur Holmwood. Se o senhor me informar o endereço de sua senhoria, consultarei a firma sobre o assunto, e irei, em todo caso, comunicar a sua senhoria pela remessa dos correios esta noite. Será um prazer se pudermos nos desviar de nossos regulamentos para prover a informação solicitada por sua senhoria.

Eu queria contar com um amigo, e não fazer um inimigo, portanto

lhe agradei, lhe dei o endereço do dr. Seward e fui embora. Já estava escuro, e eu estava cansado e faminto. Tomei uma xícara de chá na Aerated Bread Company e vim para Purfleet no trem seguinte.

Encontrei todos em casa. Mina parecia cansada e pálida, mas fez um bravo esforço para parecer radiante e animada; apertava-me o coração pensar que eu havia ocultado algo dela e assim ocasionara a sua inquietação. Graças a Deus, esta será para ela a última noite em que ficará de fora de nossas reuniões, sentindo a dor de nossa mostra de desconfiança. Precisei de toda a minha coragem para sustentar a sábia resolução de mantê-la de fora de nossa sombria tarefa. Ela parece de certo modo mais reconciliada; ou então o próprio assunto parece ter passado a repugná-la, pois diante de qualquer alusão accidental ela chega até a estremecer. Alegro-me que tenhamos tomado nossa decisão a tempo, pois, no presente estado emocional em que se encontra, o nosso crescente conhecimento seria uma tortura para ela.

Não pude contar aos outros as descobertas daquele dia até que estivéssemos a sós; de modo que, após o jantar — que foi seguido de um pouco de música para manter as aparências até entre nós mesmos —, levei Mina ao quarto dela e a deixei para que fosse se deitar. Minha querida menina foi mais afetuosa comigo do que nunca, e se agarrava a mim como se quisesse me deter; mas havia muito a conversar e fui embora. Graças a Deus, ter deixado de contar as coisas um ao outro não fez diferença entre nós.

Quando voltei ao andar térreo encontrei os outros reunidos ao redor da lareira no gabinete. No trem, eu havia registrado os acontecimentos em meu diário, e simplesmente o li para eles acreditando ser a maneira de pô-los a par de minhas informações; quando terminei, Van Helsing disse:

— Foi um bom dia de trabalho, amigo Jonathan. Sem dúvida estamos na trilha das caixas que faltam. Se as encontrarmos todas naquela casa, então o trabalho nosso está perto do fim. Mas, se estiver faltando alguma, precisamos procurar até encontrá-la. Então daremos nosso coup final, e perseguiremos o desgraçado até que esteja morto de verdade.



Todos permanecemos sentados em silêncio e de repente o sr. Morris falou:

— Tudo bem, mas como é que vamos entrar nessa casa?

— Nós entramos na outra — respondeu depressa lorde Godalming.

— Mas, Art, essa é outra história. Invadimos a casa de Carfax, mas tínhamos a noite e um parque murado para nos proteger. Será uma história completamente diversa cometer uma invasão em Piccadilly, seja de dia, seja de noite. Confesso que não sei como é que iremos entrar, a não ser que aquele estimado agente da imobiliária nos arranje alguma chave; talvez venhamos a saber quando você receber a carta dele pela manhã.

As sobrancelhas de lorde Godalming se contraíram, e ele se levantou e zanzou pela sala. No fim das contas ele parou e disse, dirigindo-se para cada um de nós alternadamente:

— O raciocínio de Quincey faz sentido. Essa história de invasão está ficando séria; tudo bem que nos safamos uma vez, mas agora temos nas mãos um trabalho fora do comum... a não ser que consigamos encontrar o molho de chaves do conde.

Como nada havia a fazer até a manhã seguinte, e como seria no

mínimo aconselhável aguardar até que lord Godalming recebesse as notícias da firma Mitchell, decidimos não dar nenhum passo antes da hora do desjejum. Por um bom tempo permanecemos sentados fumando, discutindo a questão sob suas várias luzes e seus vários aspectos; aproveitei a oportunidade para atualizar este diário até o presente momento. Estou com muito sono e vou para a cama...

Só mais algumas linhas. Mina dorme profundamente e sua respiração está regular. Sua testa está contraída em pequenos vincos, como se estivesse refletindo até mesmo durante o sono. Está ainda muito pálida, mas não parece tão abatida quanto hoje de manhã. Amanhã, espero, consertarei tudo isso; ela voltará a ser ela mesma em nossa casa, em Exeter. Nossa, mas que sono!

Diário do dr. Seward

1º de outubro — Estou novamente intrigado com Renfield. Seus estados de espírito mudam com tanta rapidez que acho difícil acompanhá-los, e já que sempre significam algo mais do que seu próprio bem-estar, constituem um estudo interessante. Esta manhã, quando fui vê-lo após ter rechaçado Van Helsing, comportava-se como um homem que comanda o próprio destino. Ele de fato estava comandando o destino — em termos subjetivos. Não se importava com nenhuma das coisas meramente terrenas; estava nas nuvens e olhava para as fraquezas e carências dos pobres mortais aqui embaixo. Pensei em aproveitar a ocasião e averiguar um pouco mais, de modo que lhe perguntei:

— E como andam as moscas?

Ele sorriu para mim com uma espécie de superioridade — um sorriso tal como conviria ao rosto de Malvólio²⁸ — conforme respondia:

— A mosca, meu caro senhor, tem um aspecto impressionante: suas asas são típicas dos poderes alados das faculdades psíquicas. Os antigos acertaram ao tipificar a alma como uma borboleta!

Pensei em forçar a analogia ao seu limite lógico, de modo que logo disse:

— Ah, é uma alma que você quer agora, sim?

Sua loucura repeliu a lucidez, e um olhar intrigado tomou conta de seu rosto enquanto, balançando a cabeça com uma determinação que eu raramente vira nele, dizia:

— Ah não, ah não! Não quero alma nenhuma. A vida é tudo que

quero. — Aqui ele ficou radiante. — Estou muito indiferente em relação a isso no momento. A vida vai bem; tenho tudo que quero. O senhor vai precisar de um novo paciente, doutor, se quiser estudar a zoofagia!

Isso me intrigou um bocado, então o incitei:

— Então você tem comando sobre a vida; é um deus, suponho?

Ele sorriu com uma superioridade inefavelmente benigna:

— Ah não! Longe de mim adotar os atributos da Divindade. Tampouco me interessam os Seus feitos espirituais. Se é possível afirmar a minha posição intelectual, no que interessa às coisas puramente terrenas, estou próximo da posição que Enoque²⁹ ocupava espiritualmente!

Isso foi um empecilho para mim. Naquele momento eu não conseguia me lembrar da pertinência de Enoque; de modo que tinha portanto que fazer uma pergunta simples, embora sentisse que ao fazê-la me rebaixava aos olhos do lunático:

— E por que Enoque?

— Porque ele caminhava com Deus.

Não fui capaz de ver a analogia, mas não quis admitir; assim, voltei àquilo que ele havia negado:

— Então você não liga para a vida e não quer almas. Por que não?

Fiz minha pergunta com rapidez e alguma severidade, com o intuito de desconcertá-lo. O empenho foi bem-sucedido; por um instante ele inconscientemente reincidiu em seus velhos modos servis, vergou-se diante de mim, e de fato me bajulou enquanto respondia:

— Não quero alma nenhuma, é verdade, é verdade! Não quero. Não poderia usá-las se as conseguisse; não teriam nenhuma serventia para mim. Não poderia comê-las ou... — De repente ele se deteve e o velho olhar astuto tomou conta do seu rosto, como uma ondulação na superfície da água soprada pelo vento. — E, doutor, quanto à vida, de que se trata, afinal? Quando se consegue tudo de que se precisa, e se sabe que nunca faltará nada, chega-se ao fim. Tenho amigos, bons amigos, como o senhor, dr. Seward — disse essas palavras com uma expressão de inexprimível astúcia nos olhos. — Sei que nunca vão me faltar os meios de vida!

Creio que através da nebulosidade de sua loucura ele percebia em mim algum antagonismo, pois de imediato se recolheu ao último refúgio daqueles de sua laia — um silêncio canino. Após um breve tempo vi que por ora era inútil falar com ele. Ele estava amuado, e portanto fui embora.

Mais tarde ele mandou me chamar. De hábito eu não o teria

visitado sem motivo especial, mas no momento estou tão interessado nele que fiz um esforço de bom grado. Além do mais, estou feliz de ter qualquer coisa que ajude a passar o tempo. Harker saiu, perseguindo suas pistas; assim como lorde Godalming e Quincey. Van Helsing está sentado em meu gabinete debruçado sobre o registro preparado pelos Harker; ele parece pensar que por meio do conhecimento acurado dos detalhes irá deparar-se com alguma pista. Não deseja ser incomodado sem motivo enquanto trabalha. Eu o teria levado comigo para ver o paciente, porém pensei que depois de seu último rechaço ele não fosse querer visitá-lo de novo. Também havia outra razão: Renfield talvez não fale tão abertamente diante de uma terceira pessoa quanto se estivesse a sós comigo.

Achei-o sentado no meio do cômodo em cima de sua banqueta, uma pose que em geral indica alguma energia mental de sua parte. Quando entrei, ele de pronto disse, como se a pergunta estivesse na ponta da língua:

— E quanto às almas?

Ficou então evidente que a minha suposição estivera correta. Agia a cerebração inconsciente, até mesmo nos lunáticos. Decidi levar o assunto adiante.

— Eu é que pergunto — falei.

Por um momento ele não respondeu, mas olhou em seu entorno, e acima e abaixo, como se esperasse encontrar alguma inspiração para responder.

— Não quero alma nenhuma! — disse ele de uma maneira fraca e culposa. O assunto parecia estar consumindo sua mente, e então resolvi usá-lo a meu favor, “ser cruel para ser gentil”³⁰. De modo que eu disse:

— Você gosta da vida, e quer vidas?

— Ah, sim! Mas está tudo bem; não precisa se preocupar com isso!

— Mas — perguntei — como é possível obter uma vida sem obter também uma alma? — Isso pareceu intrigá-lo, então eu segui o raciocínio: — Que beleza vai ser quando você sair voando por aí, com as almas de milhares de moscas e aranhas e pássaros e gatos zunindo e piando e miando ao seu redor. Você tirou a vida deles, percebe, e vai ter de aturar suas almas!

Algo pareceu afetar sua imaginação, pois ele pôs os dedos nos ouvidos e fechou os olhos, cerrando-os com a mesma força que fazem os garotinhos quando lhes ensaboam o rosto. Havia naquilo algo patético que me comoveu; também me ensinou uma lição, pois parecia que diante de mim eu tinha uma criança — apenas uma criança,

embora suas feições estivessem envelhecidas, e o tufo de barba nos maxilares fosse branco. Era óbvio que ele estava passando por algum processo de distúrbio mental, e, sabendo como seus estados de espírito no passado haviam aclarado coisas aparentemente desconhecidas dele mesmo, pensei em entrar em sua mente e ir com ele. O primeiro passo era restaurar a confiança mútua, então lhe perguntei, falando em voz muito alta a fim de que ele me ouvisse com seus ouvidos tampados:

— Gostaria de um pouco de açúcar para juntar de novo suas moscas?

Ele pareceu despertar de imediato, e balançou a cabeça. Com uma gargalhada ele respondeu:

— Não exatamente! As moscas são criaturas lamentáveis, afinal de contas! — Após uma pausa ele acrescentou: — Mas tampouco quero a alma delas zunindo ao meu redor.

— E aranhas? — prossegui.

— Que se danem as aranhas! De que me servem as aranhas? Não há nada nelas para comer ou... — Ele subitamente se deteve, como se estivesse recordando um assunto proibido.

“Ora, ora!”, pensei comigo, “esta é a segunda vez que ele se detém subitamente na palavra ‘beber’; o que isso significa?” Renfield parecia ciente de ter cometido um lapso, pois ele se apressou a falar, como se para desviar minha atenção:

— Não dou a mínima para nenhum desses assuntos. “Ratos e camundongos e pequenos cervos”, como diz Shakespeare, “comida de galinha na despensa”, poderíamos chamá-los assim. Já superei todo esse tipo de disparates. Melhor pedir a um homem que coma moléculas com um par de pauzinhos do que tentar atrair meu interesse para os carnívoros inferiores, quando sei o que me aguarda.

— Compreendo — falei. — Você quer coisas grandes em que possa cravar os dentes? Que tal um elefante no café da manhã?

— Que disparate absurdo está dizendo?!

Ele estava ficando alerta demais, então pensei em pressioná-lo mais um pouco.

— Pergunto-me — falei reflexivamente — como será a alma de um elefante!

Obtive o efeito desejado, pois ele de pronto caiu de seu cavalo e tornou-se de novo uma criança.

— Não quero uma alma de elefante, nem alma nenhuma! — disse ele.

Por alguns instantes ele permaneceu sentado em sua melancolia. De repente ele pôs-se de pé num salto, com os olhos fulgurando e

todos os sinais de uma intensa excitação cerebral.

— Vá para o inferno com as suas almas! — gritou ele. — Por que me atormenta com almas? Como se eu já não tivesse o bastante com que me preocupar, e sofrer, e me distrair, sem falar em almas!

Ele parecia tão hostil que pensei que estivesse prestes a irromper em mais um surto homicida, então soprei meu apito. No mesmo instante em que o fiz, contudo, ele ficou calmo, e disse se desculpando:

— Perdoe-me, doutor; perdi o controle. Não vai precisar de nenhuma ajuda. Ando com a mente tão preocupada que estou sujeito a ficar irritado. Se ao menos o senhor soubesse o problema que tenho de encarar, e como estou trabalhando nisso, haveria de ter pena de mim, e me tolerar, e perdoar. Por obséquio, não me meta numa camisa de força. Quero pensar e não consigo pensar com liberdade quando meu corpo está preso. Tenho certeza de que o senhor há de compreender!

Ele evidentemente tinha autocontrole; de modo que, quando os assistentes chegaram, eu disse-lhes que estava tudo bem, e eles se foram. Renfield observou-os partir; quando a porta se fechou, ele disse, com dignidade e ternura consideráveis:

— Dr. Seward, o senhor tem tido muita consideração para comigo. Acredite quando digo que lhe sou muito, muito grato!

Achei melhor mantê-lo nesse estado de espírito, então fui embora. Sem dúvida há algo a ponderar a respeito da condição desse homem. Vários pontos parecem formar aquilo que os entrevistadores americanos chamam de “uma narrativa”, se ao menos pudermos pô-los na ordem correta. Aqui estão eles:

- Nunca menciona a palavra “beber”;
- Teme a ideia de ser responsabilizado pela “alma” dos seres;
- Não receia precisar de “vidas” no futuro;
- Despreza por completo as formas inferiores de vida, embora tema ser assombrado por suas almas.

Logicamente falando, todas essas coisas apontam numa direção! De alguma maneira ele se sente seguro de que irá adquirir uma forma superior de vida. Teme a consequência — a responsabilidade sobre uma alma. Então é uma vida humana que ele procura!

E quanto a estar seguro...?

Deus misericordioso! O conde esteve com ele, e algum novo estratagema aterrorizante se aproxima!

Mais tarde — Depois de minha ronda fui me encontrar com Van

Helsing e contei-lhe minha suspeita. Ele ficou bastante sério; e, após pensar na questão por um tempo, pediu-me que o levasse até Renfield. Assim o fiz. Ao chegarmos à porta, ouvimos o lunático cantando jubilosamente, como costumava fazer numa época que agora parece tão distante. Quando entramos, vimos com espanto que ele havia espalhado o açúcar como antigamente; as moscas, letárgicas com o outono, estavam começando a zunir em volta do quarto. Tentamos fazê-lo falar sobre o assunto de nossa conversa anterior, mas ele não queria ouvir. Prossegui com sua cantoria, como se nem estivéssemos presentes. Ele arranjava um pedaço de papel e o estava dobrando para formar um caderno. Tivemos de sair de lá tão ignorantes quanto havíamos entrado.

Trata-se realmente de um caso curioso; precisamos vigiá-lo esta noite.

Carta de Mitchell, Filhos & Candy a lorde Godalming

1º de outubro

Meu senhor,

Para nós é sempre uma grande alegria poder realizar seus desejos. No que diz respeito ao anseio de sua senhoria, conforme expresso pelo sr. Harker em seu nome, é favor receber a seguinte informação quanto à venda e aquisição da casa de número 347, Piccadilly. Os vendedores originais são os executores testamentários do falecido sr. Archibald Winter-Suffield. O comprador é um nobre estrangeiro, conde De Ville, que tratou da aquisição pessoalmente pagando em “dinheiro vivo”, se o senhor nos permite usar essa expressão tão vulgar. Nada mais sabemos sobre ele.

À sua disposição, meu senhor,
Seus humildes servidores
Mitchell, Filhos & Candy

Diário do dr. Seward

2 de outubro — Encarreguei um homem de ficar no corredor na noite passada, e pedi-lhe que fizesse um registro preciso de qualquer som que lhe chegasse do quarto de Renfield, e o instruí para que me chamasse caso ocorresse algo estranho. Após o jantar, quando

estávamos reunidos em volta da lareira do gabinete — tendo a sra. Harker ido para a cama —, discutimos as tentativas e descobertas do dia. Harker era o único a obter qualquer resultado, e temos grandes esperanças de que a pista dele seja importante.

Antes de ir para a cama fiz minha ronda no quarto do paciente e observei pela abertura na porta. Ele estava dormindo profundamente, e seu peito subia e descia com a respiração regular.

Nesta manhã o homem de plantão reportou-me que pouco depois da meia-noite ele começou a ficar inquieto e passou a fazer suas preces em voz um tanto alta. Perguntei-lhe se era tudo; ele respondeu que fora tudo que ouvira. Havia algo tão suspeito em seus modos que lhe perguntei à queima-roupa se ele tinha pegado no sono. Ele negou ter dormido, mas admitiu ter “cochilado” um pouco. É lamentável que não se possa confiar nos homens a não ser quando estão sendo vigiados.

Hoje Harker saiu seguindo sua pista, e Art e Quincey estão à procura de cavalos. Godalming acha que será bom ter cavalos sempre de prontidão, pois quando obtivermos a informação que procuramos não haverá tempo a perder. Teremos de esterilizar toda a terra importada entre a aurora e o pôr do sol; assim apanharemos o conde em desvantagem, e sem um refúgio para o qual possa escapar. Van Helsing foi ao Museu Britânico para consultar algumas autoridades em medicina antiga. Os velhos médicos levam em conta coisas que seus seguidores não aceitam, e o professor está em busca de bruxarias e conjurações que possam nos ser úteis mais tarde.

Às vezes penso que devemos estar todos malucos e que acordaremos lúcidos dentro de uma camisa de força.

Mais tarde — Encontramo-nos novamente. Por fim parece que estamos no caminho certo, e o trabalho que faremos amanhã pode ser o começo do fim. Pergunto-me se a quietude de Renfield tem algo a ver com isso. Suas oscilações de humor têm acompanhado os feitos do conde tão de perto que a iminente destruição do monstro pode estar sendo transmitida a ele de uma maneira muito sutil. Se ao menos pudéssemos conseguir alguma pista acerca do que se passa em sua mente, entre a hora de minha discussão com ele hoje e sua retomada da caça às moscas, poderíamos ter uma pista valiosa. Parece que por ora ele está quieto... Estará mesmo?... Esse grito selvagem parece ter vindo de seu quarto...

O assistente entrou desabalado em meu quarto e me disse que Renfield de algum modo se acidentou. Ele ouviu-o berrar; e quando foi conferi-lo, encontrou-o deitado com o rosto no chão, todo coberto de

sangue. Preciso ir imediatamente...

28 Personagem de Noite de reis (c. 1601), peça de William Shakespeare.

29 Personagem do Antigo Testamento, antepassado de Noé.

30 Verso do ato III, cena IV, de Hamlet, tragédia de William Shakespeare.



3 de outubro — Tratarei de anotar com exatidão tudo que aconteceu, o mais que puder recordar, desde a minha última entrada no diário. Nenhum detalhe de que possa me lembrar deve ficar de fora; devo proceder com toda a calma.

Quando entrei no quarto de Renfield encontrei-o deitado no chão sobre o lado esquerdo do corpo, numa brilhante poça de sangue. Ao virá-lo, logo ficou evidente que ele sofrera terríveis danos; não parecia haver aquela unidade de propósito entre as partes do corpo que marca até mesmo a sanidade letárgica. Quando seu rosto ficou exposto, pude ver que estava terrivelmente ferido, como se tivesse sido batido contra o chão — de fato era das feridas no rosto que a poça de sangue se originara. O assistente que estava ajoelhado ao lado do corpo me disse ao virá-lo:

— Acho que está com a espinha quebrada, senhor. Veja, tanto o braço como a perna direitos e todo um lado do rosto estão paralisados.

Como uma coisa daquelas podia ter acontecido intrigava o assistente além da conta. Ele parecia bastante desorientado, e seu cenho franziu quando ele disse:

— Não consigo entender nem uma coisa nem outra. Ele poderia ter arrebatado o rosto dessa forma batendo a própria cabeça no chão. Vi uma jovem fazer isso uma vez no asilo de Eversfield antes que qualquer um pudesse detê-la. E suponho que ele possa ter quebrado o pescoço caindo da cama, se foi de mau jeito. Mas nunca que eu imaginaria como as duas coisas teriam ocorrido. Se sua coluna tivesse se quebrado, não conseguiria bater a cabeça; e se seu rosto estivesse dessa forma antes de cair da cama, haveria sinais disso.

Eu lhe disse:

— Procure o dr. Van Helsing e lhe peça a bondade de vir de imediato. Preciso dele aqui sem um minuto de demora.

O homem saiu desabalado, e dentro de poucos minutos o professor, de camisa de dormir e pantufas, apareceu. Quando viu Renfield no chão, olhou para ele atentamente por um instante, e então virou-se para mim. Creio que reconheceu em meus olhos o que me passava pela cabeça, pois falou com muita tranquilidade, obviamente para o assistente ouvir:

— Ah, um triste acidente! Ele precisará de cuidadosa observação, e muita atenção. Eu mesmo ficarei aqui com você; mas antes preciso me vestir. Se aguardar um instante, estarei de volta em minutos.

O paciente agora respirava com estrépito e era fácil ver que havia

sofrido algum dano terrível. Van Helsing retornou com extraordinária rapidez, trazendo consigo uma maleta cirúrgica. Ele evidentemente estivera refletindo e tomara uma decisão; pois quase antes de olhar para o paciente ele sussurrou para mim:

— Mande o assistente embora. Precisamos ficar sozinhos com ele quando ficar consciente, depois da operação.

Então eu disse ao homem:

— Por enquanto é só, Simmons. Fizemos tudo que pudemos por ora. É melhor fazer sua ronda, enquanto o dr. Van Helsing opera. Quero ser informado no mesmo instante se acontecer qualquer coisa incomum onde quer que seja.

O homem retirou-se, e nós dois empreendemos um exame detido no paciente. As feridas no rosto eram superficiais; o verdadeiro dano era um afundamento no crânio, que se estendia até a região motora. O professor refletiu por um momento e disse:

— Precisamos reduzir a pressão e trazê-la de volta ao normal, quanto for possível; a rapidez da sufusão mostra a terrível natureza do ferimento. Toda a região motora parece ter sido afetada. A sufusão do cérebro irá aumentar rapidamente, portanto devemos trepaná-lo de imediato ou poderá ser tarde demais.

Conforme ele falava, ouviu-se uma leve batida na porta. Fui abri-la e no corredor me deparei com Arthur e Quincey de pijamas e pantufas; o primeiro falou:

— Ouvi seu assistente chamar o dr. Van Helsing e contar-lhe a respeito de um acidente. Então acordei Quincey, quer dizer, chamei-o, já que não estava dormindo. As coisas estão acontecendo com demasiada rapidez e estranheza para permitir a qualquer um de nós um sono profundo nestes últimos tempos. Estive pensando que amanhã à noite as coisas não serão como costumavam ser. Teremos de olhar para trás, e para a frente, com mais atenção do que até agora. Podemos entrar?

Eu assenti, e segurei a porta para que passassem; então a fechei de novo. Quando Quincey viu a pose e o estado do paciente, e notou a horrível poça no chão, disse com brandura:

— Meu Deus! Que foi que aconteceu com ele? Pobre, pobre diabo!

Expliquei-lhe resumidamente, e acrescentei que esperávamos que ele reganhasse a consciência depois da operação — por um breve período, ao menos. Ele de imediato foi se sentar à beira da cama, com Godalming a seu lado; todos ficamos observando pacientes.

— Vamos aguardar — disse Van Helsing — apenas o tempo suficiente para determinar o melhor lugar para a trepanação, para que

possamos da forma mais rápida e certa tirar o coágulo de sangue; pois é claro que a hemorragia está piorando.

Os minutos que permanecemos aguardando passaram com lentidão assustadora. Eu sentia no peito uma horrível opressão, e, a julgar pela expressão no rosto de Van Helsing, foi possível depreender que ele sentia certo medo ou certa apreensão em relação ao que estava por vir. Apavorava-me pensar nas palavras que Renfield poderia falar. Eu definitivamente sentia medo de pensar; mas a convicção do que estava por vir pairava sobre mim, conforme o que eu lera a respeito de homens que ouviram soar o relógio da morte. A respiração daquele pobre homem se dava em arquejos irregulares. A cada instante ele parecia prestes a abrir os olhos e falar; mas então se seguia uma respiração prolongada e estrepitosa, e ele recaía em uma insensibilidade ainda pior. Por mais habituado que eu estivesse aos leitos dos moribundos e à morte, esse suspense só fazia crescer mais e mais ao meu redor. Podia praticamente ouvir o pulsar de meu coração; e o sangue que subia às minhas têmporas soava como o bater de um martelo. O silêncio finalmente tornou-se agonizante. Olhei para meus companheiros, um depois do outro, e percebi em seus rostos congestionados e em seus cenhos deprimidos que eles estavam suportando tortura semelhante. Havia sobre nós um suspense nervoso, como se um pavoroso sino fosse repicar acima de nossas cabeças quando menos esperássemos.

Por fim ficou óbvio que o paciente estava sucumbindo depressa; poderia morrer a qualquer momento. Olhei para o professor e flagrei seus olhos fixos nos meus. Seu rosto era de uma severidade rígida conforme falava:

— Não há tempo a perder. As palavras dele podem salvar muitas vidas; fiquei pensando nisso enquanto estive aqui parado. Pode haver uma alma em jogo! Operaremos logo acima da orelha.

Sem mais palavras, ele realizou a operação. Por alguns momentos a respiração do paciente continuou estrepitosa. Então se ouviu uma respiração tão prolongada que pareceu que ia rasgar seu peito. Subitamente seus olhos se abriram, e se enrijeceram em uma mirada louca, impotente. Isso continuou por alguns minutos; então abrandou-se em uma expressão de feliz surpresa, e de seus lábios saiu um suspiro de alívio. Ele se mexeu convulsivamente, e, ao fazê-lo, disse:

— Ficarei quieto, doutor. Diga-lhes para tirarem a camisa de força. Tive um sonho terrível, que me deixou tão fraco que não consigo me mexer. Que há de errado com meu rosto? Sinto como se estivesse todo inchado, e dói pavorosamente.

Ele tentou virar a cabeça; mas, com o esforço, seus olhos pareceram se tornar vítreos de novo, de modo que eu gentilmente virei-a de volta. Então Van Helsing disse em um tom de voz calmo e grave:

— Conte-nos o seu sonho, sr. Renfield.

Ao ouvir aquela voz, seu rosto se iluminou por debaixo da desfiguração, e ele disse:

— Esse é o dr. Van Helsing. Que bondade a sua estar aqui. Dê-me água, meus lábios estão ressecados; e assim tentarei lhes contar. Sonhei...

Ele parou e pareceu desfalecer, e eu disse calmamente a Quincey:

— O brandy. No meu gabinete. Rápido!

Ele voou e retornou com um copo, a garrafa de brandy e uma jarra de água. Umedecemos os lábios rachados, e o paciente rapidamente reviveu. Pareceu, no entanto, que seu pobre cérebro danificado estivera raciocinando naquele meio-tempo, pois quando ele estava já bem consciente, olhou fulminantemente para mim com uma confusão agonizada de que jamais me esquecerei, e disse:

— Não devo me iludir; não foi sonho nenhum, mas puramente uma sombria realidade.

Então seus olhos percorreram o entorno do quarto; ao avistar as duas figuras pacientemente sentadas na beira da cama, ele prosseguiu:

— Se eu já não estivesse certo disso, teria neles dois a minha confirmação.

Por um instante seus olhos se fecharam — não de dor ou de sono, mas por vontade própria, como se ele estivesse dando acordo de todas as suas faculdades; quando voltou a abri-los, disse, às pressas, e com mais energia do que tinha até então demonstrado:

— Depressa, doutor, depressa. Estou morrendo! Sinto que não tenho mais do que alguns minutos; e então será preciso voltar à morte... ou coisa pior! Molhe meus lábios com brandy mais uma vez. Tenho algo a dizer antes de morrer; ou antes que meu pobre cérebro esmagado morra, ao menos. Obrigado! Foi naquela noite após o senhor ter me deixado, quando implorei que permitisse a minha partida. Na ocasião não fui capaz de falar, pois sentia como se minha língua estivesse amarrada; mas, exceto por isso, eu estava tão lúcido quanto estou agora. Permaneci em uma agonia desesperada por muito tempo após o senhor ter me deixado; pareceram horas. Então uma paz repentina se abateu sobre mim. Meu cérebro pareceu novamente se resfriar, e percebi onde eu estava. Ouvi os cães latirem atrás da sua casa, mas não onde Ele estava!

Enquanto ele falava, os olhos de Van Helsing jamais piscaram, mas sua mão se encontrou com a minha e agarrou-a com força. O professor no entanto não se deixou trair; assentiu ligeiramente e disse em voz baixa:

— Prossiga.

Renfield continuou:

— Ele se aproximou da janela em meio à bruma, como eu já o vira fazer com frequência antes; mas nessa ocasião ele era sólido e não um fantasma, e seus olhos eram ferozes como os de um homem em fúria. Estava rindo com aquela sua boca vermelha; os dentes brancos e afiados reluziam ao brilho do luar quando ele se virou para olhar na direção do arvoredor, onde os cães estavam latindo. A princípio eu não queria convidá-lo a entrar, embora eu soubesse que era isso que ele queria... tal como sempre quisera. Então ele começou a me prometer coisas; não com palavras, mas tornando-as realidade.

Ele foi interrompido por uma palavra do professor:

— Como?

— Fazendo-as acontecer; assim como ele costumava me mandar as moscas enquanto o sol brilhava. Das grandes, com aço e safira nas asas; e enormes mariposas, à noite, com caveiras e ossos cruzados no dorso.

Van Helsing assentiu com a cabeça enquanto sussurrava para mim inconscientemente:

— A Acherontia atropos das Esfinges, que vocês chamam de borboleta-caveira!

O paciente prosseguiu sem pausa.

— Então ele começou a sussurrar: “Ratos, ratos, ratos! Centenas, milhares, milhões de ratos, e cada um deles com uma vida; e cães para comer, e gatos também. Vidas! Todas vermelhas de sangue, com anos de vida correndo dentro de si; e não meras moscas comuns!”. Eu ri na cara dele, pois queria ver do que era capaz. Então os cães uivaram, muito longe, nas árvores escuras de Sua casa. Ele acenou para que eu fosse até a janela. Eu me levantei e olhei para fora, e Ele ergueu as mãos, e pareceu chamar-me sem fazer uso de palavras. Uma massa escura espalhou-se por sobre a grama, assumindo a forma de uma labareda de fogo; e em seguida Ele moveu a bruma para a esquerda e a direita, e pude ver que ali havia milhares de ratos com olhos fulgurantes, como os Dele, só que menores. Ele ergueu a mão, e todos eles pararam; e pensei que Ele estivesse dizendo: “Todas estas vidas eu lhe darei, sim, e muitas mais e maiores, por incontáveis eras, se você se curvar e me adorar!”. E então uma nuvem vermelha, cor de sangue,

pareceu toldar meus olhos; e antes que eu percebesse o que estava fazendo, vi-me abrindo a folha da janela e dizendo a Ele: “Entre, meu Senhor e Mestre!”. Os ratos tinham desaparecido, mas Ele se esgueirou para dentro do quarto através da janela, embora apenas uma fresta de poucos centímetros estivesse aberta, assim como a própria Lua com frequência entrava pela menor das rachaduras e se plantava à minha frente em todo o seu tamanho e esplendor.

A voz dele havia enfraquecido, então molhei seus lábios com brandy de novo, e ele continuou; mas foi como se sua memória tivesse trabalhado nesse meio-tempo, pois a história havia avançado muito. Eu estava prestes a chamá-lo para voltar ao ponto anterior, mas Van Helsing sussurrou para mim:

— Deixe-o seguir. Não interrompa; ele não poderá voltar, e talvez não consiga nem mesmo continuar, se perder o fio da meada.

Ele prosseguiu:

— O dia todo fiquei à espera de notícias Dele, mas Ele não me enviou nada, nem mesmo uma mosca-varejeira, e quando a lua apareceu eu estava já muito furioso com Ele. Quando Ele se esgueirou pela janela, embora estivesse fechada, sem nem mesmo bater antes de entrar, fiquei maluco. Ele arreganhou um sorriso para mim, e seu rosto branco despontou no meio da bruma com aqueles olhos vermelhos brilhantes, e Ele continuou avançando como se fosse dono de todo o lugar, e eu não fosse ninguém. Nem mesmo o Seu cheiro era o mesmo ao passar perto de mim. Não podia detê-Lo. Tive a impressão de que, de alguma maneira, a sra. Harker havia entrado no quarto.

Os dois homens sentados à beira da cama se levantaram e se aproximaram, ficando atrás dele de modo que não pudesse vê-los, mas onde fossem capazes de ouvir melhor. Estavam ambos em silêncio, mas o professor se sobressaltou e estremeceu; seu rosto, no entanto, ficou ainda mais sombrio e sério. Renfield prosseguiu sem notar:

— Quando a sra. Harker veio me ver esta tarde, não era a mesma; era como o chá depois que a chaleira recebe a água.

A isto, todos nos mexemos, mas ninguém disse uma palavra; ele prosseguiu:

— Eu não percebi que ela estava aqui até que abriu a boca; e ela não parecia a mesma. Não ligo para pessoas pálidas; gosto das que contêm muito sangue, e o dela parecia ter se esvaído do corpo. Não dei muita importância na ocasião; mas, quando ela foi embora comecei a pensar, e fiquei maluco quando compreendi que Ele estava tirando a vida dela. — Pude sentir que os demais estremeeceram, assim como eu, mas não obstante permanecemos imóveis. — Então, quando

Ele veio esta noite, eu estava preparado. Vi a bruma se insinuando, e agarrei-a com força. Já ouvi que os loucos têm força sobrenatural; e como eu sabia ser um louco (ao menos às vezes o era), resolvi usar meu poder. Pois sim, e Ele também o sentiu, pois teve de sair da bruma para lutar comigo. Segurei-O com força; e pensei que estivesse ganhando, pois não pretendia que Ele tirasse mais vida dela, até que vi Seus olhos. Eles me fizeram arder, e minha força se liquefez. Ele se esgueirou, e, quando tentei agarrá-Lo, Ele me levantou e me atirou ao chão. Fez-se uma nuvem vermelha à minha frente, e um barulho como de trovão, e a bruma pareceu sair de fininho por debaixo da porta.

Sua voz estava ficando mais fraca e sua respiração mais estrepitosa. Van Helsing levantou-se instintivamente.

— Agora sabemos o pior — disse ele. — Ele está aqui, e conhecemos o propósito seu. Talvez não seja tarde demais. Vamos nos armar, da mesma forma como na outra noite, mas sem jogar tempo fora; não há um único instante a desperdiçar.

Não foi necessário externar nosso medo, ou melhor, nossa convicção, por meio de palavras — compartilhávamos dela. Apressamo-nos e pegamos em nossos quartos as mesmas coisas que leváramos ao entrar na casa do conde. O professor tinha as suas já prontas, e quando nos encontramos no corredor ele apontou para elas sugestivamente conforme dizia:

— Elas nunca me deixam; e não vão sair daqui até que esta infeliz empreitada termine. Sejam sábios também, meus amigos. Não é um inimigo comum esse que estamos combatendo. Ai de mim, ai de mim! Aquela querida madame Mina, sofrendo!

Ele se deteve; sua voz estava ficando embargada, e eu não sabia se a fúria ou o terror predominavam em meu coração.

Diante da porta dos Harker, nós nos detivemos. Art e Quincey recuaram, e este disse:

— Precisamos mesmo incomodá-la?

— Devemos — disse Van Helsing sombriamente. — Se a porta estiver trancada, vou invadir.

— Isso não irá assustá-la terrivelmente? É incomum invadir o quarto de uma dama!

Van Helsing disse solenemente:

— Você tem razão sempre; mas isto é vida e morte. Todos os quartos são iguais para um médico; e, mesmo que não fossem, eles são a mesma coisa para mim esta noite. Amigo John, quando eu girar a maçaneta, se a porta não abrir, você usa o seu ombro e empurra; e vocês também, meus amigos. Agora!

Ele girou a maçaneta enquanto falava, mas a porta não cedeu. Atiramo-nos contra ela; com um baque ela se escancarou, e quase caímos de cabeça dentro do quarto. O professor de fato caiu, e olhei por cima de seu corpo conforme ele se recompunha apoiando-se nas mãos e nos joelhos. O que vi atrás dele aterrorizou-me. Senti meus cabelos se eriçarem na nuca, e era como se meu coração tivesse parado.

O luar era tão claro que mesmo pela espessa veneziana amarela passava luz o bastante para iluminar todo o quarto. Na cama ao lado da janela estava Jonathan Harker, com o rosto afogueado e a respiração pesada, como que estuporado. Ajoelhada na extremidade mais próxima da janela estava a figura da esposa, trajada de branco. Ao lado dela estava um homem alto, magro, trajado de preto. Seu rosto estava desviado de nós, mas no instante que o vimos reconhecemos o conde — em todos os aspectos, até mesmo na cicatriz em sua testa. Com a mão esquerda ele segurava as mãos da sra. Harker, mantendo-as afastadas para trás, com os braços totalmente estendidos; sua mão direita apertava-lhe a nuca, forçando-lhe o rosto de encontro ao próprio peito. A camisola branca estava lambuzada de sangue, e um fino filete gotejava pelo peito nu do homem, exposto pela roupa rasgada. A pose em que os dois se encontravam lembrava terrivelmente uma criança forçando o focinho de um gato em um pires de leite para obrigá-lo a beber. Ao invadirmos o quarto, o conde virou a cara, e nela pareceu-me saltar o olhar infernal que me fora antes descrito. Seus olhos queimavam vermelhos com ardor diabólico; as grandes narinas se dilatavam e freMIam nas pontas do nariz aquilino; e os afiados dentes brancos, atrás dos lábios carnudos da boca que pingava sangue, rilhavam feito os de uma fera selvagem. Com um repelão, que atirou a vítima de volta à cama como se jogada de certa altura, ele se virou e disparou contra nós. Mas a esta altura o professor havia se firmado, e segurava na direção dele o envelope que continha a Hóstia Consagrada. O conde subitamente se deteve, tal como a pobre Lucy havia feito do lado de fora do túmulo, e recuou. Recuou mais e mais, conforme nós, erguendo nossos crucifixos, avançávamos. O luar subitamente sumiu, uma vez que uma grande nuvem negra cruzou o céu; e quando a luz a gás ganhou vida com o fósforo que Quincey acendeu, não vimos nada além de um vapor ralo. Este, enquanto observávamos, sumiu por debaixo da porta, a qual, com o impulso do seu escancaramento, voltara à sua antiga posição. Van Helsing, Art e eu fomos na direção da sra. Harker, que a esta altura recobrava o fôlego e com ele soltara um grito tão feroz, tão lancinante, tão

desesperador que, ao que parece, ressoará em meus ouvidos até o dia de minha morte. Por alguns segundos ela ficou estendida em sua pose, impotente e desalinhada. Seu rosto era medonho, com uma palidez acentuada pelo sangue que lambuzava os lábios, as faces e o queixo; de seu pescoço pingava um fino filete de sangue; seus olhos estavam loucos de terror. Então ela ergueu diante do rosto suas pobres mãos esmagadas, que em sua brancura traziam a marca vermelha do terrível aperto do conde, e por trás delas se ouviu um lamento baixo e desolado que fez o grito terrível parecer somente a rápida expressão de um pesar infindo. Van Helsing deu um passo adiante e gentilmente afastou a colcha do corpo dela, enquanto Art, após olhar em desespero para o rosto dela por um instante, saiu correndo da sala. Van Helsing sussurrou para mim:

— Jonathan se encontra num estupor tal como o que sabemos que o Vampiro pode produzir. Nada podemos fazer pela pobre madame Mina por alguns momentos até que ela se recupere; preciso acordá-lo!

Ele molhou a ponta de uma toalha em água gelada e com ela começou a bater em seu rosto, enquanto sua esposa o tempo todo segurava o rosto com as mãos e soluçava de uma maneira que nos doía ouvir. Abri a persiana e olhei pela janela. O luar ainda brilhava; e pude ver Quincey Morris cruzar o gramado e esconder-se na sombra de um grande teixo. Intrigava-me imaginar por que ele estava fazendo aquilo; mas no mesmo instante ouvi uma rápida exclamação de Harker conforme ele recobrava parte da consciência, e voltei-me para a cama. Em seu rosto, como era de esperar, havia uma expressão feroz de espanto. Ele teve um aspecto entontecido por alguns segundos, e então a consciência pareceu voltar-lhe de todo de uma só vez, e ele se sobressaltou. Sua esposa foi despertada pelo movimento brusco, e virou-se para ele com os braços estendidos, como que para abraçá-lo; instantaneamente, porém, ela os recolheu e, unindo os cotovelos, levou as mãos diante do rosto, e estremeceu a ponto de a cama tremer debaixo dela.

— Em nome de Deus, o que significa tudo isso? — exclamou Harker. — Dr. Seward, dr. Van Helsing, o que foi? Que foi que aconteceu? Que houve? Mina, querida, o que foi? Que significa esse sangue? Meu Deus, meu Deus! Chegamos a esse ponto! — E, pondo-se de joelhos, bateu as mãos loucamente. — Que o bom Deus nos ajude! Ajude-a! Ah, ajude-a! — Com um movimento rápido ele pulou da cama, e começou a vestir suas roupas; todo o seu ser despertou necessitado de ação imediata. — Que foi que aconteceu? Contem-me tudo! — ele exclamava sem cessar. — Dr. Van Helsing, o senhor ama

Mina, eu sei. Ah, faça alguma coisa para salvá-la. Não pode ser tarde demais ainda. Proteja-a enquanto eu vou procurar por ele!

Sua esposa, em meio ao terror, ao horror e à aflição, percebeu nisso um perigo real para ele; logo esquecendo a própria dor, ela agarrou-o e exclamou:

— Não! Não! Jonathan, não me deixe. Já sofri o bastante esta noite, só Deus sabe, sem contar com o pavor de que ele o machuque. Você precisa ficar comigo. Fique com esses amigos que vão tomar conta de você!

Sua expressão se tornou frenética conforme falava; e, à anuência dele, ela puxou-o a seu lado na beira da cama, e agarrou-se a ele com ferocidade.

Van Helsing e eu tentamos acalmá-los. O professor ergueu seu pequeno crucifixo de ouro, e disse com incrível calma:

— Não tema, minha cara. Estamos aqui; e enquanto isto estiver perto da senhora, nenhuma criatura vil poderá se aproximar. Esta noite a senhora estará segura; e devemos ter calma e deliberar juntos.

Ela estremeceu e ficou quieta, mantendo a cabeça junto ao peito do marido. Quando a ergueu, o robe branco dele ficou manchado de sangue onde os lábios dela o haviam tocado, e onde a fina abertura em seu pescoço havia vertido gotas. No instante em que ela o percebeu, recuou, com um lamento baixo, e sussurrou, engasgada em soluços:

— Impura, impura! Não devo mais tocá-lo ou beijá-lo. Ah, e pensar que agora sou eu o maior inimigo dele, e aquela que ele mais deve temer.

A isso seu marido disse resolutamente:

— Bobagem, Mina. Para mim é uma vergonha ouvir tal palavra. Não gostaria de ouvi-la sobre você; e não vou ouvi-la vinda de você. Que Deus me julgue por meus méritos, e me castigue com sofrimentos ainda mais amargos do que os deste momento, se por algum ato ou vontade minha qualquer coisa vier a ficar entre nós!

Ele estendeu os braços e puxou-a de encontro ao peito; e por algum tempo ela ficou ali, soluçando. Ele olhou para nós por cima da cabeça pendida da esposa, com olhos que brilhavam úmidos acima das narinas frementes; sua boca estava rígida feito aço. Após algum tempo, os soluços dela se tornaram menos frequentes e mais fracos, e então ele me disse, falando com uma tranquilidade estudada que me pareceu forçar ao extremo sua tensão nervosa:

— E agora, dr. Seward, conte-me tudo. O contexto mais amplo conheço muito bem; conte-me tudo que houve.

Contei-lhe exatamente o que acontecera, e ele ouviu com aparente impassibilidade; mas suas narinas se retorciam e seus olhos fulguravam enquanto eu relatava como as impiedosas mãos do conde haviam segurado sua esposa naquela posição terrível e horrenda, com a boca da sra. Harker na ferida aberta no peito dele. Foi interessante, mesmo em um momento como aquele, ver que enquanto o ardoroso rosto branco de Harker trabalhava convulsivamente em cima da cabeça curvada da esposa, suas mãos terna e amorosamente afagavam o cabelo desalinhado dela. Assim que terminei, Quincey e Godalming bateram na porta. Entraram obedecendo ao nosso chamado. Van Helsing olhou para mim interrogativamente. Compreendi que devíamos nos valer da chegada deles para distrair, quanto possível, os pensamentos dos infelizes marido e mulher um do outro e de si; de modo que, ao assentir minha aprovação, ele perguntou aos dois homens o que eles tinham visto ou feito. Ao que lorde Godalming respondeu:

— Não o vi em nenhum lugar no corredor ou em nenhum dos quartos. Procurei no gabinete, mas, embora ele tenha estado por lá, já havia saído. Ele tinha, no entanto...

Ele se deteve de súbito, olhando para a pobre figura abatida sobre a cama. Van Helsing disse gravemente:

— Prossiga, amigo Arthur. Não queremos mais nenhum segredo aqui. Nossa esperança agora está em saber tudo. Fale abertamente!

De modo que Art prosseguiu:

— Ele tinha estado lá, e embora tenha sido por poucos segundos, ele verdadeiramente debulhou o lugar. Todos os manuscritos tinham sido queimados, e chamas azuis ardiam em meio a cinzas brancas; os cilindros de seu fonógrafo também foram atirados ao fogo, e a cera colaborou com as chamas.

Aqui eu fiz uma interrupção.

— Graças a Deus a outra cópia está no cofre! — Seu rosto se iluminou por um momento, mas tornou a se amuar conforme ele prosseguia:

— Então eu corri escadas abaixo, mas não pude ver nem sinal dele. Procurei no quarto de Renfield; mas não havia vestígio dele, exceto...!

— De novo ele fez uma pausa.

— Prossiga — disse Harker ríspidamente.

Então ele curvou a cabeça e, umedecendo os lábios com a língua, acrescentou:

— Exceto que o pobre sujeito está morto.

A sra. Harker ergueu a cabeça, olhando alternadamente para nós

enquanto dizia com solenidade:

— Que seja feita a vontade de Deus!

Não pude deixar de sentir que Art estava omitindo alguma coisa; mas, como deduzi que havia alguma razão para tanto, nada disse. Van Helsing virou-se para Morris e perguntou:

— E você, amigo Quincey, tem algo a contar?

— Pouca coisa — respondeu ele. — Pode vir a ser muita, mas no momento eu não saberia dizer. Pensei que conviria saber, se possível, para onde o conde iria ao deixar a casa. Não o vi; mas vi um morcego levantar voo da janela de Renfield, e seguir para a direção oeste. Estava esperando vê-lo voltar para Carfax sob alguma de suas formas; mas ele evidentemente procurou outro covil. Ele não voltará esta noite; pois o céu começa a se avermelhar no leste, e a alvorada se aproxima. Devemos trabalhar amanhã!

Ele proferiu estas últimas palavras entredentes. Por um intervalo de talvez dois minutos fez-se silêncio, e eu pensei ter ouvido o som de nossos corações batendo; então Van Helsing disse, pousando a mão com muita ternura sobre a cabeça da sra. Harker:

— E agora, madame Mina, minha pobre e cara, cara madame Mina, conte-nos exatamente o que aconteceu. Deus sabe que não quero que tenha sofrimento; mas é preciso que nós saibamos tudo. Pois agora mais do que nunca todo o trabalho deve ser certo e feito depressa, e com mortal seriedade. Aproxima-se de nós o dia em que tudo isso terá acabado, se possível for; e agora é a chance nossa de continuar vivendo para aprender.

A pobre e cara senhora estremeceu, e pude notar a sua tensão nervosa quando ela puxou o marido ainda mais para junto de si e curvou a cabeça ainda mais contra o peito dele. Então ela ergueu o rosto orgulhosamente, e estendeu uma mão para Van Helsing, que a tomou na sua e, após inclinar-se e beijá-la com reverência, segurou-a com firmeza. A outra mão estava travada na do marido, que mantinha seu outro braço em volta dela de modo protetor. Após uma pausa em que evidentemente ordenava os pensamentos, ela principiou:

— Tomei a beberagem sonífera que o senhor tão gentilmente me deu, mas por um longo tempo ela não agiu. Pareci ficar mais desperta, e muitas fantasias horríveis começaram a povoar minha mente, todas elas conectadas com a morte, e com vampiros; com sangue, e dor, e tormento. — Seu marido deixou escapar um gemido, ao que ela se virou para ele e disse amorosamente: — Não tema, querido. Precisa ser valente e forte, e me ajudar a passar por essa tarefa horrível. Se você ao menos soubesse que esforço tremendo é narrar essa coisa

assustadora, entenderia o quanto eu preciso da sua ajuda. Bem, vi que eu precisava usar minha força de vontade para ajudar o remédio a funcionar, se queria que me fizesse algum bem, então me decidi a dormir. Com certeza o sono deve ter vindo logo, pois de nada mais me lembro. A chegada de Jonathan não me despertou, pois a próxima coisa de que me lembro é de vê-lo deitado ao meu lado. Havia no quarto a mesma névoa branca e fina que eu havia notado antes. Mas agora ignoro se vocês já sabem disso; irão encontrar tudo no diário, que mostrarei depois. Senti o mesmo terror vago que se abatera sobre mim antes e a mesma sensação de haver ali alguma presença. Virei-me para acordar Jonathan, mas descobri que ele dormia tão profundamente que parecia que ele é quem havia tomado a beberagem sonífera, não eu. Tentei, mas não consegui acordá-lo. Isso me causou um enorme medo, e olhei ao redor aterrorizada. Então de fato meu coração afundou dentro de mim: ao lado da cama, como se tivesse saído de entre a bruma, ou melhor, como se a bruma tivesse assumido a forma dele, pois ela havia desaparecido por completo, estava plantado um homem alto, magro, todo vestido de preto. Reconheci-o de imediato a partir da descrição que os outros haviam feito. O rosto ceroso; o nariz aquilino alto, no qual a luz incidia em uma linha fina e branca; os lábios vermelhos entreabertos, mostrando os afiados dentes brancos; e os olhos vermelhos que eu julgara ter visto no pôr do sol nas janelas da igreja de Santa Maria em Whitby. Reconheci, também, a cicatriz vermelha na testa, onde Jonathan o golpeará. Por um instante meu coração parou, e eu teria gritado caso não estivesse paralisada. Nessa suspensão, ele falou com uma espécie de sussurro aguçado, cortante, apontando para Jonathan enquanto falava: “Silêncio! Se fizer qualquer barulho irei tomá-lo e arrancar os miolos dele diante dos seus olhos”. Fiquei aterrorizada e estava desnorteada demais para fazer ou dizer qualquer coisa. Com um sorriso zombeteiro, ele pousou uma mão sobre meu ombro e, segurando-me com força, desnudou meu pescoço com a outra, dizendo ao fazê-lo: “Primeiro, um pequeno refresco como recompensa pelos meus esforços. Pode ficar quieta; não é a primeira nem a segunda vez que suas veias aplacam a minha sede!”. Fiquei desnorteada e, curiosamente, não tive desejo de impedi-lo. Suponho que seja parte da horrível maldição que ele lança quando toca suas vítimas. E, ah, meu Deus, meu Deus, misericórdia! Ele pôs os lábios fedorentos em meu pescoço!

O marido dela gemeu de novo. Ela apertou sua mão com mais força, e olhou para ele misericordiosamente, como se fosse ele o

ferido, e prosseguiu:

— Senti minha força ir embora, e quase desmaiei. Quanto tempo durou essa coisa horrível eu não sei; mas pareceu que um bom tempo deve ter se passado antes de ele afastar aquela sua boca vil, atroz, zombeteira. Vi-a gotejar com sangue fresco!

A recordação pareceu por um tempo dominá-la, e seu corpo minguou e teria sucumbido não fosse o braço do marido a apoiá-la. Com grande esforço ela se recobrou e prosseguiu:

— Depois ele me disse em tom de zombaria: “Então você, como os outros, queria brincar de fazer oposição a mim. Você ajudaria esses homens a caçar-me e frustrar os meus desígnios! Você agora sabe, e eles já sabem em parte, e saberão tudo em breve, o que significa cruzar o meu caminho. Eles deviam ter poupado energia para usar mais perto de casa. Enquanto eles brincavam de se opor a mim, a mim, que comandeí nações, e conspirei por elas, e lutei por elas centenas de anos antes mesmo de eles terem nascido, eu estava neutralizando-os. E você, aquela que mais amam, agora é minha, carne de minha carne; sangue de meu sangue; casta de minha casta; meu abundante manancial ainda por algum tempo; e há de mais tarde ser minha companheira e ajudante. Você será vingada no devido tempo; pois nenhum deles faltará em prover suas necessidades. Mas por ora será punida pelo que fez. Você contribuiu para frustrar-me; agora atenderá ao meu chamado. Quando minha mente disser ‘Venha!’, você atravessará terras e mares para vir até mim; e para tanto, fará isto!”. Ele então rasgou a camisa, e com suas unhas compridas e afiadas abriu uma veia no peito. Quando o sangue começou a jorrar, ele tomou minhas mãos na dele, segurando-as com força, e com a outra agarrou meu pescoço e pressionou minha boca contra a ferida, para que eu sufocasse ou engolissem um pouco do... Ah, meu Deus! Meu Deus! Que foi que eu fiz? Que foi que eu fiz para merecer tal destino, eu, que tentei caminhar na mansidão e na retidão em todos os meus dias! Que Deus tenha pena de mim! Olhe para esta pobre alma que corre um perigo mais que mortal; e em Sua misericórdia tenha compaixão daqueles que a amam! — Então ela começou a esfregar os lábios como se para limpá-los da degradação.

Enquanto ela contava sua terrível história, o céu do leste começou a se abrir, e tudo se tornou cada vez mais claro. Harker ainda estava imóvel e calado; mas em seu rosto, conforme a atroz narrativa prosseguia, surgira um olhar entristecido que piorava mais e mais à luz matinal, até que, quando o primeiro raio vermelho da iminente alvorada o atingiu, sua pele cinzenta contrastava com os cabelos

embranquecidos.

Combinamos que um de nós ficará ao alcance do chamado do infeliz casal até que possamos nos reunir e providenciar nossa tomada de ação.

De uma coisa estou certo: hoje o sol se levanta em uma casa infeliz como nenhuma outra em toda a extensão de seu trajeto diário.



CAPÍTULO 22

Diário de Jonathan Harker

3 de outubro — Como preciso fazer algo para não enlouquecer, escrevo este diário. São agora 6h, e devemos nos reunir no gabinete em meia hora para comer alguma coisa; pois o dr. Van Helsing e o dr. Seward são da opinião de que se não comermos não seremos capazes de dar o melhor de nós. Deus sabe que o melhor de nós será necessário hoje. Preciso continuar escrevendo em toda oportunidade que encontrar, pois não ousa parar para refletir. Todos os fatos, grandes ou pequenos, devem ser registrados; talvez no fim as menores coisas sejam as que mais têm a nos ensinar. Os ensinamentos, grandes ou pequenos, não teriam levado Mina ou a mim a uma pior situação do que esta em que nos achamos hoje. Contudo devemos confiar e acreditar. A pobre Mina falou-me há pouco, com lágrimas a correr por

suas lindas faces, que é na atribulação e na provação que nossa fé é testada — que devemos continuar confiando; e que Deus vai nos ajudar até o fim. O fim! Ah, meu Deus! Que fim?... Ao trabalho! Ao trabalho!

Quando o dr. Van Helsing e o dr. Seward terminaram de ver o pobre Renfield, lançamo-nos com gravidade àquilo que precisava ser feito. Primeiro, o dr. Seward contou-nos que, quando ele e o dr. Van Helsing desceram ao quarto de baixo, haviam encontrado Renfield estirado no chão, todo jogado. Seu rosto estava inteiro machucado e esmagado, e os ossos do pescoço estavam quebrados.

O dr. Seward perguntou ao assistente que estava de serviço no corredor se ele tinha ouvido alguma coisa. Este disse que estava sentado — confessou ter cochilado — quando ouviu vozes falando alto dentro do quarto, e então Renfield gritou várias vezes: “Deus! Deus! Deus!”, após o que se ouviu o baque de algo caindo, e, quando ele entrou no quarto, encontrou-o estirado no chão, com o rosto voltado para baixo, assim como os doutores o tinham visto. Van Helsing perguntou se ele tinha ouvido “vozes” ou “uma voz”, e ele respondeu que não saberia; que a princípio lhe pareceu serem duas, mas como não havia mais ninguém no quarto, só poderia ter sido uma. Poderia atestar, se necessário, que a palavra “Deus” fora dita pelo paciente. O dr. Seward nos disse, quando ficamos a sós, que não desejava se aprofundar nesse mérito; a possibilidade de um inquérito tinha de ser considerada, e jamais adiantaria revelar a verdade, uma vez que ninguém acreditaria nela. De modo que ele pensava que, com base na evidência do assistente, poderia emitir uma certidão de óbito por sequelas após uma queda da cama. Caso o legista julgasse necessário, haveria um inquérito formal, que levaria necessariamente ao mesmo resultado.

Quando se começou a discutir qual deveria ser nosso próximo passo, a primeiríssima coisa que decidimos foi que Mina deveria estar a par de tudo; que nenhum tipo de informação — não importava quão dolorosa fosse — ficaria escondido dela. Ela própria concordou com a decisão, e era penoso vê-la tão valente porém tão pesarosa, e num tal estado de agonia.

— Não deve haver nenhum segredo — disse ela. — Ai de mim! Já tivemos segredos demais. E além disso não há nada no mundo que possa me causar mais dor do que a que já suportei, do que suporte agora! Qualquer desdobramento irá renovar minha esperança ou a minha coragem!

Van Helsing permaneceu encarando-a fixamente conforme ela

falava, e disse, de repente mas com calma:

— Mas, cara madame Mina, a senhora não está com medo... não por si própria, mas pelos outros, depois do que aconteceu?

As feições do rosto dela se enrijeceram, mas seus olhos brilharam com a devoção de uma mártir quando respondeu:

— Ah, não! Pois estou decidida!

— A quê? — perguntou ele delicadamente, enquanto nós permanecíamos perfeitamente imóveis; pois cada um à sua maneira tinha uma vaga ideia do que ela queria dizer.

Sua resposta veio com uma simplicidade objetiva, como se estivesse apenas reafirmando uma constatação:

— Se eu perceber em mim (e observarei atenta) algum sinal de perigo àqueles que amo, estou decidida a morrer!

— A senhora não está pensando em se matar, está? — perguntou ele cavernosamente.

— Estou; se não houver um único amigo que me ame, que me poupe de tamanha dor e de um ato tão desesperado!

Ela lhe lançou um olhar significativo enquanto falava. Ele estivera sentado; mas agora se levantara e se aproximou e pousou a mão na cabeça dela enquanto dizia solenemente:

— Minha filha, esse alguém existe, se for pelo seu bem. Eu, de minha parte, tomaria para mim a responsabilidade de Deus para encontrar uma eutanásia para a senhora, neste mesmo instante, se fosse para o melhor. Se seguro fosse, melhor dizendo! Mas minha filha... — Por um momento ele pareceu engasgar, e um enorme soluço subiu por sua garganta; ele o suprimiu e prosseguiu: — Há aqui alguns que ficariam entre a senhora e a morte. Não deve morrer. Não deve morrer por mão alguma; menos ainda pela própria. Até que aquele outro, que desprezou a sua vida querida, esteja morto de verdade, a senhora não deve morrer; pois se ele ainda estiver entre os rápidos Não Mortos, a morte tornaria a senhora igual a ele. Não, a senhora deve viver! Deve lutar e batalhar para viver, por mais que a morte possa parecer uma bonança indizível. Deve combater a própria Morte, venha ela na dor ou na alegria; no dia ou na noite; na segurança ou no perigo! Exijo pela sua alma viva que não morra, nem sequer pense na morte, até que esse grande mal fique no passado.

A pobrezinha ficou branca como a morte, e temeu e tremeu, como vi a areia movediça temer e tremer ante a subida da maré. Ficamos todos em silêncio; nada podíamos fazer. Por fim ela se acalmou e, virando-se para ele, disse, com ternura, mas, ah!, com que pesar, enquanto estendia a mão:

— Prometo-lhe, meu caro amigo, que se Deus me permitir viver, batalharei por isso; até que, se for da vontade Dele, esse horror tenha se afastado de mim.

Ela foi tão boa e valente que todos sentimos nosso coração fortificado para trabalhar e resistir por ela, e começamos a discutir o que devíamos fazer. Eu disse a ela que fosse buscar todos os papéis no cofre, e todos os papéis ou diários e gravações que poderíamos vir a usar mais tarde; e que continuasse registrando tudo assim como fizera antes. Ela ficou contente com a perspectiva de ter algo a fazer — se é que se pode ficar “contente” com uma coisa tão sombria.

Como sempre, Van Helsing havia se adiantado a qualquer um de nós, e trazia pronta uma organização exata de nosso trabalho.

— Talvez tenha sido bom — disse ele — termos em nosso encontro depois da visita a Carfax decidido não fazer nada com as caixas de terra que lá estavam. Tivéssemos feito, o conde teria adivinhado o propósito nosso, e sem dúvida teria tomado medidas antecipadas para frustrar esse empreendimento com relação às outras; mas agora ele não conhece as intenções nossas. Melhor ainda, com toda a certeza ele não sabe que em nossas mãos está o poder de esterilizar seus covis, para que ele não possa usá-los como antes. Estamos agora tão avançados em nosso conhecimento a respeito da distribuição deles que, quando tivermos olhado a casa em Piccadilly, talvez sejamos capazes de rastrear a última das caixas. O hoje, portanto, é nosso; e nele está a esperança nossa. O sol que nasceu em nossa tristeza esta manhã protege-nos em seu trajeto. Até que se ponha esta noite, aquele monstro precisará manter qualquer que seja a forma que tem agora. Está confinado às limitações de seu invólucro terreno. Não consegue fundir-se no ar nem desaparecer por entre fendas ou frestas ou fissuras. Se cruzar uma soleira, precisará abrir a porta como qualquer mortal. E portanto temos o dia de hoje para caçar todos os seus covis e esterilizá-los. Assim vamos, se já não o tivermos capturado e destruído, conduzi-lo a um cerco em algum lugar onde a captura e a destruição sejam, a tempo, possíveis.

Aqui eu pus-me de pé num salto, pois não pude me conter ante o pensamento de que cada minuto e cada segundo tão preciosamente cheios de vida e felicidade de Mina estavam fugindo de nossas mãos, uma vez que enquanto falávamos a ação era impossível. Mas Van Helsing ergueu uma mão acauteladora.

— Não, amigo Jonathan — disse ele —, neste caso, o caminho mais rápido para casa é o mais demorado, como diz o provérbio de vocês. Iremos todos agir e agir com pressa desesperada, quando

chegar a hora. Mas, pense só, é muito provável que a chave para a situação esteja naquela casa em Piccadilly. O conde pode muitas casas ter adquirido. Delas deve ter escrituras de compra, chaves e outras coisas. Ele deve ter papéis onde escrever; deve ter seu talão de cheques. Há muitos pertences que ele deve ter em algum lugar; por que não nesse lugar tão central, tão calmo, onde ele entra e sai pela porta da frente ou dos fundos a qualquer hora, quando na própria extensão da rua não há ninguém olhando? Vamos para lá vasculhar aquela casa; e quando descobrirmos o que ela guarda, faremos o que nosso amigo Arthur, em suas expressões de caça, chama de “parar a terra”, e então sair à caça de nossa velha raposa. E então? Não deve ser assim?

— Então que partamos imediatamente — exclamei —, estamos desperdiçando um tempo preciosíssimo!

O professor não se mexeu, mas limitou-se a dizer:

— E como faremos para entrar naquela casa em Piccadilly?

— De qualquer jeito! — exclamei. — Vamos invadi-la se for preciso.

— E a sua polícia, onde é que estará, e o que é que dirá?

Fiquei estupefato; mas sabia que, se ele desejava protelar nossa ação, tinha um bom motivo para isso. De modo que eu disse, com a maior tranquilidade possível:

— Não espere mais do que o necessário; o senhor sabe, tenho certeza, da tortura que estou vivendo.

— Ah, meu filho, isso eu sei; e de fato não é o meu desejo aumentar a sua angústia. Mas apenas pense, o que é que podemos fazer antes que o mundo se ponha em movimento? Então nossa hora chegará. Andei pensando e repensando, e me parece que a maneira mais simples é a melhor de todas. Agora queremos entrar na casa, mas não temos a chave; não é verdade?

Eu assenti.

— Agora suponha que você, de fato, fosse o proprietário daquela casa, e mesmo assim não conseguisse entrar; e imagine que você não pensasse como um arrombador, o que faria?

— Mandaria chamar um serralheiro respeitável, e pediria que abrisse a fechadura para mim.

— E a sua polícia, ela interferiria, não é verdade?

— Ah, não! Não se soubesse que o serralheiro fora devidamente contratado para fazê-lo.

— Então — ele olhou atento para mim ao falar —, tudo que está em questão é a consciência do contratante, e se os policiais acreditam

que o contratante tem uma consciência boa ou má. Os policiais de vocês devem de fato ser homens zelosos e inteligentes, ah, inteligentíssimos!, na leitura do coração, para se incomodarem com tal assunto. Não, não, meu amigo Jonathan, você pode ir e arrombar a fechadura de cem casas vazias nesta sua Londres, ou em qualquer cidade no mundo; e se fizer isso da maneira certa como essas coisas são feitas, e na hora certa em que essas coisas são feitas, ninguém irá interferir. Li sobre um cavalheiro que tinha uma casa muito requintada em Londres, e quando foi passar meses de verão na Suíça e trancou sua casa, algum ladrão arrombou a janela dos fundos e entrou. Então ele abriu as venezianas da frente e saiu e entrou pela porta, diante dos olhos da própria polícia. Ele realizou um leilão naquela casa, e o anunciou, e instalou uma grande placa; e quando foi chegado o dia, ele vendeu por um grande leiloeiro todos os bens daquele outro homem que era dono deles. Então foi conversar com um construtor, e vendeu-lhe a casa, acordando que ele a derrubasse e levasse tudo embora depois de certo tempo. E a sua polícia e outras autoridades o ajudaram o melhor que puderam. E quando aquele proprietário voltou de suas férias na Suíça encontrou apenas um buraco vazio onde sua casa estivera. Isso tudo foi feito en règle; e em nosso trabalho faremos en règle também. Não o faremos agora tão cedo de modo que os policiais, que a esta hora têm tão pouco em que pensar, considerem estranho; mas iremos depois das 10h, quando há muita coisa acontecendo, e quando tais coisas seriam mesmo feitas se donos da casa fôssemos.

Pude ver como ele estava mais do que certo, e o terrível desespero no rosto de Mina cedeu ante aquela ideia; havia esperança num conselho tão bom. Van Helsing prosseguiu:

— Uma vez que estivermos assim dentro daquela casa encontraremos mais pistas; de qualquer modo, alguns de nós podem permanecer lá enquanto o resto procura em outros lugares onde pode haver mais caixas de terra: em Bermondsey e em Mile End.

Lorde Godalming levantou-se.

— Posso ser de alguma utilidade aqui — disse ele. — Hei de telegrafar ao meu pessoal para providenciar cavalos e carruagens aos lugares onde serão mais convenientes.

— Escute aqui, meu velho — disse Morris —, é uma ideia esplêndida ter cavalos prontos caso precisemos; mas não acha que uma das suas carruagens requintadas, com adornos nobres, numa viela de Walworth ou Mile End, chamaria muita atenção aos nossos propósitos? Parece-me que deveríamos tomar cabriolés quando formos

para o sul e para o leste; e até mesmo deixá-los em algum lugar perto da vizinhança para onde estamos indo.

— O amigo Quincey está certo! — disse o professor. — Sua cabeça é o que aqui chamam de “pé no chão”. É uma coisa difícil essa que iremos fazer, e não queremos ninguém nos observando, se possível for.

Mina demonstrou crescente interesse em tudo e eu fiquei feliz em ver que a exigência do caso estava ajudando-a a esquecer por um momento a terrível experiência da noite passada. Ela estava muito, muito pálida — quase lívida, e tão magra que seus lábios estavam repuxados, mostrando seus dentes com alguma proeminência. Não fiz esta última observação, receando causar-lhe dor desnecessária; mas o sangue me gelou nas veias ao pensar no que havia ocorrido com a pobre Lucy quando o conde sugou seu sangue. Por enquanto não havia nela nenhum sinal de dentes afiados; mas pouco tempo havia se passado, e havia muito tempo para temer.

Quando chegamos à discussão da continuidade de nossos esforços e da disposição de nossas forças, surgiram novas fontes de dúvida. Finalmente acordou-se que, antes de partir para Piccadilly, deveríamos destruir o covil mais próximo do conde. Caso ele descobrisse cedo demais, ainda assim estaríamos na dianteira em nossa obra de destruição; e a presença dele em sua forma puramente material, e em sua maior debilidade, poderia nos dar alguma nova pista.

Quanto à disposição das forças, foi sugerido pelo professor que, após nossa visita a Carfax, deveríamos todos entrar na casa em Piccadilly; que os dois médicos e eu deveríamos permanecer lá, enquanto lord Godalming e Quincey descobriam os covis de Walworth e Mile End e os destruíam. Era possível, se não provável, conforme observou o professor, que o conde pudesse aparecer em Piccadilly durante o dia, e que desse modo poderíamos conseguir dar conta dele ali mesmo. Poderíamos, ao menos, equiparar-nos em força com ele. A esse plano opus-me terminantemente, e também no que dizia respeito à minha ida, pois eu disse que pretendia ficar e proteger Mina, e pensei que minha decisão estava tomada em relação ao assunto; mas Mina não quis nem ouvir minha objeção. Ela disse que poderia haver algum assunto legal em que eu talvez fosse útil; que entre os papéis do conde poderia haver alguma pista que eu seria capaz de entender pela minha experiência na Transilvânia; e que, de todo modo, toda a força que pudéssemos reunir seria necessária para lidar com o poder extraordinário do conde. Tive que ceder, pois a resolução de Mina era firme; ela disse que, para ela, a última

esperança era o fato de trabalharmos todos juntos.

— Quanto a mim — disse ela —, não tenho medo. As coisas foram tão ruins quanto podiam ser; e o que quer que aconteça deve trazer consigo algum elemento de esperança ou consolo. Vá, meu marido! Deus é capaz de me proteger, se assim Ele quiser, tanto sozinha como acompanhada.

Assim eu me pus de pé, exclamando:

— Então, em nome de Deus, que partamos imediatamente, pois estamos perdendo tempo. O conde pode ir para Piccadilly mais cedo do que imaginamos.

— Ainda não! — disse Van Helsing, erguendo a mão.

— Mas por quê? — perguntei.

— O senhor está esquecendo — disse ele, com um sorriso — que ontem à noite ele teve um belo banquete, e que vai dormir até tarde?

Se eu esquecera! Como se fosse possível — como se algum dia pudesse esquecer! Alguém de nós conseguirá algum dia esquecer aquela cena terrível? Mina lutou arduamente para manter a coragem em seu semblante; mas a dor sobrepujou-a e ela levou as mãos ao rosto, e estremeceu, aos gemidos. Van Helsing não tivera intenção de fazê-la recordar sua assustadora experiência. Ele simplesmente havia perdido de vista a presença dela, bem como a sua participação no caso em seu esforço intelectual. Quando se deu conta do que dissera, ficou horrorizado com sua falta de consideração e tentou consolá-la.

— Ah, madame Mina — disse ele —, cara, cara madame Mina, ai de mim! Que eu, dentre todas as pessoas a que mais a reverencia, tenha dito algo tão imperdoável! Estes meus velhos lábios estúpidos e esta minha velha cabeça estúpida não merecem perdão; mas a senhora há de esquecer que aconteceu, não?

Ele inclinou-se bem baixo ao lado dela conforme falava; ela segurou a mão dele e, olhando-o por entre as lágrimas, disse roucamente:

— Não, não hei de me esquecer, pois é bom que eu me lembre; mas ao lado dessa lembrança do senhor há tantas outras que me são doces, que posso relevá-la. Agora vocês devem partir logo. O café da manhã está pronto, e precisamos comer para ficar fortes.

Foi uma refeição estranha para todos nós. Tentamos nos animar e encorajar um ao outro, e Mina era a mais radiante e animada de nós. Quando terminamos, Van Helsing levantou-se e disse:

— Agora, meus caros amigos, avançamos em nossa terrível empreitada. Estão todos armados, como estávamos naquela noite em que visitamos o covil de nosso inimigo; armados contra ataques

fantasmagóricos bem como carnavais? — Todos confirmaram. — Então está bem. Agora, madame Mina, ao menos a senhora está bastante segura aqui até o sol se pôr; e antes disso estaremos de volta... se é que estaremos de volta! Mas, antes de partir, deixe-me vê-la armada contra ataques à sua pessoa. Desde que a senhora desceu, eu mesmo estive preparando seu quarto com coisas que sabemos afastar a entrada Dele. Agora deixe-me protegê-la. Em sua testa eu tocarei este pedaço da Hóstia Consagrada em nome do Pai, do Filho e do...

Ouviu-se um grito assustador que quase congelou nossos corações. Ao tocar a testa de Mina, a Hóstia cauterizou-a — queimou sua pele, como se fosse um ferro quente. O cérebro da minha pobre amada lhe comunicara a importância do fato tão rapidamente quanto seus nervos haviam recebido a dor; e as duas coisas oprimiram-na tanto que sua natureza extenuada fez-se ouvir naquele grito pavoroso. Mas as palavras lhe vieram rapidamente ao pensamento; o eco do grito não cessara de soar quando veio a reação, e ela desabou de joelhos em aviltada agonia. Afastando os belos cabelos do rosto, como os leprosos antigamente com seus mantos, ela lamentou:

— Impura! Impura! Mesmo o Todo-Poderoso se esquivava de minha carne maculada! Devo suportar esta marca da vergonha em minha testa até o dia do Juízo Final.

Todos os outros ficaram imóveis. Eu havia me jogado ao lado dela numa agonia de pesar impotente e, pondo meus braços à sua volta, segurei-a com força. Por uns poucos minutos nossos corações sofrendores bateram juntos, enquanto os amigos ao nosso redor desviavam os olhos dos quais lágrimas escorriam em silêncio. Então Van Helsing se virou e disse gravemente — tão gravemente que não pude deixar de sentir que de alguma forma ele estava inspirado, e declarando coisas como se não fosse ele mesmo:

— Pode ser que a senhora precise suportar essa marca até quando o próprio Deus achar necessário, como Ele certamente fará, no Juízo Final, para acertar todos os males da terra e dos Filhos que Ele aqui colocou. E ah, madame Mina, minha cara, minha cara, que a nós que a amamos seja permitido estar lá para ver quando essa cicatriz vermelha, o símbolo de Deus para o conhecimento de tudo que aconteceu, fique no passado, e deixe a sua testa tão pura quanto o coração que conhecemos. Pois é tão certo quanto a nossa vida que essa cicatriz há de sumir quando Deus achar adequado remover o fardo que pesa sobre nós. Até lá, suportaremos nossa Cruz, tal como Seu Filho fez em obediência à Sua vontade. Pode ser que sejamos instrumentos escolhidos para a vontade Dele, e que ascendamos a Seu

chamado, tal como aquele outro, entre chibatadas e vergonha; entre lágrimas e sangue; entre dúvidas e medos, e tudo que marca a diferença entre Deus e os homens.

Havia esperança em suas palavras, e consolo; e geravam resignação. Mina e eu sentimos assim, e simultaneamente tomamos as mãos do velho senhor e nos inclinamos para beijá-las. Então, sem dizer nada, todos nos ajoelhamos juntos, e, de mãos dadas, juramos ser leais uns aos outros. Nós, homens, juramos erguer o véu do pesar da cabeça daquela a quem todos, cada um à sua maneira, amavam; e rezamos por ajuda e orientação na terrível tarefa que jazia à nossa frente.

Era então hora de partir. De modo que eu disse adeus a Mina, uma despedida que nenhum de nós há de esquecer até o dia de nossa morte; e tomamos nosso rumo.

Uma coisa decidi: se descobirmos que Mina por fim deverá se transformar em um vampiro, ela não irá sozinha para aquela terra desconhecida e terrível. Suponho que foi assim que, em tempos antigos, a existência de um vampiro significava a de muitos: já que seus corpos hediondos somente podem repousar em solo sagrado, o amor mais santo era o sargento recrutador de suas medonhas fileiras.

Entramos em Carfax sem dificuldade e encontramos todas as coisas da maneira como estavam da primeira vez. Era difícil acreditar que em um ambiente tão trivial, tomado pelo abandono, pelo pó e pela decomposição houvesse qualquer fundamento para o tremendo medo que já experimentávamos. Se nossa decisão não estivesse tomada e não houvesse memórias terríveis para nos afligir, dificilmente teríamos conseguido prosseguir com a tarefa. Não encontramos papéis nem nenhum vestígio de uso na casa; e na capela antiga as grandes caixas tinham a mesma aparência da última vez que as vimos. O dr. Van Helsing disse-nos solenemente ao nos reunirmos à frente delas:

— E agora, meus amigos, temos um dever a fazer aqui. Devemos esterilizar esta terra, tão sagrada de memórias santas, que ele trouxe de uma terra muito distante para tão perverso uso. Ele escolheu essa terra porque ela foi santa. Portanto nós o derrotaremos com sua própria arma, pois a tornaremos ainda mais santa. Ela foi santificada para o uso dos homens, e agora a santificaremos para Deus.

Enquanto falava, ele tirou de sua bolsa uma chave de fenda e uma chave de rosca, e logo o tampo de uma das caixas fora aberto. A terra exalava um bafio salobro; mas não que nos importássemos, pois nossa atenção estava concentrada no professor. Tirando de sua caixa um pedaço da Hóstia Consagrada, ele a pousou com reverência sobre a

terra, e após fechar o tampo começou a parafusá-lo, recebendo nisso a nossa ajuda.

Uma por uma tratamos da mesma maneira as grandes caixas, e as deixamos o mais possível da maneira como as havíamos encontrado; no entanto dentro de cada uma delas havia agora uma porção da Hóstia.

Quando fechamos a porta atrás de nós, o professor disse solenemente:

— Muito já foi feito. Se pudermos ter tanto sucesso com todas as outras, então o pôr do sol desta tarde poderá brilhar na testa da madame Mina com a brancura do marfim e sem nenhuma mancha!

Conforme atravessávamos o gramado a caminho da estação a fim de tomar o trem, pudemos ver a fachada do asilo. Olhei avidamente, e na janela de meu quarto vi Mina. Acenei para ela, e meneei a cabeça para dizer que nosso trabalho ali fora realizado com sucesso. Ela assentiu em resposta para mostrar que entendera. A última coisa que vi foi ela acenando em despedida. Foi com o coração pesado que seguimos para a estação e conseguimos tomar o trem, que estava já apitando quando alcançamos a plataforma.

Escrevi estas páginas no trem.

Piccadilly, 12h30 — Pouco antes de chegarmos à rua Fenchurch, lorde Godalming me disse:

— Quincey e eu iremos procurar um serralheiro. É melhor que você não venha conosco, para o caso de surgir alguma dificuldade; pois nessas circunstâncias não pareceria tão ruim para nós invadir uma casa vazia. Mas você é um procurador e a Incorporated Law Society poderia lhe dizer que isso não se faz. — Desagradava-me não partilhar nenhum risco, nem mesmo o da desonra, mas ele prosseguiu: — Além do mais, atrairá menos atenção se estivermos em menor número. Meu título vai funcionar com o serralheiro, e com qualquer policial que possa surgir. É melhor você ir com Jack e o professor para o Green Park, em algum lugar com vista para a casa; e, quando virem a porta se abrir e o serralheiro ir embora, vocês todos vão para lá. Estaremos aguardando por vocês, e os deixaremos entrar.

— Bom conselho! — disse Van Helsing, de modo que nada mais dissemos.

Godalming e Morris seguiram apressados em um cabriolé, e nós os seguimos em outro. Na esquina com a rua Arlington nosso contingente desceu e foi caminhando até o Green Park. Meu coração batia enquanto eu via a casa na qual tanto de nossa esperança estava

depositada, surgindo sombria e silenciosa em seu estado desértico em meio às vizinhas, mais vivazes e asseadas. Sentamo-nos em um banco com boa visão, e começamos a fumar charutos a fim de chamar o mínimo de atenção possível. Os minutos pareceram andar com pés de chumbo enquanto esperávamos a chegada dos outros.

Por fim vimos uma carruagem de quatro rodas se aproximar. Dela, de uma maneira despreocupada, desceram lorde Godalming e Morris; e da boleia apeou um trabalhador parrudo com sua caixa de ferramentas. Morris pagou ao cocheiro, que tocou o chapéu e saiu rodando. Juntos os dois subiram os degraus, e lorde Godalming indicou o que gostaria que fosse feito. O trabalhador tirou seu casaco despreocupadamente e pendurou-o em um dos raios da grade, dizendo algo a um policial que justo naquele momento passava por ali andando. O policial assentiu em concordância, e então o homem, ajoelhado, pôs a caixa a seu lado. Após vasculhar nela, tirou uma seleção de ferramentas que dispôs ao seu lado de maneira ordenada. Então ele levantou-se, deu uma olhada na fechadura, soprou dentro dela e, virando-se para seus contratantes, fez alguma observação. Lorde Godalming sorriu, e o homem levantou um molho de chaves de bom tamanho; escolhendo uma delas, começou a sondar a fechadura, como se experimentasse o seu encaixe. Após futucar um pouco com a chave, testou uma segunda, e então uma terceira. De súbito a porta se abriu com um leve empurrão dele, que entrou com os outros dois no vestíbulo. Nós permanecemos sentados; meu charuto queimava furiosamente, mas o de Van Helsing se apagou de todo. Esperamos com paciência enquanto víamos o trabalhador sair e voltar com sua caixa. Então ele deixou a porta parcialmente aberta, firmando-a com os joelhos, enquanto encaixava uma chave na fechadura. Esta ele por fim entregou a lorde Godalming, que apanhou sua bolsa e lhe deu algo em troca. O homem tocou o chapéu, pegou a caixa, vestiu o casaco e foi embora; nenhuma alma prestou a menor atenção a toda aquela transação.

Quando o homem já tinha se afastado razoavelmente, nós três atravessamos a rua e batemos à porta. Ela foi de imediato aberta por Quincey Morris, ao lado do qual estava lorde Godalming, acendendo um charuto.

— O lugar cheira a podre — disse este conforme entrávamos.

De fato cheirava a podre — como a capela antiga de Carfax — e, com base em nossa experiência anterior, estava claro para nós que o conde estivera usando o lugar às claras. Fomos explorar a casa, mantendo-nos próximos em caso de um ataque; pois sabíamos ter um

inimigo forte e disposto, e por enquanto não sabíamos se o conde estava ou não na casa. Na sala de estar, que ficava depois do vestíbulo, encontramos oito caixas de terra. Apenas oito das nove caixas que procurávamos! Nosso trabalho não tinha terminado, e jamais terminaria até que encontrássemos a caixa faltante. Primeiro abrimos as cortinas da janela que dava para um pátio estreito de ardósia na face desadornada de um estábulo, construída para lembrar a fachada de uma casa em miniatura. Nela não havia janelas, portanto não tivemos receio de ser observados. Não perdemos nenhum tempo em examinar os caixotes. Com as ferramentas que havíamos trazido conosco nós os abrimos, um por um, e os tratamos como havíamos tratado aquela caixa na capela antiga. Ficou evidente para nós que o conde não estava presente na casa, e seguimos buscando por qualquer um de seus pertences.

Após um olhar apressado no resto dos quartos, do porão ao sótão, chegamos à conclusão de que a sala de estar continha todos os pertences que podiam ser do conde; e portanto procedemos a examiná-los minuciosamente. Achavam-se numa espécie de bagunça organizada sobre a grande mesa de jantar. Lá estavam as escrituras de posse da casa de Piccadilly, num grande maço; escrituras de compra das casas de Mile End e Bermondsey; papel de carta, envelopes, canetas e tinta. Estava tudo coberto em fino papel de embrulho para protegê-los do pó. Havia também uma escova de tecidos, uma escova de cabelo e um pente, e um jarro e uma bacia — esta continha água suja avermelhada, como se de sangue. Por último havia um pequeno monte de chaves de todos os tipos e tamanhos, provavelmente pertencentes às outras casas. Quando terminamos de examinar este último achado, lorde Godalming e Quincey Morris, tomando notas precisas dos vários endereços das casas no Leste e no Sul, levaram consigo as chaves num grande molho, e se puseram a caminho para destruir as caixas naquelas localidades. O resto de nós está, com a paciência de que somos capazes, esperando seu retorno — ou a chegada do conde.

CAPÍTULO 23

Diário do dr. Seward

3 de outubro — O tempo pareceu terrivelmente lento enquanto esperávamos a chegada de Godalming e Quincey Morris. O professor tentou manter nossas mentes em movimento ocupando-as o tempo todo. Pude ver seu propósito benéfico, a julgar pelos olhares de lado que lançava de tempos em tempos a Harker. O pobre rapaz está subjugado por uma infelicidade que é aterrorizante de ver. Ontem à noite ele era um homem franco, de aparência feliz, com um rosto vigoroso, jovial, cheio de energia, e cabelos castanho-escuros. Hoje ele é um velho exausto e abatido, cujos cabelos brancos condizem bem com os fundos olhos vermelhos e os traços da face marcados pela dor. Sua energia continua intacta; na verdade, ele é como uma chama viva. Isso pode mesmo vir a ser a sua salvação, pois, se tudo correr bem, irá ajudá-lo a superar esse período desesperador; ele há, de certo modo, de despertar novamente para as realidades da vida. Pobre rapaz, pensei que meu tormento fosse ruim o bastante, mas o dele...! O professor sabe disso muito bem, e está dando o melhor de si para manter-lhe a mente ativa. O que vinha nos dizendo era, dadas as circunstâncias, de extremo interesse. Eis o que falou, o mais que pude me lembrar:

— Tenho estudado, de novo e de novo desde que caíram em minhas mãos, todos os papéis relativos a esse monstro; e quanto maior o meu estudo, maior parece ser a necessidade de aniquilá-lo por completo. Por todos eles há sinais do seu progresso; não apenas de seu poder, mas do conhecimento que tem dele. Do que aprendi a partir das pesquisas de meu amigo Arminius, de Buda-Peste, o conde foi em vida um homem incrível. Soldado, estadista, e alquimista, este que era o maior desenvolvimento do saber científico de seu tempo. Ele tinha um cérebro possante, uma capacidade de aprendizado incomparável, e um coração que não conhecia medo ou remorso. Ousou até mesmo frequentar a Scholomance, e não havia ramo de conhecimento de sua época que não dominasse. Ora, nele os poderes cerebrais sobreviveram

à morte física; embora pareça que a memória não está toda completa. Em algumas faculdades da mente ele foi, e é, apenas uma criança; mas está crescendo, e algumas coisas que eram infantis a princípio têm agora a estatura de um adulto. Ele está experimentando, e fazendo-o bem; e, não tivéssemos nós cruzado o seu caminho, ele ainda seria (ele pode ainda ser, se fracassarmos) o pai ou o propagador de uma nova ordem de seres, cujo caminho percorreria através da Morte, não da Vida.

Harker gemeu e disse:

— E isso tudo está voltado contra a minha amada! Mas como é que ele está experimentando? Saber isso pode nos ajudar a derrotá-lo!

— Durante todo esse tempo, desde sua chegada, ele tem testado seu poder, lenta mas seguramente; aquele seu enorme cérebro-criança está trabalhando. Bom para nós que, por ora, seja um cérebro-criança; pois ousasse ele, a princípio, tentar certas coisas, teria há muito tempo superado a força nossa. Mas ele quer ter êxito, e um homem que tem séculos à sua frente pode se dar ao luxo de aguardar e se demorar. Festina lente³¹ poderia ser o seu lema.

— Não sei se entendi — disse Harker prostrado. — Ah, peço que seja mais direto comigo! Talvez a dor e o tormento estejam embotando meu cérebro.

O professor pousou a mão com ternura no ombro dele enquanto falava:

— Ah, meu filho, serei direto. Você não vê como, nos últimos tempos, esse monstro vem experimentalmente ganhando conhecimento? Como ele tem feito uso do paciente zoófago para ganhar acesso à casa do amigo John, uma vez que seu Vampiro, embora no futuro possa ir e vir como quiser, precisa primeiro entrar somente quando convidado a fazê-lo por alguém que está lá dentro? Mas esses não são seus experimentos mais importantes. Não estamos vendo como a princípio essas tão grandes caixas foram movidas por outros? Ele não sabia então que podia haver outra maneira. Porém durante todo esse tempo aquele seu grande cérebro-criança continuou crescendo, e ele começou a considerar se ele mesmo não conseguiria mover a caixa. Assim começou a ajudar a descarregar; e então, quando descobriu que dava certo, tentou mover todas elas sozinho. E assim ele progrediu, e espalhou todos os seus covis; e ninguém a não ser ele sabe onde estão escondidos. Ele pode ter desejado enterrá-los bem fundo no solo. Por usá-los somente de noite, ou em horas em que pode mudar de forma, eles lhe serviriam igualmente bem; e ninguém saberia se tratar de esconderijos seus! Mas, meu filho, não se

desesperar; esse conhecimento ocorreu a ele tarde demais! Todos os seus covis, menos um, estão já esterilizados contra ele; e antes que o sol se ponha este também estará. Então ele não terá lugar onde possa se mover e esconder. Atrasei a ação desta manhã para que pudéssemos ter certeza. Não temos mais coisas em jogo do que ele? Então por que não deveríamos ter ainda mais cuidado do que ele? No meu relógio são 13h e, se tudo correu bem, os amigos Arthur e Quincey já estarão a caminho nosso. O hoje pertence a nós, e precisamos agir com firmeza, mesmo que com vagareza, e não perder nenhuma chance. Veja! Vamos ser cinco quando os ausentes se fizerem presentes.

Enquanto ele falava, fomos sobressaltados por uma batida na porta do vestíbulo, a batida dupla do menino dos telégrafos. Dirigimo-nos ao vestíbulo de um só ímpeto, e Van Helsing, levantando a mão para pedir silêncio, avançou até a porta e a abriu. O menino entregou-lhe um telegrama. O professor fechou a porta de novo, e, após verificar o endereço, abriu-o e leu em voz alta.

CUIDADO COM D. ACABA (12H45) DE SAIR DE
CARFAX ÀS PRESSAS PARA SUL.
PARECE ESTAR DANDO A VOLTA E TALVEZ QUEIRA VÊ-
LOS. — MINA

Fez-se uma pausa, quebrada pela voz de Jonathan Harker:

— Agora, graças a Deus, logo nos encontraremos!

Van Helsing virou-se para ele rapidamente e disse:

— Deus agirá à Sua maneira e a Seu tempo. Não tema, e não se alegre por ora; pois o que desejamos no momento pode ser a destruição nossa.

— Nada agora me importa — respondeu ele acaloradamente —, exceto varrer essa besta da face da Terra. Venderia minha alma para fazê-lo!

— Ah, calma, calma, meu filho! — disse Van Helsing. — Deus não negocia almas dessa maneira; e o Diabo, embora negocie, não cumpre com a palavra. Mas Deus é misericordioso e justo, e conhece a sua dor e a sua devoção à cara madame Mina. Pense você como a dor dela seria duplicada se ouvisse essas suas doidas palavras. Não tema nenhum de nós, estamos inteiramente devotados a essa causa, e hoje ela verá seu fim. É chegada a hora da ação; hoje esse Vampiro está

limitado pelos poderes dos homens, e até o pôr do sol estará impedido de se transformar. Ele vai demorar para chegar aqui (vejam, são 13h20) e haverá ainda algum tempo até a sua chegada, por mais veloz que venha. O que precisamos esperar é que meu lorde Arthur e Quincey cheguem antes.

Cerca de meia hora depois de termos recebido o telegrama da sra. Harker, ouvimos uma batida calma e resoluta na porta do vestíbulo. Era apenas uma batida comum, tal como a que dão de hora em hora milhares de cavalheiros, mas fez o coração do professor e o meu baterem aceleradamente. Olhamos um para o outro, e juntos nos dirigimos até o vestíbulo; os dois tínhamos à disposição nossos vários armamentos — o espiritual na mão esquerda, o mortal na direita. Van Helsing retirou a tranca, e, mantendo a porta entreaberta, afastou-se, liberando ambas as mãos para a ação. A felicidade em nosso coração deve ter transparecido em nosso rosto quando no degrau próximo à porta vimos lorde Godalming e Quincey Morris. Entraram rapidamente e fecharam a porta atrás de si, o primeiro dizendo ao seguirem pelo vestíbulo:

— Está tudo certo. Encontramos ambos os lugares; seis caixas em cada um, e destruímos todas elas!

— Destruíram? — perguntou o professor.

— Para o uso dele!

Ficamos calados por um minuto, e então Quincey disse:

— Não há nada a fazer senão aguardar aqui. Se, contudo, ele não aparecer até as 17h, devemos partir; pois não convém deixar a sra. Harker sozinha depois do crepúsculo.

— Ele estará aqui não demora muito — disse Van Helsing, que estivera consultando seu caderno de anotações. — Nota bene, segundo o telegrama de madame, ele foi de Carfax para o sul, o que significa que cruzará o rio, e só poderá fazê-lo na maré baixa, que seria antes das 13h. O fato de ter ido para o sul é de alguma significância para nós. Ele por enquanto está apenas desconfiado; e foi de Carfax primeiro para o lugar onde suspeita ter havido menos interferência. Vocês devem ter estado em Bermondsey apenas um breve tempo antes dele. O fato de ele não estar aqui ainda mostra que ele foi para Mile End em seguida. Isso tomou-lhe algum tempo; pois ele teria de ser carregado por cima do rio de alguma forma. Creiam-me, meus amigos, não teremos que esperar muito agora. Devíamos ter aprontado um plano de ataque, para não desperdiçarmos chance nenhuma. Silêncio, agora não há tempo. Peguem todas as armas! Aprontem-se!

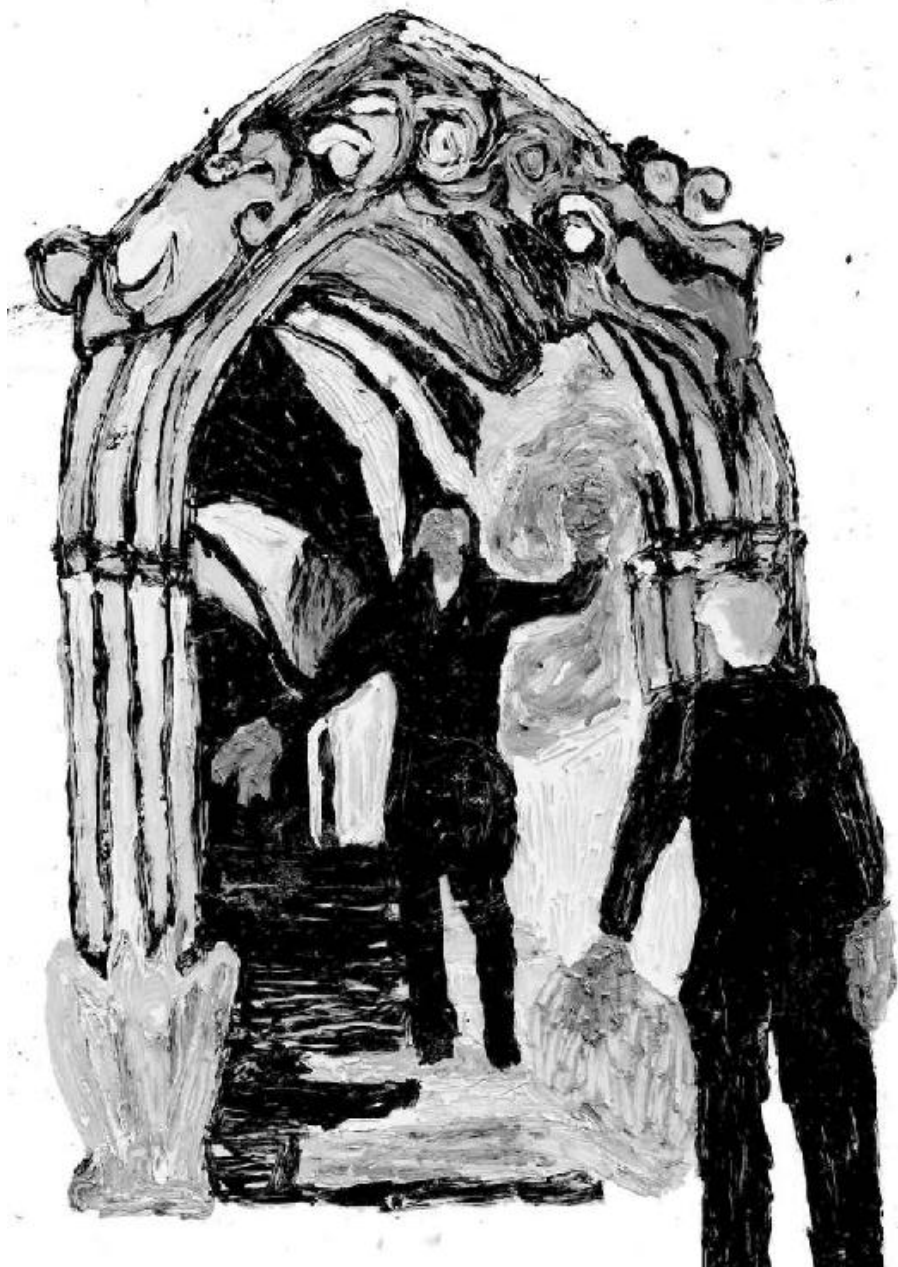
Ele ergueu uma mão acauteladora conforme falava, pois todos

pudemos ouvir uma chave sendo cuidadosamente encaixada na fechadura da porta do vestibulo.

Não pude senão admirar, mesmo em um momento como aquele, a maneira como um espírito dominante se afirma. Em todos os nossos grupos de caça e aventuras em diferentes partes do mundo, Quincey Morris sempre fora o responsável pelo plano de ação, e Arthur e eu nos acostumáramos a obedecê-lo de modo implícito. Agora, o velho hábito parecia ter sido instintivamente renovado. Com um rápido relance em torno da sala, ele de imediato delineou nosso plano de ataque, e, sem dizer uma única palavra, mas com um gesto, dispôs-nos cada um em sua posição. Van Helsing, Arthur e eu ficamos logo atrás da porta, de modo que, quando fosse aberta, o professor pudesse protegê-la enquanto nós dois avançávamos entre o recém-chegado e a porta. Godalming atrás e Quincey na frente ficavam precisamente fora de vista, prontos para mover-se na frente da janela. Aguardamos num suspense que fez os segundos se passarem com pesadelar lentidão. Os passos lentos, cautelosos, se fizeram ouvir no vestibulo; o conde estava evidentemente preparado para uma surpresa — ao menos temia alguma.

De súbito, com um único movimento, ele saltou para dentro da sala, abrindo caminho à nossa frente antes que qualquer um de nós pudesse erguer uma mão para contê-lo. Havia em seu movimento um quê de pantera — algo tão inumano que pareceu nos desembriagar do choque de sua entrada. O primeiro a agir foi Harker, que, com um movimento rápido, pôs-se diante da porta que dava para a sala na frente da casa. Quando o conde nos viu, uma horrível espécie de arreganhamento surgiu em seu rosto, mostrando os caninos longos e pontudos; mas o sorriso maléfico logo arrefeceu em uma gélida mirada de desdém leonino. Sua expressão de novo se transformou quando, com um único ímpeto, avançamos todos na sua direção. Era uma pena que não tivéssemos um plano de ataque mais bem organizado, pois mesmo naquele momento eu me perguntava o que devíamos fazer. Eu mesmo não sabia se nossas armas letais teriam alguma utilidade. Harker evidentemente pretendia tirar a prova, pois de pronto pegou sua grande faca kukri e fez uma feroz e repentina investida contra ele. O golpe foi poderoso; apenas a rapidez diabólica do salto do conde foi capaz de salvá-lo. Um segundo a menos, e a lâmina aguçada teria furado seu coração. Acontece que a ponta apenas cortou o tecido de seu casaco, expondo uma vasta abertura de onde caíram um maço de notas bancárias e uma torrente de ouro. A expressão no rosto do conde foi tão infernal que, por um momento,

temi por Harker, embora o tivesse visto estocar a terrível faca de novo em mais um golpe. Instintivamente avancei com um ímpeto protetor, erguendo o Crucifixo e a Hóstia em minha mão esquerda. Senti uma enorme pujança emanar de meu braço; e foi sem nenhuma surpresa que vi o monstro acovardar-se diante de movimento similar feito espontaneamente por cada um de nós. Seria impossível descrever a expressão de ódio e frustrada malignidade — de raiva e de ira infernal — que tomou conta do rosto do conde. Sua tez de cera tornou-se amarelo-esverdeada em contraste com os olhos ardentes, e a cicatriz vermelha na testa se destacou sobre a pele pálida como uma ferida palpitante. No momento seguinte, com um mergulho sinuoso, ele passou por debaixo do braço de Harker, antes que o golpe o acertasse, e, apanhando um punhado do dinheiro do chão, disparou pela sala e atirou-se pela janela. Em meio ao estrondo e ao tinido do vidro que caía, ele desabou na área de ardósia lá embaixo. Sob o som de vidro partido pude ouvir o “tilintar” do ouro, conforme algumas moedas caíam na pedra.



Corremos até lá e vimos como se levantou ileso do chão. Subindo os degraus correndo, ele atravessou o pátio de ardósia e escancarou a porta do estábulo. De lá, ele se virou e falou para nós:

— Vocês pensam que vão me frustrar. Vocês, com seus rostos pálidos todos enfileirados feito ovelhas num matadouro. Ainda vão se arrepender, cada um de vocês! Pensam que não me deixaram lugar para repousar; mas tenho outros. Minha vingança apenas começou! Eu

a empreendo há séculos, e o tempo está do meu lado. As mulheres que vocês amam já são minhas; e através delas vocês e outros mais serão meus, minhas criaturas, para atender ao meu chamado e ser meus chacais quando eu quiser me alimentar. Bah!

Arreganhando um sorriso zombeteiro, ele passou rapidamente pela porta, e ouvimos o ferrolho enferrujado ranger quando ele o fechou atrás de si. Uma porta mais além se abriu e se fechou. O primeiro de nós a falar foi o professor, enquanto, percebendo a dificuldade de segui-lo pelo estábulo, nos dirigíamos para o vestíbulo.

— Aprendemos alguma coisa, muita coisa! Apesar de suas bravas palavras, ele nos teme; ele teme o tempo, ele teme a necessidade! Se não, por que se apressa? Seu próprio tom o trai, ou meus ouvidos me enganam. Por que levar aquele dinheiro? Vocês, sigam-no, rápido. São caçadores de feras selvagens, e as compreendem. Quanto a mim, hei de garantir que nada aqui seja apropriado ao uso dele, caso ele retorne.

Enquanto falava, pôs o dinheiro restante no bolso; apanhou as escrituras de imóveis do maço que Harker deixara e atirou os demais objetos na lareira, à qual ateou fogo com um fósforo.

Godalming e Morris tinham corrido até o pátio, e Harker descera pela janela para seguir o conde. Ele, no entanto, havia aferrolhado a porta do estábulo; e no momento em que conseguiram forçá-la, não havia mais sinal dele. Van Helsing e eu tentamos investigar nos fundos da casa; mas as cavalariças estavam desertas e ninguém o tinha visto partir.

Agora a tarde já ia avançada, e o crepúsculo não estava distante. Tivemos de reconhecer que nossa partida fora vencida; com o coração pesado concordamos com o professor quando ele disse:

— Voltemos a madame Mina; pobre, pobre madame Mina. Tudo que estava ao nosso alcance agora foi feito; e lá, pelo menos, podemos protegê-la. Mas desesperar não é preciso. Há somente mais uma caixa de terra, e devemos tentar encontrá-la; quando isso for feito, tudo talvez fique bem.

Pude ver que ele falava com a valentia de que era capaz para consolar Harker. O pobre sujeito estava bastante abalado; vez por outra ele soltava um gemido baixo que não conseguia conter — estava pensando na esposa.

Com o coração triste, voltamos para a minha casa, onde encontramos a sra. Harker esperando por nós, com uma aparência animada que fazia jus à sua valentia e ao seu altruísmo. Quando viu nossos rostos, o dela ficou pálido como a morte; por um segundo ou

dois seus olhos se fecharam como se ela estivesse rezando em segredo; e então disse animadamente:

— Jamais poderei agradecer-lhes o suficiente. Ah, meu pobre querido! — Enquanto falava, ela tomou a cabeça grisalha do marido nas mãos e a beijou. — Deite sua pobre cabeça aqui e descanse. Tudo ainda há de ficar bem, querido! Se Deus quiser, vai nos proteger com Sua bondade.

O pobre rapaz gemeu. Não havia lugar para palavras em sua sublime miséria.

Fizemos uma espécie de ceia apressada juntos, e creio que isso nos animou em alguma medida. Talvez o mero calor animal da comida diante de pessoas famintas — pois nenhum de nós havia comido nada desde o café da manhã — ou o senso de camaradagem tenham nos ajudado; mas, de todo modo, ficamos um pouco menos miseráveis, e vimos um amanhã não completamente desprovido de esperança. Cumprindo com nossa promessa, contamos à sra. Harker tudo que havia se passado; e embora ela ficasse branca como a neve em momentos da narrativa quando o perigo de alguma forma havia ameaçado seu marido, e vermelha em outros quando a sua devoção a ela era manifesta, ouviu com coragem e tranquilidade. Quando chegamos à parte em que Harker investira contra o conde de maneira tão imprudente, ela agarrou o braço do marido, e segurou-o com força, como se seu aperto pudesse protegê-lo de qualquer mal que lhe pudesse acontecer. Ela não disse nada, no entanto, até que a narração chegou ao fim e os assuntos haviam sido atualizados até o momento presente. Então, sem se desvencilhar da mão do marido, ela se levantou e se pronunciou. Ah, se eu pudesse transmitir alguma ideia de como foi a cena; daquela doce, doce, boa, boa mulher em toda a beleza radiante de sua juventude e animação, com a cicatriz vermelha na testa, da qual ela tinha consciência, e para a qual olhávamos com um ranger de dentes diante da lembrança de como surgira; sua amável gentileza contra nosso ódio sombrio; sua terna fé contra todos os nossos medos e dúvidas; e nós, sabendo que, no tocante aos símbolos, ela, com toda a sua bondade e pureza e fé, era uma pária de Deus.

— Jonathan — disse ela, e a palavra soou como música em seus lábios, de tão cheia de amor e ternura —, Jonathan querido, e todos vocês, meus mais que verdadeiros amigos, quero que tenham em mente uma coisa durante esse tempo pavoroso. Sei que devem combater... que devem destruir tal como destruíram a falsa Lucy de modo que a verdadeira Lucy pudesse viver; mas esta não é uma obra de ódio. Aquela pobre alma que forjou tanta desgraça é o caso mais

triste de todos. Apenas pensem qual não será a sua alegria quando também ele tiver sua pior parte destruída, para que a sua melhor parte ganhe a imortalidade espiritual. Vocês também devem ter pena dele, embora isso não impeça suas mãos de destruí-lo.

Enquanto ela falava, pude ver o rosto de seu marido obscurecer e franzir, como se o ardor que havia nele estivesse definhando todo o seu ser até o âmago. Instintivamente, o aperto na mão da esposa ficou mais forte, a ponto de embranquecer os nós dos dedos. Ela não vacilou ante a dor que eu sabia que devia estar sentindo, mas o encarou com olhos que eram mais apeladores do que nunca. Quando ela parou de falar, ele pôs-se de pé num salto, quase arrancando a mão da dela conforme falava:

— Que Deus o ponha em minhas mãos apenas pelo tempo suficiente para destruir aquela sua vida terrena que estamos perseguindo. Se além disso eu puder encaminhar sua alma ao fogo do inferno para todo o sempre, eu o farei!

— Ah, quieto, quieto! Em nome do bom Deus. Não diga tais coisas, Jonathan, meu marido; ou serei esmagada pelo medo e pelo horror. Apenas pense, querido... venho pensando nisso todo esse tempo... que... talvez... algum dia... também eu venha a precisar dessa misericórdia; e que outro alguém, assim como você, e com igual motivo para raiva, possa negá-la a mim! Ah, meu marido, meu marido, de fato eu o teria poupado de tal ideia se houvesse outra maneira; mas rezo para que Deus não tenha guardado suas doidas palavras, exceto como o lamento dilacerante de um homem tão amável e sofrido. Ah, Deus, permita que esses pobres cabelos brancos sirvam de prova do que ele tem suportado, ele que em toda a vida não fez mal algum, e sobre quem tantos pesares recaíram.

Nós homens estávamos agora todos aos prantos. Não havia como resistir, e choramos abertamente. Ela também chorou, ao ver que seus dulcíssimos conselhos haviam prevalecido. Seu marido desabou de joelhos ao lado dela e, pondo os braços à sua volta, escondeu o rosto nos babados de seu vestido. Van Helsing gesticulou para nós e saímos sorrateiramente da sala, deixando as duas almas enamoradas a sós com seu Deus.

Antes de eles se recolherem, o professor preparou a sala contra qualquer chegada do Vampiro, e assegurou à sra. Harker de que ela poderia descansar em paz. Ela tentou se forçar a crer nisso, e, claramente pelo bem do marido, tentou parecer satisfeita. Foi uma luta corajosa; e, penso e acredito, teve lá suas recompensas. Van Helsing havia colocado uma campainha para que um dos dois soasse

em caso de emergência. Quando os dois haviam se recolhido, Quincey, Godalming e eu combinamos que devíamos nos revezar, dividindo a noite entre nós, e cuidar da segurança da pobre e sofrida dama. A primeira vigia coube a Quincey, de modo que o resto de nós foi para a cama assim que conseguimos. Godalming já foi se deitar, pois a sua vigia é a segunda. Agora que meu trabalho acabou, eu também irei para a cama.

Diário de Jonathan Harker

3-4 de outubro, perto da meia-noite — Pensei que o dia de ontem nunca iria acabar. Pairava sobre mim uma vontade de dormir, numa espécie de crença cega de que ao despertar encontraria as coisas mudadas, e que qualquer mudança agora só podia ser para melhor. Antes de partirmos, discutimos qual haveria de ser nosso próximo passo, mas não conseguimos chegar a nenhuma conclusão. Tudo que sabíamos era que restava uma caixa de terra, e que somente o conde sabia onde estava. Se ele escolher permanecer escondido, pode nos frustrar por anos; e nesse ínterim...! — a ideia é por demais horrível, não ousou pensar nisso no momento. De uma coisa eu sei: se já houve uma mulher que é a mais pura perfeição, essa mulher é a minha pobre e injustiçada esposa. Amo-a mil vezes mais por sua tocante piedade de ontem à noite, uma piedade que fez meu ódio pelo monstro parecer desprezível. Certamente Deus não há de permitir que o mundo empobreça com a perda de uma criatura como ela. Para mim isso é uma esperança. Estamos todos à deriva agora, e a fé é nossa única âncora. Graças a Deus! Mina está dormindo, e dorme um sono sem sonhos. Receio o teor de seus sonhos, com tantas memórias terríveis em que se basear. Ela não está tão calma, a meu ver, desde o pôr do sol. Então, por um tempo, cruzou-lhe o rosto uma placidez que foi como a primavera após os vendavais de março. No momento eu pensei que era a suavidade do crepúsculo vermelho sobre o seu rosto, mas de certa forma agora penso que tem um significado mais profundo. Eu mesmo não sinto sono, embora esteja cansado — mortalmente cansado. No entanto, preciso tentar dormir; pois existe um amanhã em que pensar, e não haverá descanso para mim até que...

Mais tarde — Devo ter adormecido, pois fui acordado por Mina, que estava sentada na cama, com um olhar sobressaltado no rosto. Eu podia enxergar claramente, pois não tínhamos deixado o quarto na

escuridão; ela havia colocado uma mão acauteladora sobre a minha boca, e agora sussurrava em meus ouvidos:

— Silêncio! Tem alguém no corredor! — Levantei-me devagar e, atravessando o quarto, abri a porta com delicadeza.

Lá fora, espichado sobre um colchão, estava o sr. Morris, totalmente desperto. Ele ergueu uma mão acauteladora pedindo silêncio enquanto me sussurrava:

— Silêncio! Pode voltar para a cama; está tudo bem. Um de nós ficará aqui toda a noite. Não podemos dar nenhuma chance!

Sua expressão e seu gestual não admitiam discussão, portanto voltei e contei aquilo a Mina. Ela suspirou, e um esboço de sorriso definitivamente se insinuou em seu pobre rosto pálido enquanto ela punha os braços à minha volta e dizia com delicadeza:

— Ah, graças a Deus temos homens tão valentes!

Com um suspiro, ela mergulhou de novo no sono. Escrevo isto agora já que não estou com sono, embora deva novamente tentar dormir.

4 de outubro, manhã — Mais uma vez durante a noite fui acordado por Mina. Dessa vez nós tivéramos uma boa noite de sono, pois a cerração da iminente alvorada atingia as janelas em distintas formas oblongas, e a chama da lamparina era como uma mancha e não um disco de luz. Ela me disse às pressas:

— Vá chamar o professor. Quero vê-lo imediatamente.

— Por quê? — perguntei.

— Tive uma ideia. Suponho que deve ter me ocorrido à noite, e amadurecido sem que eu soubesse. Ele deve me hipnotizar antes da alvorada, e então serei capaz de falar. Vá depressa, querido; a hora se aproxima.

Fui até a porta. O dr. Seward estava descansando no colchão, e, ao me ver, pôs-se de pé.

— Algo de errado? — perguntou, alarmado.

— Não — respondi —, mas Mina quer ver o dr. Van Helsing imediatamente.

— É para já — disse ele, e correu até o quarto do professor.

Dois ou três minutos depois Van Helsing estava no quarto em camisa de dormir, e o sr. Morris e lorde Godalming estavam com o dr. Seward na porta fazendo-lhe perguntas. Quando o professor viu Mina, um sorriso — um sorriso confiante — desalojou a ansiedade de seu rosto; ele esfregou as mãos enquanto dizia:

— Ah, minha cara madame Mina, essa é de fato uma mudança.

Veja, amigo Jonathan, temos a nossa cara madame Mina de antigamente de novo conosco hoje! — Então, virando-se para ela, disse, animado: — E o que posso fazer pela senhora? Pois a esta hora não me chamou por nada.

— Quero que o senhor me hipnotize! — disse ela. — Faça-o antes da alvorada, pois sinto que então serei capaz de falar, e falar abertamente. Seja rápido, pois o tempo é curto!

Sem dizer palavra ele acenou para que ela se sentasse na cama.

Olhando para ela fixamente, ele começou a fazer passes na frente dela, começando em cima da sua cabeça e indo para baixo, usando uma mão por vez. Mina permaneceu fitando-o fixamente por alguns minutos, durante os quais meu coração bateu feito um martinete, pois eu sentia que alguma crise era iminente. Pouco a pouco os olhos dela se fecharam, e ela permaneceu sentada, perfeitamente imóvel; apenas o ligeiro subir e descer de seu peito fazia ver que ainda estava viva. O professor fez mais alguns movimentos e então parou, e pude ver que sua testa estava coberta de grandes gotas de transpiração. Mina abriu os olhos; mas não parecia ser a mesma mulher. Havia uma expressão distante em seus olhos, e sua voz tinha uma tristeza sonhadora que me era nova. Erguendo a mão para impor silêncio, o professor indicou que eu deveria trazer os outros. Eles entraram na ponta dos pés, fechando a porta atrás de si, e se plantaram ao pé da cama, observando. Mina pareceu não vê-los. A quietude foi quebrada pela voz de Van Helsing falando num tom baixo, calmo, que não interromperia o fluxo dos pensamentos dela:

— Onde a senhora está?

A resposta veio de uma maneira neutra:

— Não sei. O sono não tem um lugar para chamar de seu.

Por vários minutos perdurou o silêncio. Mina estava rígida, e o professor de pé encarava-a fixamente; o resto de nós mal ousava respirar. O quarto estava se aclarando; sem tirar os olhos do rosto de Mina, o dr. Van Helsing gesticulou para que eu abrisse a veneziana. Fiz isso, e o dia pareceu cair sobre nós. Uma risca vermelha subia aos céus, e uma luz rósea pareceu difundir-se pelo quarto. No mesmo instante o professor tornou a falar:

— Onde está agora?

A resposta veio sonhadora, mas com propósito; era como se ela estivesse interpretando alguma coisa. Eu já a ouvira usar o mesmo tom ao ler suas notas taquigráficas.

— Não sei. Tudo me é estranho!

— O que vê?

— Não vejo nada; está tudo escuro.

— O que a senhora ouve?

Pude detectar a tensão na voz paciente do professor.

— A ondulação da água. Está gorgolejando perto, e pequenas ondas saltam. Posso ouvi-las batendo lá fora.

— Então se encontra num navio?

Todos nos entreolhamos, tentando captar alguma coisa no olhar do outro. Tínhamos medo de pensar. A resposta veio rápida:

— Ah, sim!

— Que mais a senhora ouve?



— O som de passos de homens acima da minha cabeça conforme correm para lá e para cá. Há um ranger de correntes, e um retinir alto quando as barras do cabrestante entram na catraca.

— O que a senhora está fazendo?

— Estou imóvel... ah, tão imóvel. É como a morte! — A voz desapareceu numa inalação profunda, como a de alguém que dorme, e os olhos abertos voltaram a se fechar.

A esta altura o sol havia nascido, e estávamos em plena luz do dia. O dr. Van Helsing pousou as mãos nos ombros de Mina, e recostou sua cabeça suavemente no travesseiro. Ela repousou como uma criança adormecida por uns poucos momentos, e então, com um longo

suspiro, acordou e olhou ao redor com espanto ao ver todos nós à sua volta.

— Andei falando durante o sono? — foi tudo que ela disse.

Pareceu, no entanto, compreender a situação sem que nós lhe explicássemos, embora estivesse ávida para saber o que dissera. O professor repetiu a conversa, e ela falou:

— Então não há um instante a perder; pode ainda não ser tarde demais!

O sr. Morris e lorde Godalming se precipitaram para a porta, mas a voz calma do professor chamou-os de volta:

— Fiquem, meus amigos. Aquele navio, onde quer que esteja, levantava âncora enquanto ela falava. Há muitos navios levantando âncora neste momento em seu tão grandioso porto de Londres. Qual deles é o que buscam? Graças a Deus mais uma vez temos uma pista, embora ignoremos se pode nos levar a alguma coisa. Temos sido de certa forma cegos; cegos como os homens, uma vez que quando conseguimos olhar para trás vemos o que poderíamos ter visto olhando para a frente se fôssemos capazes de ver o que poderíamos ter visto! Ai de mim, mas essa frase é uma confusão que só; não é verdade? Agora podemos saber o que se passava na cabeça do conde quando ele apanhou aquele dinheiro, embora a faca tão feroz de Jonathan o tenha colocado em um perigo que fez até ele temer. Ele pretendia fugir. Ouçam-me, fugir! Ele viu que, com somente uma caixa de terra restante, e um bando de homens a segui-lo como cães atrás de uma raposa, esta Londres não era lugar para ele. Levou sua última caixa de terra a bordo de um navio e deixou este solo. Ele pensa que escapou, mas não! Nós o caçamos. “Tally ho!”³², como diz o amigo Arthur quando veste seu fraque vermelho! Nossa velha raposa é astuta, ah, tão astuta, e devemos caçá-la com astúcia. Eu, também, sou astuto e em breve lerei a mente dele. Enquanto isso poderemos descansar, e em paz, pois há águas entre nós que ele não quer cruzar, e que ele não cruzaria se pudesse... a não ser que o navio venha a tocar a terra, e então somente na maré cheia ou baixa. Vejam, o sol acaba de nascer, e todo o dia até o poente é nosso. Tomemos um banho, e nos vistamos, e tomemos um desjejum de que todos estamos precisados, e que podemos tomar confortavelmente já que ele não se acha na mesma terra que nós.

Mina olhou para ele de forma súplice quando perguntou:

— Mas por que precisaríamos continuar à sua caça, se ele se encontra tão longe de nós?

Ele pegou sua mão e deu-lhe palmadinhas conforme respondia:

— Não me pergunte nada por ora. Quando tivermos terminado o café, responderei todas as perguntas.

Ele não disse mais nada, e nos separamos para nos vestir.

Após o café da manhã, Mina refez sua pergunta. Ele olhou para ela gravemente por um minuto e então disse com pesar:

— Porque, minha caríssima madame Mina, agora mais do que nunca precisamos achá-lo mesmo que tenhamos de segui-lo até a bocarra do inferno!

Ela empalideceu enquanto perguntava fracamente:

— Por quê?

— Porque — respondeu ele, solene — ele pode viver por séculos, e a senhora não passa de uma mulher mortal. O tempo agora é algo a temer, desde que ele pôs essa marca sobre o seu pescoço.

Agi bem a tempo de segurá-la quando ela tombou adiante desmaiada.

31 “Apressa-te devagar”, em latim.

32 Grito das tradicionais caças à raposa na Inglaterra, em que os cavaleiros, guiados por um líder de fraque vermelho, perseguem sua presa desarmados, utilizando cães treinados.

CAPÍTULO 24

Diário fonográfico do dr. Seward, gravação de Van Helsing

Isto é para Jonathan Harker.

O senhor deve ficar com sua cara madame Mina. Nós vamos fazer nossa busca — se é que posso chamá-la assim, pois não é uma busca, mas um reconhecimento, e procuramos apenas uma confirmação. Mas o senhor fique e tome conta dela hoje. Este é o seu melhor e mais sagrado ofício. Hoje nada conseguirá encontrá-lo aqui. Deixe-me dizer a você para que saiba o que nós quatro já sabemos, pois eu lhes contei. Ele, nosso inimigo, foi embora; voltou para seu castelo na Transilvânia. Sei-o muito bem, como se uma grande mão de fogo o tivesse escrito na parede. Ele se preparou para isto de alguma maneira, e aquela última caixa de terra estava pronta para ser mandada a algum lugar. Por isso ele apanhou o dinheiro; por isso aquela pressa toda, por receio de que o capturássemos antes de o sol se pôr. Era sua última esperança, desconsiderando que poderia se esconder na tumba que ele achava que a pobre srta. Lucy, a quem pensava ser uma igual, mantinha aberta para ele. Mas não havia tempo. Quando isso falhou, ele foi direto para seu último recurso — seu último aterramento, eu poderia dizer, se pretendesse uma frase com double entente. Ele é inteligente, ah, tão inteligente que sabe que o jogo aqui acabou; e portanto decide voltar para casa. Encontra um navio que faz a mesma rota daquele que o trouxe, e sobe a bordo. Vamos agora descobrir em qual navio, e para qual destino; quando descobirmos isso, voltaremos e lhes contaremos tudo. Então confortaremos você e a pobre e cara madame Mina com nova esperança. Pois parando para pensar será mesmo uma nova esperança: nem tudo está perdido. Essa mesma criatura que perseguimos levou centenas de anos para chegar a Londres; e no entanto, em um único dia, assim que conhecemos os planos seus, o expulsamos. Ele é finito, embora tenha poder para causar muito estrago e não sofra como nós. Mas somos fortes, cada um com seu propósito; e somos ainda mais fortes juntos. Renove sua coragem, caro esposo da madame Mina. Esta

batalha apenas começou, e no fim hemos de vencer — isso é tão certo quanto o fato de que Deus está no alto para cuidar de Seus filhos. Portanto fique reconfortado até retornarmos.

Van Helsing

Diário de Jonathan Harker

4 de outubro — Quando li para Mina a mensagem de Van Helsing no fonógrafo, a pobre garota iluminou-se consideravelmente. A própria confirmação de que o conde está fora do país já a reconfortou; e conforto, para ela, é força. De minha parte, agora que esse horrível perigo não se encontra cara a cara conosco, parece quase impossível acreditar nele. Mesmo minhas terríveis experiências no castelo Drácula parecem um sonho há muito esquecido. Aqui no límpido ar outonal, à clara luz do dia...

Ai de mim! Como poderia eu descrever? Em meio a pensamentos, meu olhar recaiu sobre a cicatriz vermelha na testa branca de minha pobre amada. Enquanto a cicatriz durar, não pode haver descrença. E mais tarde a mera lembrança dela manterá a minha fé cristalina. Mina e eu tememos a inatividade, de modo que repassamos todos os diários mais e mais uma vez. De alguma forma, embora a realidade pareça maior a cada vez, a dor e o medo parecem menores. Há algo como um propósito norteador que se manifesta por tudo isso, servindo de consolo. Mina diz que talvez sejamos os instrumentos do sumo bem. Pode ser! Tentarei pensar da mesma forma que ela. Ainda não conversamos a respeito do futuro. É melhor aguardar até vermos o professor e os outros depois de suas investigações.

O dia está transcorrendo mais rapidamente do que jamais pensei que pudesse voltar a transcorrer. São 15h em ponto agora.





Diário de Mina Harker

5 de outubro, 17h — Ata da reunião. Presentes: prof. Van Helsing, lorde Godalming, dr. Seward, sr. Quincey, Jonathan Harker, Mina Harker.

O dr. Van Helsing descreveu quais medidas foram tomadas durante o dia para descobrir em que navio e para qual destino o conde Drácula empreendeu sua fuga:

— Como eu sabia que ele queria voltar para a Transilvânia, tinha certeza de que devia ir pela foz do Danúbio; ou por algum lugar no mar Negro, já que por essa direção ele viera para cá. Era um vazio pavoroso o que estava perante nós. Omne ignotum pro magnifico³³; e foi portanto com o coração pesado que fomos descobrir quais navios se dirigiam ao mar Negro ontem à noite. Ele estava num navio à vela, já que madame Mina nos falou sobre velas sendo içadas. É um desses navios sem tanta importância para figurar na lista de embarques do

Times, e lá fomos nós, por sugestão de lorde Godalming, ao Lloyd inglês, onde há registro de todos os navios que partem, não importa quão pequenos. Lá descobrimos que apenas um navio rumo ao mar Negro partiu com a maré vazante. Trata-se da embarcação Czarina Catherine, e ela partiu do porto Doolittle com destino a Varna, e de lá para outras partes e Danúbio acima. “Pois bem!”, disse eu, “este é o navio em que se encontra o conde.” De modo que fomos ao porto Doolittle, e lá achamos um homem num escritório de madeira tão pequeno que o homem parecia maior do que o escritório. A ele perguntamos sobre o paradeiro do Czarina Catherine. Ele praguejava muito, e tinha rosto vermelho e voz alta, mas era um bom sujeito mesmo assim; e quando Quincey lhe deu algo tirado do bolso que estalou quando ele o enrolou e meteu numa bolsa pequeníssima que levava escondida por debaixo da roupa, tornou-se um sujeito ainda melhor e um nosso humilde criado. Acompanhou-nos, e fez perguntas a muitos homens que eram grosseiros e esquentados; esses também eram sujeitos melhores quando não sentiam mais sede. Falavam muitas maldições e imprecações, e outras coisas que eu não compreendia, embora suspeitasse do que falavam; mas não obstante eles nos contaram tudo que queríamos saber. Fizeram-nos saber como, na tarde anterior, por volta das 17h, eis que chega um homem a toda pressa. Um homem alto, magro e pálido, com nariz empinado e dentes muito brancos, e olhos que parecem arder. Está todo vestido de preto, exceto por um chapéu de palha que não combina nem com ele nem com a condição do tempo. Ele distribui seu dinheiro ao fazer uma rápida investigação quanto a qual navio parte para o mar Negro e com que destino. Alguém o leva para o escritório e em seguida para o navio, no qual não sobe, mas estaca na ponta da prancha, e pede que o capitão vá até ele. O capitão vai, ao ouvir que será muito bem pago; e embora pragueje muito, a princípio fecha um acordo. Então o homem magro se vai e alguém lhe diz onde cavalos e carroças podem ser alugados. Ele vai até lá e logo volta conduzindo ele mesmo uma carroça sobre a qual há uma grande caixa; ele próprio a descarrega sozinho, embora tenham sido necessários vários homens para pô-la no porão do navio. Ele conversa bastante com o capitão a respeito de como e onde sua caixa será colocada; mas o capitão não gosta e pragueja em muitas línguas, e lhe diz que se quiser pode ir ver onde ficará. Mas ele diz “não”; que ele ainda não vai, pois muito tem ainda a fazer. Ao que o capitão lhe diz que é melhor que ele corra para (maldição) pois aquele navio deixará o (imprecação) lugar antes da virada da (maldição) maré. Então o homem magro sorri e diz que é

claro que deve ir quando julgar melhor; mas que ficará surpreso se ele partir assim tão cedo. O capitão pragueja novamente, poliglota, e o homem magro faz-lhe uma medida, e lhe agradece, e lhe diz que abusará da bondade dele subindo a bordo somente no momento da partida. Por fim o capitão, mais vermelho do que nunca, em mais línguas, lhe diz que não quer saber de (maldição, imprecação) franceses em seu (maldição) navio. E assim, após perguntar onde haveria por perto um navio onde pudesse adquirir formulários de navio, ele parte. Ninguém soube para onde ele foi ou “ligavam a (imprecação)”, como disseram eles, pois tinham mais em que (maldição) pensar; pois logo ficou evidente a todos que o Czarina Catherine não zarparia como esperado. Uma névoa fina começou a surgir do rio, e foi crescendo, crescendo; até que logo uma densa neblina envolveu o navio e toda a sua volta. O capitão praguejou, poliglota, deveras poliglota, com maldições e imprecações; mas nada pôde fazer. A água subia e subia; e ele começou a temer que perderia a maré por completo. Ele não estava num humor muito amigável quando, justo na maré cheia, o homem magro subiu pela prancha novamente e pediu para ver onde sua caixa fora acondicionada. Então o capitão respondeu que desejava que ele e sua (maldição!!!, imprecação!!!) caixa velha fossem para o inferno. Mas o homem magro não se ofendeu, e desceu com o imediato para ver onde fora colocada, e voltou para o convés e lá ficou algum tempo na neblina. Ele deve ter saído por conta própria, pois ninguém o notou. De fato não pensaram nele; pois logo a neblina começou a se dissipar, e tudo ficou limpo de novo. Meus amigos sedentos e amaldiçoadores riram ao contar como as pragas do capitão haviam excedido até mesmo seu habitual multilinguismo, e sido mais pitorescas que nunca, quando ele perguntou quais outros marinheiros estavam em serviço acima e abaixo do rio naquela hora e descobriu que poucos deles haviam sequer visto a neblina, exceto quando ela envolveu o cais. No entanto, o navio partiu na maré baixa; e sem dúvida de manhã já ia longe pela foz do rio. A embarcação, conforme nos contaram, àquela altura já estaria no mar. E por isso, minha cara madame Mina, devemos descansar um pouco, pois nosso inimigo está no mar, com a neblina sob seu comando, a caminho da foz do Danúbio. Pilotar um navio leva tempo, por mais rápido que se vá; e quando partirmos iremos por terra e mais rápido, a fim de lá encontrá-lo. Nossa maior esperança é investir contra ele quando estiver dentro da caixa entre o nascer e o pôr do sol; pois então não conseguirá lutar, e nós poderemos lidar com ele da melhor maneira. Temos dias pela frente, nos quais

aprontaremos o plano nosso. Sabemos tudo sobre aonde ele vai; pois vimos o proprietário do navio, que nos mostrou faturas e todos os documentos existentes. A caixa que procuramos aportará em Varna, e será entregue a um agente, um tal Ristics, que irá então apresentar as credenciais suas; e assim nosso amigo mercador terá feito sua parte. Quando ele perguntou se havia algo de errado, pois, fosse esse o caso, poderia telegrafar e fazer uma investigação em Varna, dissemos “não”; pois o que há para ser feito não cabe à polícia ou à alfândega. Deve ser feito por nós apenas, e à nossa maneira.

Quando o dr. Van Helsing terminou de falar, perguntei-lhe se estava certo de que o conde permanecera a bordo do navio. Ele respondeu:

— Temos a melhor prova disso: a própria evidência que a senhora forneceu durante seu transe hipnótico esta manhã.

Perguntei-lhe novamente se era mesmo necessário que eles perseguissem o conde, pois ah!, como me apavorava a ideia de Jonathan me deixar, e sei que ele certamente iria se os outros fossem. O dr. Van Helsing respondeu com crescente ardor, com calma a princípio. Conforme prosseguia, no entanto, tornou-se mais irritado e mais veemente, até que por fim não pudemos deixar de notar ao menos uma parcela daquele autodomínio que por tanto tempo fizera dele um mestre entre os homens:

— Sim, é necessário, necessário, necessário! Pelo seu bem em primeiro lugar, e em seguida pelo bem da humanidade. Esse monstro já causou males demais, no curto alcance que tem e durante o pouco tempo em que foi um corpo tomando percepção de sua pequenez, no escuro e na ignorância. Tudo isso já contei a eles; a senhora, minha cara madame Mina, saberá no fonógrafo de meu amigo John, ou no diário do seu marido. Eu disse a eles como a decisão de deixar a própria terra infértil, infértil de gentes, e vir para uma nova terra onde a vida humana floresce a ponto de fazer lembrar uma colheita foi o trabalho de séculos. Se outro Não Morto como ele tentasse fazer o que fez, nem mesmo todos os séculos que se passaram e que virão poderiam ajudá-lo. Com este, todas as forças da natureza que são ocultas e profundas e poderosas devem ter trabalhado juntas, de assombrosa maneira. O próprio lugar onde ele existiu, Não Morto por todos esses séculos, é cheio da estranheza dos mundos geológico e químico. Há cavernas profundas e fissuras que descem não se sabe até onde. Houve vulcões, alguns cujas aberturas ainda expelem águas com estranhas propriedades, e gases que matam ou fazem viver de novo. Sem dúvida, há algo de magnético ou elétrico em algumas dessas

combinações de forças ocultas que operam sobre a vida física de estranha maneira; e mesmo nele houve no princípio algumas grandes qualidades. Nele, algum princípio vital alcançou de uma estranha maneira o seu ápice; e conforme o seu corpo se fortalece e cresce e persevera, também o seu cérebro cresce. Tudo isso sem aquele diabólico auxílio que certamente ele recebe; pois precisa ceder diante dos poderes que são oriundos, e que são símbolos, do bem. E agora é isto que ele é para nós. Ele a infectou... ah, perdoe-me, minha cara, por dizer tal coisa; mas é pelo seu bem que falo. Infectou-a de tal maneira que, mesmo que não volte a fazer nada, resta à senhora apenas viver, viver de seu velho e doce jeito, e com o tempo, a morte, que é parte do quinhão dos homens e com a sanção de Deus, irá torná-la igual a ele. Isso não pode ser! Juntos fizemos o juramento de que não pode. Portanto somos ministros da vontade de Deus: o mundo e os homens pelos quais Seu Filho morreu não serão dados aos monstros, cuja própria existência O difama. Ele já nos permitiu redimir uma alma, e partimos como velhos cavaleiros cruzados para redimir ainda outras. Tal como eles, havemos de viajar rumo ao nascente; e tal como eles, se cairmos, cairemos por boa causa.

Ele fez uma pausa e eu disse:

— Mas não irá o conde reagir sabiamente ao malogro? Uma vez tendo sido expulso da Inglaterra, não irá ele evitá-la, assim como um tigre evita a aldeia na qual foi caçado?

— Arrá! — disse ele. — Para mim sua analogia do tigre é boa, e irei adotá-la. Seu devorador de homens, como na Índia chamam o tigre que provou uma vez o sangue humano, não liga mais para as outras presas, mas nunca cessa de caçar. Isto que afugentamos de nossa aldeia também é um tigre, um devorador de homens, e ele nunca cessa de caçar. De modo algum, ele não é de recuar e manter-se afastado. Em sua vida, em sua vida de vivente, ele transpôs a fronteira turca e atacou o inimigo em seu próprio solo; ele foi repellido, mas ele recuou? Não! Ele voltou, de novo, e voltou, e voltou. Vejam sua persistência e resistência. Com o cérebro-criança que tem, ele há muito concebeu a ideia de vir para uma cidade grande. E o que ele faz? Ele encontra o lugar no mundo mais promissor para ele. Então deliberadamente trata de se preparar para a tarefa. Descobre com paciência justamente como ele é forte, e quais são seus poderes. Estuda novas línguas. Aprende uma nova vida social; um novo ambiente de velhas maneiras, a política, a lei, o dinheiro, a ciência, o hábito de uma nova terra e uma nova gente que veio a ser enquanto ele já existia. O vislumbre que ele teve só despertou seu apetite e

aguçou seu desejo. Melhor dizendo, ajudou-o a desenvolver seu cérebro; pois tudo lhe serviu de prova de como ele estava certo desde o começo em suas suposições. Tudo isso ele fez sozinho (inteiramente sozinho!) a partir de uma tumba em ruínas numa terra esquecida. Que mais ele não é capaz de fazer quando o grande mundo do pensamento está aberto para ele? Ele, que é capaz de sorrir para a morte, como sabemos que é; ele, que é capaz de florescer em meio a doenças que matam povos inteiros. Ah, se uma tal criatura viesse de Deus, e não do Diabo, que força benevolente não poderia ser neste velho mundo nosso! Mas prometemos livrar o mundo dele. Nossa labuta deve ser silenciosa, e todos os nossos esforços, feitos em segredo; pois nesta era esclarecida, em que os homens não acreditam nem mesmo naquilo que podem ver, a desconfiança dos sábios seria a maior força dele. Seria a um só tempo sua balsa e armadura, e suas armas para destruir a nós, inimigos seus, que estamos dispostos a arriscar até mesmo nossas almas pela segurança de alguém que amamos... pelo bem da humanidade, e pela honra e glória de Deus.

Após discussão geral, determinou-se que esta noite nada seria resolvido em definitivo; que iremos dormir pensando nos fatos, e tentar refletir sobre as conclusões em si. Amanhã, no desjejum, vamos nos encontrar novamente, e, após comunicar nossas conclusões um ao outro, decidiremos uma causa definida de ação.

Sinto uma paz e um alívio incríveis esta noite. É como se uma presença assombrosa tivesse sido afastada de mim. Talvez...

Minha suposição não chegou ao fim, nem haveria como; pois avistei no espelho a marca vermelha sobre a minha testa; e dei-me conta de que continuava impura.

Diário do dr. Seward

5 de outubro — Levantamo-nos cedo, e acho que o sono fez bem a cada um de nós. Quando nos encontramos para o café da manhã, havia em todos uma alegria geral maior do que qualquer um de nós jamais esperara encontrar de novo.

É realmente incrível quanta resiliência existe na natureza humana. Remova qualquer empecilho, não importa qual for, e da maneira que for — mesmo que com a morte —, e nós voltamos correndo para nossos princípios primordiais de esperança e contentamento. Mais de uma vez enquanto estávamos sentados ao redor da mesa meus olhos se

arregalaram com assombro, questionando se os últimos dias não haviam sido um sonho. Foi somente quando avistei a mancha vermelha na testa da sra. Harker que fui trazido de volta à realidade. Mesmo agora, quando estou revolvendo o assunto com toda a seriedade, é quase impossível dar-me conta de que a causa de toda a nossa atribulação ainda existe. Até mesmo a sra. Harker parece perder de vista o seu tormento por longos períodos; somente vez por outra, quando algo lhe recorda o ocorrido, ela pensa em sua terrível cicatriz. Vamos nos reunir em meu gabinete dentro de meia hora para decidir nosso curso de ação. Vejo apenas uma dificuldade imediata, a qual conheço por instinto, não por reflexão: temos todos que falar francamente; e contudo temo que, de alguma maneira misteriosa, a língua da pobre sra. Harker esteja atada. Eu sei que ela tira suas próprias conclusões, e tendo em vista tudo que aconteceu posso supor quão brilhantes e verdadeiras devem ser; mas ela não as enuncia, ou não as pode enunciar. Mencionei isso a Van Helsing, e ele e eu vamos debater a questão quando estivermos a sós. Suponho que um vestígio daquele horrendo veneno que entrou nas veias dela tenha começado a surtir efeito. O conde tinha lá seus intentos quando deu a ela o que Van Helsing chamou de “batismo de sangue do Vampiro”. Bem, pode haver um veneno destilado a partir de coisas boas; numa época em que a existência de ptomaínas é um mistério, não devemos duvidar de nada! De uma coisa eu sei: se meu instinto está correto em relação aos silêncios da pobre sra. Harker, então há uma terrível dificuldade, um perigo desconhecido, agindo contra nós. O mesmo poder que a compele a calar pode compeli-la a falar. Não ousou continuar cogitando isso; pois fazê-lo seria desonrar uma nobre mulher em pensamento!

Van Helsing virá ao meu gabinete um pouco antes dos outros. Tentarei tocar no assunto com ele.

Mais tarde — Quando o professor entrou, conversamos sobre o estado das coisas. Pude ver que ele tinha algo na mente que queria dizer, mas sentia alguma hesitação a respeito de abordar o assunto. Após eu sondá-lo um pouco, ele disse subitamente:

— Amigo John, há algo que você e eu devemos conversar a sós, pelo menos a princípio, de todo modo. Mais tarde, talvez precisemos trazer os outros para nossa confidência. — Então ele se deteve, de modo que esperei; ele prosseguiu: — Madame Mina, nossa pobre, caríssima madame Mina, está mudando.

Um calafrio percorreu-me e foi se juntar aos meus piores medos. Van Helsing continuou:

— Com a triste experiência da srta. Lucy, devemos desta vez ficar alertas antes que as coisas cheguem longe demais. Nossa tarefa é agora na realidade mais difícil do que nunca, e este novo problema dá a cada hora que passa maior importância. Posso ver as características do vampiro brotando no rosto dela. Por enquanto são muito, muito tênues; mas é possível vê-las se tivermos olhos para notá-las sem prejuízos. Os dentes dela estão mais afiados, e por vezes seus olhos estão mais duros. Mas isso não é tudo, vem-lhe agora com frequência o silêncio; tal como foi com a srta. Lucy. Ela não se pronunciou, mesmo após ter escrito que desejava ficar sabendo de tudo. Agora o meu medo é este. Se é verdade que ela consegue, por causa do transe hipnótico nosso, nos dizer o que o conde vê e ouve, não será ainda mais verdadeiro que aquele que a hipnotizou primeiro, e que bebeu o seu sangue e a fez beber o próprio, deva, se quiser, compelir sua mente a revelar para ele aquilo que ela sabe?

Assenti em concordância; ele prosseguiu:

— Então, o que devemos fazer é prevenir isso; devemos deixá-la ignorante a respeito de nosso intento, e assim ela não poderá contar a ele o que não sabe. É uma tarefa dolorosa! Ah, tão dolorosa que me parte o coração pensar nela; mas assim deve ser. Quando nos reunirmos hoje, contarei a ela que, por razão que não podemos revelar, ela não deve mais fazer parte do conselho nosso, mas sim limitar-se a ser por nós protegida.

Ele enxugou a testa, que havia irrompido em profusa transpiração diante da ideia da dor que poderia ter de infligir àquela pobre alma já tão torturada. Eu sabia que seria uma espécie de consolo para ele se eu lhe dissesse que também havia chegado à mesma conclusão; pois de qualquer modo eliminaria a dor da dúvida. Disse-lhe, e o efeito foi tal como eu esperava.

Aproxima-se agora a hora de nosso encontro geral. Van Helsing foi embora preparar-se para a reunião, e para o doloroso papel que terá nela. Creio de fato que sua intenção era rezar a sós.

Mais tarde — Logo no início de nossa reunião um grande alívio pessoal foi experimentado tanto por Van Helsing como por mim. A sra. Harker enviara um recado pelo marido dizendo que não se juntaria a nós no momento, uma vez que achava melhor que ficássemos livres para discutir nossos movimentos sem a presença dela a constranger-nos. O professor e eu olhamos um para o outro por um instante, e de certa forma parecemos aliviados. Eu, de minha parte, pensei que se a sra. Harker percebia ela própria o perigo, muita era a

dor, bem como muito o perigo, que evitávamos. Sob as circunstâncias concordamos, com um olhar inquieto e um dedo na frente dos lábios, em manter silêncio quanto a nossas suspeitas, até que fôssemos capazes de conferenciar de novo a sós. De pronto passamos ao nosso plano de campanha. Van Helsing rispidamente nos apresentou os fatos primeiro:

— O Czarina Catherine deixou o Tâmsa ontem de manhã. Na velocidade mais rápida de que é capaz, levará ao menos três semanas para alcançar Varna; mas podemos viajar por terra para o mesmo lugar em três dias. Agora, se contarmos dois dias a menos para a viagem do navio, devido às influências nas condições climáticas de que sabemos ser o conde capaz; e se deixarmos todo um dia e uma noite para quaisquer atrasos que possam ocorrer conosco, então teremos uma margem de quase duas semanas. Portanto, para que tenhamos alguma segurança, devemos partir o mais tardar no dia 17. Assim estaremos de todo modo em Varna um dia antes de o navio aportar, e seremos capazes de fazer todos os preparativos necessários. É claro que iremos todos armados, armados contra coisas malignas, espirituais e também físicas.

Aqui Quincey Morris acrescentou:

— Sei que o conde vem de um país de lobos, e pode ser que ele chegue lá antes de nós. Proponho que acrescentemos Winchesters ao nosso armamento. Deposito certa fé em ter uma Winchester por perto quando há transtornos desse tipo. Lembra-se, Art, de quando aquela matilha saiu em nosso encalço em Tobolsk? O que não teríamos dado então em troca de uma espingarda para cada um!

— Bom! — disse Van Helsing. — Winchesters então teremos. A cabeça de Quincey é equilibrada a todo momento, mas ainda mais quando se trata de caçar, embora minha metáfora seja uma maior desonra à ciência do que o perigo que os lobos representam para os homens. Enquanto isso nada podemos fazer aqui; e como acredito que Varna não é familiar a nenhum de nós, por que não ir para lá antes? Esperar lá é tão longo quanto aqui. Esta noite e amanhã podemos nos preparar, e então, se tudo correr bem, nós quatro poderemos partir em nossa jornada.

— Nós quatro? — disse Harker interrogativamente, olhando por sua vez para cada um de nós.

— É claro! — respondeu o professor rapidamente. — Você deve ficar para tomar conta de sua tão linda esposa!

Harker calou-se por um tempo e então disse numa voz cavernosa:

— Sobre isso conversaremos pela manhã. Quero consultar Mina.

Pensei que aquela era a hora de Van Helsing adverti-lo a não revelar nossos planos para ela; mas ele não reparou. Lancei-lhe um olhar significativo e tossi. Como resposta, ele pôs o dedo sobre os lábios e afastou-se.

Diário de Jonathan Harker

5 de outubro, à tarde — Por algum tempo após nossa reunião esta manhã, não fui capaz de pensar. As novas fases das coisas deixam minha mente em um estado de espanto que não dá lugar para o pensamento ativo. A determinação de Mina em não tomar parte alguma na discussão pôs-me a pensar; e como eu não podia debater o assunto com ela, restava-me apenas imaginar. Estou agora mais longe do que nunca de uma solução. A maneira como os outros receberam isso também me intrigou; da última vez que conversamos sobre a questão, concordamos que não haveria mais segredo algum entre nós. Mina está dormindo agora, tranquila e docemente, feito uma criança pequena. Seus lábios estão curvados e seu rosto irradia felicidade. Graças a Deus ainda lhe restam momentos assim.

Mais tarde — Quão estranho é tudo isso. Permaneci sentado observando o sono feliz de Mina, e eu mesmo cheguei o mais perto possível de ficar feliz. Conforme a tarde caía e a terra recebia as sombras do sol se pondo cada vez mais baixo, o silêncio do quarto tornava-se mais e mais solene para mim. De súbito Mina abriu os olhos e, olhando-me com ternura, disse:

— Jonathan, quero que me prometa uma coisa, palavra de honra. Um promessa feita a mim, mas feita santamente aos ouvidos de Deus, e que não deve ser quebrada mesmo que eu fique de joelhos e implore a você com lágrimas amargas. Depressa, você precisa me prometer imediatamente.

— Mina — falei —, uma promessa como essa não posso fazer imediatamente. Posso não ter o direito de fazê-la.

— Mas, querido — disse ela, com tal intensidade espiritual que seus olhos eram como estrelas-polares —, sou eu quem o deseja; e não é para mim que peço. Pode perguntar ao dr. Van Helsing se não estou certa; se ele discordar, você pode fazer como bem entender. Não, melhor ainda: se todos vocês concordarem, mais tarde, você será absolvido da promessa.

— Prometo! — falei, e por um momento ela pareceu sumamente

feliz; embora, para mim, toda a felicidade lhe fosse negada pela cicatriz vermelha na testa.

Ela disse:

— Prometa-me que não irá me contar nada a respeito dos planos esboçados na campanha contra o conde. Nem uma palavra, ou inferência, ou sugestão; em nenhum momento enquanto isto permanecer em mim! — E ela apontou solenemente para a cicatriz.

Vi que ela estava sendo sincera, e falei com austeridade:

— Eu prometo! — E enquanto dizia aquilo senti que daquele momento em diante uma porta se fechara entre nós.

Mais tarde, meia-noite — Mina esteve radiante e animada durante toda a noite. De tal maneira que todos os demais pareceram reunir coragem, como se de alguma forma contaminados por sua alegria; até mesmo eu senti como se o véu de danação que pesa sobre nós tivesse sido um tanto levantado, como resultado. Recolhemo-nos todos cedo. Mina está agora dormindo tal qual uma criança pequena; é uma coisa incrível que sua capacidade de sono se conserve em meio à sua terrível aflição. Graças a Deus, pois pelo menos pode esquecer seu tormento. Talvez seu exemplo possa me afetar, assim como sua alegria hoje à noite. Hei de tentar. Ah! Ter um sono sem sonhos...

6 de outubro, manhã — Outra surpresa. Mina acordou-me cedo, por volta do mesmo horário de ontem, e pediu-me que buscasse o dr. Van Helsing. Pensei se tratar de mais uma ocasião para o hipnotismo, e sem questionar fui atrás do professor. Ele evidentemente estivera esperando tal chamado, pois encontrei-o vestido em seu quarto. Sua porta estava encostada, de modo que ele pudesse ouvir a porta de nosso quarto se abrindo. Ele veio de imediato; ao entrar no quarto, perguntou a Mina se os outros também poderiam vir.

— Não — ela limitou-se a dizer —, não será necessário. Pode lhes informar o seguinte. Devo ir com vocês em sua jornada.

O dr. Van Helsing ficou tão sobressaltado quanto eu. Após um momento de pausa, ele perguntou:

— Mas por quê?

— Devem levar-me com vocês. Estarei mais segura, e estarão mais seguros, também.

— Mas por quê, cara madame Mina? A senhora sabe que a segurança sua é o nosso mais solene dever. Iremos de encontro ao perigo, ao qual a senhora é, ou pode ser, mais suscetível do que

qualquer um de nós, a julgar... pelas circunstâncias... pelas coisas que já aconteceram. — Ele se deteve, constrangido.

Quando respondeu, ela levantou o dedo e apontou para a testa:

— Eu sei. É por isso que devo ir. Posso lhes dizer agora, enquanto o sol se levanta; posso não ser capaz de fazê-lo de novo. Sei que, quando o conde quiser, deverei ir. Sei que, se ele me disser que vá às escondidas, deverei ir com astúcia; ludibriando, não importa a maneira... até mesmo Jonathan.

Deus viu o olhar que ela me lançou enquanto falava, e, se de fato há um Anjo Registrador, aquele olhar estará anotado para a honra eterna de Mina. Pude apenas agarrar sua mão. Não conseguia falar; minha emoção era grande demais até mesmo para verter lágrimas. Ela prosseguiu:

— Vocês, homens, são valentes e fortes. São fortes em número, pois podem desafiar aquilo que venceria a resistência humana de um único indivíduo que ficasse de guarda sozinho. Além do mais, posso ser de alguma utilidade, uma vez que podem me hipnotizar e assim tomar conhecimento daquilo que nem mesmo eu conheço.

O dr. Van Helsing disse com muita gravidade:

— Madame Mina, a senhora é, como sempre, muito sábia. Conosco deve vir; e juntos faremos aquilo que procuramos realizar.

Quando ele terminou de falar, o longo intervalo de silêncio de Mina levou-me a olhar para ela. Ela havia se recostado adormecida em seu travesseiro; nem mesmo despertou quando levantei a cortina e deixei entrar a luz do sol que inundou o quarto. Van Helsing gesticulou para que eu o acompanhasse em silêncio. Fomos para o seu quarto, e dentro de um minuto lorde Godalming, o dr. Seward e o sr. Morris também se juntaram a nós. Ele lhes contou o que Mina dissera, e prosseguiu:

— De manhã partiremos para Varna. Temos agora que lidar com um fator novo: madame Mina. Ah, mas a alma dela é verdadeira. É-lhe uma agonia nos contar tudo o que já fez; mas é muito correto, e fomos alertados a tempo. Não deve haver chance perdida, e em Varna devemos estar prontos para agir assim que aquele navio aportar.

— O que exatamente devemos fazer? — perguntou laconicamente o sr. Morris.

O professor fez uma pausa antes de responder:

— Devemos a princípio subir a bordo daquele navio; em seguida, quando tivermos achado a caixa, poremos um ramo de rosa-selvagem nela. Precisaremos prendê-lo, pois onde ela estiver nada poderá sair; ao menos é o que diz a superstição. E na superstição devemos a

princípio confiar; ela foi a fé do homem nos primórdios, e tem ainda suas raízes na fé. Então, quando tivermos a oportunidade que buscamos, quando não houver ninguém por perto, abriremos a caixa, e então... então tudo ficará bem.

— Não vou aguardar oportunidade nenhuma — disse Morris. — Assim que vir a caixa vou abri-la e destruir o monstro, mesmo que haja mil homens observando, e que eu seja aniquilado por causa disso no instante seguinte!

Agarrei sua mão instintivamente e descobri que estava firme como aço. Acredito que ele entendeu meu olhar; espero que tenha.

— Bom rapaz — disse o dr. Van Helsing. — Bravo rapaz. Quincey é homem da cabeça aos pés. Que Deus o abençoe por isso. Meu filho, creia-me, nenhum de nós vai se afastar ou se deter diante de nenhum medo. Digo apenas o que podemos fazer, o que precisamos fazer. Mas, na verdade, na verdade não podemos dizer o que iremos fazer. Há tantas coisas que podem acontecer, e seus meios e fins são tão diversos que, até que seja chegado o momento, não poderemos dizer. Estaremos todos armados, de todas as maneiras; e quando a hora do fim chegar, nosso empenho não será poupado. Agora coloquemos todos os nossos assuntos em ordem. Deixemos todas as coisas que tocam aos que nos são caros, e que de nós dependem, arranjadas; pois nenhum de nós pode dizer o que, ou quando, ou como, será o fim. Quanto a mim, meus próprios assuntos estão em ordem; e como nada mais tenho a fazer, vou cuidar dos preparativos para a viagem. Vou obter os bilhetes e tudo o mais para a nossa jornada.

Não havia mais nada por ser dito, e partimos. Irei agora dispor todos os meus assuntos terrenos, e ficar preparado para o que quer que possa acontecer...

Mais tarde — Está tudo pronto; meu testamento está feito, e tudo foi resolvido. Mina, caso sobreviva, é minha única herdeira. Caso isso não aconteça, então os outros que têm sido tão bons para nós haverão de receber o espólio.

Aproxima-se agora o crepúsculo; a inquietação de Mina chama a minha atenção para isso. Estou certo de que em sua mente há algo que a hora exata do pôr do sol vai revelar. Ocasões como essa estão se tornando momentos arrasadores para todos nós, pois cada nascer e pôr do sol traz algum novo perigo — alguma nova dor, que, no entanto, pode estar nos planos de Deus com um bom propósito. Escrevo estas palavras no diário, já que minha adorada não deve ouvi-las agora; mas, se calhar de vê-las novamente, estarão prontas.

Ela está me chamando.

33 “O desconhecido é considerado grandioso”, em latim.

CAPÍTULO 25

Diário do dr. Seward

11 de outubro, noite — Jonathan Harker pediu-me que anotasse isto, uma vez que ele próprio diz não estar em condições para a tarefa, e deseja manter um registro exato de tudo.

Creio que nenhum de nós ficou surpreso quando fomos chamados para ver a sra. Harker pouco antes de o sol se pôr. Ultimamente viemos a entender que para ela o nascer e o pôr do sol são momentos de peculiar liberdade, em que seu antigo eu pode se manifestar sem nenhuma força controladora a sobrepujá-la ou reprimi-la, ou a incitá-la à ação. Esse estado de espírito ou condição tem início cerca de meia hora antes do nascer ou do pôr do sol, e dura até que o sol esteja alto, ou enquanto as nuvens ainda brilham com os raios acima do horizonte. Primeiro ocorre uma espécie de condição negativa, como se alguma amarra se afrouxasse, e então a absoluta liberdade logo se instala; quando, no entanto, a liberdade cessa, a mudança ou recaída vem rapidamente, precedida apenas por um intervalo de silêncio alarmante.

Esta noite, quando nos reunimos, ela pareceu algo reprimida, e apresentava todos os sinais de uma luta interna. Atribuo isso ao fato de ela fazer um esforço violento no primeiro instante em que isso lhe era possível. Dentro de pouquíssimos minutos, no entanto, ela recobrou o completo domínio de si; então, gesticulando para que o marido fosse se sentar ao seu lado no sofá onde ela estava semirrecostada, fez o resto de nós aproximar as cadeiras. Tomando a mão do marido nas dela, principiou:

— Estamos todos aqui juntos em liberdade, talvez pela última vez! Eu sei, querido; eu sei que você sempre estará comigo até o fim. — Estas palavras ela dirigiu ao marido, cuja mão, conforme podíamos ver, estava apertada nas dela. — De manhã teremos partido em nossa jornada, e só Deus sabe o que está reservado para cada um de nós. Os senhores me farão a bondade de levar-me consigo. Sei que tudo o que homens valentes e sinceros podem fazer por uma pobre mulher, cuja

alma talvez esteja perdida (não, não, ainda não, mas em jogo, de todo modo), os senhores farão. Mas devem lembrar que não sou como vocês. Há um veneno correndo em meu sangue, em minha alma, que pode me destruir; que vai me destruir, a não ser que nos chegue algum socorro. Ah, meus amigos, os senhores sabem tão bem quanto eu que minha alma está em jogo; e embora eu saiba que há uma saída para mim, nem vocês nem eu devemos recorrer a ela! — Então lançou um olhar apelador a cada um de nós, começando e terminando por seu marido.

— Que saída é essa? — perguntou Van Helsing com voz rouca. — Que saída é essa, a que não devemos... não podemos... recorrer?

— Que eu morra agora, por mãos próprias ou alheias, antes que o grande mal esteja inteiramente feito. Eu sei, e os senhores sabem, que assim que eu estivesse morta vocês poderiam e iriam libertar meu espírito imortal, tal como fizeram à minha pobre Lucy. Fosse a morte, ou o medo da morte, a única coisa que se interpusesse no caminho, eu não me oporia a morrer aqui e agora, entre os amigos que me amam. Mas a morte não é tudo. Não acredito que morrer, neste caso em que há esperança à nossa frente e uma amarga tarefa a cumprir, seja a vontade de Deus. Portanto, eu, de minha parte, abduco agora da certeza do repouso eterno, e caminho para dentro da escuridão, onde talvez estejam as coisas mais sombrias que este mundo ou o mundo inferior guardam!

Ficamos todos em silêncio, pois instintivamente sabíamos que aquilo era apenas um prelúdio. Os rostos dos outros se enrijeceram e o de Harker ficou descorado; talvez adivinhasse melhor do que qualquer um de nós o que estava por vir. Ela continuou:

— Isso é o que posso dar à colação de bens. — Não pude deixar de notar a insólita expressão jurídica que ela usava em tal situação, e com toda a seriedade. — O que cada um de vocês dará? As próprias vidas, eu sei — ela rapidamente continuou —, isso é fácil para homens valentes. Suas vidas pertencem a Deus, e podem devolvê-las a Ele; mas o que é que darão para mim? — Ela tornou a olhar-nos interrogativamente, mas desta vez evitou o rosto do marido. Quincey pareceu entender; assentiu com a cabeça, e o rosto dela se iluminou. — Então vou lhes dizer sem rodeios o que desejo, pois não podem restar dúvidas neste nosso acordo. Os senhores devem me prometer, um a um, até mesmo você, meu amado marido, que, se for chegada a hora, irão me matar.

— Que hora seria essa? — A voz era de Quincey, mas estava baixa e embargada.

— A hora que estiverem convencidos de que estou tão mudada a ponto de ser melhor que eu morra do que continue viva. Quando eu estiver morta em vida, os senhores irão, sem nenhuma demora, atravessar uma estaca em mim e decepar minha cabeça; ou fazer o que mais seja preciso para me conceder o repouso!

Quincey foi o primeiro a se levantar após a pausa. Ajoelhou-se diante dela e, segurando sua mão, disse solenemente:

— Não passo de um sujeito tosco, que talvez não tenha vivido com tanta hombridade para receber tamanha distinção, mas eu lhe prometo, por tudo que me é sagrado e estimado, que se for chegada a hora não vacilarei no cumprimento do dever que a senhora nos designou. E lhe prometo, ainda, que irei me certificar de tudo, pois, se estiver na dúvida, deduzirei que a hora chegou!

— Meu verdadeiro amigo! — foi tudo que ela pôde dizer em meio às lágrimas, enquanto, inclinando-se, beijava a mão dele.

— Prometo o mesmo, minha cara madame Mina! — disse Van Helsing.

— Eu também! — disse lorde Godalming, cada um por sua vez ajoelhando-se diante dela para prestar juramento. Eu fui em sequência. Então seu marido virou-se para ela com olhar abatido e uma palidez esverdeada que suavizava a nívea brancura de seus cabelos, e perguntou:

— E preciso eu, também, fazer tal promessa, ah, minha esposa?

— Você também, meu querido — disse ela, com pena infinita na voz e no olhar. — Não deve se intimidar. Você é a pessoa que me é mais próxima e querida, e é tudo para mim; nossas almas estão ligadas em uma única alma, por toda a nossa vida e por toda a eternidade. Pense, querido, que houve tempos em que homens valentes mataram as esposas e as mulheres para impedir que caíssem nas mãos do inimigo. Suas mãos não vacilaram nem um instante a mais quando aquelas que eles amavam lhes imploraram que as trucidassem. É dever dos homens em relação àqueles que amam, em tais momentos de dura provação! E ah, meu querido, se for preciso que eu encontre a morte pelas mãos de quem quer que seja, que seja pelas mãos daquele que mais me tem amor. Dr. Van Helsing, não me esqueci da misericórdia que o senhor demonstrou no caso da pobre Lucy com aquele que a amava... — Ela se deteve com um rubor passageiro, e reformulou a frase: — ... aquele que mais tinha o direito de lhe conceder a paz. Se essa hora chegar de novo, conto com os senhores para tornar uma memória feliz na vida de meu marido o fato de ter sido a mão dele a me libertar da atroz servidão que me condena.

— De novo eu juro! — ouviu-se a voz ressoante do professor.

A sra. Harker sorriu, um sorriso verdadeiro, enquanto com um suspiro de alívio recostou-se e disse:

— E agora uma palavra de advertência, uma advertência que os senhores nunca devem esquecer: essa hora, se é que um dia virá, pode chegar rápida e inesperadamente, e nesse caso os senhores não devem perder tempo em aproveitar a oportunidade. Nessa hora eu talvez esteja... melhor dizendo, se essa hora chegar, eu estarei... mancomunada com o inimigo contra vocês. Mais um pedido — ela tornou-se muito solene ao dizer isso. — Não é vital e necessário como o outro, mas quero que façam uma coisa por mim, se puderem.

Todos aquiescemos, mas nada dissemos; não havia necessidade de falar:

— Quero que me leiam o Ofício dos Mortos. — Ela foi interrompida por um profundo gemido do marido; pegando a mão dele nas suas, levou-as junto ao coração, e continuou: — Algum dia terão de lê-lo sobre o meu corpo. Seja qual for o desfecho desse assustador estado das coisas, será um doce pensamento para todos ou para alguns de nós. Você, meu querido, irá lê-lo, assim espero, pois então sua voz ficará em minha memória para sempre, haja o que houver!

— Mas ah, minha querida — suplicou ele —, a morte está muito longe de você.

— De modo algum — disse ela, erguendo uma mão acauteladora. — Estou mais perto da morte neste momento do que se tivesse o peso de uma lápide sobre mim!

— Ah, minha esposa, é mesmo preciso que eu leia? — disse ele, antes de começar.

— Isso me confortaria, meu marido! — foi tudo o que disse; e ele começou a ler assim que ela abriu o livro.

Como eu poderia — como qualquer um poderia — descrever aquela estranha cena, sua solenidade, sua melancolia, sua tristeza, seu horror; e, igualmente, sua ternura? Até mesmo um cético, que não consegue ver nada além de uma paródia de amarga verdade em tudo o que é sagrado ou emocional, teria seu coração amolecido se visse aquele grupo de amigos estimados e devotados ajoelhando-se ao redor daquela dama sofrida e pesarosa; ou se ouvisse a terna paixão na voz de seu marido, enquanto, em tons tão embargados de emoção que o faziam às vezes se deter, ele lia o simples e belo serviço do Ofício dos Mortos. Eu... eu não consigo continuar... palavras... e v-voz... me faltam!...

O instinto da sra. Harker estava certo. Por mais estranho que tudo aquilo fosse, por mais bizarro que pudesse mais tarde parecer até mesmo para nós que sentimos a influência de sua força naquele momento, foi-nos de imenso consolo; e o silêncio, que mostrou a iminente perda de liberdade de sua alma, não nos pareceu tão repleto de desespero como havíamos temido.

Diário de Jonathan Harker

15 de outubro, Varna — Deixamos Charing Cross na manhã do dia 12, chegamos a Paris na mesma noite, e assumimos os lugares reservados a nós no Expresso do Oriente. Viajamos de noite e dia, chegando aqui por volta das 17h. Lorde Godalming foi ao consulado verificar se algum telegrama lhe fora enviado, enquanto o resto de nós veio para este hotel — o “Odessus”. Bem pode ter havido incidentes em nossa jornada; eu, no entanto, estava ansioso demais em relação à chegada para ter tempo de me importar com eles. Até que o Czarina Catherine aporte, nada no mundo inteiro me interessa. Graças a Deus Mina está bem, e parece estar recuperando a força; sua cor está voltando. Ela dorme um bocado; durante toda a viagem dormiu quase o tempo todo. Antes do nascer e do pôr do sol, no entanto, ela fica muito desperta e alerta; e tornou-se um hábito de Van Helsing hipnotizá-la nesses momentos. A princípio, foi necessário algum esforço, e ele teve de fazer muitos passes de mão; mas agora ela parece ceder de imediato, como se por força do hábito, e dificilmente é necessário tomar alguma providência. Ele parece exercer poder, nesses momentos específicos, sobre a força de vontade dela, e seus pensamentos lhe obedecem. Ele sempre lhe pergunta o que ela consegue ver e ouvir. À primeira questão ela responde:

— Nada; está tudo escuro.

E à segunda:

— Posso ouvir as ondas batendo contra o barco, e a água se precipitando. A lona e o cordame estão retesados, e os mastros e as vergas estalam. O vento está forte, consigo ouvi-lo nas enxárcias, e a proa corta a espuma.

É evidente que o Czarina Catherine ainda está no mar, apressando-se a caminho de Varna. Lorde Godalming acaba de retornar. Recebeu quatro telegramas, um por dia desde que partimos, e todos relativos ao mesmo assunto: em nenhum lugar o Czarina Catherine foi reportado ao Lloyd. Antes de sair de Londres ele combinou que seu

agente lhe enviaria todos os dias um telegrama dizendo se o navio fora reportado em algum lugar. Ele deveria receber uma mensagem mesmo se a embarcação não fosse reportada, de modo que pudesse ter certeza de que alguém estava de vigia do outro lado da linha.

Jantamos e fomos cedo para a cama. Amanhã iremos ver o vice-cônsul, e acertaremos, se conseguirmos, a subida a bordo do navio assim que ele chegar. Van Helsing diz que nossa chance será subir a bordo do barco entre o nascer e o pôr do sol. O conde, mesmo que assuma a forma de um morcego, não poderá cruzar as águas por vontade própria, e portanto não poderá deixar o navio. Como ele não ousa transformar-se em homem e levantar suspeitas — que evidentemente deseja evitar —, deverá permanecer na caixa. Se, então, conseguirmos subir a bordo após a alvorada, ele ficará à nossa mercê; pois poderemos abrir a caixa e cuidar dele, como cuidamos da pobre Lucy, antes que acorde. A misericórdia que ele terá de nós não será muita. Acreditamos que não deve haver muita dificuldade com os oficiais ou os marinheiros. Graças a Deus este é o país onde a propina é capaz de qualquer coisa, e estamos bem supridos de dinheiro. Temos apenas que garantir que o navio não aporte entre o nascer e o pôr do sol sem que sejamos avisados, e assim estaremos a salvo. O juiz “Bolsocheio” há de dar um jeito nisso, acredito eu!

16 de outubro — O relatório de Mina continua o mesmo: ondas que batem e águas que se precipitam, escuridão e ventos favoráveis. Chegamos evidentemente em boa hora, e quando tivermos notícia do Czarina Catherine, estaremos prontos. Quando a embarcação tiver cruzado os Dardanelos, certamente receberemos notícia.

17 de outubro — Tudo está muito bem acertado agora, penso eu, para saudar o conde em seu regresso. Godalming disse aos portuários que imaginava que a caixa transportada pelo navio poderia conter um objeto roubado de um amigo seu, e teve a anuência parcial de que poderia abri-la por sua conta e risco. O proprietário forneceu-lhe um documento que solicitava ao capitão conceder-lhe toda a facilidade de fazer o que quer que desejasse a bordo do navio, e também uma autorização similar para seu agente em Varna. Fomos ver o agente, que ficou muito impressionado com o tratamento gentil que Godalming lhe dispensou, e estamos todos convencidos de que tudo que ele puder fazer para atender aos nossos desejos será feito. Já combinamos como proceder caso consigamos abrir a caixa. Se o conde

estiver dentro dela, Van Helsing e Seward de imediato lhe deceparão a cabeça e enterrarão uma estaca em seu coração. Morris, Godalming e eu iremos impedir qualquer interferência, mesmo que precisemos usar as armas que teremos de prontidão. O professor diz que, se formos capazes de cuidar do corpo do conde dessa maneira, ele imediatamente se transformará em pó. Nesse caso, não haveria evidência contra nós, se fosse suscitada qualquer suspeita de assassinato. Mas mesmo se não for assim, deveremos perseverar ou ir rumo à nossa ruína com esse ato, e talvez algum dia este manuscrito venha a servir de prova para evitar que um de nós vá para a forca. De minha parte, devo aproveitar a oportunidade com muita gratidão caso ela surja. Não pretendemos deixar pedra sobre pedra para levar a cabo nosso intento. Combinamos com certos oficiais que, no instante em que o Czarina Catherine for avistado, seremos informados por um mensageiro especial.

24 de outubro — Uma semana inteira de espera. Telegramas chegam diariamente a Godalming, mas contendo a mesma história: “Ainda não reportado”. A resposta hipnótica de Mina pela manhã e pela noite é invariável: ondas que batem, águas que se precipitam, mastros que estalam.

TELEGRAMA, 24 DE OUTUBRO. RUFUS SMITH,
LLOYD, LONDRES, A LORDE GODALMING, AOS
CUIDADOS DE S.M.B.³⁴
O VICE-CÔNSUL, VARNA

CZARINA CATHERINE REPORTADO ESTA MANHÃ NOS
DARDANELOS.

Diário do dr. Seward

25 de outubro — Como sinto falta de meu fonógrafo! Escrever um diário com pena e tinta é fastidioso; mas Van Helsing diz que devo fazê-lo. Ficamos todos loucos de empolgação ontem quando Godalming recebeu o telegrama do Lloyd. Agora sei o que os homens sentem na batalha quando soa o chamado para a ação. A sra. Harker,

a exceção em nossa comitiva, não demonstrou nenhum sinal de emoção. Afinal, não admira; pois tomamos especial cuidado para não deixá-la a par de nada, e todos tentamos não mostrar nenhuma empolgação quando estamos na presença dela. Nos velhos tempos ela teria notado, tenho certeza, não importa quanto tivéssemos tentado esconder; mas ela mudou enormemente durante as últimas três semanas. A letargia a está tomando, e embora ela pareça forte e bem, e esteja recuperando um pouco de sua cor, Van Helsing e eu não estamos satisfeitos. Conversamos sobre ela com frequência; não temos, no entanto, falado uma única palavra aos outros. Arrasaria o coração — e o juízo, com certeza — do pobre Harker se ele viesse a saber que temos qualquer suspeita quanto a isso. Van Helsing examina, segundo me diz, os dentes dela com muito cuidado, quando ela está em estado hipnótico, pois diz que enquanto eles não começarem a ficar afiados não haverá perigo real de uma transformação. Se essa transformação acontecer, será necessário tomar medidas!... Ambos sabemos que medidas seriam essas, embora não mencionemos nossos pensamentos um ao outro. Nenhum de nós jamais deverá se deixar intimidar pela tarefa — por mais atroz que seja considerá-la. “Eutanásia” é uma palavra excelente e confortadora! Sou grato a quem quer que a tenha inventado.

É uma viagem de apenas vinte e quatro horas dos Dardanelos até aqui, na velocidade que o Czarina Catherine veio de Londres. Deve portanto chegar na parte da manhã; mas uma vez que não pode aportar antes disso, estamos todos prontos para nos recolher cedo. Levantaremos à 1h, de modo a nos aprontar.

25 de outubro, meio-dia — Ainda nenhuma notícia da chegada do navio. O relatório hipnótico da sra. Harker esta manhã foi o mesmo de sempre, de modo que é possível que recebamos notícias a qualquer momento. Nós, homens, estamos febris de empolgação, exceto Harker, que está tranquilo; suas mãos estão frias como gelo, e uma hora atrás encontrei-o amolando o gume da grande faca gurka que ele agora sempre leva consigo. Será bem feio para o conde se o gume daquela kukri chegar a tocar sua garganta, operada por aquela mão severa, fria como gelo!

Van Helsing e eu ficamos um pouco alarmados com relação à sra. Harker hoje. Por volta do meio-dia ela recaiu numa espécie de letargia que não nos agradou; embora tenhamos mantido silêncio aos outros, nenhum de nós ficou feliz a respeito. Ela ficou irrequieta a manhã toda, de modo que a princípio nos alegamos ao saber que estava

dormindo. No entanto, quando seu marido mencionou casualmente que ela estava dormindo tão bem que não fora capaz de acordá-la, fomos até o quarto para verificar por conta própria. Ela estava respirando naturalmente e parecia tão bem e em paz que concordamos que o sono lhe era melhor do que qualquer outra coisa. Pobre menina, ela tem tanto a esquecer que não admira que o sono, se lhe trouxer o esquecimento, lhe faça bem.

Mais tarde — Nossa opinião foi justificada, pois, quando ela acordou depois de um sono revigorante de algumas horas, pareceu mais animada e melhor do que estivera em dias. Ao pôr do sol ela fez o habitual relatório hipnótico. Onde quer que ele se encontre no mar Negro, o conde está se apressando rumo a seu destino. Rumo à sua danação, assim espero!

26 de outubro — Mais um dia e nenhuma novidade sobre o Czarina Catherine. Ele já deveria estar por aqui. Que ainda se encontra viajando para algum lugar é evidente, mas o relatório hipnótico da sra. Harker desta tarde foi o mesmo. É possível que a embarcação esteja se demorando, por vezes, devido ao nevoeiro; alguns dos vapores que chegaram na noite passada relataram trechos de nevoeiro tanto ao norte como ao sul do porto. Precisamos continuar nossa vigia, já que o navio agora pode ser avistado a qualquer momento.

27 de outubro, meio-dia — Muito estranho; ainda nenhuma notícia do navio que aguardamos. A sra. Harker relatou ontem à noite e esta manhã o mesmo de sempre: “ondas que batem e águas que se precipitam”, embora tenha acrescentado que “as ondas estavam muito fracas”. Os telegramas despachados de Londres continuam informando a mesma coisa: “sem mais”. Van Helsing está terrivelmente ansioso, e acaba de me contar que teme que o conde esteja nos escapando. Acrescentou, de modo significativo:

— Não me agrada essa letargia de madame Mina. Almas e memórias podem fazer coisas estranhas durante o transe.

Eu estava prestes a perguntar-lhe mais a respeito, mas justo então Harker entrou e o professor ergueu uma mão acauteladora. No crepúsculo de hoje precisaremos fazê-la falar mais abertamente durante seu estado hipnótico.

TELEGRAMA, 28 DE OUTUBRO. DE RUFUS SMITH,

LONDRES, A LORDE GODALMING, AOS CUIDADOS DE
S.M.B.

O VICE-CÔNSUL, VARNA

CZARINA CATHERINE REPORTADO ENTRANDO EM
GALATZ³⁵ HOJE ÀS 13H.

Diário do dr. Seward

28 de outubro — Quando chegou o telegrama anunciando a chegada do navio em Galatz, não creio que foi nenhum choque para qualquer de nós como esperávamos que fosse. Palavra — não sabíamos de onde, ou como, ou quando o golpe viria; mas creio que todos esperávamos que algo estranho fosse acontecer. O atraso da chegada a Varna deixou-nos individualmente convencidos de que as coisas não seriam tal como esperávamos; apenas aguardamos para saber onde se daria o revés. Não obstante, foi uma surpresa. Suponho que a natureza funcione sobre tal princípio de esperança que, a contragosto, acreditamos que as coisas serão como devem ser, não como deveríamos saber que serão. O transcendentalismo é um farol para os anjos, mesmo que seja um fogo-fátuo para os homens. Foi uma experiência esquisita, e cada um de nós a assimilou de uma maneira. Van Helsing ergueu a mão sobre a cabeça por um momento, como se em reprovação ao Todo-Poderoso; mas ele não disse uma palavra, e em uns poucos segundos se levantou, com o rosto rígido de seriedade. Lorde Godalming empalideceu enormemente, e sentou-se respirando com dificuldade. Eu mesmo fiquei um pouco atordoado e olhei de um para outro em assombro. Quincey Morris apertou o cinto com aquele rápido movimento que eu conhecia tão bem; em nossos velhos dias de andança, significava “ação”. A sra. Harker ficou medonhamente branca, tanto que a cicatriz em sua testa pareceu em brasa, mas ela cruzou as mãos mansamente e ergueu os olhos, em oração. Harker sorriu — de fato, ele sorriu — o sorriso obscuro e amargo de quem não tem esperança; mas ao mesmo tempo sua ação desmentia suas palavras, pois suas mãos instintivamente buscaram o punho da grande faca kukri e lá permaneceram.

— Quando sai o trem seguinte para Galatz? — perguntou Van Helsing dirigindo-se a todos nós.

— Às 6h30 amanhã!

Todos nos sobressaltamos, pois a resposta veio da sra. Harker.

— Como é que a senhora poderia saber disso? — disse Art.

— O senhor está se esquecendo, ou talvez não saiba, embora Jonathan sim, e o dr. Van Helsing também, que sou a fanática por trens. Lá em Exeter eu sempre anotava os horários de partida, de modo a ser útil a meu marido. Às vezes achei isso tão útil que, agora, sempre os estudo. Eu sabia que, se qualquer coisa nos levasse ao castelo Drácula, deveríamos ir por Galatz, ou por Bucareste, ao menos, portanto decorei as partidas com muito cuidado. Infelizmente não há muito a decorar, uma vez que o único trem parte amanhã na hora que informei.

— Mulher incrível! — murmurou o professor.

— Não conseguiríamos um horário especial? — perguntou lorde Godalming.

Van Helsing balançou a cabeça.

— Temo que não. Esta terra é muito diferente da sua ou da minha; mesmo se tivéssemos um horário especial, provavelmente não chegaria tão cedo quanto o trem regular. Além disso, temos algo a preparar. Precisamos pensar. Agora vamos organizar. Você, amigo Arthur, vá até o trem e obtenha as passagens e acerte que tudo esteja pronto amanhã de manhã para nós. Você, amigo Jonathan, vá até o agente do navio e dele obtenha as cartas para o agente em Galatz, com autoridade para fazer a busca no navio tal como se aqui estivesse. Morris Quincey, você irá ver o vice-cônsul, e ter ajuda sua com o colega em Galatz e tudo que puder fazer para facilitar nossa ação, a fim de que nem um momento seja perdido quando estivermos no Danúbio. John ficará com madame Mina e eu, para deliberarmos. Assim, se levarem muito tempo e se atrasarem, importância nenhuma, já que estarei aqui ao pôr do sol com madame para ouvir o relato dela.

— E eu — disse a sra. Harker radiante, e mais próxima de seu antigo eu do que estivera por muitos dias — tentarei ser útil de todas as maneiras, e pensarei e registrarei para vocês como costumava fazer. Algo está se afastando de mim de uma maneira estranha, e me sinto mais livre do que ultimamente!

Os três homens mais jovens pareceram se alegrar na hora, enquanto aparentemente se davam conta do significado daquelas palavras; mas Van Helsing e eu, virando-nos um para o outro, encontramos cada um com um olhar grave e perturbado. Não dissemos nada naquele momento, porém.

Quando os três homens haviam saído para cumprir suas tarefas,

Van Helsing pediu à sra. Harker que conferisse a cópia dos diários e localizasse para ele a parte do castelo no relato de Harker. Ela foi buscá-la; quando a porta se fechou atrás dela, ele me disse:

— Está com o mesmo pensamento que eu! Desembuche!

— Operou-se alguma transformação. É uma esperança que me incomoda, pois pode acabar nos enganando.

— Deveras. Sabe por que pedi que ela fosse buscar o manuscrito?

— Não! — falei. — A não ser que fosse para criar oportunidade de me ver a sós.

— Está certo em parte, amigo John, mas apenas em parte. Quero dizer uma coisa a você. E, ah, meu amigo, estou correndo um grande, um terrível risco; mas creio que assim deve ser. No momento em que madame Mina disse aquelas palavras que capturaram o entendimento de nós dois, veio-me uma inspiração. No transe de três dias atrás, o conde enviou o espírito seu para ler a mente dela; ou, mais provável, fez com que ela o visse deitado em sua caixa de terra dentro do barco, com a água se precipitando ao redor, da mesma forma que a alma dela se liberta ao nascer e ao pôr do sol. Foi então que ele descobriu que aqui estamos; pois em sua vida ao ar livre, com olhos para ver e ouvidos para ouvir, ela tem mais a dizer do que ele, fechado como está no caixão de terra seu. Agora ele está fazendo o último esforço seu para nos escapar. No momento presente não é ela que ele deseja. Ele tem certeza, do alto de seu tão grande conhecimento, de que ela irá ao seu chamado; mas ele se desligou dela, excluiu-a, como é sabido que tem capacidade de fazer, do alcance de seu poder, para que ela não vá até ele. Ah, aí existe minha esperança de que os cérebros-homens nossos, que há muito tempo assim têm sido e não perderam a graça de Deus, serão maiores que aquele seu cérebro-criança que está em sua tumba por séculos, que ainda não cresceu à estatura do nosso, e que faz somente coisas egoístas e portanto limitadas. Aí vem madame Mina; nem uma palavra sobre o transe para ela! Ela não sabe; e acabaria por oprimi-la e desesperá-la justo quando queremos dela toda a esperança, toda a coragem; quando o que mais queremos é todo o seu grande cérebro que foi treinado como um cérebro-homem, mas pertence a uma doce mulher e tem um poder especial que o conde lhe dá, e que ele não pode levar embora totalmente, apesar de pensar que pode. Silêncio!, deixe-me falar, e você, aprenda. Ah, John, meu amigo, estamos em maus lençóis. Tenho medo, um medo como nunca antes. Só podemos confiar no Deus bom. Silêncio!, aí vem ela!

Pensei que o professor ia desmoronar e ficar histérico, tal como ficou quando Lucy morreu, mas com um grande esforço ele se

controlou e voltou ao seu perfeito equilíbrio nervoso quando a sra. Harker entrou saltitando no quarto, animada e feliz e, ante a perspectiva de trabalhar, aparentemente alheia a sua infelicidade. Ao adentrar, entregou uma quantidade de folhas datilografadas a Van Helsing. Este passou os olhos por elas gravemente, e o seu rosto foi se iluminando conforme lia. Então, segurando as páginas entre o indicador e o polegar, ele disse:

— Amigo John, a você que tanta experiência já tem, e a você também, cara madame Mina, que é jovem, a seguinte lição: jamais tenham medo de pensar. Um quase pensamento tem zunido com frequência no cérebro meu, mas tenho receio de deixá-lo bater as asas. Vejam bem, agora que tenho mais conhecimento, volto para o lugar onde aquele quase pensamento brotou e descubro que ele não é um quase pensamento, absolutamente; é um pensamento inteiro, embora tão jovem que ainda não tem força para usar suas asinhas. Não, melhor dizendo, tal como o Patinho Feio do amigo meu Hans Andersen, ele não é de jeito nenhum um pato-pensamento, mas um grande ganso-pensamento que viaja nobre com grandes asas, quando é chegada a hora de testá-las. Vejam só esta passagem em que Jonathan escreveu: “Outro irmão de sua raça que no futuro levou repetidas vezes suas forças a cruzar o grande rio até a Turquia; quem, quando era vencido, tornava a voltar, e de novo, e de novo, embora regressasse sozinho do campo sangrento onde suas tropas estavam sendo trucidadas, já que sabia que apenas ele poderia por fim triunfar!” O que isso nos diz? Não muita coisa? Não! O pensamento-criança do conde nada vê; por isso fala com tanta liberdade. O seu pensamento-homem nada vê; e meu pensamento-homem nada vê, até o momento. Não! Mas então se ouve outra palavra de alguém que fala sem pensar, porque ela, também, não sabe o que significa, o que poderia significar. Assim como na natureza há elementos que repousam, porém quando se encontram no curso seu e se tocam... então, puf!, lá vem um lampejo de luz, do tamanho dos céus, que cega e mata e destrói alguns; mas que ilumina toda a terra lá embaixo por léguas e léguas. Não é assim? Bem, explico. Para começar, vocês já estudaram a filosofia do crime? “Sim” e “não”. Você, John, sim; pois é um estudo da insanidade. A senhora não, madame Mina; pois o crime nunca a afetou, nunca exceto uma vez. Todavia, sua mente trabalha de verdade, e não argumenta a *particulari ad universale*. Há uma peculiaridade nos criminosos. É tão constante, em todos os países e em todas as épocas, que até mesmo a polícia, que não sabe muita filosofia, acaba por conhecê-la empiricamente, porque ela existe. Isso é ser

empírico. O criminoso sempre trabalha num crime; quer dizer, o verdadeiro criminoso, que parece predestinado ao crime, e que não quer mais nada além disso. Esse criminoso não tem um cérebro-homem completo. Ele é inteligente e astuto e engenhoso; mas em relação ao cérebro ele não tem estatura de homem. Em muitos aspectos ele é um cérebro-criança. Agora, este criminoso nosso também é predestinado ao crime; ele, também, tem um cérebro-criança, e é das crianças fazer o que ele fez. O passarinho, o peixinho, o animalzinho aprende não por princípios, mas empiricamente; e quando ele aprende a fazer uma coisa, então passa a existir nele o ponto de partida para fazer mais coisas. “Dos pou sto”, disse Arquimedes. “Dê-me um sustentáculo, e moverei o mundo!” Fazer algo uma vez é o sustentáculo pelo qual o cérebro-criança se torna um cérebro-homem; e enquanto tiver o propósito de fazer mais coisas, ele continuará fazendo a mesma coisa toda vez, tal como antes! Ah, minha cara, vejo que os olhos seus estão arregalados, e que, para a senhora, o lampejo ilumina todas as léguas lá embaixo — pois a sra. Harker começou a bater palmas e seus olhos cintilaram. Ele prosseguiu: — Agora fale. Conte a nós, dois calejados homens de ciência, o que a senhora vê com esses tão límpidos olhos.

Ele tomou-lhe a mão e segurou-a enquanto ela falava. Seu indicador e seu polegar apertavam-lhe o pulso, instintiva e inconscientemente, segundo acreditei, enquanto ela falava:

— O conde é um criminoso e a tipificação de criminoso. Nordau e Lombroso³⁶ assim o classificariam, e, qua criminoso, tem uma mente imperfeitamente formada. Portanto, ante uma dificuldade, ele busca refúgio no hábito. Seu passado é uma pista, e a única página dele que conhecemos (e a partir do relato saído de seus próprios lábios) conta que uma vez, quando se achava numa situação que o sr. Morris chamaria de “aperto”, ele voltou para seu país após ir para a terra que tentou invadir, e daí, sem perder o ímpeto, preparou-se para uma nova tentativa. Voltou mais bem equipado para seu intento; e venceu. Então foi para Londres para invadir uma nova terra. Foi abatido, e quando toda esperança de sucesso se desfez, e sua existência correu perigo, fugiu por mar de volta para casa; tal como antigamente fugira pelo Danúbio para a Turquia.

— Ótimo, ótimo! Ah, dama inteligentíssima! — disse Van Helsing, entusiasmado, enquanto se inclinava e beijava a mão dela. Um momento depois ele me disse, tão tranquilamente quanto se estivéssemos em consulta numa enfermaria de doentes: — Somente setenta e dois anos; e toda essa empolgação. Ainda tenho esperanças.

— Virando-se para ela de novo, ele disse, com ávida expectativa: — Mas prossiga. Prossiga! Há mais a contar, se quiser. Não tenha medo; John e eu sabemos. Eu pelo menos sei, e irei lhe dizer se está correta. Fale, sem medo!

— Tentarei; mas o senhor há de me perdoar se eu parecer egoísta.

— De modo algum! Não tenha medo, a senhora precisa ser egoísta, pois é na senhora que estamos pensando.

— Então, uma vez sendo um criminoso, ele é egoísta; e uma vez que seu intelecto é limitado e sua ação é baseada no egoísmo, ele se restringe a um só propósito. Esse propósito é impiedoso. Da mesma forma como fugiu pelo Danúbio, deixando que suas forças fossem feitas em pedaços, agora ele pretende se proteger, abandonando tudo. Assim, é seu egoísmo que liberta minha alma do terrível poder que adquiriu sobre mim naquela noite pavorosa. Pude senti-lo! Ah, pude senti-lo! Graças a Deus e a Sua grande misericórdia minha alma está mais livre agora do que estive desde aquele momento terrível; e tudo que me assombra é um medo de que em algum transe ou sonho ele tenha usado de meu conhecimento para atingir os seus fins.

O professor se levantou:

— Ele de fato usou sua mente para tal; e com isso ele nos reteve aqui em Varna, enquanto o barco que o transportava ia correndo em meio à neblina até Galatz, onde, sem dúvida, ele se preparou para de nós escapar. Mas sua mente-criança previu muito pouco à frente; e pode ser que, como sempre na Divina Providência, a mesma coisa com que o malfeitor mais contava para seus egocêntricos fins venha a ser o principal motivo da derrocada sua. O caçador foi pego na própria armadilha, como diz o grande salmista. Pois agora que ele pensa estar livre de qualquer vestígio de nós e ter escapado com muitas horas de vantagem, seu egocêntrico cérebro-criança irá pô-lo para dormir. Ele também pensa que, já que se desligou da mente da senhora, não haverá como a senhora conhecer o que se passa na mente dele; é aí que ele falha! Esse terrível batismo de sangue por que ele a fez passar torna-a livre para ir até ele em espírito, tal como a senhora já fez em tempos seus de liberdade, ao nascer e ao pôr do sol. Nessas ocasiões a senhora vai por vontade minha e não dele; e este poder, que é para o bem da senhora e de outros, a senhora o ganhou com o sofrimento que experimentou pelas mãos dele. Agora esse poder é ainda mais precioso já que ele não sabe de sua existência, e para proteger-se até mesmo desligou-se de saber o nosso paradeiro. Nós, no entanto, não somos egoístas, e acreditamos que Deus estará conosco durante toda essa escuridão, e essas muitas horas de sombras. Devemos segui-lo; e não

vacilaremos; mesmo que corramos o risco de nos tornar iguais a ele. Amigo John, este foi um ótimo momento; e muito fez para progredirmos em nosso caminho. Você deve ser o escriba e registrá-lo por inteiro, para que quando os outros retornarem de suas tarefas você possa dar a cópia para eles; então saberão tanto quanto nós.

E assim o escrevi enquanto aguardamos o retorno deles, e a sra. Harker bateu à máquina tudo que aconteceu desde que ela trouxe o manuscrito para nós.

34 Sua Majestade Britânica.

35 Cidade na Romênia, a cerca de trezentos quilômetros de Varna, na Bulgária.

36 Max Nordau (1849—1923), médico nascido na região da Hungria (então Peste), e Cesare Lombroso (1835—1909), criminologista nativo do Império Austríaco, ambos divulgadores da frenologia, teoria então popular segundo a qual certas alterações na estrutura do cérebro predispunham determinados indivíduos para o crime e para a degeneração moral.

CAPÍTULO 26

Diário do dr. Seward

29 de outubro — Escrevo isto no trem de Varna para Galatz. Ontem à noite nos reunimos um pouco antes do pôr do sol. Cada um tinha feito sua tarefa o melhor possível; em relação à reflexão, diligência e oportunidade, estamos totalmente preparados para a nossa jornada e para nossa tarefa, quando alcançarmos Galatz. Quando chegou a hora habitual, a sra. Harker se preparou para o transe hipnótico; e após um esforço mais demorado e mais sério da parte de Van Helsing do que tem sido necessário, ela entrou em transe. Em geral ela começa a falar a partir de uma sugestão; mas desta vez o professor teve de lhe fazer perguntas, e fazê-las com muita determinação, até que conseguíssemos descobrir alguma coisa; por fim sua resposta veio:

— Não consigo ver nada; estamos imóveis; não há ondas batendo, mas apenas um redemoinho de água correndo suavemente contra o cabo de espia do navio. Consigo ouvir vozes masculinas chamando, perto e longe, e o espadanar e o ranger de remos nas cavilhas. Uma arma foi disparada em algum lugar; seu eco parece muito distante. Há um tumulto de pés no andar de cima, e cordas e correntes estão sendo arrastadas. Que é isso? Há um clarão de luz; posso sentir o ar soprando sobre mim.

Aqui ela parou. Havia se levantado, como que por impulso, de onde estava estirada no sofá, e ergueu ambas as mãos, com as palmas para cima, como se levantasse um peso. Van Helsing e eu olhamos um para o outro significativamente. Quincey ergueu as sobrelanceiras e olhou para ela com atenção, enquanto a mão de Harker instintivamente se fechou em volta do punho da sua kukri. Houve uma longa pausa. Todos sabíamos que o tempo durante o qual ela conseguia se manifestar estava passando; mas sentimos que era inútil dizer o que quer que fosse. De repente ela se endireitou, e, conforme abria os olhos, disse com ternura:

— Nenhum de vocês aceita uma xícara de chá? Devem estar todos

tão cansados!

Restava-nos somente agradá-la, e portanto aquiescemos. Ela foi alvoroçada fazer o chá; ao sair, Van Helsing disse:

— Vejam, meus amigos. Ele está perto da terra: deixou seu caixote. Mas ele tem ainda de alcançar a costa. De noite pode se esconder em algum lugar; mas se não for carregado até a costa, ou se o navio não chegar a tocá-la, ele não conseguirá pisar na terra. Nesse caso, ele pode, se de noite, mudar sua forma e pular ou voar por sobre a costa, tal como fez em Whitby. Mas se o dia raiar antes de ele alcançar a costa, então, a não ser que seja carregado, não poderá escapar. E se carregado for, então os homens da alfândega poderão descobrir o que a caixa contém. Portanto, in fine, se não escapar para a costa esta noite, ou antes da alvorada, ele terá perdido um dia inteiro. Poderemos então chegar a tempo; pois se não escapar de noite, nós o encontraremos durante o dia, encaixotado e à nossa mercê; pois ele não ousa assumir seu verdadeiro eu, desperto e visível, com receio de ser descoberto.

Não havia mais nada a dizer, de modo que aguardamos pacientemente até a alvorada, momento em que poderíamos descobrir mais por meio da sra. Harker.

Hoje de manhã permanecemos à escuta, com a respiração suspensa de ansiedade, de sua resposta durante o transe. O estágio hipnótico demorou até mais para chegar do que antes; e quando chegou, o tempo que restava até o pleno nascer do sol era tão pouco que começamos a nos desesperar. Van Helsing parecia ter investido toda a sua alma na tentativa; por fim, em obediência a seus desejos, ela forneceu uma resposta:

— Está tudo escuro. Ouço água batendo, na minha altura, e algo rangendo, como madeira chocando-se com madeira. — Ela fez uma pausa, e o sol vermelho subiu. Precisaremos aguardar até à noite.

E assim estamos viajando para Galatz numa agonia expectante. Prevê-se nossa chegada de madrugada, entre as 2h e as 3h; mas agora mesmo, em Bucareste, estamos três horas atrasados, de modo que não será possível chegar muito antes da alvorada. Então teremos mais duas mensagens hipnóticas da sra. Harker; uma delas ou ambas podem lançar mais luz sobre o que está acontecendo.

Mais tarde — O crepúsculo veio e se foi. Felizmente veio numa hora em que não havia nenhuma distração; pois, se tivesse ocorrido enquanto estávamos na estação, talvez não tivéssemos conseguido a calma e o isolamento necessários. A sra. Harker cedeu à influência

hipnótica ainda menos prontamente do que hoje de manhã. Temo que seu poder de leitura das sensações do conde venha a cessar justo quando mais precisamos dele. Parece-me que sua imaginação está começando a funcionar. Enquanto ela esteve em transe até agora, restringiu-se aos fatos mais simples. Se isso continuar, pode acabar por nos desviar de nosso caminho. Se eu imaginasse que o poder do conde sobre ela se dissiparia junto ao poder de conhecimento que ela tem dele, seria um pensamento feliz; mas temo que não seja o caso. Quando ela enfim falou, suas palavras foram enigmáticas:

— Tem alguma coisa saindo; posso senti-la passar por mim feito um vento gelado. Posso ouvir, muito longe, sons confusos, como de homens falando em línguas estranhas, água caindo com estrondo e lobos uivando.

Ela se deteve e um calafrio a percorreu, intensificando-se por alguns segundos, até que, no fim, ela tremeu como se num ataque paralítico. Ela não disse mais nada, nem mesmo em resposta ao imperativo inquérito do professor. Quando acordou do transe, estava gelada, exausta e lânguida; mas sua mente estava totalmente alerta. Não conseguia se lembrar de nada, no entanto perguntou o que foi que dissera; quando lhe contamos, ela ponderou profundamente por muito tempo e em silêncio.

30 de outubro, 7h — Estamos agora perto de Galatz, e posso não ter tempo de escrever mais tarde. O nascer do sol esta manhã foi ansiosamente aguardado por todos nós. Sabendo da dificuldade crescente de ministrar o transe hipnótico, Van Helsing começou seus passes mais cedo do que de hábito. Não produziram nenhum efeito, no entanto, até que chegasse o horário habitual, quando ela cedeu com ainda mais dificuldade, apenas um minuto antes que o sol raiasse. O professor não perdeu tempo em questioná-la; a resposta veio com igual rapidez:



— Está tudo escuro. Ouço água num redemoinho, muito perto, na altura de meus ouvidos, e o ranger de madeira chocando-se com madeira. Há um rebanho a distância. Há outro som, um som insólito...

— Ela se deteve e embranqueceu, ainda mais pálida.

— Prossiga; prossiga; fale, ordeno! — disse Van Helsing com agonia na voz.

Ao mesmo tempo havia desespero em seus olhos, pois o sol que se levantava estava avermelhando até mesmo o pálido rosto da sra. Harker. Ela abriu os olhos, e todos nos sobressaltamos quando ela disse, de maneira suave e aparentemente com a maior despreocupação:

— Ah, professor, por que me pedir que faça o que sabe que não consigo fazer? Não me lembro de nada. — Então, vendo a expressão de espanto em nossos rostos, ela disse, virando-se para cada um dos outros com um olhar atormentado: — Que foi que eu disse? Que foi

que eu fiz? Não sei de nada, apenas que estava deitada aqui, semiadormecida, e ouvi-o dizer “Prossiga! Fale, eu ordeno!”. Pareceu tão engraçado ouvir o senhor me dando ordens, como se eu fosse uma criança travessa!

— Ah, madame Mina — disse ele, tristemente —, é uma prova, se de provas é preciso, de quanto eu a adoro e a respeito quando uma palavra pelo seu bem, dita com mais sinceridade do que nunca, acaba por soar estranha... pois é para dar ordens àquela a quem me orgulho de obedecer!

Os apitos estão soando; estamos nos aproximando de Galatz. Ardemos de ansiedade e impaciência.

Diário de Mina Harker

30 de outubro — O sr. Morris levou-me ao hotel onde nossos quartos foram reservados por meio de telegramas, sendo ele um dos que podiam ser poupados da ação no momento, já que não fala nenhuma língua estrangeira. Nossas forças foram distribuídas quase da mesma maneira como o foram em Varna, exceto que lorde Godalming foi ver o vice-cônsul, uma vez que seu título pode servir como algum tipo de garantia imediata para o oficial, considerando a nossa extrema pressa. Jonathan e os dois doutores foram ver o agente portuário para descobrir as particularidades da chegada do Czarina Catherine.

Mais tarde — Lorde Godalming retornou. O cônsul está fora, e o vice-cônsul, doente, de modo que o trabalho rotineiro foi atendido por um subalterno. Ele foi muito prestativo, e ofereceu-se para fazer tudo que estivesse em seu poder.

Diário de Jonathan Harker

30 de outubro — Às 9h o dr. Van Helsing, o dr. Seward e eu fizemos uma visita aos srs. Mackenzie & Steinkoff, os agentes da firma londrina Hapgood. Eles haviam recebido um telegrama de Londres, em resposta ao pedido telegrafado de lorde Godalming, solicitando que nos tratassem com toda a civilidade. Foram mais do que gentis e atenciosos, e levaram-nos prontamente a bordo do Czarina Catherine, que jazia ancorado no porto fluvial. Lá vimos o capitão, chamado Donelson, que nos contou sobre a viagem. Disse que em toda a sua

vida ele jamais fizera viagem tão favorável.

— Rapaz! — disse ele. — Mas que medo aquilo não nos deu, porque a gente estava crente que um baita de um azar ia se abater, só pra compensar as coisas um pouco. Não é comum navegar de Londres até o mar Negro com um vento daquele, como se o Diabo mesmo soprasse a vela do navio com algum objetivo próprio. E o tempo todo não deu pra ver um nada à nossa frente. Sempre que a gente cruzava com um barco, ou um porto, ou um cabo, um nevoeiro nos cercava e viajava junto, até que, quando enfim ele levantava e a gente olhava ao redor, não dava para enxergar maldição nenhuma. Atravessamos Gibraltar sem poder sinalizar; e no caminho até chegar nos Dardanelos e esperar pela permissão para passar, não conseguimos saudar ninguém. No começo eu fiquei inclinado a arriar as velas e ir navegando até o nevoeiro levantar; mas no meio-tempo pensei que, se o Diabo tinha cismado em fazer a gente chegar logo no mar Negro, ia fazer isso a gente querendo ou não. Uma viagem rápida não cairia mal aos olhos dos proprietários do navio, nem atrapalharia nossos negócios; e o Velho Senhor que tinha lá seu objetivo próprio ficaria muito grato por não ter sofrido atraso.

Essa mistura de simplicidade e astúcia, de superstição e tino comercial, despertou Van Helsing, que disse:

— Meu amigo, esse Diabo é mais inteligente do que alguns acreditam; e ele sabe quando se depara com um rival!

O capitão não desgostou do elogio, e prosseguiu:

— Quando cruzamos o Bósforo os homens começaram a resmungar; alguns deles, os romenos, vieram me pedir para içar até o convés uma caixa grande levada a bordo por um velho de aparência esquisita pouco antes de a gente sair de Londres. Eu tinha visto eles espiando o sujeito, e estendendo dois dedos na direção dele quando o viam, pra se proteger de mau-olhado. Rapaz!, como é ridícula a superstição dos estrangeiros! Mandeí todo mundo de volta ao trabalho rapidinho; mas pouco depois uma neblina cercou a gente e eu me senti um pouco como eles se sentiam, embora eu não diga que era por causa da caixa grande. Bem, lá fomos nós, e como a neblina não levantou por cinco dias, eu simplesmente deixei o vento tocar; pois se o Diabo queria chegar a algum lugar... bem, ele ia chegar de qualquer jeito. E se não conseguisse, bem, a gente ia ficar num diacho de situação. Enfim, fizemos viagem rápida e em águas abertas o tempo inteiro; e dois dias atrás, quando o sol da manhã brilhou por entre a neblina, a gente se viu no rio bem em frente a Galatz. Os romenos ficaram doidos, e queriam de um jeito ou de outro que eu içasse a

caixa e atirasse ela no rio. Tive que pôr juízo neles a golpes de alavanca; e quando o último se levantou no deque com as mãos na cabeça, já estavam todos convencidos de que, com ou sem mau-olhado, a propriedade e a confiança dos meus empregadores estava melhor nas minhas mãos do que no rio Danúbio. Imagine, eles já tinham levado a caixa até o deque para atirar ela lá embaixo, e vendo que ela trazia a indicação “Galatz via Varna”, pensei em deixar ela ali até a descarregarmos no porto e nos livrarmos dela completamente. A gente não conseguiu descarregar muita coisa aquele dia, e teve que ficar ancorado de noite; mas de manhã, quando estava claro e ameno, uma hora antes de o sol raiar, subiu a bordo um homem com uma ordem, enviada pra ele da Inglaterra, pra receber uma caixa destinada a um tal de conde Drácula. Sem dúvida ele estava em dia com a papelada. Tinha os documentos certinhos, e eu feliz fiquei por me livrar daquele troço maldito, pois já estava começando a ficar incomodado. Se o Diabo viajou no navio levando alguma bagagem, acho que não era nada mais nada menos que aquela caixa!

— Qual era o nome do homem que a levou? — perguntou o dr. Van Helsing com impaciência contida.

— Digo pro senhor num minuto! — respondeu ele, e, descendo à sua cabina, pegou um recibo assinado “Immanuel Hildesheim”. Seu endereço era Burgenstrasse, 16.

Descobrimos que isso era tudo o que o capitão sabia; portanto, após lhe agradecer, fomos embora.

Encontramos Hildesheim em seu escritório, um hebreu bem ao estilo do Teatro Adelphi, com um nariz ovino e um fez na cabeça. Seus argumentos eram pontuados com dinheiro em espécie — cabendo a nós a pontuação — e após alguma barganha ele nos contou o que sabia. Coisas simples, mas que acabaram sendo importantes. Ele recebera uma carta do sr. De Ville, de Londres, dizendo-lhe que recebesse, se possível antes do pôr do sol para evitar a alfândega, uma caixa que chegaria a Galatz no Czarina Catherine. Esta ele deveria entregar aos cuidados de um certo Petrof Skinsky, o qual negociava com os eslovacos que cuidavam do transporte pelo rio até o porto. Ele fora pago pelo serviço com uma nota promissória de um banco inglês, que fora devidamente descontada em ouro no Banco Internacional do Danúbio. Quando Skinsky fora vê-lo, ele o levava ao navio e entregara a caixa, de modo a economizar no frete. Isso era tudo que sabia.

Nós então procuramos Skinsky, mas não conseguimos encontrá-lo. Um de seus vizinhos, que não parecia ter nenhuma afeição a ele, disse que partira cerca de dois dias antes, ninguém sabia para onde. Isso foi

corroborado por seu senhorio, que recebera por mensageiro a chave da casa junto com o pagamento do aluguel, em moeda inglesa. Isso se dera entre as 22h e as 23h da noite passada. Estávamos de novo num impasse.

Enquanto conversávamos, alguém chegou correndo e disse, esbaforido, que o corpo de Skinsky fora encontrado dentro dos muros do adro da igreja de São Pedro, e que sua garganta fora cortada como se por um animal selvagem. Aqueles com quem estivéramos falando saíram correndo para ver tal horror, as mulheres gritando:

— Isso é coisa de eslovaco!

Fomos embora às pressas receando que fôssemos de alguma maneira implicados no caso e então apreendidos.

Ao voltarmos para o hotel, não fomos capazes de chegar a uma conclusão definitiva. Estávamos todos convencidos de que a caixa se encontrava a caminho, via água, de algum lugar; mas a caminho de onde, teríamos que descobrir. Foi com o coração pesado que voltamos para Mina no hotel.

Quando nos reunimos, a primeira coisa que fizemos foi deliberar quanto a voltar a incluir Mina em nossos planos. As coisas estão ficando desesperadoras, e há ao menos uma chance, por mais arriscada que seja. Como um passo preliminar, fui desobrigado da promessa que fiz a ela.

Diário de Mina Harker

30 de outubro, de tarde — Eles estavam tão cansados e exaustos e desanimados que não havia nada a fazer até que tivessem descansado um pouco; portanto pedi a todos que se deitassem por meia hora enquanto eu registrava tudo que acontecera até então. Sou muito grata ao homem que inventou a máquina de escrever Traveller's, e ao sr. Morris por ter obtido esta aqui para mim. Eu teria me sentido bastante incomodada se tivesse de fazer este trabalho usando pena e tinta...

Está tudo feito; pobre, pobre Jonathan, o que não deve ter sofrido, o que não deve estar sofrendo agora! Ele está deitado no sofá respirando com dificuldade, e todo o seu corpo parece à beira do colapso. Suas sobranceiras se uniram; seu rosto está desfigurado pela dor. Pobre rapaz, talvez ele esteja refletindo, e consigo ver seu rosto todo enrugado com a concentração mental. Ah! Se eu ao menos pudesse ajudá-lo... Farei o que puder.

Pedi ao dr. Van Helsing, e ele me entregou todos os papéis que até então eu não tinha lido... Enquanto descansam, hei de repassá-los cuidadosamente, e talvez possa chegar a alguma conclusão. Tentarei seguir o exemplo do professor, e pensar sem prejulgamentos sobre os fatos diante de mim...

Acredito que, mediante a Divina Providência, tenha feito uma descoberta. Vou pegar os mapas e conferi-los...

Mais do que nunca estou certa de que tenho razão. Minha nova conclusão está pronta, portanto vou reunir nosso grupo e ler o que escrevi. Eles poderão julgar; cuidarei de ser acurada, e cada minuto conta.

Memorando de Mina Harker
(Registrado em seu diário)

Base da investigação — O problema do conde Drácula é voltar para a sua terra.

(a) Ele deve ser carregado de volta por alguém. Isso é evidente; pois, se ele tivesse o poder de deslocar-se conforme desejasse, poderia fazê-lo na forma de homem, lobo, morcego ou outra. Ele evidentemente teme ser descoberto ou sofrer alguma interferência, no estado de impotência em que deve se encontrar — confinado, entre a alvorada e o crepúsculo, em sua caixa de madeira.

(b) Como ele precisa ser carregado de volta? — Aqui, um processo de exclusões pode nos ajudar. Pela estrada, pela ferrovia ou pela água?

1. Pela estrada — Há infinitas dificuldades, especialmente em deixar a cidade.

(x) Há pessoas; e as pessoas são curiosas e perguntadoras. Uma sugestão, uma suposição, um dúvida quanto ao que pode haver dentro da caixa o destruiria.

(y) Há, ou pode haver, oficiais de alfândega e de octroi³⁷ no caminho.

(z) Seus perseguidores podem segui-lo. Esse é o seu maior medo; e a fim de evitar se trair, ele tem repellido, o máximo que pode, até mesmo sua vítima — eu!

2. Pela ferrovia — Não há ninguém encarregado da caixa. Ele teria

de arriscar sofrer um atraso; e um atraso, com inimigos em seu encalço, seria fatal. É verdade que ele pode escapar durante à noite; mas o que seria dele, se fosse deixado em um lugar estranho sem nenhum refúgio no qual se esconder? Não é isso que ele pretende; e não quer se arriscar.

3. Pela água — Esta é a maneira mais segura, por um lado, mas a mais perigosa, por outro. Na água ele é impotente exceto à noite; nem mesmo então ele consegue mais do que invocar a neblina, a neve e os lobos. Mas caso ele naufrague, a água corrente o engolirá, indefeso; e estará de fato perdido. Ele poderia fazer a embarcação seguir até a terra firme; mas se fosse uma terra inamistosa, onde não tivesse liberdade para se deslocar, sua situação ainda seria desesperadora.

Sabemos, pelos registros, que ele viajou pela água; portanto o que temos de fazer é nos certificar de qual água.

A primeira coisa é registrar exatamente o que ele fez até agora; assim poderemos ter uma luz sobre qual será a sua próxima tarefa.

Primeiro — Precisamos distinguir o que ele fez em Londres como parte de seu plano geral de ação, quando em momentos foi pressionado e teve de se arranjar da melhor maneira que pôde.

Segundo — Precisamos entender, o melhor que pudermos a partir dos fatos que conhecemos, o que ele fez aqui.

Quanto ao primeiro item, ele evidentemente pretendia chegar a Galatz, e enviar a fatura para Varna a fim de nos enganar, receando que descobríssemos seus meios de saída da Inglaterra; seu único e mais imediato propósito, então, era fugir. Prova disso está na carta de instruções enviada a Immanuel Hildesheim para desembarcar e levar embora a caixa antes do nascer do sol. Há também as instruções a Petrof Skinsky. Essas podemos apenas supor; mas deve ter havido alguma carta ou mensagem, já que Skinsky foi ver Hildesheim.

Que até o momento seus planos foram bem-sucedidos, isso sabemos. O Czarina Catherine fez sua viagem com rapidez fenomenal — de tal maneira que as suspeitas do capitão Donelson foram despertadas; mas sua superstição, aliada à sua astúcia, trabalharam a favor do conde, e ele correu com o vento favorável por entre nevoeiros até chegar de olhos vendados a Galatz. Ficou provado que os arranjos do conde foram bem-feitos. Hildesheim desembarcou a caixa, levou-a embora e entregou-a a Skinsky. Skinsky levou-a — e aqui perdemos nossa pista. Só sabemos que a caixa está em algum lugar sobre a água, seguindo seu rumo. Os oficiais de alfândega e de octroi, se é que existiam, foram evitados.

Agora chegamos ao que o conde deve ter feito após sua chegada —

em terra firme, em Galatz.

A caixa foi entregue a Skinsky antes do nascer do sol. Ao nascer do sol, o conde poderia surgir em sua própria forma. Aqui nos perguntamos: por que Skinsky foi sequer escolhido para auxiliá-lo na tarefa? No diário de meu marido, Skinsky é mencionado como alguém que negocia com os eslovacos que fazem o transporte pelo rio até o porto; e a observação do homem, de que o assassinato fora obra de um eslovaco, atesta o sentimento geral do povo em relação à sua classe. O conde queria isolamento.

Minha hipótese é a seguinte: em Londres, o conde decidiu voltar para o seu castelo por água, a maneira mais segura e secreta. Ele saíra carregado do castelo pelos szgany, que provavelmente passaram a carga aos eslovacos que levaram as caixas para Varna, pois lá é que foram despachadas para Londres. Assim o conde tem conhecimento das pessoas que poderiam prestar esse serviço. Quando a caixa estava em terra firme, antes da alvorada ou depois do crepúsculo, ele saiu, encontrou-se com Skinsky e instruiu-o sobre o que fazer para combinar o transporte da caixa ao longo de algum rio. Quando isso foi feito, e ele soube que a tudo fora dado andamento, apagou seus rastros, ou assim imaginou, assassinando seu agente.

Examinei o mapa e descobri que o rio mais apropriado para os eslovacos navegarem é o Pruth ou o Sereth. Li no registro datilografado que, em meu transe, ouvi vacas mugindo baixo e um redemoinho de água à altura dos meus ouvidos e o ranger de madeira. Em sua caixa, o conde se encontrava então em um rio a bordo de um barco aberto — provavelmente impulsionado ou por remos ou varas, pois as margens estão próximas e eles estão trabalhando contra a correnteza. Não haveria tal som se o barco estivesse deslizando a favor da correnteza.

É claro que pode não ser o Sereth ou o Pruth, mas podemos investigar mais a fundo. Agora, dos dois, o Pruth é o mais facilmente navegável, mas o Sereth é, em Fundu, recebido pelo Bistritza, que corre contornando o passo do Borgo. A volta que ele faz é manifestamente o mais próximo que se pode chegar do castelo Drácula via água.



Diário de Mina Harker
(Continuação)

Quando terminei de ler, Jonathan tomou-me em seus braços e me beijou. Os outros continuaram me sacudindo com ambas as mãos, e o dr. Van Helsing disse:

— Nossa cara madame Mina é mais uma vez professora nossa. Seus olhos estiveram onde nós não enxergamos. Agora estamos de novo no rastro dele, e desta vez podemos ter êxito. Nosso inimigo está o mais impotente possível; e se conseguirmos encontrá-lo de dia, e sobre a água, nossa tarefa terá terminado. Ele tem uma vantagem, mas está incapacitado de se apressar, já que não pode deixar sua caixa para não despertar a suspeita daqueles que o carregam; pois a suspeita deles significaria instá-los a atirá-lo na correnteza, onde ele pereceria. Ele sabe disso, e não irá fazê-lo. Agora, homens, para o conselho nosso de guerra; pois aqui e agora devemos planejar o que cada um de nós irá fazer.

— Vou obter uma lancha a vapor e segui-lo — disse lorde Godalming.

— E eu obterei cavalos para segui-lo pela margem, se porventura ele desembarcar — disse o sr. Morris.

— Bom! — disse o professor. — Ambos bons. Mas nenhum de vocês deve ir sozinho. Deve haver forças para contrapor à força dele se preciso for; os eslovacos são fortes e brutos, e carregam armas toscas.

Todos os homens sorriram, pois estavam levando consigo um pequeno arsenal. Disse o sr. Morris:

— Trouxe algumas Winchesters; vêm bem a calhar em meio a uma multidão, e pode haver lobos. O conde, se estão lembrados, tomou outras precauções; fez alguns pedidos que a sra. Harker não pôde exatamente ouvir ou entender. Devemos estar preparados para tudo.

O dr. Seward disse:

— Acho melhor eu ir com Quincey. Estamos acostumados a caçar juntos, e os dois, bem armados, estaremos à altura do que quer que possa aparecer. Você não deve ficar sozinho, Art. Pode ser preciso lutar com os eslovacos, e uma facada accidental, pois não suponho que esses sujeitos carreguem armas de fogo, destruiria todos os nossos planos. Desta vez não devemos correr riscos; não iremos descansar até que a cabeça do conde esteja separada do corpo e tenhamos certeza de que ele não pode reencarnar.

Ele olhou para Jonathan enquanto falava, e Jonathan olhou para mim. Pude ver que o pobre querido estava mentalmente dilacerado. É claro que ele queria ficar comigo; por outro lado, era muito provável que o grupo no barco seria o único capaz de destruir o... o... Vampiro.

(Por que hesitei em escrever a palavra?) Ele permaneceu calado por um tempo, e durante seu silêncio o dr. Van Helsing falou:

— Amigo Jonathan, estas palavras são para você, por razões duplas. Primeiro, porque você é jovem e valente e capaz de lutar, e todas as energias podem ser necessárias até o fim; e mais uma vez é um direito seu destruir a ele, destruir aquilo que causou tanta desgraça a você e aos seus. Não tema por madame Mina; ela ficará sob os cuidados meus, se me permitir. Estou velho. Minhas pernas já não correm tão rápido como antigamente; e não estou acostumado a cavalgar por tanto tempo ou perseguir tanto quanto é necessário, ou a lutar com armas letais. Mas posso ser de outra serventia; posso lutar de outra maneira. E posso morrer, se necessário for, tão bem quanto homens mais jovens. Agora deixe-me dizer que o que eu faria é o seguinte: enquanto você, meu lorde Godalming, e o amigo Jonathan partem em seu tão veloz barquinho rio acima, e enquanto John e Quincey vigiam a margem onde porventura ele desembarcar possa, eu levarei madame Mina direto ao âmago do país do inimigo. Enquanto a velha raposa estiver presa em sua caixa, flutuando na correnteza de onde não pode escapar para a terra (onde não ousa erguer o tampo de sua caixa de terra com medo de que os transportadores eslovacos fujam de medo e o abandonem para perecer), iremos pelo caminho que Jonathan seguiu: de Bistrita através do Borgo, e encontraremos nosso caminho até o castelo Drácula. Aqui, o poder hipnótico de madame Mina por certo será de ajuda, e haveremos de encontrar nosso caminho, de outra forma inteiramente obscuro e desconhecido, após a primeira aurora quando estivermos perto daquele lugar fatídico. Há muito a ser feito, e outros lugares para santificar, de modo que aquele ninho de víboras seja obliterado.

Aqui Jonathan o interrompeu acaloradamente:

— Está querendo dizer, prof. Van Helsing, que o senhor pretende levar Mina, na triste situação em que se encontra e marcada como está pela enfermidade daquele demônio, direto para a bocarra de sua armadilha mortal? Por nada neste mundo! Nem pelos céus nem pelo inferno! — Ele ficou quase mudo por um minuto, e então prosseguiu: — O senhor por acaso sabe o que é aquele lugar? O senhor por acaso viu aquele horrendo antro de infâmia infernal, onde o próprio luar ganha vida com formas grotescas, e cada partícula de pó gira com o vento para formar o embrião de um monstro devorador? O senhor por acaso sentiu os lábios do Vampiro no pescoço? — Aqui ele virou-se para mim, e, quando seus olhos pousaram sobre a minha testa, ele jogou os braços para cima com uma exclamação: — Ah, meu Deus, o

que foi que fizemos para merecer esse terror?! — E desabou no sofá num colapso de desventura.

A voz do professor, ao falar em tons claros, delicados, que pareciam fazer o ar vibrar, acalmou-nos a todos:

— Ah, meu amigo, é porque eu gostaria de salvar madame Mina daquele lugar horrendo que eu iria até lá. Deus me proíba de levá-la àquele lugar. Tem trabalho, trabalho espinhoso, a fazer por lá, e que os olhos dela não devem ver. Nós, homens, exceto Jonathan, vimos com os olhos o que deve ser feito até que aquele lugar possa ser purificado. Lembrem que estamos em terríveis apuros. Se o conde nos escapar desta vez (e ele é forte e sutil e astuto), talvez escolha dormir por um século, e então, com o tempo, a nossa querida — ele pegou minha mão — iria juntar-se a ele para fazer companhia, e seria como as mulheres aquelas que você, Jonathan, viu. Você nos contou sobre aqueles lábios intumescidos; você ouviu aquela risada zombeteira quando elas agarraram a bolsa que o conde lhes atirou. Você estremece; e com razão. Perdoe lhe causar dor tamanha, mas é necessário. Meu amigo, não é uma terrível necessidade aquela para a qual estou dando, se preciso for, minha própria vida? Se fosse preciso que alguém seguisse para aquele lugar e lá ficasse, seria eu mesmo a ir fazer-lhe companhia.

— Faça como quiser — disse Jonathan, com um soluço que o fez tremer por inteiro —, estamos nas mãos de Deus!

Mais tarde — Ah, fez-me bem ver como esses corajosos homens trabalharam. Como podem as mulheres evitar se apaixonar pelos homens quando são tão sinceros, e tão honestos, e tão valentes! E também me fez pensar no maravilhoso poder do dinheiro! O que ele não pode fazer quando adequadamente aplicado; e o que é capaz de fazer quando usado de maneira vil! Sou muito grata por lorde Godalming ser rico, e que tanto ele como o sr. Morris, que também tem muito dinheiro, estarem dispostos a gastá-lo tão prodigamente. Pois, se não o fizessem, nossa pequena expedição não teria começado tão prontamente nem tão bem equipada como o fará dentro de uma hora. Nem três horas se passaram desde que combinamos qual papel cada um de nós terá de desempenhar; e agora lorde Godalming e Jonathan obtiveram uma adorável lancha a vapor, pronta para dar a largada a qualquer momento. O dr. Seward e o sr. Morris obtiveram meia dúzia de bons cavalos, bem aparelhados. Temos todos os mapas e dispositivos de todos os tipos concebíveis e imagináveis. O prof. Van Helsing e eu partiremos no trem das 23h40 para Veresti, onde

apanharemos uma carruagem que rodará até o passo do Borgo. Estamos levando uma boa quantidade de dinheiro em espécie, uma vez que precisaremos adquirir carruagem e cavalos. Nós mesmos a conduziremos, pois não temos ninguém a quem possamos confiar a tarefa. O professor conhece um pouco de muitíssimas línguas, portanto nos sairemos bem. Todos estamos levando armas, até mesmo eu tenho um revólver de grosso calibre; Jonathan não ficou feliz até que eu estivesse armada como os demais. Ai de mim!, há uma arma que não posso carregar mas que todos carregam; a cicatriz em minha testa me proíbe. O querido dr. Van Helsing me consola dizendo que estou plenamente armada para o caso de encontrarmos lobos; o tempo esfria a cada hora que passa, e caem nevadas, que vêm e vão, como advertências.

Mais tarde — Precisei de toda a coragem para me despedir de meu amado. Talvez nunca nos encontremos de novo. Coragem, Mina! O professor está olhando para você atentamente; seu olhar é uma advertência. Agora não é hora de lágrimas — a não ser que Deus as faça cair de felicidade.

Diário de Jonathan Harker

30 de outubro, noite — Escrevo isto à luz da porta da caldeira da lancha a vapor: lorde Godalming a está abastecendo. Ele tem experiência na tarefa, uma vez que por anos possuiu uma lancha própria no Tâmis, e outra em Norfolk Broads. Em relação aos nossos planos, finalmente decidimos que o palpite de Mina estava correto, e que se algum curso d'água fora escolhido para a fuga do conde para seu castelo, o rio Sereth, e então o Bistritz em seu entroncamento, seria o ideal. Deduzimos que algum ponto a 47 graus de latitude norte seria o lugar escolhido para atravessar o país entre o rio e os Cárpatos. Não temos medo de navegar em boa velocidade rio acima de noite; há água abundante, e as margens são afastadas o suficiente para facilitar, mesmo no escuro, a navegação. Lorde Godalming diz-me para dormir um pouco, já que no momento basta que um esteja de vigia. Mas não consigo dormir — nem poderia, com o terrível perigo que paira sobre minha amada, e sua ida até aquele lugar horroroso... Meu único consolo é que estamos nas mãos de Deus. Se não fosse por essa fé, seria mais fácil morrer do que viver, e assim ficar livre de todo tormento. O sr. Morris e o dr. Seward partiram em sua longa

cavalgada antes de nós; deverão vigiar a margem direita, distantes o suficiente para alcançar terras mais altas de onde possam ver um bom trecho do rio e evitar suas curvas. Eles levaram consigo, para a primeira etapa, dois homens para cavalgar e conduzir seus cavalos sobressalentes — quatro, ao todo, a fim de não despertar curiosidade. Quando dispensarem os homens, o que deve acontecer em breve, eles mesmos cuidarão dos cavalos. Pode ser necessário unir nossas forças; assim, haverá montaria para toda a comitiva. Uma das selas tem um arção móvel, e pode ser facilmente adaptada para Mina, se preciso.

É uma louca aventura esta que estamos empreendendo. Aqui, enquanto seguimos rio acima através da escuridão, com o frio da água parecendo se levantar e nos atingir, com todas as vozes misteriosas da noite à nossa volta, tudo faz sentido. Parecemos estar entrando em lugares e caminhos desconhecidos; em todo um mundo de coisas sombrias e pavorosas. Godalming está fechando a porta da caldeira...

31 de outubro — Ainda seguindo a toda. O dia raiou, e Godalming está dormindo. Estou de vigia. A manhã está enregelante; o aquecimento da caldeira é bem-vindo, embora tenhamos enormes casacos de pele. Por ora cruzamos com uns poucos barcos abertos, mas nenhum deles levava a bordo uma caixa ou fardo de tamanho parecido com o do que procuramos. Os homens ficaram assustados toda vez que voltávamos nossa lanterna elétrica para eles, e caíam de joelhos e rezavam.

1º de novembro, de tarde — Sem notícias durante todo o dia; não encontramos nada daquilo que procuramos. Agora passamos para o rio Bistritza; e se tivermos errado em nossa suposição, a oportunidade se foi. Inspecionamos todos os barcos que encontramos, grandes ou pequenos. Hoje de manhã, uma tripulação nos tomou por um barco do governo, e tratou-nos da forma condizente. Vimos nisso uma maneira de facilitar as coisas, de modo que em Fundu, onde o Bistritza deságua no Sereth, obtivemos uma bandeira romena, que agora ostentamos para quem quiser vê-la. Com cada barco que inspecionamos desde então, o truque funcionou; mostraram-nos toda a deferência, e nem uma única vez recebemos objeção ao que quer que tenhamos pedido ou feito. Alguns dos eslovacos nos dizem que um grande barco passou por eles, indo a uma velocidade maior do que a habitual, uma vez que levava a bordo uma tripulação de tamanho redobrado. Isso foi antes de chegarem a Fundu, de modo que não puderam nos dizer se o barco

virou no Bistritz ou continuou Sereth acima. Em Fundu não conseguimos obter notícia sobre tal barco, portanto ele deve ter passado por aqui de noite. Estou sentindo muito sono; o frio talvez esteja começando a me afetar, e a natureza precisa de um descanso. Godalming insiste que fará a primeira vigia. Que Deus o abençoe por toda a sua bondade para com a pobre e querida Mina e comigo.

2 de novembro, manhã — Já é dia claro. Aquele bom camarada não me acordou. Ele diz que teria sido um pecado fazê-lo, pois eu dormia tão pacificamente, esquecendo-me de meu tormento. Parece de um egoísmo brutal ter dormido tanto e tê-lo deixado de vigia a noite toda; mas ele tem razão. Sou um novo homem esta manhã; e, enquanto fico sentado aqui observando-o dormir, posso fazer tudo que é necessário no que diz respeito ao motor, ao leme e à vigia. Consigo sentir que meu vigor e minha energia estão voltando. Pergunto-me onde Mina e Van Helsing estarão agora. Devem ter alcançado Veresti por volta do meio-dia da quarta-feira. Levariam algum tempo para conseguir a carruagem e os cavalos; portanto, se já partiram e viajaram a valer, estarão por agora no passo de Borgo. Que Deus os guie e guarde! Tenho medo de pensar no que pode acontecer. Se ao menos pudéssemos ir mais rápido! Mas não podemos; os motores estão sacolejando e dando o seu melhor. Pergunto-me como o dr. Seward e o sr. Morris estão se arranjando. Parece haver correntezas sem fim descendo das montanhas para este rio, mas já que nenhuma delas é muito ampla — no momento, pelo menos, embora sejam sem dúvida terríveis no inverno e quando a neve derrete —, os cavaleiros talvez não encontrem muita obstrução. Espero que antes de chegarmos a Strasba consigamos vê-los; pois, se a essa altura não houvermos suplantado o conde, pode ser necessário deliberar juntos sobre o que fazer em seguida.

Diário do dr. Seward

2 de novembro — Três dias na estrada. Nenhuma notícia, e nenhum tempo para escrever, ainda que sobrasse algum, pois cada momento conta. Tivemos somente o descanso necessário para os cavalos; mas estamos ambos suportando maravilhosamente bem. Aqueles nossos dias de aventura estão se provando úteis. Precisamos seguir em frente; jamais nos sentiremos felizes enquanto não tivermos de novo a lancha sob nossa vista.

3 de novembro — Em Fundu ouvimos que a lancha subiu pelo Bistriza. Gostaria que não estivesse tão frio. Há sinais de neve iminente; e se for abundante, vai nos deter. Nesse caso precisaremos conseguir um trenó e seguir adiante, à moda russa.

4 de novembro — Hoje ouvimos que a lancha foi retida por um acidente quando tentou forçar caminho pelas corredeiras. Os barcos dos eslovacos subiram sem dificuldade, com a ajuda de uma corda e um timoneiro com conhecimento. Alguns subiram apenas algumas horas atrás. O próprio Godalming é um mecânico amador, e é claro que foi ele quem pôs a lancha em ordem novamente. Por fim, eles subiram as corredeiras sem dificuldade, com a ajuda dos locais, e voltaram renovados à perseguição. Temo que o barco não esteja nem um pouco melhor após o acidente; os camponeses nos contam que depois que a embarcação subiu tranquilamente, continuou parando de tempos em tempos enquanto permaneceu à vista. Precisamos prosseguir mais rápido do que nunca; nossa ajuda pode ser em breve requisitada.

Diário de Mina Harker

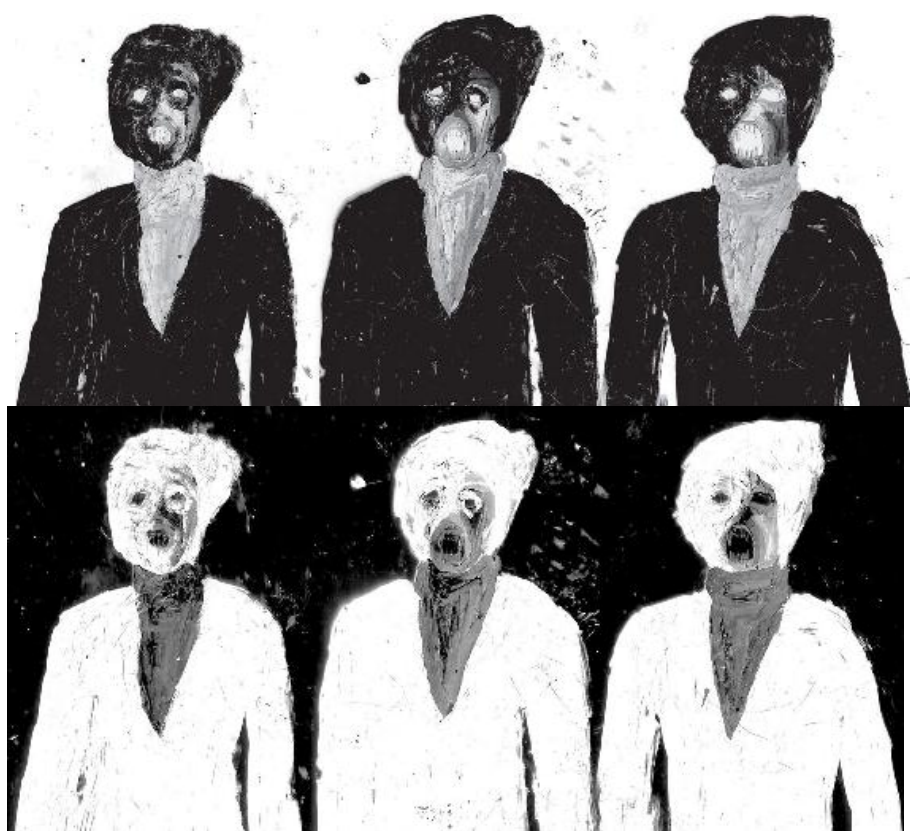
31 de outubro — Chegamos a Veresti ao meio-dia. O professor me diz que esta manhã, durante a alvorada, mal conseguiu me hipnotizar, e que tudo que eu dizia era: “escuro e calmo”. Ele saiu agora para comprar uma carruagem e cavalos. Diz que mais tarde tentará comprar cavalos sobressalentes, para que possamos trocá-los no caminho. Temos pouco mais de cento e dez quilômetros à nossa frente. O país é adorável, e muito interessante; se ao menos estivéssemos em condições diferentes, que deleite seria conhecê-lo em sua totalidade! Se Jonathan e eu estivéssemos seguindo por ele a sós, que prazer não teríamos! Parar e ver as pessoas, e aprender algo sobre sua vida, e encher nossa mente e memória com todo o colorido e o pitoresco do vasto e belo país e de seu povo ímpar! Mas, ai de mim!...

Mais tarde — O dr. Van Helsing retornou. Obteve carruagem e cavalos; vamos comer alguma coisa e partir em uma hora. A senhoria está nos preparando um imenso cesto de provisões; parece o bastante para uma companhia de soldados. O professor a encoraja e me sussurra que talvez leve uma semana para conseguirmos alguma

comida novamente. Ele também andou fazendo compras, e enviou para o hotel um maravilhoso monte de casacos de pele e mantas, e toda espécie de coisas quentes. Não haverá chance de passarmos frio.

Logo partiremos. Tenho medo de pensar no que pode nos acontecer. Estamos realmente nas mãos de Deus. Só Ele sabe o que nos aguarda, e eu rezo a Ele, com toda a força de minha triste e humilde alma, para que proteja o meu amado marido; que, haja o que houver, Jonathan possa saber que eu o amei e o honrei mais do que consigo expressar, e que meu último e mais sincero pensamento será sempre para ele.

³⁷ Termo francês para designar um tipo de imposto de entrada de mercadorias nas fronteiras de algumas localidades da Europa.



CAPÍTULO 27

Diário de Mina Harker

1º de novembro — Passamos o dia todo viajando, e em boa velocidade. Os cavalos parecem saber que estão sendo bem tratados, pois de bom grado avançam na maior velocidade de que são capazes. Já fizemos tantas trocas de parêlha e temos encontrado a mesma disposição com tanta frequência que somos levados a pensar que será uma viagem fácil. O dr. Van Helsing é sucinto; diz aos fazendeiros que está indo às pressas para Bistritz, e paga-lhes bem para fazer a troca dos cavalos. Conseguimos sopa quente, ou café, ou chá; e assim partimos. É um país adorável; repleto de belezas de todo tipo imaginável, e o povo é valente, forte, simples, e parece cheio de belas qualidades. Eles são muito, muito supersticiosos. Na primeira casa em

que paramos, quando a mulher que nos serviu avistou a cicatriz em minha testa, fez o sinal da cruz e apontou dois dedos na minha direção, para proteger-se de mau-olhado. Creio mesmo que se deram ao trabalho de pôr uma quantidade extra de alho em nossa comida; e não tolero alho. Desde então venho tomando o cuidado de não tirar meu chapéu ou meu véu, e assim tenho escapado de suas suspeitas. Estamos viajando rápido e, já que não temos conosco um cocheiro para espalhar mexericos, estamos alheios a escândalos; mas ousou dizer que o medo do mau-olhado nos acompanhará de perto durante toda a jornada. O professor parece incansável; durante todo o dia não quis tirar um descanso, embora me tenha feito dormir por longo período. Ao crepúsculo ele me hipnotizou, e diz que eu respondi, como de hábito, “escuridão, ondas que batem e madeira que range”; portanto nosso inimigo ainda se encontra navegando no rio. Tenho medo de pensar em Jonathan, mas de alguma forma agora não temo por ele ou por mim. Escrevo isto enquanto aguardamos os cavalos serem preparados, em uma casa de fazenda. O dr. Van Helsing está dormindo. Pobrezinho, parece muito cansado e envelhecido e debilitado, mas sua boca está rija como a de um conquistador; até mesmo em seu sono ele está imbuído de determinação. Quando tivermos partido, precisarei fazê-lo descansar enquanto eu conduzo. Vou dizer a ele que ainda temos dias pela frente, e não devemos falhar quando a totalidade de sua força for mais necessária... Está tudo pronto; partiremos em breve.

2 de novembro, manhã — Fui bem-sucedida, e nos revezamos conduzindo a noite toda; agora o dia está raiando sobre nós, claro porém frio. Há um estranho peso no ar — digo “peso” por falta de palavra melhor; quero dizer que está nos oprimindo. Faz muito frio, e somente nossos casacos de pele nos mantêm aquecidos. À alvorada, Van Helsing me hipnotizou; ele diz que respondi “escuridão, madeira que range e turbilhão de água”, portanto o rio está ficando revoltado à medida que sobem. Espero que meu amado não esteja correndo nenhum risco — não mais do que o necessário; mas estamos nas mãos de Deus.

2 de novembro, noite — O dia todo conduzindo. O país fica mais vasto conforme avançamos, e as grandes escarpas dos Cárpatos, que em Veresti pareciam tão longe de nós e tão baixas no horizonte, agora parecem reunir-se à nossa volta e assomar à nossa frente. Estamos

ambos com bom ânimo; acredito que cada um esteja fazendo um esforço para animar o outro; ao fazê-lo, animamos a nós mesmos. O dr. Van Helsing diz que pela manhã teremos alcançado o passo do Borgo. As casas são muito espaçadas por aqui, e o professor diz que o último cavalo que obtivemos terá que ir conosco, já que talvez não consigamos trocá-lo. Ele obteve mais dois além dos dois que trocamos, de modo que agora nosso veículo é uma tosca quadriga. Os pobres cavalos são pacientes e bons, e não nos dão nenhum problema. Não estamos preocupados com outros viajantes, de modo que até mesmo eu consigo conduzir. Chegaremos ao passo à luz do dia; não queremos chegar antes. Assim, estamos seguindo sem pressa, e tiramos um longo descanso cada um. Ah, o que o amanhã nos reserva? Vamos em busca do lugar onde meu pobre amado tanto sofreu. Que Deus queira nos guiar corretamente, e que Ele se digne a cuidar de meu marido e daqueles que nos são queridos, e que correm perigo tão mortal. Quanto a mim, não sou digna de Seus olhos. Ai de mim! Sou impura para Ele, e assim serei até que Ele se digne a me contemplar como alguém que não despertou Sua ira.

Memorando de Abraham van Helsing

4 de novembro — Isto é para meu velho e verdadeiro amigo John Seward, M.D., de Purfleet, Londres, para o caso de eu não voltar a vê-lo. Talvez sirva de explicação. É de manhã, e escrevo ao pé de uma fogueira que mantive acesa durante toda a noite — madame Mina está me ajudando. Faz frio, muito frio; tanto frio que o carregado céu cinzento está cheio de neve, que, quando cair, irá durar todo o inverno, já que o chão está endurecendo para recebê-la. Isso parece ter afetado madame Mina; ela andou com a cabeça tão pesada o dia todo que não agiu como ela mesma. Só dorme, e dorme, e dorme! Ela, que de hábito é tão alerta, não fez literalmente nada o dia todo; até mesmo perdeu o apetite. Não fez nenhum registro em seu pequeno diário, ela que escreve tão lealmente a cada parada. Algo me diz que não está tudo bem. No entanto, esta noite ela está mais viva³⁸. Seu comprido sono de todo um dia revigorou-a e restaurou-a, pois agora está meiga e radiante como sempre. Ao crepúsculo tentei hipnotizá-la, mas, ai de mim!, sem sucesso; meu poder diminui mais e mais a cada dia, e esta noite me faltou completamente. Bem, será feita a vontade de Deus — qualquer que seja, e aonde quer que nos conduza!

Agora à cronologia, pois uma vez que madame Mina não está

escrevendo em sua taquigrafia, eu devo fazê-lo, ao meu modo canhestro e antiquado, para que cada dia de nossa jornada não passe sem registro.

Chegamos ao passo do Borgo pouco depois do nascer do sol na manhã de ontem. Quando vi os sinais da alvorada, aprontei-me para a hipnose. Paramos nossa carruagem, e desci para que não fôssemos perturbados. Improvisei um sofá com casacos de pele, e madame Mina, deitando-se, cedeu como de hábito, no entanto mais lenta e brevemente do que nunca, ao sono hipnótico. Como antes, veio a resposta: “escuridão e turbilhão de água”. Então ela acordou, animada e radiante, e seguimos em nossa jornada e logo alcançamos o passo. Àquela hora e lugar, ela se inflamou de zelo; algum novo poder orientador manifestou-se nela, pois apontou para uma estrada e disse:

— É por ali.

— Como sabe? — perguntei.

— É claro que sei — respondeu ela, e com uma pausa, acrescentou:

— Ou meu Jonathan não viajou por ela e escreveu sobre sua jornada?

A princípio achei aquilo um pouco estranho, mas logo percebi que havia somente uma estrada transversal. Tem poucos sinais de uso, e é muito diferente da estrada para coches que vai de Bucóvina a Bistrita, que é mais ampla e dura, e mais usada.

Portanto seguimos por essa; quando deparamos com outros caminhos — nem sempre era possível ter certeza de que eram mesmo estradas, pois estavam abandonados e uma neve fina os cobria —, os cavalos sabiam, e somente eles. Solto-lhes as rédeas, e eles prosseguem com muita paciência. Logo vamos encontrando todas as coisas que Jonathan registrou no incrível diário seu. Então seguimos por muitas, muitas horas e horas. No começo, eu digo a madame Mina que durma; ela tenta, e consegue. Ela dorme o tempo inteiro; até que, no fim, sinto minhas suspeitas crescerem, e tento acordá-la. Mas ela continua dormindo, e não consigo acordá-la por mais que tente. Não quero forçar demais porque temo magoá-la; pois sei que sofreu muito, e o sono às vezes é tudo que ela tem. Acredito que acabei dormitando, pois de repente me senti culpado, como se tivesse feito alguma coisa; vejo-me então de pé, com as rédeas nas mãos, e os bons cavalos seguindo adiante, trotando como sempre. Olho para baixo e vejo madame Mina ainda dormindo. Agora não estamos longe da hora do pôr do sol, e sobre a neve a luz solar brilha em uma grande torrente amarela, de modo que projetamos uma enorme e comprida sombra onde a montanha sobe tão íngreme. Pois estamos subindo, e subindo; e tudo é ah! tão selvagem e rochoso, como se no fim do mundo

estivéssemos.

Então desperto madame Mina. Desta vez ela acorda sem muito problema, e então tento colocá-la em sono hipnótico. Mas ela não cede, como se eu nem estivesse aqui. Tento mais e mais, até que de repente descubro que estamos os dois no escuro; então olho ao redor, e descubro que o sol desceu. Madame Mina ri, e me viro e olho. Ela está agora bastante desperta, e parece melhor do que nunca desde que a vi naquela noite em Carfax na qual entramos pela primeira vez na casa do conde. Fico deslumbrado, e depois nem um pouco à vontade; mas ela é tão radiante e terna e atenciosa comigo, que esqueço todos meus medos. Acendo uma fogueira, pois trouxemos uma provisão de lenha conosco, e ela prepara comida enquanto eu desarreio os cavalos e os ponho, presos num abrigo, para comer. Então, quando volto à fogueira, ela faz minha ceia. Vou ajudá-la; mas ela sorri, e me diz que já comeu — que estava com fome tamanha que não conseguiu esperar. Não gosto disso, e tenho sérias dúvidas; mas temo assustá-la, e então fico calado a respeito. Ela me ajuda e eu como sozinho; e então nos envolvemos nos casacos de pele e nos deitamos ao lado do fogo, e eu lhe digo que durma enquanto eu vigio. Mas logo esqueço da vigia; e quando de repente me lembro, encontro-a deitada quieta, mas acordada, e olhando para mim com uns olhos muito brilhantes. Uma, duas vezes ocorre a mesma coisa, e eu durmo o bastante até pouco antes do amanhecer. Quando acordo, tento hipnotizá-la; mas, ai de mim!, embora ela feche os olhos obediente, não consegue dormir. O sol se levanta, subindo e subindo; e então o sono lhe vem tarde demais, mas tão pesado que ela não acorda. Tenho que levantá-la, e colocá-la adormecida na carruagem quando termino de arrear os cavalos e deixar tudo pronto. A madame continua dormindo, e em seu sono parece mais saudável e corada do que antes. E eu não gosto disso. E estou com medo, medo, medo! — medo de tudo — até mesmo de pensar; mas preciso seguir caminho. O que temos em jogo é a vida ou a morte, ou mais do que isso, e não devemos vacilar.

5 de novembro, manhã — Trato de anotar tudo com exatidão, pois embora você e eu tenhamos visto algumas coisas estranhas juntos, pode a princípio pensar que eu, Van Helsing, estou louco — que os muitos horrores e a tão longa provação dos nervos por fim transformaram o cérebro meu.

Ontem viajamos o dia inteiro, ficando cada vez mais perto das montanhas, e entrando cada vez mais numa terra selvagem e desértica. Há grandes e cerrados precipícios e muitas quedas-d'água, e

a natureza às vezes parece ter ali realizado um carnaval. Madame Mina continua dormindo e dormindo; e apesar de eu sentir fome e ter-me alimentado, não fui capaz de acordá-la — nem mesmo para comer. Comecei a temer que o fatal feitiço do lugar estivesse agindo sobre ela, maculada como está com aquele batismo do Vampiro. “Bem”, eu disse comigo, “se ela acabar dormindo o dia todo, também eu acabarei não dormindo a noite toda.” Enquanto viajávamos pela estrada acidentada, pois se tratava de uma estrada antiga e imperfeita, deixei tombar minha cabeça e adormeci. Mais uma vez despertei com uma sensação de culpa e de tempo transcorrido, e encontrei madame Mina ainda dormindo, e o sol baixo. Mas tudo estava mesmo mudado; as montanhas cerradas pareciam ainda mais distantes, e estávamos perto do topo de uma colina íngreme, em cujo cume havia um castelo tal como o que Jonathan descreve no diário seu. De imediato exultei e temi; pois agora, por bem ou por mal, o fim estava próximo.

Acordei madame Mina, e de novo tentei hipnotizá-la; mas, ai de mim!, sem sucesso até que já era tarde demais. Então, antes que a grande escuridão se abatesse sobre nós — pois mesmo após o sol baixar os céus refletiam seu desaparecimento na neve, e tudo permaneceu por um tempo em um grande crepúsculo —, levei os cavalos embora e os alimentei no abrigo que pude encontrar. Assim fiz uma fogueira; e então pus madame Mina, agora acordada e mais encantadora do que nunca, confortavelmente sentada em meio a suas mantas. Preparei a comida; mas ela não queria saber de comer, limitando-se a dizer que não tinha fome. Não pressionei, sabendo que seria inútil. Mas eu mesmo comi, pois preciso agora ter o duplo de força. Então, com medo do que aconteceria, tracei um círculo grande o bastante para incluí-la, ao redor de onde madame Mina estava sentada; e sobre o círculo espalhei um pouco da hóstia, moendo-a fino para que tudo ficasse bem protegido. Ela ficou sentada o tempo todo — tão imóvel quanto uma morta; e foi murchando mais e mais, ficando mais pálida que a neve; e não disse palavra. Mas, quando me aproximei, ela se agarrou a mim, e soube que a pobre alma tremeu da cabeça aos pés com um tremor que era doloroso de sentir. Logo falei, quando ela conseguiu se acalmar, pois desejava testar o que ela era capaz de fazer:

— Não quer chegar mais perto do fogo?

Ela levantou-se obediente, mas, ao dar um passo, parou, e ali ficou como se tivesse sido atingida.

— Por que não chega mais perto? — perguntei.

Ela balançou a cabeça, e, recuando, sentou-se em seu lugar. Então,

olhando para mim com olhos arregalados, como os de alguém que acabou de despertar, disse simplesmente:

— Não consigo! — E calou-se.

Eu me alegrei, pois sabia que o que ela não era capaz de fazer, nenhum daqueles que tínhamos conseguiríamos. Embora pudesse haver perigo para o corpo seu, a alma sua estava a salvo!

Logo os cavalos começaram a relinchar, e repuxaram seus arreios até que eu fosse lá acalmá-los. Quando sentiram minhas mãos, gemeram baixinho, como que de felicidade, e lamberam-nas e ficaram quietos por um tempo. Muitas vezes durante a noite fui vê-los, até que chegou a hora gelada quando toda a natureza fica em silêncio; e toda vez a chegada minha fazia acalmá-los. Na hora fria, o fogo começou a morrer, e eu permanecia avançando para avivá-lo, pois agora a neve caía em sopros e trazia uma gelada névoa. Mesmo no escuro havia algum tipo de luz, como sempre há sobre a neve; e parecia que as nevadas e as volutas de névoa assumiam a forma de mulheres com vestes se arrastando. Tudo estava em um silêncio mortal, sombrio, exceto pelos cavalos que gemiam e se encolhiam, como se temessem o pior. Comecei a sentir medo — medos horríveis; mas então me veio a sensação de segurança dentro daquele círculo em que eu estava. Comecei, também, a pensar que minhas fantasias eram devidas à noite, e à penumbra, e ao cansaço que eu tinha vivido, e a toda a terrível ansiedade. Foi como se as lembranças minhas de toda aquela experiência horrenda de Jonathan estivessem me trapaceando; pois os flocos de neve e a névoa começaram a volutear e girar ao redor meu, até que nas sombras consegui obter um vislumbre daquelas mulheres que o teriam beijado. E então os cavalos se encolheram mais e mais, e gemeram aterrorizados como fazem homens com dor. Até a loucura do medo deixou de agir sobre eles, fazendo com que não fugissem em disparada. Temi por minha querida madame Mina quando aqueles vultos bizarros se aproximaram e nos cercaram. Olhei-a, mas ela continuava sentada tranquila, sorrindo para mim; quando eu estava prestes a avançar para reavivar o fogo, ela me segurou e me manteve afastado, e sussurrou, com uma voz das que se ouvem em um sonho, de tão baixa:

— Não! Não! Não vá. Aqui o senhor está a salvo!

Virei-me para ela, e olhando em seus olhos disse:

— Mas e quanto à senhora? É pela senhora que temo!

Ao que ela riu — uma risada baixa e irreal — e disse:

— Temer por mim! Por que temer por mim? Não há ninguém no mundo mais a salvo delas do que eu.

E enquanto eu refletia sobre o significado de suas palavras, uma lufada de vento fez a chama saltar, e vi a cicatriz vermelha em sua testa. Então, ai de mim!, eu compreendi. Não tivesse entendido, em breve teria, pois as rodopiantes figuras de névoa e neve se aproximaram, mas sempre fora do círculo sagrado. Então elas começaram a se materializar até que — se Deus não me tirou a lucidez, pois vi com meus próprios olhos — estivessem diante de mim em carne e osso as mesmas três mulheres que Jonathan viu no quarto quando elas teriam beijado seu pescoço. Reconheci as formas arredondadas e sinuosas, os claros olhos duros, os dentes brancos, a tez avermelhada, os lábios voluptuosos. Elas sorriam à pobre e querida madame Mina; e à medida que sua risada furava o silêncio da noite, entrelaçaram seus braços e apontaram para ela, e disseram naqueles tons ternos e formigantes que segundo Jonathan tinham a doçura dos copos de cristal:

— Venha, irmã. Venha até nós. Venha! Venha!

Com medo, virei-me para a minha pobre madame Mina, e o coração meu, felizmente, saltou como uma chama; pois ah! o terror, a repulsa, o horror que havia em seus olhos meigos contaram ao meu coração uma história de pura esperança. Graças a Deus ela não era, ainda, uma delas. Apanhei um pouco da lenha que estava perto de mim e, segurando pedaços da Hóstia, avancei na direção delas junto à fogueira. Elas se afastaram de mim, e riram sua horrenda risadinha. Alimentei o fogo, e não as temi; pois sabia que estávamos a salvo dentro de nossas proteções. Elas não podiam se aproximar de mim enquanto estivesse armado daquela maneira, nem de madame Mina enquanto permanecesse dentro do círculo, que ela não poderia deixar assim como elas não poderiam entrar. Os cavalos pararam de gemer, e deitaram-se quietos no solo; a neve caía sobre eles com suavidade, e eles embranqueceram. Eu soube que para as pobres feras não haveria mais o que temer.

E assim permanecemos até que o vermelho da alvorada caísse sobre a penumbra da neve. Eu estava desolado e temeroso, e cheio de espanto e terror; mas quando aquele belo sol começou a galgar o horizonte, a vida voltou a mim. Ao primeiro sinal da alvorada, os horrendos vultos se fundiram na névoa e na neve rodopiantes; a espiral de penumbra transparente se afastou na direção do castelo e desapareceu.

Instintivamente, com a chegada da aurora, virei-me para madame Mina, com a intenção de hipnotizá-la; mas ela jazia num sono profundo e súbito, do qual não consegui despertá-la. Tentei hipnotizá-

la durante o sono, mas ela não forneceu resposta, absolutamente; e o dia raiou. Ainda temo me mexer. Fiz a minha fogueira e vistoriei os cavalos; estão todos mortos. Hoje tenho muito a fazer aqui, e continuo esperando o sol subir bem alto; pois pode haver lugares aonde preciso ir, onde essa luz do sol, embora a neve e a névoa a obscureçam, será a minha segurança.

Tratarei de me fortalecer com o café da manhã, e então tomarei o caminho de meu terrível trabalho. Madame Mina ainda dorme; e, graças a Deus!, está tranquila em seu sono...

Diário de Jonathan Harker

4 de novembro, de tarde — O acidente com a lancha foi algo terrível para nós. Não fosse por ele, teríamos surpreendido o barco há muito tempo; e a esta hora minha querida Mina estaria livre. Temo pensar nela, nos ermos que há perto daquele lugar horrendo. Temos cavalos, e seguimos nosso rastro. Registro isto enquanto Godalming se apronta. Temos nossas armas. Os szgany precisarão tomar cuidado caso queiram brigar. Ah, se ao menos Morris e Seward estivessem conosco! Resta-nos somente ter esperança! Se eu não voltar a escrever, adeus, Mina! Que Deus a abençoe e a guarde.

Diário do dr. Seward

5 de novembro — Com a alvorada vimos o grupo dos szgany diante de nós se afastando às pressas do rio em sua carroça leiter-wagon. Uma multidão deles a cercou, e saíram correndo como se atacados. A neve está caindo levemente e há uma estranha excitação no ar. Talvez sejam nossos próprios sentimentos, mas a depressão é estranha. Ao longe ouço lobos uivando; a neve os faz descer as montanhas, e há perigos para todos nós, e vindos de todos os lados. Os cavalos estão quase prontos, e logo devemos partir. Cavalgamos rumo à morte de alguém. Só Deus sabe de quem, ou onde, ou o que, ou quando, ou como será...

Memorando do dr. Van Helsing

5 de novembro, de tarde — Ao menos estou lúcido. Sou grato a

Deus por Sua misericórdia, embora a provação tenha sido pavorosa. Quando deixei madame Mina dormindo dentro do círculo sagrado, segui caminho rumo ao castelo. O martelo de ferreiro que trouxe na carruagem desde Veresti foi útil; embora as portas estivessem todas abertas, arranquei-as das dobradiças enferrujadas, receando que alguma má intenção ou má sorte acabasse por fechá-las, a fim de que uma vez lá dentro eu não conseguisse sair. A amarga experiência de Jonathan foi-me de valia aqui. Pela memorização de seu diário, encontrei o caminho até a capela antiga, pois sabia que era ali que estava o meu trabalho. O ar era opressivo; era como se houvesse uma emanção sulfurosa, que às vezes me deixava tonto. Ou havia um zumbido em meus ouvidos ou eu ouvia muito ao longe o uivo de lobos. Então pensei em minha querida madame Mina, e vi-me em tremendo apuro. O dilema me prendera em suas contradições.

Ela, eu não ousava trazer para este lugar, mas a deixei a salvo do Vampiro naquele círculo sagrado; mesmo assim ainda havia os lobos! Decidi que meu trabalho era aqui, e que aos lobos devíamos nos submeter, fosse da vontade de Deus. De qualquer modo, havia somente a morte e a liberdade além. Assim, tomei por ela a decisão. Fosse apenas por mim, a escolha teria sido fácil — melhor encontrar o descanso na bocarra dos lobos do que na cova do Vampiro! Portanto decidi prosseguir com o trabalho meu.

Eu sabia que havia ao menos três covas por encontrar — covas que estão habitadas; então eu procuro, e procuro, e descubro uma. Ela dormia seu sono de Vampira, tão cheia de vida e de voluptuosa beleza, que tremo como se estivesse prestes a cometer assassinato. Ah, não duvido que, em tempos antigos, quando tais coisas aconteciam, bem mais de um homem que se dispôs a uma tarefa como a minha viu seu coração vacilar no minuto final, e logo depois sua coragem. Então ele se demorou, e demorou, e demorou até que a beleza e a fascinação da lasciva Não Morta o hipnotizassem; e ali ele ficou mais e mais, até o sol se pôr e o sono da Vampira se ir. Então os belos olhos da linda mulher se abriram e emanaram paixão, e a voluptuosa boca ofereceu um beijo — e os homens são fracos. E eis mais uma vítima da laia dos Vampiros; mais uma a cerrar as sombrias e grotescas fileiras dos Não Mortos!...

Certamente deve haver alguma fascinação, quando até eu próprio me vejo abalado por uma mera presença como aquela, mesmo que ela esteja dentro de uma tumba desgastada pela idade e coberta pelo pó dos séculos, embora exale aquele horroroso fedor tal como há nos covis do conde. Sim, eu me vi abalado — eu, Van Helsing, com toda a

minha determinação e minhas razões para o ódio —, eu me vi abalado por uma vontade de me demorar que pareceu paralisar as faculdades minhas e embotar o espírito meu. Pode bem ser que a necessidade de sono natural e a estranha opressão do ar estivessem começando a me dominar. Certamente eu devia estar pegando no sono, o sono acordado de alguém que cede a uma doce fascinação, quando de repente se fez ouvir, através daquele ar estagnado de neve, um lamento longo e baixo, tão cheio de espanto e piedade que me despertou como o toque de um clarim. Pois era a voz de minha cara madame Mina que eu ouvia.

Então voltei a me preparar para a horrenda tarefa minha, e ao arrancar o tampo de outra tumba encontrei outra das irmãs, a outra morena. Não ousei parar para olhá-la como eu fizera com sua irmã, receando deixar-me enfeitiçar mais uma vez; mas continuei procurando até que, logo, encontrei em uma tumba grande e mais alta, como se feita para um alguém muito amado, aquela outra irmã loura que, assim como Jonathan, eu tinha visto materializar-se a partir de átomos de névoa. Ela era tão linda de admirar, de tão radiante beleza, de tão singular voluptuosidade, que o próprio instinto masculino em mim, e que faz alguém de meu sexo amar e proteger alguém do oposto, fez minha cabeça girar com nova emoção. Mas, graças a Deus, o lamento da alma de minha cara madame Mina não saiu dos ouvidos meus; e, antes que o feitiço pudesse me dominar ainda mais, eu me encorajei a cumprir minha selvagem tarefa. Àquela altura eu tinha procurado todas as tumbas da capela, o mais que pude; e uma vez que havia apenas três desses fantasmas Não Mortos à nossa volta de noite, deduzi que não havia mais Não Mortos ativos. Havia somente mais uma grande tumba, mais senhorial do que as demais; era enorme, e bem-proporcionada. Nela havia gravada uma única palavra:

DRÁCULA

Aquele então era o lar do Vampiro-Rei, a quem tantos mais estavam fadados. O fato de estar vazia era uma prova eloquente daquilo que eu já sabia. Antes que eu comesse a devolver aquelas mulheres à morte de verdade por meio do trabalho atroz meu, espalhei na tumba de Drácula um pouco da Hóstia, assim banindo dela, para sempre, o Não Morto.

Então teve início a horrível tarefa minha, e como eu a temi! Fosse

apenas uma, teria sido relativamente fácil. Mas três! Voltar a fazê-lo duas vezes mais após um feito horroroso! Pois se tinha sido terrível com a pobre srta. Lucy, como não seria com aquelas três estranhas que haviam sobrevivido por séculos, e que haviam se fortalecido com o passar dos anos; que, se pudessem, teriam lutado por suas vidas imundas?...





Ah, meu amigo John, foi um trabalho de açougueiro; não tivesse eu sido encorajado pela memória de outros mortos, e dos vivos sobre os quais pairava mortalha de medo tamanha, eu não teria sido capaz de ir em frente. Eu só tremo até agora, embora, até que tudo tivesse terminado, graças a Deus, minha coragem tenha perseverado. Não tivesse eu visto o repouso em primeiro lugar, e a felicidade que se seguiu logo antes de completada a dissolução final, como sinal de que a alma fora salva, eu não teria conseguido continuar com minha carnificina. Eu não teria suportado o horrendo ranger da estaca a atravessá-las; o martelar naquelas figuras contorcidas, e aqueles lábios espumando sangue. Eu teria mesmo fugido aterrorizado e deixado meu trabalho por fazer. Mas terminado está! E quanto às pobres almas, delas agora posso ter pena e pranto, enquanto as imagino plácidas, cada uma em seu sono mortal, por um breve momento antes de se extinguirem. Pois, meu amigo John, mal havia minha faca decepado a cabeça de cada uma delas, todo o seu corpo começou a se desfazer e esmigalhar até voltar ao pó, como se a morte que devia ter ocorrido séculos atrás tivesse por fim chegado e imediatamente dito em voz alta: “Aqui estou eu!”.

Antes de deixar o castelo consertei as portas de entrada a fim de que nunca mais o conde possa entrar lá como um Não Morto.

Quando pisei dentro do círculo onde madame Mina dormia, ela despertou de seu sono e, ao me ver, gritou pesarosa que eu havia

suportado coisas demais.

— Venha — disse ela —, vamos embora deste lugar atroz! Tratemos de ir ao encontro de meu marido, que, eu sei, está vindo em nossa direção.

Ela parecia magra e pálida e fraca; mas seus olhos eram puros e brilhavam de fervor. Alegrou-me ver sua palidez e sua fraqueza, pois minha mente estava farta do horroroso viço daquelas vampiras coradas adormecidas.

E assim, com confiança e esperança, embora ainda cheios de medo, rumamos para leste a fim de encontrar nossos amigos — e ele, que madame Mina diz saber que está vindo a nosso encontro.

Diário de Mina Harker

6 de novembro — A tarde ia avançada quando o professor e eu rumamos para leste, direção em que eu sabia que Jonathan estava vindo. Não seguimos depressa, embora o caminho fosse uma descida íngreme, pois tivemos de levar mantas e cobertores pesados conosco; não ousávamos encarar a possibilidade de ficar sem aquecimento naquele frio e naquela neve. Tivemos de levar um pouco de nossas provisões, também, pois estávamos perfeitamente desolados, e, até onde podíamos enxergar por entre a nevasca, não havia nem sinal de habitações. Quando tínhamos avançado mais de um quilômetro, fiquei cansada da árdua caminhada e sentei-me para repousar. Então olhamos para trás e vimos o ponto onde a linha clara do castelo Drácula cortava o céu; pois estávamos tão perto do sopé da colina sobre a qual o castelo se erguia que o ângulo de visão dos montes Cárpatos ficava muito abaixo dali. Vimos a construção em todo o seu esplendor, empoleirada trezentos metros acima de um verdadeiro precipício, e com aparentemente um grande vão entre ela e as encostas das montanhas de qualquer um dos lados. Havia um quê selvagem e insólito naquele lugar. Podíamos ouvir lobos uivando a distância. Estavam muito longe, mas o som, ainda que nos chegasse abafado pela nevasca amortecedora, era repleto de terror. Eu soube, pela maneira como o dr. Van Helsing procurava ao redor, que ele tentava achar algum ponto estratégico onde pudéssemos ficar menos expostos, no caso de um ataque. A tosca estrada continuava conduzindo abaixo; pudemos rastreá-la por entre a neve que soprava.

Dentro em pouco, o professor sinalizou para mim, então me levantei e fui até ele. Ele encontrara um lugar incrível, uma espécie de

cavidade natural numa rocha, com uma entrada que lembrava uma soleira entre duas pedras. Ele me pegou pela mão e me fez entrar:

— Veja! — disse ele. — Aqui a senhora ficará abrigada; e se os lobos vierem, poderei lidar com eles um a um.

Ele trouxe nossos casacos de pele e fez um aconchegante ninho para mim, e pegou algumas provisões e me forçou a comer. Mas não fui capaz; o próprio ato era-me repulsivo, e, por mais que eu quisesse agradá-lo, não consegui fazer menção de comer. Ele pareceu muito triste, mas não me censurou. Tirando seus binóculos da valise, ele se pôs no alto da rocha, e começou a vasculhar o horizonte. Subitamente exclamou:

— Veja! Madame Mina, veja! Veja!

Eu me pus de pé e me juntei a ele no topo da rocha; ele me passou os binóculos e apontou. A neve estava agora caindo com mais força, e rodopiava ferozmente à nossa volta, pois um vento alto começara a soprar. No entanto, por vezes havia pausas entre as nevadas, e pude enxergar um bom tanto ao redor. Da altura em que nos encontrávamos, era possível ver a uma grande distância; e muito longe, depois da vastidão de neve branca, pude avistar o rio correndo feito uma fita preta se desviando e se retorcendo em seu leito. Logo adiante de nós e não muito distante — na verdade, tão perto que me perguntei como foi que não o notáramos antes — vinha um grupo de homens cavalgando depressa. No meio deles havia uma carroça, uma comprida leiter-wagon que balançava de lá para cá, feito um rabo de cachorro, a cada acidente da estrada. Recortados contra a neve como estavam, pude deduzir a partir de suas roupas que os homens eram camponeses ou ciganos de algum tipo.

Na carroça havia um grande baú retangular. Meu coração disparou ao vê-lo, pois sentia que o fim estava próximo. A tarde caía muito veloz, e eu sabia muito bem que, ao crepúsculo, a Coisa, que ainda estava aprisionada ali dentro, ganharia de novo a liberdade e poderia, em qualquer forma que assumisse, esquivar-se de toda perseguição. Com medo, virei-me para o professor; para minha consternação, no entanto, ele não estava lá. Um instante depois, vi-o logo abaixo de mim. Ao redor da rocha ele havia traçado um círculo, tal como o que nos servira de abrigo na noite passada. Quando ele o completou, juntou-se a mim de novo, dizendo:

— Ao menos aqui a senhora estará a salvo dele!

Ele tirou os binóculos de mim e, num intervalo de nevasca, abarcou toda a extensão à nossa frente.

— Veja — disse ele —, eles vêm depressa; estão açoitando os

cavalos, e galopando o mais rápido que podem. — Ele fez uma pausa e prosseguiu, com voz cavernosa: — Estão correndo contra o pôr do sol. Pode ser tarde demais para nós. Seja feita a vontade de Deus!

Outra cegante tempestade de neve desabou sobre nós, e toda a paisagem se ofuscou. Logo passou, no entanto, e mais uma vez os binóculos dele se fixaram na planície. Então se ouviu uma súbita exclamação:

— Veja! Veja! Veja! Olhe, dois cavaleiros seguindo rápido, chegando do sul. Devem ser Quincey e John. Pegue os binóculos. Olhe antes que tudo a neve apague!

Eu os peguei e olhei. Os dois homens poderiam ser o dr. Seward e o sr. Morris. Eu soube, de todo modo, que nenhum deles era Jonathan. Ao mesmo tempo, eu sabia que Jonathan não estava muito longe; observando ao redor, vi, a norte do grupo que chegava, dois outros homens, cavalgando a uma velocidade de quebrar o pescoço. Um deles eu sabia ser Jonathan, e o outro, é claro, deduzi ser lorde Godalming. Eles também estavam perseguindo o grupo com a carroça. Quando contei isso ao professor, ele gritou de alegria feito um colegial, e, após olhar atentamente até que a nevasca seguinte impossibilitasse qualquer visão, ele deixou sua Winchester pronta para o uso encostada contra a rocha na abertura de nosso abrigo.

— Estão todos indo para o mesmo lugar — disse ele. — Quando chegada for a hora, teremos ciganos de todos os lados.

Deixei meu revólver à cata da mão, pois enquanto estivéramos conversando o uivo dos lobos aumentara e se aproximara. Quando a nevasca diminuiu por um momento, voltamos a observar. Era estranho ver a neve caindo em flocos pesados tão perto de nós, e mais além o sol brilhando cada vez mais forte conforme mergulhava na direção dos distantes cimos das montanhas. Abarcando toda a nossa volta com os binóculos pude ver, aqui e ali, pontos se movendo individualmente e em pares e trios e grupos maiores — eram os lobos que se reuniam em volta de suas presas.

Cada instante pareceu uma eternidade enquanto aguardávamos. O vento agora soprava em cruéis rajadas, e a neve caía com fúria equivalente, nos rodeando com correntes de ar. Às vezes não conseguíamos ver à distância de um braço à nossa frente; mas em outras, conforme o vento de som carvernoso passava por nós, parecia desobstruir o nosso entorno, de modo que enxergávamos muito longe. Tínhamos ficado tão acostumados a observar o nascer e o pôr do sol que sabíamos com razoável exatidão quando é que chegariam; e sabíamos que em pouco tempo o sol ia se pôr. Era difícil acreditar que

segundo nossos relógios ficáramos menos de uma hora aguardando naquele abrigo rochoso antes que os vários grupos convergissem na nossa direção. O vento agora soprava em golpes mais cruéis e rigorosos, e com mais constância vindo do norte. Aparentemente ele havia afastado de nós as nuvens de neve, pois era apenas em nevadas ocasionais que os flocos caíam. Pudemos distinguir claramente os indivíduos de cada grupo, os perseguidos e os perseguidores. Estranhamente, os perseguidos não pareciam perceber, ou ao menos se importar, que estavam sofrendo uma perseguição; pareciam, isso sim, apressar-se com redobrada velocidade à medida que o sol caía mais e mais sobre os cimos das montanhas.

Mais e mais eles se aproximavam. O professor e eu nos agachamos atrás de nossa rocha, e seguramos as armas; pude ver que ele estava determinado a não deixá-los passar. Cada um deles estava bastante inconsciente de nossa presença.

De repente, duas vozes gritaram:

— Alto lá!

Uma era do meu Jonathan, elevada num timbre ardoroso; a outra, do sr. Morris, no forte e resoluto tom de comando. Os ciganos podiam não conhecer a língua, mas não havia como confundir o tom, em qualquer idioma que aquelas palavras tivessem sido pronunciadas. Instintivamente eles seguraram as rédeas, e no mesmo instante lorde Godalming e Jonathan arremeteram de um lado e o dr. Seward e o sr. Morris de outro. O líder dos ciganos, um sujeito de aparência esplêndida que estava sentado feito um centauro em seu cavalo, acenou de volta, e com voz feroz transmitiu a seus companheiros alguma palavra de prosseguimento. Eles açoitaram os cavalos, que precipitaram adiante; mas os quatro homens de nosso grupo ergueram suas Winchesters, e de uma maneira inconfundível ordenaram que parassem. No mesmo momento, o dr. Van Helsing e eu nos levantamos de trás da rocha e apontamos nossas armas para eles. Ao ver que estavam cercados, eles seguraram as rédeas e se juntaram. O líder virou-se para eles e deu uma ordem diante da qual cada homem da comitiva de ciganos pegou a arma que carregava, fosse faca ou pistola, e ficou de prontidão para o ataque. O desfecho se daria dentro de um instante.

O líder, com um rápido movimento de rédeas, lançou o seu cavalo à frente, e, apontando primeiro para o sol — agora muito próximo dos cimos das montanhas — e depois para o castelo, disse algo que não consegui entender. Como resposta, todos os quatro homens de nosso grupo desmontaram de seus cavalos e correram na direção da carroça.

Eu deveria ter sentido um medo terrível ao ver Jonathan em tal perigo, mas o ardor da batalha deve ter me capturado bem como a todos eles; não senti medo, mas apenas um desejo doido e crescente de fazer alguma coisa. Ao ver a rápida movimentação dos membros de nosso grupo, o líder dos ciganos deu uma ordem; seus homens imediatamente rodearam a carroça em uma espécie de esforço indisciplinado, cada um ombreando e acotovelando o outro em sua avidez para levar a ordem a cabo.

Em meio a tudo isso pude ver que Jonathan, de um lado do círculo de homens, e Quincey, do outro, abriam caminho até a carroça; era evidente que estavam inclinados a completar sua tarefa antes do pôr do sol. Nada parecia capaz de detê-los ou mesmo impedi-los. Nem as armas apontadas, nem as facas cintilantes dos ciganos à frente, nem o uivo dos lobos atrás deles pareceram sequer desviar sua atenção. A impetuosidade de Jonathan, e a evidente singularidade de seu objetivo, pareciam sobrepujar aqueles que estavam à sua frente; instintivamente eles se afastaram para o lado e deixaram-no passar. Em um instante ele havia pulado na carroça, e, com uma força que parecia inacreditável, ergueu a grande caixa, e atirou-a ao chão, por cima da roda. Enquanto isso, o sr. Morris teve de usar de força para romper o círculo de szgany do seu lado. Durante todo o tempo que passei observando Jonathan com a respiração suspensa eu vi, com o rabo do olho, o sr. Morris forçando passagem à frente, e vi as facas dos ciganos cintilarem conforme ele abria caminho por entre a multidão, e investirem contra ele. Defendeu-se com sua grande faca de caçador, e a princípio pensei que também ele tinha chegado em segurança; mas ao se juntar a Jonathan, que àquela altura já saltara de cima da carroça, pude ver que ele mantinha a mão esquerda do lado do corpo, e que sangue jorrava por entre seus dedos. Ele não se demorou apesar disso, pois enquanto Jonathan, com energia desesperada, atacava uma extremidade do baú, tentando arrebentar o tampo com sua grande faca kukri, o sr. Morris atacava a outra freneticamente com sua faca. Diante dos esforços de ambos os homens o tampo começou a ceder; os pregos se soltaram com um rápido rangido, e o topo da caixa escancarou-se.

Àquela altura os ciganos, percebendo-se rodeados de Winchesters, e à mercê de lorde Godalming e do dr. Seward, haviam se entregado e desistido de oferecer resistência. O sol estava quase em cima do pico das montanhas, e as sombras de todo o grupo se projetavam espichadas sobre a neve. Vi o conde deitado dentro da caixa, repousado na terra — um pouco da qual, com a queda violenta da

carroça, se espalhara sobre ele. Estava mortalmente pálido, feito uma figura de cera, e os olhos vermelhos brilhavam com o horrível olhar vingativo que eu conhecia tão bem.

Enquanto eu observava, seus olhos viram o sol se pondo, e sua expressão de ódio converteu-se em triunfo.

Mas no mesmo instante veio o golpe e o brilho da grande faca de Jonathan. Eu estremeci ao vê-la rasgar-lhe a garganta — ao mesmo tempo que a faca de caçador do sr. Morris atravessava-lhe o coração.

Foi como um milagre; mas diante de nossos olhos, e quase que no tempo de uma respiração, todo o seu corpo virou pó e sumiu de nossa vista.

Enquanto eu viver, ficarei feliz em saber que mesmo naquele momento da dissolução final houve em seu rosto uma expressão de paz, tal como nunca imaginei que pudesse existir.

O castelo Drácula agora assomava contra o céu vermelho, e cada pedra de suas dilapidadas ameias estava recortada contra a luz do sol poente.

Os ciganos, vendo em nós de alguma maneira a causa do extraordinário desaparecimento do homem morto, se viraram, sem uma palavra, e saíram correndo como se sua vida dependesse disso. Aqueles que estavam desmontados pularam sobre a leiter-wagon e gritaram para que os cavaleiros não os abandonassem. Os lobos, que haviam se retirado para uma distância segura, seguiram-lhes no encalço, deixando-nos sozinhos.

O sr. Morris, que tombara no chão, apoiava-se nos cotovelos, mantendo a mão apertada no lado do corpo; o sangue ainda brotava por entre seus dedos. Corri até ele, pois o círculo sagrado agora já não me mantinha afastada; assim também fizeram os dois doutores. Jonathan ajoelhou-se atrás dele, e o homem ferido descansou a cabeça no ombro dele. Com um suspiro e um esforço débil, ele tomou minha mão na dele, que estava imaculada. Ele deve ter visto transparecer em meu rosto a angústia de meu coração, pois sorriu para mim e disse:

— Estou feliz demais por ter sido de alguma utilidade! Ah, Deus! — exclamou subitamente, batalhando para endireitar-se e apontando para mim. — Valeu a pena morrer por isto! Vejam! Vejam!

O sol agora havia pousado no topo da montanha, e os raios vermelhos incidiam em meu rosto, de modo que ele ficou banhado de uma luz rósea. De um ímpeto, os homens se puseram de joelhos, e um profundo e sincero “Amém” saiu de seus lábios enquanto seus olhos seguiam o dedo do sr. Morris, que apontava. O moribundo falou:

— Graças a Deus não foi tudo em vão! Vejam! A neve não está

mais imaculada do que a sua testa! A maldição se desfez!

E, para nosso intenso pesar, com um sorriso e em silêncio, ele morreu, um distinto cavalheiro.

38 Vívida, animada, em francês.

NOTA

Sete anos atrás todos atravessamos as chamas; e a felicidade de alguns de nós desde então, assim acreditamos, valeu a dor que suportamos. É uma alegria a mais para Mina e para mim que o aniversário de nosso menino seja no mesmo dia em que Quincey Morris morreu. Sua mãe, eu sei, mantém a crença secreta de que uma parte do espírito de nosso valente amigo foi transmitida a ele. Seu nome completo une todo o nosso pequeno bando de homens; mas nós o chamamos simplesmente de Quincey.

No verão deste ano fizemos uma viagem para a Transilvânia e fomos ao velho solo que foi, e é, para nós cheio de tão vívidas e terríveis memórias. Foi quase impossível acreditar que as coisas que vimos com nossos próprios olhos e ouvimos com nossos próprios ouvidos de fato aconteceram. Apagou-se todo vestígio de tudo o que aconteceu. O castelo assomava como sempre, pousado muito alto em cima de uma vastidão desolada.

Ao chegarmos em casa, ficamos conversando sobre os velhos tempos — para os quais podíamos todos olhar sem desesperança, pois Godalming e Seward estão muito bem casados. Tirei os papéis do cofre onde eles ficaram desde nosso retorno, há tanto tempo. Ficamos impressionados com o fato de que, em todo aquele volume de material que constitui o registro, mal há um documento autêntico; nada além de uma massa de datiloscritos, com exceção dos últimos cadernos de notas de Mina, de Seward e do meu, e do memorando de Van Helsing. Dificilmente poderíamos pedir a alguém, mesmo que quiséssemos, que os aceitasse como provas de uma história tão tresloucada. Van Helsing resumiu-a ao dizer, com nosso menino no colo:

— Não é preciso prova nenhuma; não pedimos que ninguém acredite em nós! Este menino algum dia saberá que mulher valente e distinta é a mãe dele. Ele já conhece a sua ternura e o seu amor; mais tarde compreenderá como alguns homens a amaram tanto que se arriscaram enormemente pelo bem dela.

Jonathan Harker

Drácula: um palimpsesto
vampírico
por
Daniel Serravalle de Sá

A crítica literária contemporânea entende Drácula como um dos vários romances de terror e aventura que fizeram parte do renascimento gótico do final do século XIX, juntando-se a outros clássicos do período vitoriano como O médico e o monstro (1886), de Robert Louis Stevenson; O retrato de Dorian Gray (1890), de Oscar Wilde; A ilha do dr. Moreau (1896) e O homem invisível (1897), de H. G. Wells. Tal categorização é fruto de um consenso entre pesquisadores que, olhando em retrospecto, identificaram na produção literária da época um conjunto de características relacionadas às profundas ansiedades sociais do período, causadas, em grande parte, pela experiência britânica de colonialismo e globalização.

Dentre esses romances, Drácula talvez seja o que mais retoma elementos do gótico do século anterior, quando castelos, abadias e figuras aristocráticas de países distantes predominavam na imaginação literária. Autores como John Polidori, Lord Byron, S. T. Coleridge, Sheridan Le Fanu, James Malcolm Rymer e Thomas Peckett Prest já haviam abordado a temática dos vampiros na literatura inglesa, com diferentes graus de sucesso. Nesse sentido, o conde é um híbrido de Lord Ruthven, Giaour, Geraldine, Carmilla, Varney e todos os vampiros e vampiras que o precederam, um “palimpsesto vampírico” que suga e ressuscita o texto anterior, atualizando suas características. Ao trazer o vampiro do oriente para o ocidente, da margem para o centro, do passado para o presente, da Transilvânia para Londres, Stoker retoma a memória coletiva sobre o personagem, colocando o vampirismo e suas metáforas no centro da vida moderna a fim de mostrar as apreensões individuais e coletivas da civilização.

Na primeira edição de Drácula, publicada em 1897, os editores da

Archibald Constable & Co optaram por uma capa amarela, com chamativas letras vermelhas no título, buscando associar o romance a uma forma de literatura mais experimental e transgressora.¹ Drácula foi recebido com críticas positivas, ainda que não unânimes. O jornal Manchester Guardian, por exemplo, embora elogiasse o autor, afirmou que ressuscitar antigas lendas de lobisomens e vampiros no século XIX era “uma tarefa formidável”, visto que “as deliciosas superstições do passado parecem, de modo infeliz, mancadas e doentias à luz dos dias atuais”, além de declarar ser “um erro artístico encher um volume inteiro de horrores”, pois o resultado era uma narrativa “mais grotesca do que aterrorizante”. Outras críticas foram mais benevolentes. O Pall Mall Gazette, por exemplo, declarou que “o sr. Bram Stoker dominou a destreza de saber provocar um verdadeiro ‘arrepio’”, enquanto o Glasgow Herald afirmou que “em mãos menos hábeis, [a narrativa] poderia tornar-se intoleravelmente improvável”, completando com humor: “De agora em diante, vamos nos empanturrar de alho quando a oportunidade surgir e recusar firmemente todos os convites para visitar clientes remotos em castelos no sudeste da Europa.”²

No entanto, quando Stoker falece, em 20 de abril de 1912, quinze anos após o lançamento de Drácula, os obituários mal mencionam o romance, preferindo destacar *Personal Reminiscences of Henry Irving* (1906), biografia que ele havia escrito sobre um dos maiores atores do período vitoriano e dono do Lyceum Theatre, importante teatro em Londres onde Stoker trabalhou por vinte e oito anos. Os dois tiveram uma complexa relação de trabalho e amizade e, ainda que uma explicação única e inequívoca para as origens e os significados de Drácula seja impossível, Irving é considerado uma das inspirações para a criação do conde. Embora hoje o ator esteja quase esquecido (exceto pelos historiadores teatrais), o personagem do romance se tornou a matriz da qual descendem todas, ou quase todas, as narrativas de vampiros dos séculos XX e XXI. Aliás, esse vampiro literário se tornou tão poderoso que eclipsou até mesmo o próprio autor, cuja vida vale a pena conhecer.

Bram Stoker: mistérios e controvérsias

Abraham “Bram” Stoker Junior nasceu em 8 de novembro de 1847, em Clontarf, na época uma vila no entorno de Dublin, prestes a se tornar um subúrbio. Stoker era o terceiro de sete irmãos e irmãs: William, Matilda, Thomas, Richard, Margaret e George. Seu pai,

Abraham, era funcionário público e sua mãe, Charlotte, foi escritora e ativista social, tendo se dedicado a causas como a profissionalização das trabalhadoras domésticas e o direito dos cegos e dos mudos à educação. Reformista, diligente e possivelmente supersticiosa, essa mulher à frente de seu tempo foi decisiva na formação intelectual e criativa do jovem Bram Stoker. Uma das anedotas mais famosas sobre o efeito de suas histórias na imaginação do filho diz respeito a uma epidemia de cólera que devastou Sligo, sua cidade natal, na década de 1830. As memórias e os relatos de Charlotte sobre essa tragédia teriam alimentado a ficção gótica de Stoker, aflorando em contos como “The Squaw” (1893), “The Judge’s House” (1891), “Dracula’s Guest” (1897) e no próprio Drácula, que pode ser lido como uma parábola que conecta infecção, contágio e vampirismo — no final do século XIX, lesões na pele e sangue contaminado estavam muito associados à sífilis.

Stoker declarou ter sido uma criança enfermiça, que até os sete anos não conseguia nem ficar em pé. Seus primeiros anos de vida teriam sido então marcados pelos problemas de saúde, embora o diagnóstico permaneça uma incógnita. Há quem duvide de alguns de seus relatos, uma vez que ele também declarou ter se graduado em Matemática pelo Trinity College, em Dublin — algo que não se confirma. Ainda que a credibilidade de suas declarações autobiográficas possa ser pontualmente questionada, o que se deve levar em consideração é a mitologia pessoal criada em torno do autor que, de uma maneira muito vitoriana, parece querer ser lembrado de acordo com o lema “mente sã em um corpo sã”.³ Para entender Stoker é preciso lembrar que, tanto na literatura quanto na vida, ele se pautou pelas condutas “adequadas” da moralidade vitoriana, baseadas em padrões rígidos de comportamento, de fala, de aparência, visando o aperfeiçoamento individual e social por meio da religião, da ética de trabalho, da sexualidade modesta.

Em 1864, aos dezessete anos, ele havia superado a fragilidade da infância para se tornar um esportista de sucesso. Durante o bacharelado em Artes no Trinity College, se destacou no rúgbi, corridas, salto em altura, trapézio, levantamento de peso, remo, aliás, parece não ter havido esporte que ele não praticasse. Alto e forte, ganhou taças de vários tipos, as quais estão expostas no Trinity. Concomitante à graduação, trabalhava meio período como crítico de teatro e jornalista voluntário para o jornal Dublin Evening Mail e para a revista The Irish Echo, e ficou conhecido por publicar suas resenhas no dia seguinte à estreia das peças, quando as demais críticas

geralmente demoravam alguns dias para sair. Em 1866, por indicação do pai, começou a trabalhar no serviço público, inicialmente como escriturário no Dublin Castle e depois como inspetor de tribunais de pequenos delitos, cargo que o obrigava a viajar pelo país para averiguar a eficiência dos serviços. Foi presidente da sociedade estudantil University Philosophical Society e membro do clube de debate da College Historical Society, na qual lançou uma de suas primeiras publicações: *The Necessity for Political Honesty* (1872). Mesmo engajado em diversas atividades, concluiu o bacharelado em 1870 e o mestrado em 1875.

Em todas as áreas de sua vida, Stoker buscou cultivar ideais que considerava elevados, os quais, combinados com o nascimento em uma família de classe média, garantiriam uma boa posição social e financeira. Todavia, uma reviravolta iria acontecer. Em 1876, enquanto se dividia entre o trabalho para o governo irlandês e a escrita de resenhas de peças teatrais, Stoker conheceu o famoso ator Henry Irving. Nos anos seguintes, os dois iniciariam uma amizade e parceria profissional duradoura. Há um relato sobre a noite em que eles teriam se conhecido:

Poucos sabem como o sr. Bram Stoker passou a ser associado às venturas de sir Henry Irving. Foi assim, diz um contemporâneo: sir Henry, durante uma visita a Dublin, foi convidado para um jantar e durante a noite foi induzido a recitar de sua maneira emocionante “O Sonho de Eugene Aram”. Um de seus ouvintes, um jovem com uma reputação brilhante no Trinity College, ficou tão comovido com o discurso do ator que desabou em lágrimas. Henry Irving pediu ao homem que o procurasse na manhã seguinte e ali lhe fez uma oferta, que foi aceita para o benefício de ambos. O jovem era o sr. Bram Stoker. (*The Leeds Times*, Leeds, Reino Unido, 13 de julho de 1895.)

Há muitos estudos dedicados a discutir a relação que se estabeleceu entre Stoker e Irving. O ator estava aparentemente impressionado com Stoker — ou pelo menos lisonjeado. Do outro lado, havia uma enorme admiração de Stoker pelo artista, em torno da qual se criou uma amizade com tendências à adulação. Talvez porque percebeu nele um seguidor fiel e abnegado, em 1878 Irving o convidou para ser gerente de sua carreira e negócios. Na visão de Stoker, Irving era uma alma sensível que tentava esconder suas vulnerabilidades por trás de bons modos, graça e uma suprema insolência. Já a atriz Ellen Terry, principal parceira de Irving, tinha outra opinião: “Sua pior [deficiência] é ser incapaz de se importar com as pessoas; filhos, amigos, qualquer um, e sua falta de entusiasmo

pelos interesses de outros ou mesmo por qualquer coisa além do seu próprio trabalho.”⁴ No entanto, para Stoker, parece que o narcisismo que muitas pessoas identificavam em Irving era mais cativante do que irritante, fruto de uma personalidade artística conflituosa e insegura.

Talvez por estar entediado com seu emprego público e, ao mesmo tempo, deslumbrado com a oportunidade de trabalhar diretamente com teatro, Stoker aceitou a proposta. Em 4 de dezembro 1878, ele se casa com a atriz Florence Balcombe (também pretendida por Oscar Wilde) na paróquia anglicana de St. Anne, Dublin, e, no dia 9 de dezembro, se mudam para Londres, onde Stoker trabalharia como secretário pessoal de Irving por quase três décadas. Os dez anos passados no funcionalismo público, lidando com burocracias, o prepararam para trabalhar na administração do Lyceum Theatre. Ele assumiu desde a correspondência pessoal de Irving, que envolvia milhares de cartas, até os comunicados para a imprensa, passando pelo gerenciamento de campanhas publicitárias, reservas em hotéis, organização de excursões nacionais e internacionais. Stoker cuidou dos assuntos de Irving até a morte do ator, em 1905. Quando não estava gerenciando os interesses do chefe exigente, se ocupava escrevendo.

Devido ao seu envolvimento com o trabalho, Stoker não teria cultivado uma vida familiar próspera e aconchegante, passando pouco tempo em casa com a esposa e seu único filho, Irving Noel, nascido em 30 de dezembro de 1879. Apesar dos rumores e das especulações psicobiográficas sobre uma homossexualidade reprimida, não há evidências de qualquer discórdia conjugal.⁵ A contrapartida para tamanha abnegação pessoal em prol do trabalho parece ter sido o acesso a uma elite cultural e política em Londres e nos Estados Unidos, o contato com artistas como Arthur Conan Doyle, Alfred Tennyson, W. B. Yeats, sir Richard Burton, Mark Twain, Walt Whitman e até com os presidentes estadunidenses William McKinley e Theodore Roosevelt.

A maioria das pessoas associa Bram Stoker a Drácula e à literatura de terror gótico. No entanto, sua obra abrange diferentes gêneros ficcionais e não ficcionais: romances, contos, biografias, panfletos, ensaios políticos, registros de viagens, além de muitos artigos em jornais e revistas. *The Duties of Clerks of Petty Sessions in Ireland* (1879), por exemplo, é um manual de administração pública que resume suas atividades para o governo. *Under the Sunset* (1881) é uma coleção de contos de fadas, na esteira de Lewis Carroll e do crescente interesse pela literatura infantil. *A Glimpse of America* (1886) é um diário de viagem baseado nas experiências de Stoker nos

Estados Unidos. O romance *The Primrose Path* (1875), publicado em folhetim no jornal *The Shamrock*, é uma narrativa bastante moralista sobre a emigração de um carpinteiro irlandês para Londres, onde se torna alcoólatra e assassina a esposa. *The Snake's Pass* (1890), seu único romance ambientado na Irlanda, revisita a lenda de Saint Patrick, adaptando as questões sociais e religiosas para o final do século XIX. Os romances curtos *The Watter's Mou* (1895) e *The Shoulder of Shasta* (1895), ambientados na Escócia e na Califórnia, demonstram o interesse de Stoker por dialetos — algo que aparece bastante em *Drácula*. Entretanto, sua reputação literária não foi construída sobre nenhum desses textos, que hoje são vistos mais como protótipos que lhe permitiram chegar na sua obra-prima. Embora seja verdade que seus trabalhos são muito distintos entre si, quando se trata da sua ficção, há numerosas recorrências e sobreposições. Um olhar panorâmico revela a presença de determinados temas e ideias que Stoker aperfeiçoaria durante sua vida literária: a luta metafísica entre luz e trevas, a masculinidade virtuosa, a feminilidade casta e inteligente, a importância da modernização e do progresso.

Em 16 de maio de 1897, Stoker publica *Drácula*, uma narrativa sobre a chegada de um vampiro em Londres e as tentativas de um grupo de respeitáveis homens — e uma mulher — de destruir a criatura trevosa. Narrado por meio de telegramas, diários, notícias de jornais, registros náuticos e outros tipos de documentos, a diversidade de vozes presentes nesse romance epistolar confere verossimilhança ao que é contado, ao mesmo tempo em que deixa os leitores incertos sobre o que realmente ocorreu. Na ausência de um narrador onisciente, e como o personagem que dá nome ao romance nunca se pronuncia, os relatos e descrições fragmentadas se tornam um enigma a ser decifrado pelos leitores. Stoker passou pelo menos dez anos pesquisando fatos geográficos, linguísticos e históricos com o intuito de criar uma base cultural e teórica para escrever *Drácula* — inicialmente o conde iria receber um nome muito menos impressionante: *Wampyr*. Dois dias após a publicação do romance, ele realizou no Lyceum uma leitura dramática do texto. Composta por um prólogo e cinco atos, a adaptação foi montada às pressas para proteger a trama e os diálogos de furto literário, e foi a única representação teatral do romance durante a vida do autor.

Após *Drácula*, Stoker continuou a produzir obras de ficção e não ficção e, em muitos sentidos, pode-se dizer que entrou na sua fase mais produtiva. *Miss Betty* (1898) é um romance histórico ambientado na Inglaterra durante a era georgiana. O romance *The Mystery of the*

Sea (1902) possui alguns elementos sobrenaturais, mas é essencialmente uma narrativa de aventura e intrigas políticas. Em *The Jewel of Seven Stars* (1904), Stoker retorna aos modos discursivos do gótico literário em um romance sobre as tentativas de ressuscitar uma rainha egípcia. Nesse ínterim, ele continua trabalhando com Irving até 1904, quando, devido a um incêndio que destruiu grande parte do prédio, seguido de dificuldades financeiras que alguns injustamente atribuíram a Stoker, o Lyceum Theatre faliu e foi colocado à venda. A morte de Irving no ano seguinte o impeliu a trabalhar na biografia do ator a partir de suas lembranças pessoais. *Personal Reminiscences of Henry Irving* (1906) é uma verdadeira hagiografia sobre a vida e as virtudes do artista. No entanto, ao ser publicada, recebeu algumas críticas por conter demasiadas informações sobre o próprio Stoker — mas, de maneira um tanto irônica, esse é o principal motivo que leva leitores contemporâneos a continuar revisitando a obra.

Aos cinquenta e nove anos, desempregado e precisando seriamente de uma fonte de renda, Stoker chega a trabalhar por um curto período como administrador em musicais no West End, área no centro de Londres que contém os mais célebres teatros, inclusive o Lyceum. Foi somente por sua grande determinação pessoal e vontade de ser lembrado como uma figura literária que Stoker continuou escrevendo. Em *The Man* (1905), *Lady Athlyne* (1908) e *The Lady of the Shroud* (1909) ele reafirma sua convicção no casamento baseado na complementaridade sexual e de gênero, sendo este último livro um de seus mais famosos depois de *Drácula*. *Snowbound* (1908) é uma coletânea de histórias interconectadas, narradas de dentro de um trem encalhado na neve pelos membros de uma companhia de teatro em turnê. No não ficcional *Famous Impostors* (1910), Stoker aborda alguns casos históricos de trapanças, embustes e imposturas. O romance *The Lair of the White Worm* (1911), publicado posteriormente com o título *The Garden of Evil*, descreve uma série de ataques do Lambton Worm, verme branco do folclore de Durham, à região costeira do norte da Inglaterra. Há diversas semelhanças e possíveis paralelos entre esse romance e *Drácula*, pois, assim como o conde, o verme só ataca protegido pela escuridão da noite; e as heroínas Lilla e Mimi parecem ser recriações de Lucy e Mina. Apesar das adversidades econômicas e da qualidade desigual da produção dessa fase, ele consegue enfim se tornar um escritor em tempo integral.

No final de sua vida, Stoker sofreu muitos problemas de saúde, teve um derrame e contraiu a doença de Bright, que afeta os rins, deixando-o praticamente inválido (mais uma vez). Seu corpo se

deteriorou rapidamente até a sua morte, em casa, aos sessenta e quatro anos, no dia 20 de abril de 1912. Suspeita-se que morreu devido aos efeitos da sífilis, embora isso seja objeto de discussão. Stoker não era um homem rico quando faleceu e, nos anos seguintes, sua esposa Florence, que herdou os direitos da obra, se viu envolvida em uma série de disputas judiciais, sendo que uma das mais conhecidas foi o processo contra F. W. Murnau, pelo filme *Nosferatu* (1922), adaptação livre de *Drácula*. Em 1924, Hamilton Deane obteve autorização para uma adaptação teatral do romance, e Florence testemunhou o sucesso da obra, primeiramente nos palcos e depois no cinema, na influente versão de Tod Browning, de 1931. Em grande parte, a popularização de *Drácula* na cultura contemporânea se dá por meio do cinema.

Entretanto, nem de longe esse é o fim do texto literário. Ainda havia mais segredos a ser revelados, e a coletânea de contos *Dracula's Guest and Other Weird Stories* (1914), publicada por Florence Stoker, é uma peça-chave desse mistério. O principal conto da compilação era na realidade um capítulo de *Drácula* que os editores da Archibald Constable & Co eliminaram por achar que o manuscrito original era muito longo. Dacre Stoker, sobrinho-bisneto do escritor, passou mais de uma década pesquisando o legado da família e encontrou diversas anotações, diários e até edições não publicadas de *Drácula*. Tentando juntar as informações sobre o homem e os eventos que inspiraram seu trabalho, ele alega ter descoberto algo perturbador: Bram Stoker teria escrito *Drácula* como um aviso sobre um Mal maior que está à espreita. Seja verdade ou não, de fato, há algumas peculiaridades que merecem destaque.

Em 1901, o editor e escritor Valdimar Ásmundsson decidiu traduzir *Drácula* para o islandês, cujo título ficou *Makt Myrkranna*, ou o poder das trevas. Essa versão passou despercebida fora do país até que, em 1986, acadêmicos trabalhando com *Drácula* se depararam com um prefácio inédito que Stoker teria escrito para o livro. A descoberta movimentou a área de estudos, gerando novas publicações e pesquisas. No entanto, foi somente em 2014 que o pesquisador Hans Corneel de Roos percebeu que a versão de Ásmundsson não era apenas uma tradução, mas uma nova versão da história, inclusive com a adição de personagens e alterações no enredo.

Porém, o que realmente aconteceu ainda não está completamente explicado. Será que Bram Stoker submeteu o mesmo manuscrito para a editora de Londres e para a editora da Islândia? E, se foi o caso, por que as duas histórias são tão diferentes? Teria Ásmundsson tomado a

liberdade de reescrever o original? E se Stoker não tiver submetido o mesmo manuscrito? E se ele entregou para Ásmundsson uma parte diferente de uma narrativa muito maior? Os dois livros começam de maneira semelhante, mas terminam de modos muito distintos, e as diferenças são mais do que meras escolhas tradutórias. Além do manuscrito que foi submetido para a editora inglesa, parece que Bram Stoker imaginou muito mais acontecimentos, fatos e episódios na história. No prefácio para *Makt Myrkranna*, ele alega que os eventos narrados no romance são reais e que as informações foram apenas organizadas na forma de uma narrativa coerente.

Stoker quase teria desistido de publicar com a Archibald Constable & Co quando eles se recusaram a incluir essa advertência. Há também muita especulação sobre as partes do romance que teriam sido abreviadas pela editora inglesa. O texto que conhecemos como *Drácula* começa na [página 102](#) do manuscrito original, e quando Florence publicou a coletânea de contos que incluía *Dracula's Guest*, ela avisou que eram histórias retiradas de *Drácula*. Todavia, os acadêmicos assumiram uma postura cética, preferindo acreditar que se tratava de um conto independente, escrito por Stoker antes de redigir a versão final do romance. O manuscrito original de *Drácula*, a única cópia existente conhecida, foi encontrada em uma fazenda na Pensilvânia, e ninguém sabe ao certo como chegou lá. Acredita-se que Stoker o teria entregue ao advogado Thomas Corwin Donaldson em troca das anotações de Whitman sobre Abraham Lincoln. O manuscrito possui anotações extensas e atualmente está disponível no Rosenbach Museum and Library, na Filadélfia. No entanto, não são apenas as pesquisas acadêmicas que mantêm o vampiro vivo.

A partir da configuração dada por Stoker, o vampiro se tornou uma complexa metáfora cultural, capaz de refletir uma gama de questões relacionadas à sensibilidade moderna. Seu eixo central gira em torno de ansiedades relacionadas à decadência e à morte, mas o personagem já foi decodificado como diversos tipos de medo, de representação epidêmica até figuração xenofóbica, passando por simbólico da acumulação de capital, das inseguranças sobre o corpo e a sexualidade, de problemas psíquicos, de questões espirituais, entre outras leituras possíveis. Nesse sentido, a longevidade de *Drácula* deve-se ao número extraordinário de interpretações diferentes que o personagem suscita, materializadas na forma de relações parasitárias que em determinadas conjunturas sócio-históricas ganham conotações específicas. O vampiro está sempre se reescrevendo, definha e morre, apenas para ressuscitar de novo, se alimentando das nossas obsessões

latentes.

DANIEL SERRAVALLE DE SÁ é doutor em Estudos Culturais Latino-Americanos pela Universidade de Manchester e professor adjunto de Literaturas em Língua Inglesa na Universidade Federal de Santa Catarina. Nos últimos anos, tem escrito sobre o gótico e suas manifestações em diferentes contextos culturais.

1 Na França, as capas amarelas eram tradicionalmente usadas para romances de má reputação, inclusive o personagem Dorian Gray, de Oscar Wilde, recebe um livro amarelo de presente, que logo vira sua “escritura sagrada”, base de suas ações.

2 Em Bram Stoker’s Dracula: the critical feast (2012), John Edgar Browning oferece um excelente estudo de recepção das críticas sobre Drácula publicadas nos jornais da época.

3 Mens sana in corpore sano é uma frase célebre extraída da coleção de poemas satíricos do romano Juvenal. No contexto do poema “Sátira X”, a frase é uma reflexão sobre o que as pessoas deveriam desejar na vida.

4 Ver: David J. Skal. Something in the Blood (2016).

5 Um dos principais indícios sobre a homossexualidade de Stoker é uma carta que ele escreveu para Walt Whitman, seu herói literário.

Representação feminina em Drácula

por

Anne Quiangala

Drácula, de Bram Stoker, é uma obra fundamental para a compreensão que se tem atualmente do mito do vampiro. Ela tem servido de referência para inúmeros produtos culturais, como peças de teatro, filmes, quadrinhos e canções. Jonathan, Mina, Lucy, Drácula e Van Helsing são personagens que podemos identificar como modelos solidificados no nosso imaginário e replicados em diversas expressões artísticas. Até mesmo bandas de gothic metal contemporâneas, ao representar o dueto formado por uma bela e solitária jovem e uma fera de voz gutural, fazem um tributo à representação de gênero que encontramos no romance de Stoker.

Um tipo de ficção de garotos brancos¹

“A cultura é masculina”² afirmou a escritora e crítica Joanna Russ no ensaio “What Can a Heroine Do? Or Why Women Can’t Write”. A autora usa essa frase para apontar como os enredos tradicionais protagonizados por personagens masculinos são tão familiares, ao passo que as histórias se tornam culturalmente “irreconhecíveis” se houver mudança do sexo desse sujeito que as protagoniza; por exemplo, se contássemos a história de “Alexandra, a grande”³.

Esse desajuste escancara questões relacionadas ao fato de vivermos em um patriarcado, ou seja, sob uma ordem social (e, por consequência, um imaginário) sustentada pela perspectiva masculina e masculinista sobre tudo o que nos rodeia. Assim, como indica a autora, “tanto homens como mulheres, em nossa cultura, compartilham a cultura de um ponto de vista único — o masculino”.

Isso significa que a solução para o problema da representação de heroínas não se resolveria apenas com a produção de mais romances com autoria feminina, pois os mitos disponíveis ainda são majoritariamente incompatíveis com a experiência das mulheres⁴.

Vamos aqui analisar a narrativa de Bram Stoker a partir do problema do sexismo, para entendermos suas implicações na representação feminina. Sexismo é a crença na superioridade de um gênero em relação aos demais⁵, e essa concepção social é transferida para a ficção com a representação de homens como figuras heroicas, ativas e inteligentes, enquanto as mulheres são apenas imagens do que os homens imaginam, sempre em relação a eles: em *Drácula*, a personagem Mina é apresentada como noiva e posteriormente “esposa”, Lucy é uma “eterna namorada” e as três irmãs que vivem no castelo do conde são “amantes”. Neste sentido, as cinco personagens são atravessadas por fantasias do que um ponto de vista masculino e heterossexual deseja, odeia e teme.⁶ Por vivermos em uma sociedade dominada pelo masculino, todas as demais identidades são representadas como o Outro social (comumente do ponto de vista de homens).

Se lemos *Drácula* reconhecendo que o ponto de vista comum entre o autor e o protagonista Jonathan se vale do sexismo como substrato da narrativa, entenderemos por que tão poucos modelos de feminilidade e tão poucas ações substanciais são performadas por Mina, Lucy ou mesmo pelas irmãs vampiras.

O monopólio da normalidade⁷

A ideia de sujeito é central para a análise de uma obra da Era Moderna, porque nessa época o “eu” adquire uma nuance individualista, centrada em um corpo social fortalecido a partir da ascensão do capitalismo — a burguesia. Essa nova classe hegemônica buscou criar a própria validação literária por meio de um retorno a um passado feudal, antiquado e bárbaro, oposto ao suposto refinamento neoclássico: o gênero gótico.

Ao recorrerem ao gótico, em um contexto no qual a literatura era uma espécie de instituição que pretendia desvincular-se do “comum” e no qual mulheres (brancas) eram apartadas do mundo social, os escritores fixaram um padrão de narrativa que descrevia personagens a partir de uma perspectiva binária, projetando na figura do herói sua condição de sujeito enunciador e criando, por consequência, a

objetificação de tudo e todos que representam o Outro, em especial, estrangeiros e mulheres, como notamos nas primeiras páginas do diário de Jonathan Harker:

[...] Parece-me que quanto mais ao Oriente se vai, menos pontuais são os trens. Como será que são na China? [...] As mulheres pareciam bonitas, exceto quando vistas de perto, mas eram muito corpulentas na cintura. [...] As figuras mais estranhas que vimos foram os eslovacos, que eram mais bárbaros que os demais, com seus imensos chapéus de vaqueiro, grandes calças folgadas de um branco encardido, camisas de linho branco e enormes e pesados cintos de couro, de quase trinta centímetros de largura, guarnecidos de tachas de latão. Usavam botas altas, com as calças metidas por dentro, e tinham cabelos compridos e negros e bigodes bastos e negros. São muito pitorescos, mas não parecem agradáveis. No palco seriam logo tomados por um bando de salteadores orientais do passado. Contudo, conforme me foi dito, eles são de todo inofensivos e bastante desprovidos de autoconfiança natural. (p. 19 — grifo meu)

Mesmo em território estrangeiro, as descrições de Jonathan em seu diário são repletas de impressões que marcam seus valores e hábitos, bem como sua perspectiva estética, como uma norma fundamental, um “dado natural”, e não uma convenção do seu contexto de origem. O personagem se considera portador da normalidade, pois é reiterado na literatura e em demais discursos que um homem cisgênero, heterossexual, inglês, em ascensão profissional pode interpretar o mundo a partir de si mesmo. Assim, sua posição discursiva é apresentada como a identidade central para o enredo que se desenvolverá ao redor do personagem que dá nome à obra: Drácula.

O monopólio da normalidade em Drácula é instaurado desde a primeira página do diário de Jonathan, e acompanhar a narrativa de seu ponto de vista implica em uma limitada percepção do mundo e do Outro. Seu olhar sobre o povo da Transilvânia (do ponto de vista dele, um povo racializado) reflete uma visão de mundo que torna “impossível” toda existência distinta da dele próprio.

A experiência de Jonathan no castelo fratura o modelo de masculinidade hegemônica para pontuar a “anormalidade” sobre-humana do conde, o que é interessante para esta nossa análise. O procurador desbrava um mundo incompreensível para fechar um negócio lucrativo e acaba sendo emboscado, preso no castelo como uma vítima, chantageado, afeito à vaidade humana (uso do espelho) e objetificado pelas constantes críticas do conde à falta de virilidade e espírito caçador dos homens ocidentais. Esse tipo de relação estabelecida entre o anfitrião e o convidado transborda uma

contradição: Drácula e Jonathan compartilham o mesmo gênero, mas não são iguais em poder, dada a classe social.

Assim, o primeiro é investido de poder a ponto de oprimir e constranger o convidado e o feminilizar. O conde estabelece práticas opressivas típicas de relações desiguais, porque “pode”, e, assim, submete o “portador da normalidade” a uma condição de clausura e violência vivenciada pelas mulheres de sua cultura. Por outro lado, é ele quem cumpre as tarefas domésticas no castelo, ações que transgridem tanto os papéis de gênero tradicionais como de classe social. A ambivalência encarnada por Drácula como criatura com vestígio humano, somada à transgressão nas ações, é uma forma de evidenciar que as normas são convenções culturais, não fatos da natureza.

Também é relevante pontuar que a relação de submissão estabelecida com Jonathan é sempre marcada por uma reiteração da orientação heterossexual. A ordem sexual encarnada por Jonathan reitera a “norma”, portanto, emoldura “o que se deve almejar ser”, o “jeito correto”, enquanto a monstrosidade e o feminino (Drácula e suas vampiras) são tratados como desvio (abjeto, grotesco, sujo e selvagem). A cruzada para caçar o conde evidencia essa luta contra o mal que desarticula o poder dos portadores da norma, pois Drácula desposa “suas mulheres”.

Modelos de personagens femininas

O que sustenta a dominação masculina é a reiteração do sexismo, em especial a objetificação da mulher.⁸ Dentre essas reiteraões, destaco os modelos de representação literária que mostram mulheres como essencialmente incompletas, alertando sobre o perigo de quebrar as regras sociais. Na literatura do século XIX, as personagens femininas são limitadas quase sempre aos papéis de “devoradoras” (sexualidade) ou de “donzelas em perigo” (feminilidade),⁹ o que é evidente em Drácula. Em ambos os modelos, a sensualidade enfatiza características físicas do corpo feminino, e isso tem como função agradar a um receptor presumidamente masculino, cisgênero e heterossexual.

Uma vez estabelecida a medida a partir de Jonathan, temos um primeiro ponto de contato com a representação feminina: o encontro com as irmãs vampiras, mulheres sexualizadas que geram um sentimento de ambivalência (desejo e medo) no convidado:

À minha frente sob a luz da lua havia três jovens damas, a julgar por como se vestiam e se portavam [...] Duas eram morenas, e tinham nariz alto e aquilino, como o conde, e grandes olhos escuros, penetrantes, que pareciam quase vermelhos quando contrastados com a lua amarelo-pálido. A outra era loura, loura a não mais poder, com grandes ondas de cabelos dourados e olhos que eram como pálidas safiras. [...] Todas as três tinham dentes brancos brilhantes que cintilavam feito pérolas contra o rubi de seus lábios voluptuosos. Havia qualquer coisa nelas que me deixava inquieto, um anseio e ao mesmo tempo um medo mortal. Senti em meu coração um desejo perverso, ardente, de que me beijassem com aqueles lábios vermelhos. Não é conveniente anotar isto, pois pode algum dia chegar aos olhos de Mina e causar-lhe mágoa; mas é a verdade. Elas sussurraram entre si, e então as três riram — uma risada tão nítida e musical, porém tão dura como se seu som nunca pudesse ter saído da maciez de lábios humanos. Era como a doçura intolerável e formigante do soar de taças de vidro quando tocadas por mãos astuciosas. A garota loura balançou a cabeça toda atirada, e as outras duas a incitaram [...] Eu estava deitado calado, observando por baixo de minhas pestanas em uma agonia de prazerosa expectativa. A loura avançou e debruçou-se sobre mim até que eu pudesse sentir a sua respiração. Esta era doce, melosa, e provocava em meus nervos o mesmo formigamento que a sua voz, mas era uma doçura de fundo amargo, um rompante amargo, como o cheiro do sangue. (p.66-67 — grifo meu)

A partir de um olhar masculino, o modelo representado pelas três vampiras é o da mulher devoradora. A exposição do corpo erotizado, a descrição detalhada dos atributos “femininos”, o desejo sexual que elas expressam e um jogo de palavras que enclausura as personagens no que é caracterizado como momentaneamente “desposável” constroem a ideia de tudo o que a sociedade patriarcal abomina — ao mesmo tempo atributos pelos quais essa mesma sociedade, em igual medida, sente atração. A atração de Jonathan é tão forte que ele suspende seus deveres morais momentaneamente para aderir à experiência.¹⁰ Em suma, o mistério em volta da tríade que cativa o protagonista delinea um modo “maligno” e “repulsivo” de ser para indicar o que não é socialmente aceito e, assim, controlar a sexualidade feminina. As três mulheres não têm relevo na história, só aparecem para saciar seu desejo pela essência de Jonathan e para ser subjugadas por Drácula.

Dias após o seu momento de prazer com as irmãs vampiras, Jonathan escreve: “Estou sozinho no castelo com aquelas mulheres aterradoras. Arre! Mina é mulher, e nada há em comum. Elas são demônios das profundezas do inferno!” (p. 89). A comparação entre mulheres é um mecanismo de domesticação da lógica sexista. Neste caso, fica bastante evidente que o apelo é motivado pela ansiedade do personagem, por não controlar os próprios desejos e sua sexualidade,

de que ele julga ser objeto.

Ao considerar, por meio do contraste, que Mina não tem vontade própria, Jonathan retoma seu poder de sujeito, de nomear o que o Outro é. Cabe considerar que a primeira menção a Mina no romance é uma observação: “pegar a receita para Mina” (p. 17), um detalhe que evidencia que Mina encarna um modelo de “esposa” íntegra e dotada de amor romântico, de modo que a relação com o outro (o noivo) é o que constitui a sua feminilidade. Em seu diário, Mina sempre demonstra que quer progredir nas habilidades intelectuais e técnicas para ser útil a Jonathan.

A devoção de Mina por ele delineia muito bem a continuidade discursiva entre seu sexo biológico (feminino), gênero (mulher cisgênero) e orientação sexual (heterossexual), de modo a propor uma consistência da norma, formando um oposto de seu noivo.

Lucy Westenra é a outra face do modelo de feminilidade domesticada, a jovem donzela, e a sua principal preocupação é a efetivação de um bom casamento. Ela tem três pretendentes, dr. John Seward (um médico inteligente e com carreira consolidada), Quincey Morris (um valente e aventureiro estadunidense) e Arthur Holmwood (futuro lorde Godalming, um jovem abastado e bem-nascido), pelos quais demonstra ter afeto. Seu prazer em ser uma eterna donzela desejada a leva a questionar: “Por que não é permitido a uma garota se casar com três homens, ou com quantos a quiserem, e poupar todo esse aborrecimento?” (p. 98), mesmo receosa de ser lida pela melhor amiga como uma “horrorosa namoradeira” (p. 97).

Ao mesmo tempo em que demonstra ser uma virtuosa devota do amor romântico, Lucy também evidencia um desejo egoísta de ser cortejada por todos esses três bons homens que querem desposá-la, sob a desculpa de não querer ferir os sentimentos deles. Sua doçura e fragilidade aparentes, em face de uma consciência questionadora, fazem dela uma figura que habita um espaço ambíguo, com uma cisão clara entre como deseja e como deve agir. Curiosamente, é por meio das palavras dela que vemos germinar as fantasias masculinas de dominação: “Uma mulher deve contar tudo ao marido — não acha, querida? — e eu preciso ser justa. Os homens gostam que as mulheres, principalmente suas esposas, sejam tão justas quanto eles; e as mulheres, receio, não são sempre tão justas quanto deveriam” (p. 94).

Além dessa falsa consciência, professada como uma projeção da perspectiva masculina, Lucy apresenta um distúrbio do sono (sonambulismo) que metaforicamente conjectura a impossibilidade de cuidar de si mesma. Após a chegada de uma estranha embarcação,

Lucy vai definindo até ficar completamente debilitada e com sinais de mordida do vampiro.

É o noivo dela, Arthur, quem envia uma carta ao dr. Seward explicando o quadro de Lucy e solicitando que venha ao encontro dela para examiná-la. Devido à complexidade do caso da jovem anêmica, Seward não consegue chegar a um diagnóstico definitivo, e recomenda que ela seja atendida pelo prof. Van Helsing, que

[...] é um homem aparentemente arbitrário, mas isso se deve a ele saber do que fala, mais do que qualquer um. É um filósofo e um metafísico, e um dos cientistas mais avançados da atualidade; e tem, acredito eu, uma mente absolutamente aberta. Isso, somado a nervos de aço, um temperamento de gelo, uma determinação indomável, a um autocontrole e uma tolerância que nele são dons mais do que virtudes, e somado ao coração mais gentil e honesto que há — tudo isso o equipa para o nobre trabalho que ele está fazendo pela humanidade; trabalho na teoria bem como na prática, pois seus pontos de vista são tão amplos quanto sua compaixão irrestrita (p.176-177)

Esse sábio moderno — a figura do cientista — é visto pelo aluno como um modelo de sujeito nobre e o único capaz de reverter o quadro de Lucy. Quando a jovem chega no limite da falta de sangue, o professor propõe que os rapazes que pediram a mão dela doem o próprio sangue para mantê-la viva. A vassalagem amorosa chega a um nível em que Arthur afirma: “A minha vida é dela, e eu daria até a última gota de sangue do meu corpo por ela.” (p. 190).

Enquanto os amados de Lucy compunham uma força-tarefa para salvá-la, ela silenciosamente passava por mudanças bruscas, decorrentes das visitas noturnas de Drácula, até concretizar um novo comportamento, oposto ao aspecto doce de antes. Quando “a bela” Lucy falece, ela se torna uma vampira. Neste sentido, fica evidente que a morte de Lucy marca um exercício da sexualidade, até então, reprimida.¹¹

Já a melhor amiga de Lucy, Mina, é trabalhadora e obstinada: “Bem, consegui mesmo o meu marido de volta” (p. 235). De certa forma, ela rompe com alguns padrões esperados para uma mulher ao viajar para encontrar Jonathan, por exemplo, e, como uma personagem de romance gótico, recebe sua punição. Os leves desvios da norma se tornam uma justificativa, dentro da narrativa, para a investida do conde e a ligação estabelecida entre eles.

O controle da sexualidade feminina é o objeto disputado entre Drácula e o grupo liderado por Van Helsing. Enquanto o primeiro investe em uma sutil contaminação, por meio da troca de fluidos, o

grupo luta contra as forças sobre-humanas tentando recuperar o domínio do que entendem como seu território. É com essa mentalidade que vão à Transilvânia, no território do vilão, para responder à violação na mesma medida. Van Helsing mata as irmãs vampiras sem piedade, violência justificada não apenas por sua aura de heroísmo, mas também por se tratarem não de damas, e sim da percepção dele de “o mal encarnado”.

Drácula é uma história de dominação masculina marcada por um grave repúdio ao feminino e demais tipos de diferenças, e essas crenças delineiam as motivações tanto de heróis como de vilões. Por essa razão, antes de analisar a representação feminina, coube entender quais são os papéis tradicionais incorporados pelos personagens homens cisgênero heterossexuais que localizam as mulheres em papéis de donzelas em perigo, interesses românticos e objetos pelos quais os homens lutam.¹² Assim, por mais que apresentem falas que sinalizem uma certa consciência de sua condição, tanto Mina como Lucy estão presas às normas do patriarcado e, portanto, aos valores que são atribuídos ao corpo social ao qual pertencem, sem qualquer perspectiva de superação. O desfecho de ambas indica que a transgressão gera consequências negativas e que a domesticação dos desejos resulta em prosperidade. Quanto às irmãs vampiras, sua história é como uma fábula cautelar: devemos nos afastar do tipo de performance dessas mulheres, sob o risco de acabarmos como elas.

Conclusão

Embora o gótico tenha sido um gênero majoritariamente escrito e lido por mulheres, a “masculinização” foi o que possibilitou sua entrada no cânone literário.¹³ Devido a esse fenômeno, as personagens femininas imortalizadas no imaginário são personagens que gravitam em torno de homens, em especial, os heróis. Drácula é um exemplar dessa tendência.

Se, por um lado, Stoker representa uma relação positiva entre mulheres que se apoiam, por outro, isso é mediado pela percepção de que elas só serão completas quando casarem. Mina é uma mulher escolarizada e que, embora tenha conhecimento das escritoras “novas mulheres” e aprove suas ideias, narrativamente é colocada no lugar de objeto e como prova da vitória de normas sociais como o patriarcado, a supremacia branca e o capitalismo.¹⁴ Não surpreende, mas uma leitura contemporânea aponta quais são as alternativas que devemos

buscar para uma representação que extrapole os mitos convencionais e, quem sabe, crie novos modelos, nova linguagem, algo que torne possível a experiência para além da estabelecida pela norma.

Referências

- BORRILLO, Daniel. A homofobia. Disponível em: <https://academia.utp.edu.co/ps4/files/2016/09/homofobia_borrillo_pt.pdf>.
- BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- OLIVEIRA, Selma Regina Nunes. Mulher ao quadrado: as representações femininas nos quadrinhos norte-americanos: permanências e ressonâncias (1895-1990). Brasília: Editora UnB, 2007.
- RUSS, Joanna. To Write Like A Woman: Essays in Feminism and Science Fiction. Bloomington: Indiana University Press, 1995.
- SARKEESIAN, Anita. I'll Make A Man Out of You: Strong Women in Science Fiction and Fantasy Television (Dissertação). York University, Toronto, Ontario, June 2010.
- SCHWANTES, Cíntia. Interferindo no cânone: a questão do Bildungsroman feminino com elementos góticos (Tese). UFRGS, 1997.

ANNE QUIANGALA é doutoranda e mestra em Teoria Literária e Literatura pela Universidade de Brasília, idealizadora do site Preta, Nerd & Burning Hell.

1 Na introdução do ensaio “What Can A Heroine Do? Or Why Women Can’t Write”, a escritora Joanna Russ, citando Susan Koppelman, informa a ironia que há no fato de a maioria de nós, mulheres, lermos e nos divertimos assistindo um tipo de ficção sobre e para garotos brancos e estudarmos, explicarmos e analisarmos essas obras como se elas fossem sinônimo de ficção. Russ afirma que mais divertido ainda é ver além disso e mudar os paradigmas.

2 RUSS, 1995, p. 80.

3 RUSS, 1995, p. 80.

4 Antes de prosseguir, gostaria de destacar que, no ensaio de Russ, a crítica à

produção literária é feita a partir de uma perspectiva que foca na oposição entre masculino e feminino como identidades equivalentes a homem e mulher, respectivamente, com um objetivo de fraturar a norma cisgênero heteronormativa. De forma similar, nesta análise da representação de gênero em *Drácula* parto da norma para pontuar seu caráter autoritário, e não para naturalizar sua ocorrência. Nesse sentido, fica evidente que as identidades dissidentes, ao materializar alternativas, por si só já desafiam a norma e enfrentam graves problemas discursivos (nomeação, representação e validação da experiência) e violência tributários por conta disso. Embora essas questões de gênero estejam presentes na literatura canônica ocidental desde cantigas medievais, somente na contemporaneidade adquiriu centralidade como tema e abordagem a ponto de produzir mudanças epistemológicas substanciais.

5 BORRILLO, 2009.

6 RUSS, 1995.

7 No artigo “A homofobia”, Daniel Borrillo (2009) esquematiza o modo como a masculinidade como papel social conectado à heterossexualidade organiza a norma social e instaura uma vigilância de gênero do Outro (homofobia) e do feminino (misoginia).

8 BORRILLO, 2009.

9 RUSS, 1995; OLIVEIRA, 2007.

10 OLIVEIRA, 2007.

11 SCHWANTES, 1997.

12 SARKEESIAN, 2010.

13 SCHWANTES, 1997.

14 SARKEESIAN, 2010.

Presas, cruzes e gore: como
Drácula tornou-se um mito
da cultura pop
por
Alexandre Callari

O conceito do vampirismo é bastante antigo e está presente no folclore, em histórias transmitidas oralmente e em antigas baladas de diversas culturas em todo o mundo. Entre os gregos, os vampiros apareciam principalmente como as filhas de Hécate, a deusa da Lua. Já na tradição hebraica, há relatos babilônicos sobre a primeira mulher de Adão, Lilith, que, após desobedecer às ordens de Deus e ser expulsa do Paraíso, passou a vagar pelo mundo sugando sangue de inocentes e tornando-se assim a mãe dos vampiros. Persas, indianos, chineses e egípcios têm suas próprias versões da lenda. Ela se apresenta de maneiras diferentes de uma região para a outra, mas o cerne — uma criatura que se alimenta de sangue humano — é sempre o mesmo. E, conforme a literatura de horror começou a se desenvolver, foi inevitável que tais lendas chamassem a atenção dos escritores.

Embora seja o maior pináculo do gênero, o romance *Drácula*, obra-prima do irlandês Bram Stoker publicada originalmente em 1897, não foi a primeira grande obra sobre vampiros. Podemos citar ao menos três trabalhos importantes que precederam — e influenciaram — o livro de Stoker: o conto “O vampiro” (1819), de John Polidori, a colossal obra *Varney, o vampiro* (1845–1847), de James Malcolm Rymer e Thomas Preskett Prest, publicada originalmente em uma série de panfletos, e a noveleta *Carmilla* (1872), de Sheridan Le Fanu.

Sabe-se que Stoker, até então um escritor inexpressivo, cujo grande mérito era administrar o Royal Lyceum Theatre, em Londres, decidiu escrever uma vultosa história centrada em vampiros após um pesadelo febril, no qual era atacado por três mulheres que queriam beber o seu

sangue. Ele acordou assustado e molhado de suor, mas seguro do que queria fazer. Após três anos de pesquisas, durante os quais consumiu todo material sobre o gênero em que conseguiu botar as mãos, ele publicou sua obra e mudou o mundo do terror para sempre.

Mas por que o livro de Stoker praticamente engoliu todos aqueles trabalhos anteriores de escritores experientes como Le Fanu, assim como outros menores que circulavam na época, serializados em jornais ou na forma de panfletos? Como ele espalhou-se amplamente por todo o mundo e tornou-se a referência máxima quando se fala de vampiros? Graças aos seus muitos méritos literários, incluindo a inventiva maneira de a história ser contada, Drácula marcou a literatura de forma indelével; contudo, o universo da sétima arte também contribuiu muito para catapultá-lo ao cerne da cultura pop mundial. Nenhum personagem da literatura foi tão adaptado para o cinema e com tanto êxito quanto o nobre conde. Estima-se que, só no cinema, o romance tenha ganhado mais de 180 versões — e isso são só as películas diretamente roteirizadas a partir do livro, ou seja, não estamos contando as ocasiões em que Drácula foi utilizado como personagem em um roteiro original! O site IMDb, o maior banco de dados cinematográfico do mundo, lista impressionantes 367 produções que trazem o vampiro como personagem ou inspiração em algum nível; para se ter dimensão da potência desse número, outros dois personagens icônicos, Sherlock Holmes e Tarzan, contam respectivamente com 44 e 42 títulos listados sob esse critério.

E a difusão do conde Drácula não parou por aí. As garras do vampiro se estenderam também para o teatro, ópera, televisão, revistas em quadrinhos, videogames, animações e praticamente todas as outras mídias de comunicação e expressão artística existentes, incluindo pintura e escultura. A criatura mais temida da Transilvânia virou alvo de campanhas publicitárias, mascote de times esportivos, brinquedos e jogos de tabuleiro. O fato de ter sido baseado em uma personalidade real emprestou ainda mais magnetismo à mítica gerada em torno do romance, de modo que o público em geral adora visitar o castelo de Vlad, o Empalador, o sanguinário nobre do século xv, permitindo-se inadvertidamente criar uma nova e divertida narrativa para a vida desse personagem, sem dar-se conta de estar pisando em terreno onde séculos atrás ocorreram algumas das piores barbaridades já perpetradas por um ser humano.

Stoker faleceu em 1912, e mesmo nos nossos tempos modernos, em que a tecnologia tornou o mundo um lugar muito menor e menos misterioso, seu legado persiste — o que serve como indicativo de sua

visão como escritor.

Antes de Drácula ganhar as telonas, dezenas de filmes de terror centrados em vampiros já haviam sido produzidos durante a era do cinema mudo. *Le manoir du Diable* (A mansão do Diabo), lançado em 1896, é considerado o primeiro do gênero. Especialistas discutem a possibilidade de o antagonista da história ser, na verdade, o Diabo, como o título sugere, em vez de um vampiro. Por outro lado, o filme contava com uma transformação de um homem em um morcego, o que é uma característica típica do vampirismo. Atualmente, acredita-se que nenhuma cópia desse filme tenha sobrevivido. Outros surgiram ao longo dos anos, mas a primeira produção do gênero da qual alguma cópia sobreviveu até os dias de hoje é o filme estadunidense *The Vampire* (O vampiro), de 1913, adaptação de um poema homônimo de Rudyard Kipling de 1897, dirigida por Robert G. Vignolla.

Além de todos os curtas e médias metragens filmados anteriormente, o primeiro longa-metragem de que se tem notícia a abordar o assunto é a produção alemã *Nächte des Grauens* (Uma noite de horror), de 1916, dirigida por Richard Oswald e Arthur Robison. Foi o mesmo ano de lançamento de outro filme famoso, o curta-metragem *Mister Vampire* (Sr. Vampiro) do estadunidense Francis Ford.

A primeira adaptação de Drácula para o cinema de que se tem notícia é o filme húngaro não autorizado de 1921, *Drakula halála* (A morte de Drácula), dirigido por Károly Lajthay. Infelizmente, como muitos outros longas-metragens da primeira fase do cinema, este filme é considerado perdido, pois não existe mais uma cópia sequer, tendo restado dele apenas alguns pôsteres e imagens. Um ano depois, em 1922, o diretor alemão F. W. Murnau mudou a história do cinema de terror quando, após não conseguir os direitos para filmar o romance de Bram Stoker, decidiu criar a própria versão da lenda. *Nosferatu* é considerado um marco da sétima arte e até hoje a interpretação de Max Schreck para o bizarro conde Orlok é reverenciada como um divisor de águas no cinema.

Nosferatu foi controverso, para dizer o mínimo. O horror excessivo da produção a fez ser banida durante décadas em vários países da Europa. A produção chegou a ser processada pela viúva Florence Stoker, e os negativos originais tiveram de ser destruídos; contudo, o filme sobreviveu porque já havia dezenas de cópias espalhadas mundo afora. Em contrapartida, com os anos, o longa obteve ampla notoriedade, ao ponto de o Vaticano listá-lo na posição 45 dos “Maiores Filmes de Todos os Tempos”. Foi a partir da cena em que

conde Orlok tem sua vida ceifada pela exposição à luz que se originou o conceito de que vampiros não resistem à luz do sol. O curioso é que esse final, que acabou fornecendo uma das mais reconhecíveis e emblemáticas características da lenda dos vampiros, foi criado por F. W. Murnau justamente para tentar escapar de um eventual processo por plágio movido por Florence Stoker, que acabou acontecendo de qualquer maneira. Anos depois, em 1979, o cineasta Werner Herzog lançou uma refilmagem do longa chamada *Nosferatu: o vampiro da noite*, com Klaus Kinski no papel principal, e o que para muitos era uma ideia esdrúxula, refilmar um dos maiores clássicos de terror da história, acabou gerando um resultado impressionante. O filme ganhou o Festival Internacional de Berlim, o Festival de Cinema de Cartagena e o Sant Jordi Awards, além de ser apontado como o maior filme estrangeiro do ano pela National Board of Review, dos Estados Unidos.

Em 1927, um jovem diretor chamado Tod Browning produziu um pequeno clássico do gênero. Estrelado por Lon Chaney, *Vampiros da meia-noite* transpôs para as telas toda a magia, o horror e a sedução dos típicos romances góticos, e abriu caminho para que, apenas quatro anos depois, Browning entrasse para a história ao dirigir *Drácula* (1931). Ainda que, de certo modo, não só *Nosferatu*, mas praticamente todas as produções anteriores para o cinema tenham se inspirado direta ou indiretamente no *Drácula* de Stoker, este longa-metragem tornou-se a primeira adaptação autorizada do romance original e foi um sucesso de crítica e público, aterrorizando as plateias da época e sendo lançado em diversos países, incluindo o Brasil. Primeiro de uma série de filmes produzidos pela poderosa Universal Studios, o filme trazia Bela Lugosi no papel do conde, numa atuação de tirar o fôlego que acabou se tornando, durante muitos anos, o principal molde para tudo o que foi feito com o personagem.

Browning usou como base para seu filme a peça teatral homônima de 1924, escrita por Hamilton Deane, John L. Balderston e Garrett Fort (não creditado), que fizera sucesso nos palcos ingleses e fora levada para a Broadway em 1927. A proposta original da Universal Studios era fazer um filme de grande orçamento, mas a quebra da bolsa de valores, em 1929, sepultou essa ideia, substituindo-a pela adaptação bem mais modesta da peça. O astro dos palcos da produção estadunidense era ninguém menos do que o próprio Lugosi, então na sua primeira grande produção falada nos EUA. A performance hipnotizadora do ator bastou para convencer Browning de que ele seria a escolha perfeita para reprisar o papel também no cinema. A

dição e o sotaque de Lugosi, de origem húngara, geravam uma estranheza que foi o grande diferencial de sua interpretação. Ele nunca piscava durante a atuação, e seu olhar penetrante tornou-se famoso. Infelizmente, o estúdio tinha suas dúvidas quanto a permitir que o ator levasse a magia dos palcos para as telas e tentou vetar a sua participação. Mas Lugosi estava tão ávido em viver o conde Drácula no cinema que concordou em reduzir drasticamente seu salário para meros quinhentos dólares semanais, uma quantia considerada baixíssima para a época e inferior ao valor recebido pela maior parte do elenco.

No esteio do sucesso, a Universal Studios lançou uma série de filmes baseados no personagem, como *A filha de Drácula* (1936) e *A casa de Drácula* (1945), mas Lugosi só voltaria a reprisar seu papel uma única vez, na comédia *Abbott e Costello encontram Frankenstein* (1948). Após seu falecimento aos 73 anos, em 1956, Lugosi foi enterrado com as vestes do personagem que o deixou famoso.

Depois do sucesso alcançado pela versão de Lugosi, dezenas de atores interpretaram o personagem ao longo das décadas seguintes, com destaque para Christopher Lee, que estreou no papel em 1958, no longa *O vampiro da noite*, dirigido por Terence Fisher. Com seu 1,90 metro de altura, ar aristocrático e imponência, Lee trouxe uma nova visão para o vampiro de Bram Stoker. Essa produção da Hammer Films entrou para a história ao apresentar o par de caninos pontiagudos que se tornaria característico a partir de então, algo que só aparecera anteriormente no filme italiano *Os vampiros* (1957), dirigido por Riccardo Freda e por um não creditado Mario Bava. O sucesso foi tão grande que a produtora lançou mais oito filmes centrados no personagem, seis dos quais tiveram Lee reprisando seu papel.

Em 1972, em meio à explosão do cinema blaxploitation (um movimento cinematográfico cujos filmes eram produzidos e protagonizados por atores negros, e miravam majoritariamente o público negro), o diretor William Crain criou a própria versão do personagem em *Blacula: o vampiro negro*. Na trama, o conde Drácula morde o príncipe africano Manuwalde, que, após passar séculos preso dentro do próprio caixão, se liberta e começa a espalhar pânico no mundo moderno. Com William Marshall no papel principal e um elenco quase inteiramente formado por pessoas negras, o filme é um marco e gerou uma continuação, *Os gritos de Blacula* (1973).

Outros grandes atores emprestaram seu carisma para o Senhor dos Vampiros em anos subsequentes. Jack Palance, laureado com o Oscar

por sua atuação em *Amigos, sempre amigos* (1991), estrelou o telefilme *Drácula* (1974), com direção de Dan Curtis e roteiro do celebrado autor de *Eu sou a lenda*, Richard Matheson; Frank Langella encarnou uma versão romântica da lenda em *Drácula* (1979), longa-metragem que contava ainda com Sir Laurence Olivier e Donald Pleasence no elenco, e que também foi baseado na peça teatral que dera origem à película com Bela Lugosi; e Gary Oldman, que interpretou o personagem sob a direção de Francis Ford Coppola, em *Drácula de Bram Stoker* (1992), uma produção luxuosa, que contou com grande elenco e recebeu três prêmios Oscar. Todos esses atores, e muitos outros, deixaram sua marca no personagem, contribuindo para que ele se tornasse o ícone da cultura pop que é hoje.

A força do personagem persiste e novas abordagens são constantemente encontradas para surpreender o público. Ora nobre aristocrático, ora criatura disforme, *Drácula* apareceu em comédias, faroestes, ficções científicas, dramas e todos os outros gêneros do cinema. Em roteiros ambientados no século XIX, nos tempos atuais ou até mesmo no futuro, ele surge como uma personalidade enigmática, com seus olhos vermelhos e dentes pontiagudos, respondendo aos impulsos da sua natureza. E aí de quem estiver no seu caminho.

ALEXANDRE CALLARI é autor de *A floresta das árvores retorcidas* e da trilogia *Apocalipse Zumbi* e sócio-fundador da editora Pipoca & Nanquim.

S874d

Stoker, Bram

Drácula / Bram Stoker; ilustrações por Juliana Bernardino; tradução de Fábio Bonillo. – Rio de Janeiro : Antofágica, 2020.

ISBN: 978-65-86490-10-7

1. Literatura irlandesa - Horror. I. Bernardino, Juliana. II. Bonillo, Fábio. III. Título.

CDD: 823

CDU: 823

André Queiroz – CRB-4/2242

Todos os direitos desta edição reservados à

Antofágica

prefeitura@antofagica.com.br

facebook.com/antofagica

instagram.com/antofagica

Rio de Janeiro — RJ

1ª edição, finalizada em meio à pandemia de 2020

**HÁ UMA PASSAGEM SECRETA PARA ANTOFÁGICA EM MEIO
AOS AGUDOS PENHASCOS DOS CÁRPATOS.**

Como fugir desta
pavorosa realidade
feita de noite e trevas
e medo?



ANTOFÁGICA